


G869.8 B275E LAC



THE LIBRARY
OF
THE UNIVERSITY
OF TEXAS

G869.8
B275c

ESTUDOS ALLEMÃES

✓
a

✓
TOBIAS BARRETO

de Menezes
(1839-1889)

ESTUDOS ALLEMÃES

PUBLICAÇÃO POSTHUMA

DIRIGIDA POR

SYLVIO ROMÉRO



RIO DE JANEIRO

Laemmert & C.—Editores-proprietarios

66 RUA DO OUVIDOR 66

1892

Impresso na Companhia Typographica do Brazil
RIO DE JANEIRO

CONSIDERAÇÕES INDISPENSÁVEIS

I

E' este o 2º volume das obras de Tobias Barreto, que promettemos editar ; o 1.º, o publico deve se lembrar, foram os *Estudos de Direito*.

O actual, sob a denominação de *Estudos Allemães*, demanda algumas explicações que passámos a dar.

O titulo é da escolha mesma do auctor : em 1882 elle publicára com esse nome uma obra, contendo ensaios juridicos, litterarios e philosophicos. Os juridicos, nós os passámos para os *Estudos de Direito*, os outros, nós os incluimos neste livro, a que conservámos o primitivo titulo. Para completar o volume contemplamos nelle todos os escriptos sobre assumptos de litteratura, philosophia, critica religiosa, critica musical, historia, que podemos obter.

Neste numero figuram quatro estudos que faziam parte do livro publicado sob o titulo de *Questões Vigentes*

569221

Londra Collection

JUN 12 1947

de *Philosophia e Direito*. Praticámos assim por uma razão valorosa: as alludidas *Questões Vigentes* compunham-se de sete ensaios, tres de direito e quatro de philosophia; os tres juridicos, como dissemos, já por nós tinham sido incluídos no volume onde reuniramos os escriptos desse genero, os quatro restantes não davam, só por si, para ficar a constituir um volume á parte.

D'ahi a resolução de juntal-os á presente obra, onde vieram occupar logar conspicuo, documentando a vida do auctor até poucos mezes antes de sua morte.

Dest'arte as obras completas de Tobias Barreto ficam reduzidas a nove em logar de dez volumes. (1)

Apezar de grandes esforços não podemos obter todos os escriptos do auctor que deveriam fazer parte destes *Estudos Allemães*, que sahiriam em dous volumes, se a nossa colheita houvesse sido mais vasta.

Entre outros, não nos chegaram ás mãos os seguintes artigos, que sahiram completos em jornaes de Pernambuco: *Moysés e Laplace* (Crença, 1870), *A Religião perante a Psychologia* (Americano, 1870), *Sobre a motricidade* (Jornal do Recife, 1869), *O atrazo da philosophia entre nós* (Jornal do Recife, 1872).

O presente volume encerra, além da *introducção*, quarenta e cinco artigos de dactas e conteúdos diversos. Sob o ponto de vista da sua ultima de mão podem ser divididos em tres categorias: escriptos, uns grandes,

(1) São estes: *Estudos de Direito, Estudos Allemães, Dias e Noites, Ensaios e Estudos de Philosophia e Critica, Menores e Loucos em Direito Criminal, Discursos, Polemicas, Pequenos Escriptos e Pensamentos, Ruecksichtslose Briefe oder deutsche Schriften brasilianischen Inhalts.*

outros curtos, completamente acabados, em numero de trinta e dous (2); estudos longos, não finalizados, mas bastante desenvolvidos, em numero de tres (3) e pequenos artigos não concluidos em numero de dez (4).

II

Além destes rapidos reparos sobre o arranjo, por assim dizer exterior do livro, temos ainda a observar

(2) São estes: *A alma da mulher, O haekelismo na zoologia, A influencia do salão na litteratura, Traços sobre a vida religiosa no Brasil, Ensaio de pré-história da litteratura classica allemã. O ultimo livro de E. Renan e o Sr. Oliveira Martins, Notas de critica religiosa, O dia de Camões, Carlos Gomes e a sua opera Sal-vador Rosa, As ultimas representações do Fausto, Bellini e a Norma. Algumas palavras sobre o Lyrico, Um pedaço de auto-psychologia. Um capitulo da historia da Renascença—Leão X, Uma pequena ex-cursão no dominio da theologia, Theoria do peruismo ou philosophia do Perú, De quem é o erro, da auctora ou da traductora?, Carta ao redactor da Deutsche Zeitung do Rio de Janeiro, Ainda alguma cousa tambem sobre Meyerbeer, Os theologos da Civilisação, Os de-cotes da Biblia, Um lente da Faculdade de S. Paulo julgando um seu collega do Recife, A grande e a pequena poesia, Litteratura bi-blica—Nahum, A proposito de uma theoria de S. Thomaz, Factos do Espirito Humano, Sobre a religião natural de Jules Simon, Re-cordação de Kant, A Irreligião do Futuro. A evolução emocional e mental do homem, Variações anti-sociologicas, Glosas a alguns preconceitos brasileiros.*

(3) São estes: *Traços de litteratura comparada do seculo XIX. Alguma cousa tambem sobre Meyerbeer, O partido da reacção em nossa litteratura.*

(4) São estes: *Os livros mosaicos ou assim considerados, Um quadro da Igreja romana—Victoria Accoramboni, O romance no Brasil, Idéas sobre os principios da estylistica moderna, Sobre a philosophia do inconsciente, Henrique von Treilschke e o movi-mento anti-semitico na Allemanha, Rodolpho Gneist como publi-cista, The position of women in Germany, Carolina Michaelis e a nova geração litteraria em Portugal, Relatividade de todo conheci-mento.*

tres pontos internos de maior valor e mais urgente interesse.

O primeiro delles é o que diz respeito á substancia mesma do livro : — *o allemanismo em nossa litteratura*. Comecemos por ahi.

Era uma cousa por todos sabida, e geralmente repetida até como uma censura, uma grave critica, que essa corrente havia sido aberta em nossas lettras por Tobias Barreto, secundado n'este ponto pelo signatario destas linhas.

Escriptores fluminenses, homens do jornalismo da côrte imperial, tentando espirito e com vista ao ridiculo, chamavam a nossa tentativa: *escola teuto-sergipana*.

Em tempo nós alcunharamos, em represalia, a gente que se nos oppunha — *a escola gallo-fluminense*. Este facto é em parte assignalado pelo proprio Tobias Barreto na *introducção* a este livro nestes termos :

« A escola, se de escola merece o nome, que aprouve a litteratos fluminenses designar pelo titulo de *teuto-sergipana*, com o claro intuito de produzir impressão comica, pela associação da ideia da Allemanha á da provincia natal de dous infatigaveis promotores do germanismo nas lettras brasileiras, mas sem saber que desta arte lhes conferem, bem como á sua terra, uma honra immensa, cujo valor exacto só ao futuro é dado conhecer e aquilatar, uma tal escola ainda tem a lutar com difficuldades e embaraços, que annos e annos de combate não têm podido arredar. » (5)

(5) Pag. 2 d'este livro.

Era esta a ideia por toda a parte sabida e repetida, sendo até notoriamente apontado como creador da expressão — *escola teuto-sergipana*, o Sr. Carlos de Laet. Entretanto chega-nos ás mãos recentemente um jornal do Rio Grande do Sul, contendo um interessante artigo d'uma escriptora d'aquella ex-provincia sobre a personalidade litteraria de nosso saudoso amigo Carlos de Koseritz, artigo em que a bella discipula d'aquelle pranteado escriptor reivindica para este illustre jornalista as honras da criação da escola.

Em seu desembaraço de moça intelligente e sabedora, a graciosa articulista chega a escrever cousas assim : « a escola que o Sr. Sylvio Romero tão engraçadamente chama de *teuto-sergipana*... »

Perdão, perdão, minha Senhora ; V. Ex. está equivocada, essa denominação não é de nossa lavra, é da invenção do Sr. Carlos de Laet !....

Poderíamos dar aqui o incidente por acabado ; porém é mister ir um pouco adiante para lembrar á gentil rio-grandense umas poucas de cousas que lhe vão na memoria olvidadas.

Ella não préza mais do que nós a memoria de Carlos de Koseritz, e ninguém mais do que nós está disposto a conferir ao jornalista insigne o logar que lhe compete na vida espirital brasileira.

Mas não é preciso trepal-o em pernas de páo para lhe conferir uma posição que não é, que não póde ser a sua : elle não foi o creador do *allemanismo na litteratura brasileira*. Esta aspiração por emquanto nasceu e caminhou apenas com Tobias Barreto.

E' cousa singular o destino d'este iniciador em nossa

evolução mental. Tres revoluções diversas iniciou elle em nossas letras e para cada uma d'ellas appareceu um esbulhador a lhe pretender os titulos da precedencia. Na reacção *condoreira* contra o subjectivismo lamuriendo de nosso romantismo poetico, foi Castro Alves o usurpador, não por si, porém por seus bajuladores de S. Paulo, Bahia e Rio de Janeiro.

Na reacção do *naturalismo darwiniano* no direito, foi o Sr. José Hygino Duarte Pereira, o *feliz* professor da Faculdade do Recife, o *feliz* senador republicano por Pernambuco, o *feliz* ministro do interior do governo do Sr. Floriano Peixoto, o *feliz* actual membro do Supremo Tribunal de Justiça Federal, foi esse conjuncto de *felicidades*, que tanto tem de ditoso, quanto de mediocre, que postou-se diante da genial personalidade do escriptor sergipano, para lhe embargar o passo e empanar o brilho da gloria. Felizmente os factos ahi estão: é só cotejar quem quizer o vibrante livro de Tobias, *Estudos de Direito*, com as pallidas lições de *direito natural* do pretencioso arranjador. Em nossa *Historia da Litteratura Brasileira* já se nos deparou ensejo de refutar, com os documentos, essas duas aleivossias litterarias. Agora surge-nos de lado uma terceira ainda mais desarrasoada, se é possivel. E' preciso historiar.

Desde os começos d'este seculo allemães distinctos têm estado em contacto com os brasileiros e podendo despertar o gosto pelas ideias e pela cultura allemans. Em varias categorias se podem elles dividir.

Em primeiro logar é preciso collocar aquelles que, ainda no periodo colonial, passaram mais ou menos

rapidamente entre nós, entregues a labores scientificos. E' o caso de Martius, de Spix, de Pohl, de Eschwege. Adstrictos ás pêsquisas da sciencia, estes homens passaram como *viajantes*, não fizeram, nem podiam fazer, propaganda de *allemanismo entre nós*. Após essa turma de viajores, que se têm renovado em periodos varios, é preciso inscrever os sabios allemães que estacionaram no paiz, fixaram aqui residencia. Havemol-os tido e dos mais distinctos, bastando lembrar os nomes das notabilidades que se chamam—Fritz Müller, von Ihering, Göldi, Schwacke e outros.

Apezar da sua permanencia no paiz, estes homens nunca se propuzeram a propagar o *allemanismo no Brasil*. Sua preocupação é outra e bem diversa.

Segue-se a turma dos professores. Temol-os tido e dos mais eminentes. Quem se não lembra de um Planitz? de um Julio Franck? de um Tautphœus? D'este ultimo sobretudo? Quem se não lembra d'essa alma de ouro, que durante quarenta e oito annos amou a nossa mocidade e captivou-a com os thezouros de seu saber incomparavel? O grego, o latim, o allemão, o inglez, o francez e as suas litteraturas, a mathematica, a geographia, a historia, a philosophia, tudo isto foi o objecto de suas lições, onde a bondade suprema corria parelhas com a sciencia lucida e precisa. Entretanto, apezar de todo o sainête germanico de seu espirito e o ardor patriotico que tinha pelas excellencias de sua raça, nem Tautphœus, nem qualquer outro professor allemão, pregou jamais n'este paiz aquella mesma propaganda que Tobias tomou sobre os seus hombros.

Logo após é preciso notar certo grupo de

jornalistas, já em portuguez, já em allemão, que aqui havemos contado. N'este numero os mais distinctos têm sido: Fernando Schmid (o celebre poeta *Dranmor*), Carlos Jansen, Hugo Grüber, e, aqui é que occorre o seu logar, o mais distincto de todos, Carlos de Koseritz... Nenhum d'elles, porém, foi em qualquer gráo, o propagandista da necessidade do abandono da intuição franceza e da passagem para a intuição germanica, como um reforço para o pensamento brasileiro. Durante vinte e dois longos annos, de 1852 a 1874, Carlos de Koseritz fez jornalismo politico em o Rio Grande do Sul, tomou parte em todos os debates mais notaveis alli travados, e jamais fez a propaganda por Tobias iniciada no Recife em 1870. Em 1874 é que, havendo o auctor sergipano enviado a Richard Mathes, redactor então da *Deutsche Zeitung* do Rio de Janeiro, a carta em lingua alleman, cuja traducção vae á folha 324 d'este livro, e logo após o *prospecto* do seu jornal n'aquella lingua, *Deutscher Kämpfer*, e sendo uma cousa e outra publicadas na gazeta de Mathes, Carlos de Koseritz exultou no Rio Grande, transcreveu esses artigos e poz-se ao lado de Tobias, que n'essa faina nós acompanhavamos, em termos, desde 1870.

Dissemos *em termos*, porque desde então faziamos, como fazemos hoje, certas reduções. Manda, porém, a verdade historica consignarmos aqui ter sido o preclaro escriptor sergipano antecedido limitadamente em sua propaganda por dous brasileiros, desde muitos annos entusiastas das lettras allemãs, que em artigos, já em portuguez, já em lingua germanica, chamavam a attenção do publico para a sciencia da grande nação. Foram elles:

Ernesto Ferreira França, que foi professor na Faculdade de S. Paulo, e Manoel Thomaz Alves Nogueira, que foi lente no Collegio de Pedro II, ambos educados na Allemanha. A estes, em menor escala, deve-se juntar Luiz Antonio Vieira da Silva, que foi senador do imperio, tambem educado n'aquelle paiz. Esses homens, porém, só poucas vezes, incidentemente e por fôrma episodica, é que tocavam no assumpto.

Pelo que nos diz respeito foi aqui no Rio de Janeiro nos annos de 1863 a 1868, antes de conhecermos Tobias, que se nos despertou o enthusiasmo pela gente germanica estimulado pelas lições do Dr. Francisco Primo de Souza Aguiar, nosso mestre de geographia e historia e celebrado professor na Escola Militar de um dos ramos da alta mathematica. Este illustre sabio tinha residido longos annos na Allemanha, era grande sabedor de sua lingua e forte encomiasta d'aquelle povo.

Nossa vantajosa apreciação da influencia do elemento germanico em a civilização moderna e nosso alto apreço pela cultura d'aquelle povo cresceram pela leitura mesma dos mais eminentes auctores francezes que fizemos no Recife de 1868 a 1870: historiadores, como Guizot, Thierry; criticos litterarios, como Ampère, Taine, Scherer; criticos religiosos, como Renan, Michel Nicolas, Reuss; publicistas, como Lavelleye, de Gobineau, estes e outros escriptores, que eram, pelo menos até ao anno da grande guerra, entusiastas dos allemães.

Foi então, foi em 1870, que Tobias Barreto se decidiu pelos germanicos. Com aquelle ardor que elle punha em tudo, com aquella enorme facilidade de aprender que o distinguia, entrou na loja de livros de

Laillacard, no Recife, á rua do Imperador, comprou um dictionario e uma grammatica allemães, e pediu ao livreiro que lhe mandasse buscar na Europa a *Geschichte des Volkes Israel* de Ewald. Foi este o primeiro livro allemão que o poeta sergipano possuiu. No intervallo entre a encomenda e a chegada da celebre obra o nosso patricio ficou estudando a lingua allemã comsigo mesmo. O que depois se seguiu todo o Brasil sabe; Tobias apaixonou-se pela lingua, pelos autores, pelas idéas, por tudo quanto vinha da Allemanha, e não abandonou mais até morrer o seu querido *allemanismo*. Desenove annos empregou-os elle em sua incessante propaganda; teve de renovar todas as suas ideias depois dos trinta annos, idade em que quasi ninguem mais tenta semelhante aventura. Litteratura, critica, direito, religião, politica, philosophia, tudo teve elle de recompôr e modificar ao influxo dos auctores allemães, seguindo de preferencia a direcção monistica, onde, em espheras diversas, fulguram os nomes de Helmholtz, Häckel, Noiré, Spir, Hermann Post, Fröbel, Ihering, e tantos outros de menor vulto.

Nós ajudamos essa propaganda, como medida tónica para o nosso espirito popular, recommendando da Allemanha especialmente a *critica*. Em um artigo publicado em 1875, diziamos nós: « As nações nos tempos de hoje, antes de attender aos seus instinctos particulares, devem amoldar-se ás necessidades e aos progressos da civilisação e concorrer para elles. As que são dotadas de boas e fecundas qualidades originarias, de elevadas *relações physiologicas inconscientes*, como diria o professor Mantegazza, podem afoitamente dar largas aos seus impetos subjectivos, porque estes são sempre os mesmos da

civilização. Na *sciencia, como na litteratura*, o que é da época e o que é intimo n'ellas se enlaça e se completa. Os povos, porém, que são ornados de mãos pendores, devem, ao contrario, reprimil-os, suffocal-os, e o correctivo está no exemplo dos grandes povos.

Ao Brasil, que é da classe dos que se devem corrigir, é o que cumpre fazer. No que fôr *tocante á sciencia*, não digo que se volte determinadamente para este ou aquelle paiz; *volva-se para a verdade d'onde quer que ella irradiie*. No que fôr *puramente litterario*, amputados os seus velhos vicios, o mesmo deve fazer. O ideal, porém, da Allemanha como exemplo a seguir tem tudo de nobilitante; d'ella é *que podem vir melhores ideias que o reanimem, sentir-lhe a consciencia de seu proprio ser. A corrente franceza tem suffocado, pela imitação, a individualidade d'este povo; o germanismo, que fornece ideias em vez de phrases, vivificará a personalidade perdida por meio da critica de nós mesmos.*» (6)

Eis ahi, nada mais claro; desde o principio de nossa carreira litteraria antepuzemos a tudo a personalidade de cada povo; e do *allemanismo* só acceitavamos a *intuição critica*, apta a revigorar a nossa propria *individualidade nacional*.

Ainda mais positivo fomos mais tarde na *Historia da Litteratura Brasileira* no artigo referente ao proprio auctor deste livro. Ahi dissemos nós: « Em regra não é um bom exemplo aconselhar a uma nação que siga a qualquer outra; mas isto deve-se comprehender com relação aos grandes povos, áquelles que pódem representar

6) Artigo inserto no livro — *A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, pag. 88

um papel original na historia. Para com os povos medios e nullos a cousa muda muito de figura. Estes devem ser compellidos a tomar os avisos salutaes, sob pena de perda irreparavel.

Improprios para se reformarem por si, hão mister de uma escola severa, fornecida pelo estrangeiro. Mas duas são as grandes manifestações no dominio das ideias: *a sciencia e a litteratura*. Quanto á *primeira*, Tobias é muito illustrado para pretender que *ella seja um patrimonio da Allemanha*, como uma intelligencia má do seu pensamento tem podido suggerir. A sciencia contemporanea é um coefficiente da civilização occidental, tendo, é certo, na Allemanha sua séde principal.

Não foi, pois, della especialmente que o auctor quiz fallar. Quanto á *litteratura*, elle é muito bom poeta para pretender que *o cunho da nacionalidade possa della no todo ausentar-se*. Quer em um quer em outro ramo, teve sem duvida em vista a *disciplina do pensamento, a severidade da investigação, juntas á sinceridade do sentimento e á exactidão da expressão*, que constituem o sello da intelligencia tedesca. Quer que contrahamos tão *salutares habitos* no estudo severo da sciencia e da litteratura germanicas, incontestavelmente as mais fecundas da actualidade.» (7)

Tal a nossa disposição de espirito sobre a vida intellectual alleman, desde os velhos tempos em que comecemos a aprecial-a, sob a influencia de Primo de Aguiar, e tal a disposição de espirito em que proseguimos em estimal-a mais de perto, sob o influxo que

(7) *Historia da Litteratura Brasileira*, 2.º vol. pag. 1323.

em Pernambuco lhe deu Tobias Barreto, desde 1870, bem antes de conhecermos, elle e nós, ao, mais tarde incomparavel amigo nosso, Carlos de Koseritz.

Diante dos factos já deve ver a talentosa escriptora rio-grandense que lhe não assiste a minima rasão nas phantasias que andou a architectar sobre a escola *teuto-sergipana*, que tantos reparos lhe mereceu.

III

Outro ponto que nos está a pedir algumas observações é o que se refere a certo modo demasiado rigoroso, e, a nosso vêr, de todo injusto, pelo qual, posto que de relance e accidentalmente, Tobias Barreto falla de Herbert Spencer. E' no começo do ensaio sobre *a evolução emocional e mental do homem*, á pag. 576 deste livro.

O nosso poeta e philosopho, fallando do *evolucionismo*, divide os sectarios deste systema em duas grandes categorias, os *progonos*, onde se acham Darwin, Häckel e Huxley, e os *epigonos*, em cujo numero apparecem Letourneau, Le Bon e... Herbert Spencer! A refutação aqui poderia cifrar-se em allegar o que do grande philosopho inglez dizem os proprios Darwin, Häckel e Huxley; é preciso, porém, ir um pouco além e procurar as raizes dessa *bontade* de Tobias Barreto.

Parece-nos que o nosso illustre patricio não tinha conhecimento directo de H. Spencer. Elle teve sempre uma tal ou qual ogerisa á lingua, á litteratura, á nação ingleza. Em seu bello ensaio de *litteratura comparada*

n'este seculo exclue a Inglaterra, e diz peremptoriamente á pag. 107 d'este livro: «Porque motivo exclui a Inglaterra do meu campo de observação, para dizel-o com franqueza, devo confessar que não foi sómente com o fim de não augmentar as difficuldades da empreza, mas tambem porque tratava-se de um terreno, *em que sentir-me-lia menos seguro e desembaraçado.*»

E assim era ; conhecedor emerito das linguas latina, italiana, franceza, alleman, e, em menor escala, da russa e da grega, Tobias Barreto nunca foi cultor da lingua e da litteratura inglezas senão em reduzida dóse. Em seus escriptos ha bellas referencias a Shakespeare e a Byron, a Hume e a Darwin, e alguma vez a Huxley, mas pelo conhecimento que d'elles tinha pela critica alleman. Em compensação ha por vezes inesperadas accusações a Stuart Mill, a Buckle, a Draper e nomeadamente a Herbert Spencer, sempre pelas preoccupações de algum auctor allemão.

Entretanto, a leitura das principaes obras de Spencer, seus *Primeiros Principios*, seus *Principios de Biologia*, de *Psychologia* e os melhores *Ensaio*s teria arredado as prevenções, e não teriamos hoje o desprazer de ver um sectario do *monismo evolucionista*, como era Tobias, condemnar um dos maiores chefes do systema, prestando, sem o saber e sem o querer, mão forte a um exquisitoide, estragado pela ortodoxia comtesca, qual é o medianissimo Teixeira Mendes, que no seu extravagante livro sobre Benjamim Constant Botelho de Magalhães tem o desplante de, referindo-se ao grande mestre inglez, dizer o *superficial Spencer*. . . Mas, emfim, ha alguma coisa peor do que a superficialidade, é a inconsciencia. Mendes,

porém, é um membro do *voluntariato da ignorancia*, que tem hoje o nome de *religião da humanidade*; é uma cabeça inutilizada por um credo esdruxulo, que não pôde ouvir pronunciar, sem os calefrios da estultice, os nomes de Darwin, Häckel, Huxley e Spencer; e Tobias Barreto devia ser mais calmo, como um grande espirito que era. Um pouco mais de reflexão, e o illustre brasileiro teria se recordado que o sabio predecessor de Darwin já em 1852 havia no *Leader* escripto palavras como estas: « Se os defensores da hypothese da evolução podessem apenas mostrar que a producção das especies pelo processo de modificação é concebivel, estariam ainda assim em mais vantajosa posição do que os seus adversarios. Elles porém podem muito mais; podem mostrar que tal processo tem operado e opéra grandes modificações em todos os seres organizados submettidos a influencias que os possam alterar. Podem provar que toda a especie existente, animal ou vegetal, quando é collocada em condições diversas d'aquellas em que anteriormente se achavam, soffre immediatamente certas mudanças de estrutura adaptando-a a estas novas condições. Podem mostrar que, na sequencia das gerações, estas alterações se continuam até que por fim as novas condições passam ao estado de condições naturaes. Podem mostrar que taes modificações se têm realizado nas plantas cultivadas, nos animaes domesticos e nas diferentes raças humanas. Podem mostrar que os grãos de differença assim produzidos são muitas vezes, como no caso dos cães, maiores do que aquelles em que se fundam n'outros casos as distincções das especies.

Podem provar que se poderia discutir se algumas

d'essas formas alteradas *são variedades, ou espécies modificadas*. Poderiam mostrar que taes mudanças se executam todos os dias em nós mesmos. A facilidade com a qual se faz uma cousa quando ella é feita muitas vezes e por muito tempo, a perda d'esta facilidade quando a pratica cessa, o desenvolvimento de qualquer faculdade physica ou moral ou intellectual, conforme o uso que d'ella se faz, tudo isto póde se explicar pelo mesmo principio.

Mostrarão assim que nos seres organisados está sempre em acção uma influencia modificatriz do genero d'aquella a que se attribuem as differenças especificas, influencia que, posto que lenta em sua acção, produz, todavia, com o tempo, e se as circumstancias o exigem, modificações assignaladas; influencia que, segundo toda a apparencia, é capaz de produzir na infinidade dos tempos e na grande variedade de condições que a geologia nos dá a conhecer, toda e qualquer somma de transformações. »

Em seu bello livrinho intitulado—*Charles Darwin*, ao transcrever esta passagem, Grant Allen precede-a d'estas palavras: « Em 1852, sete annos antes da publicação da *Origem das Espécies*, Spencer escreveu no *Leader* o que se vae seguir n'um ensaio sobre a creação e a evolução. O parecer d'este grande biologo e philosopho marca exactamente o mais alto ponto a que havia attingido o pensamento evolucionista no momento em que ia apparecer a theoria de Wallace e Darwin. » Não é tudo; depois de fazer a alludida citação, accrescenta o notavel inglez: « Esta admiravel passagem, escripta sete annos antes da *Origem das Espécies*, contém explicitamente

quasi todas as ideias que aquelles que não se occupam exclusivamente de biologia associam hoje ao nome de Darwin.»

Poderíamos, se fosse preciso, para desbarato de todos os Mendes existentes e por existir, sem sair quasi aliás do magnifico livrinho de Grant Allen, acompanhar a obra de Spencer desde 1842 na *Biologia*, na *Psychologia*, na *Sociologia*, na *Esthetica*, na *Moral*, na *Philosophia* em summa, sempre de progresso em progresso, insistindo particularmente naquelles pontos em que elle leva vantagem ao proprio Darwin, *exempli gratia*, na admiravel theoria das *unidades physiologicas*, superior e anterior á *hypothese da pangenese*, com que o illustre auctor da *Descendencia do homem* pretendeu explicar a origem da vida e os factos geraes da hereditariedade physica e mental. Não é, porém, necessario para os espiritos progressivos e cultos, e seria inutil fallar a almas de mumias, idiotificadas pelo fanatismo e pela superstição, o fanatismo de uma seita, tão ridicula quanto ignorante, a superstição de nova especie por todos os desvarios que um espirito desequilibrado, como o de Comte, quiz e poudé engendrar.

E nem aos obscurantes *padres da humanidade* póde aproveitar a *bontade*, que, em um momento de máo humor, escapou ao espirito lucido e penetrante de Tobias Barreto.

IV

Ha finalmente neste livro alguns pontos em que nos achamos em desaccôrdo com o seu auctor. Não discutiremos aqui as divergencias que nos separavam,

por não alongar demasiado este prefacio e porque já o fizemos nos topicos principaes no prologo por nós posto aos *Estudos de Direito*.— Apenas não deixaremos sem reparo a nota que se lê á pag. 511: «E' preciso entretanto observar que nessa época o collegio de Pedro II ainda não contava no seu corpo docente o insigne talento de Sylvio Romero, que é alli presente-mente professor de philosophia. Mas tambem aproveitou a occasião para dizer que Sylvio Romero mesmo ainda me serve de prova do nenhum valor que têm no Brazil os estudos philosophicos. A influencia mesologica foi perniciosa ao illustre professor. *Reconhecendo a impossibilidade de uma reacção benefica, elle vin-se obrigado a ser rotineiro, a ensinar sómente pelo esterilissimo programma da philosophia official.* O resultado era inevitavel, das materias que elle cultivava é hoje a philosophia a que talvez menos preocupe o seu elevado espirito ».

Bem claro é que n'esta passagem nosso amigo não nos quiz aggre- dir, senão defender-nos e justificar-nos da opposição que sentimos no Collegio de Pedro II quando tentamos erguer alli o ensino da philosophia.

Elle, porém, não estava bem *au courant* dos factos, nem sobre a origem da opposição que soffremos nem sobre os esforços que empregámos para os arredar. A guerra nos era feita, não pelo governo, antes e constantemente por nosso collega do Externato, um dos mais habéis manipuladores das chicanas, dos empenhos, dos manejos que sabem sortir bom effeito perante as administrações do Brasil. E, todavia, nunca lhe abandonamos o campo ; sempre forcejamos pela victoria de nosso modo de vêr. O programma devia ser o

mesmo para os dous estabelecimentos em que se achava dividido o então Collegio de Pedro II, e o professor do Externato fazia adoptar o d'elle, com o auxilio da ignorancia imperial. A notinha de Tobias é do seu artigo *Recordação de Kant*, inserto nas *Questões Vigentes*, reproduzido agora n'este livro. Já em nossa *Historia da Literatura Brasileira*, ainda em vida d'elle, nós a tínhamos refutado, chegando a contestação ao seu conhecimento.

Dissemos nós então : « Tenho embargos a oppôr e são estes :

1º *Anch' io son' pittore* ; eu tambem e por muitas vezes apresentei para a minha aula amplos e pomposos programmas ;

2º O que tem sido adoptado pelo governo não é obra minha e foi por mim sempre combatido ;

3º O falso encyclopedismo do programma dito official representa na minha aula o *momento comico*, serve-me para desopilar o baço, provocando a critica e a satyra ; por este lado é magnifico, representa justamente o papel do decantado *Direito Natural* nas Faculdades Juridicas ;

4º Um programma é uma cousa inteiramente secundaria ; não ha bons programmas para máos professores, nem os ha máos para professores bons ;

5º Em todocaso, afim de cortar abusos e dispensar justificações, já propuz por vezes ao governo a redução do curso ao estudo da *Logica*, por se tratar de ensino secundario, dado a meninos de 14 a 16 annos ;

6.º O essencial é que não lecciono o velho espiritualismo, nem o velho materialismo ; mas sim a philosophia que consta de meus escriptos, especie de

néo-kantismo, néo-criticismo, alliança do naturalismo científico moderno e da philosophia de Kant (de que Spencer é um representante), da qual já fallo na *Philosophia no Brasil*, publicada em 1878.

Creio que estes embargos serão recebidos e afinal julgados provados. Justiça! »

Hoje nada mais temos a juntar. Quer no actual *Gymnasio Nacional*, onde a cadeira de philosophia foi substituida pela de sociologia, quer nas faculdades livres de direito, onde temos occupado as cadeiras de philosophia do direito, historia do direito nacional, economia politica e direito publico, os nossos programmas têm corrido impressos e recebido os applausos de muitos dos homens mais competentes do paiz. E, o que é o principal, temos contado na aula medicos, engenheiros, officiaes do exercito e da armada formados nos cursos militares, e até professores de algumas das nossas academias, e elles que digam se havemos ou não nos esforçado por acompanhar a evolução nova da sciencia.

Rio de Janeiro, 4 de julho de 1892.

SYLVIO ROMÉRO.

~~~~~

## COMO INTRODUÇÃO

---

O que eu pretendo publicar, sob o titulo de *Estudos allemães*, abrange uma série indefinida de escriptos de diverso conteúdo e datas diversas, mas em sua maioria inspirados e dirigidos pelo principio commum a todos os trabalhos, que têm occupado, ha mais de dez annos, a minha vida espirital. (1) Nem é preciso que o diga, pois que já se sabe: esse principio é o da critica severa e despreoccupada, no interesse unico da verdade, isto é, no interesse de alguma cousa de encantador e delicioso, cuja posse, entretanto, como a de mulher adorada, muitas vezes encerra menos prazer do que a ancia mesma de possuil-a e gosar-a.

O epitheto de —*allemães*, que dou aos escriptos aqui promettidos, não serve para indicar o *momento* objectivo do meu programma, visto como não tenho em mira fazer da Allemanha, em todas ou qualquer das relações, em que ella possa e deva ser considerada, o assumpto obrigado das minhas indagações; mas esse epitheto indica, sem excepção alguma, o *momento* subjectivo da cousa, quero dizer, põe logo a descoberto o meu ponto de partida, a minha intuição, as presupposições necessarias do meu escrever e criticar. Isto é um mal, eu o reconheço, que pôde até dar em resultado um desgosto antecipado, uma prevenção desfavoravel á obra que emprehando. As ideias ditas *allemans* ainda são entre nós umas hospedas importunas, e os poucos, bem poucos adeptos, que ellas contam,

---

(1) O autor assim se expressava em 1881. (Nota de S. R.)

continuam a passar, senão de todo por uns typos irrisorios, ao menos por extravagantes, que insistem no proposito irrealisavel de implantar no espirito nacional o gosto das cousas germanicas. A escola, se de escola merece o nome, que aprouve a litteratos fluminenses designar pelo titulo de *teuto-sergipana*, com o claro intuito de produzir impressão comica, pela associação da ideia da Allemanha á da provincia natal de dous infatigaveis promotores do germanismo nas lettras brasileiras, mas sem saber que desta arte lhes conferem, bem como á sua terra, uma honra immensa, cujo valor exacto só ao futuro é dado conhecer e aquilatar, uma tal escola ainda tem a lutar com difficuldades e embaraços, que annos e annos de combate não têm podido arredar.

Entretanto, permaneço firme no meu terreno. Se a outros é facil um riso desdenhoso da minha teima, não me custa esforço algum rir-me tambem da cegueira delles. E áquelles que ainda julgam fazer acto de civilisação, ignorando, com toda sizudez, as grandes manifestações da litteratura tedesca, ou pediria, em caso de necessidade, que attendessem para as seguintes palavras de um excellente escriptor italiano, o professor Alberto Errera : «Nós temos na Italia, diz elle, não poucos doutos de um saber indubitavel e de um elevado espirito, que opiniaticamente pelem contra os allemães, posto que não saibam a sua lingua nem conheçam os seus escriptos. Vivem cheios da convicção, bebida desde o berço, de que ainda, a esta hora, os hegelianos, os ideologos ou, como dizem, os utopistas são os portadores do pensamento allemão. Em vão se lhes mostrariam as descobertas positivas, os trabalhos e experiencias reaes de homens, que em todos os ramos do saber têm provado, por factos, que a sciencia tedesca não é a noite ou o crepusculo, mas a luz diurna da verdade. . . » Isto foi expresso em 1874. Eu não sei se temos tambem *doutos* com as qualidades mencionadas pelo sabio economista veneziano, mas é certo que sobram-nos opiniaticos do genero, que nunca se deram nem se dão ao trabalho de estudar a lingua e a litteratura allemans, para terem ao menos o prazer de desprezal-as sciente e consciencientemente. Insisto pois na minha velha idéa fixa. *Hæret*

*lateri lethalis arundo*. Nem tenho que pedir desculpas a ninguém.

A resolução do problema, que me propuz com a presente publicação, não é um tributo pago a certa literomania, que caracteriza a nossa epocha. Acho muito razoavel a opinião de H. von Treitschke, que ao escriptor não é permittido tornar-se estranho ao modo de vida do seu tempo, e que nos nossos dias, que elle qualifica de *bücherverschlingend*, devoradores de livros, deve escrever muito, quem muito quer influir. E' razoavel, sim; mas ha sempre a ponderar que o illustre escriptor desligou do tempo o seu inseparavel, o espaço, não pesou devidamente a circumstancia de logar. Assim, é certo que a epocha do Sr. von Treitschke, por exemplo, é justamente a minha epocha, porém mui diversas são as terras que pizamos; e ahi vae quasi tudo. Não me parece bastante sensato escrever e publicar segunda, terceira, quarta e mais obras, sómente pela razão de que a primeira não foi lida, não achou quem a lesse; o que entre nós é o caso. Accresce que sempre tive e continuo a ter uma repugnancia invencivel contra a *bibliopea*, de que padece por ahi muito espirito leviano, para quem o merito dos escriptores se determina, de preferencia, pela consideração puramente arithmetica do numero dos livros fabricados, e pela geometrica da sua extensão e volume, sem fallar na parte esthetica da mão de obra, no optimo do papel e no nitido da impressão. Não sei se me engano, mas quer me parecer que, se reduzir a livros todos os meus trabalhos jornalisticos, todos os meus escriptos de occasião, todas as minhas notas de carteira e até todos os apanhados de minhas conversações particulares, fosse cousa, que são custasse dinheiro superior ás minhas forças, eu já poderia ter em torno de mim, para proteger-me contra os inimigos, uma escolta de dez ou doze volumes, que dariam testemunho de minha constancia no trabalho, de minha sciencia precoce, e não pouco tambem de minha madura ignorancia; o que tudo, bem avaliado, conferir-me-hia incontestavel direito a promover no Brasil, ou ao menos em Pernambuco, a reunião de algum congresso anthropologico, ou outro qualquer, em que eu

tal

tivesse de representar justamente a ultima figura. Felizmente porém não soffro de tal mania. Compreendendo a necessidade que ha para o homem de letras, de dar constantemente ao publico uma cópia do seu estado intellectual, por assim dizer, uma historia estatistica documentada das suas ideias. Mas essa necessidade, creio eu, póde ser bem satisfeita por este modo : um jornal, uma revista, ou cousa que o valha, em que se concentrem todos os esforços de um espirito, neste ou naquelle dominio do mundo litterario, além de que, por outro lado, é este um meio suave, para quem, como eu não tem os recursos e facilidades, de que ha mister qualquer autor, de publicar pouco a pouco e insensivelmente uma obra em grande escala, a qual possuirá a vantagem de ir traduzindo e accentuando de dias a dias as varias transformações e mudanças do tempo. (2)

Outrosim : conhecido dest'arte o caminho e alvo do meu empreendimento, que sem duvida não deixará de encontrar apoio nos que tomam interesse por trabalhos de tal ordem, julgo entretanto que não importa derogar a seriedade scientifica do programma, fazer na minha revista a parte devida á leitura de puro entretenimento litterario. Para isto darei ahi tambem á poesia, á bella litteratura em geral, ainda que em menores proporções, o lugar que lhes compete.

Vou concluir ; e concluo por uma advertencia : os meus escriptos, tenho por certo, hão de desagradar a mais de um desses espiritos felizes, que trazem a verdade na cabeça, como dinheiro no sacco, segundo a expressão do Nathan, *der Weise*, e provocar naturalmente algumas contradicções ; mas devo ser franco : não acceito a minima polemica, e darei todos os meus contradictores como não existentes, bem seguro e confiado no conselho de Dante :

*Segui il tuo corso, e lascia dir le genti !*

---

(2) Os *Estudos Allemães* em sua primitiva forma constituiram uma revista. Mais tarde é que Tobias Barretto tirou em livro e sob o mesmo titulo os melhores dos artigos publicados na revista. (Nota de S. R.)



# ESTUDOS ALLEMÃES

---

## I

### A alma da mulher (1)

Julho de 1874

Adolpho Jellinek é um distincto israelista allemão contemporaneo.

Os seus escriptos e as suas predicas, na synagoga de Berlim, occupam lugar de honra entre os productos do genero, e fazem que o proclamem um estylista perfeito e um brilhante orador: predicações adjacentes, ou superpostos a uma sciencia solida.

O trabalho que tenho presente e que vai ser o assumpto deste artigo, não é de natureza apropriada á fornecer a medida, eu digo, toda a medida, do merito do autor. E' uma conferencia feita, em 1872, no gymnasio academico de Vienna, sobre a *questão da mulher*, encarada e esclarecida pelo lado psychologico. Facilmente comprehende-se a impossibilidade, na qual devia achar-se o orador, de vasar em cadinho tão pequeno uma grande porção do ouro da sua mina. Todavia me parece que ahí mesmo se pôdem vêr a viveza e lucidez de um vasto espirito.

Fallando na *questão da mulher*, não sei se posso contar com a disposição dos meus leitores para; certa ordem de ideias, condensadas nessa phrase, e que não são entre nós muito communs. Por quanto é só de longe em longe que nos chega alguma noticia dos reclamos e protestos de illustres representantes do sexo feminino, quer na Europa, quer na America, em prol dos seus direitos, desconhecidos e vilipendiados.

---

(1) *Die Psyche des Weibes*, von A. Jellinek, 1873.

Entretanto, não ha duvida que a mulher e suas relações domesticas e sociaes formam um dos problemas superiores, que se debatem na actualidade. E' digno de notar-se que, sendo uma das mais robustas propugnadoras da chamada emancipação do sexo a judia Fanny Lewaed, celebre escriptora e romancista da Allemanha, seja tambem um homem da mesma raça, que pretenda demonstrar, por sua vez, a falta de fundamento, a irracionalidade de semelhante intuito. Se elle attingiu, ou não, o alvo que visara, é ponto que entrego inteiro ao juizo do leitor autorizado, sem comtudo abdicar a minha opinião de espectador attento e consciencioso sobre o alcance da controversia e os modos de a resolver.

« A essencia feminina em sua generalidade, diz Jellinek, como phenomeno particular da vida natural e humana, tem sido sempre apreciada, nas diversas phases do desenvolvimento do espirito e da historia dos povos; a mulher, porém, como personalidade, com todos os attributos que se ligam a este conceito, foi só nos tempos modernos que se tornou objecto de sérias indagações e fortes debates.»

Depois disto, e para o comprovar, o autor faz uma especie de resenha das opiniões que dominaram entre varios povos da antiguidade, a respeito da mulher. A poesia mythologica dos gregos, a philosophia allegorica dos alexandrinios, a mystica de muitas confissões religiosas, até aos gnostas christãos e kabalistas judeus, trovadores, *minesänger* e cavalheiros da idade média, tudo lhe dá testemunho de não ter sido olvidada a excellencia feminina. Como era natural e adequado ás proporções estreitas do seu trabalho, o sabio israelista passou rapidamente por esses dados da historia, e não se quiz demorar em extrahir, quanto pudera, a substancia delles. Ha uma cousa, porém, que não merece desculpa: é a maneira, meio atropellada, pela qual o autor nos apresenta, em épocas differentes, o conceito psychologico de Eva. Não seria mais conforme ao espirito scientifico, ou para melhor dizer ao espirito allemão, mostrar, ainda que em ligeiros traços, o desenvolvimento dessa grande idéa, as viagens que tem feito através dos seculos até chegar ao

ponto de hoje? Uma vez que se propoz, segundo as proprias expressões, fundar a dignidade da mulher por meio de uma analyse philosophica, o methodo a seguir, eu imagino, podia ter sido outro.

## I

Janeiro de 1881.

O pensamento que presidiu á confecção das linhas iniciaes do presente escripto, é o mesmo que me leva actualmente a continual-o e concluil-o (2). Se alguma differença se faz por ventura notar entre as ideias de outr'ora e as ideias de hoje, é tão sómente a que pôde consistir entre um estado de floresceucia e um estado de fructificação. Verdade é que seis janeiros difficilmente passam por um espirito, sem deixar abatidos muitos anhelos, muitas esperanças, e não poucas vezes até muitas convicções. Mas no que toca ao assumpto, que nos occupa, eu pude resistir; depois de tanto tempo de abandono, encontrei o velho alaúde perfeitamente afinado, quero dizer, o coração, como d'antes, expansivo e predisposto para a questão da mulher, tanto mais quanto neste interim ella tomou uma feição mais correcta e enriqueceu-se de novas adhesões.

O illustre rabino, a quem aprouve reforçar tambem com a sua quota o capital, já tão crescido, de prejuizos obscurantes sobre a natureza, o destino, a vocação feminina, se a esta hora ainda existe, não deve olhar com

---

(2) O artigo traz na frente da sua primeira parte a data de 1874; data cuja identidade o leitor terá de notar em mais de um trabalho contido neste volume. Não lhe faça reparo. Todos esses artigos foram começados e publicados naquelle anno em um jornal, que redigil, intitulado — *Um signal dos tempos*. — A' primeira vista nada importava que eu, continuando-os hoje, lhes dêsse a data hodierna; mas ha uma razão em contrario, que não deixa de ter seu peso: sem a indicação do tempo, em que foram publicados, eu correria actualmente, em muitos pontos, o risco de passar por um epigono, se não por um plagiario. Não se levará pois a mal que quera livrar-me de tal pecha; é isto ainda uma das fórmãs da probidade litteraria.

muito orgulho para o seu trabalho de 1872, que bem podera-se denominar — um ensaio de *gynecologia biblica*; deve antes sentir-se tristemente impressionado de vêr que as suas ideias, ainda que elevadas pouco acima do nível do senso commum, que é a chama da philosophia do povo, não conseguiram ganhar terreno. A parte louca da humanidade, aquella que gyra em ellipse alongadissima em torno da velha pratica da vida, e que é dotada de maior grau de adaptabilidade, insiste no seu propcsito de outorgar á mulher, na esphera da prosa, uma fracção ao menos do que se lhe confere na esphera da poesia.

E a questão já chegou a tal ponto, que os doudos entusiastas da emancipação de Eva começam a ser os mais arrazoados no debate. Já vae soando como um ruído de matraca a pretensão fradesca de não abrir no *gyneceu*, nem sequer uma janella, que dê para o grande mundo, para a vida em pleno ar, e de permittir apenas uma fresta, por onde a mulher veja sómente o ceu. O nosso autor não leva tão longe, é verdade, as suas exigencias de opposicionista convicto; mas não é por isso menos erroneo e inacceitavel o seu ponto de vista. O seu ponto de vista, disse eu; porém não é de todo exacto. O sabio israelita não pisa em terreno proprio. A sua intuição sobre a mulher, a despeito das graças e encantos do seu bom dizer, é a mesma velha intuição judeo-christan: a perpetua dependencia e inferioridade feminina, ou antes a mulher rainha e subdita, senhora e escrava ao mesmo tempo. E' debalde que o autor entõa aqui e alli um psalmo á belleza e a uma ou outra excellencia psychica da companheira do homem; o conceito geral não se modifica: é sempre a mulher exclusivamente votada á vida da familia, a mulher sem autonomia, sem iniciativa, sem talento, sem originalidade. E tudo isto sob que pretexto? Ainda sob o de um plano divino, ou de uma lei da natureza.

E não contesto que nas actuaes relações de subordinação e dependencia da mulher para com o homem ha uma certa regularidade, uma especie de *conformação ao fim*, para que ambos existem. Mas justamente no modo de apreciar este facto é que reside o erro da escola, em que

se filia Adolpho Jellinek. Além de que as cousas regulares ou irregulares são como as boas ou más, das quaes diz Shakspeare (*Hamlet Ac. II sc. 2ª*) que não o são por si mesmas, que é o pensamento quem as torna taes, accresce que a sociedade, bem como a natureza, sem ser dominada por um principio de finalidade, pode chegar a resultados de character finalístico. E se é impossivel, por meio da selecção natural ou artistica, interromper a série evolutiva de phenomenos que já attingiram esse grau de regularidade, e por um processo de differenciação dar a uma classe de seres qualidades novas, nenhuma razão milita contra a possibilidade de abrir novos caminhos ao desenvolvimento feminino, de apagar pela instrucção, que tambem é um meio de selecção, a inferioridade actual da mulher e collocar-a dignamente ao lado do homem. E' esta a grande questão, de que aliás Jellinek parece ter tido apenas um vago presentimento. Assim encarado, o problema tem outra face; e para a sua solução, ou antes para tentar resolvê-lo, pois que todas as soluções de problemas humanos rara vez transpõem os limites da tentativa, já não basta allegar que a mulher é um ente fraco, mais receptivo que productivo, mais sensivel que intelligente, etc. etc.; por quanto tudo isto se concede, mas tudo isto não envolve para ella a impossibilidade de uma adaptação superior á herança e por consequente de uma transformação de potencias, de um augmento de prediçados.

O nosso autor, por um acto de lealdade não commum, declara reconhecer que o assumpto em questão offerece logo em principio uma séria difficuldade; e é que, no presente estado das cousas, é impossivel formar um juizo seguro sobre o espirito feminino e applicar uma justa medida ás aptitudes intellectuaes do bello sexo, attento que, por effeito dos prejuizos sociaes, as mulheres não têm podido até hoje desenvolver e pôr em prova as suas capacidades. A objecção é realmente séria; mas o autor não hesita em dal-a por facilmente respondivel, allegando, como resposta, que no presente estado social nós temos occasião bastante de observar a vida espiritual do outro sexo e dest'arte convencer-nos que a *psyche* masculina e a *psyche*

feminina não são identicas ; modo este de discorrer que não passa de um crasso paralogismo, e não deixa de provocar um riso de desdem.

Em defeza de sua these, Jellinek ainda invoca a chamada economia da natureza, que nada faz superflua-mente, que não se repete em seus typos... Mas elle não se lembra que a natureza é como Deus, que se presta a ser invocado, com igual direito e chanças iguaes de triumpho, por qualquer de duas hostes belligerantes; nada resolve, por conseguinte. « Emquanto, diz elle, a voz masculina de uma mulher fôr, como é, uma cousa chocante e estranhavel, nós teremos tambem por justificado o fallar-se de uma psychologia feminina... » Sim, senhor; mas que prova isto? Absolutamente nada em relação ao thema proposto. De bom grado concedo a existencia de uma psychologia feminina, mas... quem a faz? quem lhe formula as leis? Jellinek tem o defeito commum a todos os commungadores da mesma idéa: só parece que, ao menos uma vez na vida, já fizeram parte do sexo amavel, tal é o tom de segurança com que fallam *psychologicamente* das fraquezas da mulher.

Eu não duvido em subscrevê-lo: a mulher com qualidades masculas, a mulher ossuda e barbada, é na verdade um phenomeno chocante, e autorisa-nos a presuppôr uma grande differença entre os papeis de cada sexo; mas tambem é certo que, emquanto se nos não explicar plausivelmente, porque razão, uma vez admittida a unidade de lei no desenvolvimento das especies, o pavão, por exemplo, é mais bonito que a pavôa, o gallo mais que a gallinha, o novillo mais que a novilha, o leão mais que a leôa, só a mulher entretanto é mais bonita que o homem; nós temos o direito de admittir uma superioridade feminina e de reclamar para ella as regalias que entendemos lhe competirem.

## II

A chamada questão da mulher, depois de atravessar a phase poetica e rhetorica, na qual se queimou muito incenso em honra da *deusa*, e tambem, conforme os gostos,

muito grito de execração se fez ouvir contra a *diaba*, depois de deixar o estado crepuscular do idealismo phantastico, chegou emfim ao pleno dia do realismo scientifico, onde até a estatistica com toda a fria prosa dos seus dados, não se recusa a lhe prestar serviços. Não se trata mais hoje pois de escrever livros á saude da mulher. Cesrou o banquete dos deuses, e com as musas que adormeceram, emmudeceu tambem a lyra dos poetas. Bem entendido, não para sempre, por algum tempo sómente; pois dá-se no dominio gynecologico alguma cousa de semelhante ao que se dá no dominio astronomico: por mais longe que vá o espirito observador, nunca poderá affirmar ter conhecido tudo que é cognoscivel e capaz de entrar no campo objectivo dos seus instrumentos de observação; e é justamente esta esphera de conjecturas e presentimentos, tangente ao circulo, grande ou pequeno, do nosso saber, quer no districto das estrellas, quer naquelle dos bellos olhos femininos, que ha de sempre constituir o mundo da poesia.

Com razão diz Elisa Oelsner, relativamente a este ponto: « Assim como para a consciencia religiosa o deus transcendente tem ido pouco a pouco se transformando em deus immanente, assim tambem o nosso batalhar pelo futuro não se dirige mais a ideaes de além, infinitamente longiquos, porém os modelos do nosso produzir sahem de nós mesmos, do nosso saber e poder, e este idealismo, que quer o que pôde, e por isso pôde o que quer, parece-nos o unico autorisado; os esforços, que vão além d'elle, são pura phantasmagoria. » (3) Todo e qualquer escripto, por conseguinte, que se propõe na época hodierna addicionar uma pagina ao grande livro do chamado sexo fraco, é anachronico e atrasado, desde que não encara a questão pelo seu lado pratico, mas se limita a repetir, com bem poucas variações, o thema popular, que se assobia nas ruas, quero dizer, a velha cantiga da *beleza feminina*, unida á incompetencia para outros mysteres, que não sejam os do conchego familiar, e da sua *despoetisação* pelo contacto com a vida politica e social.

---

(3) *Frauen-Anwalt*-I Jahrgang, pag. 99.

Não sei mesmo como um espirito, qual Adolpho Jellinek, julgou poder, na terra de Betty Paoli, oppor um dique á corrente em que se immergem Marianna Hainisch, Augusta von Litrow, Johanna Leitenberger, Josephina Wertheimstein e outras muitas naturezas demoniacas, com phrases de passageiro effeito e sedições conselhos de prudencia. (4)

Os escriptores que ainda se dão ao trabalho de bradar contra as justas pretensões da mulher, têm o ar de quem se julga unico iniciado nos grandes mysterios de um olhar amoroso, ou de um arfar de seio feminino. Dir-se-hia que só elles conhecem, que só elles experimentaram a magia de um abraço, ou a inebriante doçura de um beijo, e que por isso tratam de mostrar a nós outros, pobres profanos, a quem são desconhecidas estas divinas cousas, que a mulher não é isso que nós pensamos, mas um ente a parte, o qual ao muito pôde entrar connosco na luta pela vida em sua fôrma rudimentar, que é a conquista do pão *quotidiano*, porém nunca entrar connosco na luta pelo direito, pela luz, pela verdade ! ... São muito ingenuos estes senhores ! Tambem nós sabemos que gosto tem o nectar, e de que carne é feito o manjar dos numes ; mas não é este o ponto em discussão. O desenvolvimento da essencia feminina, no sentido de concentrar-a e reduzi-la ao circulo unico da familia, tem sido natural e regular ? Além do theatrinho do lar domestico, em que ella realmente representa o primeiro papel, não ha um theatro mais vasto, onde ella possa expandir talentos e forças ainda não aproveitados ? Em

---

(4) A expressão—naturezas demoniacas—, que não duvido pareça estranha, eu a emprego com o proposito de firmar a antithese que existe entre mulheres intelligentes e conscias do seu destino, de um lado, e de outro lado, o grande numero de simplorias, frias, indifferentes, mal sabendo externar uma idéa, que se eleve alguns pontos a cima do *mezzo soprano* da moda, do tricot e do crochet — mulheres bonecas, em quem se pôde, é verdade, adivinhar umas lindas e polpudas pernas, um umbigo ideal, delicia dos olhos ou de qualquer outro sentido ainda mais exigente, e que faria lembrar o proprio *alabastrum unguentum pretiosi*, derramado sobre a cabeça do Christo, mas tambem se reconhece um espirito pauperrimo, e ás quaes aliás se dá o titulo de — naturezas angelicas —, sem duvida por já mostrarem na terra o idiotismo transcendental, que as espera no céu.



uma palavra, a mulher é instructivel pelo mesmo modo e nas mesmas proporções que o homem? Eis a questão, que aliás não é mais uma tal, visto como já bem pouco falta para dar-se, pelo menos no campo da theoria, a victoria completa da emancipação feminina.

O começo de toda cultura, diz Julio Fröbel, é uma opposição á natureza, opposição que não se envergonha de dar até preferencia ao que é antinatural, só para documentar o direito do capricho (5). Esta asserção envolve uma verdade profunda, que bem explica por que razão a mulher, desde os primeiros tempos, foi tolhida em seu desenvolvimento natural e mandada seguir um caminho, que nunca poderá levá-la ao cimo do outeiro, onde ha seculos a esperam seus titulos e seus direitos. Releva porém saber se este falseamento da evolução historico-humana, no que pertence ao *bello sexo*, é ou não susceptivel de correcção. (6) Eu creio que sim; e o meio de corrigir tal cenogenese, individual e social, é sobretudo a instrução, profunda e sériamente ministrada, de modo a despertar e accender no espirito feminino em geral uma scentelha, que rara vez tem brilhado, isto é, o sentimento da personalidade, a consciencia do proprio valor. O cerebro da mulher ainda não está atrophiado e, á falta de exercicio, reduzido á inercia funcional dos olhos da coruja, ou das azas da ema. Ainda é possível uma reacção salvadora, que aliás só pôde vir pelo meio indicado. Desta especie de renascimento do sexo feminino depende, em alta escala, o futuro da humanidade. Quem espera fructos do futuro, diz Henrique von Sybel, deve bem cuidar das flôres da actualidade,

---

(5) *Die Gesichtspunkte und Aufgaben der Politik* —1878, pag. 243.

(6) A velha phrase *bello sexo* já me vae causando suspeitas; quer parecer-me que ella, por si só, exprime tudo que ha de frivolo e leviano no modo commum de apreciar a natureza feminina. Dá-se com o *bello sexo* o que se dá com as *bellas lettras*: assim como, a respeito destas, bem poucos são os que consideram-nas mais que um assumpto de puro entretenimento, assim também, a respeito daquelle, são rarissimos os que se elevam acima do ponto de vista, não direi esthetico, m puramente plastico; e este é o mal, que deve ser combatido.

e a melhor florescência de um povo são justamente as suas mulheres.

Minha ideia, pondere-se bem, a ideia que eu esposo, não é a da rapida transição de um extremo a outro. Nada haveria de mais perigoso do que essa passagem, por exemplo, da *Silencieuse à Philosophie des Unbewussten*... A natureza não dá saltos ; mas seria um *salto mortale* a troca immediata da familiaridade com Singer ou Howe pela familiaridade com Hartmann ou Schopenhauer. Não sigo por esse caminho. Os pósteros poderão um dia comprehender e admirar, *verbi gratia*, uma *schopenhaueriana* costureira ; porem hoje é incomprehensivel e detestavel uma costureira *schopenhaueriana*, uma costureira philosopha, epitheto este, que entretanto caberia de direito a toda e qualquer mulher do nosso tempo e da nossa terra a quem aproovesse subitamente emancipar-se da almofada por amor do livro, pois que todas, em ultima analyse, qualquer que seja a sua condição economica e posição social, não sahiram ainda do terreno em que floresce a sciencia da agulha e do dedal. *Festina lenté* — tambem é neste, como n'outros pontos, a minha norma de conducta.

Mas não se julgue que, assim opinando, eu queira fazer côro com certa classe de *neptunistas* politicos, que não admittem catastrophes, que explicam tudo pelo tempo, que exigem para a extincção de um erro ou o reconhecimento de uma verdade a mesma somma de seculos, que se requer para a formação de um arrecife ou a de um banco de coral (7). *Est modus in rebus, sunt certi*

---

(7) O destino tem ironias !... A minha querida Allemanha é a creadora ou pelo menos a formuladora da *theoria da evolução*, que em muitos casos não passa de uma *theoria da paciencia*, por força da qual o plutonismo politico e social é um ataque á historia, um absurdo scientifico. Entretanto, difficilmente encontrar-se ha, nesta esphera, um phenomeno plutonico mais caracterizado do que a subita elevação da patria de Kant ao grau de primeira potencia politica do mundo actual ; elevação merecida, sem duvida, mas nemi por isso menos inesperada e fóra dos calculos communs, tanto quanto podia sê-lo o apparecimento de uma ilha por effeito de uma erupção volcanica. Já se vê que nem sempre a evolução é sufficiente para solver certos embarços. Da combinação do neptunismo com o plutonismo é que pôde resultar a verdadeira doutrina, dando-se a cada um o seu papel : ao *inconsciente da historia* — a lentidão das aguas no seu labor de accumulção e petrefacção ; á consciencia humana — o rapido processo igneo dos abalos e agitações necessarias.

*denique fines.* Da arvore que plantarmos hoje, os nossos netos poderão apenas colher as primeiras flores, mas ao certo já os seus filhos estarão no caso de recolher os frutos.

### III

No modo de expôr os termos do problema, cuja resolução tomou a seu cargo, Jellinek é mais poeta do que philssopho, um poeta porém de antigo estylo, que se delicia na pintura dos mil encantos, mas tambem na descoberta de cem mil defeitos na face diurna da natureza humana. O seu pretendido estudo psychologico não deixa de apresentar, aqui e alli, observações razoaveis; mas mesmo assim, encarado de alto a baixo, considerado em seu todo, é simplesmente um trabalho de fantasia; mimoso na verdade, mas sempre exaggerado. Sobre que classe de seres não se pôde ideiar uma psychologia? As proprias flores têm a sua, a crêr-se nos poetas, que lhes conferem este ou aquelle sentimento. A psychologia da mulher, por Jellinek, é vasada em molde igual.

Mas o que causa maior estranheza é que o autor, como já fiz sentir, não tomou uma posição definida no campo do combate. Embalde se buscaria saber, como elle se mantém em relação ao grau de cultura, a que deve chegar o sexo feminino; nem uma palavra a tal respeito; antes, porém, se é possível algum signal do seu pensamento neste sentido, encontra-se a velha ideia da vocação exclusiva da mulher para... «dar á vida humana o seu verdadeiro valor, para lidar ao lado do homem, aconselhal-o, apoiá-lo, animal-o, enthusiasmal-o, disciplinal-o, moderar-o, enternecer-o, nobilitar-o, aperfeiçoar-o...» o que tudo quer dizer: para ser esposa e mãe; missão esta que ninguém ainda negou á mulher, e que não é o que se trata de esclarecer.

Não é sem muita razão que F. Holtzendorff, um dos grandes defensores da causa feminina, assim se exprime: «Entre as phrases ôcas e retumbantes dos modernos tempos, não se acha uma só que tenha produzido mais

confusão ou prejuizo, do que a de *vocação natural*. A verdade, que nella se desfigura, significa sómente que a esposa, mãe, e dona de casa, tem o seu mais alto e ultimo mister a cumprir no seio da familia, não fóra della. Fallar de *vocação natural*, é cousa que teve um sentido, só emquanto foi preciso oppôr barreira á desnaturalidade da compressão das virgens na vida claustral. Hoje é diferente. A phrase de *vocação natural*, até das que ficam solteiras, é a mais caracteristica fraqueza de cabeça e falta de pensamento, que se retrae diante da actualidade » (8).

Nada mais claro e decisivo. Se a mulher existe unicamente, como sóe dizer-se, para a vida da familia, para as funcções supremas de mãe e de esposa, a conclusão é que, uma vez não attingido este alvo, pois que a todas não é dado enfiar no dedo o anel esponsalicio, nem o cingir-se da charpa da maternidade é acto que só dependa do desejo de cada uma, a vida da mulher que lá não chega, é uma vida falhada, uma existencia espectral, uma peregrinação lastimavel. Mas esta conclusão é absurda em si mesma, e ainda mais, porque ella importaria justificar o prostibulo, quasi como uma bella instituição social, estabelecida para corrigir os erros do destino. Assim aquelles que não cançam de repetir o estribilho da chamada *vocação natural*, deviam lembrar-se, antes de tudo, que no grande baile da vida muita senhora fica sem cavalheiro, que a sociedade não tem á sua disposição o numero de *noivos*, de que carecem as *noivas*, e que, portanto, é uma extravagancia, na educação da mulher, só ter em vista o futuro estado de mãe de familia. Pondo de parte o que de mau tem causado esta maneira de vêr, attento que mais de um casamento infeliz só deve a sua infelicidade ao velho preconceito, pelo qual a mulher que não casa, é um ente inutil, como o segundo tomo de uma obra de dois, dos quaes perdeu-se o primeiro, eu me limito á seguinte observação: dado de barato que a unica missão feminina fosse a de ter filhos e de viver ao lado do homem, ha por ventura alguma incompatibilidade entre

---

(8) *Frauen—Anwalt*—I. pag. 53.

esta nobre missão e um grau superior de cultura? Tão simples é o papel de esposa e mãe, que dispensa a luz intellectual, ou até repelle-a como perturbadora do socego domestico? Será também uma lei providencial que o homem culto, quando casado, não tenha uma mulher, com quem converse, nem seja por ella entendido?

Estas perguntas trazem em si mesmas as suas respostas, isto é, o espanto, se não antes o riso, que provocam; e todavia ellas são naturalmente suscitadas pela opinião commum a respeito da educação do outro sexo, opinião burlesca e anachronica, que eu sempre estarei disposto a combater.

Como se vê, a questão central no presente assumpto já não é a de saber de quantas azas se compõe a *psyche* de Eva, ou se ella é realmente apta para os grandes vôos, mas sómente a de fazel-a entrar com o homem na partilha dos mais altos gosos da vida, que são os gosos da intelligencia. E aqui seja-me permittido lembrar ideias, já uma vez por mim enunciadas na defensão deste mesmo thema, quando tive a honra, como deputado provincial, de apresentar um projecto de lei sobre a instrucção superior feminina nesta provincia (9).

Sustentando a utilidade da minha proposta, eu disse, entre outras cousas, o seguinte : « Não sei se a dissimulação é uma boa qualidade politica; mas eu não posso dissimular: o projecto que se discute, é um daquelles que parecem de antemão condemnados á morte prematura, porque elle tem por fim a realisação de uma novidade, e nós não estamos muito habituados a acceitar de bom

---

(9) Este projecto, que teve apenas o *succès d'estime* de passar em primeira discussão, continha a ideia da creação de um estabelecimento publico de cultura litteraria e profissional para as moças, sob a denominação de *Parthenogogio do Recife*, e dividido em duas escolas : *escola media (Mittelschule)* e *escola superior (Höhere Schule)*. Não preciso dizer que a minha ideia pareceu então um sonho de poeta. É possível que hoje, depois que a mãi França entendeu dever, como obrigação do estado, elevar o nivel da instrucção do outro sexo, estragada e abatida pelas doutoras do *sacré cœur* & C., já se comprehendendo o alcance do meu projecto, mas é certo que n'aquella época (maio de 1879) julgaram-no objecto de deliberação por niêra condescendencia : e tanto assim foi, que um anno depois, quando eu não era mais deputado, fizeram-no cahir em segunda discussão, por ser um projecto.... desponderado e até immoral!...

grado, sobre tudo nos dominios da vida publica, os tentamenos de caracter novo, que envolvem sempre uma ousadia, que importam sempre uma invasão arriscada no terreno do desconhecido. Não serei eu quem possa negar que o projecto em discussão está realmente no caso de provocar mais de um ataque, mais de uma contradicção, até da parte daquelles que não se deixam sómente levar por ideias preconcebidas, da parte dos poucos espiritos, que não trazem, como diria Nathan, o sabio, o seu saquinho de verdades feitas e contadas, alem das quaes, tudo o que passa é falsa moeda, é cousa nunca vista, paradoxal ou absurda. Do lado desses mesmos, que assim não pensam, o projecto está no caso de suscitar impugnações ; mas isto só pela circumstancia de que elle, em mais de um ponto, revela e traa a inaptidão da mão que o elaborou. Nesta unica circumstancia esgotam-se os motivos rasoaveis da opposição, que por ventura elle possa despertar; como tambem, importa dizel-o, é só por este lado que eu teria justos receios de empenhar-me em qualquer luta, na sua sustentação, se commigo não estivessem, como seus co-assignatarios, alguns distinctos talentos, que melhor do que eu poderão mostrar as vantagens por elle offerecidas. Não hesito, pois, em assegurar que, fazendo-se abstracção da fôrma, lacunosa e imperfeita, o projecto encerra no seu fundo a satisfação de uma das mais urgentes necessidades da provincia, qual é sem duvida a necessidade de instrucção, em geral e particularmente, feminina, instrucção em mais alto gráu e por melhores meios, do que presentemente existe. O projecto não tem em vista inaugurar na provincia o dominio das *blue stocking* ou das *précieuses ridicules*, mas simplesmente abrir caminho, entre nós, á solução lenta e gradual de uma das mais graves questões da actualidade: a elevação do nivel intellectual da mulher ou, se assim posso dizer, a purificação, pela luz, da atmosphera em que ella gira.

« E para demonstrar, Sr. presidente, a utilidade da cousa como primeiro signatario do projecto, eu não tenho necessidade de altear o cothurno, lançar mão da harpa romantico-revolucionaria e entoar um canto ao bello sexo. Não hei mistér de dizer com Olympia de

Gourges, uma celebre decapitada de 93 : se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ella deve ter igualmente o direito de subir á tribuna ; o que é de certo uma bonita aspiração, mas não deixa de ser tambem um pedido exaggerado. E tão pouco tenho necessidade de collocar-me no ponto de vista do *emancipacionismo* russo e americano para reclamar, em favor das mulheres, o exercicio de funcções, que ellas ainda não podem exercer ; para fazer, em seu nome, exigencias extravagantes, que se culminam na pretensão extrema, não só de uma igualdade de direitos, como até da igualdade no traje. Nem tomarei por norma o grito de alarma das mais illustres representantes do radicalismo feminino, as Paulinas Davis, as Lucrecias Mott, Elisabeths Stanton e não raras outras agitadoras do tempo. Nada disso é o que nós queremos.

« A pretensão contida no projecto é bem differente, muito simples e modesta : ella importa menos uma homenagem aos encantos da mulher do que uma séria attenção prestada ao bem commum, ao interesse geral, ao progresso e desenvolvimento da sociedade em que vivemos.

« Se eu tivesse de filiar a minha ideia n'algum principio mais elevado, não filial-a-hia por certo n'este ou aquelle arroubo de sonhador, mas n'uma verdade pratica, bellamente expressa por um homem pratico. Frederico Diesterweg, um notavel espirito allemão, o qual, com Pestalozzi e Frœbel, é o terceiro na série dos grandes pedagogos da idade moderna, se exprime deste modo : A liberdade do povo, e a felicidade do povo, pela cultura do povo, não pôde ser conseguida por meio da instrucção parcial, ministrada a um só sexo.

« Eis o que é incontestavel, e possuido de tal verdade é que eu ousou confiar que o projecto não parecerá indigno da attenção desta casa. Trata-se nelle da creação de um estabelecimento de instrucção publica; tanto basta, creio eu, para attrahir a sympathia e adhesão de todos. Mas ha uma circumstancia peculiar e quasi estranha : é a de ser um estabelecimento de instrucção publica superior feminina; poderá ella influir para denegar-se a medida proposta? E' doce esperar que não; e assim o espero.

« Julgando-me dispensado, Sr. presidente, de entrar em apreciações sobre a maior ou menor capacidade da mulher para o cultivo intellectual (10), eu tenho para mim, como verdade clarissima, que um dos maiores embaraços, com que lucha a civilisação, é a ignorancia desproporcional da bella metade do genero humano; ignorancia que, por cumulo de infelicidade, aos olhos de uns ainda é uma cousa indifferente, aos olhos de outros uma cousa desagradavel, sim, mas a final fatalmente determinada por lei da natureza, e até aos olhos de muitos. . . . uma graça de mais, um adorno poetico, um attractivo lyrico! . . . Não terá entretanto chegado para nós tambem a occasião de acabar com estes erros de velhas éras? Se as mulheres são seres humanos, que têm uma missão na sociedade e deveres a cumprir para com ella, se, como seres humanos, as mulheres trazem consigo thesouros espirituaes que devem ser aproveitados e desenvolvidos, é preciso todo o escrupulo de uma freira, ou toda a logica de um frade, para entender que estabelecimentos da ordem do que se acha indicado no projecto, não passam de appendices ou excrescencias inuteis, quando elles são, pelo contrario, complementos indispensaveis da educação total de um povo civilisado, ou mesmo civilisavel, se não é que nós outros brasileiros pertencemos áquella classe de povos *crepusculares*, de que falla H. Klencke, povos que vivem no *lusco e fusco* perpetuo de uma semi-cultura banal, sem saber o que são, nem o que devem ser, atacados da mais grave das psychoses, a *photophobia* intellectual, o medo da luz, o horror da claridade.

« Já é tempo, meus senhores, de irmos comprehendendo que o bello sexo em Pernambuco, bem como no Brasil inteiro, tem direito a maior somma de instrucção do que lhe tem sido até hoje fornecida pelos poderes publicos. A escassa instrucção elementar, que a provincia proporciona

---

(10) Este assumpto já tinha sido debatido na mesma assembléa provincial de Pernambuco, na qual anteriormente ao decreto de 19 de abril de 1879, discutira-se a questão da aptitude da mulher para os estudos universitarios, a proposito de um pedido de auxilio que fizeram duas distinctas moças, afim de estudarem medicina no estrangeiro; e nessa discussão eu tive alguma parte.



às suas filhas, não satisfaz, não pôde satisfazer as exigencias da época. A chamada secundaria, que é dada nos collegios particulares, com rarissimas excepções, está a baixo de qualquer critica (11); e a superior é totalmente nulla. Por uma velha metaphora consagrada costuma-se dizer que a instrucção é o *alimento do espirito*. Dou que seja; mas tambem é força confessar que esse alimento, pelo que toca às mulheres, ainda se limita a pobres migalhas cahidas da parca meza da cultura masculina, ou antes, para servir-me da expressão de uma escriptora allemã contemporanea, Josephina Freytag, o alimento espiritual do bello sexo — são confeitos, em vez de pão. Sim, nada mais do que confeitos; e a relação de semelhança conserva-se até na propriedade de enfastiar e indispôr o espirito para tomar o verdadeiro sustento. Assim, um pouco de musica, algumas peças de salão para o piano, um pouco de desenho, gaguejar uma ou duas linguas estrangeiras, e lèr as bagatellas litterarias do dia, eis o total da maior cultura do sexo feminino em nossos tempos, cultura anomala, que E. von Hartmann justamente qualifica de instrucção systematica da vaidade, e que, entretanto, não é preciso dizel-o, redobra de esterilidade e de penuria entre nós. »... (12)

---

(11) Mais de uma discipula aproveitada de taes collegios não sabe nem sequer conjugar o verbo *saber*. « V. Ex. far-me-ha o obsequio de tocar ao piano um *nocturno de Chopin*? Não sei » — é a resposta commum. Bem poucos seriam, na verdade, os que não quizessem fazer dos proprios labios *catechu*, para apagar na bocca da bella aquella lettrinha de mais... Porém o *seio* em vez de *sei* — faz mal aos nervos.

(12) Ao menos enquanto não chegar a época prefixa pelo propheta V. Hugo, o nosso atrazo ha de ser sempre superlativo, em relação a outros paizes: temos para isso muito boas razões. Mas é consoladora, se não para mim, todavia para outros, a esperanza gerada pelo verbo do vidente, isto é, que no seculo XX, de 1900 em diante, o Brasil ha de ser alguma coisa de grande e extraordinario. Só ha a ponderar o seguinte: é que, no mesmo seculo vindouro, segundo o proprio alcance de V. Hugo, a França tem de ser deusa (*Paris guide*); e como este, muitos outros factos dar-se-hão, a crêr-se no vaticinio do mestre, que aliás são inconciliaveis com a promettida grandeza do Brasil. Oh!... misera fraqueza humana! O republicano V. Hugo, não achando palavras bastantes para agradecer a honra que lhe adveio da visita de um rei, como Pedro II, deita-se a dormir e sonha maravilhas para esta terra, que esse rei aliás tão desastradamente governa!!.....

Estas idéas, com que preambulei a defeza do projecto por mim apresentado, conservam ainda hoje aos olhos de muita gente, não quero dissimular-o, a novidade, o despropósito, a extravagancia de então. Mas eu insisto em crer que a verdade está do nosso lado, do lado em que nos achamos todos os propugnadores de um melhor cultivo da intelligencia feminina. Em assumpto de instrucção, sobretudo, é soberanamente injusto que a mulher continue a fazer, em relação ao homem, o papel de Ruth—*colligere spicas post terga metentium*, e isto mesmo nos casos excepçionaes, pois que, de ordinario, o seu labor mental não se estende nem sequer a entrar na seára scientifica, para apanhar as espigas que cahem das mãos dos segadores.

« Até hoje, diz Clemens Nohl, em todas as questões da vida publica só se tem immiscuido uma parte da humanidade ; á outra tem-se imposto silencio, conservando-a bem longe das soluções reclamadas, como incapaz de julgar a tal respeito. Chamou-se metade do genero humano para um trabalho que, só por todo elle póde ser executado. Isto foi uma loucura, que a humanidade mesma tem pago bem caro » (13). Meu ponto de vista é identico ; e não canso de confessal-o alto e bom som.

Limitada, como tem sido em geral, e como ainda hoje ha quem pense que deve ser, não passando além da elementariedade, a instrucção feminina é totalmente inutil, e quasi se podia dizer—perniciosa e fatal. Se já houve quem opinasse que a arte de *ler e escrever*, sem cultura espiritual propriamente dita, é mais um mal do que um bem, pois importa para os agitadores um meio seguro de propaganda, tendo elles por esse modo um rebanho de leitores doces, que não reflectem, que não reagem criticamente, —parece que isto é applicavel com igual, senão maior propriedade, á instrucção elementar feminina. No velho prejuizo, ainda mal extincto actualmente, pelo qual não se admite que a mulher saiba *ler e escrever*, afim de não abusar desta *sciencia* com epistolas amorosas, ha um fundo de verdade. O *a b c*, reduzido á sua propria efficacia, é uma força perturbadora do equilibrio moral. Antes a casa de todo

---

(13) *Ein neuer Schulorganismus*, pag. 151.

não varrida, do que sómente começada a varrer e deixada em meio caminho para acudir-se de prompto a outros misteres : a impressão da immundicia fica mais pronunciada. Da poesia do *billet doux* á baixa prosa do *rol de roupa suja* vai apenas a distancia de um salto de gato ; e todavia são estes os dous polos da esphera litteraria da mulher, como ella deve ser, segundo o conceito que na pratica infelizmente ainda predomina.

Não falta até quem julgue que a honestidade é uma flôr selvatica, que só viceja em terreno virgem, não revolvido por mãos humanas ; que a honradez da mulher é um producto da natureza, e como tal sómente medra e floresce na razão inversa do cultivo mental. Singularissima idéa. E' uma triste honestidade aquella que só pôde existir por favor da ignorancia, ao lado da estupidez. Será de minha parte uma exquiritice, mas eu não comprehendo a attitudo de certos homens que calculam o grau da propria ventura pela bruta honradez da *cara metade*, sentindo-se elevados e orgulhosos de terem o sen relógio de *ouro de lei*. Que novidade ! Comprar o annel de brilhante como tal, e depois mostrar-se desvanecido e aditado com a legitimidade da pedra ! . . . A honradez na mulher não é um acto, mas um estado ; e nesta presupposição é tão conciliavel com a estolidez da mulher de um Haydn, que rasgava-lhe as *partituras* para fazer embrulhos, como com o talento, e illustração de uma qualquer que esteja no caso de secundar seu marido no mais difficil dos trabalhos, o trabalho de pensar, que não viva delle eternamente separada *quoad thorum et mensam* do espirito. A honestidade feminina, quanto a mim, é uma cousa muito commum e faz parte da bagagem ordinaria da vida ; é um predicoado tão pouco caracteristico desta ou daquella individualidade, como o longôr dos cabellos, ou a pequenez dos pés. Não é phenomeno tão singular, nem que custe tanto esforço, para formar-se delle uma virtude, excepto uma virtude que só pôde ser garantida pelas quatro grossas paredes da parvoíce. Alguma cousa de analogo talvez ao que se dá com a liberdade : deve ser muito poetica para quem está na cadeia ; porém eu, graças a Deus, acho-a prosaica e trivial, como a agua que bebo e o ar que respiro.

Demais, a moralidade que se pretende salvaguardar com a pressão cerebral feminina, está bem longe de ser, como se crê, um rebento da natureza, é um facto de convenção. A moral convencional chega até lá. E para bem explicital-a, seja-me permittido repetir a seguinte narrativa : Um viajante do Oriente, achando-se em Constantinopla, sahio uma tarde a passear e contemplar em suas particularidades a cidade dos sultões. Approximando-se de um parque, onde havia um bosquesinho, cuja sombra era atrahente, elle sentio um murmurio de vozes humanas ; tornou-se curioso, espreitou e viu: odaliscas que se banhavam !... E algumas dellas iam então sahindo das aguas. Que espectáculo ! Mas... oh ! terror ! As bellas presentiram que alguem as lobrigava, e a um grito unisono fugiram todas... *todas nuas*, cada qual mais linda, mais provocadora com a pelle de seda humedecida e ondulante,

*Comme si, goutes à goutes,*

*Tombaient toutes*

*Les perles de son collier,*

em procura dos veus que pendem da folhagem, e com que logo cobrem os rostos, abandonando tudo mais á extatica contemplação do feliz observador ; pois é esta uma lei do Koran : a mulher não deixar que o homem lhe veja a cara; o *resto* é indifferente. Não se parece tal preceito com o do evangelho sagrado e profano da nossa moralidade, pelo qual está assentado que a mulher saber escrever um livro é cousa que gera suspeitas contra o seu character ; não assim porém saber escrever uma carta de namoro ? *Fazer litteratura* no salão, conversando e discutindo com qualquer homem culto, está fóra dos limites da regular instrução feminina, e compromette a sua reputação ; mas é justo e regularissimo fazer theologia com o padre no confissionario !... Isto é digno de riso ; mas tem tambem o seu lado sério, o lado triste e lastimavel.

O alteamento da instrução da mulher é um facto já incorporado ao movimento evolucional do processo historico. E' inutil levantar lamentos e objecções a respeito. A faisca do fogo celeste, que alguem já disse continha o

coração da mulher fiel, póde carecer para bem brilhar, da noite da desgraça, mas não carece das trevas da ignorancia. Em torno de uma cabeça opaca difficilmente se move um coração luminoso. A sciencia não seria digna dos nossos preitos, nem dos nossos sacrificios, se nas mãos da mulher ella sempre se transformasse em instrumento de perdição. Nem o que se quer em geral é collocar a mulher na torre solitaria da especulação scientifica. Entre a mulher *sabia* e a mulher *instruida*, diz com acerto o hollandez van der Wyk, ha uma grande differença, e no que toca á pratica da vida, aquella não é mais impropria e desageitada do que o homem sabio, a quem não poucas vezes o habito de pensar confere uma certa aspereza de trato, que não se dá bem com as luvas de pellica. Mas o que importa, porque é tambem o que basta, é ter *mulheres instruidas*; altura esta que póde ser vingada pelo espirito do sexo, que é um digno irmão do nosso espirito. (14). A chamada *questão da mulher* não tem outro sentido.

Assim estudado, o problema a resolver é muito mais complexo e exigente do que o suppoz Jellinek, cumprindo assegurar que para a sua solução, a despeito das forças de que dispõe, o illustre rabino contribuiu bem pouco.

---

(14) Irmão mais moço e mais sadio, e pelo que nos diz respeito visivelmente superior em talento. Não é um galanteio de escriptor; é uma convicção: a mulher brasileira é, em geral, guardadas as proporções, mais intelligente que o homem. Nota-se-lhe um certo desembaraço, uma certa viveza de intuição, que não é commum no sexo masculino, em sua grande maioria assignalado por uma tal ou qual inercia, devida talvez ao excesso de calor, á cuja malefica influencia o homem está mais exposto.

E este phenomeno da superioridade intellectual feminina, salvo uma ou outra incorrecção da lingua, por falta de instrucção, manifesta-se até nos *circulos polares* da nossa futil aristocracia, onde as mulheres são quasi todas ageis, vivaces, conversaveis, ao passo que os homens são ordinariamente de uma lastimavel curteza de vistas, revelando a cada passo a preponderancia do elemento animal.

## II

### O Haeckelismo na Zoologia (1)

Eu creio já tel-o affirmado algures: o mundo intellectual allemão é alguma cousa de semelhante ao mundo de Heraclito. Este philosopho, que foi o primeiro evolucionista, o que porém não obsta que os senhores positivistas queiram por ventura tambem reduzir-o a um discipulo de Comte, em cuja cabeça aliás nunca fez ninho a ideia da evolução (2), dizia, como é sabido: não se passa duas vezes o mesmo rio. Assim tambem se poderá dizer que na Allemanha..... não se lê duas vezes a mesma obra. Lê-se a primeira vez um livro de theoria, e a segunda já se lê um livro de historia. Tal é a marcha constante, a rapidez cometaria do processo de creação e transformação das ideias.

Entretanto, nesse continuo redemoinhar do espirito indagador, nessa incessante ebulição do pensamento, não é raro succeder que esta ou aquella cabeça, elevando-se ácima do nivel da grandeza commum, consiga de um certo modo retardar, a seu respeito, a marcha do tempo e dar a um, dous, tres decennios a feição caracteristica de sua propria individualidade. Como exemplo, basta citar,

---

(1) Der Haeckelismus in der Zoologie — von Carl Semper.

(2) Quando muito, parece que só teve ideia de uma evolução já feita, por meio dos *tres estados*; concepção esta, que não foi propriamente sua, que já tinha sido bem commum de philosophos escocezes do seculo 18, e que entretanto não passa de uma reminiscencia theologica da virtude do numero *tres*. *Est enim ternarius numerus perfectissimus*. As *tres* virtudes theologaes, os *tres* inimigos da alma, os *tres* reis magos, os *tres* dias de Jonas no ventre da baleia, e outros muitos *ternos*, que a religião ensina, são todos sahidos da mesma fonte que a *Santissima Trindade*, irmãos mais velhos dos *tres poderes* de Montesquieu, e dos celeberrimos *tres estados*, os quaes ainda uma vez confirmam o dito de um padre da igreja: *In trinitate robur*; e isto, porque, segundo elle, *omnes bonae res... sunt tres*.

a par dos nomes de um Strauss ou de um Hartmann, o nome de Ernesto Haeckel.

O sabio professor da Universidade de Jena é com effeito um desses poucos, a quem tem cabido a gloria de não ser arrastado pela corrente ordinaria e occupar com os seus trabalhos a actividade intellectual de uma época inteira. Ha cerca de vinte annos que elle pertence, como phenomeno notavel, ao mundo scientifico, e ainda nenhuma das suas obras, pôde-se bem assegurar, perder a frescura da *actualidade*, o vigor das cousas vivas, que combatem pela existencia, respectivamente pela luz e pela verdade. (3) Ainda hoje os seus trabalhos dos primeiros tempos resistem á prova de fogo da critica acerrima de adversarios rouvinhosos, que não toleram de bom grado a demolição do seu velho edificio empirico pelas mãos deste revolucionario, cujas theorias, se não são outras tantas verdades, são outros tantos verdadeiros problemas de occupar e inquietar qualquer espirito pensante; e segundo Kuno Fischer, com quem me conforino, ... *wahre Probleme sind auch Wahrheit*.

Mas basta de phrases encomiastas, bem que muito e muito merecidas. Elogiar a Ernesto Haeckel já é cousa que deve soar aos bons ouvidos, como uma tautologia. O melhor meio de render-lhe preito é estudar as suas obras e penetrar-se do seu espirito vivificante e illuminador.

Eu sabia, e por informação do mesmo Haeckel (4) que entre os seus contendores da escola empirica, a par de Carl Claus, Alexandre Agassiz (5) Elias Metschnikoff

---

(3) Isto era escripto em 1880; ainda hoje os conceitos ahi expressos são verdadeiros. (N. de S. R.)

(4) Ziele und Wege der heutigen Entwicklungsgeschichte, 1875, pag. 10.

(5) Os criticos do dia não exultem de me prender em flagrante delicto de inexactidão, por entenderem que eu dou o nome de Alexandre a quem se chamava Luiz. O Agassiz a que me refiro, não é o velho, mais ou menos conhecido entre nós, que cantou, em paga da boa hospitalidade, algumas das nossas patrias maravilhas, porém seu filho, mais sabio do que elle, sobre cujos acquestos scientificos o bom Luiz exerceu com toda habilidade o direito de usufructo; uma das muitas razões, por que *Haeckel* chamou a esta... o mais genial e mais activo cavalheiro de industria em todos os dominios da sciencia natural

e muitos outros, contava-se também Carl Semper, professor de zoologia e anatomia comparada em Würzburgo. O nome d'este sabio não me era de todo desconhecido, e eu ansejava por travar com elle mais estreitas relações intellectuaes. A occasião para isso me foi offerecida pelo escripto supra indicado: o *haeckelismo na zoologia*.

Mas não hesito em declarar-o: a leitura d'este escripto foi-me uma dura decepção. Phantasticos e vãos forão os meus presentimentos. Onde eu julgara encontrar a veia aurifera, encontrei apenas pouco mais que pedra e cascalho. O trabalho de Carl Semper não é digno de um sabio, e muito menos de um sabio allemão. Ainda tive este ensejo de vêr confirmada a idéa de Börne: o professor de Würzburgo pôde ser que tenha por costume *escrever ouro*, mas d'esta vez, força é reconhecê-lo, *fallou e escreveu cobre*. Se não na parte theorica, posto que muito limitada, certamente na parte critica do seu pequeno escripto.

Carl Semper se propõe combater o que elle designa por *haeckelismo na zoologia*. A expressão de *haeckelismo* não é creação sua, mas de Huber, outro naturalista adversario de Haeckel, com a mesma intuição de um A. Gœtte, ou de um G. His, para quem o processo scientifico do sabio de Jena... «é um leviano brincar com os factos, ainda mais perigoso que o velho e desacreditado brinco de palavras». Nesta mesma atmospheria de acanhadissimo empirismo, onde os factos não têm um sentido, nem se admitte que se lhes dê, sob pena de ser malsinado de dogmatismo metaphysico, move-se Carl Semper. A sua idéa dirigente consiste em fazer crêr que o *haeckelismo*, segundo a phrase de His, ou a *haeckelogonia*, segundo o *espírito* do padre Michelis (6), é um *systema* degenerere, uma aberração da sciencia. Qual o motivo? E' o que vamos apreciar.

---

(6) *Haeckelologie*. Ein akademischer Protest gegen Haeckels Antropogenie. Von Dr. Fr. Michelis, Professor der Philosophie. Bonn 1875. Este Sr. Michelis é o velho catholico anti-vaticanista, que gastou papel e tinta em demonstrar que o papa não é infallivel, como podera gastal-os em outros tempos, para provar que «ôvo não é peixe» ou que «caboclo é gente».



I

Accentuemos primeiro uma coincidência digna de nota : o trabalho de Carl Semper, que é uma conferencia feita em Hamburgo, tem a data de outubro de 1875, e nessa mesma data publicou Haeckel, como vê-se da respectiva dedicatoria a Ernesto Baer o seu escripto—*Ziele und Wege der heutigen Entwicklungsgeschichte*,—no qual appreciou agrupadamente, para batel-as de uma vez, as objecções dos seus adversarios. Neste numero figura, como já observei, o empirista de Wurzburg, mas certamente por trabalhos anteriores, que aliás não me são conhecidos. E' pois para sentir que o professor de Jena não pudesse, ao tempo da confecção do mencionado escripto, ter noticia da conferencia de Semper e da *riqueza de argumentos*, que ella encerra, para entregar o seu autor ao mesmo destino dos tres pares de antagonistas, que elle fustigou : Alexandre Gœtte e Guilherme His, Agassiz e Michelis, Bastian e Alberto Wigand, todos os quaes, ainda que partam de principios, real ou apparentemente diversos, comtudo se dirigem a um fim commum ; que é negar á zoologia o direito de abrir novos caminhos e elevar-se a novas concepções. Carl Semper, ao certo, não seria tratado com mais doçura do que foram os seus companheiros de intuição retrograda.

Em uma das ultimas paginas da *Natürliche Schöpfungsgeschichte* encontra-se um bello pedaço, onde Hæckel caracterizou e refutou, a meu vêr, uma vez por todas, os naturalistas empiricos, da familia de Semper, que teimam em não transpôr os limites da inducção cautelosa e timida, de qualquer passo aventureiro no terreno da hypothese, tanto quanto esteril e improficua para a formação de um largo conceito philosophico do homem e da natureza. Elle exprime-se nestes termos : « Ao passo que um edificio de doutrina, puramente especulativo, absolutamente philosophico, que não leva em linha de conta a base indispensavel dos factos empiricos, é um castello aéreo, que se desfaz ao menor sopro da experiencia, por outro lado tamtem um corpo de doutrina,

puramente empirico, só composto de factos, não passa de um arido montão de pedras, que nunca merecerá o nome de um edificio. Os factos singelos, estabelecidos pela experiencia, são sómente as pedras, que servem para a construcção, e sem applicação do pensamento sobre ellas, sem o competente liame philosophico, não pôde levantar-se sciencia alguma. . . . . Só por meio das mais intimas relações e reciproca penetração de philosophia e empiria é que surge o edificio inabalavel da verdadeira sciencia monistica ou, o que é o mesmo, da sciencia natural. Desta lastimável separação entre a pesquisa naturalistica e a philosophia do rude empirismo, que hoje infelizmente é considerado pela maioria dos naturalistas como *sciencia exacta*, resultam todos aquelles singulares saltos obliquos, da intelligencia, aquelles grosseiros attentados contra a logica elementar, aquella impotencia para tirar as mais simples conclusões, que actualmnte se pôdem encontrar em todos os caminhos da sciencia natural particularmente, porém, na zoologia e botanica... não admira, pois, se a esses rudes empiristas permanece incomprehensível a intima e profunda verdade da *theoria da descendencia*. (7) »

Depois disto, não sei como a um espirito sério, a um sabio de merecida nomeada, ainda pôde occorrer a infeliz lembrança de dar-nos a saborear os mesmos velhos argumentos, para não dizer as mesmas banalidades, já de ha muito refutadas, contra as tendencias philosophicas da zoologia moderna. Difficilmente comprehendendo que Carl Semper pudesse capacitar-se da efficacia dos embaraços, por elle oppostos á invasão da corrente *metaphysica*, segundo a phrase da moda, nos dominios da sciencia natural. Mas ouçamol-o, que é melhor. «A zoologia, diz elle, é uma sciencia natural fundada sobre a observação ; seu methodo é *exclusivamente* o inductivo. Como qualquer outra sciencia do mesmo genero, ella tem tambem seus limites *naturaes e invariaveis*, que pôde deslocar, protrahir, porém nunca ultrapassar, se não quer perder o caracter de sciencia. Estes limites são determinados pelo

---

(7) *Natuerliche Schöpfungs-geschichte*, 610 e 611. Fünfte Auflage.

conteúdo dos phenomenos a explicar, pelo methodo e pelos meios auxiliares a seu serviço. O conteúdo da sciencia zoologica são a fórma material e os phenomenos vitaes do corpo animal. Elle encontra seus limites, para baixo, na origem da vida organica, e para cima, no desenvolvimento da *psyche*. Ambos não podem ser transpostos pelo zoologo como naturalista observador.....» (8) E assim por diante com esta mesma graça.....

Eis ahí entretanto mais de um daquelles saltos, mais de um daquelles ataques á logica elementar, de que falla Haeckel. «O methodo da zoologia é exclusivamente inductivo...»; mas porque? Donde vem essa *exclusividade*?... «Ella tem os seus limites *naturaes e invariaveis*...» mas não é isto mesmo que constitue o fundo da questão: se é ou não permittido ao zoologo ir além da velha meta e entrar em dominios, que os empiristas julgam estranhos ao seu *myster*?....

O que se deve entender por limites naturaes e invariaveis de uma sciencia, maxime de uma sciencia de observação, em cuja natureza está mesmo fundada a ausencia de qualquer limite d'ante-mão traçado, pois que ella augmenta de dia em dia o circulo da sua acção, é o que eu bem não comprehendo! E muito menos que esses limites não possam ser ultrapassados, sob pena de perder a zoologia o character de sciencia, quando é certo que o que lhe dá, como ás demais sciencias congeneres, o verdadeiro cunho scientifico, é justamente esse continuo avançar para o desconhecido, sem um programma que determine *á priori* o resultado e o valor das observações procedidas.

Carl Semper não quer que se vá alem do marco assignado á zoologia pelo seu methodo, bem como pelo seu conteúdo, e quasi que no tom de Romulo — *Sic deinde, quicunque alius transiliet menia mea* — demitte da funcção de zoologo e naturalista a quem quer que onse saltar por cima da pequena muralha. Mas é

---

(8) *Der Haeckelismus*.... .. pag. 21.

licito perguntar: o proprio *darwinismo*, que entretanto o professor de Wurzburgo não rejeita, o darwinismo, por si só, não será uma transposição das barreiras *naturaes e inalteraveis* da sciencia de Cuvier? E' difficil contesta-lo. O grande reformador da biologia não subordinou-se ao *canon* recebido, ao principio do *mare clausum* em materia de methodo e conteúdo zoologico. E' sabido, e tão sabido que não me faço um merito de repeti-lo, que foi lendo, por um feliz acaso, segundo elle mesmo se exprime, a obra de Malthus sobre a população, que Darwin sentiu nascer-lhe o pensamento, da *selecção natural*. Ora este pensamento, se não é que se pretenda toma-lo por uma inspiração genial, no velho sentido mythologico do genio filho dos deuses, não foi mais do que uma conclusão, e esta conclusão não foi, ao certo, *exclusivamente* inductiva; antes porém ella apresenta os caracteres de uma legitima deducção. A lucta resultante da concurrencia dos individuos no processo puramente economico é transportado ao processo biologico propriamente dito, e d'aqui ainda por uma *successive generalisation*, como diria Whewell, o historiador da inducção, transportada aos dominios, conhecidos e desconhecidos, do mundo organico. Neste ponto, induzida a grande lei do *struggle for life*, admittida como pressupposto scientifico, era natural que se deduzisse a ideia da *selecção*. Por quanto, se na lucta universal, como em toda e qualquer lucta particular, succumbem os fracos e triumpham os fortes, a consequencia é que só aos ultimos é dado, como senhores do campo, continuar no trabalho da vida, ; e assim, de combate em combate, vão se apurando e melhorando todas as classes, de seres, que são outras tantas classes de luctadores. *Fortes creantur fortibus et bonis*. E dahi conclue-se, ainda por via de deducção, que, salvo um ou outro caso de degenerescencia ou desenvolvimento falseado, tudo que existe é uma *cousa selecta*, tudo que existe é *melhor* do que tudo *que existiu*. Mais eis que surge o espirito philosophico, e apoderando-se destes dados, raciocina e diz: se o homem de hoje é *ipso facto*

superior ao homem de hontem, se o homem historico é melhor que o homem pre-historico, não ha duvida que a humanidade, attento o seu actual estado, o incessante aperfeiçoamento dos seus attributos e o immenso espaço de tempo necessario para attingir á posição hodierna, deve ter tido uma origem muito baixa e iniciado a vida especifica, o desenvolvimento anthropomorphico, por um esboço grosseiro, do qual só o gorilla ou outro qualquer typo da aristocracia *simiana* nos pôde dar uma ideia aproximada. Isto assentado, é pois altamente provavel a descendencia do homem de alguma cousa igual ou semelhante aos grandes macacos africanos e asiaticos, que aliás bem pouco distam dos infimos exemplares da especie humana, taes quaes se mostram hoje mesmo aos olhos de mais de um observador.

Semelhante raciocinio, que conclue deductivamente, é tão cabivel na zoologia como em outra qualquer sciencia. Nem vejo razão plausivel porque tal modo de concluir deva ser abandonado pelas sciencias de observação como uma esteril aventura do pensamento, quando aliás é certo que não raras conquistas do espirito indagador foram feitas por meio desta arma. Outro não foi, *exempli gratia*, o raciocinio de Leverrier a respeito do seu planeta. Fazendo-se, por assim dizer, a psychologia da descoberta de Neptuno, vê-se que o calculo do astrónomo se reduz a esta operação logica : — uma vez admittida a lei newtoniana da gravitação, attenta á distancia em que Urano se acha dos outros corpos conhecidos e a influencia reciprocamente exercida entre elles, é deductivel que as perturbações dadas nos movimentos do mesmo Urano só podem provir de um factor estranho, que deve encontrar-se em tal ou qual região celeste ; logo é, não certo, mas altamente provavel que esse factor exista. E quasi ao mesmo tempo que a deducção chegava a este resultado, a observação por meio de Galle, confirmava-o solememente, descobrindo o planeta calculado. Qual é pois a differença entre o raciocinio do astrónomo e o raciocinio do zoologo, que de principios

admittidos deduz, como verdade probabilissima, que nelles se contem, a procedencia *pithecoïdica* do homem? No fundo, nenhuma. O zoologo tambem calcula e diz entre si : uma vez estabelecidas as leis da evolução transformistica e da selecção natural, é deductivel que o homem, em vista do seu actual estado, sahio de uma serie de estados inferiores, o primeiro dos quaes, na ordem ascencional e em relação aos mammiferos de primeira classe, não pôde ter sido se não alguma cousa de analogo aos mais perfeitos macacos ; e, pois que os factos, em vez de desmentir, concorrem cada vez mais para tornar plausivel o parentesco do homem com os *orangs*, *chimpanzés* e outros *catarhinos* conhecidos, sobe de ponto a probabilidade de que elle realmente desce de avoengos *simianos*. Esta hypothese, que tanto escandalisa os empiristas e theologos, é todavia uma hypothese scientifica, tão acceitavel como aquella outra. Só lhe falta uma cousa : é ser verificada pela observação. Mas isto será impossivel ? A que principio logico, a que lei da natureza, repugna tal verificação ? Ninguém ha que possa dizê-lo, por que tambem ninguem está no caso de assegurar-nos que não é dado á paleontologia e ethnologia poderem um dia documentar a existencia do *alali*, do *pithecantropo* de Haeckel. Aliás uma verdade presentida pelo proprio espirito popular. O povo costuma dizer que *macaco já foi gente* ; a sciencia não quer mais do que redarguir convicta que... *gente já foi macaco*. E é justamente na esperança de assentar, entre outros, este ponto, que ella avança e avança sempre, desconhecendo a autoridade de quem quer que ainda hoje pretenda embargar-lhe o passo.

## II

O professor de Wurzburg não perdôa ao seu collega de Jena o impulso dado á zoologia na direcção de regiões desconhecidas, em busca de uma solução para o problema capital da sciencia humana. A zoologia *novissima*, como

elle a qualifica, é, a seu ver, uma degeneração da verdadeira sciencia em *philosophia da natureza* ou *metaphysica*, e Haeckel o fundador desta fatal direcção.

Entretanto, é para lamentar que Carl Semper não se empenhasse um pouco mais em demonstrar as suas asserções. Não bastava afirmar que, nas mãos de Haeckel, a zoologia é uma metaphysica, ou antes uma dogmatica de novo genero, que se impõe à fé, não menos do que qualquer doutrina ecclesiastica; importava, antes de tudo e mais que tudo, iniciar o leitor profano nos mysterios dessa logica particular, pela qual ás sciencias de observação só é permitido tirar a somma dos factos observados, nunca porém fazer, sequer, uma ligeira conjectura ou, por assim dizer, sacar uma hypothese por conta do futuro e do progresso scientifico em geral.

Mas isto é um perfeito engano. A sciencia de hoje não póde, como pretendem Semper e os demais empiristas resignar-se a ser simplesmente uma addição dos factos. Ella é, sim, uma somma de observação e experiencia, mas uma somma *potenciada* pela reflexão, ou um montão de ossos animado pelo sopro *ezequielico* do espirito philosophico. Se os dados da observação não são multiplicados pelo raciocínio, a sciencia reduz-se a um mero trabalho de descripção e classificação, a um esteril processo logico, que póde bem constituir um entretenimento para o observador, mas é de pouca ou nenhuma vantagem para a intuição do mundo. Haeckel mesmo já o disse, e com toda a rasão: «Quem hoje ainda considera a historia do desenvolvimento como *sciencia puramente descriptiva* (uma *contradictio in adjecto*), quem hoje ainda não conhece a distincção a fazer entre *saber* e *sciencia*, entre *noção* e *conhecimento*, não tem direito de fallar no meio dos representantes da verdadeira sciencia, e mesmo na historia do desenvolvimento só vae atrás de entreter a alma e os olhos, não em busca de alvos realmente scientificos» (9).....

E estes alvos realmente scientificos acham-se na verdade em tal altura, que elles se confundem com os

---

(9) *Ziele und Wege...* pag. 4.

alvos philosophicos, mas não desdizem do character da sciencia. Uma zoologia, como quer Semper, unicamente encarregada de estudar, isto é, de *descrever* a fôrma material e os phenomenos vitaes do corpo animal, e que por tanto nada explica, nem tenta explicar, fica sendo apenas um pedaço, se assim posso exprimir-me, de fria estatistica da natureza, uma cousa rude e quasi sem proveito. Não valera a pena cultivar tal sciencia, desde que fosse peremptoriamente decidido que não lhe compete ir alem dos velhos dominios conhecidos, que só lhe é dado caminhar de dia, no pleno dia da observação empirica, nunca porém entrar pela noite, por mais clara que ella se mostre, a noite das conjecturas, dos altos presentimentos, dos rasgos divinatorios, e quaesquer que sejam as chanças de tudo isto ser alguma vez confirmado.

Eu creio que Semper mesmo, por uma feliz inconsequencia, não está longe deste ponto de vista. Elle diz expressamente : «Uma comparação transcendental, ou uma interpretação metaphysica da fôrma do corpo humano não tem character scientifico ; mas a tentativa de explica-la em sua actual perfeição e completo afastamento de outras, por meio da hypothese de um successivo proceder de mais simples fôrmas animaes, é rigorosamente zoologica, sem ser com tudo metaphysica.....» (10)

Se isto porém não é um pouco semelhante ao grito do camponez allemão : *viva a republica, e o nosso duque tambem*, confesso não saber o que seja. Essa hypothese (*Annahme*) de uma successiva procedencia de fôrmas inferiores tem muito de parecido com o desenvolvimento morphologico, no sentido *haeckeliano*, e não está menos exposta ao reproche de sonho metaphysico, uma vez que por tal se deve entender tudo aquillo que não é dado pela observação, nem adquirido pelo rigoroso methodo inductivo. E dest'arte bem poder-se-hia dizer que o nosso zoologo tem de commun com os positivistas francezes, progonos e epigonos, a mania de atacar a metaphysica

---

(10) *Der Haeckelismus...* pag. 17.



com o mesmo calor, com que se costuma defender um privilegio. (11)

Eu não estou longe de adoptar a opinião de A. Spir, que considera a metaphysica como uma *doença espiritual*, impossivel de curar-se por meio de argumentos (12) se bem que o mesmo Spir não se mostre de todo isempto do mal diagnosticado. Mas dá-se com esta doença o mesmo que, na esphera da physio-pathologia, dá-se com as molestias epidemicas: a diagnose, que não é mais do que uma operação logica, pela qual se prende o particular ao geral, perturba-se em seus calculos, tomando muitas vezes a semelhança pela identidade, ou confundindo a relação de tempo com a relação de causa, e a final só julga pelo schema da *epidemia reinante*, phenomenos que com ella nada têm que ver. Bem entendido, isto succede a medicos ignorantes, como são-no igualmente todos aquelles que andam topando a cada instante com o espectro da *metaphysica* e pondo de lado, como futil e indiscutivel, mais de uma questão scientifica e digna de ser meditada.

Não dissimulo, nem hei mister de dissimular que o abuso da especulação desnortea os espiritos e leva-os ao ponto de pretenderem descobrir Deus e muita cousa mais no fundo da chamada rasão humana, da mesma fôrma que o povo crê com todo o serio ver claramente no disco da lua o cavalleiro S. Jorge. Mas este facto, que é incontestavel, não dá direito a condemnar-se toda e qualquer especulação, sujeitando a intelligencia a uma especie de póda, que acaba por deixal-a esterilizada e incapaz de novos rebentos. *Est modus in rebus*. A isto prevalecer, e a repellir-se como anti-scientifico tudo que excede a estreita medida experimental, o resultado é que a logica mesma, com seus principios e suas leis, não passa de uma metaphysica, pois que essas leis e esses principios não são dados immediatos da observação, e as proprias consequencias que

---

(11) E' realmente singular:—os positivistas fazem uma guerra de morte ao transcendentalismo e todavia não cançam de repetir a todo proposito as expressões cabalisticas de *mentalidade*, *evolução* (por elles mal entendida), *lei dos tres estados*, *sociolatria* e outros inuitos estribos da seita!...

(12) *Denken und Wirklichkeit*. I. 6.

se costumam tirar de taes ou quaes premissas, não têm, não pôdem ter valor perante a sciencia positiva, a qual só se nutre de factos. Mas isto é cousa que se eleve seriamente á altura de uma questão, mesmo pequena, porém capaz de ser discutida? Certo que não. Nem o zoologo de Wurzburg, com todo seu empirismo, quereria ver assim entendida a sua estreita doutrina, posto que seja indubitavel que a methodologia empirica, praticada com coherencia, não poderia chegar a outros resultados, se a coherencia se fizesse notar em maior dose nos trabalhos da escola, a que pertence Carl Semper.

Entretanto, vejamos ainda algumas outras ponderações do acanhado naturalista. « O haeckelismo, diz elle, que bem quizera fazer da zoologia uma philosophia da natureza, carece naturalmente de uma resposta para a questão de saber-se, como foi que surgiu a vida organica em geral. Essa resposta deve ser dada pela *theoria do carbonio*; a sua precipua e unica asserção é que o carbonio deve ser a materia plastica, a materia formadora de todos os corpos organicos, pela rasão de ser encontrada em todos elles. Mas nesse ponto a theoria ignora a existencia de outra hypothese, segundo a qual a vida que se expande na terra procede de germens organicos de outros corpos do universo, que cahiram sobre ella bem antes da existencia de toda e qualquer vida terrena, em uma primitiva época geologia; a theorica não apresenta uma só propriedade do carbonio, capaz de explicar a fórma organica como tal; antes esquece que a vida dos organismos não repousa na fórma, que esta, pelo contrario, segundo toda verosimelhança, é um producto da vida mesma »... (13)

Eu não sou nenhum zoologo de profissão, nem tenho, como tal, o arrojo de pizar, sem descalçar-me, o terreno sagrado da sciencia alheia; mas quer-me parecer que as palavras, que acabo de citar, dão sómente testemunho de uma profunda e lastimavel fraqueza. Bem consideradas, ellas encerram pouco mais do que a repetição de uma antigualha, e esta sobremaneira futil e banal. Antes de

---

(13) *Der Haeckelismus*... pag. 29.

tudo: . . . « a vida dos organismos não repousa na forma » . . . Sim? Em que santo livro está isto escripto? Carl Sempër não terá a coragem de nos propôr semelhante frioleira como uma novidade. Mais ainda: . . . « a forma é um producto da vida mesma » . . . Mas quem diz isto? Justamente os que recorrem a essa hypothese, para dar ganho de causa a uma idéa preconcebida. E eu que pensava que o *vitalismo organico*, ao menos no sentido em que agora o vejo de novo mencionado, já tinha morrido de velhice! . . . Enganei-me. O nosso zoologo julgou-se, ainda autorisado a repetir-nos que a fôrma dos organismos é um resultado da vida. Mas que é a *vida*? Qual o valor dessa *incognita*, que se nos dá como anterior e superior á toda organização? Não será aqui então o caso de dizer com Carus Sterne: *no principio era o carbono*, e de voltar, por tanto, *nolens volens* á theoria de Haeckel? São perguntas, que aventuro, sem a minima pretensão de competencia para fazel-as; porém não posso resistir ao demonio que m'as inspira, e que senão é o demonio socratico, é certamente o demonio aristophanico zombeteiro e escarnecedor da parvoice dos sabios.

E' uma cousa, entretanto, que me parece bem simples: se a vida não repousa na fôrma, se esta não é uma condição daquella, o que equivale a dizer que não concorre de modo algum para o exercicio normal das funções vitaes, o resultado é que existe completa indifferença entre a morphologia e a physiologia ou antes que a morphologia, não passa de uma sciencia puramente nominal, um jogo artistico, um brinquedo de palavras. Mas é superfluo accrescentar que este ponto de vista é atrazado. E não é mister grande esforço para comprehender-se que a vida em geral, inclusive a propria vida psychica, assenta em condições morphologicas, que não podem ser eliminadas sem que se dê tambem a eliminação da vida mesma. Se a fôrma pesasse tão pouco na balança da economia organica, seria incomprehensivel, já não digo a causa, mas simplesmente o modo, porque não só a morte se acha ligada á atrophia e hypertrophia de certos órgãos, como tambem a intelligencia, a elevação de espirito prende-se regularmente a craneos largos, a

cabeças bem conformadas e *vice-versa*. Para fazer conhecer a estupidez de Thersita, Homero lhe dá um corpo contrafeito e uma cabeça disforme, ao contrario do que pratica com seus heróes e seus deuses, a quem elle sabe dar uma configuração magestosa e imponente.

« A vida não repousa na fôrma » sim, senhor ; mas a fôrma é um supporte da vida, considerada em qualquer das suas manifestações. O celebre Börne disse uma vez que o espirito humano passaria por uma transformação monstruosa, de que não temos nem sequer um leve presentimento, se o circulo da sua efficacia se alargasse consideravelmente. E depois do grande allemão disse tambem o medico francez Reveillé-Parisse que, se a divindade fizesse de repente ao homem o magnifico presente de um accrescimo de substancia cerebral, espanta imaginar a que gráo chegaria a intelligencia humana ; nem ha duvida que o nosso systema actual de conhecimentos seria inteiramente transformado. Mas o que viria a ser um accrescimo de substancia cerebral, ou mesmo um alargamento do circulo da efficacia do espirito, se não em ultima analyse, uma alteração de relações morphologicas no organismo humano ?

A morphologia, quer como sciencia das fôrmas desenvolvidas, quer como historia do desenvolvimento das fôrmas que vão surgindo, segundo o duplo sentido haeckeliano não está no caso, eu concordo, de dar uma explicação satisfactoria do grande phenomeno da vida ; porém tão pouco e ainda menos se acha em taes condições a zoologia empirica de Semper, e consortes. Dir-se-ha que isto não é um argumento, attento a que Semper nem os outros empiristas se occupam daquelle problema. Não contesto. Mas tambem Haeckel nunca se propoz tão ardua tarefa, no sentido que lhe attribuem os seus adversarios. Assim, quando o zoologo de Wurzburg o accusa de não ter uma resposta para dar á *questão da vida* e de supprir esta lacuna com hypotheses gratuitas, chegando até, por amor da theoria, a crear um reino especial, o reino dos *protistas*, só se lhe pôde redarguir com as perguntas que Haeckel mesmo dirigiu a Alexandre Goette: « onde foi que eu affirmei uma creação dos primeiros organismos ? Todo

o sexto capitulo da minha—*Generelle Morphologie*—não tem por alvo banir da sciencia o conceito sobrenatural da *creação*, e substitui-o pelo conceito natural do *desenvolvimento*? Ou onde jamais fiz eu os primeiros organismos sahirem de uma só vez, perfeitos e acabados, de elementos anórganos?...»

E estas perguntas seriam, a meu vêr, sufficientes para desbaratar mais de metade das criticas e arguições de Carl Semper, que commette em grande escala o mesmo erro de Goette. (14)

Não fica ahi. O critico de Haeckel ainda foi infeliz em outros pontos da sua censura. Por exemplo: elle increpa o celebre professor de Jena pelo facto, vêde bem o grave delicto, pelo facto singularissimo de tornar a estrutura da sua doutrina, com cada novo volume que publica, mais completa, mais arredondada e segura. Mas onde estão fundamento de semelhante critica? E' por ventura defeso á sciencia tratar de aperfeiçoar-se? Ou faz parte do seu destino nunca poder exprimir-se resoluta e confiadamente sobre os assumptos de sua competencia? Não atino com os motivos de uma accusação de tal ordem.

A despeito de todos os esforços em contrario, a doutrina de Haeckel ou o *haeckelismo*, eu acceito o nome, apoderou-se dos espiritos, que não tem medo de pensar. Os ataques dos seus contendores propendem de dia em dia para cahir no ridiculo, do qual não os salva a sua sciencia incontestavel, mas tambem já um pouco prejudicada. Possa o valente professor de Jena continuar, ainda por muito tempo, a instruir-nos e illuminar-nos.

---

(14) Não confundir este Götte com o divino poeta Göthe. (N. de S. R.)

### III

## A influencia do salão na litteratura

### I

Este assumpto não é novo, nem eu pretendo dal-o como tal. Bem entendido, não é novo em outros circulos; porém não contesto que seja novissimo entre nós. Em sua importante *Historia da litteratura do seculo XVIII*, já Hermann Hettner, illustre nome não sabido das loquaces bocas dos belletristas da terra, consagrou algumas paginas á apreciação do muito que os salões contribuíram para o aperfeiçoamento das lettras francezas naquelle tempo. (1) Sem fallar de outros, que trataram do mesmo thema, basta lembrar que uma das mais bellas partes da grande obra de Taine sobre as origens da França contemporanea, é justamente a parte dedicada á descripção pinturesca do movimento do salão e do impulso que elle dava á vida espirital da nação, posto que, importa declaral-o, o celebre escriptor exaggerasse, como de costume, as dimensões do seu objecto, e o salão represente no indicado livro o mesmo papel que a *faculté maitresse* em livros anteriores, apparecendo em todas as scenas para explicar e dar a razão de tudo.

Não seria eu pois quem viesse fazer de novo aquillo que está feito e muito bem feito. Mas isto não quer dizer que seja um trabalho inutil ou superfluo para os meus leitores entrete-los por alguns instantes com semelhante materia, que não deixa de ser sympathica e attrahente.

O salão, como conceito historico-litterario, é um producto legitimamente francez, mas um producto menos devido á propria indole e character do povo, do que ás

---

(1) *Literaturgeschichte*... 1. 2. pag. 283.

ideias e tendencias de uma época. Pelo menos, e sabido que o primeiro momento evolucional de tal instituição não germinou em uma cabeça franceza, porém em uma italiana, e esta de uma mulher, a famosa marquiza de Rambouillet. Descendente, pelo lado materno, da familia dos Strazzis, motivo por onde ella era ainda aparentada com as duas rainhas de França, Catharina e Maria de Medicis, a bella e intelligente Catharina de Vivonna de Pisani casara-se na idade de 16 annos, em 1600, com o marquez daquelle nome. O hotel Pisani que ella herdara de seu pai, e que era situado entre as *Tuilherias* e o *Louvre*, recebeu então o titulo de hotel Rambouillet, e, como ponto central da convivencia espiritual dos mais significativos personagens do tempo, attingiu a uma alta celebridade. De Roma, sua cidade natal, trouxera a joven senhora o gosto das bellas artes, principalmente da pintura e esculptura, e fizera adornar o seu palacio com as obras dos mestres mais afamados. Era ahi a sêde das musas e da sciencia. Afastada da côrte corrupta de Henrique IV, a marquiza procura os prazeres da vida em uma sociedade de nova especie. Principes de sangue, mulheres virtuosas e cultas, das classes mais elevadas, sabios, poetas, escriptores, Malherbe, Corneille, Balzac, St. Evremont, Scarron, Mad. la Fayette, Madeleine Scuderi e a espirituosa Marie de Sevigné — eram hospedes frequentes do hotel Rambouillet (2). A conversação era scientifica, politica, litteraria, e ao mesmo tempo graciosa e elegante. Qualquer expressão aspera, qualquer palavra até que fosse innocente em si, mas encerrasse um conceito baixo, era banida da sociedade. Alguns sabios e litteratos, temendo que as suas reuniões, posto que muito attractivas, não fossem bastante cheias de succo, tiveram a ideia de discutir em commum questões litterarias e linguisticas; e assim foi lançada a primeira pedra para a fundação da Academia franceza. Durante decennios a

---

(2) E' caracteristico do tempo, que Bossuet, nos seus 16 annos, entrando tambem na sociedade, fosse uma vez, e em horas avancadas da noite, convidado para pregar, o que elle satisfez, improvisando um sermão !...

marqueza de Rambouillet empunhou o sceptro do espirito, como soberana desse pequeno Estado da intelligencia e do saber. Posteriormente, porém, outras mulheres de talento receberam a herança da marqueza. Deu-se-lhes o nome de *Précieuses*, porque seus admiradores achavam-nas tão sublimes, que nenhum outro adjectivo parecia mais convir-lhes. E tão alto era o seu apreço, que Molière mesmo respeitava-as ; com as suas *Précieuses ridicules* elle só teve em mira zombar das epigonas e imitadoras ridiculas. Em pouco tempo o numero das *Preciosas* subiu a perto de 800, que dividiram-se em diversos circulos. Estas polidas e elegantes francezas, a despeito dos rigores da etiqueta, admittiam toda a liberdade, que era favoravel á cultura espirital, e excluïam sómente aquillo que a virtude e a decencia não deviam tolerar. O esforço de alguns escriptores, a sociedade e as mulheres, que sempre governaram onde a sociedade governa, predispozeram áquella maneira de fallar clara e concisa, que até hoje tem permanecido como a lingua da pura e perfeita prosa. (3) As *Précieuses* deram assim ao estylo um impulso extraordinario, ajudando a cultiva-lo e aperfeiçoal-o, não só pelo que ellas mesmas faziam, mas tambem pelo cuidado e interesse que despertavam nos outros.

Entretanto releva dizer : qualquer que tenha sido a benemerencia litteraria do *hotel Rambouillet*, elle não foi mais que um ensaio daquillo que mais tarde devia manifestar-se em grau superior. O salão da celebre italiana, posto que de incontestavel influencia sobre a vida litteraria de então, não podia ter todavia o alcance politico e social, que depois tiveram os circulos do mesmo

---

(3) Isto não quer dizer que só os francezes, segundo elles mesmos parecem crer, saibam fazer boa prosa. A elles cabe, é verdade, o merito da prioridade, no que respeita á prosa moderna ; mas hoje é uma tolice entender que nenhuma outra nação possui igual predicado. Em toda a litteratura franceza deste seculo, aliás tão rica de prosadores perfectos, não conheço um só, nem mesmo Ernesto Renan, que seja comparavel, por exemplo, ao allemão Theodoro Mommsen, cujas graças stylisticas são tanto mais admiraveis, quanto elle não tem á sua disposição uma lingua feita, uma lingua que pensa pelo escriptor. Dir-se-hia que em suas mãos o marmore da lingua allemã se transforma em cera, que se adelgaça e afeiçoã a capricho da sua sciencia e da sua imaginação. E Mommsen não é o único. Lêde ainda, por exemplo, de um lado Aug. Thierry, e de outro lado L. Ranke, e dizei-me depois se sou exagerado.



genero. Alem de que a França, nesse tempo, não era ainda a directora da civilisação européa; accresce que a propria litteratura permanecia aristocratica e limitada a um bem pequeno numero de eleitos. Os dias do *ancien régime* ainda não estavam contados, nem os espiritos presentiam a vinda de uma nova era. Fazia-se mister que a realêza chegasse, com Luiz XIV, ao ponto culminante do seu desenvolvimento, para tomar tambem, logo após, a direcção do abysmo, com a rapidez de uma pedra que rola do alto de uma montanha. Era preciso, em uma palavra, o apparecimento de uma força nova, creadora e destruidora ao mesmo tempo, que despertasse no povo o tedio da propria vida e a aspiração do melhor. Essa força appareceu, representada e encarnada em homens e mulheres, que ensaiavam nos seus salões o prologo do grande drama que devia dar-se nas ruas.

E foi então que o salão elevou-se á altura de um poder social, influindo directamente sobre as letras e, por meio destas, sobre o espirito nacional. « O que nós actualmente, diz Karl Frenzel, o que nós actualmente, chamamos *sociedade culta* e *opinião publica* é um invento dos francezes na época do *rococo*. Alguns circulos consagrados unicamente aos labores do espirito deve ter havido em todos os tempos, entre todos os povos de uma cultura mais ou menos adiantada. De bom grado representamos pela fantasia, com cores pomposas, a casa de Aspasia, a *villa* de Mecenas, o palacio de Medici, como asylo das musas e das graças. Mas quão diminuto era o numero dos que ali se reuniam ! A luz do espirito, que sahia de tal meio, devia ao longe e ao largo lançar seu brilho no futuro ; immediatamente porém, quão estreito era o espaço que ella esclarecia ! A perfeita antithese disto foi o influxo dos salões parisienses, dos chamados *bureaux d'esprit*, no seculo passado. Para a posteridade, mais apparencia fulgida, do que calor, tal como uma chuva *d'etoiles filantes*; para os contemporaneos, um grupo de sóes, que suscitaram um viver *sui generis*, de côres variadas, e que assim conservaram-no por longo tempo»...(1)

---

(1) *Renaissance und Rococo*, — pag. 2)8.

E no pensar deste mesmo ensaista, duas foram as causas que produziram taes sociedades e fizeram-nas centros de todos os interesses espirituaes: o vôo do *escriptorismo* ou da nova classe dos chamados escriptores publicos, com o qual coincide a decadencia da arte ideal, e o surgir do *terceiro estado*, com que tambem coincide a queda da côrte, quer no poder, quer na dignidade. Dest' arte a litteratura fez-se a propugnadora de ideias novas. A intima necessidade, que a impellia a assumir tal posição, associaram-se circumstancias externas; para os escriptores tornara-se não só mais glorioso, como mais proficuo, fazer guerra á desordem e á corrupção existentes na Igreja e no Estado. Cada vez mais desaparecia a possibilidade de celebrar com decencia o rei e sua regia vida, como Boileau, Racine e Molière tinham glorificado as victorias e as festas de Luiz XIV; e ao mesmo tempo a côrte cessara de ser um publico agradecido. Neste meio surgiram os celebres salões do seculo XVIII em França, dos quaes o primeiro foi o de madame Tencin, mãe de d'Alembert, e á cuja frente figuravam, pela mór parte, mulheresque, como disse humoristicamente Voltaire, tinham sempre a seu lado dois ou tres escriptores como ministros.

## II

Em todos os tempos, o poder da mulher como beleza, da mulher como alma, que está... *ubi amat*, se fizera sentir de um modo despotico e irresistivel. Mas a mulher como espirito, a mulher como intelligencia, pensando, discutindo, criticando ao lado do homem, e sendo ouvida de uma sociedade inteira, foi então que deu a conhecer a força do seu encanto. Ninguém ignora qual foi, por exemplo, a influencia do *hetairiato* na Grecia; e eu, por minha parte, não hesito em declarar que preferia hoje mesmo conversar meia hora com Phryné ou Lais a entreter-me largamente com a baroneza de *tal* ou a viscondessa de *qual*, onde o vicio não tem attractivos, ou a virtude é demasiado plebéa. Sem me dar ao trabalho de indagar, de que natureza eram as relações entre os

homens cultos de Athenas e a bella milesiana, discipula de Anaxagoras, nem de buscar saber se a sua reabilitação historica por esforço de Adolf Schmidt não é do mesmo quilate que a reabilitação de Tiberio por Adolf Stahr, ou a de Lucrecia Borgia por Gregorovius ; ou fosse ella uma *hetaira*, ou simplesmente uma *sophistria* (5), o certo é que o circulo da sua acção foi muito limitado. Alguma cousa de semelhante, mas não talvez de tão significativo, como o circulo de Stael em Coppet.

Na época do renascimento, e no seio mesmo da aristocratica Venesa, historiadores e chronistas nos dão testemunho do quanto a mulher concorreu, com a sua quota de olhares, de seducções e de beijos, mais preciosa que a quota de luz com que o sol contribuia, para a formação das genialidades. As deusas da belleza, as *Floras*, de Ticiano, eram copiadas ao vivo do modelo das Franceschinas, das Anzelas Zaffetas, das Perinas Riccias, das Brancas Capellas.... todas pertencentes, é verdade, ao *demi-monde* de então, mas todas dominando e dirigindo, por seus predicados, o espirito de grandes homens. Porém era sempre a mulher funcionando como espectadora, não como actora, no theatro da vida intellectual.

Não assim, quanto aos *bureaux d'esprit* do seculo XVIII. Foi ahi que a mulher, pela primeira vez, introduziu-se na sociedade, e transformou a arte, a litteratura e a propria vida social. Já de ha muito, nas festas, nos bailes, em todas as occasiões solemnes, proclamada rainha por graça de Deus e de seus bellos olhos, por amor de seus encantos, visiveis e invisiveis, a mulher não tinha sido comtudo até então mais do que uma soberana estrictamente constitucional : *reinava e não governava*. Para que lhe ad viesse o governo espirital da sociedade, era mister uma disposição do tempo, exclsivamente litteraria; era mister um crescido numero de cabeças activas, zelosas, mas tambem mediocres, que ao envez do que praticam os grandes espiritos creadores, não produziam só comsigo e com seu genio, mas procuravam animação para seus planos, e sempre estavam dispostos a se fazerem satellites de uma dama,

---

(5) A. Schmidt. *Epochen und Kastastroph:n*, pag. 95.

que mostrava gosto e dedicação pela sciencia ou pela arte. Ao que releva accrescentar: sómente na França podia dar-se tal inversão na pratica da vida social. Os francezes são sobretudo uma raça de conversadores. Um d'entre elles, e não dos menos notaveis, já o disse francamente: Nous méditons peu, mais nous causons beaucoup, et la conversation excite autant l'esprit que le fêrait la méditation. La causerie, quand elle est bonne et entre gens qui se valent, a même cet avantage sur la méditation, qu'elle est plus exigeante et oblige l'esprit à plus d'efforts (6).

Aqui ha sem duvida alguma cousa de hyperbolico e inexacto neste modo de apreciar o talento da conversação, mas resta sempre uma parte de verdade, que tem seu peso. E' uma caracteristica do espirito francez, tanto mais completa, quanto é feita em poucas palavras, e estas escriptas com o intuito, menos de uma critica, do que de uma apologia. Sim, Saint Marc Girardin tem razão: os francezes meditam pouco, porém conversam muito, e só n'um meio social, onde a loquêla se eleva á altura de uma arte familiarmente praticavel, como a do *canto* ou da *dança*, poderia desenvolver-se uma influencia directa da mulher sobre as letras.

Essa influencia se fez realmente sentir. Ella pôde ter sido, sob este ou aquelle ponto de vista, desvantajosa e fatal; porém no todo, encarada em sua complexidade, é indubitavel que foi um avanço do espirito, uma phase evolucional da cultura humana. E não deixa de ser bem digno de nota que justamente no momento, em que os membros da primeira assembléa constituinte, em maio de 1789, se reuniam em Versailles e Paris, fechavam-se os salões. E' que o salão, como uma especie de instituto exclusivamente social, nada tinha que ver com a politica

---

(6) Não é fóra de proposito, diante deste hymno á garrulice, entoado por um francez, lembrar que para Goethe, uma das mais bellas encarnações do espirito germanico, a *arte da conversação* era a autithese perfeita da *arte da educação*; pensamento este que Hermann Hettner (*Literaturgeschichte* 1. 2. pag. 289) interpreta no sentido de ser a conversação prejudicial, por nella entrar em maior escala o humorstico e espirituoso do que o fundamental e scientifico.

activa, deixava que esta viesse edificar no terreno, para cujo preparo elle havia concorrido.

Seria impossivel enumerar todos os circulos e sociedades litterarias que existiram por aquelle tempo. Mas pode-se indicar, pelo menos, seis que tiveram para a litteratura uma significação real: o de M<sup>me</sup> Tencin, cujo patrimonio passou ao salão de M<sup>me</sup> Geoffrin, o da Marqueza du Deffand, de M<sup>lle</sup> Lespinasse, de M<sup>me</sup> Helvetius, e o salão de Holbach. Claudina Tencin foi a primeira, que reuniu em torno de si, com uma certa regularidade, homens cultos e illustrados. Fontenelle e Montesquieu eram os principaes apoios do seu salão. Ao publicar-se o *Espirito das leis*, ella comprou duzentos exemplares, que distribuiu com os amigos; e ficava pouco satisfeita, quando aquelles, que a frequentavam, não fallavam no livro, que ella protegia. Duas vezes por semana dava grandes jantares, em que tomavam parte não menos de cem convivas.

E este phenomeno foi se repetindo nos outros centros, que se iam formando, de movimento e vida intellectual. Do salão da Geoffrin, por exemplo, sabe-se que eram *habitués* homens como d'Alembert, Raynal, Helvetius, Galiani, Marmontel e Diderot. Um documento evidentissimo da sua influencia, é que, quando Geoffrin, no anno de 1766, visitou em Varsovia o rei Estanilau, a nobreza polaca recebeu-a triumphalmente. Tambem na côrte de Vienna obteve ella as maiores distincções, e em S. Petersburgo a imperatriz Catharina convidou-a para jantar com sigo.

Tudo isto é esplendido e grandioso, mas tambem caracteristico do espirito de uma época. E sómente de uma época, não porém do espirito particular de um povo. A prova é que o salão, como elle se constituiu e funcionára no seculo XVIII, foi incapaz de desenvolvimento. Os circulos de caracter similar, que posteriormente appareceram, como os da Stael e da Recamier, os circulos berlineses da Herz e da Rahel, já foram cópias do velho modelo. Surgiram novas relações no mundo social, a litteratura tornou-se pensativa, e os *bureaux d'esprit* sumiram-se como as

estrellas que se apagam ao clarão do amanhecer. O actual Pariz mesmo, com todas as suas pompas, com todos os seus thesouros de delicias, nada offerece entretanto, que se possa chamar uma continuação ou ao menos uma nova forma dos salões do seculo passado. Dir-se-hia que a prosa dos parlamentos veio substituir a poesia daquelles *diners e soupers* philosophicos ou artisticos, conforme eram dados a artistas ou a philosophos, e arrancar da mão das mulheres o sceptro do espirito, que ellas tinham por tanto tempo divinamente empunhado. A reacção catholico-monarchica, que inutilisou mais de um provento salutar da revolução, teve tambem este mau effeito; pôz o salão a serviço da Igreja; e aquellas grandes almas femininas, que cultivavam, como uma flor, a liberdade do pensamento, não foram até hoje substituidas por outras de igual grandeza, mesmo porque a sociedade moderna, de accôrdo com o *canon* recebido, relega-las-hia para a solidão das *precitas*, ou das *emancipadas*, como se diz em phrase orthodoxa.

O seculo XIX não fez render, é verdade, o capital accumulado pelo seculo que o precedeu. A influencia do salão sobre a vida nacional, no ponto de vista litterario, deixou-se reduzir por certo a um *minimum* insignificante que não occupa lugar proprio na historia da litteratura dos paizes cultos, se antes não é que o salão, tal qual existiu na epoca do *rococo*, o salão organizado e sempre dirigido por uma mulher, d'onde aliás as outras mulheres eram arredadas, tornou-se uma cousa inteiramente desconhecida (7). Mas isto não quer dizer, e aqui está o alvo principal do presente escripto, não quer dizer que o salão, como temo-lo actualmente, menos brilhante, talvez, porém tambem menos exclusivo e limitado a uma certa ordem de ideias ou de pessoas, que as representem, seja destituído de qualquer influxo proveitoso ao espirito litterario.

---

7) Este phenomeno é singular:—nos salões de Tencin, Geoffrin, Quinault e as demais, não havia outras mulheres se não ellas mesmas, cada uma no seu dominio. Só a Marqueza du Deffand abriu uma excepção a respeito de Julia Lespinasse; teve porém de arrepender-se pois que esta ultima lhe foi infiel.

Infelizmente porém também é verdade que, no que tóca em particular á sociedade brasileira, a vida do salão ainda é uma cousa amorpha e indecisa, se não antes uma cousa anomala, cuja influencia, dado que se fizesse sentir, seria, em geral, mais entorpecedora do que favoravel á expressão das ideias. Um *homem de salão* e uma *mulher de salão*, no sentido usual da palavra, são duas grandes banalidades, que não deixam todavia de ter o seu lado interessante, o lado comico e risivel. O canto e a dança, o jogo e a maledicencia, são ainda por ora as unicas, ou ao menos as occupaões preponderantes do *salonismo* brasileiro. Invento a expressão para mais accentuar a estranheza do conceito. O que entre nós se conversa, é sómente por amor da propria conversação, que deste modo, como alvo de si mesma, não como meio de um fim superior, torna-se puro ruido e fumaça inutil. Em um accesso de orgulho nacional, Mme de Staël disse: a conversação como talento só existe em França. Póde ser. Mas uma cousa é igualmente certa, ou pelo menos provavel: a conversação como vicio só existe no Brasil.

A guerra, a politica, os partidos, a ambição, o luxo, a moda, diz Emerson em sua linguagem imaginosa e poetica, tudo isto, são burros carregados de cestos cheios de flores e fructos, para o serviço da meza do rei *espírito*. Mas esse rei, quanto a nós, é alguma cousa de messianico: estamos a sua espera. A politica, os partidos, o luxo, a moda, a ambição e todos os mais asnos ou camélos, que formam a régia caravana do espirito, são, entre nós, outros tantos senhores absolutos do entretenimento, onde aliás o mesmo espirito só brilha pela ausencia.

Karl Frenzel diz que nos salões do seculo XVIII em França, um Kant seria tão impossivel, como um Shakspeare. Nos nossos circulos, porém, é que mais exactamente um Shakspeare ou um Kant faria a impressão de uma peça de artilheria no *boudoir* de uma moça. Em parte nenhuma o homem tanto se parece com o animal que se nutre de palhas, como entre nós, nos fócios aristocraticos da nossa sociedade, onde o homem se nutre do bagatelas. E' certo que

a mulher brasileira não se oppõe á lei commum pela qual á chamada bella metade do genero humano foi outorgado com largueza o dom da conversação; e posto que della não se possa dizer o que Shenstone disse das francezas, que são capazes de arrancar faiscas de intelligencia até da cabeça de um sandeu, não obstante, seria injusto supôr que nenhum proveito ha a tirar do commercio mental com o sexo amavel. Mas tambem é fôra de duvida, ainda que bem contristador, que muita bocca de rosa não poucas vezes se entreabre, para deixar sahir, de envolta com as graças e perfumes da belleza, o almiscar da tolice. Coleridge chamava as mulheres cultas de seu paiz—as zeladoras do *puro inglez*. Não podemos orgulhar-nos de possuir um semelhante *vestalato* da lingua. Comtudo, insisto em crer que, para um espirito alado, para um espirito com *grandeza*, ha menos perda de tempo e mais occasião de excitamento intellectual, conversando em um salão, no meio mesmo de um grupo de *ingenuas*, do que assistindo, por exemplo, a qualquer sessão das nossas grandes ou pequenas assembléas parlamentares. Quanto ao mais, mera questão de gráo cultural.

A influencia do salão, que é synonima da influencia da mulher, não sendo perturbada por factores estranhos, é em todo o caso uma força civilisatriz, um elemento poderoso da vida espiritual.

---



## IV

### Traços sobre a vida religiosa no Brasil

Março de 1881

#### I

Ha cerca de tres annos que escrevi as seguintes palavras, cuja verdade ainda conserva, aos meus olhos, o rescor do primeiro momento que aliás em muitas outras é enganoso e passageiro. « Não ha, disse eu, não ha razão sufficiente, maxime entre nós, para ter-se a religião como dispensada do seu mister de *illudir* e *consolar*. Ainda por muito tempo, e quem pôde assegurar que não sempre? o organismo social terá funcções religiosas, e carecerá para ellas de órgãos especiaes. Emquanto o homem, encontrando neste mundo sómente durezas, injustiças e misérias, crear-se pela fantasia um mundo melhor, uma ilha encantada, onde elle irá repousar das fadigas e enjões da existencia, a religião será, como até hoje, um factor poderoso na historia das nações. » (1)

Apadrinho-me logo em principio com estas linhas, que tudo podem conter, menos um manifesto de intuição *atheistica*, para que, no correr do presente artigo, não se receba em máo sentido a expressão de certas verdades, nem se me ponha á conta dos *impios* de profissão, inscrevendo-se o meu nome no livro dos condemnados.

E importa ainda notar: as palavras que citei não são fios vermelhos que se destaquem da côr geral do meu pensamento em materia religiosa. Já muito antes, a proposito de assumpto analogo, e combatendo as idéas de Vacherot, eu tinha escripto : « Dizer que a religião não

---

(1) *Um discurso em mangas de camisa*, pag. 33.

tem raizes profundas no mais intimo da alma humana é uma calumnia psychologica. Se porque o estado religioso de alguns espiritos pôde attenuar-se a ponto de parecer nullo, dahi se deduz que elle é provisório e não corresponde a uma faculdade permanente, não seria injusto assegurar tambem que o estado philosophico é da mesma natureza, porque vemol-o muitas vezes tornar-se vagamente indeciso e perder-se nos vapores de mysticas visões... E' certo que não pertencemos ao grupo dos que pensam que o passaro a quem se cortam as azas não pôde mais viver, ou que a alma de quem se tiram as esperanças e bellas perspectivas de alem-tumulo perde por isso as forças e rola no abysmo da abjecção e da miseria. Este insulto que se faz á razão e á liberdade, julgadas incapazes de abraçar a virtude por si mesma, quando não se lhe deixa cahir no seio um titulo de debito pagavel em outro mundo; este suborno hediondo, praticado em nome de Deus, é a mais viva prova da tacañice humana, é a theoria do *ganho transcendental*. Não a discutimos, desprezamos-a. Mas tambem não podemos admittir que a philosophia venha podar estes lances primitivos, estas primeiras folhas do coração, como estereis e cahidiças, para produzir mais vigorosos rebentos. » (2)

Já se vê, por tanto, que na ordem dos heresiarchas da actualidade não occupo um lugar saliente. As minhas ideias religiosas não são, é verdade, totalmente estremes do satânico influxo da sciencia vigente; mas não são tambem de todo perniciosas. E com quanto, ainda assim, eu seja um grande peccador diante do papa e da sua igreja, *coram Leone pontifice*, todavia, se fosse candidato á bemaventurança eterna, a minha candidatura não seria tão pouco segura, como a de muito actual pretendente á deputação parlamentar pela novissima lei eleitoral. No fundo da minha *impiedade*, um olhar menos envesgado e mais perspicaz do que, por exemplo, o do autor dos novos *Elementos de philosophia do direito*, e de seus dignos irmãos em S. Thomaz, descobrirá talvez ainda um resto

---

(2) *Americano*, n. 6, pag. 23. Recife—1870.

de senso religioso, que é a unica herança dos meus avós, se é que me concedem têl-os, herança aliás tão sujeita á lei do *homochronismo*, como a de qualquer qualidade physica; d'onde resulta que ha uma idade da religião, da mesma fôrma que ha uma idade da pubescencia, e uma outra da canicia. Eu me acho nessa idade; rasão pela qual já começo tambem a *duvidar* das minhas *duvidas* e a ficar um pouco mais serio diante do pensamento da morte, que é e ha de ser sempre o *musageta* da philosophia.

Dest'arte é facil comprehender que, propondo-me apreciar, bem que ligeiramente, a symptomatologia da vida religiosa entre nós, não tenho segunda intenção, nem deixo-me levar por este ou aquelle sentimento de rancor e hostilidade contra o *negocio* dos padres, que por ventura faça mal ao meu *negocio*. A cousa é mui diversa; é um estudo de occasião, ou se quizerem, um entretenimento de artista, perfeitamente adaptado á natureza do assumpto.

E, com effeito, a nossa religiosidade é um pedaço de esthetica nacional, adequada ao grão inferior da nossa cultura, na qual, á semelhança das plantas e animaes, ainda os espiritos são incapazes de transmittir á materia, que os circunda, as idéas que os animam, e o esforço pelo bello se exprime unicamente por manifestações immediatas de fôrmas e côres harmonicas em seu proprio corpo, como a corolla da rosa ou a plumagem do beija-flôr. Os que vão á igreja, que é um theatro sagrado, como os que vão ao theatro, que é uma igreja profana, pensam e tratam, sobre tudo, de embellecer a si mesmos. Um pedaço de esthetica, disse eu, mas a esthetica selvagem, que maneja o que ha de mais futil na poesia, de mais sedição na musica, de mais ridiculo na escultura. D'ahi o velho, mas sempre estranho espectáculo dos nossos festins religiosos, que nada encerram de edificante e purificador, e onde o perfume do incenso, que se tem por agradavel ao olfacto divino, posto que o bom Deus, na phrase de Daniel Spitzer, o famoso folhetenista de Vienna, se compraza tanto em aspirar a fumaça de um thuribulo, como a que sai de um bonito

cachimbo de *écume de mer*, onde o incenso, repito, se allia ao detonar da polvora, cujo cheiro sulphuroso é aliás, segundo a crença dominante, um dos mais vivos característicos do diabo... Muito mais demonologica do que theologica, a nossa vida religiosa é justamente por isso menos tragica do que comica, pois que o chamado principe das trevas, com o genio folgazão que todos lhe reconhecem, intromettendo-se em toda e qualquer conversa, que o homem trave com Deus, constitue o *momento* de mais interesse na *comédie larmoyante* da existencia.

## II

E' um erro grosseiro, ainda que muito seguido em nossos dias, suppôr que a humanidade se acha em caminho para um estado de cousas, onde a religião só brilhe pela ausencia. E penso com Julio Frœbel que esta opinião seria erronea, quando mesmo a religião não fosse mais do que a metaphysica do povo, incapaz de reflexão philosophica. Porquanto nem está no destino do genero humano compor-se todo de philosophos, nem a necessidade metaphysica se extingue jámais naquelles, que não philosopham, e tam pouco se dá por satisfeita com os resultados materialistico-scientificos que tocam sómente na superficie das cousas, admittindo mesmo que taes resultados fossem accessiveis á intelligencia do commum dos homens. Mas tambem é certo, por outro lado, que a religião, sujeita, como tudo mais, a esse continuo processo de differenciação e integração que constitue o progresso humano, está igualmente sujeita, como tudo mais, ao falseamento da sua evolução consistente em adquirir fórmãs e caracteres não determinados pela sua natureza. Assim o christianismo, que eu não hesito em considerar como uma differenciação natural no movimento religioso da antiguidade, falseou-se logo no seu começo, transformando-se em catholicismo, que já é em si um caso cenogenetico da primitiva religião christã; e a proporção que mudam-se as idéas e modificam-se os sentimentos, a

cenogenia augmenta, e cada vez mais distante vai ficando o christianismo do seu ponto de partida; o que entretanto não impede que elle venha a terminar, como pensa E. von Hartmann, por ser a religião dos pobres de espirito, dos miseros de todo o genero. Com o seu caracter de universalidade, com seu ambito humanitario, o christianismo mais que outro qualquer systema de crenças e convicções, com que o homem procura satisfazer a sua necessidade de paz intima, de contentamento e de ventura, é dotado de uma alta capacidade de *adaptação*, que o tem feito até hoje resistir a todas as causas de dissolução e aniquilamento. Phenomeno este que nada tem de miraculoso, mas antes é explicavel pelas leis geraes, que regulam a existencia das organizações fortes e bem constituidas. Quando, por exemplo, se diz de um homem que elle é *sadio*, semelhante phrase, traduzida na linguagem scientifica moderna, só significa, a meu vêr, que esse homem, considerado como todo organico, possui uma grande *adaptabilidade*; e esta, que em ultima analyse se reduz simplesmente á funcção physiologica da nutrição, consiste então na propriedade organica, cellular, plastidular, de assimilar-se, de poder nutrir-se d'aquillo que em geral é para os outros um elemento de destruição, uma causa de morte. E ahi está a explicação do *milagre* dos individuos, que passam illesos no meio de uma população acommetida de peste, como ahi tambem, para notal-o incidentemente, se acha talvez contida a possibilidade de uma *darwinisação*, se assim posso dizer, da pathologia, tal qual se deu na physiologia, nas mãos de Ernesto Brücke, professor universitario de Vienna, e o maior physiologo hodierno.

Mas saude e longevidade não querem dizer immortalidade. Quem não succumbe pela doença, acaba enfim pelo *marasmus senilis*; verdade, quanto aos individuos das especies vivas, que permanece a mesma, quanto ás ideias organisadas, quanto aos corpos e instituições sociaes. O christianismo, isto é, o conjuncto de religiões differentes, que sahiram da velha cepa, está n'esse caso: desfolhado, secco, inanido, e quasi já em condições de

poderem-se-lhe applicar as bellas palavras de Lucano sobre Pompeu: *stat magni nominis umbra!* Quando uma religião chega ao ponto de nada mais inspirar de grande e elevado, quer no dominio ethico, quer no dominio esthetico, é concludente que a historia vae dispensar os seus serviços, arrojando-a sem piedade para o remanso das aguas. A religião dos nossos paes é hoje incapaz, não só de produzir um heróe, um martyr, um santo, ou mesmo de alimentar um poeta ou um artista, mas até de provocar um feito digno, uma acção nobilitante. E' possível que ainda actualmente, onde quer que se achem reunidas em nome de Christo, duas ou tres pessoas, o espirito do homem-deus esteja com elles; mas é mister confessar, ou que não ha mais quem se reuna em nome d'elle, ou então que a sua assistencia é de todo esteril e impotente para suscitar ideias grandes e abrir caminho a grandes commetimentos. Nada, portanto, de mais inexacto do que um juizo que eu mesmo já uma vez enunciei, bem convencido aliás de exprimir uma verdade, a proposito da influencia interminavel da doutrina do evangelho. Foi em tempos mais poeticos, em que o arroubo do *jesuismo*, a velha *mania da cruz*, na sua fôrma moderna de um vago e romantico enthusiasmo pelo Christo, tambem se apoderou de mim e fez-me então proromper, entre outros, no seguinte dithyrambo: « Platão é hoje apenas uma palavra impotente da erudição philosophica, e ainda muitas vezes destituida de senso. Mas onde quer que haja um banquete em nome das grandes ideias humanitarias, Jesus occupa a presidencia da mesa e distribue o pão celeste das delicias ineffaveis. » (3). E' o exordio de uma *Christiade*, no gosto do tempo; mas hoje vejo que ali ha uma cousa superior á boniteza da *phrase*: é a falsidade da asserção. Não que eu conteste ao fundador do christianismo os seus altos merecimentos; porém contesto ao espirito moderno, sob a fôrma mesmo pouco elevada, que elle veste entre nós, a faculdade de sentir e pensar evangelicamente. A influencia de Jesus sobre a vida psychica está reduzida a

---

(3) *O Americano*, pg. 51 e 53; 1870.

um minimo imperceptível, que já não é sufficiente, nem mesmo para servir de pretexto á continuação do espectáculo grotesco de padres e frades, papas e bonzos, catholicos, gregos e protestantes. O proprio *eldorado* da bemaventurança eterna não tem mais a efficacia de outr'ora. A fé que transportava montanhas, não transporta um grão de areia. O reino dos ceus, que se prometeu aos pobres, aos sequiosos de justiça, tornou-se alguma cousa de semelhante ao imperio dos *Incas*: uma recordação historica, ou antes uma reminiscencia poetica. E tenhamos coragem de dizel-o: em materia de amor e fraternidade, que constituem o amago da sua doutrina, Jesus *perdeu o seu latim*. Eu mesmo já tive o presentimento d'esta verdade que exprimi em versos:

Se ao grito dos que padecem  
O mundo cerra os ouvidos,  
Se do prazer nos ruidos  
Perdeu-se de Deus a voz,  
De torpezas maculada  
Do Christo a veste inconsutil,  
Parece que foi inutil  
O ter morrido por nós...

*Parece*, disse o poeta; mas, não direi o philosopho, porém o que ha de philosophico em mim, ousa affirmal-o sem a minima reserva.

Mais que todos os esforços dos Strauss e dos Renan, ha um facto que ataca irrefutavelmente a divindade do mestre: é o *pauperismo* dos nossos dias, com todo o seu sequito de prostituições e de miserias. Não é mais licito deixar-mo-nos illudir por phrases vans, que não aguentam uma analyse severa. Ainda que de longe, muito de longe, tambem eu pertenco aos—*Wir*—, a que se referiu o venerando autor do *Der alte und der neue Glaube*. Sim, nós não somos mais christãos. E pelo que particularmente me toca, na qualidade de um filho da egreja romana, eu vou ainda adiante: nós não somos mais catholicos. Attestam-n'o o prosaismo e a esterilidade da nossa vida religiosa.

### III

Outubro de 1882

Dezesete mezes depois! E' tempo sufficiente para gastarem-se uns vinte pares de sapatos e abandonarem-se, como erroneas, outras tantas opiniões. Bem entendido, quando se trata de espiritos que não andam com os pés descalços, nem com a cabeça nua de ideias. Só a estes é dado passar mais de um anno com um traje unico, e levar até a vida inteira com uma unica opinião. Eu não pertenço a esta classe; o que entretanto não quer dizer, nem que me julgue por isso mais feliz que os outros meus irmãos em fraqueza humana, nem que tambem me considere obrigado a pôr todos os dias os meus livros em leilão, para munir-me de novos, nunca ter uma theoria definitiva, um modo de ver peremptorio. Não sou do numero dos que, uma vez julgando-se de posse da verdade, nunca mais se convencem de que tomaram *cobre por ouro*, e vivem capacitados de ter tudo quanto é preciso, de nada deverem accrescentar ao capital adquirido. Mas tambem não me enfileiro com os que seguem sempre a doutrina expendida pela ultima obra, que lhes chegou ás mãos; o que é em todo o caso um pouco melhor do que ser sempre da opinião do primeiro livro que se leu, ou seja o *cathecismo*, ou a historia de *Carlos Magno*, ou a do *Consulado e do Imperio*, ou enfim qualquer tratado de philosophia franceza.

Eis aqui uma prova. Dezesete mezes depois que foram escriptas as linhas, que o leitor acaba de percorrer, ainda não sinto que tivesse passado, na ordem de ideias então enunciadas, por modificação alguma. Phomeno, para mim mesmo, tanto mais digno de nota, quanto é certo que não me faltaram motivos de completa alteração psychologica, se por tal deve-se entender, como eu entendo, qualquer mudança de convicções assentadas. Insisto pois no meu juizo: nós não somos mais catholicos. A chamada religião de nossos paes parece que não quer ser a religião de nossos filhos. O minimo de sinceridade que é preciso para ennobrecer qualquer pratica



religiosa e distingui-la da pantomimica theatral, esse mesmo já não existe, nem se quer nos dominios inferiores da nossa sociedade.

Ha cerca de dez annos, Garibaldi, escrevendo a Karl Blind em Londres, dizia: « Creio que no mundo inteiro não ha um paiz, que seja menos catholico do que a Italia. O governo e as classes superiores apresentam ainda externamente uma certa devoção, que elles, porém, no intimo não sentem. Pelo que toca á massa do povo, ella está muito longe de ser inteiramente catholica; nos *bottequins padrescos* não se encontram senão *velhas bigottes*. » Sim, senhor; eu não contesto, a verdade do facto, ainda que me pareça um pouco incomprehensivel, como é que o catholicismo, que tem o seu centro na Italia, póde alli se sustentar sómente pelo concurso das *velhas*; mas creio, por minha vez, ser-me licito affirmar que a alludida *incatholicidade*, ou seja uma ventura, ou seja uma desgraça, não é privilegio, nem caracteristico dos italianos. Não somos de certo, como elles, um povo de artistas; porém somos, do mesmo modo, se não até em maior escala do que elles, um povo de scepticos.

Na epoca das cruzadas, quando todos os christãos ardiam no desejo de derramar o sangue e a vida para remir o *Santo Sepulchro*, os mercadores de Veneza e Florença vendiam armas aos infieis. Ainda não fizemos outro tanto, é verdade, mas fazemos cousa peor: reduzimos o templo, a respeitavel *domus orationis*, de que tanto fabulam os padres, a lugar de *rendez-vous*. Os amantes, a quem é vedado avistarem-se no theatro, avistam-se na Egreja, onde é mais facil a troca de olhares, e não raras vezes tambem a troca de beijos. A casa do Senhor, com todos os seus terriveis mysterios, *quam terribilis est locus iste*, não é bastante sagrada, para que nella nos abstenhamos de actos ainda mais indecentes do que um beijo a furto ou um olhar amoroso. Dentro do templo faz-se jorrar o sangue e commettem-se assassinatos. O ponto é que um motivo superior de interesse humano justifique o desrespeito ás cousas divinas. Entre nós não se costuma ajoelhar diante da Madonna, antes de ir perpetrar um crime; porém não se duvida, no fervor

de uma lucta eleitoral, quebrar a cabeça de um adversario politico, atirando-lhe em cima até uma imagem da Santa Virgem. Onde está pois a nossa catholicidade?

O escriptor suiso M. G. Conrad, para mostrar o estado de decadencia religiosa na propria patria do catholicismo, refere o seguinte facto: «No Molo, em Napoles, diz elle, um dominicano estava fazendo uma predica quaresmal ao ar livre. Não longe dalli brincava um polichinello. O frade era entretenedor, mas polichinello entretinha mais. Que faz então o povo leviano? Elle abandona o sacerdotal comediante e precipita-se em busca do *brincão*. Apenas o frade observa esta deserção de bandeira, empertiga-se, levanta o seu crucifixo e grita aos fugitivos em tom de cholera: *Rimanete quá, ecco il vero Pulcinella!* » (4.)

Paulo Schramm, citando esta narrativa de Conrad, observa convicto: «Um tal *intermezzo* seria na Alemanha absolutamente impossivel.» (5) E eu o creio bem. Uma questão de raça, se não antes de evolução cultural: a fé germanica é toda sisudez e gravidade; não admitte portanto semelhantes profanações.

Mas o caso é outro. A historia que refere Conrad, póde ser a expressão de um facto realmente acontecido; porém parece antes criação da musa faceta, que produz os contos e as legendas populares. Entre nós também se sabe mais de uma historia analoga. Não é o frade dominicano, apresentando Christo ao povo como o unico e verdadeiro polichinello; mas é o vigario do sertão, ministrando o pão eucharistico ao compadre moribundo, em lucta com a ideia fixa de um bode que havia furtado, e dizendo-lhe piedosamente que não pensasse em mais nada, se não naquelle Senhor de misericordia, que era o seu *verdadeiro bode*. (6) Quem já não ouviu contar esta

---

(4) *Humanitas! Kritische Betrachtungen über Christenthum, Wunder und Kernlied*—pag. 60.

(5) *Liberalismus und Schule in Deutschland*—pag. 60.

(6) Antes de qualquer censura sobre a baixeza da expressão, o leitor attenda para o ponto de que se trata: uma ligeira caracteristica da nossa vida religiosa. O facto, que ahi se refere, é um traço bem significativo.

anecdota? Ella faz parte do nosso herbario de pêtas; nem eu dar-lhe-hia a honra de aqui mencional-a, se não tivesse, para justificar-me o edificante exemplo do philosopho suisso. Seja porém, como fôr, o certo é que a historia possui tambem no Brasil a sua *variante*, menos subtil e delicada, sem duvida, mas nem por isso menos impia. O que ella, por ventura, pôde provar a respeito da Italia, prova igualmente a nosso respeito, isto é, que somos mais incredulos do que se imagina.

A nossa religiosidade é com effeito mais epidermica do que visceral. Não é raro, eu o reconheço, que ainda entre nós o sentimento religioso desça até ás fontes do pranto; mas tambem nas lagrimas de muita bella devota não seria talvez impossivel ao microscopio descobrir alguma indecencia... O chôro é simplesmente um actô de volupia.

Destes factos, porém, que são innegaveis, á inducção de um total desaparecimento do astro que unico fulge no céu da fantasia popular, o astro da religião, vae uma longa, vai uma immensa distancia. Não estou longe de crer que o que ainda possa existir, de verdade e seriedade, nos nossos actos religiosos, é insufficiente para oppor barreira á invasão do mal commum, quero dizer, á invasão do espirito de duvida, que vai por toda parte diminuindo os crentes e isolando os templos. Todavia, mantenho a convicção de que, se realmente está iniciada a época de uma *nova fê*, proveniente de um *novo saber*, filha legitima da sciencia nova, essa época ainda não se abriu, nem tão cedo abrir-se-ha para nós. E a ser sincero, devo accrescentar: a ideia de uma nova, que venha substituir a velha fê, não me parece das mais acertadas. A historia da sciencia e seus triumphos é ao mesmo tempo a historia da religião e suas derrotas, a historia de Deus que se torna cada vez mais obscuro e problematico. Um augmento, qualquer augmento no dominio da sciencia, importa sempre uma diminuição no dominio da fantasia; e entretanto a fantasia é a verdadeira *dei genitrix*, o principio gerador da ideia do divino. Qual será pois essa nova fê, que tem de florescer sobre as ruinas da velha crença? Acho difficil determina-la.

Epicuro dizia : os deuses habitam nos espaços intermediarios do universo ; e a isto observa o barão du Prel que fôra melhor ter dito : nos espaços intermediarios do conhecimento que temos do universo. (7) Exactamente. Porém nesses intervallos haverá sempre escondrijos, onde nunca ha de penetrar o ôlho indagador do espirito scientifico. Dest'arte, qualquer que seja o desenvolvimento que tome a cultura humana, ha de sempre haver na humanidade uma parte culta e outra inculta, sem que aquella possa jamais quebrar todos os idolos fabricados por esta. Eu creio na marcha ascencional, no constante engrandecimento do homem ; mas isto não quer dizer que julgue possivel o cumprimento de todas as suas esperanças. O exclusivo dominio da sciencia é um dos mais bellos ideiaes, de 'que póde nutrir-se a humanidade ; mas bem antes que ella chegue a vê-lo realisado, o planeta será um cadaver. Se nos é licito, para explicar certos phenomenos cosmicos, romper com a velha chronologia, prolongando o nosso passado e accumulando milhares sobre milhares de annos, o mesmo não se dá em relação ao futuro. Não está em nosso arbitrio conferir á terra uma duração indefinida, subordinada ao encerramento evolucional da especie humana, á realisação do mais longiquo, do mais ethereo, do ultimo dos nossos ideiaes. Além disto, acho alguma rasão no devoto Christiano Muff, quando diz que á humanidade que sóbe, e por mais alto que ella suba, póde-se sempre repetir a palavra Mephistopheles — *Setz dir Perruecken auf von Millionen Locken, Setz deinen Fuss auf ellenhohe Socken, Du bleibst doch immer, was du bist*, isto é, uma pobre e lastimavel humanidade. (8)

Mas deixemos este ponto, que é melindroso. Nem aqui haveria lugar para desenvolvê-lo. Restrinjamo-nos pois ao pequeno assumpto inicial : a nossa *incutholicidade*.

E creio que ninguem será capaz de contesta-la. Já não basta perguntar, onde está o horto de delicias, onde estão as flores, os fructos e os quatro rios do Eden?

---

(7) *Der Kampf um's Dasein am Himmel* — pag. 4.

(8) *Was ist Kultur?* — pag. 21.

São velhos sonhos, ou velhas utopias, de que ninguém mais se lembra, nem se quer para compor uma figura de rhetorica. Adam e Eva mesmos estariam de todo esquecidos, se por ventura, expulsos pelo gladio ignio do archanjo, não se tivessem refugiado no *paraizo* de Milton, bem que até nesse refugio não estejam livres de já ir produzindo uma certa impressão comica. Não é isto que merece menção. O que deve ser ponderado, é de muito maior alcance. Com effeito, nós somos um povo inculto. Ainda não affirmamos em cousa alguma a nossa individualidade, o nosso character nacional. A philosophia e a sciencia, entre nós, continuam a ser uma especie de *roupa feita* em Pariz, que é uma profanação descozer e recortar, e como taes nenhuma influencia têm podido seriamente exercer sobre a evolução das nossas ideias religiosas. D'onde vem pois que, sem o salutar reactivo da cultura, o nosso povo, não obstante, apresenta vivos signaes de modificação radical em suas crenças? Quem disse ao povo rude e analfabeto que o céu pôde ser bom, porém a terra é melhor, que esta pequena filial cá em baixo é cem vezes preferivel á grande séde da empresa lá em cima? Quem lhe disse, quem lhe incutiu no espirito que é mister, até sobre Deus e suas promessas, transmittidas pelos seus prepostos, *fazer a parte* do scepticismo?... O problema é grave; e não é a mim que incumbe resolvê-lo. Em todo caso, porém, não deixa de causar estranheza aos olhos do observador despreoccupado que um povo ignorante vá pouco a pouco, insensivel e inconscientemente, partindo as cadeias da superstição tradicional. Feuerbach disse que o desenvolvimento de Deus, pois que Deus tambem se desenvolve, tem por presupposto o desenvolvimento dos homens. Pôde ser. Mas faço a seguinte nota: o desenvolvimento que por ventura, no correr dos ultimos vinte annos, tenha tido o espirito do povo brasileiro, é quasi nullo: alguma cousa, talvez, de semelhante ao que pôde ter-se dado, durante esse mesmo tempo, com o resfriamento da terra, ou com a força que o sol, de então para cá, tenha gasto em dar movimento e vida a tudo que lhe está sujeito; ao passo que o nosso Deus de hoje não é precisamente o Deus de ha vinte

annos. Dir-se-hia que envelheceu um pouco e assumiu a posição de um bom avô, condescendente em extremo e capaz de tolerar o que o melhor dos paes não toleraria.

E' digno de reflexão: o povo brasileiro, que ainda não sabe ler, já sabe entretanto rir-se de muita cousa, respeitavel e sagrada!...

Acho razão em Steub, quando diz que todos os theologastros, desde Origenes até o Barão von Ketteler, não nos têm feito mais ricos, nem sequer de uma unica idéa nova; mas é falsa a sua anthitese, quando affirma que tambem todos os scepticos não nos têm deixado de menos, nem um só, sequer, dos velhos prejuizos. (9) Conheço mais de um preconceito religioso que ha perdido o seu valor, a sua efficacia de outr'ora. O povo, é certo, difficilmente poderá representar o ideal debaixo de outra fôrma, que não seja a fôrma da religião; porém é igualmente exacto que, de tempos em tempos, elle quebra os antigos moldes e vasa em novos cadinhos a sua religiosidade. São para elle as épocas de crise na evolução do conceito de Deus. E até nós achamo-nos hoje em uma dessas épocas!...

---

(9) *Kleine Schriften*—2. Bd. pag. 270.

V

## Ensaio de pre-historia da litteratura classica allemã

I

O movimento ascendente da litteratura classica da Allemanha começa pelo meado do seculo passado. O encadeamento natural de causa e effeito chega sómente a Leibnitz. Ali tornam-se mais tenues os fios da ligação dos factos, que parecem de todo quebrar-se com a miseria da guerra dos trinta annos. Então encontram-se nomes que hoje nada sinificam. Só em Luthero é que se nos depara de novo uma figura viva e imponente.

Entretanto, se olhamos para o que se dá, nesses mesmos tempos, em outros paizes da Europa, encontramos um Ariosto, um Cervantes, Shakspeare, Spinosa, Molière, etc., nos quaes, importa confessar, repousa uma grande parte da vida espirital allemã.

Para comprehender o espirito tedesco em seu desenvolvimento, é mister lançar a vista sobre os grandes phenomenos do mundo, em que elle se envolveu; sem o que não se fórma um quadro perfeito, nem uma justa idéa da cousa.

Não se trata aqui de narrar a marcha da cultura européa, que preceden a idade classica da Allemanha; trata-se apenas de indicar os principaes motivos que nessa época exerceram influencia sobre o espirito geral.

A direcção cosmopolita, que se apresenta como sendo o caracteristico decisivo d'aquelle tempo, apparece logo com a primeira entrada dos allemães no mundo cultural, porém associada á direcção contraria. O cosmopolitismo, que tinha o seu centro em Roma, no Estado e na Egreja,

nas fontes do direito e na sciencia, influuiu sobre os allemães tão *repugnante*, como *attrahentementemente*. Elles tinham necessidade de cultura, e por estelado Roma os attrahiui ; mas tinham tambem um forte sentimento do character proprio da sua raça, e n'este ponto protestaram contra Roma. Os povos germanicos, que haviam sujeitado as provincias romanas, foram successivamente subordinados á cultura superior dos vencidos, os seus idiomas romanisaram-se. Estas nações romanicas, que receberam de Roma a sua lingua, puderam tambem facilmente appropriar-se a religião e o direito que Roma lhes trouxera.

Os allemães na patria, cuja lingua nunca supportou o jugo romano, sentiam-se avessos a esta civilisação cosmopolita, por elles apenas meio comprehendida ; e por isso eram tidos aos olhos de seus proprios reis, que restabeleceram o imperio, como semi-barbaros. Os Ottões e os Salios dominaram vigorosamente na Italia ; a Egreja deveuselhes sujeitar ; pelo que foi por elles protegida como poderoso instrumento contra as nações romanicas.

Gregorio vii foi quem primeiro mudou este estado de cousas : fez-se senhor absoluto da Egreja, que elle reformou completamente, empregou os reis de França, as cidades italianas e os pequenos principes allemães, como outras tantas armas contra o imperador, e abriu d'est'arte a lucta historico-universal, que durou dois seculos, e terminou pela victoria do papado.

Sem duvida, Gregorio não creou nada de novo, mas transformou com mão firme a velha praxe ecclesiastica em um systema fortemente compacto. Por meio do celibato separado do povo, e ligado a Roma por uma rigorosa obediencia, o clero secular era como o monachismo, obrigado á vida santa, que renunciava á natureza. Só para elle existiam os tres votos de *pobreza*, *castidade* e *obediencia* ; mas em compensação elle era a classe culta, a classe instruida.

Quanto aos leigos, podiam-se entregar aos seus costumes impuros, ao seu casamento, aos seus prazeres mundanos, ás suas luctas ; apenas tinham de dar contas á Egreja da sua impureza, por meio de *boas obras* : o jejum,



a maceração da carne, a esmola, a recitação do rosario, os donativos, a guerra contra os infieis.

Os santos haviam feito mais do que Deus ordenára. Este accrescimo, esta hyperproducção de virtudes, a Egreja poz a disposição do peccador, se elle confessasse os seus peccados e fizesse a penitencia prescripta. A consciencia estava nas mãos do confessor, que *vis-à-vis* do peccador era como o medico diante do doente: ensinava-lhe o que lhe faltava, e prescrevia-lhe o remedio. Se este era tomado de accordo com os preceitos dados, a doença estava curada: o peccado commettido desaparecia, ficava riscado do livro da vida; o peccador podia olhar tranquillo para o que tinha praticado. A Egreja estenden a efficacia dos meios até além da vida mesma: ella admittiu, com muita sabedoria, um estado intermedio entre a condemnação e a bemaventurança; e se n'este estado cessava a acção do morto, comtudo as *boas obras* dos seus cá na terra ainda possuiam o poder de mitigar e abreviar o tempo do soffrimento. D'este modo a Egreja pôde penetrar por todos os lados na vida dos leigos.

N'esta epoca começam as cruzadas; ellas duram justamente tanto tempo, quanto a grande lucta entre o Papa e o imperador. Desde o seculo viii a onda impetuosa dos sarracenos tinha encontrado um dique; a antithese do mundo mahometano e do mundo christão se havia pouco a pouco enfraquecido; a expedição ao Oriente era provocada pelo papado, e trazia logo de principio uma feição phantastica. O realismo dos allemães mostrou-se estranho a estes ideaes, só lentamente puzeram-se elles em movimento; e não deixaram de protestar contra a nova cultura cavalheiresca, como cujos representantes se armaram os francezes, juntamente com os seus affins, os provençaes e os normandos. Os novos reinos francos no Oriente foram fundados á *franceza*, paladinato e feudalismo foram tambem *francezamente* concebidos.

Nenhum povo é tão accessivel ao enthusiasmo, como o povo francez; nenhum tão facil de ficar fóra de si, nenhum tão prompto em dar a esta emoção uma fórma culta, de convertel-a em *bom tom*, de reduzil-a á *moda*.

Originariamente provocado pelo enthusiasmo, o *cavalheirismo* tornou-se logo *regra e conveniencia* : prescrevia-se a maneira, por que se devia ser devoto, leal, bravo, e até mesmo o modo de ser libertino. Nas interessantes *côrtes de amor* da Provença, não só o amor, como tombem o adulterio, foram tratados como uma arte, até que os francezes do norte, cheios de zelo pela Egreja, calcaram aos pés essa vida de prazeres.

O *cavalheirismo* mantinha-se pelo *bom tom* muito arredado do povo. Quem recebia o cunho de cavalleiro, devia obrigar-se á prosecução de certos fins idealisticos. As tradições da santa amphora, que guardava o sangue de Christo, da tabula redonda do rei Artus, dos *pares* de Carlos Magno, formavam uma especie de mythologia ; e mesmo na Allemanha os poetas cortezãos de primeira ordem se esforçavam por sentir *romanicamente*, em completa opposição á natureza tedesca.

O povo allemão porém sentia por outro modo. Elle via-se obrigado a interpretar os novos ideaes, que se lhe infiltravam, e ainda assim, por detraz dos symbolos estranhos, appareciam-lhe as velhas ideias patrias. Os antigos deuses continuavam a viver em sua alma ; sómente o christianismo os tinha lançado na sombra.

## II

O christianismo, é verdade, precipitou as antigas divindades de seus thronos ; mas todos os deuses, como diz Adolpho Sthar, são immortaes, até mesmo os deuses pagãos. Como porém o christianismo, que quebrou as suas imagens e abateu os seus santos carvalhos, não pôde matar os deuses mesmos, deliberou degradal-os, fazendo d'elles demonios, e espiritos malignos. Assim a velha deusa *Holda*, a benefica protectora dos vergeis floridos, foi primeiro transformada em uma *diaba*, que vivia nos subterraneos, um ser pernicioso, uma feiticeira. Depois, quando a litteratura latina nas mãos dos padres se ligou com a nova religião para a guerra de aniquilamento contra os antigos mythos, da velha diva germanica fez-se uma

segunda Venus, o conjuncto de toda a sensualidade, que afasta o homem de Deus. Mas quasi tudo em vão.

O mais precioso testemunho da *maneira* allemã, o *Nibelungenlied*, unico poema da idade média, que ainda hoje vive e continúa a operar com a primitiva força, mostra intuitivamente a velha selvageria dos germanos, seu amor e sua lealdade. Aquelles caracteres mixtos, Krimhilde e o furioso Hagen, pertencem originalmente aos allemães. Do christianismo sabe-se apenas alguma cousa por meio de typos accessorios, que representam um pobre papel. Os *Nibelungen* não são sómente figuras pagãs, porém figuras do norte em opposição aos heroes de Homero e aos seres fabulosos da tradição romanica, que nasceram debaixo de um céu mais limpido e sereno.

Pariz, o fóco da cultura cavalheiresca era, tambem o fóco da philosophia de então, a philosophia escolastica. Era ahi que os doutores d'esta escola vinham receber o ultimo polimento. Elles consideravam como seu problema systematisar os dogmas da Igreja christã e tornal-os accessiveis á comprehensão do mundo. Para isso serviam-se das categorias aristotelicas, taes e quaes haviam sido afeiçoadas, no curso dos tempos, por gregos e latinos, por judeus e arabes.

Nos dogmas havia muita cousa que parecia contrariar a razão : uma *essencia*, e tres pessoas ; filho gerado *ab æterno* ; a incarnação do verbo, etc.

Com uma sagacidade enorme e uma extraordinaria riqueza de espirito, os escolasticos se esforçaram por provar que uma reflexão mais profunda descobria que estes conceitos eram não só muito criveis, como até necessarios ; e trataram então de resolver questões como estas : que é a *substancia*, que são os *accidentes* de uma cousa ? Como se mantêm entre si os conceitos da *unidade* e da *pluralidade*, do *esse* e do *fieri*, do *tempo* e da *eternidade* ?

O fundador d'esta escola, no meiado do seculo IX, deu impulso ao rigoroso partido ecclesiastico. A exigencia de concordia entre a fé e a razão, parecia-lhe suspeita. Ella não cedeu facilmente : ainda no anno de 1140, Abelardo, o celebre professor universitario de Paris,

foi condemnado por causa de inclinações hereticas. Mas no meiado do seculo XIII chegou-se a um perfeito accordo. Assentou-se na formula geral, que deve a fé ir na frente, mas importa caminhar até aos limites do saber ; todas as artes e sciencias devem ser penetradas do 'espirito da theologia, pois que no intimo de todas as cousas vive Deus. Completo dominio, n'este terreno, adquiriu Thomaz de Aquino, que se doutorára em Paris em outubro de 1257, e cujo systema de harmonia da fé e da razão foi espalhado pelos dominicanos sobre todo o Occidente.

Os escolasticos passavam pela classe culta da época, e sua lingua, a latina, que elles cultivavam como se fosse viva, tornou-se a lingua geral do mundo sabio, ao passo que em França e na Allemanha os poetas se serviam dos idiomas patrios, que de dia em dia mais se reforçavam.

Com a queda dos Hohenstaufen cessou a significação do imperio ; se os imperadores apprehendiam uma expedição romana, era simplesmente calculo commercial. Na Italia consideravam-se os allemães sómente ainda como soldados de profissão, que se deixavam pagar. Na patria porém elles viviam para si ; prosperamente sem duvida, mas pouco em contacto com a cultura européa. As relações sociaes tinham uma feição inteiramente burguezia, todo o progresso repousava nas cidades, no commercio e nas corporações de officios ; a *hansa* era a força impulsiva da Allemanha. Até as artes eram cultivadas pelos corpos de mesteres, as personalidades artisticas escondiam-se antes do que se apresentavam. A architectura começava a florescer, e a poesia entrava no canto dos operarios.

Ao mesmo tempo, com S. Luiz, terminaram as cruzadas ; o paladinato degenerou em apparencia vã ; Philippe o Bello, o homem da nova época, mostrou rudemente ao papa, que se lhe oppoz, com o sentimento da sua omnipotencia, o direito do mais forte ; uniu-se porém ao seu successor em sociedade commercial : a Egreja entregou-lhe a ultima herança da velha cavalleria, os *templarios*, e o rei e o papa repartiram os seus bens.

Os papas em Avignon (1308—1374) puzeram-se a serviço dos interesses francezes, e Dante, um crente catholico á maneira de Thomaz de Aquino, mas tambem gibellino apaixonado, não hesitou em arrojar no inferno um d'estes papas de intuição franceza.

Na *Divina Comedia* ainda uma vez a época medieva concentra-se n'uma fôrma grandiosa. Dante é o maior poeta depois dos antigos ; um mestre da lingua, para a qual elle conquistou uma posição autonoma ; como pensador, uma alma profunda, que nos prende, ainda quando em vão nos esforçamos por seguil-o. As sombras que elle evoca, parecem-nos interrogaveis, mas de repente, como Francesca da Rimini, são levadas por um turbilhão. A estrutura dos seus tres mundos repousa sobre firmes alicerces ; comtudo sentimo-nos ahi muito menos bem do que no Olympo. A *Divina Comedia* é um legado precioso, para representar-se uma época longinqua ; o bater do seu pulso, porém, assim como os seus ideaes, tornaram-se para nós de todo estranhos, do mesmo modo que o systema philosophico de S. Thomaz.

Para os italianos, esse poema, que elles ainda hoje estudam com certa veneração, foi um renascimento. Foi, por assim dizer, o signal que os convocou para serem, por dois seculos, a nação dominadora da Europa.

Não muito tempo depois de Dante, no meiado do seculo XIV, duas poesias da nova lingua italiana fizeram a viagem do mundo : os sonetos a Laura, a mais ubertosa expressão de amor adorante, e o *Decamerone*, a interessante collecção de aventuras amorosas, as mais singulares que imaginar se pôdem, segundo fontes francezas, latinas, provençaes, até persicas e indicas, mas todas reafieçadas no espirito da renascença italiana.

Petrarcha e Boccacio, mais tarde, não quizeram dar muito por estas obras juvenis, que aliás os immortalisaram. Elles tinham ante os olhos um alvo superior : o renascimento da antiguidade. Petrarcha era uma forte natureza ; soube fazer-se o homem festejado de toda a Italia e communicar o seu entusiasmo a todos os espiritos cultos. Este entusiasmo pelo esplendor da velha Roma

abrangia com igual amor a republica e os Cesares, os deuses da Grecia e a santa Egreja.

Petrarcha havia servido aos papas em Avignon ; foi amigo do tribuno romano Rienzi, e deixou-se coroar como poeta em Roma. Só no poeta elle reconhecia o homem completo ; desprezava a lingua moderna e aprendia com Cicero e Virgilio a pensar e sentir classicamente. Como a cultura hodierna repousa, em grande parte, sobre o terreno da antiguidade classica, Petrarcha pôde ser glorificado como seu propheta.

O zelo, com que elle reunia os manuscriptos dos velhos classicos, transmittiu-se a toda uma escola, a dos *humanistas*, que no dominio da cultura despediram os escolasticos. Elles adquiriram um merito immortal, por terem salvo uma grande parte dos antigos escriptores, e d'est'arte assentado as bases da civilização moderna. Fóra d'isto, a sua vida não foi muito agradável nem digna de inveja. Sempre agitados de uma quasi morbida ambição de gloria, elles andavam como *virtuoses* ambulantes da poesia e da eloquencia, e afinal encontravam empregos nas chancellarias : houve papas, que de todo se lhes dedicaram, e junto aos quaes elles fizeram uma abundante colheita.

### III

A Egreja mesma experimentou em alta escala a influencia do humanismo, cuja força movente era o contraste entre a antiga intuição do mundo e a intuição medieva ; era a antithese da glorificação hellenica do homem com o peccado original christão e a miserabilidade da creatura humana, a antithese da republica e do senso politico de Roma com as fórmulas aleijadas do feudalismo ; era em summa a opposição levantada entre a philosophia platónica e a escolastica aristotelica.

A lingua official da Egreja, o latim, achou de novo os seus conceitos classicos, que contrastavam com as ideias christans. As virtudes cardeaes, prudencia, justiça, fortaleza e temperança, estavam em pouca harmonia

com a fé, esperança e a caridade ; tão pouco se harmonisava a mythologia grega com as legendas fradescas. O Olympo que, na phrase de Henrique Heine, tinha-se tornado um *lazareto*, desde que o Christo, pallido e sanguinolento, lançára a sua cruz sobre a mesa dos deuses, fazendo tremer as taças de ouro, em que elles se embriagavam de ambrosia e nectar, o Olympo começava a povoar-se novamente de divindades sãs e expansivas. Com toda a sua maldade, a vida tinha alguma coisa de grandemente sereno ; não se sentia a impressão desagradavel do limite convencional ; olhava-se franco para o mundo, sem que, porém, se deixasse de ceder tambem ás mais loucas superstições.

As condições da Igreja, em que tudo parecia tomar uma feição mercantil, tornaram-se insupportaveis para a Europa, desde que, ao lado do santo padre em Avignon, houve ainda um santo padre em Roma. A Universidade de Paris deu o primeiro grito para a convocação de um concilio geral ; e esse grito echoou por toda a parte. O papa tergiversou, em quanto pôde ; a final, em Ccstnitz, acabou-se com o schisma, porém em compensação Huss foi queimado, e a reforma da Igreja ficou adiada. O mesmo espectáculo deu-se em Basiléa. A victoria dos turcos em Varna, a que seguiu-se a conquista de Constantinopla, determinou os principes e classes elevadas da Europa a se mostrarem condescendentes para com o papa, que prometteu tomar a direcção da nova guerra santa.

Mas foi baldado o esforço empregado em tal empreza, principalmente por Pio II (1458-64). O Oriente havia perdido a sua força de attracção ; nem mesmo o minimo exercito de *defensores da cruz* foi possivel organizar, como outr'ora.

Os concilios tinham-se mostrado incapazes de promover o melhoramento das relações ecclesiasticas, mas haviam posto os humanistas italianos em contacto com os allemães. Pio II, Enéas Sylvio Piccolomini, talvez um dos homens mais cultos da Europa, tinha já em 1442, na chancellaria imperial de Vienna, trabalhado tanto pela guerra dos Turcos, como em prol do *humanismo* ; uma e outra coisa, porém, com pouco resultado. Sobre elle,

bem como sobre alguns de seus contemporaneos, os tedes-  
cos tinham produzido uma impressão desagradavel. D'estes contavam então as mais singulares historias, e  
foi motivo de pasmo, quando encontraram no *paiz dos bar-  
baros* uma cidade limpa e acciada. A semelhante antipa-  
thia dos italianos respondiam os allemães com igual des-  
prezo: elles os consideravam brejeiros e tagarellas.

Os successores de Pio II foram de queda em queda,  
até que com Allexandre VI, Borgia, subiu á cadeira pon-  
tificial a insensatez absoluta. Seu governo teve um fim  
condigno; a 15 de agosto de 1503 o velho papa morreu  
de veneno, que elle preparára para outrem; seguiu-se-lhe  
na morte seu filho Cezar Borgia, o *virtuoso* do crime.  
Veio então o feroz Julio II, que fundou o estado eccle-  
siastico. Dois annos depois do seu fallecimento, 1515,  
Machiaveli escreveu o livro do *Principe*, que durante  
seculos tem sido um enigma para os mais sagazes inter-  
pretes. N'esse livro Cezar Borgia é apresentado como o  
modelo de um character principesco: os meios, que elle  
empregou, a deslealdade, o perjurio, o veneno, o pu-  
nhal e o fogo, são recommendados aos soberanos; e isto  
não é ironia, porém amarga seriedade.

Machiaveli não era um phantasista, mas um esta-  
dista perfeito, um forte pensador, que nutrira o seu espi-  
rito no estudo profundo da historia romana e florentina;  
elle cria ter descoberto uma lei natural, que excluia toda  
e qualquer medida ethica. Mas o grande pensador enga-  
nou-se no seu calculo. Elle não presentiu que com as  
nações politicamente constituidas entrassem na historia  
forças elementares, que não podiam ser substituidas por  
artifícios malignos.

Pela descoberta das duas Indias deslocou-se toda a  
constellação do mundo; o commercio universal não ficou  
mais reduzido á bacia do Mediterraneo; e assim desap-  
pareceu a importancia das cidades italianas. O impeto  
irrequieto dos turcos impoz á politica dimensões mais  
largas; as nações formaram-se em pelotões de grandes  
potencias: a Hespanha, a França, a Inglaterra, a  
Russia, a Suecia. Se Machiaveli tivesse lido Comines,  
teria visto em Luiz XI um principe, que na malvadez



excedia o seu Cezar, porém dispunha de um material immenso, que elle empregava para attingir um fim certo e determinado.

Mais de cem annos gastaram os reis francezes em expellir os inglezes do terreno da França; agora sentiam-se dispostos a se estender no exterior. A expedição de Carlos VIII através da Italia foi o primeiro abalo dado para a *renascença* italiana; Francisco I com a victoria de Marignano, 14 de setembro de 1515, justamente ao tempo da appareição do livro do *Principe*, foi o segundo. Logo depois da batalha de Marignano appareceram dois poemas, que encaravam o paladinato em um novo estylo: o *Orlando furioso*, de Ariosto, em Ferrara no anno de 1516, e na Hespanha, em 1519, o *Amadis*. Ariosto deu ao carnaval phantastico da cavalleria a fôrma cortezã elegante, em que ella ficou sendo o entretenimento favorito da sociedade européa. O romance hespanhol, ao contrario, parece, como diz J. Schmidt, ter tomado a sério o seu objecto: o modelo de um paladino, que lucha com gigantes, feiticeiros, moustros e... turcos. Ambos os livros foram devorados e mais de uma vez imitados.

A antithese da *renascença* com a idade média mostrou-se principalmente na arte: ella acabou com o gothico, que, desde o meiado do seculo XII, sahindo da França se espalhára pela Europa, e no qual a idade média encontrára a sua mais nobre expressão.

Os mestres da *renascença* entram em scena com toda a sua personalidade. Desde 1500, são elles os homens salientes da época: esculptores, architectos, pintores. Todos estão cheios da grandeza de sua vocação, elevados pelos ideaes da antiguidade. D'este quilate são Leonardo e Miguel Angelo. Elles acham entusiastas nas cidades livres, como nas côrtes dos principes. Até papas como Julio II e Leão X interessam-se apaixonadamente por elles.

Em 1500 tirou-se de sob velhas ruinas o *Apollo* do Vaticano, em 1506 o *Laocoonte*. A 12 de maio de 1507 erigiu Miguel Angelo em Florença o seu *David*; seguiu-se o *tumulo dos Medicis*. Todo o publico da Italia tomou vivo interesse n'estas obras. Em 1508 trabalham ao mesmo

tempo Miguel Angelo e Raphael nas grandiosas composições do Vaticano ; Leonardo os precede com a *Cêa* ; vêm logo após Ticiano e Corregio. Por essa mesma época a musica tambem começava a engrandecer-se. Era pouco antes da apparição de Palestrina. Roma tornára-se n'esse tempo, como diz Emilio Naumann, o alvo da aspiração de todos os musicos. Era a época dos italianos Constanzo Festa e Giovanni Animucia, e do hespanhol Christofano Morales, de Sevilha. Todos estes e ainda outros cultivam em Roma a sua arte, quer como discipulos de musicos já notaveis, quer como cantores e mestres de capella do papa. Depois d'isto foi que surgiu Palestrina, cuja celebre *Missa Papæ Marcelli* foi cantada pela primeira vez a 19 de junho de 1565, na *Capella Sixtina*.

E' um erro querer derivar a arte do *renascimento* de um novo despertar da fé christã. Ella é, como todo o prazer do mundo sensivel, originariamente pagã, ou, para usar da bella expressão de G. Sand, o *renascimento*, quer na arte, quer em tudo mais, é a *resurreição da carne*. Venus, Leda, Io, Danae e as outras imagens mythologicas attrahem os artistas; elles não crêem mais nos milagres das legendas, mas na belleza das fórmulas, que o céu do sul, rico de côres, lhes apresentava em vivo esplendor. Copiavam os symbolos christãos, mas envolviam-n'os no ideal humano.

Caracteristico deste periodo é o culto da *Madonna*. Já os escolasticos o haviam preparado: na viagem da alma para o empyreo Boaventura tinha dado um lugar importante á influencia da mãe de Deus. Duns Scotus (1302 em Paris) tinha celebrado a Immaculada Conceição. Dante mesmo havia mostrado em Beatriz, como o *eterno feminino* indica ao poeta o caminho do céu. Mas os productos da pintura não se limitam a estes ideaes. As *Madonnas* de Raphael, dizem os autorisados, são de certo *mães de Deus*, porém já não são de todo conformes a uma tetrica religião de peccadores, a uma religião de delinquentes.

#### IV

O leitor não se admire de me ouvir fallar de uma *religião de delinquentes*. Isto não é uma simples phrase, mas a expressão de uma verdade.

A religião christã, se tivesse seguido sómente o caminho que lhe traçara o seu fundador, se logo no começo do seu desenvolvimento não se tivesse posto em contacto com os elementos estranhos e perturbadores da sua primitiva pureza, talvez hoje apresentasse uma feição bem differente. Mas assim transtornada, como ella ficou, desde os proprios tempos apostolicos, triste e *sombria*, como deixou-a o paulinismo triumphante, a religião christã é realmente uma religião de *peccadores*. Ao lado da *ideia* da justiça, a *ideia* do *peccado* fórma a base da theologia paulinica; d'onde proveio essa tão fallada e terrivel antinomia entre o *espírito* e a *carne*, que faz de todo o crente sincero um ente lastimavel, sempre em lucta com a consciencia, tendo sempre diante dos olhos o phantasma dos seus peccados.

E' uma coisa hedionda a religião assim comprehendida. Felizmente o tempo que tudo attenúa tem tambem attenuado o character lugubre e horripilante do christianismo, *respectivè* do catholicismo; o que talvez se possa explicar pelas maiores proporções que ha tomado o *momento comico* do sacerdocio na tragedia do Calvario. Não se julgue, porém, que já hoje nos falta de todo a occasião de observar scenas de tal natureza. Eu que não sou dos mais velhos, ainda alcancei tempo em que as *corôas de espinhos* e as *disciplinas de aço* representavam um papel saliente no processo da *salvação*. Era a mesma época, na qual predominava em ambos os sexos, o costume selvagem de, só exceptuando o cabello da cabeça, capinar o corpo inteiro; e então o pedaço de navalha velha, que já não se prestava a este ultimo serviço, passava a fazer parte dos instrumentos de penitencia.

Ainda conservo bem viva a lembrança d'esse tempo, e não menos viva a impressão produzida por aquelles calmos e tenebrosos espectaculos da sandice humana, que se

chamavam procissões de preces, procissões penitenciaes. A terra, d'onde sou filho, demora em uma planície. As vistas que se lançam da porta do templo vão quebrar-se nas moutas sombrias, que bordam as margens de um rio. Estavamos n'uma sexta-feira de quaresma; a multidão de devotos não cabia na igreja. A procissão sahia, levando na frente a cruz e a matraca. A' medida, porém, que a linha do povo se ia distendendo e tomando geitos de serpe, começavam a surgir dos esconderijos da beira do rio uns vultos brancos, mal distinctos ao principio, mas logo depois bem visiveis. Eram centenaes de idiotas religiosos, immoralmente envoltos em alvas saias femininas, com os rostos cobertos e as costas nuas, sobre as quaes vibravam as *disciplinas* á esquerda e á direita, no mesmo rythmo em que os cavallos açoitam com as caudas incommodas *mutucas*.

O sol pendendo para o occaso e como que olhando de soslaio para aquelle quadro repugnante, dava ao sangue que já escorria do dorso dos miseros e nodoava-lhes as roupas uma apparencia de negrume, um aspecto asqueroso. Era uma coisa horrorosa; mas era a religião...

Não ficava ahí. Ao espectaculo da tarde, que fallava aos olhos, vinha o espectaculo da noite, especialmente preparado para o ouvido. Fallo d'aquellas plangentes *encommendações de almas*, feitas a deshoras, quando por toda a parte reinava o silencio e o repouso. Um grupo de musicos sahia a dar a medonha *serenata*; havia mesmo composições especiaes para esse fim. Ainda me lembra que então passava pelo primor do genero o respectivo trabalho de um componista mineiro, que viveu e fez epoca na minha provincia. Não se descreve a *impressão* recebida, quando a *capella* nocturna começava a *encommendação* escripta em *fá menor*, com umas phrases iniciaes, que semelhavam soluços, e de repente, por uma transição mal sentida, o violoncello batia na *terça maior*, e o baixo dizia syllabica e monotonamente estas palavras de feroz increpação: *pec-ca-dor en-du-re-ci-do !!...* Sentia-se o inferno! Mais de um velho acordava sobresaltado, e muita creança despertava chorando. Nem havia meio de respirar-se mais livremente, abrindo uma porta ou uma

janella; pois que corria a tradição que quem isto praticava só via um *rebanho de ovelhas* (eram as almas), elogo apoz um frade sem cabeça, que dava uma vela de cera para guardar ao curioso observador, o qual, procurando-a de manhã, não a encontrava!!... Sobre quem fosse realmente o frade, a theologia local ainda não estava bem assentada; as opiniões divergiam. Uns affirmavam que o *frade* não passava de uma *alma penada*; outros, porém, sustentavam que era o diabo disfarçado. Em todo o caso, ninguém ousava pôr em duvida a necessidade de *rezar pelos mortos*, para allivial-os das suas penas, e de rezar por si mesmo, para livrar-se do peso das proprias culpas. Sempre no fundo uma religião de *culpados*, uma religião de *criminosos*. E a impressão de terror, que tantas vezes experimentou o menino de outr'ora, não deixa de repercutir dolorosamente nas ideias e sentimentos do velho de hoje!

Voltemos agora ao nosso assumpto. A digressão é perdoavel.

Em contraste com a renascença italiana a arte allemã d'aquelle tempo traz sempre o cunho gothico. Os artistas parecem indicar um sentido mais profundo, para o qual o quadro não seria apto; elles são ricos de symbolos, até mesmo de enigmas. Gosta-se de observar o mundo com *humor*; as fabulas e os proverbios são os generos mais apreciados da litteratura. Da fabula zoologica desenvolveu-se desde antigos tempos uma epopéa zoologica. Em 1498, o *Reineke Fuchs* é traduzido do niederlandez para o *plattdeutsch*; elle é com rasão, ao lado do *Nibelungenlied* o mais popular dos velhos poemas allemães, e bem mereceu ser lembrado pelo grande mestre do periodo classico. O rei Nabel, diz J. Schmidt, é uma das mais gaiatas figuras, que a poesia já creou; mas tambem não lhe falta um certo serio, e o supplemento de 1498 deixa vêr bem claramente a disposição dos allemães em relação á Egreja.

O papa considerava o barbaro norte como provincia tributaria; elle fazia trabalhar a machina ecclesiastica, já um pouco enferrujada. Afinal os allemães, a quem se mandavam os mais impudentes religiosos mendicantes,

estavam cansados de se prestar á especulação da frivolidade romana.

Pouco a pouco, porém, de um modo penetrante, o *humanismo* tinha também aberto caminho na Alemanha, e foi aqui cultivado com mais profundeza do que na Italia. Os humanistas tedescos procediam pedagogicamente: escreviam tratados, grammaticas, dictionarios. A par do latim, foram também objecto de estudo o grego e o hebraico. Homens como Agricola, Conrado Celtes, Reuchlin e outros emulavam com os melhores humanistas italianos. Pela imprensa foi posta em segurança a nova riqueza classica, e ao mesmo tempo a cultura transmittida a mais largos circulos. Fallava-se então de coisa-*estupendas*: segundo Copernico, a terra, que se cria firme, devia rodar! Com a descoberta das duas Indias ella ganhou uma fórma redonda, e todo o mundo começou então a orientar-se sobre ella. A natureza com suas leis impôz se á reflexão, e o humanismo tedesco tomou a direcção decisiva contra a superstição e a sua sêde em Roma.

Nas cartas dos *Dunkelmänner* foram redicularisados os zelótas, ignorantes, que tinham perseguido o grande humanista Reuchlin. No numero dos autores foi também contado o joven cavalleiro Ulrich von Hutten, que durante uma estada de dois annos na Italia havia atacado o papa e toda a cleresia em satyras latinas. Depois de sua volta, Hutten foi coroado como poeta pelo imperador Maximiliano, em Augsburgo a 12 de julho de 1517, e ousou logo em seguida dedicar ao papa um escripto heretico; no prologo elle pintou os papas como uma série de loucos e scelerados, exceptuando ironicamente a Leão X.

Mais do que isto porém incommodou ao pontifice o clamor levantado pelos *mendicantes* por causa das indulgencias. Foi a celebre proposta das 96 theses de Luthero contra o dominicano Tetzel. A questão tornou-se popular, e o papa deveu temer que se lhe obstruisse aquella rica fonte de receita.

V

E' sabido qual foi então a attitude da Egreja diante do ousado monge.

Depois da morte do imperador Maximiliano, os principes tedescos tinham eleito Carlos V. Quando este em maio de 1520, foi pela primeira vez á Allemanha, recebeu a saudação de Hutten e Luthero em dois escriptos, que exprimiam a disposição prazenteira d'aquelle periodo juvenil da Reforma. Ambos eram decididamente gibellinos.

Hutten accusava a tyrania dos padres romanos: «*doch wird sie, wenn mich nicht alles trugt, bald vernichtet werden*» dizia elle. Não era nova esta ameaça. Já no seculo XIII o padre Langtof, na Inglaterra, fazia ouvir-a, como refere Eduardo Freeman, nos seguintes versos:

*Papa cito moritur. Cæsar regnabit ubique,  
Sub quo tunc vana cessabit gloria cleri.*

Mas nem por isso o grito de Hutten era menos prophético. Em o mesmo escripto elle celebrava Arminius, o precursor das luctas da Germania contra Roma, o qual justamente em 1519 se tornára conhecido pela primeira edição de Tacito.

Em sua carta—*An den christlichen Adel deutscher Nation*, da qual se pôde dizer que prestou n'aquelle tempo o mesmo serviço que tres seculos mais tarde prestaram os *Discursos* de Fichte, Luthero agradecia a Deus por ter dado á Allemanha como chefe *ein junges edles Blut*, e d'est'arte aberto a muitos corações a perspectiva de grandes esperanças. Entre outras cousas elle dizia: «Quando pensavamos ser senhores, tornamo-nos criados; temos o nome, o titulo e as armas do imperio; mas os seus thesouros e poderes, quem os tem é o papa: elle come o miolo, e nós brincamos com a casca vasia».

A bulla, que logo em seguida o papa expediu contra Luthero, este publicamente lançou-a no fogo. Levantou-se na Allemanha um jubilo geral. Lucas Cranach, cujos

retratos transmittiram á posteridade as feições do grande monge, zombou do papa em uma série de caricaturas ; Albrecht Dürer abandonou-se de todo á nova doutrina ; Sickingen offereceu um asylo a Luthero; Hans Sachs, o ultimo *Meistersänger*, deu alegre testemunho do... *Wittenbergisch Nachtigall,—die man hört singen überall*. Os humanistas acercaram-se do reformador. Elle tinha expresso aquillo que principes, cidades e cavalleiros traziam no coração, como voto intimo e secreto : separar-se de Roma; separar-se dos homens, de que fallava o auctor das *Epistolæ obscurorum virorum*; separar-se emfim do engôdo guelfo.

Como no tempo dos Hohenstaufen, a nação devia de novo, tendo na frente o imperador, fazer valer a honra da Allemanha. O momento era decisivo. Havia então a possibilidade de que esse grande paiz se transformasse de dentro para fóra, em um estado nacional, o mais poderoso da Europa. Que força immensa se escondia por detraz do reformador, mostrou a sua marcha triumphal, quando elle teve de apresentar-se em Worms. Mas a resposta do imperador foi o *acto* de 26 de maio de 1521. D'este modo desapareceu a direcção nacional da Reforma; a direcção ecclesiastica tomou exclusivamente a vanguarda.

Luthero era um filho do povo, educado nas tradições montanhezas, que ainda remontavam ao velho paganismo. Se tivesse vivido em outras éras, a legenda ter-se-hia apoderado da sua figura, para mais engrandecel-a e divinisal-a. Mas já não era tempo de fazel-o nascer, como Zoroastro, de uma virgem,—Dogdo,—que em sonho o recebera de um joven celicola; ou fazel-o, como Sakiamuni, descer em fóra de raio luminoso de cinco côres ao seio d'outra virgem, que assim se tornára sua mãe; legendas estas, que uma vez despidas do involucro poetico deram lugar a que um auctor (*Les Révolutions de Paris*, de 1792) aventurasse a seguinte observação : « os fundadores das mais importantes religiões foram todos bastardos ». Luthero era simplesmente um filho do povo, porém ao mesmo tempo um christão fervoroso.



Elle indignára-se ao vêr em Roma com os seus proprios olhos o reinado geral da mentira. Era no tempo em que Giovanni de Medici, o discipulo de Poliziano, pondo em pratica as palavras que proferira, subindo ao pontificado — *godiamoci il papato, poi che Dio ce l'ha dato*, — com o seu sequito de poetas e philologos, fazia bons versos latinos e bebia melhores vinhcs. O grande monge inquietou-se; e logo descobriu onde estava a fonte do mal: na *justificação* pelas obras. Esta presuppõe que a vida se deixa, por assim dizer, dividir em pedaços; mas para o sentimento do allemão a vida é uma unidade, uma integridade indivisivel. Não é esta ou aquella acção, porém o fundo mais intimo da personalidade o que decide dos destinos da alma. Não ha *purgatorio* que salve o homem do inferno da consciencia remordente. É de si mesma que a alma quer tirar o seu elemento divino, luctando, como Jacob, com o proprio Deus.

O principio de Luthero: não são as obras que salvam, porém sómente a fé, não exprime indifferença para com os actos em geral; elle era dirigido unicamente contra o sentimento da segurança, gerado pela pratica de taes e taes acções, que é o maior inimigo do homem. N'este sentido é que elle dizia: «*fides sola justificat, sed fides non est solitaria.*» (Dorner.—*Geschichte der protestantischen Theologie*, pag. 261).

Luthero, como decidido paulinista, estava bem convicto da peccabilidade da natureza humana; contudo não era menor a sua crença no facto da salvação; mas a consecução d'esta é problema só do individuo, ninguém mais pôde auxilial-o n'este mister. A vida de todo o christão, não sómente a do sacerdote, deveria ser uma prece constante, não de tantas e tantas *Ave Maria*, *Pater noster*, etc., porém uma prece sahida das profundezas da alma, uma especie de combate com o Senhor, embora tímida e tremulamente, mas sempre com inteiro sentimento da força da vontade.

Semelhante doutrina religiosa, uma theoria da fé assim concebida, não podia deixar de produzir bons fructos; e elles vieram em abundancia. Seria ao certo um

curioso estudo a indagação dos laços que prendem todos os feitos ulteriores do pensamento allemão á grande obra da Reforma. Sem Lutherro, um Kant, por exemplo, seria possível? Sem o presupposto lutherano d'aquella fé, que a alma tira do seu proprio fundo, sem intervenção de ninguém, seria possível o *imperativo categorico*? Limite-me a perguntar.

Crescido numero de correligionarios já Lutherro contava na Allemanha; cada vez mais a opinião publica tomava o lado d'elle. Em setembro de 1522 o *Reichstag* de Nuremberg foi surprehendido por uma mensagem do novo papa Adriano, que exigia de certo fosse opprimida a heresia lutherana, mas tambem confessava francamente os erros da curia, e promettia corrigil-os. O *Reichstag* mandou imprimir essa confissão, tomou nota das promessas e não acceitou as exigencias. Em Roma porém o piedoso e bem intencionado pontifice não teve força de realisar o menor melhoramento; podia-se então imaginar para a Reforma uma justificação mais completa?

O protestantismo levantou um novo principio de moralidade, o qual, em opposição á renascença, corresponde essencialmente ao espirito allemão: elle repousa sobre o lar e a familia. É certo que Lutherro não quiz dar ao casamento character sacramental, porém declarou-o, não só como coisa licita, mas tambem como moral e religiosamente ordenada. Homem e mulher não devem viver isolados, elles pertencem um ao outro. O homem deve ser o senhor da casa, mas a mulher é tambem a senhora. Meio gracejo, porém no fundo completa seriedade, Lutherro chamava muitas vezes á sua Kathe — *dominus meus*. Fóra do lar, entretanto, a mulher nada tem que vêr; por isso a galanteria, como ella foi exercida nas côrtes de amor de Provença, e nos cantos dos trovadores, communicada depois ao mundo culto nos *sonetos* a Laura, e finalmente tornada até accessivel ás massas nos idyllios, d'aquelle tempo, onde os amantes estavam sempre curvados aos pés das tyrannas pastoras, esta phantastica attitude, que importava um protesto contra o casamentos tornou-se objecto de escarneo dos poetas satyricos protestantes.

## VI

O protestantismo não se serve da *imagem*, porém da *palavra*. Na palavra consistia a força de Luthero, que foi o mais valente orador allemão. A sua biblia creou por assim dizer, o moderno *hochdeutsch*. Seus hymnos sacros, diz J. Schmidt, são como sons de trombeta, elles deviam necessariamente ser ouvidos, se não no céu, ao menos na terra. E acharam tambem o tom correspondente; ao passo que a musica da Egreja romana, pelo órgão de Palestrina, perdia-se n'uma especie de phantastica, aborrecida do mundo, a musica protestante, por meio do hymno propriamente dito, adquiria a capacidade de articular-se. O hymno era a unica fórmula, em que a multidão podia clamar ao Senhor, cantando louvores e exprimindo maguas, bem ao contrario da lithurgia latina, segundo a qual o canto era executado, como ainda hoje, de cima para baixo, por um côro instruido, fóra da communhão dos devotos (1.)

Considerando de um ponto de vista mais alto, a luta do protestantismo contra Roma, parece uma luta do germanismo contra o romanismo em geral. Elle foi bem succedido em todos os paizes germanicos; não assim, porém, nos paizes romanicos. Naquelles a velha egreja mostrou-se

---

(1) Isto suscita uma ligeira observação que poderia chamar — de psychologia religiosa nacional. Em rigor, não temos cantos sacros, o nosso *hymnario* é pauperrimo. Para quem tem o gosto de taes estudos, não seria um trabalho de todo inutil colleccionar o *hymnario* brasileiro, que se acha disperso pelas cidades e pelos campos. O que de melhor possuímos no genero, — (musica e verso) não é nosso. Ainda hoje prima sobre todos os hymnos que conhecemos o chamado *officio de Nossa Senhora*, — que começa pelas palavras: *Agora labios meos...* — É preciso já ter viajado pelos sertões, ter feito, como se diz, uma madrugada, e ouvido, ao passar por alguma choupana, um coro de vozes rísticas, que deixam transparecer a belleza das cantoras, entoando aquella phrase: *Estrella da manhã, Deus vos salve cheia...* — justamente quando Venus *coquettisa* no levante, obscurecendo as outras estrellas, como uma d'essas mulheres esplendidamente bellas, que chegam tarde aos bailes, mas chamam a si todos os olhares, e fazem mais d'um *canhão* recolher-se *incommodado* ao toilette; é preciso ter ouvido esse canto, para julgar do valor de semelhante hymno. Fóra d'elle, tambem nada mais existe, que mereça attenção.

improductiva ; nestes ella desenvolveu uma brilhante cultura, porque aqui o culto se apoiava sobre a indole e costumes nacionaes, ao passo que entre os germanos o culto lhe era contrario. E isto explica o facto notavel de que, no periodo classico da litteratura allemã, a direcção da vida espirital tocou exclusivamente a protestantes, posto que quasi metade do paiz fôsse de catholicos.

A reforma geral da egreja tinha naufragado, a christandade havia-se dividido. Começa então inesperadamente um forte movimento intimo em favor do catholicismo. Já em dezembro de 1545 Paulo III, Farnese, tinha-se arriscado a convocar para Trento um concilio, por estar seguro da maioria. O partido moderado foi batido ; a idéa protestante de uma egreja invisivel foi estigmatisada como heretica e em prol da pureza da egreja visivel posta em actividade a inquisição. Com a paz religiosa de Augsburgo, a educação da mocidade catholica da Allemanha foi entregue aos jesuitas, que abriram collegios em Ingolstadt, Colonia, Praga, e finalmente em Vienna. O novo rei da Hespanha, Philippe II, dá entrada á inquisição nos Paizes-Baixos.

A 23 de maio de 1555 sóbe á cadeira pontifical o fanatico velho Paulo IV, da familia napolitana dos Caraffa de Maddaloni, e abre caminho á perseguição dos hereges. Os papas que lhe succedem marcham nos seus passos. Aterroada pela secessão do norte, Roma torna-se pia, devota e sedenta de sangue. Acaba-se com a renascença e suas delicias. Já não era o tempo do filho de Lorenzo, o magnifico, banquetecendo-se com o seu Camillo Querno, o archi-poeta, como lhe chamavam, que de improviso dizia :

*Archipoeta facit versus pro mille poetis ;* e o papa tambem de improviso lhe redarguia com um bonito pentametro :

*Et pro mille alliis archipoeta bibit.* Já não era aquelle tempo de prazeres mundanos. Uma sombra negra se tinha estendido sobre os paizes romanicos. A consciencia, angustia da pela Reforma, é posta sem restricção alguma nas mãos do confessor ; ella não se deixa aprofundar, mas sómente, pelo terror ou por uma especie de convulsão moral, torna-se de todo hostil á natureza.

O concilio tridentino fôra dirigido por jesuitas. Esta ordem, que cada vez mais toma a vanguarda das luctas religiosas, é um dos phenomenos mais enigmaticos da historia moderna. A companhia de Jesus é uma companhia de soldados ; segundo o costume do seculo XVI, ella traz o nome de seu capitão, Nosso Senhor Jesus Christo. Seu principio é a guerra contra os pagãos e os hereges. Exigir della que desista dessa guerra, que não semeie, para maior gloria de Deus por toda a parte a lucta, e não accenda o facho da discordia, é aniquilal-a. E' uma espada que se enferruja, se não fôr constantemente manejada.

Iñigo Lopes de Recalde, o celebre Ignacio de Loyola, fôra um soldado e soldado quizera permanecer. Houve sómente uma differença, como diz Karl Frenzel : « elle trocou o serviço do rei da terra pelo do rei celeste. Grande adorador das damas, na maneira ceremonial do paladinato hespanhol, elle transportou o seu amor da dona terrestre dos seus pensamentos para a rainha do céu. Foi assim tambem que a camponeza Adonza Lorenzo do D. Quixote se transformou na brilhante princeza Dulcinea de Toboso. »

Em Pariz estudára Loyola a philosophia escolastica, e tanto elle como seus discipulos apropriaram-se de uma tal *virtuosidade* nas controversias que a Ordem pôde passar como continuadora daquella escola, ainda que não tivesse produzido nenhuma cabeça verdadeiramente especulativa. A companhia foi fundada, segundo idéas militares, sobre o principio da obediencia absoluta. O fim da Ordem, sua missão contra hereges e pagãos, devia ser comprehendido com todo o interesse pratico. Exercicios de devoção sem um alvo real e determinado foram prohibidos.

Os meios da propaganda eram principalmente a educação e o confissionario. Seu systema pedagogico tinha certas attracções. Tudo era dirigido para as bellas apparencias, para as disputas e exercicios oratorios. O jesuita affrontava na lucta a qualquer competidor, era mestre no latim, e habilissimo em dividir e subdividir idéas. Cousa notavel, bem digna de ponderação: a lingua allemã foi sempre cuidadosamente evitada por estes padres hespanhoes ; donde se pôde inferir que a repugnancia, que ainda hoje muita gente, aliás pretenciosa de cultura, mostra

ter á lingua de Kant, não é mais nem menos do que uma repercussão inconsciente deste velho *horror jesuitico*, para com o idioma de *Luthero*! A origem de tal sentimento, eu creio, não faz muita honra aos actuaes germanophobos.

Ainda mais importante que a educação, era para os jesuitas o confissionario. Elles são os verdadeiros inventores da *casuistica*, que apresenta uma tabella completa de todos os peccados possiveis e da sua expiação por meio de *boas obras*. N'este jogo de sagacidade chegaram a tal *maestria*, que não recuavam diante das mais absurdas consequencias. Quem lhes era util, nada tinha a receiar das suas *penas*; onde, porém, elles podiam, exigiam cega obediencia. A liberdade e a dignidade pessoal era calcada aos pés; o homem devia ser um instrumento nas mãos do sacerdote.

A Ordem nascera na Hespanha, onde tambem ella se propagou o mais depressa possivel. Isolado das correntes do resto da Europa, o espirito hespanhol, pouco entrelaçado com os destinos geraes, havia tomado um desenvolvimento parcial, todo firmado no orgulho da nacionalidade. Sete seculos de uma luta incessante contra os sarracenos, tinham tornado a nobreza hespanhola realmente brava, mas tambem cruel e *devota*. As aventuras selvagens do Mexico e do Perú haviam ainda mais reforçado essa crueldade. Commercio e industria pouco valiam. Ser *viejo christiano*, não ter nas veias sangue de judeu, nem de mouro, fazia o orgulho do castelhano; e herejes e judeus e mouros passavam como synonimos. A inquisição era uma instituição popular; seus principaes portadores, os dominicanos, foram legitimos caracteres hespanhoes. Em parte nenhuma teve a Igreja como na Hespanha, uma força tão illimitada, nem o *claustrismo* uma extensão tão enorme.

## VII

A reacção operada pelo concilio ia produzindo os seus fructos. Logo depois de encerrado elle, Pio V, Ghislieri, que de inquisidor tornara-se papa em 1566,

publicou a celebre bulla *in Cæna Domini*, na qual o pontífice romano foi declarado supremo senhor e protector do mundo, assim no espirital como no temporal com o poder sobre todos os principes, reis e imperadores. A Reforma negava a autoridade, o papa affirmava-a sem limite algum. Era uma *these* e uma *antithese* sem *synthese* possível.

A despeito, porém, de todos os esforços em contrario, o espirito da Reforma penetrára até na Italia. A historia dá testemunho de uma porção de italianos, que naquelle tempo abraçaram as doutrinas reformistas, trataram de ensinal-as, mas, não sendo entendidos, foram queimados, ou viram-se obrigados a fugir para a Allemanha. Entre elles figura brilhantemente a genial escriptora e philologa, Olympia Fulva Morata, de quem existem obras em latim e grego, não só em prosa como em verso, e cuja morte, que foi narrada por seu marido, o allemão Andréas Gonther, em uma carta latina, fez Settembrini dizer: « Io non sé se i papi e i cardinali del Cinquecento morivano con la fede e la serenità di questa donna *eretica che chiamava Christo* e vedeva tutto luce e fiori. »

Sem fallar de outros, como Pietro Martire Vermigli, Celso Martinengo, Pier Paulo Vergerio e Pietro Carnesecchi, basta lembrar que o grande Bernardino Ochino de Siena, geral dos capuchinhos, teve tambem de obedecer á influencia do tempo; e este santo homem, como diz o citado historiador da litteratura italiana, com cincoenta e quatro annos, já de cabellos brancos, prestes a ser feito principe da Egreja, viu-se de repente... *dipiuto come un eretico, un libertino, un furfante!* Coisas de jesuitas!

Em todo o caso, é certo que a Reforma, penetrando na Italia, não pôde produzir grandes effeitos.

A Egreja soubera tomar as suas precauções e empregar as suas medidas. Settembrini pretende explicar este facto por um modo, que é digno de reflexão. Elle diz o seguinte: « A raça germanica, com a vaidade de um joven, que rompe o freio do confessor e do padre, faz a revolução religiosa e se gloria della como de uma enorme proeza; a velha raça latina, porém, pouco se importa com isso, porque os seus pensadores já foram além da Reforma

e porque ella ruma então uma revolução muito mais vasta e comprehensiva... »

Taes palavras só podem ter sido dictadas pelo des-  
peito. Que tem que meia duzia de italianos se tivessem  
mostrado infensos a Roma, se todos elles, nem com  
seus actos, nem com seus escriptos, nem mesmo com  
a sua morte, conseguiram jámais abalar a autoridade  
de Roma? A questão não era que um pequeno circulo  
de pensadores professasse doutrinas *hereticas*; porém,  
que o povo christão, uma grande parte do povo  
christão, as commungasse tambem; só isso era capaz  
de ter uma significação historica. Mesmo depois da Re-  
forma, é possível, por exemplo, que um Giordano Bruno  
chegasse muito além da ideia do reformador; mas que  
fez elle? Simplesmente morrer queimado. Isto é pouco.  
Das suas cinzas nada brotou de util á humanidade.  
A Igreja, que o mandou queimar, é a mesma que hoje  
existe, com todas as suas pretensões, e que ainda hoje  
ordenaria de qualquer *hereje*, *ut quam clementissime et*  
*citra sanguinis effusionem puniretur*, isto é, que fosse levado  
á fogueira, se tal poder lhe concedesse o Estado.

As palavras que o illustre martyr proferiu ao ouvir  
a sua condemnação... *majori forsitan cum timore sen-*  
*tentiam in me dicitis, quam ego accipiam*, são celebres  
apenas como *phrase*. Infelizmente, porém, não deixam de  
ter igual celebridade as que escreveu a respeito d'elle  
Gaspar Scioppio, tedesco lutherano catholicado: *hic*  
*itaque modus in Roma est, quo contra homines impios et*  
*monstra hujusmodi procedi a nobis solet*. Bruno enganá-  
ra-se: os seus juizes não sentiram medo algum de condem-  
nar-o, quando os crentes de então acharam tão merecida  
a sua morte.

A ideia de Settembrini é de todo inaceitavel. E  
ninguem melhor a refuta do que elle mesmo; pois é elle  
tambem que assim se exprime: « Olhai para a velha  
Europa e para a joven America; onde encontraes povos  
que acceitaram a Reforma e a rasão, ahi tambem encon-  
traes moral, religião, liberdade, força, riqueza, tra-  
balho; onde porém os povos permaneceram obedientes á  
auctoridade do papa, ahi só ha corrupção, superstição,



servilismo, decadencia... e bandidos. E' inutil negar este facto; Roma está no meio de um deserto, e vive de esmolas : Londres tornou-se o centro do mundo, gloriosa de trabalho e de riquezas » .

Não dissimulo que o famoso professor da Universidade de Napoles (que não era protestante) parece ter carregado as côres do seu quadro ; mas no fundo existe verdade. E tanto basta para comprehender-se que a revolução religiosa de Lutherô não foi simplesmente um acto praticado *con la boria d'un giovanetto che rompe il freno del confessore e del prete*.

Além de outros, a reacção catholica teve tambem o effeito, como já fiz notar, de acabar com o espirito da renascença. Os grandes poetas do tempo, Camões, Tasso, Cervantes, Lope de Vega, prestam-se bem ao estudo d'esse phenomeno. N'elles se observa como que o processo de transformação do espirito de uma no de outra época da mythologia paganica na mythologia christan. Sem fallar na bem conhecida intervenção de Venus em prol dos propagadores da cruz, cabe aqui recordar que na *Galathea* de Cervantes, na *Arcadia* de Lope de Vega, os templos dos deuses e os claustros apparecem ao lado uns dos outros. Nem é de admirar que os poetas cedessem assim ao influxo de duas intuições diversas, quando a mesma classe sacerdotal não estava isenta d'elle. Conta Fra Paulo Sarpi que no concilio de Trento, um latinista, dando o seu voto sobre o dogma da unidade de Deus, accrescentou sorrindo : *Si Diis placet!* Isto é característico.

A intuição da contra-Reforma só chega a fazer-se completamente valer, em Calderon, uma geração depois de Cervantes (1600-1681). Mas ainda n'elle mostra-se uma dupla natureza : elle confessa os artigos de fé da sua Igreja e sabe utilisal-os com habilidade, porém nem todo dia é festa de santo, e o poeta não despreza a mythologia paganica. Um grande numero das suas peças tratam de themas tirados de Ovidio ; ahi não se falla de cruz, mas de Baccho, Venus, nymphas e oreades ; e até parece que n'estas imagens elle move-se com mais prazer do que nas legendas christans.

Entretanto, é só pela leitura de Calderon que se comprehende perfeitamente o odio da Reforma contra a santificação pelas obras. Onde o poeta se approxima do suprasensível, encontra-se a mais vulgar idolatria, a adoração do pau e da pedra. Na *Devocion de la cruz*, por exemplo, o fim é tornar bem claro que não ha crime, não ha corrupção intima bastante forte para extinguir a efficacia da graça, que sae do santo madeiro. Eusebio, um assassino e chefe de salteadores, esteve desde moço debaixo da protecção da cruz; em reconhecimento elle tambem nunca deixou de ajoelhar-se, onde quer que a visse. Se pretendia commetter um assassinato e se lhe apresentava o signal da cruz, retrocedia immediatamente. Eusebio morre em um combate e morre *sem confissão*; pelo que iria parar no inferno, se não fossem os milagres da cruz. Da sepultura elle grita por um padre, a quem, por força da devoção, havia poupado a vida, e que lhe tinha promettido não deixal-o morrer *inconfesso*. Dito e feito. Não obstante a immensa distancia o padre acode ao appello; Eusebio sae do tumulo, confessa-se, recebe a absolvição e entra assim de novo nos dominios da *graça*! Para dar a verdadeira côr a esta doutrina da expiação do peccado por actos de fé externa, brilhavam no fundo do quadro as chammass das fogueiras, em que, no meio do jubilo da multidão, os herejes eram queimados em honra e gloria da santissima cruz.

## VIII

O espirito germanico protestante não tinha chegado a expandir-se de todo na reforma allemã; não tinha achado a palavra adaptada á exacta expressão do seu sentimento. A Allemanha cedeu, n'este ponto, sua missão historica ao povo inglez, que lhe é consanguineo. Este era o unico dos povos mixtos, em quem o elemento germanico sobrepujou e absorveu o romanico. Sua lingua tivera já no seculo xiv Viclef, o precursor da Reforma, e Chaucer como dignos representantes.

Na terrível guerra civil das *Duas Rosas* a nobreza normanda havia sido quasi extincta; uma forte burguezia tinha-se erguido na lucta. O *gothico* não recuara, na Inglaterra, diante da *renascença*, que só superficialmente influíra no paiz. A separação de Roma não foi pesada a Henrique VIII; a Igreja por elle fundada tinha um character nacional e aristocratico.

Surgiu então do seio da velha Inglaterra, o poeta, que devia representar a vida moderna contra a vida antiga, o Norte *vis-à-vis* do Sul, o mundo gothico em face do mundo romanico, emfim, o espirito dos *Nibelungen* ante o espirito da *Iliada*, e representar tudo isto com uma força de que a moderna historia não conhece outro exemplo.

Shakespeare (1564-1616) foi contemporaneo de Cervantes. Das suas relações com a cultura do tempo só é bem conhecido o estudo de Montaigne, cujos *Essays* appareceram em 1580. A sua technica, sobretudo nas primeiras peças, distingue-se pouco da dos dramaturgos inglezes coetaneos, que em parte eram de grande talento; e todavia, que distancia entre elles!

O verdadeiro genio é assim. Quaesquer que sejam os elementos, d'onde elle sáia, entra sempre como uma maravilha no mundo dos phenomenos. Elle estava muito em contacto com os seus contemporaneos, para que estes tivessem qualquer presentimento da sua grandeza. Houve um tempo, em que elle foi esquecido; depois surgiu de novo. Desde então tem ido n'um constante augmento de importancia; e os allemães se podem orgulhar de haver achado para a figura do grande inglez a justa perspectiva, como elle tambem, mais que qualquer outro homem, tem fecundado a vida espiritual allemã.

A atmospheria em que Shakespeare nos introduz, é legitimamente britannica. As peças que se occupam com a historia patria, pertencem ao numero das mais fracas, porém merecem ser estudadas, porque ellas mostram como era disposta a vida, cuja lei o poeta revelava.

Quando Shakespeare escrevia, as guerras civis viam ainda na lembrança publica. O velho mundo decera ao tumulto e sobre elle a herva tinha crescido, mas o

avô narrava aos netos o que elle ouvira contar d'aquella terrivel geração, e os Tudors empregavam todo o cuidado para que o terror não cahisse em esquecimento : o carasco fazia parte dos mais importantes personagens da Inglaterra. Ainda brincava-se levemente com o sangue humano. D'um lado, crimes colossaes ; de outro lado, penas barbaras : o juiz moralmente igual ao criminoso coberto de ferros. A isto accrescia o morbido horror d'um mundo subterraneo de feiticeiros e de espectros. Tal se mostrava a vida na Inglaterra, quando a consciencia foi abalada em suas alturas e em suas profundezas pela invasão do protestantismo.

Aquella época tinha tambem o seu lado luminoso. O povo possuia ainda a velha força germanica ; a lingua não tinha desaprendido a dizer as cousas pelos seus proprios nomes, e preferia os mais asperos. Os homens eram capazes d'um riso cordial ; ninguém se envergonhava de quaesquer emoções naturaes.

Como defensora do protestantismo contra a Hespanha, a Inglaterra tornou-se uma potencia européa. Tudo que na Europa aspirava á liberdade, celebrou em Elisabeth a vencedora da *Armada*. Grandes pensadores, como Bacon, fecundavam a cultura geral e no mais fundo das almas vivia a antithese consciente do principio catholico da santidade das obras. A palavra de Luthero penetrou na Inglaterra ; sabia-se da sua briga com o rei Henrique. Nem é em vão que Shakespeare faz o seu Hamlet estudar em Wittemberg.

Os inglezes em todos os tempos levaram vantagem ás outras nações no gosto e no talento de copiar a vida real com uma fidelidade photographica. Tambem n'este realismo Shakespeare é inexcédível : Falstaff e Shylock são typos que não encontram iguaes em nenhuma litteratura. Mas o realismo em Shakespeare é sómente meio : seu fim é mostrar em typos a lei psychologica natural.

Entre os gregos o heroe tragico era *substratum* da força dos deuses ou do destino ; no poeta inglez a culpa do heroe é o seu destino, e o seu character é a sua culpa. O fundo proprio do *tragico* repousa em que o heroe obra sob a coacção de sua natureza, e comtudo sente-se livre ;

sua acção é sua paixão, e esta lhe apparece como um acto. Quem pudera jámais esquecer aquelle terrivel monologo de Ricardo III! ? E' accusador, accusado e juiz em uma só pessoa. Nenhuma circumstancia secundaria lhe pôde obscurecer o seu crime ; elle julga não só de cada um dos factos, como julga tambem do character mesmo, d'onde os factos sahiram.

A tragedia da consciencia apresenta-se, por assim dizer, o mais palpavel que é possivel, nas peças de assumpto romano. A influencia de Livio, Plutarcho e outros, é muito pequena. Cesar, Coriolano, Antonio... são inglezes. Shakespeare projectou no mundo romano as impressões moraes oriundas da guerra das *Duas Rosas*.

Não é meu iutnito, nem aqui teria cabimento, passar em revista todas as producções do poeta. Comtudo, não posso resistir ao desejo de fazer menção especial de duas das mais importantes.

Cada peça de Shakespeare tem sua atmosphaera particular, seu tom, sua côr, segundo a qual se harmonisam todos os reflexos da luz. Esta côr total da peça espalha-se tambem sobre todas as figuras d'ella.

Hamlet é uma tragedia de character ; mas em vão tem-se buscado reduzir a uma simples formula o *schema* d'esse character. Em cultura e espirito superior a todos, Hamlet sente-se enjoado pelas vistas do mundo. Seu proprio espirito é por assim dizer a sua fatalidade. Façamos em rapidos traços passar ante nós algumas scenas do drama. E' uma fria e medonha noite de espectros ; nenhum signal de verdôr, nenhuma côr, que indique a vida. O lugar é feito para phantasmas. Não admira que nos demoremos tanto tempo no cemiterio ; a terra inteira é um cemiterio ; as caveiras são a unica realidade, que resta dos sêres vivos ; e n'aquelles que ainda vivem, que é verdadeiro ? que é real ? A morte mesma, é uma realidade ? Que é a felicidade terrena, o amor ? Que é mesmo o dever da consciencia n'este mundo de apparencias vãs e de baixezas ? Vale a pena lançar mão da energia da vontade, que entretanto sempre nos foge ? Taes abyssmos do pensamento repousam debaixo da

superfície da vida; e justamente para levar o olhar a estas profundezas, é que o poeta creou a fabula do *Hamlet*.

Em *Romeo e Julietta* parece tudo immerso na rosea flamma de terna sensibilidade. A peça pinta as doçuras e os soffrimentos d'um feliz amor. Cada palavra respira um ardente prazer da vida. Onde mesmo a paixão se agita indomavel, do olhar colerico e desesperado ainda borbulha a alma, que se sente destinada para a felicidade. E' certo que Romeo bebe o veneno e Julietta crava o punhal no peito, mas ambos morrem com o sentimento de ter vivido e haver sido capazes e dignos de viver.

*Romeo e Julietta* foi n'estes ultimos tempos objecto d'um estudo á parte, d'um estudo sério de Eduard von Hartmann. O grande philosopho quiz provar que a ideia commum de vêr n'essa tragedia uma encarnação dramatica do ideal do amor, é uma ideia falsa, ao menos para o mundo germanico. Romeo e Julietta, diz elle, correspondem bem aos ideiaes romanicos, mas contrastam duramente com os ideiaes allemães...

Acho rigor em tal juizo. Quero crêr que a differenciação das raças tambem se faça valer no modo de conceber e de sentir o amor; mas existe ali alguma coisa, que nada têm que vêr com as raças, que é superior a todas ellas; é o amor-doença, o amor que invade o homem, sem pedir permissão, á semelhança de *febre* ou *cholera*, como diz Iwan Turgeniew. E não terá sido d'este que o poeta quiz dar-nos a pintura?

Shakespeare sempre passou e ainda passa por um profundo conhecedor da natureza humana; deu d'isto vivas provas em todos os seus dramas. Devo porém confessar que de tantas e tão claras attestações d'esse facto nenhuma jámais me pareceu tão evidente, como aquella que se contém em meia duzia de palavras de Julietta, na scena 5.<sup>a</sup> do acto 1.<sup>o</sup>. E' quando a moça, já apaixonada por um só primeiro encontro, adoecida de amor, diz á sua aia, referindo-se a Romeu: « Vae informar-te do seu nome; se elle é casado, eu terei o tumulto por leito nupcial ».

Que explosão! Porém tambem que verdade! Concordo que difficilmente as Juliettas de hoje exprimir-se-hiam de tal modo. Na sua bocca as palavras seriam estas: « Vae

informar-te do seu nome: se é casado, — então... o diabo que o leve; eu estava zombando d'elle ». Mas isto não destroe a verdade do ideal shakespearino do amor, que não conhece outra lei senão elle mesmo, do amor que esvoaça livre por cima de todas as convenções e regulamentos sociaes.

Shakespeare não era uma natureza simplesmente robusta; via ás vezes, como Hamlet, quadros negros. Mais em cheio do que elle ninguem sentiu a força da vida; mas tambem ainda nenhum poeta accusou a vida mais duramente do que elle.

## IX

Desde a paz religiosa de Augsburgo a Allemanha havia tomado pouca parte nos grandes movimentos do mundo; a occupação geral concentrara-se em pequenas querellas theologicas. Os costumes eram rudes; ainda mais rudes os divertimentos do povo. *Grobionus* e *Eulenspiegel* são as figuras favoritas.

Para esse estado de cousas contribuíram não pouco as brigas constantes dos lutheranos. A causa protestante teve um infatigavel defensor em Fischart, o poeta mais popular d'aquelle tempo, que nos annos de 1572 a 74 não cessou de sahir a campo, em prosa e verso, contra os jesuitas.

Por menos agradavel que parecesse a vida afeiçoada segundo os principios de Luthero, comtudo ella não deixava de ir em continuo progresso. Para o mal que a Reforma tinha produzido, veio uma grande indemnisação moral. A extincção do celibato fundou com mais força do que todos os compendios uma nova moralidade.

Visivelmente, na passagem de um para outro seculo, mostra tambem a litteratura, que é toda protestante, um impeto para as alturas. Kepler, um dos maiores pensadores que a Allemanha já possuiu, descobriu em 1596 as leis eternas da mecanica celeste. O piedoso Arnd

publicou em 1605 o seu livro *Vom Wahren Christenthum*. Vieram depois Jacob Böhme, sapateiro de Gorlitz, com as suas *Morgenröthe im Aufgang* (1612), a que se seguiu uma serie de escriptos analogos, e Valentim Andréa, cujo escripto satyrico do cavalleiro, *Rosa-Cruz* (1615) deu logar á fundação de uma sociedade secreta. Em 1617 reuniram-se em Weimar um grande numero de principes e senhores, com o fim de cooperarem para a pureza e nobilitação da lingua allemã, de accordo com modelos latinos e francezes. Ao mesmo tempo começou o silesiano Opitz as suas tentativas de dar ao verso allemão uma medida mais rigorosa; introduziu o *alexandrino*, que dominou seculo e meio, e encheu as suas poesias de allusões classicas.

Em torno de Opitz agruparam-se diversos poetas, que formaram a chamada primeira escola da Silesia, por amor do chefe. Esses poetas, Simon Dach, Paul Flemming, Paul Gerhard, Friedrich Spec e outros — padecem todos da doença do tempo: a prolixidade; e onde elles comprehendem alguma cousa de grande, as suas forças não chegam para executal-o. Ha n'elles todavia o que se possa lêr ainda hoje.

Appareceu então o gosto e predominio do estrangeirismo, que chegou á sua maior florescia, quando em julho de 1654 subiu ao throno o imperador Leopoldo. Filho de mãe hespanhola, elle crescera no meio das tradições da politica e da etiqueta de Hespanha. Seus mestres foram jesuitas, e sua mocidade passada em rigorosos exercicios de devoção. Como imperador, elle fallava hespanhol no seio da familia, e latim com os sabios; os divertimentos da corte eram italianos. Sempre o odio ao allemão, implantado pelos filhos de Loyola.

A guerra dos *trinta annos* deu á litteratura alleman da epoca uma cor especial: o que não respirava necessidade e miseria, pobreza e incultura, era simples ouropel. Isto se nota até no *Lied* sacro, que tomou uma extensão cada vez mais crescente. Todos se haviam habituado a tornar patente a grandeza de Deus só por meio do



contraste com a miseria humana. Os hymnos em geral eram fundidos n'este molde (2)

A Allemanha tinha só ainda do passado uma triste lembrança, nenhuma fê no presente, nenhuma esperança no futuro. Esta inconsolabilidade exprime-se até nos melhores poetas do tempo. Entre estes figuram os dramaturgos, Andreas, Gryphius, que visitou Paris em 1644, justamente quando apparecia com Corneille um novo rebento da litteratura franceza (a primeira representação do *Cid* fôra em 1636), e Lohenstein, auctor dos dramas *Cleopatra*, *Agrippina*, *Epicharis* (1661-1665). A prosa de Lohenstein e dos seus amigos da segunda escola *silesiana* é ainda muito má. Nas *Heroides* do mais celebrado poeta d'essa escola, diz J. Schmidt, não se encontra uma linha, que se possa lêr com satisfação.

O unico romance, que mostra realmente a vida alleman de então, o aventureiro *Simplicissimus*, remonta a modelos hespanhoes. O livro appareceu em 1669, teve varias edições e foi muitas vezes augmentado. Seu auctor, Grimmelshausen, depois de passar á Egreja catholica, morreu em agosto de 1676.

Em assumptos moraes *Simplicissimus* não sabe de lei nem de regra alguma. Sua historia do casamento é de

---

(2) Volto a accentuar a nossa indigencia em materia de hymnos, mesmo para arredar qualquer susceptibilidade, que as minhas palavras possam ter offendido. Eu quiz sómente fallar de um *hymnario popular*, e não de um *hymnario culto*; quiz fallar sómente dos *cantos sacros*, que o povo inventa, e não d'aquelles que os artistas compõem. N'este ponto, é innegavel que nada temos, digno de attenção, não só nas cidades, como tambem nos campos. Eu já ouvi uma vez (ha cerca de cinco annos) em um rustico *nocturno religioso* entoar-se com todo o sério, em tom de *ladainha* á Santa Virgem, os conhecidos *saphicos* de Castro Alves, que se sabe foram escriptos para uma bella descendente de Israel, mas não de certo a mãe de Deus. O mestre de capella cantava: *Pomba de esperança sobre um mar de escolhos*, e o côro respondia: *ora pro nobis!* — Dizia o mestre: *Lirio do valle oriental, brilhante*, e o côro respondia: *ora pro nobis!* De novo: *Estrella vesper do pastor errante*, e o côro bradava: *ora pro nobis!* Ainda uma vez: *Ramo de murta a rescender cheirosa*, e o côro sempre: *ora pro nobis!* Ha maior prova da alludida pobreza do que estas e outras profanações?

uma frivolidade sem igual, e elle não sente o menor escrupulo; a cousa lhe parece naturalissima. Não conhece a *lei*, mas o *sentimento* da fidelidade. Ha d'est'arte em sua natureza uma singular mistura, que é característica da epoca.

Encerro aqui o presente esboço, que só como esboço mesmo, offereço ao leitor amante das letras allemans.

•

~~~~~

VI

Traços de litteratura comparada do seculo XIX

I

Segundo o plano da historia, que muitos chamariam a economia providencial do universo, todo o povo que progride e se desenvolve, tem uma dupla missão: uma interna e outra externa; uma volvida para si mesmo e outra para os demais povos.

Cada nação, mais ou menos impellida de uma lei inelutavel e superior ás tendencias exclusivas, sente uma continua necessidade de completar-se material e moralmente, mutuando com as suas irmãs os beneficios da cultura, considerada principalmente em seus resultados praticos.

Todos os dias o liame dos espiritos torna-se mais intimo e se dilata até aos mais longiquos pontos do globo. A industria e o commercio ajudam não sómente a promover a sociabilidade internacional e a harmonia dos interesses, mas tambem a augmentar o deposito ideal dos principios, sobre que se funda a conservação e o bem estar do genero humano.

A litteratura, expressão e manifestação desses principios, tende em nossos dias, mais que em outra qualquer epoca, á universalidade, á assimiliação daquelle parte do patrimonio intellectual dos diversos povos, que é susceptivel de ser transmittida, como tributo, ao erario commum da civilisação.

Pela rapida e constante troca de ideias, de costumes, de riquezas, as nações cultas, como que transvasadas umas nas outras, fazem presentemente da Europa e de uma boa

porção da America um povo unico e enormemente grande. O estudo das linguas e litteraturas estrangeiras é um traço caracteristico do nosso tempo. Nenhum outro período historico nos apresenta signaes tão vivos de unificação mental, pelo menos no dominio das letras e das sciencias.

Mas importa observar que essa unificação não se dá em proporções iguaes. Nem todas as nações cultas da actualidade, ou como taes reputadas, mantêm-se entre si n'um perfeito estado de reciprocidade intellectual. Ha umas que fallam mais alto e outras que se limitam a escutar. O pão espirital, que serve de alimento a todas ellas, não é producto da cooperação de todas.

Ainda nesta esphera, quero dizer, na esphera scientifica e litteraria, apresenta-se verdadeira a notavel divisão da especie humana, que fez Henrique Klenke, nos tres seguintes grupos, delimitados pela natureza e pela historia : 1° povos *solares*, ou o lado *diurno* da humanidade ; 2° povos *planetarios*, ou o seu lado *nocturno* ; 3° povos de *transição*, ou o seu lado *crepuscular* ; grupo este, que por sua vez se subdivide em povos que se levantam e povos que decahem. (1)

Sómente aos povos solares é que pertence o trabalho cultural do espirito humano, encarado sobretudo pelo seu lado intimo, no puro dominio das ideias e dos sentimentos. Só elles, por conseguinte, possuem uma *litteratura*, no rigoroso sentido da palavra, um immenso capital circulante de riquezas ideaes, que fecundam e vivificam o trabalho dos outros povos.

Dahi vem por certo que nos tempos actuaes, em que os cidadãos dos diversos paizes, atormentados todos igualmente da necessidade de independencia, de liberdade honesta, e da insaciavel sêde da verdade, vão por vias diferentes em busca desse alto scopo, afastados entre si, estranhos pela lingua e desconhecidos uns dos outros, o melhor meio de approximação espirital, o meio mais

(1) Não ha duvida que nós os brasileiros pertencemos ao terceiro grupo ; somos um povo de *transição*. Se, porém, caminhamos para cima, ou para baixo, se subimos, ou descemos, é questão que aqui não interessa, nem se quer agitar, e muito menos tratar de resolver.

efficaz para inspirar-lhes o sentimento de visinhos e de irmãos, é justamente o estudo das litteraturas estrangeiras.

E se talvez aqui ou alli ainda se dividem as opiniões, os interesses, as tradições nacionaes, no cultivo unico das lettras tudo isso desaparece, as diferenças se attenuam, as antitheses se harmonisam, por uma ideia mais alta do bem commum, por uma nobre aspiração á felicidade geral.

Não se entenda porém que esse estudo das lettras estrangeiras, como ahí fica delineado, seja uma simples questão de memoria, um trabalho de mera nomenclatura de livros e de autores. Não, de certo. Elle tem o seu lado scientifico e bem assim o seu methodo adequado, que é o methodo comparativo.

O que este ultimo tem sido para as linguas e para as religiões, que só a elle devem os mais sorprendentes achados, pôde sel-o igualmente para as litteraturas.

Ouçamos a tal respeito um homem competente. « A litteratura comparada, diz George Brandes, tem a dupla vantagem de approximar-nos tanto do *alheio*, que podemos appropriar-nos d'elle e de afastar-nos tambem do *proprio* por tal modo, que chegamos a poder encaral-o de cima para baixo.

Não se vê perfeitamente nem o que está muito perto, nem o que está muito longe dos olhos. O estudo scientifico da litteratura fornece-nos, por assim dizer, um bino-culo, do qual um dos lados augmenta, e o outro diminue o objecto observado. Importa pois empregal-o de maneira, que possamos corrigir as illusões da visão a olhos nús» (2).

Este mesmo escriptor é de opinião que até bem pouco tempo, no ponto de vista litterario, as diversas nações realisaram praticamente a fabula da *raposa e da cegonha*. O que uma sabia da outra, era tão abundante, como a parte da ignaria que o bico da cegonha podia tirar de cima da pedra, ou o focinho da raposa de dentro da garrafa, conforme o modo particular a cada uma de obsequiar a sua hospeda.

(2) *Die Hauptstroemungen der Literatur des 19. Jahrhunderts* — pag. 1 e 2.

Entretanto, esse tempo, já não pôde chamar-se nosso. Não é que a litteratura comparada tenha feito grandes progressos, nem mesmo que os seus cultores já se mostrem em numero consideravel. Mas ao menos é certo que a critica de Brandes perdeu a rasão de ser. Não só as historias litterarias multiplicam-se de dia em dia, como até succede que, por exemplo, a litteratura franceza, nas mãos de um Juliano Schmidt, ou a ingleza, nas mãos de um Taine, ou mesmo a allemã, nas mãos de um Tommaso Gar. nada têm a desejar de mais analytico e mais profundo, que podessem por ventura produzir escriptores nacionaes.

No vigente seculo, sómente quatro nações, a Allemanha, a França, a Inglaterra e a Italia, têm estado á frente do movimento litterario, e só as suas litteraturas merecem o titulo de *Weltliteraturen*, como dizem os allemans, ou litteraturas universaes. Tudo o que de bom e aproveitavel se ha pensado, escripto e fallado em outro qualquer lugar, neste ou naquelle paiz *epigono*, tem sido sempre uma repercussão do pensamento original de um dos quatro paizes *progonos*.

Bem pôde, á primeira vista, semelhante asserto parecer exagerado, e mesmo não faltará, quem o qualifique de tal, tomando como verdade a singular illusão de que a Italia não entra com igual direito na categoria aberta para as outras tres nações, attento que a sua influencia tem sido e continúa a ser muito inferior, e em mais de um ponto quasi nulla.

Porém o erro é manifesto. Para mostral-o, basta lembrar que não ha litteratura de povo algum da actualidade, onde ao espirito catholico não se tenha feito uma larga parte; e fallar do espirito catholico é fallar da influencia de Roma e reconhecer, por consequente, ao menos em uma das direcções da actividade pensante, a preponderancia da Italia.

Tendo-me proposto no presente escripto um pequeno estudo de litteratura comparada, era natural que buscasse o meu assumpto entre as nações mais cultas: e assim o fiz. O meu trabalho abrange pois uma apreciação

comparativa das lettras allemans, francezas e italianas, não em todo o decurso do seu desenvolvimento, mas em um periodo determinado da historia litteraria deste seculo. Por que motivo exclui a Inglaterra do meu campo de observação, para dizel-o com franqueza, devo confessar que não foi sómente com o fim de não augmentar as difficuldades da empreza, mas tambem por que tratava-se de um terreno, em que sentir-me-hia menos seguro e desembaraçado (3).

Estudando a evolução litteraria dos tres paizes, limitada principalmente á epoca decorrida desde 1830 até aos nossos dias, como outra cousa não se podia esperar de mim, eu faço da Allemanha o centro das minhas observações. A França e a Italia gyrrarão em torno della. Uma questão de sympathia, sem duvida; mas tambem uma questão de methodo; e é licito a cada um seguir e applicar o que melhor lhe parece.

Muita gente ainda suppõe, ao ouvir fallar de litteratura comparada, que ahí só se trata de um processo de confrontação e medida dos diversos autores, para determinar, quaes sejam os mais meritorios. Assim um estudo comparativo das lettras francezas e allemans teria obrigação indeclinavel de mostrar, por exemplo, qual dos dois é mais forte na *munhéca*, se Strauss, ou E. Renan, se Thierry, ou L. Ranke, se George Sand, ou a Condessa Hahn-Hahn, etc.

Mas isto é um conceito erroneo. A litteratura comparada é simplesmente uma pesquisa historica das reciprocas influencias, das acções e reacções metachimicas, que abalam os espiritos, em um dos vastos dominios da vida internacional. E só assim é que ella podia assumir feição scientifica e tornar-se realmente digna de ser cultivada.

(3) Convém notar que este escripto não se apresenta de todo como uma novidade. Elle é uma especie de recopilação de prelecções feitas pelo auctor o anno passado em um curso particular de litteratura.

II

Convém, entretanto, accentuar mais vivamente o verdadeiro sentido da palavra *litteratura* ou pelo menos aquelle que me parece mais exacto e aceitavel.

Por *litteratura* entendem alguns o conjuncto das producções intellectuaes de um povo, quaesquer que ellas sejam; sem attenção á substancia e á fórma dessas mesmas producções; outros porém tão sómente aquellas obras, cuja fórma e substancia são reguladas pelo padrão da arte; outros enfim os productos da intelligencia, artisticamente elaborados, mas formal e substancialmente impressos de um caracter especial, que os distingue, por si mesmos e independente da consideração da lingua, dos trabalhos similares dos outros povos.

Qualquer destes tres conceitos, que aliás não são exclusivos e antitheticos entre si, tem a sua parte de verdade e a sua parte de erro. O primeiro resente-se do defeito de uma demasiada extensão. Tomado como principio regulador, faz-nos-hia incluir no quadro da historia litteraria de um paiz, até as suas leis, os relatorios dos seus ministros, a correspondencia official das suas autoridades, as peças processuaes da sua vida forense, etc. Não é mister melhor refutação.

Mas tambem o segundo não se mostra menos defeituoso pela sua demasiada estreiteza de ambito. Por quanto, admittido o caracteristico da arte, applicada esta medida como unica determinadora da materia litteraria, ver-se-hia desaparecer dos olhos do historiador um sem numero de obras, que entretanto pertencem de direito ao dominio da *litteratura*.

As producções intellectuaes, reguladas pelo padrão artistico, são sómente aquellas, onde prepondera o *momento* esthetico, onde o unico problema a resolver é a expressão do *bello* de qualquer fórma, do *bello* de qualquer genero, tendo por meio a palavra que é a primeira veste do pensamento, a veste mais transparente e espiritual.

Já se vê que deste modo as obras scientificas ou aquellas em que se dá a preponderancia do *momento logico*, a exposição e demonstração do *verdadeiro*, ficariam fóra de questão. Um trabalho, por exemplo que se occupasse da litteratura franceza do nosso tempo, deveria dar-nos conta dos romances de Zola, mas passaria em silencio a *Vida de Jesus*, o *S. Paulo*, o *Anti-Christo* de Renan, e muitas outras obras de sabios autores.

Eu creio que ninguem sériamente sentirá difficuldade em rejeitar, como lacunoso, semelhante modo de vêr. E' certo que elle é em geral o mais seguido; mas nada importa. Quando se trata de firmar uma verdade, as opiniões não são votos *que se contam*, porém votos *que se pesam*. Não quero com isto dizer que os sectarios de uma tal ideia sejam espiritos de ordem inferior, cujo numero legionario não esteja no caso de contrapôr-se ao pequeno trôço de espiritos de primeira ordem, que professam opinião diversa. Mil vezes não.

A razão é outra. E' que todos esses que vasam a litteratura em tão acanhado molde, não são sempre fieis á sua doutrina, nem sempre coherentes consigo mesmos; o que prova pelo menos um estado de vacillação e de duvida, consciente ou inconsciente, pouco favoravel á verdade dessa doutrina.

Assim, entre outros, basta lembrar o exemplo do celebre professor e venerando patriota italiano Luigi Settembrini. Com effeito elle define a litteratura como *l'arte nella parola, a arte na palavra*; conceito este que está de perfeito accôrdo com o que acabo de refutar. Entretanto, o illustre mestre esquecendo-se do compromisso contrahido pela sua definição, não duvidou dar entrada em suas *lições de litteratura* a sabios, como Galileu, a philosophos, como Giordano Bruno, e até, o que mais admira, a esculptores, como Canova. (4)

A incoherencia é manifesta. Realmente, se a litteratura é a *arte na palavra*, a que proposito o nosso autor veio tratar da *Psyché*, do *Theseu*, do *Hercules* e outras

(4) *Lezioni di letteratura italiana* —III— pag. 301.

bellissimas creações do hypergenial estatuario? O cinzel não é a penna, nem a lingua; com elle não se escreve, nem se falla; por que motivo, pois, fazer menção dos seus productos entre os productos artisticos da palavra escripta ou fallada?

Não é difficil mostrar a origem de semelhante contradicção. O professor italiano, em cujo conceito da litteratura transparece a influencia da intuição franceza, segundo a qual ainda hoje a maioria dos escriptores, o que pertence propriamente á esphera litteraria, se determina sobretudo pela consideração da palavra como arte, no mais estricto sentido da expressão, isto é, como arte manifestada na poesia e na chamada prosa poetica, o professor italiano, repito, deixou-se tambem influenciar pela intuição alleman, para a qual a historia da litteratura envolve todos os grandes phenomenos da vida espirital, uma vez que sejam provocados, não por um interesse pratico, como são em geral os artefactos technicos, mas por uma aspiração de character especulativo, sem visar directamente á utilidade, individual ou social, ainda que essa utilidade possa depois advir por si mesma.

O defeito da velha intuição franceza provém principalmente de um modo erroneo de apreciar as relações da poesia com a prosa. Estabelecendo entre ellas uma antithese quasi inconciliavel, pouco mais ou menos de accôrdo com um dos comicos typos de Molière, para o qual... *tout ce qui n'est point prose est vers et tout ce qui n'est vers est prose*, os litteratos chegaram a formar a pobre lei, que só admitte em seus dominios a poesia, que não é prosa, expellindo delles sem piedade a prosa, que não é poesia...

Como, porém, era impossivel recusar o titulo de litterarios a certos productos da *linguagem solta*, ou da que os latinos chamavam *oratio pedestris*, entenderam resolver a difficuldade, creando o esdruxulo conceito da chamada *prosa poetica*.

E esta frivolidade, seja dito de passagem, chegou a tornar-se realmente uma praga. Entre nós, sobretudo, houve um tempo em que a mania se apoderou de todos os espiritos e quem quer que ainda ousasse exprimir na sua

linguagem as circumvoluções naturaes do seu pensamento, quem quer que o não fraccionasse em phrases rapidas, incompletas, disparatadas, era repellido como um barbaro, *não tinha estylo*. A metaphora permanente, a metaphora em tudo e por tudo, tornara-se o distinctivo dos *grandes* escriptores. V. Hugo, Quinet e Pelletan eram os prophetas da epoca. A malfadada *prosa poetica*, que, no dizer de Scherer, tem tanto senso, como *poesia prosaica*, fazia as delicias da mocidade que lia e escrevia.

Não deixa hoje de causar uma certa admiração vêr como *os mortos andam depressa*. Apenas um quarto de seculo ha decorrido de então para cá e já parece que ninguem mais se lembra dos monumentos de *prosa poetica* daquelle tempo.

E' verdade que a doença ainda não desapareceu de todo; o gosto da *phrase cortada*, do periodo semita ou *pretendido estylo biblico*, não cessou inteiramente de importunar-nos. Mas afinal as cousas sempre mudaram; a direcção é diversa.

Não se julgue que exagero, quando qualifico de pathologico o phenomeno mencionado. Estou de accôrdo com o celebre psychiatra, Cesare Lombroso, para quem todas essas extravagancias litterarias podem bem servir de indicação morbida. E merecem ser transcriptas as suas seguintes palavras: « Confesso que, observando como muitos dentre os órgãos que dirigem a opinião publica, estão besuntados *deste pez*, e como até os moços se arrojam a discutir os graves problemas politicos e sociaes com os trocadilhos dos loucos e com os periodos fragmentarios dos tempos biblicos, como se o nosso robusto pulmão não pudesse sustentar as fortes e viris inspirações do periodar latino, eu sinto receio pela geração que surge. » (5)

Eis ali a pura verdade. E a psychiatria que começa a prestar serviços á critica litteraria. Tempo virá em que, melhor assentadas as bases desse novo ramo de conhecimento, muito escriptor, com qualquer artigo de gazeta,

(5) *Genio e Folia* — pag. 245.

fará tanto jus a uma cella do hospital, como por ventura poderia fazel-o, quebrando a pedradas, e sem motivo, as vidraças da casa do visinho.

Mas ia eu dizendo que a ideia de uma *prosa poetica* viera como resolvente do embaraço que offerecia a total exclusão de muitos escriptos do quadro da litteratura. Não se concebia a existencia, de uma *prosa como arte*, figurando por si só, independente dos adornos da poesia e da rhetorica. Em tal conjunctura, se não havia lugar, nos estudos litterarios, para essa fórma particular da linguagem em acção, ainda menos, muito menos para as demais revelações da actividade artistica.

Felizmente os horizontes se alargaram, a velha intuição modificou-se; e quem quer que hoje toma a si a tarefa de estudar a genese, o character, a influencia social do *Fausto* de um Goethe, é obrigado, por uma lei de affinidade historica, a fazer o mesmo estudo sobre a *Critica da razão* de um Kant; mais do que isso, a fazel-o mesmo sobre as *operas* de um Mozart, ou as *symphonias* de um Beethoven. Não fica sómente ahí. Assim como a historia propriamente dita engrandeceu o seu campo de observação, incluindo nelle, em harmonia com a marcha evolucional dos factos, a apreciação do movimento das ideias, assim tambem a historia litteraria não se dedigna, é ponco, sente-se mesmo obrigada a olhar por cima dos muros e apreciar as relações reciprocas, não simplesmente synchronicas, mas genetics e causaes, entre o bulicio das ideias e a erupção dos acontecimentos.

O terceiro modo de comprehender a litteratura que é tão incompleto como o segundo, tem todavia um merito incontestavel : é o reconhecimento de um *character especial*, que distingue as obras litterarias de um paiz das produções analogas de outros, sem dependencia da lingua em que são escriptas.

Esse *character*, que não é facilmente definivel, pôde provir da raça, da educação politica, dos costumes, ou de outra qualquer fonte ; mas, provenha de onde provier, o certo é que elle realmente existe. Leibnitz, escrevendo livros francezes ou latinos, é sempre o sabio tedesco do seculo XVII. Ivan Turgeniew, que escreveu novellas

em allemão e em francez, nunca deixou de ser o mesmo russo; sempre o mesmo pessimismo, sempre a mesma intuição slava.

Dest'arte, e finalmente, diferenciando e integrando todas estas observações, pois que a funcção de pensar e escrever não é mais, em ultima analyse, do que um constante processo de diferenciação e integração de ideias, podemos chegar a este resultado : a litteratura, como sciencia, é a historia da vida espiritual da uma nação, total ou parcialmente considerada, no que essa vida encerra de mais nobre e elevado, a cima dos interesses materiaes, pela inspiração dos genios, pelo esforço dos talentos.

Apreciemos agora uma nova face do assumpto. Costuma se dizer, e eu sinto algum pezar em repetir palavra tão sedicã, que toda a vida intellectual e sentimental de um povo se deixa aperceber na sua litteratura.

George Brandes, o distincto escriptor dinamarquez, já por mim citado, tendo occasião de reportar-se tambem a esta verdade vulgar, julgou dever, entretanto, fazer-lhe um correctivo, que não é sem importancia, e me parece digno de attenção. Assim affirma elle, no tom de voz commum, que a litteratura de qualquer povo expõe a historia inteira das suas intuições e dos seus sentimentos; mas accrescenta : *quando essa litteratura é completa*. Este unico additivo, penso eu, abala, por um lado, a validade do velho dicto, geralmente admittido como regra, ou principio incontroverso, e envolve, por outro lado, uma questão fecunda, na qual, ao certo, não cogitou o grande critico scandinavo.

Realmente, a pergunta é natural : que se entende por uma litteratura completa?... Aquella em que se acham desenhadas todas as feições e attitudes do espirito pensante?... Nunca houve nem ha nação alguma, onde se encontre satisfeita essa exigencia. A vida espiritual de um povo, em sua totalidade e em sua variedade, é sempre mais larga e comprehensiva, do que o seu patrimonio litterario, ainda que este seja vasto e riquissimo.

Porém vejamos qual é, no fundo, a ideia de nosso autor Eis aqui o que elle diz :

« Grandes litteraturas, como a ingleza e a franceza, encerram um numero sufficiente de documentos, para poder-se, por elles, determinar de que modo os inglezes e francezes pensaram e sentiram, em qualquer epoca da sua historia. Outras porém como a alleman, no seu segundo periodo de florescencia, que começou pelo meiado do seculo passado, não são tão interessantes, sob este ponto de vista, por serem incompletas... »

Não faço ao escriptor citado a injustiça de julgar que lhe sirva de bitola para o apreço das litteraturas sómente a categoria secca e esteril da quantidade. Dado porém que assim seja, a sua opinião ainda implica um desacerto notavel.

Completa ou incompleta, no melhor sentido da expressão, a litteratura de qualquer paiz dá sempre a conhecer o seu estado subjectivo. A falta mesma de agitação litteraria é ainda um manifesto psychologico do torpor e inanidade desta, ou daquella gente. Cada fórma do desenvolvimento e actividade espirital tem o seu tempo. Ora é a poesia, ora a philosophia, ora o direito, ora a politica, ora a religião, que toma o ascendente, e prejudica os outras fórmas, ou diminue respectivamente a ellas o interesse do povo, bem como a influencia que devam ter sobre este.

Póde mesmo acontecer que uma vez começado o predomínio de um desses *momentos*, nunca mais ceda o terreno a qualquer outro, de maneira que a litteratura dos paizes, onde isto se observa, tem lacunas e vazios, pouco em harmonia com o progresso incessante da cultura universal. Estes vazios, porém, que quasi sempre são originados pela preponderancia temporaria de uma das formas de actividade do espirito, também pódem provir da indole das nações, da sua incapacidade natural para o cultivo de algum dos ramos litterarios.

O estudo comparativo das litteraturas nos dá conhecimento de mais ou menos riqueza, de mais ou menos calor e fecundidade em umas, de que em outras. Porém a distincção de *completas e incompletas* é quasi balda de senso, sobretudo, pretendendo se conferir exclusivamente áquellas o caracter de informantes da vida interior, da vida

social e politica das nações. Não é preciso dizer que aqui sómente fallo em relação aos povos, que entraram a mover-se no plano da historia.

Muitas vezes um unico escriptor, e n'uma só das suas producções, nos deixa a impressão total do mundo em que elle viveu. Basta uma satyra, uma epistola de Horacio, por exemplo, para dar a entrever o que era a sociedade romana de então. Já houve mesmo quem dissesse, e é exacto, que quando nos faltassem os demais autores latinos, esse poeta sosinho far-nos-hia experimentar a temperatura do seculo de Augusto.

Ainda me parece digno de nota que não são sempre os melhores escriptores de um paiz, que podem fornecer a justa medida do modo de sentir e de pensar commum, em uma epoca dada. Nem são tambem os generos litterarios mais serios e elevados, que prestam-se a guardar maior numero de provas e signaes do tempo. Aquillo que é difficil no marmore, torna se facil no gesso. A litteratura do seculo XVIII, em França, considerada pelo lado esthetico, pela grandeza e perfeição das formas, apresenta poucas obras que se elevam acima do mediocre. E, todavia, é certo que nunca foi tão forte, como nesta quadra, a influencia das lettras sobre a vida, precisamente porque ellas, no seu conjuncto, reflectiam quasi a vida inteira de uma sociedade, abalada e corroida até ás raizes.

III

Já o declarei com toda a franqueza: no presente escripto, a Allemanha é o centro das minhas operações, é o meu ponto de partida, o meu *terminus comparationis*.

Não é isto sómente, já o disse tambem, uma questão de enthusiasmo, mas ainda e sobretudo uma questão de methodo.

A quadra historico-litteraria, que faz o objecto do meu trabalho, se caracteriza, além do mais, por um tal ou qual ascendente que o espirito allemão, no que respeita

ao mundo do pensamento, começa a tomar sobre as outras nações ; e tanto basta para justificar a posição que lhe confiro, posição que aliás não lhe caberia, com igual direito, em qualquer das epochas anteriores.

Goethe comparou uma vez a historia da sciencia a uma grande *fuga musical*: as vozes dos povos vão se erguendo pouco a pouco e cada uma por seu turno. Esta comparação, diz Hermann Hettner, é altamente significativa, sendo applicada á litteratura dos ultimos seculos. Ahi com effeito se observa uma especie de *fuga litteraria*. Os grandes povos cultos fazem-se ouvir um após outro. Este péga o thema, onde aquelle o acaba ; mas através da voz de todos ha um tom fundamental, um como *fio vermelho* do tecido, tão commum entre elles, que não surge em parte alguma um pensamento forte e original, que não se torne immediatamente propriedade do mundo civilisado. (6)

Quem primeiro appareceu, foi a Inglaterra. Pelas descobertas de Newton e pela philosophia experimental de Locke, ella deu á nova vida uma firme attitude e uma expansão jovial. Pela quéda dos Stuarts conquistou a liberdade civil e ecclesiastica ; a sua constituição politica e aquella simples religião racional, que sob o nome de *deismo*, penetrou em todos os circulos, tornaram-se modelo para todos os povos.

Em seguida veio a França. Por mais imponentes que fossem os movimentos da Inglaterra, difficilmente teriam tido a força invasora, que na verdade tiveram, sem o papel mediador da França.

Com razão já houve quem lamentasse como uma vergonha o haver, no tempo de Luiz XIV, a Europa inteira se curvado á omnipotencia da lingua e dos costumes francezes. Agora, porém, tornara-se um facto da mais alta significação que a lingua e a cultura franceza fossem a cultura e a lingua de todo o mundo.

E' da França que partem as novas ideias para ganharem o mundo. Em seu bello ensaio sobre Walpole, diz

(6) *Literaturgeschichte des achtzehnten Jahrhunderts*, I, pag. 3.

Macaulay : « A litteratura franceza foi para a ingleza, o que foi Arão para Moysés. As grandes descobertas na physica, na metaphysica e na politica, pertencem aos inglezes ; nenhum povo, porém, excepto a França, recebeu-os directamente da Inglaterra ; para isso esta era muito isolada pela sua posição e pelos seus costumes. A França tornou-se pois o interprete entre a Inglaterra e a humanidade. » Isto é bem dito e acceitavel ainda que *cum grano salis*.

Mas é certo que Voltaire e Montesquieu foram mesmo á patria de Milton e lá se apoderaram, com o mais vivo entusiasmo, das ideias e instituições dominantes. Voltaire instrue-se e enriquece-se nos escriptos de Newton e de Locke ; Montesquieu pinta e elogia o espirito do governo inglez. Eis que ergue-se Rousseau, e mais Diderot, e com elle e por meio delle o grupo dos encyclopedistas. O genio da renovação agita-se por toda a parte, não só no cidadão, no homem do povo, porém, quasi igualmente na nobreza e no sacerdocio.

Entretanto, é digno de nota que as magnas mudanças e abalos produzidos no Estado e na Igreja, que fazem da segunda metade do seculo XVIII uma das mais importantes phases do desenvolvimento humano, dividem-se em duas epochas, perfeitamente separadas e distinctas entre si. A primeira mostra-nos melhoramentos e transformações, que são concebidos e realisados pelos governos mesmos. A segunda porém parte de baixo para cima ; não é monarchica, mas democratica, não é reforma, porém revolução.

Pelo que toca aos impetus pacificos da primeira epocha, Frederico II foi o primeiro a dar o sublime exemplo daquillo que o historiador Schlosser dignamente qualificou de *revolução monarchica*. A elle seguiu-se uma série de principes magnanimos e de estadistas geniaes : José II, Pedro Leopoldo da Toscana, Catharina II, Gustavo III ; e bem assim — Pombal, em Portugal ; Aranda e Campomanes, na Hespanha ; Tanucci, Squillaci e Caraccioli, em Napoles ; Pascal Paoli, na Corsega ; du Tillot, em Parma ; Bernstorff e Struensee, na Dinamarca, sem fallar em Choiseul, Turgot e Malesherbes, na propria

França, onde se deu com toda a força a irrupção da segunda epoca, bellamente iniciada, mas tristemente acabada.

Este conjuncto de ideias novas e aspirações grandiosas, que tiveram origem na Inglaterra, e espalharam-se no mundo, por intermedio da França, é o que se costuma designar por *espirito do seculo XVIII*. E desse espirito, essencialmente penetrado de elementos lyricos, como diz Ferdinand Gregorovius, foi que brotaram os mais famosos phenomenos da paz e da guerra: heróes e legisladores, sabios e poetas, musicos e esculptores, homens todos sublimes e brillantes.

Este tempo foi um bello dithyrambo á humanidade.

Ainda hoje é uma questão indecisa, se os principes generosos e os estadistas elevados, que puzeram-se á frente do movimento reformador, teíam conseguido a realisação dos seus altos planos, por si sós placidamente, sem o rebuliço das camadas inferiores. Quanto a mim, confesso que não tenho sobre a questão uma opinião assentada; mas uma coisa ao menos me parece incontestavel: é que os fructos da primeira epoca, a da chamada *revolução monarchica*, não apodreceram tão depressa, e hoje mesmo não se mostram tão amargos ao paladar do historiador, como os fructos da revolução propriamente dita.

Não me cumpre entrar, sobre este ponto, em mais largas considerações.

Como quer que seja, o certo é que a França chamou a sua tarefa penosissima de abrir caminho áquella segunda quadra de destruição e aniquilamento, de vertigem e commoção popular.

Mas tambem perdeu logo e logo a sua alta missão mediatrix. As nações que até então haviam-na escutado, como o seu oraculo, recuaram espavoridas.

A mesma Inglaterra, que lhe fornecera o fermento da nova vida espirital, tomou-se de tedio e odio á liberdade feroz e do parisiense *atavisado*, que é o velho gaulez selvagem. Mais de uma esperança, que a revolução suscitara, esvaeceu-se de todo, e mais de uma illusão desapareceu para sempre.

Entretanto, ha um ponto fóra de questão : foram os

francezes que, nos ultimos decennios do seculo passado, revolucionaram as condições politicas e moraes da sociedade. Mas é igualmente inquestionavel que foram os allemães que reformaram as ideias litterarias.

A França sempre apresentou a singular antithese de um paiz que, ao passo que gosta da mudança em todas as relações externas, e, quando obedece a este pendor, raras vezes sabe conter-se e limitar-se, ao mesmo tempo, no ponto de vista litterario, é extremamente estavel, reconhece autoridades, sustenta uma academia, e colloca sobre tudo o limite e a medida.

Assim alli se tinha derrubado o governo, guilhotinado ou banido os aristocratas incommodos, instituido a republica, feito guerra com a Europa, abolido o christianismo e decretado o culto de um *Ser Supremo*, bem antes que se pensasse em combater o verso alexandrino. bem antes que se ousasse tocar na autoridade de Corneille e Boileau, ou pôr em duvida que a observação das tres unidades no drama seja absolutamente necessaria para a salvação do bom gosto.

Voltaire mesmo, aquelle Voltaire que guarda respeito a bem poucas cousas entre a terra e o céu, respeita os *alexandrinos*. Não lhe custa o minimo esforço a arrancar o sceptro da mão dos reis e a mascara da cara dos *bonzos*, mas elle acata o punhal tradicional na mão de Melpomene e a mascara tradicional que lhe cobre o rosto. (7)

Foi outro povo, que não o francez, o povo para quem o proprio Voltaire desdenhosamente desejara *mais espirito e menos consoantes*, que reformou a litteratura e a poesia. (8)

(7) Vide *George Brandes*, obra citada.

8) «Quant aux allemands, je leur souhaite à l'avenir un peu plus d'esprit et un peu moins de consonnes.» Esta phrase resume toda a sciencia franceza de então sobre os visinhos de além do Rheno. E ainda annos depois, não se havia dado alteração alguma. E' um traço assás caracteristico o seguinte facto. Em 1792, os homens da revolução não sabiam de Schiller, nem sequer o nome, posto que o poeta já se achasse no segundo periodo do seu desenvolvimento. Na lei de 26 de agosto daquelle anno, assignada por Claviere e Danton, lei que deferiu o titulo de cidadãos francezes a estrangeiros, como Bentham, Wilberforce, Washington e outros, estão escriptas estas palavras: «Un membre demande que le sieur Gille, publiciste allemand, soit compris dans la liste de ceux à qui l'Assemblée vient d'accorder de litre de citoyen français:—cette demande est adoptée.» Eis-ahi: Frederico Schiller, o poeta de *D. Carlos*, era então apenas conhecido por *le sieur Gille*!...

Foram os allemães desse tempo, aquellas boas creaturas, das quaes, na França, a noticia mais commum era que bebiam a sua ceveja, fumavam o seu cachimbo e comiam a sua batata, que tranquillamente se deixavam atormentar por umas duas duzias de tyrannetes estupidos, que não sentiam a minima aspiração de *igualdade*, e com todo o acatamento conferiam aos seus superiores o titulo de *Rath*, *Graff*, etc. e quanto ao mais, viviam patriarchalmente com as suas caras metades, que, como verdadeiras *machinas de parir*, davam á luz filhos sobre filhos, em constante adoração do seu procreador; sim, foram os allemães, que no mundo das ideias fizeram maiores conquistas do que os francezes sobre a terra.

Elles produziram uma nova *metaphysica*, tão rica e tão profunda, como não mais apparecera desde os dias de Aristoteles e dos neo-platonicos; uma nova poesia, a mais bella que surgiu desde o tempo de Shakspeare; e foram elles, enfim, que fundaram um novo modo de tratar a historia, a mythologia e a poetica; porquanto entre elles nada mais era livre, senão só e unicamente o pensamento. (9)

Não deixa, pois, de parecer uma aberração, uma especie de disparate historico, ver como a litteratura, que se desenvolveu na França entre o fechar do passado e o abrir do presente seculo, foi quasi toda influenciada pela Allemanha. Mas o facto é explicavel.

As grandes commoções politicas, as guerras da república e do imperio, que impelliram, através uns dos outros todos os povos da Europa, tambem deram-lhes ázo para se conhecerem reciprocamente; sendo que quem mais profunda impressão recebeu do ambiente estrangeiro, foi justamente aquella classe de homens, que pela força dos acontecimentos viu-se obrigada a procurar fóra da patria um refugio seguro e permanente.

O influxo de um genio nacional estranho, que no soldado era fugitivo e passageiro, tornou-se para o *immi-grante* duradouro e significativo.

Foi assim que por meio de francezes intelligentes, que se acharam em taes condições, espalhou-se então sobre

(9) George Brandes—Ob. Cit. pg. 26.

a França um novo espirito; e d'ahi vem que a litteratura do seculo XIX, n'este paiz, começa como *litteratura de immigrantes*. Da Allemanha principalmente é que elles receberam os impulsos da nova direcção intellectual.

Encaremos agora mais de perto a feição litteraria d'esse povo extraordinario, que ainda ha poucos decennios era quasi geralmente despercebido, mas eis que de repente engrandece-se, agiganta-se, e toma para si, sómente para si, a hegemonia pensante entre os povos da actualidade.

A historia da litteratura allemã divide-se em duas grandes epocas, *antiga* e *moderna*, das quaes a primeira se subdivide em quatro, e a segunda em cinco periodos. Aquella se estende até 1500, e esta de 1500 até aos nossos dias.

Antiga epoca. Primeiro periodo. Desde o bruxolear historico da nação até 800. Este periodo é caracterizado pelo desenvolvimento das velhas tradições heroicas.

A primeira vez que romanos e germanos se encontraram, foi nos annos de 113 e 105, antes de Christo, nas batalhas de Noreia e de Arausio, em que aos barbaros victoriosos se abriram as portas de Italia; e bem assim nos annos 102 e 101, quando os Cimbros foram derrotados por Caio Mario. (10)

Posteriormente Cesar teve de combater o dominio allemão de Ariovisto na Gallia; e ainda por duas vezes levou as suas armas contra os Usipetas e Tenctéres, Sicambros e Suébios, todos elles ramos do tronco allemão.

Em rigor porém estes factos são notas marginaes, por assim dizer, da historia litteraria propriamente dita. O que ha de litterariamente apreciavel, no primeiro periodo, limita-se á traducção da Biblia por Ulfilas, bispo gôdo (310—380), traducção que ainda hoje se conserva na bibliotheca de Upsala, como tambem a um cyclo de traducções ou de contos epicos, cujos centros e figuras mais importantes são os dous heroes Siegfried e Dietrich.

(10) Liv. Epit. 63, 65. 67 e 68. Mommsen—*Roemische Geschichte*—II, 169—185.

De Ulfilas ha ainda a mencionar a invenção da escriptura gothica. Elle fez com o allemão, pouco mais ou menos, o mesmo que depois, no seculo IX, fizeram com o russo os monges gregos Cyrillo e Methodio, creando-lhe o alphabeto.

Segundo periodo. Aceitação do espirito christão (800—1150). Começa a apparecer a influencia do sacerdocio. O monge Otfried, de Weissenburgo, escreve uma *harmonia dos evangelhos*, á qual succedem poucas outras obras de igual fórma e conteúdo. A este periodo pertence o poema *Walter de Aquitania*, do frade Ekkehard, escripto em hexametros latinos.

Terceiro periodo. Florescencia da epos artistica e cortezã (1150—1.250)

E' quando principia a formar-se a antithese da *poesia popular* e da *poesia culta*. Por esse tempo é que apparece o *Niebel ingenlied*, como tambem o *Reinhard Fuchs*, do alsaciano Glichener (1170).

Os mais antigo poetas artistas e cortezões foram: Heinrich von Veldke (1184), Hartmann von Aue, e Wirnt von Gravenberg. Porém mais importante que os mencionados foi Wolfran von Eschenbach, incontestavelmente o primeiro *poeta culto* de seu tempo (1200). A sua principal obra foi *Parzival*, poema penetrado de um serio profundo, que pinta, não as acções bellicas de um povo, mas os feitos do espirito, a luta do espirito com o mundo, a luta do orgulho com a humildade. E' o que serviu de assumpto á ultima opera de Wagner. (11)

Quarto periodo. Desenvolvimento da poesia burgueza e popular (1250—1500). Durante esta quadra, em que a actividade piedosa dos mysticos é o unico dique opposto á irreligiosidade do povo, prospe ainda a poesia satyrica e didactica; os outros generos decahem.

E' o tempo dos *Minnesaenger* e *Meistersaenger*.

Mas é tambem o tempo em que as sciencias começaram a tomar um certo impulso pela creação das universidades de Praga (1348), Vienna (1356), Heidelberg

(11) As expressões antitheticas de *poesia popular* e *poesia culta* ou *poeta culto*, não são minhas: achei-as em Thalès Bernard—*poésie populaire et poésie cultivée*; e me parecem justas.

(1386), Colonia (1388), Erfurt (1391), e Leipzig (1409) ; posto que as cadeas theologicas ainda lhes vedassem caminhar com mais desembaraço.

Importa aqui lembrar, ainda que de passagem, que neste mesmo periodo foi que brillaram na Italia os grandes vultos de Dante, Boccaccio, Petrarca e Ariosto.

Epoca moderna. Quinto periodo. Influencia dos estudos classicos, sahidos da *Renasença* e logo depois, — influencia da *Reforma* (1500 — 1600).

E' a quadra em que floresceram Ulrich von Hutten, o jurista Johannes Fischart e Hans Sachs, um sapateiro de Nurenberg, autor de *Fabulas* e *Narrativas*. E' a quadra tambem dos *Lieder* sacros ou canticos religiosos, como o famoso: — *Ein' feste Burg ist unser Gott*, e muitos outros.

Sexto periodo. Dominio do *scientifismo* (1600 — 1720).

No comeco deste periodo deu-se a *guerra dos trinta annos*, que influio maleficamente sobre as lettras. Mas foi tambem durante elle que appareceram homens, como Thomasiaus, Leibnitz, Christian Wolf, Martin Opitz, etc.

E ainda por esse tempo foi que se fizeram os primeiros tentamens da opera allemã, não muito posteriores ao despontar da ópera na Italia, com a *Daphne* de Renuccini, musica de Peri, em 1594.

Setimo periodo. Preparativos da maior florescia das lettras tedescas (1720 — 1770).

Entre os factos historicos que durante este curto espaço de tempo foram de grande importancia para o grande desenvolvimento espirital da Allemanha podem ser mencionadas as guerras da Silesia, bem como a *guerra dos sete annos*.

Entretanto, o que exerceu maior influencia foi a fundação da universidade de Göttingen (1735 — 1737), cujos serviços e esforços, no terreno historico e philologico, incorporam-se dignamente aos trabalhos scientificos iniciados no fim do seculo anterior.

Revela, porém, assinalar, como ponto central deste periodo, a luta, suscitada entre Gottsched e Bodmer, que acabou pela completa repulsa do gosto francez e plena acceptação dos modelos inglezes. Gottsched, o representante do *francezismo*, era pouco mais que um grammatico esteril,

um formalista frio e calculado, ao passo que Bodmer merece ser classificado como um digno antecessor dos grandes espiritos que vieram immediatamente depois.

Não deve passar sem menção que por esse tempo foi que lançaram o seu maior brilho as figuras geniaes de Sebastião Bach e Frederico Haendel, os quaes, com Gluck, Haydn, Mozart, Beethoven e Schubert, ainda hoje formam, na opinião de Naumann, a *pleiade* musical da Alemanha; um singular agrupamento de genios, como igual não tem a mostrar nenhum outro paiz.

Oitavo periodo. Aquella mesma florescencia, no seu mais elevado grau, pelo reconhecimento da *humanidade*, como principio ideal de acção pratica e de educação poetica (1770—1830).

E' o tempo de Klopstck, Lessing, Wieland; é o tempo de Kant e Herder; é o tempo de Goethe e Schiller, que afinal concentram em si todas as forças accumuladas nos periodos anteriores e acabam por formar o maior adorno de todos elles.

Durante esta quadra florescem tambem alguns espiritos de transição, como João Paulo Frederico Richter e surge a *escola romantica* sob a direcção dos irmãos Schlegel, Novalis (Hardenberg) e Ludwig Tieck.

Nono periodo. Aproveitamento do existente e preferencia dada ás sciencias naturaes (1830—1870.) E' o que faz propriamente o objecto das minhas apreciações, que ficam assim encerradas entre dous grandes acontecimentos, de summa importancia litteraria: a revolução de julho e a guerra franco-allema.

O que tenho dito até aqui e o mais que ainda cumpre-me dizer, antes de entrar na materia indicada, pôde valer como uma especie de *pre-historia*, muito util e quasi indispensavel para formar-se um juizo exacto da litteratura desse tempo.

Sobretudo, o que diz respeito aos dous periodos precedentes. Realmente, sem conhecer, por exemplo, os quatro evangelistas do *humanicismo*, Klopstock, Wieland, Herder e Lessing, como comprehender, já não digo a escola romantica e seus appendices, mas até mesmo Goethe e Schiller?...

E' verdade que o desenvolvimento dos genios tem alguma cousa de superior á lei geral do desenvolvimento dos seres; não se explica pelo simples nexo de causalidade entre um phenomeno que passa e outro que se levanta. Mas isto não impede que elles hajam mister de antecedentes. O modo porque fazem render, á semelhança do servo da parábola evangelica, *os talentos que lhes foram confiados*, é que vem determinar o maior ou menor grau de sua genialidade.

Apreciemos os factos. O estado da Allemanha, logo depois da *guerra dos sete annos* (1756—1763) foi favoravel á expansão da litteratura nacional, emquanto avivava nos animos a consciencia do antigo valor, representado pelo rei da Prussia, Frederico II, e insinuava nos patriotas uma tal ou qual esperança de reconstituição politica e unidade do imperio.

Porém, esta esperança, depositada até então na supremacia da Prussia, pouco a pouco foi-se dissipando, por causa do constante e irrequieto ciume dos estados inferiores, que não olhavam com bons olhos para o engrandecimento dessa potencia, e ainda por causa do resentimento dos patriotas mesmos contra a decidida e humilhante predilecção que Frederico II e sua côrte mostravam pela cultura e costumes francezes.

Semelhante preferencia, que feria de frente a vaidade nacional, teve logo de produzir o util effeito de uma vigorosa e perseverante opposição politica e litteraria. A liberdade do pensamento e da palavra, que reinava nos estados prussianos, se estendeu a uma grande parte da Allemanha septentrional, e excitou o engenho dos escriptores a combater a improvida admiração do genio francez e aperfeiçoar com tanto maior empenho o proprio idioma.

Os principes mesmos e a alta aristocracia, que até ao meiado do seculo XVIII, estavam adstrictos ao uso quasi exclusivo da lingua e á imitação dos habitos francezes, foram tambem se deixando curar d'essa *mania*. Alguns d'entre elles, particularmente os duques de Weimar, começaram a favorecer em grande escala a litteratura do seu paiz, honrando e recompensando devidamente os talentos superiores, dos quaes se cercavam,

sem exigir como succedia e talvez ainda succeda na maior parte das outras côrtes, o sacrificio das opiniões e da dignidade pessoal.

A regeneração da litteratura germanica procedeu da mesma fonte, a que é devida, por intermedio da Italia, a civilisação da Europa: o estudo da antiguidade classica. O iniciador da nova era foi Winkelmann (1717-1768), que conseguiu apaixonar pela arte grega a mente dos seus compatriotas. «Porque Winkelmann, diz Hermann Hettner, não viveu tão intimamente ligado ás questões do dia, como o seu grande contemporaneo Ephraim Lessing, o seu merito não é tão immediata e geralmente comprehendido; mas nem por isso a sua corôa é menos brilhante, nem por isso menos immarcessivel.»

Tirando dos *Annaes* de Tacito, a figura heroica de Arminius, e tomando do *Velho testamento* o thema de uma epopéa, Klopstock pretendeu reaccender o amor da patria e da religião. Mas nem o assumpto nem os tempos correspondiam ao seu magnanimo intento. A batalha de Arminius (*Hermannsschlacht*) e as suas outras composições, com excepção sómente de algumas odes, estão hoje esquecidas. A *Messiada* mesma, pela vaporosidade das imagens, pela exaggeração dos sentimentos, pela monotonia e n'um de todo o seu conteúdo, parece aos proprios criticos allemães de melhor nota uma das maiores aberrações poeticas de que a historia dá testemunho.

Todavia permanece-lhe indisputavel o grande merecimento de ter arrancado a sua nação da pedantesca rigidez, que a enfezava, apresentando-lhe ante os olhos em vestuario poetico, os eternos ideaes da humanidade, não sei se verdadeiros ou falsos, porém sempre ideaes, *a patria, a liberdade e a fé*; e dando á lingua alleman uma maravilhosa flexibilidade de formas.

Antipoda de Klopstock, pela qualidade do talento, assim como pela individualidade do character, é Wieland, interprete eloquente e sacerdote de uma philosophia sensual, temperada de maximas de moralidade pratica. Narrador ameno e facil em verso e prosa, mestre de fina ironia, com o prestigio admiravel da linguagem e a espontaneidade da rima, reanimou o sentimento da belleza e da

graça de exposição ; mas não conseguiu exercer uma influencia immediata nas relações litterarias do seculo subsequente.

E se é certo que as obras do genio têm de commum com as obras de Deus a perpetua novidade e sempiterna frescura, não seria muito arrojado pôr em duvida a genialidade de Wieland, que foi, como a de Klopstock, occassional e passageira. Quem se lembra actualmente do *Oberon* ou do *Musarion* ? Bem pouco estão no caso de repetir-lhes os nomes, tão rapida é a força que os tem arrastado para o completo olvido. (12)

Uma indole severamente moral, uma alma franca e resoluta, um coração fervido, sitibundo da verdade e amoroso do bem, foram os dotes proeminentes de Lessing. A independencia do seu espirito lhe vedava admittir regas e habitos que não tivessem uma razão sufficiente na natureza e na verdade. Foi o primeiro a dictar aos seus contemporaneos os mais justos preceitos da arte e da poesia dramatica, reforçando-os com exemplares de propria lavra e de singular perfeição. Fêl-os tambem conhecer as mais reconditas bellezas de Shakspeare, em que Wieland tinha apenas tocado de leve ; e, armado de variadissima e solida erudição, nobilitou summamente a critica, imprimindo-lhe um novo vigor e argucia, e tornando-a mais efficaz com a mestria insuperavel do estylo.

Mas a sorte de Lessing não foi igual á d'aquelles dois velhos progonos da litteratura do seculo passado. Tanto quanto os de Herder, e ha quem pense que até em maior escala, os seus trabalhos ainda perduram e continuam a perdurar.

Não ha allemão que não sinta um certo enthusiasmo

(12) O leitor não se espante d'esta *cruel* franqueza, que aliás é uma das fórmulas da seriedade scientifica. A lei do *esquecimento*, que é para o verdadeiro genio do simples talento, ainda mesmo verdadeiro, não se applica sómente a Wieland, a Klopstock, e alguns outros representantes das letras allemans. Mais de uma notabilidade franceza obedeceu tambem ao seu imperio. Eu pergunto, por exemplo: para onde foram os versos de Lamartine? quem os lê mais? quem os saborêa? quem os admira? Para onde foram os *Martyres*, para onde foi o *Genio do Christianismo* de Chateaubriand? — O phenomeno, que é o mesmo, tem a mesma explicação.

ao pronunciar o nome de Lessing. E' o character mais viril da historia litteraria da Allemanha. A sua vida foi um incessante batalhar e vencer. Muitas vezes, é certo elle fez a guerra por amor da propria guerra; mas era sempre creador e progressivo, onde mesmo só tratava de anniquilar e destruir.

Em todas aquellas grandiosas luctas por meio das quaes o seculo XVIII, com espantosa rapidez, elevou os allemães do vergonhoso estado da mais lastimavel humilhação á altura do povo mais culto e espiritualmente o mais livre da terra, sempre Lessing esteve na vanguarda. Elle desfraldou a todos os ventos o estandarte dos novos tempos; tão firme e inabalavel, que, tendo em vista os desvarios das gerações posteriores, Gustav Kuehne, um dos membros da *joven Allemanha*, pôde dizer com acerto: voltar a Lessing é progredir.

No terreno do drama, e como critico artistico sobretudo, foi que Lessing assignalou gloriosamente a sua passagem. Para mostrar, quanto elle produziu neste dominio, basta lembrar o facto de que entre o pobre *Catão moribundo* de Gottsched e os immortaes primores dramaticos de Goethe e Schiller, medeia apenas uma geração. Como foi possivel tão maravilhosa mudança? Ha sómente uma resposta: é que essa geração comprehende a vida e a actividade de Lessing.

Foi elle que contrapondo á altivez franceza o sentimento allemão, pronunciou esta orgulhosa palavra: «mostrem-me a peça do grande Corneille que eu não podesse fazer melhor» e provou por actos que tinha razão de assim exprimir-se.

Já em 1755, na idade de 26 annos, elle oppuzera ás declamações do drama francez a verdade da vida burgueza no seu drama *Sara Sampson*; deu depois em 1763 á litteratura do paiz a sua melhor comedia, a *Minna von Barnhelm*, um verdadeiro poema, cheio de succo nacional; e creou em 1772 a primeira tragedia alleman, digna deste nome, a *Emilia Gallotti*.

Mas o trabalho, que talvez melhor o caracteriza, é o *Nathan der Weise*, drama didactico, em cinco actos, escripto em versos jambicos. Neste poema elle se propoz,

sob a base de uma narrativa do *Decamerone* de Boccacio, sustentar a ideia de que não é a religião de um *credo* dogmatico, mas sómente a do coração forte pelo amor, que decide do valor do homem.

Lessing que nascêra em 1729, era apenas cinco annos mais moço que Klopstock (1724), quatro annos mais velho que Wieland (1733), e quinze mais velho que Herder (1744).

Não obstante, porém, os sabios esforços de Lessing, o contraste poderoso e vivissimo entre os principios da arte pagã e christã, que naquelle tempo dividia em partidos a sociedade litteraria da Allemanha, não tinha ainda cessado. A Herder coube a tarefa de descobrir um termo conciliatorio, um ponto de contacto e de afinidade positiva, limitando a escolha das materias, e acceitando do gentilismo sómente a poesia grega e do christianismo a historia biblica.

Não satisfeito com isto, investigou tambem o bom metal poetico em as minas dos outros povos, quer barbaros, quer civilisados. Collecçãonou alguns antigos *rimances* hespanhóes e compoz um poema heroico, o *Cid*, que ainda hoje é interessante; e com as reliquias da poesia popular de quasi todas as nações, formou o seu bello livro intitulado — *Vozes dos povos* (*Stimmen der Voelker*) que alargou as vistas litterarias dos coévos, e foi util como ensinamento á escola romantica dos tempos que succederam.

Comtudo a sua melhor obra é a das *Ideias para a philosophia da historia da humanidade*, onde se acham profundamente prescrutadas as relações do homem com a natureza. Não é só isto: nella já se encontra, como diz Otto Leibmann, alguma cousa de analogo ao pensamento capital da theoria *darwinica*, isto é, a ideia do genero humano destinado a atravessar diversos grãos de cultura por meio de innumerables transformações e mudanças.

Como se vê, Herder só escreveu e legou á posteridade uma serie de fragmentos, *disjecti membra poetæ*, esplendidos e admiraveis. O *fragmentismo* é sempre um defeito; mas importa fazer uma distincção entre aquelle que resulta de uma lacuna da intelligencia, e o que tem a sua origem em uma lacuna do character. O primeiro, de

certo, não honra a ninguém; mas também o segundo não é deshonroso a quem quer que seja.

E' difficil comprehender, como um homem capaz de escrever quarenta volumes de trabalhos diversos, todos faiscantes de talento e sciencia, não teria a capacidade precisa para compôr uns oito ou dez volumes sobre uma só materia, dentro de uma só ordem de ideias.

E' simplesmente uma questão de paciencia e perseverança, que a todos não é dada em proporções iguaes.

E convém não esquecer que a pretendida virtude do que se poderia chamar *integralismo* litterario, não falla sempre em favor de quem a possui. Diz muito bem Heinrich Landsmann: « Quanto maior é o genio, tanto mais sensível se lhe torna o que ha de fragmentario na natureza humana, que muitas vezes não chega á consciencia de uma creatura vulgar; motivo porque semelhantes entes não podem propriamente chamar-se naturezas incompletas.

A intelligencia commun sabe arranjar commodamente o mundo por todos os lados, até onde sente o prazer ou a necessidade de ter uma comprehensão do mundo, mas sem duvida só—*até onde* !... Quando pois esta intelligencia domestica e quotidiana mette-se a fazer obras de arte, a mediocridade mostra-se então expedita, e a mediocridade é sempre larga e inteira, nunca fragmentaria.» (13)

Raro, bem raro é o verdadeiro producto scientifico, litterario ou artistico, de qualquer genero, que não seja, por assim dizer, o *segmento* de um grande circulo, semelhante áquelle, de que fallava Pascal, cujo centro está em tudo, e a circumferencia em parte nenhuma.

Fóra do dominio da lyrica, onde cada poesia, cada estrophe mesma já é por si só uma obra de arte acabada, tanto mais perfeita, quanto menor ella é, e onde por consequente qualquer laivo, qualquer cousinha feia, qualquer palavra superflua constitue um germen de morte para o todo; fóra desse dominio, ha rasão para duvidar do legitimo valor das produções intellectuaes, a que nada

(13) Philosophisch—Kritische Streifzuege, pag. 61.

falta, onde tudo vem concluído, definitivamente concluído, como uma *casaca*, ou um bonito *par de botinas*.

Accresce que em geral as obras de tal quilate não visam outro fim senão o da *utilidade*.

Mas o genio, para servir-me aqui de uma bella imagem de Schopenhauer, que eu me permitto inverter, é semelhante a uma terra montanhosa e sublime, como a Suíça, e por isso mesmo pouco apropriada a produzir nutritivos fructos. Os homens uteis, porém, os sensatos e mediocres, assemelham-se a uma baixa de *massapez*, a um terreno chato, lamoso, repugnante, mas apto a fazer brotar a canna mais viçosa, ou a mais grossa mandioca.

Voltemos a Herder. Elle foi um *fragmentista*, mas um fragmentista de genio. Obedecendo ao pendor do seu temperamento, que não lhe permittia levar annos e annos a tecer uma mesma *tela*, deixou-nos todavia em magníficos pedaços outras tantas provas e medidas da elevação do seu espirito.

IV

Ao lado de todos estes egregios representantes do heroismo intellectual da Allemanha levanta-se tambem a não menos esplendida e singular figura de Immanuel Kant. (14)

Parece á primeira vista que a apreciação de um *systema philosophico*, ainda limitada aos seus principios, aos seus pontos capitaes, não entra de pleno direito no quadro de um ensaio de historia litteraria. Mas dado

(14) Para que não me julguem exagerado, por causa desse *heroismo intellectual*, que confiro á patria de Kant, seja-me licito observar que o grande romancista inglez Eduardo Bulwer, dedicando aos allemães uma das suas obras, chamou-os *um povo de pensadores e de criticos*. Ainda mais: o notabilissimo escriptor americano Ralph Waldo Emerson, agradecendo a Augusto Auerbach a lembrança que tivera de traduzir em allenião os seus *Ensaio*s, disse que muito se honrava de vêr as suas ideias expostas na lingua da mais intelligente das nações... *the most intellectual of nations*.—Já se vê que estou em boa companhia.

mesmo que assim fosse, o que não é accetavel, haveria mister de abrir aqui uma excepção a respeito do philosopho genial de Königsberg, cuja doutrina foi uma especie de roble viçoso, com o qual abraçou-se e confundio-se a hera do pensar e do poetar allemão, desde o fim do passado até muito além do primeiro quartel do seculo vigente.

« Um dos mais maravilhosos parallelos, que a historia pôde mostrar-nos, diz Johannes Scherr, é o que se dá entre os dous seguintes factos.

Ao passo que além do Rheno começava a pôr-se em scena a tragedia revolucionaria, cá bem longe, em uma velha cidade da Allemanha, no gabinete de estudo do mais pacifico dos professores, executava-se tambem a mais ousada revolução do pensamento.

Um homenzinho, de apparencia vulgar, timido e cauteloso, sempre lepidto e bem penteado, com uma regularidade de vida, que tocava á monotonia do relógio, tão embebido nas suas meditações, que nunca avançou um passo fóra dos suburbios da sua terra natal, este homem fez surgirem ideias, que escalaram o céu e organisadas no systema do *idealismo critico* transtornaram a concepção theologica do mundo... » (15)

Entre todos os systemas de philosophia nenhum tem tão pouco de commum com os precedentes, como o systema kantesco. Nunca a linha de separação entre o antigo e o moderno foi tão clara e vivamente accentuada. Quaesquer que sejam as comparações que se façam, as affinidades que se descubram, a antithese é sempre maior do que a analogia.

E' certo que tambem Bacon e Descartes, os dois fundadores da philosophia moderna, mantêm-se com o passado em decidido antagonismo, ambos querem reformar a obra da sciencia, recomeçando-a, fazendo-a voltar sobre seus passos; mas a final o que elles produzem, encontra nos velhos tempos uma especie de parentesco.

A explicação mecanica de Bacon, Descartes e Spinoza, em opposição á que se funda sobre o conceito das

(15) *Schiller und seine Zeit.*— pag. 397.

causas finaes, acha exemplos na antiguidade. A antimonía entre a intuição mecânica e a intuição teleológica não é nova.

Basta lembrar que Bacon mesmo, tão inimigo da antiga philosophia, torna-se entretanto defensor da doutrina atomística de Demócrito; e Leibnitz, que sustenta o principio da finalidade, não faz mais do que continuar Platão e Aristoteles.

E' isto, porém, o que não se dá com Kant. Elle não é reformador, nem aperfeiçoador de nenhum systema precedente. Para elle não se trata de saber, se a verdade está no *mecanismo*, ou no *finalismo* do universo. A sua questão é muito differente, quer no modo de propol-a, quer no modo de resolvel-a. O que importa, principalmente, é comprehender com exactidão este character novo e differencial da revolução kantesca.

Antes de tudo, é innegavel que a philosophia só pôde ter uma feição definida, como sciencia, se ella se distingue claramente de todas as outras, se occupa-se de assumptos de que as outras se não occupam, que as outras lhe não disputam. Só assim o seu dominio está seguro e fundada a sua posição. Esta firme posição, ella não chegou a assumir, senão por intermedio de Kant.

A philosophia antiga e a theologia medieval podiam fallar de bocca cheia. As sciencias ainda eram menores e se achavam sob tutela. Mas desde a *Reforma* e as grandes descobertas, que a precederam, ellas emanciparam-se depressa, e a philosophia ficou collocada na dura alternativa de entregar-se-lhes de corpo e alma; ou de morrer esuriente, inanida, á falta de alimentação.

Kant achou o meio de salvar-a: foi dar-lhe um novo objecto, um objecto proprio, um objecto seu. Este objecto é o conhecimento mesmo, estudado em sua fonte; é a facilidade de conhecer, sua extensão e seus limites.

Eis aqui, pouco mais ou menos, os traços geraes do *kantismo*. Todo e qualquer conhecimento compõe-se de *materia* empirica e de *forma* intellectual, applicada a essa *materia*; não ha pois conhecimento algum tirado do puro pensamento; conhecer o que está a cima dos sentidos, entra no reino da impossibilidade. Não passa por tanto

de um *tactear nas trevas*, quando deixamos a esphera dos phenomenos, para elevarmo-nos ao mundo *hypersensível*.

As nossas idéas desse mundo são chiméras; são afirmações caprichosas sobre cousas, que tanto se pôdem provar que existem, como que não existem. (16)

O alvo e o resultado da *Critica da razão pura* foram expressos pelo proprio Kant em uma carta a seu amigo Tieftrunk: « Objectos sensíveis, nós só os conhecemos como elles nos apparecem, e não como elles são em si mesmos, objectos supra-sensíveis não constituem para nós materia de conhecimento. » E' uma formal condenação da *metaphysica*, mas da *metaphysica* como sciencia, e não como disposição natural (*Naturanlage*) e indestructivel do espirito.

De tudo isto se deprehende que Kant foi realmente o Copernico da philosophia; não o Copernico do erro, segundo a tôla expressão de um Sr. Edouard Manec, traductor francez da *Philosophia fundamental* de Balmés, mas o descobridor da verdadeira architectonica do pensamento humano. Ha sómente a lastimar que o philosopho tenha sido muitas vezes combatido por gente que nunca o leu.

Os theologos sobretudo, os fideistas de grande e de pequeno estylo, ainda continuam a fundibular contra elle, na erionea persuasão de apedrejarem assim o maior, o mais perigoso racionalista, quando aliás é certo que foi justamente Kant, quem matou por uma vez o racionalismo de todos os tempos e de todos os tamanhos.

(16) E' a bella theoria, que o philosopho qualificou de.... *thetica e antithetica* da razão pura. Infelizmente não foi para nós que Kant operou tal revolução. A respeito de philosophia ainda estamos em plena idade média, o *atqui* e o *ergo* da escolastica fazem todas as nossas despezas de argumentação. Ainda hoje, até illustres professores do ensino superior offerecem como theses, seriamente discutíveis, verdadeiros *môtes* ou *bouts-rimés* philosophicos, para os estudantes, para os doutores mesmos *glosarem, e discorrerem*, quer neste, quer naquelle sentido, ora no *pró*, ora no *contra*, com o mesmo senso da verdade e profunda observação dos factos, com que, por exemplo, um eximio poeta dos nossos dias, o vate de Jaboatão, sobre o mote, *emblemata da sympathia*, construiu aquella mimosa decima, em que vem mencionada a *espada da sua bota*. E' triste, mas é verdade.

A proposição é nova e arriscada ; mas basta reflectir um pouco, para comprehender a sua exactidão. Com effeito, nada mais simples : se a pura razão, sem base experimental, não é capaz de produzir senão *chiméras*, com que direito se falla de um conhecimento *racional* de Deus e das cousas que lhe dizem respeito, desde que Deus não é objecto sensível, e como tal, tanto pôde ser affirmado, como pôde ser negado, com argumentos igualmente logicos, igualmente vigorosos? Quem quer pois que sinta a necessidade de um Deus pessoal, de uma vida ulterior, e todos nós sentimol-a, não tem de appellar para a sua razão, que no caso é nulla, mas sómente de atirar-se nos braços da fé que vivifica, nos braços de uma religião, de uma egreja, cujo credo melhor corresponda a essa necessidade.

A emenda que o philosopho, no seu livro posterior, segundo a opinião corrente, parece ter feito em sua primitiva doutrina, não é uma tal. Entre as *visões chiméricas* da razão pura e os *postulados* da razão pratica não vai uma longa distancia ; e afinal, tudo bem examinado, o resultado é que ha tão pouco direito de affirmar-se, só em nome da razão, um Deus remunerador, condição e garantia de eterna felicidade, como ha de admittir-se, pelo mesmo processo, um creador, uma causa suprema do universo. Para chegar a esta altura e nella permanecer tranquillo, sem correr o risco de entontecer e cahir, o homem necessita de tomar outro caminho.

Já se vê que o systema de Kant, conforme se deduz de um estudo mais serio das suas bases, não prestou, nem podia prestar apoio algum ás chamadas theorias racionalisticas. Certamente as suas ideias, como disse Johannes Scherr, 'desbarataram a intuição theologica do mundo ; mas isto só é exacto, e só deve comprehender-se no sentido da theologia como sciencia, não menos phantasmagorica e impossivel do que a metaphysica, que é a theologia da razão, como a theologia é a metaphysica da fé.

A *Critica da razão pura*, o primeiro manifesto revolucionario do philosopho, sahio á luz em 1781, um mez depois da morte de Lessing (15 de fevereiro), e dous mezes depois da primeira representação do *Idomeneu*, de Mozart,

opera em que o joven componista (25 annos) rompera com as tradições recebidas. Coincidencia notavel : nesse anno tambem surgio *Le mariage de Figaro*, de Beaumarchais, *la revolution deja en action*, como mais tarde exprimio-se Napoleão a respeito da celebre comedia, que entretanto só começou a ser representada em 1784.

Era o tempo do maior fulgor do classismo allemão. Winkelman, que morrera em 1768, estava na ordem do dia.

Em 1787 appareceu o *Ardinghello*, de Heinse ; em 1788, os *Deuses da Grecia*, de Schiller, e a *Critica da razão pratica*, de Kant ; em 1789, *Os artistas*, de Schiller ; em 1790, as *Elegias romanas*, de Goethe, e a *Critica do juizo*, de Kant, ; em 1795, os *Prolegomenos*, do mesmo Kant, bem como a *Educação esthetica*, de Schiller ; e assim por diante até *Hermann e Dorothea*, de Goethe (1797) e outras creações do genero. A seriação diz tudo. Era uma bella embriaguez ; as melhores esperanças da humanidade tinham acordado vividas e impetuosas.

Convém agora apreciar o modo porque os contemporaneos receberam a philosophia de Kant.

« Esta nova philosophia, escrevia Staermlin em 1784, exerceu uma encantadora influencia sobre todas as sciencias e ganhou amigos e sectarios entre aquelles mesmos, que não se consagram a estudos philosophicos. Ella é de tal natureza, que ainda em um remoto futuro novos germens de conhecimento dahi se podem desenvolver. »

No mesmo anno dizia tambem Fichte : « A philosophia de Kant é por ora ainda uma pequena semente ; porém esta semente ha de e deve tornar-se uma arvore capaz de cobrir com a sua sombra a humanidade inteira. » O vaticinio cumprio-se.

« As ideias fundamentaes da philosophia ideal, é Schiller quem falla, em 1805, são um eterno thesouro ; e só por causa dellas devemos julgar-nos felizes de ter vivido nesta época. »

« A grandeza e a força da fantasia, disse então W. de Humboldt, commentando as palavras de Schiller, a grandeza e a força da fantasia existem em Kant, ao lado da profundeza e rigor do pensamento. »

Da harmonia de todos esses nobres espiritos, só um destoou, com desvantagem para o seu renome: foi Herder. Entretanto Kant teve a singular fortuna de que depois, logo depois do seu alto feito philosophico, não houve, em geral, pensador notavel, que não quizesse pôr-se de accordo com elle, subordinar-se, filiar-se a elle.

Reinhold, o velho, foi que tomou a frente. A theoria da sciencia (*Wissenschaftslehre*), de Fichte, veio e completou o que Reinhold começara. Da theoria da sciencia sahio immediatamente a philosophia da natureza de Schelling, e desta desenvolveu-se o systema de Hegel.

Jena foi o ponto de partida da evolução kantesca. Alli se acharam n'uma mesma quadra, como professores universitarios, e professores de philosophia, primeiramente: Schiller, Fichte, Schelling; depois: Schelling, Hegel, Fries; depois: Hegel, Fries e Oken.

Os philosophos que seguiram-se a Kant, podem dividir-se em quatro classes. A 1ª é a dos kantistas *pur sang*, que agarraram-se á letra do mestre e tomaram a critica da razão por um systema completo da mesma razão.

A 2ª é a dos que procuraram tirar todas as consequencias do kantismo; a esta pertencem Fichte, Schelling e Hegel. A 3ª é a dos que trataram de accommodar essa philosophia ás necessidades da vida, como Reinhold e Jacobi. Na 4ª finalmente estão comprehendidos os semi-kantistas, que buscaram abrir novos caminhos, um pouco desviados da direcção do chefe. Foram elles: Fries, Herbart, Schopenhauer, Benecke, Reinhold filho, Trendelenburg e outros modernos.

Destas quatro classes, só a 2ª e 4ª mostraram-se fecundas, e foram além da época do seu apparecimento.

Os kantistas *pur sang* não tiveram descendencia philosophica. Os da 3ª classe, Reinhold e Jacobi na frente, posto que se entregassem á popularisação do systema, não poderam todavia levar muito longe os resultados dos seus esforços.

A razão disto está em que Reinhold havia recebido uma educação jesuitica. Elle comprehendeu e procurou desenvolver a philosophia do mestre, no sentido de uma theoria religiosa, ou uma especie de religião racional.

Jacobi porém fez-se mediano entre o seu tempo e as ideias kantescas. O seu merito consiste em ter promovido o reconhecimento dessas ideias e a sua propaganda em mais largos circulos. Mas teve medo de chegar até aos extremos que a logica exigia.

Todavia estes dous popularisadores prepararam o terreno, em que os kantistas systematicos e consequentes deviam lançar a semente fructifera. Dest'arte, quando Kant morreu (1804), já a sua philosophia, encarada sobretudo pelo lado pratico, a sua theoria da virtude, o *imperativo categorico* do dever, tinham ganho a maior influencia. A prova é que tres annos depois da morte do grande pensador (1807), o seu discipulo Fichte, nos famosos *Discursos á nação allemã*, já encontrava um povo predisposto para enthusiasmar-se e transformar-se por força de taes ideias.

E aqui releva tomar nota do um phenomeno excepcional. Fichte, que foi e ainda hoje é considerado o mais difficil, o mais obscuro dos philosophos allemães, foi tambem ao mesmo tempo o mais claro, o mais convincente, o mais popular dos oradores dessa nação.

A antithese é singular, mas não deixa de ser explicavel. Como philosopho, Fichte teve a pretensão de dar mais largas dimensões ao kantismo; o resultado foi tornalo menos puro e menos accessivel á intelligencia geral. Como orador, porém, elle não fazia mais do que tirar, diante da miseria nacional, os corollorios praticos do *imperativo categorico* de Kant, que já era então bem commum entre as classes cultas do paiz.

Além disto, é bom não esquecer que a eloquencia está sujeita a condições chronologicas em muito maior grão do que a poesia e a musica.

Demosthenes, S. Paulo, Savonarola, Luthero, Bernardino Ochino da Siena, Mirabeau, etc. etc., foram todos productos da sua época, dos successos que nella influíram, dos factores que a determinaram. Fôra d'ahi, taes homens teriam sido impossiveis. Mas esses successos e esses factores não se evocam á vontade. Eis a razão porque, em geral, a oratoria da actualidade não tem mais o serio e a força de outr'ora. O orador hodierno, o

grande orador mesmo, e eu só me refiro aos grandes, assemelha-se a um genial *tocador de viola*: admiravel, estupendo, sublime, mas sempre, anachronico, sempre fóra de seu tempo, e como tal um pouco ridiculo.

A Fichte não faltaram as condições necessarias para o desenvolvimento da verdadeira eloquencia. Era o estado excepcional da sua nação. E é por isso que os *Discursos* constituem um feito heroico: levantaram-na do abatimento e humilhação em que se achava. A palavra do orador contribuiu para que em 1813 se vingassem as affrontas dos annos anteriores.

Os *Discursos* foram proferidos em Berlim, onde Fichte morreu em 1814, passando logo depois (1818) a sua cadeira de professor da universidade a ser occupada por Hegel. Desde então o hegelianismo começa a ganhar uma certa preponderancia, e torna-se philosophia official.

Quanto a Kant, resta-me observar que posteriormente á sua obra capital, elle não foi sempre fiel a si mesmo, sobre tudo nos pequenos escriptos, como *Zum ewigen Frieden* (1796) *Metaphysische Anfangsgruende der Rechtslehre* (1796) *Streit der Fakultaeten* (1798) etc. etc., nos quaes a razão representa ás vezes um papel, que não está muito de accôrdo com os principios da *Critica*.

Mas isto se explica, não só como um effeito da velhice, mas tambem como resultado do fanatico enthusiasmo, de que o philosopho se deixou possuir pela revolução franceza, a ponto de pretender pôr a sua philosophia a serviço das chamadas ideias de 89, que aliás são outras tantas *affirmações gratuitas*, em frente de outras tantas *gratuitas negações*.

Por exemplo: o dominio dos pretendidos direitos *eternos, absolutos, inalienaveis, imprescriptiveis*, e como quer que mais se qualifiquem, entra no reino do *hypersensível*, não pôde ser *materia de conhecimento*. Como foi pois que Kant cahiu na contradicção de querer dar uma apparencia philosophica a esses e quejandos productos abortivos do espirito revolucionario? São fraquezas humanas.

Felizmente para elle, a posteridade já não lê semilhantes desvarios de um septuagenario cançado e aborrecido da brutal reacção, que o successor de Frederico II, fizera praticar-se contra as luzes e as generosas tendencias de periodo anterior, e continúa a ligar o seu nome e a sua gloria quasi exclusivamente á *Critica da razão*.

Em todo o caso é certo o que disse Hermann Hettner, que a palavra de Kuehne sobre Lessing applica-se a Kant com igual direito: voltar a elle é um progresso.

Agora volvamos de novo as vistas para o ponto, em que se encontraram e começaram a confluir as duas litteraturas, germanica e franceza, no fim da época do *rococo*.

V

Quando se falla do espirito do seculo XVIII, com o gosto particular que o carecterisa, em todas as direcções da vida publica, quer no dominio moral propriamente dito, quer no dominio scientifico e litterario, o nome de Voltaire é o primeiro que vem aos labios. Elle abrange, resume e representa, como em um espelho ardente, toda aquella época de intimas contradicções e galantes paradoxias.

Por isso mesmo a litteratura, que começou então a surgir, a nova *litteratura dos emigrantes*, tomou-o de preferencia como alvo de seus ataques; e n'este ponto, ella foi reaccionaria, porque, reagindo contra Voltaire, iniciou tambem a reacção contra o genio escarninho e sceptico do seculo passado.

Mas não ficou ali. Ao lado de Voltaire erguera-se Rousseau, que o igualava em tamanho, e foi quem inspirou a nova litteratura franceza, que a elle se deixa remontar, a despeito de todas as influencias estrangeiras; razão pela qual, no tanto quanto procede de Rousseau e continúa Rousseau, pôde-se tambem dizer que ella continúa o seculo XVIII e a revolução. E' o duplo character, que se lhe nota, de reaccionaria e progressiva ao mesmo tempo.

A Rousseau com effeito é que se prendem os grandes movimentos litterarios do fim do passado e principio do presente seculo, que se protrahiram até aos nossos dias.

D'elle se inspiram, cada um a seu modo e na quota que lhe é cabível, na Allemanha, Kant, Herder, Goethe, Schiller, João Paulo, Ludwig Tieck, em França, Diderot, Saint-Pierre, Chateaubriand, Madame de Stael, George Sand; e na Inglaterra *um só*, porém um que vale *cem*: Byron.

Ao passo que Voltaire influe sobre os espiritos em geral, a influencia de Rousseau dirige-se aos espiritos, aos talentos de primeira ordem. Estes dous grandes homens, depois da sua morte, dominaram alternadamente a posteridade.

No começo do seculo, Voltaire entregou o sceptro a Rousseau; veio porém um periodo, depois de 48, em que elle readquiriu o dominio perdido, pelo menos em França; e nos mais salientes escriptores modernos d'este paiz, como por exemplo Ernesto Renan, encontram-se as duas tendencias finalmente reunidas e amalgamadas, isto é, o espirito de Rousseau multiplicado pelo espirito de Voltaire. (17)

Pondo de parte o que Rousseau escreveu como philosopho, encaremos a sua principal obra como poeta, que é—*A nova Heloiza*.

Este livro que tem precursor longiquo na *Manon Lescaut*, do abbade Prévost, e presupostos menos remotos nos romances de Richardson, desenvolveu ideias, que como grãos sacudidos pelo vento transplantaram-se á Allemanha, e lá produziram *Werther*.

A figura de *Werther* cresce, passa por uma transformação e torna-se *Fausto*; por sua vez essas ideias e sentimentos refluem para a França, e sobre o sólo francez a onda chama-se *Renê*, *Obermann*, como mais tarde chamar-se-ha *Dèlphina*, *Corina*, *Adolpho*, *Manfredo*, *Lara*, *Hernani*, *Ruy Blas*, *Lelia*, e como quer que mais se denomine toda a raça de melancolicos e descontentes, de que se povoa a litteratura d'este seculo.

Que havia de novo na *Heloiza* de Rousseau?

Natureza e paixão, natureza e virtude são os seus estribilhos. Porém n'isto não ha novidade alguma. O livro encerra uma historia de amor; mas d'estas já se haviam escripto muitas em França.

(17) George Brandes, op. cit.

O que elle contém de novo, consiste primeiramente em ter pôsto fim á *galanteria*, e com ella ao modo de conceber os sentimentos em todo o periodo classico-oratorio. Esta concepção era que todas as nobres e ternas emoções, principalmente o amor, são productos da civilisação.

E' indubitavel que se faz preciso um certo gráo de cultura, para poder surgir um sentimento como o amor.

Antes de haver vestidos femininos, não havia mulheres, porém sómente seres *feminini generis*, e antes de haver mulheres, o amor não existia.

Não é só isso. Pode-se mesmo affirmar que a longa viagem que a humanidade tem feito desde o seus primordios até hoje, ou seja de milhares de annos, ou de milhares de seculos, está toda comprehendida no espaço que medeia entre a *mordedura* e o *beijo*, entre a *dentada* feroce e animal da paixão selvagem e o *ósculo* mal percebido da paixão disciplinada e culta; devendo-se, porém, não esquecer que de todos os sentimentos modificados, ennobrecidos, divinizados pela cultura, é talvez o amor aquelle que mais obedece á lei do atavismo. (18).

(18) Com effeito, basta imaginar o commercio sexual em estado de *primitiva nudez*, que lembra o estado de primitiva selvageria.

O tirar das roupas equivale a sacudir dos hombros o peso de oitenta seculos de civilisação; *et dentes in lidunt sope labellis*. O leitor não me considere demasiado livre nas minhas apreciações. Já houve quem dissesse que quasi todos os meus escriptos se resentiam da voluptuosidade do meu temperamento. Mas não ha tal. A' este respeito, eu posso dizer com o *Figaro* de Beaumarchais: Il n'est pas nécessaire de tenir les choses pour en raisonner; n'ayant pas un sou j'écris sur la valeur de l'argent.....

Além disto, o espirito scientifico não tem outro escrupulo, se não o de faltar á verdade, ou de dizel-a só pela metade. E' a razão por que sempre tive uma profunda antipathia aos velhos tratados de psychologia espiritalista, em que o homem não é o que nós somos, mas um ser ethereo, hyperterreno, que não *come* nem *bebe*, não *incretá* nem *excreta*. Eu cá não penso assim. Se escrevesse alguma obra do genero, havia de dar *conta de tudo*, correndo mesmo o perigo de ferir ouvidos castos.

Ainda hoje, quando me lembro do meu velho Barbe, e do modo porque elle discorria sobre as diversas fórmas de *sensibilidade*, sobrevem-me a objecção, que então me sobrevinha: o prazer que ordinariamente acompanha o exercicio das funções excretivas, é de natureza *physica, intellectuel* ou *moral*? Se a philosophia, se a sciencia em geral, tem pejo destas cousas, é o caso de dizer, como Romeu á frei Lourenço, ora bolas para a philosophia; ella é inutil e sem valor algum.

Partindo deste pensamento, em si exacto, o espirito do tempo que se designa por época de Luiz XIV, tinha a final chegado ao resultado de que tudo o que esconde a *nua* paixão, concorre para nobital-a e dar-lhe valor. Quanto mais encoberta e paraphraseada, quanto mais cuidadosamente predisposta, quanto mais sorrateiramente indicada, tanto menos *brutal* ella se mostra.

Era esta a intuição vigente na época do *rococo*, isto é, no reinado de Luiz XV e principio do de seu infeliz successor.

Contra isto foi que Rousseau reagio. Excesso contra excesso, a reacção tinha sua vantagem, ainda que sómente provisoria e temporaria.

O segundo traço de novidade na *Heioïza* é que ali os dois amantes, ao envez do que até então se observava, são de classe differente e differente posição social; de onde se origina o conflicto psychologico, ou o momento tragico da vida do inditoso par.

Tudo isto entretanto ainda era um producto da época, e só relativo e adequado a ella. Porém hoje não tem mais senso. Eu já disse uma vez, e é exacto : com o nivelamento das classes sociaes, realisado ou mesmo só pretendido, a democracia matou a primitiva poesia do amor. Nada, portanto, de mais esdruxulo, do que certos romances eróticos do nosso tempo e da nossa terra, em que os dons amantes se debatem contra uma phantastica impossibilidade de se unirem. A um leitor menos preoccupado acóde de prompto esta pergunta : porque não se casam ? E' simplesmente uma questão de *vigario, advogado e juiz*, para que pois tanto barulho ? !

Mas não era assim antes da Revolução. A mulher de classe elevada, que não tinha o direito de casar-se com quem quizesse, podia entretanto entregar-se a quem bem lhe parecesse ; e a *galanteria* social não tolerava que se forjassem cadeias ideaes, para diffcultar a poesia do goso.

O que o livro de Rousseau trazia de estranho e hostil aos costumes e á litteratura do dia, foi bem caracterisado pela Pompadour, quando disse da heroína do poema :
« *Quelle maussade créature que cette Julie ! Combien de*

raisonnements et de babil vertueux pour coucher enfin avec un homme! » E' o ponto de vista de uma favorita régia, mas tambem, para a sociedade de então, o unico verdadeiro.

A *Nova Heloiza* sahio á luz em 1761. Treze annos mais tarde (1774), no anno da ascensão de Luiz XVI ao throno, appareceu o *Werther*, com todos os bons predicaos da *Heloiza*, ao lado de muitos outros, que lhe eram proprios, e sem um só, se quer, dos seus defeitos. Saint-Preux mudára de *costume* e metterá-se no celebre trajo *wertheriano*, o casaco azul e o collête amarello; a *belle âme* de Rousseau transportara-se para a litteratura allemã, convertida em *schœne Seele*.

As grandes individualidades scientificas e litterarias da Allemanha, que brilharam na segunda metade do seculo passado, podem-se considerar como prophetas e precursores do genio que se esperava. E effectivamente o genio appareceu. Todos os desejos, todos os vagos presentimentos, que agitavam a geração moderna, acharam em Goethe a sua satisfação, a sua expressão perfeita, o seu perfeito complemento.

Não sómente *Werther*, mas tambem *Clavigo*, publicado igualmente em 1774, como ainda *Goetz von Berlichingen*, do anno antecedente, foram ensaios maravilhosos, podia dizer titanicos, que attrahiram sobre o poeta os olhares de toda a pleiade litteraria do seu paiz; e lhe valeram o convite para a côrte e depois a amisade do duque de Weimar, que tanto influiram sobre o seu desenvolvimento posterior.

Mas se Goethe, com as suas primeiras creações, se havia tão altamente collocado acima dos escriptores coetaneos, a ponto de fazer presagiar á attonita Allemanha a irrupção de uma nova era, o nexo logico e a harmonia no conjuncto dos seus productos só teve logar, quando elle pôde medir e completar a propria individualidade intellectual com outra não menos sublime.

Um joven medico militar, a serviço do Duque de Wuertenberg, publicava em 1781, no mesmo anno da *Critica da razão pura*, o drama tragico *Os Salteadores*, que provocou o enthusiasmo do publico e as perseguições da

autoridade. O autor Frederico Schiller, que vira-se obrigado a fugir e asylar-se por algum tempo em Manheim, depois em Moguncia, Dresde, Leipzig, abrigou-se finalmente na côrte hospitaleira de Weimar, tambem a convite do duque, que o nomeou seu conselheiro.

Nos *Salteadores*, abstrahindo-se da exorbitancia da expressão e do conceito, ha uma força de acção dramatica, que mantem suspensa a attenção dos espectadores e torna menos duro e chocante o monstruoso connubio da civilização com a barbaria, da pura elevação do sentimento com a feroz dialectica do materialismo.

O encontro de Goethe com Schiller, cuja primeira impressão não foi agradavel a nenhum d'elles, veio depois a tornar-se fecundissimo para ambos. E quando mais tarde os tolos e importunos, que não podem ver dous grandes genios, sem tratar logo de decidir, qual seja superior, lançaram entre Goethe e Schiller a futil questão do *primado*, foi Goethe mesmo quem disse: «Não se deve questionar, nem procurar saber qual é maior, mas sómente regosijar-se de que existam ao mesmo tempo estes dous brejeiros.» (19)

Em torno d'esses nobre par de *dioscuros* agruparam-se então todas as grandezas intellectuaes da Allemanha.

No ultimo decennio do seculo, foi que surgiu alli a chamada *escola romantica*, filiada no movimento philosophico provocado pelos kantistas Fichte e Schelling. Como

(19) Não se julgue porisso que os espiritos superiores d'aquella época se assignalavam pelo mutuo respeito e reconhecimento do merito de cada um. Como os deuses do Olympo, elles tinham tambem suas luctas, suas chicanas, suas bandalheiras. O proprio Schiller, que se confessara tão entusiasta de Kant, não duvidou depois dizer que o philosopho, a despeito de tudo, mostrava uns visos de *monge*; que abrira-se o claustro, é verdade, mas ainda conservavam-se os vestigios da clausura.

Da mesma fórma, Augusto Schlegel, quando Schiller publicou *O sino*, disse que o poeta havia-se esquecido do *badalo*. Um *bello espirito* do tempo, o humorista Wiesel, ouvindo uma vez alguém fallar de Klopstock, lisongeando-se da sua amizade, exclamou espantado, com o terrivel sério da ironia: «Como assim!? Isto é possível? E vive realmente entre nós o autor da *Messiada*, quando eu pensava que o Sr. Klopstock era um contemporaneo do Christo!?» E como estas, muitas outras.

Tieck e Novalis foram os poetas, os irmãos Schlegel, Augusto e Frederico, foram os legisladores da nova escola.

Para caracterisal-a, basta mencionar o seu primeiro manifesto, datado de maio de 1798 e inserto no *Atheneum*, jornal fundado especialmente para a defeza e propagação das novas ideias. São palavras de Frederico Schlegel : « A poesia romantica é uma poesia universal e progressiva. Seu destino não é sómente reunir todas as especies poeticas separadas, e pôr a poesia em contacto com a philosophia; ella quer e deve ainda misturar e confundir, uma com a outra, poesia e prosa, genialidade e critica, poesia da arte e poesia da natureza; fazer a poesia, viva e social, bem como a vida e a sociedade poeticas. »

E' quasi o mesmo programma dos reformadores da poesia de hoje, para quem o *fiasco* da escola romantica, que aliás dispunha de talentos incomparavelmente superiores, bem pudera ser uma lição proveitosa.

Frederico Schlegel não limitou-se a dar o preceito, addicionou-lhe o exemplo. Foi *Lucinda*, o primeiro romance da escola, e uma especie de anticipação, até certo ponto, das heroínas de Stael, bem como da *Lelia* de Sand. A obra appareceu em 1799, coétaneamente com os *Discursos sobre a religião*, de Schleiermacher que são também a seu modo um producto romantico.

A romantica allemã foi menos fecunda dentro dos seus proprios limites, do que fóra d'elles. E' assim que aos seus esforços se deve a creação da mythologia scientifica e da philologia. Frederico Schlegel foi o fundador da linguistica comparada; Guilherme de Humboldt, Bopp e Lassen descendem da sua escola. A symbolica de Creuser também é filha do romantismo. (20)

(20) O gosto e o cultivo da poesia popular, ainda que possam remontar á autoridade de Herder, descendem todavia mais directamente da escola romantica, os efeitos mediatos desta escola, que não foram poucos, dividem-se em *permanentes* e *transitorios*. Aos *permanentes* pertencem por exemplo, a linguistica, a philologia, a mythologia comparadas; aos *transitorios* porém, não precisa especialisar, pertencem todas aquellas extravagancias, que ha 50 ou 60 annos valiam por maravilhas, e hoje felizmente estão esquecidas. Pergunto agora: o gosto da poesia popular, a que classe deve pertencer?

De mim para mim, tenho-o por um dos efeitos *transitorios*. Esse enthusiasmo forçado, *erzwungene Begeisterung*, como dizia o

Ignal se mostrou a sua influencia no dominio da musica. Beethoven foi o ultimo grande classico. Entre Mozart e elle ha alguma cousa de analogo ao que se dá entre Goethe e Schiller. Mas Schubert e Weber foram romanticos. De Weber diz Hermann Hettner, que elle quiz e pôde, o que os romanticos quizeram, porém, não puderam.

Até sabios, como Savigny, pagaram o seu tributo á joven escola. O seu escripto, *Sobre a vocação do nosso tempo*, resente-se da influencia d'ella. Os estudos germanisticos em geral foram fructos positivos da romantica.

Entretanto, abre-se a porta do seculo XIX. Logo em seu principio, morrem alguns imponentes vultos da litteratura allemã; Herder e Klopstock, em 1803; Kant, em 1804; Schiller, em 1805; Wieland, em 1813.

Os tempos assumem uma nova face; e manifesta-se então a chamada *doença do seculo*, a *melancolia*, que não tem caracter pessoal, nem mesmo nacional; é uma epidemia cosmopolitica, apparentada em seu fundo com as formas morbidas religiosas, que na idade média tantas vezes se espalharam sobre a Europa.

proprio Uhland, pelas pretendidas producções poeticas do povo, é sem *interesse esthetico*, porque n'ellas em geral a belleza brilha pela ausencia; sem *interesse historico*, porque o povo poetisante nada tem que vêr com o processo evolutivo da historia, sem *interesse psychologico-nacional*, porque as canções populares, a despeito de todas as tentativas feitas n'este sentido, ainda não servem nem servirão jámais como traço caracteristico d'esta ou d'aquella nacionalidade; essa resto de vertigem ha de tambem acabar. Se ainda não appareceu de todo, é porque começou mais cedo.

Só comprehendendo o valor da poesia popular, como materia assimilavel ás fórmãs e conceitos da poesia culta, por intermedio de espiritos superiores. Foi o que fez Goethe, cuja musa lyrica, em muitos dos seus mais brilhantes productos, é uma resonancia do *Lied* popular allemão; foi o que fez Heine, que por vezes recorreo tambem a essa fonte; foi ainda o que fez Weber no dominio da musica, pondo a seu serviço e colorindo com seu genio as cantigas populares. Deixemos-nos pois de illusões. A *poesia popular* é uma digna irinã da *soberania popular*. O epitheto addicionado a uma e outra palavra amesquinha e transtorna o conceito de ambas. Muito sinto achar-me n'este ponto em desacordo com o meu illustrado amigo Sylvio Romero, cujo talento é de uma força organisadora estupenda; e como em geral os talentos organicos são tambem harmonicos, é estranhavel que elle, que foi o primeiro entre nós a irromper contra o romantismo, tenha cedido por sua vez a uma das mais estranhas preoccupações romanticas.

O mais affectado deste mal era justamente a primeira figura da época, Bonaparte. A coincidência é notavel: no mesmo anno em que elle celebrou a *concordata* com o papa e introduzio de novo em França o culto catholico (1802), sahio á luz o *Genio do Christianismo*, no qual o celebre episodio de *René* constitue o primeiro fomento da moderna litteratura franceza.

Dous annos depois (1804) surgia igualmente *Obermann*, de Sénancourt, outra variação do typo *wertheriano*, que produzio em França a mesma *pæste do suicidio*, que o livro de Gœthe produzira na Allemanha. Ainda mais tarde (1807) levantou-se *Corinna*, que não é uma doente como *Delphina*, mas tem os mesmos impetos, as mesmas inclinações. E assim por diante até *Adolphe*, de Benjamin Constant, que é menos brilhante do que *René*, menos resignado do que *Obermann*, mas pinta a mesma geração inquieta e irresoluta. (21)

Incidentemente: foi tambem por esse tempo que Byron começou a despertar, como um prodigio, a attenção do mundo culto. *Child Harold* veio a lume em 1812;

(21) Consa notavel, se não antes digna de riso: O autor da *Adolphe* é o mesmo autor da *Politique constitutionnelle*, isto é, Benjamin Constant, ou *l'Inconstant*, como o chamavam as mulheres. Uma e outra obra tem o cunho da mania do tempo, bem como a volubilidade do espirito que as produzio. Um homem que, tendo dirigido a Luiz XVIII uma petição, na qual se justificava de haver durante os cem dias abraçado a causa de Napoleão, e assegurava sua lealdade para com os Bourbons, ao saber que o rei lhe perdoára, que a sua petição o fizera convencer-se da lealdade promettida, respondeu com todo serio: eu creio, pois, que ella seria até capaz de convencer a mim mesmo; este homem não podia ter escripto a sua *Politica*, sincera e convictamente. Mas ainda hoje, entre nós, ha quem a considere a ultima palavra em materia governamental; e a nossa constituição, que é um dos melhores transumptos, posto que tão romantica e doentia, como um capitulo do *Adolphe*, continúa a passar por uma obra providencial! O nome de Benjamin Constant não é sómente o nome de um autor; no Brasil tornou-se até, como tambem succede com alguns outros escriptores, o nome de uma *sciencia*! Havia na minha terra um professor de primeiras letras, uma dessas naturezas puramente *grammaticaes*, que, fazendo alarde dos seus conhecimentos, da sua inexcedivel mestria na *regencia do portuguez*, costumava dizer altivo e garboso: eu sei o *Camões*!... Em igual posição se acham muitos dos nossos doutores, lentes de academia, senadores, deputados e ministros, que podem repetir com o mesmo orgulho: eu sei o *Benjamin*, eu sei o *Ahrens*, eu sei o *Macarel*!! E dahi não passam!

Giaour, de que tiraram-se onze edições em seis mezes, e bem assim a *Noiva de Abydos*, em 1813; *Corsario* e *Lara*, em 1814; *Cerco de Corinthe* e *Parisina*, em 1816.

Era como se, depois da queda Napoleão, uma nova força devesse dominar os espiritos. O entusiasmo chegára a tal ponto que só do *Corsario* venderam-se em um dia treze mil exemplares. (22)

A ideia de Byron traz á mente a ideia da Guiccioli, e esta, por sua vez, suscita-me a lembrança da Italia. Passemos, pois, a apreciar o seu movimento litterario.

VI

Pelo meado do seculo passado, no tempo em que tambem na Allemanha começava uma especie de *renascimento* espiritual, o genio da poesia italiana despertou do longo somno, em que o havia mergulhado o monotono badalar dos sonetistas e das idyllicas academias de pastores.

O movimento politico e social que então se operava teve uma larga parte nesse despertar. Do abatimento e obscurantismo medieval do paiz elevou-se a novas esperanças de vida.

E quando o espirito revolucionario que soprava da França impellia para a reforma de todas as instituições, no Estado e na Igreja, a nobre satyra de Giuseppe Parini oppôz um dique á corrupção moral, que ao lado da cultura franceza ameaçava a sociedade européa, e tinha achado

(22) Byron lembrava-se sempre destefacto com um certo desvanecimento. Quando uma vez, na sua viagem pelo Rheno, acompanhado de um medico italiano, Polidori, este teve a ousadia de perguntar-lhe: que podeis vós fazer, que eu tambem não possa? O poeta respondeu-lhe: já que me obrigaes a dizel-o, dir-vol-o-hei: ha tres cousas, pelo menos, que eu faço e que vós não fazeis, isto é, atravesso a nado este rio, a vinte passos de distancia apago uma luz com um tiro de pistola, e já escrevi um poema, do qual em um só dia foram vendidos treze mil exemplares!...

Aproveito a occasião para observar que proximo está o dia 22 de janeiro de 1868, em que faz um seculo que Byron nasceu. Não será o grande inglez, entre nós, realmente digno de um *centenario* solemne?

facilima entrada na italiana, que se agrupava em torno de pequenas côrtes principescas.

Diante do fresco ar matutino que aspiravam todos os espiritos superiores deveriam dissipar-se em pouco tempo as phantasmagorias que infestavam as associações poeticas, bem como a morbida sentimentalidade dos imitadores de Petrarca, os frivolos gracejos de um Frugoni, a vacuidade bombastica de um Marini.

Surgio então uma temperança, uma reacção didactico-satyrica contra o velho estado de cousas, estragado e corroido ; temperança e reacção, que sem duvida teve um merito mais negativo que positivo, e cujo rigor e força preponderante ainda hoje constitue o tom fundamental, nas obras dos dous mais illustres filhos dessa época, Parini e Alfieri.

Foi uma felicidade para a expansão ulterior do espirito nacional o facto de haver-se voltado, logo no principio desse periodo, a repetir um grande nome, ao qual se prende toda a gloria da litteratura classica italiana. Com effeito fez-se preciso o nome de Dante para quebrar victoriosamente o encanto effeminador de Petrarca.

E tambem alli, como na Allemanha, foi a critica que abriu de novo a fonte entulhada. Mas Gasparo Gozzi, a quem a Italia tem a dever o mesmo que a Allemanha deve ao seu Lessing, tinha em seu favor, mais do que este, a circumstancia de appellar para um compatriota, para um velho classico da litteratura nacional, ao passo que o alliado de Lessing na luta contra o dominio dos modelos estrangeiros, havia escripto em uma lingua, que só *pelas raizes* é apparentada com o allemão. Decorreu ainda longo tempo, antes de ficar assentado que aos allemães assiste tanto direito, como aos inglezes, de chamar Shakespeare *um dos seus*. (23)

Não era porém unicamente no dominio da poesia ; pôde-se dizer que em quasi todos os outros novos dias felizes haviam-se levantado sobre a Italia. Na Lombardia

(23) É singular que o professor Settembrini, nas suas *Lezioni*, havendo consagrado paginas e paginas á apreciação das fabulas de Carlo Gozzi, tivesse entretanto esquecido quasi de todo o seu irmão Gasparo, muito mais notavel do que elle.

governava o nobre conde Firmiano, na Toscana o excelente Leopoldo, em Napoles o habilissimo Tanucci. No seio da propria Egreja, sob os papas Benedicto XIV, Clemente XIII e Clemente XIV, agitavam-se grandiosos planos de reforma, que não tinham a sabedoria do governo mundano por inconciliavel com os deveres da supremacia ecclesiastica.

Por toda parte ergueram-se homens esclarecidos e animados do respeitavel anhêlo de fazer das grandes conquistas do pensar moderno a base e o fio director da vida politica e social.

Ao principio, o que predominou, foi a influencia de Voltaire; dão disso testemunho o *Newtonismo per le Donne*, do conde Algaroti (1737), e a traducção da *Henriade* em versos latinos, do cardeal Quirini. Mas logo depois Montesquieu e os economistas tomaram o ascendente.

Levanta-se então uma série de escriptores, incitados e protegidos por governos bem intencionados, nos quaes flammeja o alto pensamento de tornarem-se os mestres e bemfeitores do povo, no mais elevado sentido da expressão. Com a luz da sciencia elles pretendem illuminar os principios de uma legislação e administração livre e humana, assim como vivem da confiança de que aquillo que a sciencia reconhece ser exacto, acha éco enthusiastico perante o governo, e por este é logo transformado em vida e actividade politica.

A Milão cabe a gloria de ter sido a primeira sêde deste novo movimento scientifico em Italia. A maneira por que se dera com o *Club de l'Entresol* em França, alguns jovens esforçados associaram-se entre si, para se instruirem mutuamente em constantes reuniões e conversações, sobre os graves problemas da humanidade.

Os membros mais notaveis deste circulo eram Beccaria, Pietro e Alessandro Verri, Longo, Visconti, Lambertenghi, Secchi; todos elles, como se vê de suas cartas e das suas biographias, eram inspirados por escriptores francezes do dia. Tomando por modelo o *Spectator*, de Steele e Addison, como disse Beccaria mesmo em uma carta ao abbade Morellet, elles fundaram um jornal com o titulo *Il Caffè*, o qual, posto que de curta duração

(1764-66), exerceu todavia uma notavel influencia pelo seu excellente conteúdo, não menos do que pelo attractivo da novidade.

Particularmente Pietro Verri e Cesare Beccaria se assignalaram por suas ideias reformadoras em materia de legislação criminal e de economia politica. O livro *Dei delitti e delle pene* de Beccaria (1764) fez o gyro do mundo, ainda que hoje ninguem mais o leia, com intuito de instruir-se sobre o assumpto.

O ponto de vista do autor, que naquelle tempo era fecundo e novissimo, actualmente é esteril e atrasado.

Com effeito, a ideia capital da obra de Beccaria é que o legislador, em vez de multiplicar os crimes pela inutil accumulção de prohibições e de penas, trate antes de prevenil-os, não por meios policiaes, mas por meios moraes, promovendo e difundindo a geral instrucção do povo.

Esta ideia porém não tem mais valor. E o que ha de singular, é que um dos seus maiores combatentes actuaes, um dos que têm fornecido maior numero de dados para desacreditar-a, é justamente um compatriota de Beccaria, o psychiátra Lombroso. Grandes criminosos, talentosos e instruidos, não são *corvos brancos*; são phenomenos ordinarios, que aliás vão augmentando com o progresso da cultura.

Os trabalhos de Pietro Verri não fôram tão passageiros. Ainda hoje as suas *Meditazioni sulla economia politica* (1771) merecem attenção, até da parte de espiritos, como Karl Marx, o terrivel critico do *capital*, e o mais valente pensador do seculo XIX, no dominio da sciencia economica.

Ao lado de Milão distingue-se Napoles com igual brilho. Um dos seus vultos superiores foi Caetano Filangieri (1752-88), o autor da *Scienza della legislazione*, que tambem fez época.

Willemain comparou Filangieri ao marquez Posa de Schiller. A comparação assenta perfeitamente; mas importa observar que o moço nobre napoletano, com as suas ideias humanitarias, não se achava isolado. Outros tantos

Posas eram todos aquelles jovens magnanimos, que reclamaram dos thronos os direitos da humanidade, e que áfinal, como Mario Pagano, cujos *Saggi politici* não têm de certo a mesma extensão e detalhes, mas têm o mesmo rigor e profundez que a grande obra de Filangieri, pagaram com honrosa morte o seu generoso enthusiasmo.

Como se vê, a Italia de então reverberava em quasi tudo o espirito francez. Houve um sómente que bem pouco deveu a essa influencia.

Foi Parini (1729—1799), podendo-se-lhe associar neste ponto, ainda que em menor escala, Gasparo Gozzi, Baretti e Cesarotti, que receberam mais directamente a influencia da Inglaterra.

Alfieri mesmo (1749—1803), posto que pretendesse só bem tarde ter conhecido os tragicos francezes, cedeu muito e muito ao seu influxo ; Voltaire transparece por toda a parte, tanto na fôrma, como no fundo, com a unica differença que a direcção preponderante de Alfieri não é contra a Igreja, porém contra o Estado.

Entretanto, é incontestavel que o celebre tragico exerceu sobre o seu paiz uma influencia poderosa, que presentemente ainda perdura.

Elle lançou no meio da massa grandes pensamentos, lançou a paixão politica. Não sómente uma escola poetica que se estende de Ugo Foscolo a Silvio Pellico, mas tambem toda a joven Italia cresceu e reforçou-se nelle.

Com esta admiravel expansão e florescencia do novo espirito coincide a época dos grandes *rabequistas e sonatistas*, bem como da hegemonia musical dos italianos, que tomaram então a frente aos seus dous unicos rivaes, os francezes e os allemães.

E' uma cousa digna de nota : ao passo que todos os povos civilizados são mais ou menos *poeticos*, se caracterizam mais ou menos por uma poesia, que lhes é propria, o mesmo phenomeno não se dá com relação á musica, pois sómente tres merecem o nome de povos *musicaes*, no sentido de só elles terem concorrido para o progresso da arte, allemães, francezes e italianos.

Como se vê, um germanico e dous romanicos ; um bello thema, portanto, para ser desenvolvido pelos Liaes e

consortes na importante demonstração da superioridade intellectual da raça latina. Mas eu não me occupo disto.

E' de esperar que no futuro entrem tambem na corrente os húngaros, russos e polacos.

Quanto aos outros, é de crer que não façam mais nada. Os inglezes, por exemplo, estão agora no seu zenith; os hespanhoes já passaram além.

Não se trata de musica *popular*, esta é commum a todas as nações; mas sómente de musica *artística*, e ahi é que só aos tres povos mencionados cabe o titulo que lhes confiro.

Seja, porém, como fôr, o certo é que no periodo em questão o predomínio musical dos italianos estende-se ao mundo inteiro. E' então que a opera começa a mostrar-se em todo o seu esplendor; para o que concorreu não pouco a circumstancia de haver entrado na musica o elemento feminino. Até ahi as mulheres, com rarissimas excepções, não tinham representado papel algum, ou pelo menos, importante, no desenvolvimento da *arte dos sons*.

Na Egreja, onde a parte dos sopranos, dos chamados *típias*, ainda era executada por meninos, vigorava, como regra, a velha palavra do apostolo: *mulieres vestris in-conventibus sileant*; e isto tanto mais quanto ainda existia o prejuizo procedente de ideias medievas, de que vozes femininas soam *profanamente* e suscitam na alma do ouvinte, em vez dos sentimentos de pura adoração, o prazer do mundo, o gozo material dos sentidos.

No seculo XVIII, porém, a cousa torna-se outra; pôde-se mesmo dizer que as cantoras italianas de então ajudaram muito a conquistar para o seu paiz o primado musical.

Do impeto que se apoderára de todos os espiritos, a musica tambem se resentio. A inquietação era geral: havia uma ancia, uma sêde de novidade que se fazia valer por toda a parte e que dava ao seculo XVIII o character de continuador do seculo XVI. Qual era naquelle tempo o modo de ver e de sentir em geral, deprehende-se perfeitamente de uma carta de Winckelmann a seu amigo Stosch, datada de fevereiro de 1768, na qual se lê o singular vaticinio de que talvez dentro de cincoenta annos não houvesse mais em Roma nem um papa, nem um padre.

Pertence á historia politica propriamente dita demonstrar como esses germens da vida foram opprimidos e suffocados. Pelo que diz respeito a Napoles, este triste dever foi sabiamente cumprido por Pietro Colleta, em sua *Storia del Reame di Napoli*.

Mas fica sempre um problema, de solução difficilima, e que é pena não ter sido apreciado por Settembrini, o terrivel inimigo dos *jesuitas*, o saber como foi que, tendo sido extincta em 1773, logo depois da prophesia de Winckelmann, a companhia de Loyola, a quem se attribuia uma força retardataria e paralyzadora de todo o progresso, essa medida deu apenas resultados negativos, de modo que, por occasião do restabelecimento da *Ordem* (1815), a Italia jazia exangue e cadaverica, não só pelo lado politico, o que aliás achava seu fundamento nas guerras napoleonicas, mas tambem pelo lado litterario, o que não tinha, como ainda hoje não tem explicação razoavel.

O que ha de superior a qualquer duvida é que na entrada do novo seculo, quando deu-se a morte de Alfieri (1803), a poesia italiana contava bem raros representantes, que não fossem outros tantos casos *cenogeneticos* do seu glorioso passado.

Apenas Ugo Foscolo (1779—1828), com as suas *Ultime lettere de Jacopo Ortis*, livro publicado em 1802 no mesmo anno que *René*, e que é tambem uma glosa do mote *wertheriano*, parecia destinado a conservar um resto da antiga grandeza.

E não só o *Ortis*, tambem o *Discurso* a Bonaparte contribuiu bastante para engrandecer o renome litterario de Foscolo. O *Discurso* apparecêra pouco antes d'aquelle, e fôra dictado pelo entusiasmo da *republica italiana*, que Napoleão promettia constituir. Mas logo em seguida Foscolo perdeu as esperanças e a primeira expressão das suas desillusões foi justamente o *Ortis*.

Este livro teve a honra de ser traduzido em allemão (1807) pelo professor Luden, da universidade de Jena; e mereceu até que um homem como Niebuhr dissesse delle (1808): — *Das sage ich getrost, dass ein Buch nicht unbedeutend ist, bei dem ich wie ein Kind geschluchzt habe.*»

Depois das *Ultime lettere* veio o carmen dos *Sepulchros* (1807), por meio do qual Ugo Foscolo ergueu ao seu venerando amigo Parini um monumento mais indelevel, do que teria sido um outro de pedra ou de bronze, que aliás as autoridades prohibiram se levantasse por occasião da morte deste poeta. (24)

Naquelle tempo a Italia parecia exausta ; mas não se exhaure facilmente a alma de um povo magnanimo e forte. Entretanto, depois que os italianos adquiriram a liberdade e a unidade, objecto dos seus mais bellos sonhos e dos seus mais heroicos sacrificios, só a elles cabe mostrar, como já o tem mostrado, que possuem força de vida bastante, para de novo se tornarem um grande povo culto.

Já o tem mostrado de certo, e continuam a mostral-o. A sciencia italiana é hoje uma viva realidade, uma digna companheira da sciencia allemã. *Companheira*, e não *rival*, note-se bem, como succede em grande parte com a sciencia franceza, cujo maior empenho de honra é pôr-se em antagonismo com tudo que se pensa e escreve na Allemanha.

A Italia é animada de outro espirito.

E quando vemos que alli um sabio, como Angelo De Gubernatis, não tem medo de dizer, em muito bom Allemã : *Ist Italien meine Mutter, so ist Deutschland meine beste Amme* é mais uma razão de regozijarmo-nos com os que por cá tambem padecem de *germanomania*. (25)

(24) Porque razão em 1879 os italianos não fizeram a festa secular do nascimento de Foscolo, e até, muitos jornaes julgaram o dia 26 de janeiro daquelle anno apenas digno de uma rapida menção?... E' que Foscolo foi um republicano, e a republica na Italia não vae muito além dos Passanantes e companhia, objecto das indagações *psychiatricas* dos estudos *craneometricos* de um Lombroso. Com o seu alto senso pratico, os italianos comprehendem todo o alcance da grande palavra de Alfieri: *Sol osi i Re disfare un Popol fatto*... E é de crer que Massimo d'Azeglio continue a ter razão: os italianos ainda não estão feitos, como não está o povo nenhum da actualidade, para desfazer o seu rei.

(25) Nesta alliança intellectual dos dois paizes, é a Allemanha mesma quem nos ensina a venerar a Italia, como esta nos ensina a adorar a Allemanha. Eu, por exemplo, não hesito em declaral-o : se posso hoje formar uma justa idéa do valor scientifico e litterario dos italianos, aprendi com os allemães; e isto não é de hontem, mas de data já um pouco atrazada. E' natural portanto que sinta uma certa

A resurreição politica da Italia parece ter trazido até um certo ponto, como consequencia immediata, a sua resurreição litteraria. Até um certo ponto, digo eu, por que de algum modo a litteratura tambem concorreu para aquella resurreição e como tal foi um antecedente, não um consequente.

estranheza, ao vêr a sem cerimonia com que se pretende agora abrir uma corrente de *italianismo* entre nós, como uma especie de *pendant* equilibrante do *germanismo*...

Em um trabalho publicado na nova revista intitulado *Archivo brasileiro*, o meu collega, o Dr. João Vieira, em quem eu sempre tinha reconhecido um espirito *modesto* e *resignado*, n'um accesso de vaidade injustificavel, reclama para si a honra de estar *continuando a italianisar o estudo do direito no norte do Brasil, como outros estão germanisando esse mesmo estudo*.

E' uma these esta realmente provocadora. O autor diz em proprios termos: « *Parecerá mesmo assombroso que continue a italianisar, etc., etc.* » — Não contesto o *assombro*, por outro qualquer motivo, menos pelo facto da *continuação*, pois em geral não se sabia, eu mesmo ignorava, que o collega já tivesse *começado*...

Além disto, as suas palavras dão claramente a entender que para o meu illustre collega esses *outros*, que estão *germanisando*, não *italianisam*, não querem ou não podem *italianisar*,—seni o que não teria senso o *assombro* de que falla. Mas valha-nos Deus: tudo isso é horivelmente falso. Os *germanisadores*, se é que já existem em numero *plural*, são outros tantos *italianisadores*.

Foi a proposito de *Vidari* que o Dr. João Vieira apresentou-se com a singular pretensão de *italianisador*. Mas o collega reflecta e diga-me: quem foi que primeiro desenvolveu na Faculdade theorias de *Vidari*?... Fui eu em 1881: não me attribuia por isso gloria alguma, porém esta é a verdade. Até então o collega não o conhecia. Quem primeiro fallou em *Lombroso*, quem primeiro fallou em *Guido Padellèli* e outros autores italianos? Fui eu (*Menores e loucos e Estudos allemães*). Entretanto, nunca me dei por *italianisador* do nosso estudo juridico.

O que sei de mais notavel a tal respeito, é que, em novembro de 1883, um moço do 4º anno pediu-me para desenvolver alguns pontos do programma de direito civil, entre estes o que tratava das *cousas e suas especies*. Eu, que conheço o mundo em que vivo, satisfiz o pedido, mas nada tirando de mim; recorri ao *Serafini*, traductor italiano das obras de Arndts e jurista notabilissimo, donde extrahi a *materia* dos pontos, principalmente o de *cousas*, que copiei de uma instructiva nota de *Serafini*. Foi este que couba por sorte ao intelligente moço, que por sua vez repetiu o que eu havia escripto. Que aconteceu? A prova do rapaz foi qualificada de — *pouco soffrivel*! Eis ahí o *italianismo* em acção.

Não se *italianisa* o estudo do direito ou de outra qualquer sciencia com quatro ou cinco autores isolados e isoladamente lidos. Sem conhecer a litteratura do paiz, pelo menos em sua ultima phase, sem estar no caso de apreciar as diversas tendencias do espirito scientifico em Italia, em uma palavra, sem um estudo muito sério e muito variado, não se pôde, não se deve fallar de *italianisação do direito*...

Mas essa que precedeu e prestou o seu serviço á causa da renovação politica, seria hoje bem pouco digna de menção, se não fosse a necessidade historica de prender o grandioso ao pequenino, de tomar muitas vezes o arbusto por medida do tamanho da arvore.

Não devo passar em silencio que ao lado de Ugo Foscolo figuraram tambem naquella época Vincenzo Monti (1754-1828) e Hyppolito Pindemonte (1753-1828) ambos mais velhos que o poeta dos *Sepulchros*, e fallecidos ambos no mesmo anno que elle.

Mas nem um nem outro tem direito a igual consideração da parte do historiador litterario. Pindemonte, de quem diz o proprio Settembrini que... *non fu uno dei grandi ingegni nostri*, foi um poeta elegiaco de segunda ordem.

Monti porém foi mais fecundo e variado, mas nem por isso digno de considerar-se um genio superior.

Em sua longa vida, Monti servio a muitos senhores. Espirito mobil e sem convicções, elle passou-se de Pio VI para a revolução, desta para Bonaparte, e ainda deste para a restauração. Mas infelizmente o que ha ali de censuravel, não é a inconstancia, a mobilidade em si mesma, porém o facto de que em toda essa serie de *melodias* diversas, com as quaes elle acompanha o drama de seu tempo, só raras vezes se ouve a voz do coração, que repara e indemnisa os erros da intelligencia. As producções de Monti resentem-se de uma certa falta de calor moral, e dest'arte, como diz Paulo Heyse, a sua poesia é a sua propria condemnação.

Se no estricto dominio poetico a Italia se achava em taes condições, o mesmo não succedia no dominio scientifico. Em primeiro de janeiro de 1801 Guiseppe Piazzi, do observatorio de Palermo, descobrio o planetoide *Ceres*, que foi o precursor de todos os que posteriormente, sobretudo depois de 1845, foram observados pelos astrónomos, dentre os quaes só De Gasparis chegou a descobrir nove.

Nesse mesmo anno Alessandro Volta apresentava á Europa a sua *pilha*, que transformou a physica e a chimica. Já em 1798 Giovanni Galvani tinha achado a electricidade, que elle acreditava ser sómente animal.

A par destes, ainda alguns outros sabios de nomeada européa. A feição da época apresentava-se quasi toda scientifica. Era o tempo de Berzelius, Werner, Lavoisier, Berthollet, Bichat, etc.

Mas tambem, pelo lado philosophico, a esterilidade não podia ser mais completa. Vale a pena, a tal respeito, ouvir o velho Settembrini: « Uma philosophia, diz elle, nascida na Inglaterra, por meio de Locke, e nascida grave e viril, foi acolhida em França, onde tornou-se facil, gárrula, feminina, presumpçosa explicadora dos mais arduos problemas e com as ideias revolucionarias e as armas francezas, penetrou tambem na Italia.

« *Questa volgarità, chiamata philosophia*, foi propagada por Francesco Soave, que escreveu grammaticas, rhetoricas, novellas, instituições philosophicas, e uma inteira encyclopedia, infestando com os seus livros todas as escolas do paiz. . . »

Deste fundo sombrio destaca-se entretanto uma unica figura respeitavel: é Pascale Galluppi, cálabro de Tropicá, que foi o primeiro a fazer sentir na Italia a necessidade de uma philosophia mais ampla e mais nobre, para se oppor ás escassas investigações de Condillac, como foi tambem o primeiro em combater o *sensualismo* francez com argumentos bebidos em Locke, mostrando assim que os francezes o haviam mutilado.

Da mesma fórma cabe-lhe a primasia em tornar conhecidos dos italianos o nome e o systema de Kant, a cujo estudo dedicou-se seriamente. « E' este o verdadeiro merito de Galluppi, dizia Settembrini, destruiu entre nós o sensualismo; porém que edificou? Nada conseguiu, nem podia edificar cousa alguma! . . . »

Estas palavras de Settembrini, para quem não havia uma philosophia italiana, nem se podia fallar de uma tal, estão de accôrdo com o que escreveu em 1874 um collaborador do *Magazin für die Literatur des Auslandes*.

« O povo italiano, diz elle, nunca chegou, na esphera philosophica, a uma posição dianteira, posto que, no correr dos seculos, não lhe tenham faltado profundos pensadores. Espiritos abridores de caminho, como Spinoza, Descartes, Leibnitz, etc., etc., procuram-se em vão sob o céu azul da

Italia, como em geral o indagar e o sondar dos principios directores do mundo parece mais ser um privilegio do frio norte... » (26)

Mas seja como fôr, o certo é que naquelle tempo a Italia não estava isolada na sua esterilidade philosophica. Ao passo que a philosophia de Kant fazia na Allemanha a revolução, de que já nos occupámos, a philosophia franceza apresentava então como seus melhores productos, as *Relações do physico e do moral*, de Cabanis, a que se associaram os trabalhos de Destutt de Tracy, de Gerando, Laromiguière e outros, que vão fechar uma especie de cyclo de evolução materialistica no livro de Broussais *Da irritação e da loucura*, publicado em 1828.

Particularmente os *Elementos de Ideologia*, de Tracy (1801—1815) formam a *signatura temporis*, no que diz respeito á França. Mas já começam por essa mesma época a apparecer tambem os primeiros symptomas de reacção espiritualista, provocada por Maine de Biran e Royer Collard (1811), e logo depois (1815) por V. Cousin, como professor de philosophia no *Lyceu Bourbon*.

VII

Breve, mas esplendido e cheio de vida, foi na Allemanha o periodo do idealismo artistico inaugurado pelos dous grandes poetas, que não obstante possuirem uma indole opposta, se colligaram em fructuosa amisade, dirigindo o espirito á procura do bello e do verdadeiro, e, arrastando os mais irresolutos á admiração de suas obras.

Acabada a illogica distincção entre o fim supremo das letras e o das sciencias, estas ultimas abriram um espiraculo á aura vivificante da poesia. Para nobilitar o pensamento, rejuvenescer o affecto, estender o reino da natureza e da humanidade, o mundo real tinha sido posto em relação com as mais sublimes ideias.

(26) *Magazin*, etc.—85, Band, pag. 174.

A philosophia mesma, apertada até então de fórmulas muito rígidas, tentou com Lessing, Herder e Kant, fazer-se mais accessivel á intelligencia e á fantasia, abrindo novas perspectivas no campo da historia e da natureza, e irradiando de luz poetica as planicies esqueladas do empirismo.

Entretanto a morte de Schiller (1805) e a infausta batalha de Jena (1807), no mesmo anno em que completou Goethe a primeira parte do *Fausto*, iniciada em 1790, puzeram fim ao periodo classico da litteratura germanica, para dar logar a outro de experimentos, de incertezas, de exagerações.

E assim devia acontecer como legitima consequencia da falta de vitalidade indigena que se notava na arte alemã. O elemento grego, de que ella se nutria, mal se adaptava ao frio ceu septentrional, ás tradições, aos usos e costumes dos pronepotes de Arminio.

Aos conceitos e sentimentos dos poetas classicos das outras nações serviu sempre de guia a consciencia do povo espiritualisada. Os poetas allemães, pelo contrario, forjaram de si mesmo uma consciencia esthetica, andando á cata de ideias no meio dos gregos e dos indios, dos pagãos e dos catholicos, nos mythos dos barbaros, nos tratados de physica e de chimica, por toda parte emfim, excepto na propria nação.

Faltando-lhe a base do terreno nativo, a arte perdeu, como Antheu, a sua força ; e, por querer ser tudo, sacrificou-se a si mesma.

A escola romantica ainda tornou mais sensivel esta viciosa tendencia, posto que tivesse tido a pretensão de corrigil-a.

A litteratura classica tinha sobretudo o collarido de uma poesia douta, e só deveu a sua popularidade á força poderosa dos genios que a crearam. A romantica procurou, em opposição a ella, um conteúdo popular, mas pisou em falso, julgando enconral-o nas creações da poesia da idade média ou animada do espirito medieval, pois essa popularidade mesma, era uma popularidade *sabia* e o caracter

germanístico de tal sabedoria não podia poupar a consciencia do povo as mediações scientificas. (27)

Já vimos quaes eram as theses capitaes do programma romantico, programma que por effeito mesmo da sua vastidão, sem fallar do que encerrava de antinomico e inconciliavel, nunca poderia ser realisado.

A romantica teve tres phases : a poesia da *metaphysica* ; a poesia da *ethica* ; a poesia da *poesia*. A *philosophia da natureza* de Schelling pertence á primeira phase; a segunda é caracterisada pela *Lucinda* de Schlegel ; a terceira finalmente é constituida pela theoretisação do romantismo no *Atheneum*.

Aos dous Schlegel, a Tieck e Novalis, porta-bandeiras da escola, seguiram a passos mais ou menos regulares, o barão prussiano de la Motte Fouqué, filho de um celebre general de Frederico II, que, com romances e poemas inspirados pelos fastos cavalleirescos da idade média, tentou reanimar o sentimento nacional ; Ludwig Achin von Arnim, que dotado de rica fantasia e de agudo talento de observação, escreveu dramas e romances, nos quaes prepondera o mysticismo ; Clemens Brentano, que na poesia lyrica e dramatica levou o arbitrio romantico aos seus extremos limites ; e o barão Joseph von Eichendorff, o qual, ainda que mais temperado, nas suas canções e novellas se deixou conduzir algumas vezes á vaporosidade e á inchação.

A maior hyperbole da tendencia romantica neste periodo manifestou-se nos caprichosos contos phantasticos em prosa, de Ernesto Theodoro Hoffmann. Outra face não menos singular se revela nas chamadas *tragedias do destino* (*Schicksals-tragedien*), que tiraram talvez o seu primeiro motivo da *Noiva de Messina*, de Schiller.

O mais extravagante destes tragediographos, tanto na vida social como na litteraria, foi Zacarias Werner, que com o seu *Vinte e quatro de Fevereiro* poz o sello nos

(27) A' par dos seus estudos germanisticos, os romanticos tambem se dedicaram com enthusiasmo ao cultivo das litteraturas neo-latinas. Foram elles os primeiros a traduzir e apreciar devidamente os grandes poetas classicos da Italia, da Hespanha, e bem assim Camões, que era até então desconhecido na Allemanha.

maniacos despropositos do romantismo, nas supersticiosas theorias da predestinação. Pertencem ao mesmo grupo Adolpho Müllner, Franz Grilparzer e Ernesto Houwald; destinando-se um logar á parte para Heinrich von Kleist com o seu *Prinz von Homburg*.

Todo isto se dava nos primeiros decennios do nosso seculo. Uma consideração especial merecem entretanto os lyricos allemães, que militaram por esse tempo nas guer-ras da independencia.

Derribado para sempre o velho imperio germanico, e abatido com a Prussia, pela mão de Bonaparte, o ultimo sustentaculo das esperanças nacionaes, toda a Allemanha corria perigo de ficar sujeita ao arbitrio do vencedor. A alguns jovens poetas de generosa tempera, pareceu aquelle o momento de reerguer o sentimento nacional ador mecido contra o terrivel córsego.

A energia da liberdade do espirito, que formava até então a essencia do Estado prussiano, encontrou precisamente no periodo de compressão, quando eram mais necessarios, ministros que renovaram a legislação agraria e municipal, emancipando do privilegio e dos pretendidos direitos feudaes a burguezia e os camponeses, e reorganisaram a milicia, introduzindo o elemento vivificante do povo; philosophos que empregavam a alavanca poderosa da intelligencia para repôr a nação no caminho do progresso; poetas e guerreiros ao mesmo tempo, como Theodoro Körner, Mauricio Arndt, Staegemann, Schenkendorff, Rückert.

Körner morreu com vinte e dous annos (1813), combatendo pela independencia da sua patria. Escreveu alguns dramas, imitando Schiller, e não foi infeliz n'essa imitação. Mas o que o recommenda á memoria dos pós-teros, são as suas canções de guerra, que respiram todo o ardor do sacrificio á liberdade nacional. Ellas foram publicadas em 1814, sob o titulo de *Leier und Schwert*, e logo depois postas em musica por Weber (28).

(28) Como se vê das suas cartas, Theodoro Körner, antes de precipitar-se na luta pela liberdade da patria, cantou em côro a *Alexanderfest* de Haendel, obra penetrada de grandioso heroismo, e elle mesmo não tem palavras bastantes para significar quanto esta musica o commovia e extasiava. E' um traço característico do seu elevado espirito.

Moritz Arndt (*Vater Arndt*), na lyrica e na prosa patriotica, revela uma natureza dos tempos de Arminio, cruel e implacavel com os invasores estrangeiros. Um odio excessivo aos francezes foi a paixão predominante em sua longa vida. Elle morreu nonagenario em 1860.

Os versos patrioticos de Schenkendorff são mais brandos e adornados; os de Stagæmann, vestidos á grega; *encouraçados* (*geharnischte*), como o autor mesmo os qualificou, os sonetos de Rückert.

Para predispor os animos a realizar o grande feito de 1813, tambem contribuiu não pouco a elegante sociedade de Berlim, que tornou-se de repente o assento e o vehiculo principal das novas doutrinas.

Um elemento homogeneo para a divulgação dos seus principios e o progresso das suas tendencias acharam os romanticos nas mulheres das classes elevadas, sobretudo nas ricas e cultissimas judias, Henriqueta Herz, Dorothea Mendelsohn, Thereza Heyne, Marianna Meyer, e outras em cujos circulos se tratavam os assumptos mais graves da sciencia, da arte, da politica.

A rainha destes cenaculos espirituaes era Rachel Levin, mulher de Varnhagen von Ense da qual occupar-me-hei mais a proposito, quando tratar das suas ideias e doutrinas, que seu marido publicou pela primeira vez em 1834.

Foi tambem por aquelle tempo que começou uma certa reacção contra o idealismo vaporoso dos annos anteriores. A poesia deixou de satisfazer-se com o ideal grego. Ella prescutoou todas as épocas e todos os povos, para assim, de posse da totalidade dos typos, approximar-se cada vez mais da verdadeira imagem do homem, até que enfim não achou outro correctivo para a confusão de ideias contradictorias, se não a mesma realidade, e deste modo, por um longo desvio, teve de voltar á vida propriamente allemã.

A philosophia, cansada dos seus presuppostos subjectivos, chegou finalmente n'aquella escola, que mais se deixara penetrar do espirito hellenico, ao surpreendente resultado de que o *real é o racional*, com o que, sem reflectir bastante, ella abdicou a sua supremacia e entregou-a de bom grado ás sciencias historicas.

Até a philologia apropriou-se do methodo destas ultimas, e a pesquisa sobre a vida juridica e politica dos povos atirou para a retaguarda a occupação com os poetas, artistas e philosophos.

Ainda antes da conclusão da paz de 1815 começaram Savigny e Eichorn a publicação do *Zeitschrift für geschichtliche Rechtswissenschaft*, aquelle com trinta e seis, e este com trinta e quatro annos. Foi o primeiro passo para a fundação da chamada *escola historica* do direito.

Os juristas de Göttingen, Putter, Hugo, tinham preparado o caminho de Savigny; e por ventura ainda mais importante foi a influencia de Justus Moser.

A escola historica é em sua essencia uma escola critica. O esforço de seus chefes se dirigia contra o dominio da abstracção e da phrase. Como as mais perniciosas ideias do tempo ella designa a liberdade e a igualdade, o contracto social e a soberania do povo, bem como a applicação de taes ideias nas constituições representativas e nas codificações.

Juliano Schmidt é de parecer que essa escola exagerou-se um pouco na sua critica. E' indifferente, diz elle, que a liberdade, a igualdade e outros direitos sejam ou não qualificados de *innatos*; em todo o caso são necessidades *innatas* do homem...

Mas eu creio que o illustre historiador litterario não andou bem avisado. O *innatismo* das necessidades é tão obscuro e contestavel como o *innatismo* dos direitos. Se a historia nos demonstra que só tarde e muito tarde é que o homem reclama a liberdade, ou um maior espaço para o seu desenvolvimento, é que tambem só tarde e muito tarde começa elle a sentir a necessidade de ser livre. O direito por si só, já é uma necessidade; é a necessidade *pensada*, como esta por sua vez é o direito *sentido*. Bem entendido: não toda e qualquer necessidade, mas aquellas que são infundidas e provocadas pelas relações da vida social.

E' verdade que, do ponto de vista *ontogenetico* ou da evolução individual, ha certos direitos que podem chamar se *innatos*. Assim, por exemplo, os que hoje gozamos da liberdade de exprimir os nossos pensamentos, mal comprehendemos que houvesse um tempo, em que isto não

se dava. E' pois um direito que *subjectivamente* nasceu connosco, e *objectivamente* já existia antes de nós; um direito *innato* por consequinte, mas sómente com relação a individuos de uma época determinada.

Não assim porém do ponto de vista *philogenetico* ou da evolução humana em geral. Ahi então não ha direito, que não seja o resultado de uma conquista; um facto produzido pelo homem, e não nascido com elle, ou anterior a elle. Mais de uma garantia, de que actualmentemente nos lisongeamos como um fructo do nosso pomar, como uma graça do céu, ou um presente do destino, custou aos nossos antepassados muita luta e muito sacrificio.

Succede com o homem pensante, no dominio de certas ideias, alguma cousa de analogo ao que se dá, por exemplo, com o pianista. Assim como este, depois de longos e fatigantes exercicios, depois de atravessar todas as phases do tirocinio, empregando sempre os olhos, para ver onde põe os dedos, vai pouco a pouco se desenvolvendo e progredindo, até que em fim chega ao ponto de poder executar, em plena escuridão da noite, as mais difficeis peças, com o mesmo gráu de perfeição e segurança, com que as executa na claridade diurna, e então bem pôde parecer-lhe que nunca precisou da vista para tocar o seu instrumento, assim tambem procede o espirito humano em suas pretensões racionalistas.

Depois de muito lidar e trabalhar na vagarosa aquisição e accumulção de ideias, por meio da observação e da experiencia, tambem chega finalmente ao estado de poder dispensar estes *dous olhos* do pensamento e acreditar, por sua vez, que nunca d'elles careceu. Eis a origem do pretendido *innatismo* de grande numero de conceitos, que aliás derivam da fonte commum a todos os conhecimentos.

O engano da escola historica está em ter presupposto um desenvolvimento placido e pausado dos institutos juridicos. N'este ponto sou *cuvierista*, abraço de convicção a theoria das *catastrophes*. Por quanto sem ellas, quero dizer, sem abalos e commoções de qualquer ordem, não se dá, não se pôde dar a producção do direito.

Não obstante resta indisputavel o merito de Savigny, Eichorn, e os demais que se lhes associaram, o grande merito de haverem procurado arredar das sciencias juridica: os maus effeitos do somnambulismo philosophico.

Era no tempo em que a philosophia de Kant já tinha sido mais ou menos desfigurada pelos seus discipulos; a *Phenomenologia* e a *Logica* de Hegel (1807—1816) como que haviam pronunciado para o seculo a preponderancia metaphysica, e os primeiros trabalhos de Herbart e Krause (1808—1811) não inspiravam muita confiança no futuro da philosophia allemã. Não era pois em vão que a escola historica se insurgia contra a mania especulativa então dominante.

Ha sómente a lastimar que a salutar tendencia positiva d'essa escola fosse posteriormente neutralisada por novas invasões de phantasia philosophante; para o que concorreram alguma cousa as doutrinas dos dous ultimos mencionados, não fallando de Schopenhauer, cujas primeiras obras, *Ueber die einfache Wurzel* (1813) e *Die Welt als Wille und Vorstellung* (1819), posto que proclamadoras do maior pensador allemão depois de Kant, todavia ficaram longo tempo represadas pela corrente opposta do hegelialismo, e só bem tarde, de 1850 em diante, foi que começaram, como os demais productos do mesmo autor, a merecer a attenção do publico.

Herbart e Krause, que por algumas de suas obras figuram no periodo succedente ao de que nos occupámos, foram dous espiritos, apparentemente profundos, que tiveram a ventura de conseguir tambem no seu paiz uma pequena influencia e um pequeno numero de discipulos.

Herbart me parece o mais notavel. A sua *philosophia pratica*, baseada na ideia platonisante de subordinar a ethica á esthetica e fazer do juizo moral uma questão de gosto, ainda hoje é digna de ler-se. Mas em rigor, é só pelo lado da fôrma que elle se assignala.

As legendas religiosas referem de certos santos, que muitos annos depois de mortos, ao abrirem-se-lhes as sepulturas, encontrou-se todo o corpo reduzido a poeira, excepto, de uns, a *mão* que sempre estenderam para fazer bem ao proximo; de outros, a *lingua* com que pregaram a

palavra divina; de outros, o coração, com que tanto amaram a humanidade... etc.

A historia litteraria apresenta um phenomeno semelhante. Assim, ao desenterrarem-se da jazida do esquecimento os restos mortaes do philosopho Herbart, acham-se todos pulverisados, reduzidos a nada, excepto porém a *lingua*, que ainda está fresca e vivida, a lingua magistral, que elle sabia escrever, o estylo gracioso, que sabia manejar.

O mesmo não se pôde affirmar de Krause, que era no fundo um mystagogo e um barbaro na fórma. Elle poz a philosophia a serviço da loja maçonica; e em todos os seus sonhos de *Rechtsbund*, *Religionsbund*, *Menscheitsbund*, *Volksvereine*, *Familienvereine*, *Wissenschaftsbuendnisse*, etc., é sempre o *gram mestre* que se faz ouvir. Nada resta por tanto que se possa aproveitar. (29)

Coetaneamente com o *Zeitschrift* de Eichorn e Savigny, appareceu d'este ultimo a *Historia do direito romano na idade média* (1815). E logo no anno seguinte George Niebuhr descobriu o verdadeiro *Gaius*. Já cinco annos antes (1811) tinha elle, em sua *Historia romana*, destruido as tradições assentadas sobre a autoridade de Tito Livio a respeito dos sete primeiros reis, e por meio de uma critica inexoravel transformado a obra do historiador romano em uma grande epopeia popular.

Appareceram tambem n'aquelle tempo (1816) *A antiga Edda* e *As tradições allemans* de Jacob Grimm, que com seu irmão Guilherme se havia estabelecido na bibliotheca de Cassel.

(29) E' um facto bem significativo que o *Krausismo* só tenha feito fortuna na Hespanha, onde conta ainda hoje os mais decedidos sectarios. Segundo a informação de Canalejas (*Estudios criticos de filosofia politica y litteratura*), Krause é para os hespanhóes o absoluto representante da philosophia allemã!... A prova disto é que andam constantemente a pôr em relevo as maravilhas do *Krausismo* que aliás são hoje conhecidas e apreciadas sómente por elles. Entre outros o professor Sanz del Rio julgou prestar um grande serviço aos seus compatriotas, com o seu *El ideal de la humanidad para la vida*, traducção e commento do *Urbild der Menschheit*, de Krause, Não admira por conseguinte que os hespanhóes não representem actualmente nenhum papel importante no dominio philosophico.

Tres annos mais tarde (1819) publicou elle a sua *Deutsche Grammatik*, obra maravilhosa, que causou espanto no mundo sabio, e por meio da qual o conceito da grammatica adquiriu uma significação toda nova.

Até então, segundo o methodo francez, sobrecarregava-se a lingua de exigencias, que não sahiam do seu proprio espirito, mas da necessidade do momento; agora porém reconhecia-se n'ella uma força mysteriosa, incommensuravel á razão, que se devia escutar com respeito, e não tratar de conduzir pelo *cabresto grammatical*.

A lingua não deve ser exposta como uma cousa feita e acabada, porém como uma cousa que existe em constante *fieri*, e a grammatica deve ser historicamente analysada; tal ficou sendo desde Jacob Grimm o problema permanente de todos os philologos.

A sciencia allemã, de 1815 em diante, assume um character eminentemente historico. A critica, que até então se havia mantido em attitude mais interpretativa, apresenta-se agora como uma força autonoma, revolucionaria e destruidora, lançando por terra velhos prejuizos e tradições mal seguras.

A mais significativa applicação d'essa critica foi feita por Niebuhr á historia romana. Depois d'elle, além de outros, Ottfried Müller applicou-a tambem á historia hellenica em sua *Geschichte der hellenischen Stämme und Staaten* (1820-1824).

Na mesma direcção e com o mesmo espirito escreveram Raumer e Schlosser, aquelle a *Historia dos Hohenstaufen*, e este a *Historia do seculo XVIII*, ambas do mesmo anno (1823). O trabalho de Schlosser foi a primeira tentativa notavel de pôr os movimentos litterarios em relação com os movimentos politicos; methodo este que mais tarde foi seguido em França por Villemain.

Igualmente Leopoldo Ranke com a *Historia das populações romanicas e germanicas* (1824), e pouco depois com os *Principes e povos do sul da Europa nos seculos XVI e XVII* (1827) alargou magistralmente o campo da critica historica. As suas obras posteriores de mais importancia já ficam fóra do periodo em que nos achamos.

Ranke passa pelo primeiro historiador allemão, que elevou a arte do agrupamento e da exposição objectiva á uma altura desconhecida no seu paiz. Elle nunca refere o que não é essencial ; tem o senso do nexo causal da historia em grande e em pequena escala. Nunca tóca no que é indifferente, mas tóca em tudo com igual indifferença. E' esta indifferença que apparece como completa objectividade.

Mas tal objectividade, no pensar de Gottschall, importa uma lacuna subjectiva, isto é, a falta de intimas e sinceras convicções, a falta de um certo *pathos* moral, sem o qual não ha Tacito nem Thucydides.

Este defeito de Ranke, se realmente é um defeito, veremos mais tarde ser supprido por Theodoro Mommsen que, dotado de uma viva *intuição historica*, não menos lucida e fecunda do que a *intuição poetica*, tem a faculdade de apaixonar-se, antipathica ou sympathicamente, por qualquer dos grandes vultos da antiga Roma com o mesmo grau de enthusiasmo, com que pudera interessar-se por um contemporaneo.

VIII

Para dar ás nações uma luminosa demonstração do poder e universalidade do genio tedesco, surgia neste periodo o vulto magestoso de Alexandre von Humboldt (1769-1859).

Este heróe do saber e da investigação não é admirado tão sómente pelas longas e difficeis viagens emprehendidas e realisadas nas regiões da America e da Asia, com uma provisão de variadissimos conhecimentos que lhe permittio considerar e descrever magistralmente a natureza no seu complexo, nas suas mais grandiosas apparencias externas, tanto quanto nas suas mais reconditas visceras, podendo até crear novas disciplinas, como a *geographia das plantas*, por meio da qual a botanica adquirio uma importancia tellurica ; mas tambem admirado pela sua sabedoria politica, pela sua singular humanidade, pelo estylo energico e ao mesmo tempo vivace,

perspicuo e harmonioso, com que elle tratava das materias mais aridas e trabalhosas.

Isto é evidente para quem quer tenha lido no original o seu livro dos *Aspectos da natureza*, dado á luz pela primeira vez em 1808; porém ainda mais característico foi o *Kosmos* (1845-1852), quadro completo do mundo physico, no qual se acham condensadas todas as verdades descobertas até ao meado do seculo, no campo das sciencias naturaes.

E' uma obra colossal na substancia e na fórma, que servio de modelo aos outros naturalistas para tornarem populares, em sentido elevado, os resultados das suas indagações, e que influio seriamente sobre a litteratura nacional.

A vastidão e abundancia dos aspectos e phenomenos naturaes, por elle descriptos, offereceram á poesia materia inexgotavel. As suas novas descobertas scientificas alargaram o circulo da vida universal; a physiologia conseguiu resolver por meio d'ellas mais de um problema psychologico; o homem e a natureza, em intimo nexó, foram tirados da antiga nebulosidade e postos em plena luz.

A magica belleza do mundo real, comprehendida e exposta por sans e robustas intelligencias, desde então tomou o logar das inspirações vagas e confusas. A sciencia da natureza esclareceu o horisonte do pensamento humano, dissipando as nuvens do mysticismo.

Dest'arte o incitamento produzido pelo *Kosmos* veio a ser util á poesia mesma, e a propagação da cultura nas sciencias naturaes, esplendida e solidamente inaugurada por elle, contribuiu bastante para infundir novo vigor em toda a litteratura moderna.

Mas note-se que as producções de Humboldt não se limitaram ás duas obras mencionadas. Desde 1790, em que elle primeiro publicou o seu trabalho sobre os basaltos do Rheno, até 1859, no qual se deu a sua morte, não passou quasi anno nenhum, que não se assignalasse por um ou mais escriptos seus, ou fossem artigos de jornaes ou obras propriamente ditas. Elle mesmo traçou uma vez de seu proprio punho, para algum fim não conhecido, a seguinte nota: « 43 escriptos, em 10 annos apenas. »

Porém bem poucos são os que conhecem todos os trabalhos de Humboldt. O conhecimento da maioria dos leitores, inclusive os cultos mesmos, ha de sempre circumscrever-se aos *Aspectos* e ao *Kosmos*.

Desta ultima obra vendeu-se o primeiro volume (1845) em numero de 20,000 exemplares; já o terceiro (1852) sómente em numero de 3,000; uma evidente prova de quão pouco se havia comprehendido o grande feito scientifico do genial investigador.

A proposito de taes anomalias do mundo litterario, costuma-se citar uma sentença de Terenciano Mauro : *Habent sua fata libelli*. Mas isto é um hemistichio, é a metade de um verso, que sendo partido, como ahi succede, reduz um bello pensamento á uma chata trivialidade. O verso inteiro é assim : *Pro captis lectoris habent sua fata libelli*, « a comprehensão dos leitores é que determina o destino dos livros. » Perfeitamente applicavel ás obras de Humboldt.

Em geral elle não foi muito lido. A razão é simples ; não se lêem livros de tal quilate com a mesma facilidade, com que se lê um romance. E todavia esses livros tiveram o mais pederoso effeito. Comprehende-se a verdade desta asserção, lançando-se um olhar retrospectivo sobre a litteratura immediatamente posterior á volta de Humboldt da America.

Porquanto surgiram milhares de livros, nos quaes as observações, experiencias e ideias do grande naturalista foram offerecidas ao publico em formas menos severas ou, por assim dizer, diluidas e temperadas, mas tambem por isso mesmo mais agradaveis ao paladar commum.

Wenn die Kænige bauen, haben die Kaerrner zu thun, quando os reis edificam, os carreiteiros têm o que fazer. Até sabios, em innumeradas obras, se aproveitaram dos pensamentos de Humboldt, e muitas vezes, o que é admiravel, sem que se dignassem de indicar a fonte de sua sabedoria.

Depois de dezenove annos de residencia em Pariz (1808-1827), voltou o sabio allemão a Berlim, sua patria natal. O impeto que em geral arrastava os espiritos para os estudos historicos, tambem apoderou-se delle; os preparativos da sua pomposa historia das grandes descobertas são

oriundos dessa época. Os dois irmãos, Alexandre e Guilherme, viveram desde então em estreita communhão intellectual. Renovou-se também a antiga alliança com o círculo de Weimar.

« Que homem ! disse Gœthe, fallando de Alexandre, eu o conheço ha tanto tempo, e todavia elle me faz de novo pasmar ! Não lhe descubro um igual na riqueza dos conhecimentos, na sciencia viva ; onde quer que o procuremos, elle acóde ao nosso appello, e franqueia-nos sem reservas os thesouros do seu espirito. »

Não menos significativa que a do grande naturalista, foi a actividade de seu irmão Guilherme von Humboldt (1767-1835), cujo nome não só se acha ligado ao movimento scientifico do principio deste seculo, como ainda preso ás mais nobres tradições da historia prussiana.

Com effeito : a sahida de Guilherme von Humboldt do ministerio em 1819 assignala a victoria da romantica reaccionaria sobre o liberalismo clarividente, a cuja força creadora deve a Prússia a sua excellente organisação e os beneficios das guerras da independencia.

Da sua convivencia com os classicos da época genial de Weimar e Jena, nasceu a *Correspondencia com Schiller*, publicada pela primeira vez em 1830, e que é um monumento imperecível. Os seus *Ensaio estheticos* (1799), que explicam o *Spaziergang* de Schiller e *Hermann und Dorothea* de Gœthe, dão testemunho da mais profunda comprehensão do que ha de legitimo e duradouro nos classicos allemães.

Assim também nas *Idéas para uma determinação dos limites da efficacia do Estado*, trabalho da mocidade que só sahio á luz muito tarde (1851), manifesta-se um liberalismo solido, uma disposição de espirito adversa á toda e qualquer invasão despotica (30).

Os meritos de Humboldt, no que pertence ao estudo scientifico das linguas, são salientissimos. Foi elle quem deu o mais forte impulso á linguistica comparada,

(30) Este escripto juvenil de Humboldt foi utilizado por Stuart Mill (*On Liberty*) e Eduardo Laboulay (*L'état et ses limites*) como uma mina de sabedoria politica, para remediar os males da actualidade.

igualmente familiarisado com o *indico* e o *hellenico*, ferindo o tom director neste dominio por meio das suas indagações sobre o *cantabro* e o *basco*, e particularmente pela sua principal obra : *Ueber die Kawi Sprache* (1836-1840).

Accentuando a diversidade de estrutura da lingua humana, bem como a sua influencia sobre o desenvolvimento espirital dos povos, Guilherme von Humboldt não só prestou á philologia uma significação philosophica, mas tambem fel-a descortinar um immenso horizonte ; e neste ponto a sua actividade coincide com a de seu irmão, pois que ambos insuflaram na sciencia um vigoroso estimulo, abrindo-lhe as mais bellas e imponentes perspectivas.

Foi em 1812, no *Museu allemão* de Frederico Schlegel, que elle primeiro desenvolveu a ideia de um estudo comparativo das linguas, que na sua opinião não pôde ser executado, por um só individuo, mas deve ser emprendido por todos os sabios, segundo um plano de antemão determinado.

Na analyse de qualquer lingua, pensava elle, duas cousas sobretudo devem ser tomadas em consideração, isto é, a lei immanente, que se manifesta em constantes analogias, e em successivo desenvolvimento assimila todos os elementos estranhos ; depois então as materias elementares restantes, que não foram sobrepujadas por este processo de formação, e dão a medida do parentesco com outras linguas.

« Deve-se de todo abandonar a ideia de que a lingua seja um producto da reflexão e do accôrdo, ou em geral a obra dos homens, ou mesmo do individuo. Como um verdadeiro milagre, sem explicação possivel, ella brota da bocca de uma nação, e como cousa não menos pasmosa, nasce tambem do balbuciar da creança. »

Ha muito mais de meio seculo que estas palavras foram escriptas. De então para cá a sciencia tem progredido ; mas pôde-se affirmar que a verdadeira *intuição linguistica* ainda é hoje, pouco mais ou menos, essa mesma, que o illustre sabio deixou ahí consignada. Depois dos seus trabalhos, uma série de investigadores tem feito do

agrupamento e classificação das famílias de linguas, sobretudo indogermanicas, o problema capital da sua vida; porém Humboldt fica sempre no centro.

O espirito do tempo continúa a soprar na mesma direcção, infiltrando nova seiva em todos os ramos do saber. A geographia mesma cedeu ao seu influxo. Até então esta sciencia tinha sido preponderantemente politica e estatistica. Mas vieram as grandes descobertas naturalisticas de A. von Humboldt, Forster, Blumenbach, que forneceram ao colleccionador animado de uma grande ideia organica um thesouro de material empyrico; e deste modo pôde-se de novo admittir a theoria de Herder, que representa a terra como um vivo ser individual, e analysa o filho da terra, o homem, como producto do torrão, a que elle pertence.

Coube a Ritter em sua *Vergleichende Erdkunde* (1816) a missão de pôr a geographia ao nivel das outras sciencias. Elle trata de mostrar uma lei necessaria na ligação da vida humana com a natureza que está a seu serviço; trata de comprehender a terra como razão e base essencial do desenvolvimento das relações entre os povos. « Qualquer lugar, diz elle, tem a sua historia, qualquer acto da vontade humana tem a sua geographia. O historiador só comprehende perfeitamente um povo, quando chega a comprehender do mesmo modo as influencias da natureza sobre a historia desse povo. »

A obra de Ritter acosta-se ao trabalho de um maior do que elle. Na sua *Geographia das plantas*, A. de Humboldt exprime as mesmas ideias do autor da *Geographia comparada*.

Entre outras cousas elle diz o seguinte: « Por meio de taes indagações derrema-se luz sobre a origem da agricultura... No dominio desta sciencia entram de pleno direito considerações a respeito da influencia de uma alimentação mais ou menos attractiva sobre a energia do character. Deste modo as plantas penetram, por assim dizer, na significação moral e politica do homem, e os phenomenos da natureza assumem uma feição verdadeiramente historica, desde que influem sobre acontecimentos humanos... Ao mesmo tempo acha-se ahi a solução de

muitos problemas moraes e estheticos, por exemplo, que effeito tem produzido a distribuição das plantas pela terra e a presença dellas na fantasia e no senso artistico dos povos, etc., etc. » (31)

Sem embargo do predominio das sciencias naturaes e historicas, a philosophia continua a edificar no velho terreno. Simultaneamente com a *Psychologia* de Herbart (1816), appareceu o ultimo volume da *Logica* de Hegel, que dominou a cultura allemã durante uma geração inteira, ao passo que aquella outra obra só muito mais tarde começou a ser apreciada.

Em 1817 publicou o mesmo Hegel a sua *Encyclopedia das sciencias philosophicas*, na qual a logica é acompanhada de duas outras disciplinas, a philosophia da natureza e do espirito. No prologo elle se volve tanto contra o *genialismo* aventureiro que em suas especulações deixa-se arrebatár até á extravagancia, como contra a resignação do *criticismo*, que concorda em nada poder saber das cousas supremas, e acaba pelas vaidosas pretensões do sentir subjectivo, completamente destituido de ideias.

O objecto da philosophia de Hegel era o espirito humano representado como uma individualidade que tira organicamente de si propria a sua logica e a sua historia, com a mesma necessidade intima com que a planta tira de si a sua germinação e a sua florescencia.

Para elle o espirito humano era um *todo*, a sua historia uma evolução constante, cujo ultimo producto

(31) Ainda heje se repetem as palavras de Cousin : « Dai-me a carta de um paiz, sua configuração, seu clima, suas aguas, etc., e eu me comprometto a dizer-vos *a priori*, qual sera o homem deste paiz... » Como o leitor acaba de ver, isto é uma ideia de legitima procedencia allemã. Ha sómente a lamentar que de então para cá a *Geographia comparada* não tenha sido cultivada com o mesmo afincio, pois que hoje talvez es-tivessemos no caso de saber, por exemplo, até que ponto o *feijão* e a *feijoada* têm influido sobre o caracter nacional brasileiro. Pelo menos, é certo que no Brasil, bem como na China, ha muita gente gorda ; e o predominio do *sêbo*, o excessivo desenvolvimento das glandulas *sebaceas*, não é bom signal. Quando fallo de grande numero de *obesos* é só em comparação ao pequeno numero de organizações regulares, e não proporcionalmente aos *rachiticos* e *enfezados*, pois estes na realidade constituem a maioria.

encerra sempre em si os germens primitivos.(32) Todos os seus escriptos apresentam evoluções, ou elle acompanhe a actividade do espirito no dominio do conceito puro (*logica*), ou no reino do ideal (*religião e arte*), ou na esphera da vida pratica (*moral e direito*).

Deus é para Hegel o espirito do mundo, eternamente creador e ao mesmo tempo destruidor, que todos os dias se despe de suas velhas fórmãs, para se desenvolver em outras, cada vez mais nobres e mais significativas. Em seu crear incessante, elle não deixa espaço para a benignidade; mas tudo que produz é *grande e bom*; e só refuta-se a si mesmo, produzindo ainda *maiores e melhores* cousas.

A entrada de Hegel na universidade de Berlim, como professor de philosophia (1818), coincide, por um lado, com o movimento reaccionario iniciado pela Prussia, e por outro, com a grande empreza do Barão von Stein, feita no intuito de animar o gosto pela historia allemã, facilitar o seu estudo e contribuir assim para conservação do amor á patria commum e á memoria dos antepassados.

O plano desta empreza foi apresentado ao publico allemão em maio de 1818, e em janeiro do anno seguinte teve logar em Berlim a primeira reunião de sabios.

Entre os que deviam tomar parte no grande commettimento contavam-se: Buesching e Raumer, de Breslau; Dahlmann, de Kiel; Docen, de Munich; Eichorn e Heeren, de Göttinge; Gœrres, de Coblentz; os dous Grimm, de Cassel; Hormayr e F. Schlegel, de Vienna; Huelmann e A. Schlegel, de Bonn; Niebuhr, que nesse tempo residia em Roma; Pertz, de Hannover; Pfister, de Turkheim; Rudhardt, de Wuerzburgo; Ruehs e Savigny, de Berlim; Schlosser, de Heidelberg; J. Voigt, de Königsberg.

Todos estes homens foram logo penetrados do espirito

(32) Neste ponto, bem parece que Hegel antecipou a intuição naturalistica hodierna, no que diz respeito á *herança e adaptação* das qualidades espirituaes. Tambem Haeckel e Darwin consideram a humanidade como um *todo*, e a sua historia como uma evolução permanente, cujo ultimo producto encerra sempre em si os germens primordiaes e prehistoricos, sem o que não se explicaria a possibilidade do *atavismo*.

patriotico e da probidade scientifica do seu chefe. Ainda decorreram alguns annos, antes de metterem-se mãos á obra ; com ella porém começou um novo e fecundo periodo da sciencia allemã.

Tudo o que mais tarde, entrando mesmo pelos dias actuaes, appareceu de notavel no terreno da historia, tem a dever á ideia de Stein, quasi sem excepção, o primeiro incitamento.

Como vemos, eram estas as condições da sciencia ; quaes eram as da poesia ? A escola romantica tinha chegado aos seus extremos. Os cantores bellicos, os Tyrteus da lucta pela liberdade, haviam emmudecido. A poesia parecia condemnada, ou a abrir novos caminhos, ou a dar-se emfim por exausta e acabada.

Foi então que a região meridional da Allemanha, onde nasceram Schiller, Schelling e Hegel, a *Suabia*, contrapoz ao romantismo ainda vigente na parte septentrional uma phalange cerrada de poetas lyricos, que acostando-se a Goethe e Schiller e ás tradições genuinas da idade média tedesca, se distinguiam dos outros cantores da época pela seriedade do sentimento, pelo calor da convicção e perfeição da fôrma.

O chefe desta phalange foi Ludwig Uhland (1787-1862), que tornou-se um dos poetas favoritos da sua nação. Elle é o mais puro representante da poesia natural e popular, opposta á poesia doutrinaria, ás formulas e regras das autoridades estheticas. Ainda joven, lamentou os males da patria sotoposta ao jugo estrangeiro, e excitou-a tambem a sacudil-o virilmente. Obtido este *desideratum*, volveu os seus cantos para os directores da nação, exhortando-os a merecerem de novo a fidelidade e os sacrificios do povo com a reintegração dos seus direitos.

Porém elle se assignalou sobretudo pelas *baladas e romances*, tirados das legendas e tradições populares da idade-média, nas quaes ha muita profundeza e ternura de sentimento. Os seus dramas: *Ernesto duque de Suabia* e *Luiz o bavaro*, ainda que correctos e regulares, carecem todavia de colorido e de frescura, e mostram reminiscencias das tragedias de Schiller.

Ao lado de Uhland colloca-se Gustavo Schwabe (1792-1850), parochó protestante, autor de uma biographia de Schiller e traductor de Lamartine, pelas suas poesias, editadas em 1828, que consistem igualmente em romances, balladas, legendas, imitações epicas, relativas aos tempos medievae, e acabando quasi todas por uma sentença moral, destinada a edificar e melhorar os homens.

Uma indole branda e amorosa, mas muito vaga e phantastica, teve Justino Kerner (1786-1862), medico e apostolo do *espiritismo* na Allemanha desde 1828, a cujo respeito divulgou as suas ideias na *Vidente de Prevorst* (1829) e na *Historia dos possessos modernos* (1834). As poesias lyricas deste jovial encantador tem um doce attractivo de naturalidade, porém pouca energia (33).

Do circulo poetico da *escola da Suabia* sahiram em varias direcções: Gustavo Pfizer, poeta de larga veia, que trata de assumptos antigos no estylo pomposo de Schiller; Eduardo Moerike, que se distingue por uma fina anatomia dos sentimentos, e Guilherme Müller, cantor elevado na poesia politica, subtil e agudo na epigrammatica.

Posto que Uhland seja o chefe reconhecido da escola, todavia ha dous outros poetas suabios, que se podem considerar seus precursôres; os quaes de certo, mais ou menos eivados da *doença romantica*, não correspondem perfeitamente ao caracter distinctivo do *grupo*, mas entretanto conservam a mesma feição geral.

Esses poetas são Johann Petter Hebel (1760-1826) e Frederico Hoelderlin, nascido em 1770 e morto depois de um estado de loucura de quarenta e um annos (1802-1843).

E' impossivel pintar em poucas palavras as variadas excitações, que partiram desta escola, a quem poderia dar-se o nome de *naturalistica*, em face da poesia *classica*

(33) A mais bella caracteristica de Justino Kerner é a que foi tracada pelo seu grande comprovinciano David Strauss (*Kleine Schriften*). O poeta deixou um filho herdeiro do seu talento, Theobaldo Kerner, cujas poesias (*Dichtungen*—1879) occupam lugar distincto na litteratura poetica allemã dos nossos dias.

de Goethe e Schiller, da popular de Bürger, da romantica de Tieck e Novalis, da oriental de Rückert e Schefer, e até da patriótica de Koerner e Arndt. (34)

Ella não se contentou de fazer o povo allemão apreciar o seu passado, o mundo maravilhoso das suas tradições e a belleza do seu paiz; começou tambem a fazel-o comprehender o elemento popular na indole de todas as nações. A ella devem os allemães um immenso alargamento do seu horisonte.

Os poetas *suabios* são em geral caractéres verdadeiros harmonicos, phenomeno quasi inobservado entre os heróes da romantica, exceptuando sómente os homens da sciencia, como Savigny, os Grimm e alguns outros. Dos poetas romanticos só bem poucos se contam, cuja alma não tenha sido perturbada por alguma cousa de obscuro, licencioso e irrequieto. Os suabios entretanto, principalmente Uhland, souberam evitar este escolho.

Tambem elle, o poeta dos *Naturlieder und Bilder*, olhava para o *hyperterreno* com a ancia profunda do homem medieval. Mas havia uma differença notavel; ao passo que Frederico Schlegel, por exemplo, buscava na idade-média o phantastico attractivo do *antigo* e do *estranho*, Uhland amava essa época, porque nella admirava a força indomita de uma vida popular originaria, e sobretudo o esplendor da sua patria.

Pela sua inclinação esthetica, Schlegel afastou-se da vida actual e, posto que tivesse clamado bem alto em favor da poesia popular, acabou finalmente por tomar uma direcção catholica e anti-allemã. Uhland, porém, tratou de haurir da dedicada investigação das antiguidades patrias a coragem e forças precisas para as luctas da actualidade.

(34) Justino Kerner, em uma de suas muitas bellas producções, fazendo a descripção das qualidades peculiares do seu grupo termina dizendo: « *Da ist schwabscher Dichter Schule und ihr Meister heisst Natur*; » Eis ahí a escola dos poetas da Svia, e o seu mestre chama-se—*Natureza*.

IX

Olhemos para a França. Os primeiros tentamens de reacção espiritualista, no dominio philosophico, emprendidos por Maine de Biran, Royer Collard e Cousin, estavam de accôrdo com as disposições do tempo.

A época decorrida da 1796 a 1813, que foi a da maior elevação do poder da França na Europa, a época da florescencia de sua gloria militar, da qual brotaram todas as loucuras, todas as vaidades e pretensões guerreiras do povo francez; essa época de fogo e sangue tinha sido bastante para exaurir em grande parte a vitalidade da nação.

Com a queda do imperio, porém, desenrugou-se um pouco a feição das cousas, e o espirito nacional pareceu enfim reerguer-se, para tomar uma nova direcção, para chamar á ordem o processo da sua historia.

A palavra *restauração*, com que se costuma designar o periodo comprehensivo dos annos de 1815 a 1830, é mais caracteristica do que suppuzeram aquelles mesmos que a crearam. Porquanto esses annos não fôrão sómente consagrados ao restabelecimento do governo legitimo dos Bourbons, mas ainda e sobretudo ao restabelecimento, á *restauração* das forças do paiz esgotadas por Napoleão.

A litteratura continuava a contar como seus maiores representantes Chateaubriand e Mme. de Stael. E' verdade que, ao lado destas duas, muitas outras vozes se faziam ouvir. Os versos de Beranger, por exemplo, occupam lugar de honra entre os melhores productos do tempo. Mas o fio conductor estava nas mãos daquelles dous coriphæus.

E o valente genio feminino era quem mais havia contribuido para abrir novos caminhos á litteratura nacional. O seu livro *L'Allemagne*, publicado em 1810, e que é a sua melhor obra de critica e de philosophia, foi uma especie de guarda avançada do romantismo francez.

« As conquistas de Napoleão, diz Marque, se esvaeceram todas ; dellas restam apenas lembranças sanguinolentas ; a conquista da Allemanha por Mme. de Stael ainda é e será sempre uma das paginas mais gloriosas da nossa historia... Sim, foi realmente uma conquista esse livro esplendido, em que a auctora revelou á França ignorante e desdenhosa o genio, a philosophia, a poesia dos allemães.»

Estas palavras de Marque são tanto mais notaveis, quanto é certo que foram escriptas depois da guerra de 1870, depois da derrota e humilhação da França pelas armas tedescas, facto que levou Taine, Rénan, Tallandier e outros *germanophiles* francezes a arrependerem-se do seu antigo enthusiasmo e tratarem então de vilipendiar o que outr'ora haviam adorado.

O autor da *Histoire critique de la littérature française* não cahiu em semelhante desatino. E' um francez em que o amor da verdade sobrepuja o amor da patria. O phenomeno é raro, e por isso mesmo ainda mais digno de louvor.

Mme. de Stael parecia ter sido predestinada para a sua missão historica. Segundo George Brandes os espiritos reformadores podem dividir-se em duas grandes classes. A' primeira pertencem os descobridores ou innovadores, que produzem uma unica obra de importancia, e entregam-na tranquillamente á si mesma, até que, talvez sómente depois de sua morte, seja comprehendida e admirada.

A' segunda pertencem os espiritos dotados da faculdade de electrizar, aquelles cujo talento de fallar é muito maior que o talento de escrever, e que não só produzem impressão sobre os outros, como tornam os outros productivos.

A Stael estava neste numero. A sua principal força consistia na conversação. E a esta capacidade de electrizar pela palavra, ella juntava outra, não menos caracteristica : a faculdade de dominar. Era uma natureza de soberana. Não foi sem alguma razão que ella tornou-se rival de Bonaparte.

Mas esta genial dominadora, depois de manter por

annos em Coppet uma especie de côrte litteraria, reunindo em torno de si os espiritos selectos de todos os paizes cultos ; depois de percorrer diversas cidades da Europa, como Vienna, Petersburgo, Moskow, Stockolmo, voltando enfim a Pariz, não sobreviveu muito tampo á quêda do seu grande inimigo e perseguidor. Ahi morreu a 14 de julho de 1817.

Chateaubriand, por sua vez, emmudecera como poeta, para fazer-se ouvir como politico. Em sua *Monarchie selon la charte*, elle dá expressão aos seus sentimentos legitimistas, dizendo : « Qu'on ne mette plus les honnêtes gens dans la dépendence des hommes, qui les ont opprimés, mais qu'on donne les bons pour guides aux méchants. C'est l'ordre de la morale et de la justice. Confiez donc les premières places de l'Etat aux véritables amis de la monarchie legitime. . . »

Era em 1816. A 19 de agosto desse anno, em uma festa universitaria, por occasião de conferirem-se premios, Royer Collard exprimiu-se tambem deste modo : « Hoje que está enfim acabado o reinado da mentira, e a legitimidade do poder, que é a verdade do governo, franqueia um mais livre vôo a todas as doutrinas generosas, a instrucção publica vê seus destinos elevados e engrandecidos. »

Já daqui se depreheende, qual era então a ideia dominante e a aspiração geral em materia de governo. O velho autor do *Espirito das leis*, que fôra o primeiro a estabelecer o conceito da monarchia constitucional obteve um brilhante triumpho. Agora que a constituição franceza parecia ainda uma vez querer seguir o modelo da Inglaterra, esse publicista tornou-se o guia da nova escola de historia e de direito.

Conferindo a Villemain na Academia o premio ganho pelo seu *Eloge de Montesquieu*, dizia Suard: « A instabilidade dos governos prende-se de ordinario á indecisão dos principios, que devem regular o exercicio dos poderes. A carta poz fim a essa indecisão. Rallions-nous à ce signe d'alliance entre le peuple et son roi ; que la charte soit pour nous ce qu'était pour les Hebreux l'arche sainte qui contenait les tables de la loi. »

Como se vê, eram os primeiros rebentos do constitucionalismo francez; era o dominio da *phrase*, da pura *ideologia* politica, naquelle tempo muito desculpavel, porém hoje felizmente já descambando para a jazida das antiqualhas ridiculas.

Mas a isto não se limitavam os impetos e tendencias da época. Em todas as direcções da actividade pensante multiplicavam-se os indicios de um renascimento litterario, intimamente ligado com o renascimento politico.

O governo dos Bourbons, que tinham trazido comsigo a nobreza, os padres e a liberdade da imprensa, posto que o art. 8º da carta usasse de uma reserva sophystica, presuppondo a necessidade de leis que deviam reprimir os abusos d'essa liberdade, o que podia levar, como de facto levou, até á conservação da *censura*, o governo dos Bourbons parecia favoravel á manifestação e desenvolvimento de todas as ideias, á acceitação ou repulsa de todas as opiniões.

Uma serie de tradições correntes, que até então se tinham cegamente seguido, collocaram-se em attitude hostil umas ás outras e travaram o combate: a tradição de Boileau, de Voltaire, de Condillac; a tradição dos Jacobinos, de Napoleão; a tradição da Egreja e do *ancien regime*. Todas ellas, cada uma a seu modo, contribuíram para tornar mais rapido e impetuoso o movimento geral dos espiritos.

Quando se alarga o conceito da litteratura a ponto de fazel-o comprehender um grande numero de phenomenos, que á primeira vista parecem estranhos ao circulo das lettras, corre-se o risco de cahir em uma confusão cahotica, se não se oppõe áquelle alargamento o contrapezo de uma certa restricção e temperança, que consiste em appellar sómente para nomes de primeira ordem, e ainda d'entre estes, para os mais significativos.

A *materia* litteraria de um povo ou de uma época determinada, é sempre maior do que a sua *fôrma*. Quero dizer que, na esphera das lettras, não se classifica tudo que se enuméra, assim como não se julga tudo que se classifica. O historiador litterario não é obrigado a dar

conta, peça por peça, producto por producto, de todos os phenomenos que apparecem no campo de sua observação.

Eu bem sei que a estatistica, maximé depois de Buckle, não é de todo incabivel no terreno da litteratura. O numero de livros publicados neste ou naquella período pôde até um certo ponto determinar, nesse mesmo período, o desenvolvimento intellectual de um povo.

Mas sómente até um certo ponto, pois que a quantidade deve sempre ser temperada pela qualidade. Mormente, quando se trata de litteratura comparada. O que aqui importa não é saber *quanto* esta ou aquella nação pensou e escreveu, *quanto* papel consumio em relação a outras, mas saber *o que* escreveu, *o que* pensou de grande e aproveitavel, que mereça incorporar-se ao patrimonio ideal da humanidade.

D'ahi resulta que não ha mistér de fazer desfilar, um por um, aos olhos do leitor, todo o exercito d'*ecrivains*, de que nenhuma nação está isenta. Bastam os generaes, e mesmo assim, só alguns dos mais valentes. A litteratura tambem tem as suas curiosidades anatomicas, que podem ser muito attrahentes para quem maneja o escalpello e o microscopio; mas o meu trabalho não é de anatomia, porém de physiologia litteraria. Considerando a litteratura como um organismo, o que me interessa, não é o estudo detalhado, minucioso e, por assim dizer, *cellular*, da sua estrutura interna, mas tão sómente o estudo synthetico das suas funcções executadas por alguns dos seus mais nobres órgãos.

Além d'isto, convém ter sempre em mira que ainda estamos em preliminares; e seria violar flagrantemente o plano do meu trabalho, se tratasse dos procedentes da litteratura de 1830 em diante com a plenitude que só me cumpre observar, quando entrar propriamente na materia. (35)

(35) O leitor não se admire de ouvir-me fallar em preliminares. Um escripto a que pretendo dar as proporções de um livro, e que calculo em mais de 50 artigos, não é muito que ainda a esta hora esteja na phase da *preliminaridade*. Desconfio que esta declaração

Prosigamos pois. O anno em que morreu Mme. de Stael (1817), assignalou-se por varias creações intellectuaes de legitimo valor e duradoura influencia. Sem fallar nos escriptos de Beyle (Stendhal), que quasi fez sobre a Italia o mesmo que a Stael fizera sobre a Allemanha, foi nesse anno que Laménais, publicou o primeiro volume do seu *Essai sur l'indifference en matière religieuse*, apparecendo o segundo no anno posterior, e os dois ultimos em 1823. Assim tambem o livro de J. de Maistre sobre o *Papa*, dedicado ao mesmo Laménais.

Foi igualmente em 1817 que Agostinho Thierry, ainda muito moço (22 annos) escreveu para o *Censeur* uma serie de artigos sobre a historia da Inglaterra, que já revelavam uma extraordinaria liberdade e profundez de vistas; especie de *ouverture* brilhante, com que elle renunciou a sua historia da conquista normanda, publicada em 1825. Ou como elle mesmo disse: — ...« Tatonnement d'un jeune homme, qui cherche à se frayer des voies nouvelles » E esses novos caminhos foram realmente abertos.

Nesse mesmo anno Cousin visitou a Allemanha, onde estudou a *Critica da razão pura*, por não saber bem a lingua do original, em uma traducção latina. Ahi achou elle o fundamento do que primeiro havia bebido em Hutcheson, Fergusson e Reid. Voltando a Pariz, as suas prelecções de 1818 e 1819 trataram exclusivamente de verter em *rhetorico* a profunda metaphysica do idealismo

póde ser-me prejudicial, diminuindo o numero dos leitores, e fazendo incluir os meus artigos na vasta categoria do *cacété*.

A proposito, uma pequena historia. Quando eu era advogado, isto é, quando morava na Escada, tive um cliente que narrou-me uma vez o seguinte facto: Tendo sido iniciado contra elle um processo policial, quando o subdelegado processante lhe deu a palavra para defender-se, a defesa foi tão longa, que absorveu todo o resto do dia, e ficou para ser continuada no dia seguinte. Neste ainda não houve tempo bastante, e ficou muita cousa para o terceiro dia. Já cansado ao começar o trabalho, o subdelegado disse ao réo; o senhor acaba hoje a sua historia, pois já lá vão tres dias e isto é de mais; ao que elle respondeu: *saberá V. S. que ainda tenho historia para um mez!* Tanto bastou para o subdelegado não querer mais saber do tal processo. A minha promessa de 50 artigos não será tambem sufficiente para desanimar um grande numero de leitores? E' bem possivel.

transcendental, e conseguir tornal-a accessivel á intelligencia commun. Se com vantagem ou desvantagem para o philosopho allemão, isso é questão á parte.

Em 1818, sem fallar de outras obras, pois que não sou obrigado á exactidão estatistica em assumptos de livros e autores, publicou Ballanche o seu *Essai sur les institutions sociales*, e de Bonald as suas *Recherches sur les premiers objets des connaissances morales*.

Appareceu tambem a primeira edição do *Cours de politique constitutionnelle* de Benjamin Constant, livro que teve o mais estranho, o mas singular dos destinos. Com effeito : a penna que escrevera *Adolphe* (1816), um dos melhores typos da familia *wertheriana*, ou o Werther das mulheres, como o chamaram, essa mesma penna traçou, por desenfado, em alguma hora de máo humor, um programma ideal de politica romantica, e esse programma, no qual o proprio auctor era o primeiro em não acreditar, apoderou-se de todos os espiritos, fez a conquista do mundo!...

Especie de romance historico, onde a parte da historia é contribuida pela Inglaterra, e a parte da ficção pela fantasia de cada publicista, o systema de politica engendrado por Benjamin Constant era incapaz de desenvolvimento, incapaz de produzir resultados satisfactorios. Posto em contacto com a vida pratica, não podia pois evitar que degenerasse nessa *palhaçada*, a que a doutrina dá o nome de governo parlamentar (36).

Em 1820 publicou Guizot o seu primeiro escripto opposicionista : *Do governo da França depois da restauração*, e reabrio as suas prelecções na Sorbonna, onde adquirira uma cadeira, por intermedio de Fontanes, desde 1812. Mas o grandio effeito que tiveram essas

(36) Na conhecida scena comica *Um matuto aparvalhado*, ha uma passagem, em que o pobre camponio falla em *vestir-se á moda*, por-se lepido e bonito, como um *inglezinho de França*..

O disparate é intuitivo, e o riso inevitavel. Entretanto o nosso governo parlamentar não passa de uma cousa, que tem *casca ingleza e miolo francez*, um verdadeiro *inglezinho de França*; e com tudo bem poucos são es que possuem o talento de rir-se delle...

prelecções, incommodou o governo, a quem approveu prohibil-as em 1824.

Guizot porém aproveitou o tempo da desocupação involuntaria em uma série de trabalhos doutos do mais alto merecimento; e pela sua *Historia da revolução ingleza* (1826) collocou-se na primeira ordem dos escriptores francezes.

Até então exceptuando sómente Beranger, a poesia tinha representado na litteratura franceza um papel subordinado. Isto mudou completamente com o apparecimento das *Méditations poétiques* de Lamartine (1820), das quaes esgotaram-se em poucos annos 47,000 exemplares.

No anno seguinte appareceram as *Odes* de V. Hugo, a que succederam as *Balladas* em 1822. Abrira-se uma nova era para a poesia franceza.

Aqui faz-se preciso chamar a attenção do leitor para um ponto digno de nota. No principio deste seculo o espirito francez tomou tres novas direcções, que influíram grandemente na marcha da sua historia: a direcção politica, a direcção philosophica e a direcção poetica. Mas em nenhuma dellas existe o minimo signal de originalidade.

Pelo que toca á politica, foi a Inglaterra que prestou á França o modelo a seguir e imitar. Na philosophia, foi a Allemanha, com o seu Kant e o seu Hegel, quem revelou a Cousin thesouros inexauriveis, thesouros, sem os quaes ainda mesmo mal aproveitados, o philosopho francez não attingiria a altura, que conseguiu attingir. A prova é que entre os seus primeiros ensaios philosophicos e os brilhantes cursos da Sorbonna, dos annos de 28 e 29, ha uma differença espantosa; e só uma cousa explica essa differença: o feliz encontro com a philosophia allemã.

No que diz respeito á poesia, os factos dão o mesmo testemunho. A romantica franceza foi um impulso immenso para a litteratura nacional. Porém ella seria impossivel sem a romantica allemã, pois que uma descende da outra.

Nem ha possibilidade de negal-o desde que a ambas era commum a reacção contra o espirito do seculo XVIII,

contra a regra academica e as luzes da *Encyclopaedia*, como era commum a ambas o remontar da poesia á idade média, á renascença, aos hespanhóes e aos inglezes, como era commum a ambas o reciproco incenso, a tactica do elogio mutuo.

O principal momento do parentesco está porém no facto de que uma e outra formavam da arte e dos artistas um conceito muito diverso e apparentemente superior ao que até então se tinha formado. A arte devia ser o alvo de si mesma e o mais alto phenomeno da vida. De accôrdo com este principio, os romanticos francezes, é certo, extravagaram muito mais do que os allemães; mas nem por isso é menos verdade que até nos exageros, foram estes os seus mestres.

A nova direcção litteraria precisava de um órgão, e encontrou-o no *Globe* (1825), que ao mesmo tempo representava a causa liberal; mais tarde porém (1831) foi adquirido por Pierre Lérout para a escola de Saint-Simon.

Göthe, que lia o *Globe* com summo interesse, não experimentou pequena surpresa, ao saber de um dos seus collabolladores, Jacques Ampère, que o visitou em Weimar, que o jornal era redigido principalmente por môços. Eram os *filhos do seculo*, que pouco depois formaram o grosso da escola romantica.

O redactor em chefe era Dubois, o apaixonado campeão de ecletismo. A elle associaram-se Jouffroy e Damiron, com mais discreção sem duvida, mas tambem com todo o ardor da mocidade. De um outro circulo vieram Trognon, Patin, Farcy; e bem assim Ampère, Lermnier, Magnin, como mais tarde Sainte-Beuve.

Final os politicos Duvergier de Hauranne, Duchâtel e Vitet deram ao jornal maior variedade. Um dos mais activos collabolladores era Charles de Remusat, neto de Lafayette e sobrinho de Casimir Périer.

Não havia mez que não surgisse um novo poeta. Não era então a musica, mas a poesia, que depertava a curiosidade dos salões. Homens como Guiraud, Soumet e outros foram celebrados, como mais tarde Franz Liszt e Berlioz.

Do mesmo modo que na Allemanha, foi aqui tambem a critica, que abriu caminho á joven escola de poetas.

Quando A. W. Schlegel ousou atacar, mesmo em França, o velho classicismo (1807), levantou-se então contra o *barbaro* uma geral tempestade. Vinte annos ainda não eram passados, e já elle tinha para os francezes mais autoridade do que para os allemães, entre os quaes o seu renome começava a decahir. (37)

As poetizas vieram tambem engrossar a phalange dos moços combatentes. Entre ellas, Delphine Gay (20 annos), que depois tornou-se Mme. Girardin, fez um papel saliente. Já havia composto um poema heroico em seis cantos sobre Maria Magdalena; e para a festa da coroação de Carlos X (29 de maio de 1825), escreveu uma *Vision de Jeanne d'Arc*.

As mulheres da *restauração*, educadas por Lamar-tine, têm sentimentos e ideias romanticas: suspiram e trazem no coração a imagem de um poeta desconhecido. Não lhes pôde faltar alguma cousa de mystico e nevrotico, uma intima e indizível afflicção.

Tal era Delphine Gay. O seu natural deveria dirigi-la por outro caminho. E mais que o seu natural, a sua belleza, *le bonheur d'être belle*, que lhe serviu de assumpto para uma elegia, teria podido dispensal-a do trabalho de escrever versos. E' melhor *inspiral-os que fazel-os*, ainda que sejam como os d'ella, femininamente perfumados, o que não livra de serem femininamente fracos.

Não gosto da poesia de Delphine Gay. Mas longe de mim a ideia de fazer-lhe uma critica. Nem isto está no meu plano; e quando estivesse: criticar uma mulher, se morta ou viva pouco importa, é sempre uma grosseria. Eu tenho a tal respeito uma doutrina assentada. Póde-se ser delicado com a mulher, até na funcção de carrasco: no modo, por exemplo, de endireitar-lhe os cabellos, para melhor decepal-a. Na funcção de critico porém só ha para com ella uma fôrma de delicadeza: é não critical-a.

(37) Augusto Schlegel escreveu uma dissertação em francez sobre a *Phedra* de Racine na qual buscou provar que o poeta havia desilgurado o modelo grêgo. Nas suas prelecções de litteratura dramatica, o principal objecto do seu combate foram as chamadas *tres unidades*. Os românticos francezes, V. Hugo na frente, não fizeram n'este ponto, como em muitos outros, mais do que repetir o romantico allemão.

De ordinario, quando se falla da romantica franceza, costuma-se pensar unicamente no movimento poetico. Mas é um erro. Ao lado dos poetas, ergueram-se outros espiritos, pensadores e philosophos, levados do mesmo impeto, feridos da mesma doença. Por exemplo: o celebre artigo de Jouffroy *Comment les dogmes finissent*, publicado no *Globe* (1825), é tanto, senão mais revolucionario do que o prologo de *Crommuel* (1827).

Quando o philosopho se compraz em abrir-nos o abysmo do seu mundo interior e descrever a morte das suas crenças, é uma especie de Werther, um *suicida psychologico*.

O movimento poetico era sem duvida o mais visivel, o mais esplendido e ruidoso; mas nem por isso as outras direcções do pensamento deixavam de obedecer á tendencia geral da época. Simples questão de grau; aqui mais, e alli menos; porém no fundo a mesma ancia, a mesma inquietude.

Já houve quem dissesse que a *Weltschmerz* ou melancolia dos romanticos proviera de uma tal ou qual afflicção produzida pelos problemas do tempo. A explicação é innaceitavel. Nós hoje estamos livres d'essa morbidez; mas de então para cá, que foi que se resolveu? Nem o problema politico, nem o problema religioso acharam ainda a sua solução. O problema scientifico mesmo desembrulhou-se um pouco mais; porém, bem apreciado, continúa irresoluto. Maior numero de Edipos acercou-se do *esphinge*; mas ainda não puderam arrancar-lhe palavra do enigma.

O romantismo é um facto historico e, como tal, subordinado aos seus antecedentes; não é porém remontavel a causas, principalmente a causas psychologicas, a motivos intimos, que escapam á observação.

X

Os ultimos annos da restauração em França foram os mais ricos d'esse periodo, e até podia dizer, os mais ricos de toda a historia da litteratura franceza n'este seculo.

Com effeito: além do movimento romantico, que descortinava aos olhos da poesia novos e larguissimos horisontes; além dos estudos historicos, nos quaes se empenhavam os maiores talentos da nação, e que eram feitos com uma profundeza de analyse e um rigor de methodo, até então desconhecidos; havia nos espiritos em geral uma sêde insaciavel, um impeto irresistivel para toda sorte de melhoramento e de progresso.

No terreno da historia, sobretudo, é que mais claros se mostram os signaes do tempo. Ao lado de Guizot e Agostinho Thierry, de quem já nos occupámos, collocam-se, entre outros, Amadée Thierry, irmão d'este ultimo, com a *Historia dos Gauzezes* (1826), Mignet com a *Historia da revolução* (1824), e Thiers com obra de igual titulo (1823-1827), obra que não só serviu de preparo á sua futura carreira politica, mas tambem foi uma especie de preludio do grande hymno ao chauvinismo nacional: a *Historia do consulado e do imperio* (1845-1862). (38)

Todos estes historiadores davam ás suas indagações um alvo de liberalismo politico. E realmente a politica não se deixava amortecer no meio dos mais sérios estudos scientificos. Foi assim que toda a França liberal poz-se em agitação, quando a 29 de novembro de 1825 morreu o general Foy. Pariz inteiro assistiu ás suas exequias. O banqueiro Casimiro Perier, que fallou junto ao tumulo, exprimiu violentas queixas contra os ministros. Em favor dos orphãos assignaram grandes sommas o duque de Orleans, Perier e Lafitte.

(38) No meio d'esses outros, que tambem se entregaram a estudos historicos, contava-se Daru, o celebre traductor de Horacio, e ainda mais celebre pelo seguinte facto. Em 1813, quando tropas francezas occuparam a Allemanha, que viu-se então obrigada a sustentar 23.000 soldados de Napoleão, a escassez tornou-se assustadora, de modo que o chanceller Muller foi ter com Daru, para ponderar-lhe a exorbitancia de uma *contribuição de carne*, que se exigia da cidade de Jena. e accrescentou que até os professores já estavam sentindo a falta d'esse genero; ao que o grande homem respondeu: Mais je ne vois pas du tout la nécessité que ces messieurs mangent de la viande... Que tal? E ainda ha quem pense que a Allemanha foi cruel com a França na guerra de 1870!

Não despertou menor interesse a morte do pintor David, que succumbio na Bélgica, onde se achava desterado, um mez depois do general Foy, com 77 annos de idade.

A *Historia da revolução* de Thiers incorporou-se ao movimento geral. A obra pareceu ao principio destituida de brilho. Os primeiros volumes foram lidos, como se faz a leitura de um trabalho de simples entretenimento. Ao auctor pouco importa a logica dos factos e a carecteristica dos personagens; mas elle sabe pintar as grandes scenas da revolução com taes detalhes, que o leitor crê se achar no meio dellas.

A prosa de Thiers, como diz Edmond Scherer, é uma agua limpida; porém della tambem se pôde affirmar, como da agua, que a ausencia de todo sabor constitue ao mesmo tempo o seu merito e o seu defeito. Elle tem aquelle gosto supremo, que sabe evitar os excessos; e se não revela jamais o esforço, tambem não chega jamais a perfeição. (39)

O destino ulterior de Thiers e Guizot, na politica do seu paiz, fez que estes dous nomes ficassem sujeitos a uma lei de associação necessaria, de modo que é impossivel pensar e fallar de um, sem ter immediatamente ideia do outro. Entretanto, o principio que os associa não é o da semelhança, mas o do contraste. Não ha antithese mais accentuada do que aquella que se manifesta entre esses dous notaveis espiritos.

Ambos escriptores, historiadores ambos, como ambos estadistas, ambos propugnadores da monarchia constitucional, e, todavia, é immensa a distancia que os separa. O que qualquer delles possa ter de commun com o outro, é simplesmente exterior: não attinge o fundo do pensamento e muito menos o fundo do character.

(39) Thiers e Mignet eram provençaes; emigraram juntos para Pariz em 1821. Começaram a fazer-se conhecidos, como jornalistas, Thiers no *Constitutionnel* e Mignet no *Courrier français*. No anno seguinte (1822) dous outros seus compatriotas, Barthélémy e Mery, fizeram a mesma viagem e tornaram-se depois igualmente notaveis.

Sainte Beuve exprimiu-se sobre os dous do seguinte modo : « On a dit d' un autre esprit bien éminent (Guizot), que ce qu' il avait appris ce matin, il avait l' air de le savoir de toute éternité; tant sa haute reflexion don nait vite à chaque connaissance une teinte profonde et comme reculée. C'est justement le contraire chez M. Thiers. Tout ce qu' il voit pour la première fois, il le decouvre, il le raconte avec la vivacité de la decouverte, avec une netteté comme matinale, avec une sorte de naïveté, dans laquelle il se mêle bien assez de finesse, pour qu' on ne sache plus comment la definir . . . »

Como se vê, a caracteristica de Thiers está um pouco idealisada, mas não deixa de ser verdadeira. A de Guizot é feita com um só traço, porém um desses traços, que ficam impressos no espirito do leitor, e, como tal, é mais completa, justamente por ser menos exagerada.

Mas importar advertir que a critica de Sainte-Beuve se refere preponderante, senão exclusivamente, aos dous vultos encarados como oradores; as suas outras qualidades, já como escriptores, já como sabios, não são ahi tomadas em consideração.

Apreciados em sua totalidade litteraria, Thiers e Guizot não admittem parallelo. O meu juizo destôa da opinião geral, mas não hesito em descrevel-o : o renome de Thiers foi mais uma obra da occasião e do successo, do que um effeito regular do merecimento. Não assim Guizot, que, realmente grande, tinha o dom particular de transmittir os tons da propria grandeza a tudo que entrava no circulo do seu pensamento; mas a sua reputação foi sempre um pouco inferior ao que elle com justiça merecia.

Raras vezes um homem de caracter se distingue pela amabilidade. Era o que se dava com Guizot, faltando-lhe portanto a melhor metade do talento, que é a sympathia.

Por isso mesmo, que segundo o proprio testemunho de Sainte-Beuve, o traço mais caracteristico de Thiers é *la fraicheur de curiosité*, as obras deste auctor são simplesmente curiosas; todas ellas começam a envelhecer e decahir precocemente. Mais vinte annos de evolução critica, e já ninguém as lêra.

Os trabalhos de Guizot, pelo contrario, sobretudo os trabalhos historicos, são dotados de uma juvenildade eterna.

Não ha mister de negar os seus defeitos; e é possível que com o andar dos tempos, ainda novas lacunas se façam nelles notar; mas tambem, por cada defeito que se lhes descobre, apresentam-se em compensação dez brilhantes qualidades.

Dous grandes acontecimentos, apparentemente estranhos ao radicalismo litterario, que abria caminho por toda parte, contribuíram bastante, ainda que de um modo indirecto, para reforçar a audacia dos novos escaladores do céu. Foram elles a morte de Byron, em 1824, e a de Talma, em 1826.

A gloria do poeta inglez era um sol, diante do qual desmaiavam todas as estrellas que surgiam no firmamento da poesia do seculo. Com o seu desaparecimento veio a noute; e então os pequenos astros puderam mais facilmente mostrar o seu esplendor. Para proval-o, basta lembrar que, depois da morte do poeta, Lamartine julgou-se logo autorizado a tratá-lo como seu igual, completando o *Childe Harold* por meio de um ultimo canto, que aliás é semelhante a um pedaço de grosseiro estôfo cozido em um manto de purpura.

Assim tambem V. Hugo, cujos primeiros ensaios lyricos, posto que de subido merito, estavam todavia muito longe de poder rivalizar com as poesias de Byron, sentio crescerem-lhe as azas, ao vêr-se livre deste invencivel dominador. E elle que nos ultimos annos da sua vida, sem a menor cerimonia, tinha-se na conta de irmão mais moço de Homero, Eschylo, Isaias, Ezequiel e Dante não é muito que, quando moço, já se julgasse capaz de occupar, no templo das musas, o lugar que deixára vago o autor de *Don Juan*.

A mesma ordem de ideias a respeito de Talma. Este tragico genial, que animava os antigos heróes de Corneille e de Racine; este rei do palco moderno, com quem o proprio Bonaparte aprendera o imponente e magestoso sacudir da toga romana, constituia por si só um obstaculo insuperavel para as conquistas da dramathurgia romantica. A

prova disto é que mais tarde, quando appareceu Rachel Felix, rehabilitando os poetas do seculo XVII, a nova escola teve de recuar diante das exigencias da reacção classica.

Entretanto a onda subia, e o vento continuava a soprar na direcção do futuro. O estudo de Walter Scott suscitou o gosto do romance historico, quasi ao mesmo tempo em que tambem na Allemanha este genero começára a ser apreciado por meio do *Walladmor* de Wilibald Alexis (1823). A primeira tentativa em França foi o *Cinco de Março* de Alfred de Vigny (1826).

Mas o romance historico era ainda um pouco prematuro. A mocidade revolucionaria tinha o seu programma; só o theatro era um campo de batalha apropriado para dar combate á velha intuição litteraria.

Neste sentido appareceu o *Crommwel* (1827), peça em que V. Hugo pôz em pratica as theorias da joven escola, e cujo prologo era uma formal declaração de guerra ás tradições correntes em materia de arte.

Mas o drama não foi representado. Só mais tarde a nova reforma penetrou no palco. *Henrique III* e *Christina* de Alexandre Dumas, bem como *Hernani* do mesmo Hugo, aquelle representado em 1829, e os dous ultimos em 1830, foram outras tantas batalhas decisivas, ganhas pelo romantismo. (40).

Debalde os classicos Baour-Lormian, Jouy, Etienne, Arnault e outros fizeram uma representação contra as innovações romanticas do *Theâtre français* (1829); o espirito do tempo, como o espirito de Deus dos prophetas biblicos, se havia delles afastado.

Em relação synergica com estes factos do mundo litterario, sobreveio um acontecimento politico que repercutio beneficemente em todos os dominios da vida intellectual. Refiro-me á organização de um novo ministerio, presidido por Martignac, que foi a ultima tentativa dos Bourbons para se conciliarem com o espirito do povo.

(40) O duque de Orleans, que protegia Dumas, e de quem este foi secretario particular por causa da sua excellente calligraphia, na primeira representação de *Christina* encheu todos os camarotes de espectadores principescos, e o publico restante mesmo era tão escolhido, que a gloria de Dumas ficou logo assegurada por meio desse drama.

A epoca desse ministerio, que estendeu-se de janeiro de 28 a agosto de 29, foi a quadra mas brilhante da restauração. Estes poucos mezes, como diz Juliano Schmidt, produzem a impressão de campos e arvores que subito florescem por um fresco ar da primavera. Tão maravilhosa é a abundancia de phenomenos significativos, que de repente surgem na litteratura.

Foi então que os tres celebres professores, Guizot, Cousin et Villemain, fizeram aquellas esplendidas preleções, a que os seus nomes ficaram para sempre ligados : o primeiro sobre a historia da civilisação, o segundo sobre a historia da philosophia, e o terceiro sobre a litteratura da idade média e do seculo XVIII.

Dos tres, pôde-se affirmar que o menos benemerito, aquelle de quem hoje nada resta, digno de menção, é Victor Cousin. A sua philosophia, que fazia questão de não ir de encontro ao senso commum, não só deixou de elevar-se á altura dos grandes problemas, como até tratou de inspirar a desconfiança delles.

Meia duzia de velhas verdades, que se guardam na cabeça com o mesmo gráo de certeza, com que se tem na algibeira meia duzia de moedas, eis ahi o resultado de todo o seu systema philosophico.

Quanto a Villemain, a cousa já é diversa. Elle foi em França o fundador da historia litteraria propriamente dita, sendo o primeiro a estudar a influencia da sociedade sobre os poetas e destes sobre ella. Alguns dos seus juizos e apreciações criticas ainda hoje podem valer como exemplares.

Porém o maior delles foi sem duvida Guizot.

Era esta pelo menos a opinião de Göthe, que aliás formava dos outros dous um elevado conceito. « Mas Guizot, dizia elle, é para mim o mais querido ; é um homem de largas vistas e firmes convicções, o que é digno de todo apreço em face da mobilidade franceza. »

Como curso introductorio da *Historia da civilisação em França*, (1829-1830), Guizot preleccionou sobre a *Historia da civilisação na Europa* (1828). São dois prodigios de synthese, que difficilmente podem ser igualados, muito menos excedidos.

Elle começa a sua exposição com a queda successiva do imperio romano no IV seculo.

Na antiguidade domina por toda parte uma cultura unitaria; a idade média porém principia por uma geral confusão, não só nos factos, mas tambem nas ideias. Para bem comprehender a marcha da civilisação medieval, devem-se distinguir os seus tres elementos : os restos da velha cultura romana (o imperio, o direito, as municipalidades), a egreja christã e os germanos.

Os outros historiadores tinham posto exclusivamente na frente da historia, conforme o seu principio politico, um desses tres elementos.

Entretanto Guizot considera como seu principal problema collocar-os em sua verdadeira luz e mostrar, como pela intima e reciproca penetração dessas tres fórmulas culturaes, que ao principio estavam exteriormente *vis à vis* uma da outra, surgiu a civilisação moderna.

Nesta variedade de pontos de vista, Guizot é sem contestação o mais objectivo historiador da França.

A luz que elle derrama na escura noite dessas relações labyrinthicas é surpreendente e admiravel.

Mas tambem por outro lado elle soffre de uma parcialidade nacional, que parece incrivel em um espirito tão sabio. Logo na introdução apresenta a cultura franceza como fóco e centro da cultura européa em geral.

Segundo, elle, só os francezes puderam equilibrar, do modo mais seguro possivel, os dous momentos da civilisação, o *social* e o *individual*, o *pratico* e o *theoretico*. . . (41)

Neste gosto ha uma porção de paginas que não transpiram de certo o chauvinismo de um Thiers, mas deixam em todo caso uma impressão desagradavel. Guizot considera a civilisação geral do ponto de vista exclusivo de um francez. Estes defeitos, porém, não diminuem o grande valor da obra. O leitor consciente, uma vez premunido contra as preocupações patrioticas do auctor, só tem vantagens a tirar da leitura de seus livros preciosos.

(41) E' justamente o contrario. Não ha povo em que o *individual* e o *social* sejam tão desproporcionaes entre si, como no povo francez. A *communa* é uma prova disso.

Os annos de 28 e 29 foram ainda assignalados por outras producções litterarias. Appareceram então de V. Hugo, além de *Hernani*, *Marion Delorme* e as *Orientaes*. Estas ultimas representavam um novo genero de poesia, que fôra iniciado na Allemanha por Gôthe com o *Westtlicher Divan* (1819) e Frederico Rückert com as suas *Rosas do Oriente* (1822).

Não ficou ahi. Por esse mesmo tempo, Lamartine publicou os *Harmonias poéticas*, Sainte-Beuve as *Consolações*, e Prosper Merimée a *Chronica do reinado de Carlos IX*, uma das obras mais interessantes sahidas da escola de Walter Scott.

Ainda mais: a quadra esperançosa do governo de Martignac não se distinguio sómente pela rica florescencia litteraria; assignalou-se tambem pela florescencia musical. Ella foi aberta com um grande acontecimento no terreno da arte, e fechada com outro.

Um mez depois da ascensão do novo ministerio (fevereiro de 28) representou-se pela primeira vez a *Muda de Portici*, de Auber, e cinco dias antes da queda de Martignac (3 de agosto de 29) o *Guilherme Tell*, de Rossini. Dous productos geniaes, dos quaes o primeiro abriu uma nova direcção na grande opera, que foi logo seguida pelo segundo e por outros importantes phenomenos do genero.

Cabe aqui observar que essa época de tanto fervor e agitação intellectual foi tambem aquella em que Pariz começou a tornar-se alvo das aspirações dos genios estrangeiros, principalmente musicaes. E' digno de nota que Mozart, Weber, Beethoven, puderam ser grandes, muito grandes, sem a complicitade, não raras vezes leviana ou caprichosa do publico parisiense.

Não assim Rossini, Meyerbeer, Bellini, Donizetti e alguns outros, que já pertencem aos nossos dias. Não lhes basta que sejam em outra parte baptisados genios; é ainda indispensavel o chrisma de Pariz.

Com a retirada de Martignac (8 de agosto de 29) e entrada do principe Polignac, como chefe de um gabinete, composto dos mais encarniçados inimigos da constituição, todo o mundo comprehendeu que tinha chegado a crise decisiva.

A opposição liberal, Thiers, Mignet e Armand Carrel, fundara o *National* (janeiro de 1830) contra o novo ministerio. Esse jornal era destinado a derribar a dynastia, não para instituir a republica, mas por amor e com vista na familia Orleans.

A tactica consistia primeiramente em tirar todas as consequencias da *Charte* e envolver o governo em uma rede de condições restrictivas, donde elle trataria de sahir por meio de um golpe de Estado; depois na constante repetição do parallelo entre 1648 e 1668 na Inglaterra. Dessa tactica proveio o celebre *bon mot*: le roi régne, il ne gouverne pas, que ainda hoje constitue entre nós a quinta essencia da sabedoria politica!...

A litteratura mal podia respirar, cada vez mais claro se percebia o ruido da tempestade que se approximava. De desatino em desatino Carlos X corria atrás da sua ruina. A 16 de maio foi dissolvida a camara dos deputados; a 13 de junho o rei publicou a sua proclamação; a 9 de julho chegou a Pariz a noticia da conquista de Argel, que veio incorporar-se á agitação eleitoral; a consequencia foi uma baixa das rendas.

O *National* continuava a trovejar. A incerteza dominava por todo parte. A 25 de julho reuniram-se os ministros em conselho e referendaram as ominosas *ordenações*, que foram publicadas no dia seguinte: dissolução da camara, antes mesmo de aberto o parlamento, modificação da lei eleitoral, suspensão da liberdade da imprensa. Não havia mais salvação possivel.

Cahiú em fim a dynastia legitima e com ella os ultimos restos do *ancien regime*. A 9 de agosto prestou o novo rei Luiz Felipe, perante as duas camaras, o juramento constitucional. « *Voilà la meilleure des républiques* » disse então Odilon Barrot, que como todos os outros tinha o direito de enganar-se. Estava aberta para a França uma nova era. (42)

(42) Acaba aqui o manuscrito, que é de 1887. Infelizmente ficou incompleto este magnifico estudo de Tobias Barreto, a melhor cousa que possui a lingua portugueza sobre a litteratura européa em nosso seculo. (N. de S. R.)

VII

O ultimo livro de E. Renan e o Sr. Oliveira Martins

I

Começo por accusar-me de um pequeno peccado litterario: eu nunca tinha lido o Sr. Oliveira Martins. O renome, de que elle gosa em Portugal e no Brasil, de grande escriptor, grande philosopho, grande economista, grande financeiro, grande politico mesmo, e não me lembro de que mais, lançara-me no animo uma certa prevenção contra os seus multiplos e variados trabalhos. (1).

Além de ter sempre em vista a sentença de Heraclito: *Polymathye noon o'y didaskei*, muita sciencia não instrue o espirito, em virtude da qual o pensador portuguez, a julgar pelo que lhe attribuem os seus encomiastas, deve ser um espirito pouco instruido, havia ainda para mim uma razão particular de não appetecer de modo algum a leitura das suas obras.

Esta razão era a especie de idolatria, que eu via tributar-lhe, como ainda lhe tributa, a mocidade brasileira; por quanto uma longa experiencia me tem demonstrado que, no tocante ás lettras estrangeiras, os moços do Brasil, com bem raras excepções, só se apaixonam pelo peor.

Entretanto, uma circumstancia toda occasional obrigou-me enfim a lêr o Sr. Oliveira Martins. A primeira noticia que tive do apparecimento da *Histoire du peuple d'Israël*, de Renan, foi justamente a que me deu o titulo do artigo do referido escriptor; e isto bastou para fazer-me quebrar o velho proposito e suscitar-me o desejo

(1) Quasi posso dizer outro tanto dos Srs. Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro *et reliqui*, dos quaes só conheço pouco mais que os nomes.

de conhecer, pela exposição do *recensente*, não só o que a obra encerra, mas também o modo de apreciar-a e comprehendel-a por parte de um critico epigono, que nunca me constara haver-se occupado de semelhantes assumptos.

Não posso dizer que tenha passado por uma decepção. Eu não 'esperava muita cousa do trabalho do sabio de Lisboa; mas não suppunha, nem podia jamais suppôr, que elle fosse tão incompetente para tratar de taes materias, e ao mesmo tempo tão leviano em documentar essa incompetencia a respeito de uma obra que sem duvida, pelo nome e precedentes do auctor, ha de merecer a attenção das melhores autoridades européas.

O escripto do celeberrimo litterato sobre o novo livro de Renan não se póde chamar nem até uma producção de dilettante. O que nelle mais se encontra, é menos que *dilettantismo*: é uma completa ignorancia do assumpto; ignorancia propria de um espirito superficial e pretencioso, que acceita como novo um argumento velhissimo e discorre sobre elle com uma ingenuidade de menino, em quem as cousas mais usadas e decrepitas deste mundo produzem sempre a impressão do *inaudito e nunca visto*.

Quero crêr que não se me attribuirá um injusto rigor, desde que as provas vierem confirmar a minha asserção.

Vejamos pois. O Sr. Martins propoz-se apreciar criticamente a *Historia do povo de Israel*, de E. Renan. Como é geralmente sabido, a historia dos israelitas tem sido tratada por muitos auctores, e tratada com tanta profundez, com tão escrupulosa utilização das *fontes*, que não ha exaggeração em affirmar que o livro de Renan, só por este motivo, já appareceu um pouco tarde, se não é que elle veio abrir novos horisontes e firmar novos pontos de vista para o estudo da genese e do desenvolvimento desse povo exemplar.

Ora em taes condições, o primeiro dever do verdadeiro critico seria indagar, se o autor francez accrescentou realmente alguma cousa de novo ao que já estava feito pelos seus predecessores, se alterou, se melhorou, se corrigio nesta ou n'aquella parte as ideias assentadas a respeito da historia judia.

Mas deste imprescindivel dever o nosso homem não teve nem sequer um ligeiro presentimento. Elle pega do livro de Renan, como se fosse a primeira obra publicada a respeito dos judeus, revelando por este modo uma ignorancia alvar da litteratura historica do nosso tempo.

Assim, para limitar-me a dous ou tres nomes de primeira ordem, elle não sabe que houve na Allemanha um Ewald, que escreveu, ha mais de trinta annos, uma *Geschichte des Volkes Israel*, (*Historia do povo de Israel*). A identidade do titulo teria naturalmente provocado uma confrontação com a obra de Renan; mas o Sr. Martins nunca ouviu fallar em tal nome.

Elle ainda não sabe que alli existe um notabilissimo israelista, Heinrich Graetz, que escreveu tambem uma *Geschichte der Judens* (*Historia dos Judeus*), desde a sua origem até aos tempos actuaes; historia sabia e profunda, de character revolucionario, em que o grande israelita reclama para a sua raça mais de um privilegio, que lhe foi usurpado.

Finalmente, o famoso escriptor até ignorava que o celebre historiador Leopoldo Ranke, no primeiro volume de sua ultima producção, *Weltgeschichte* (*Historia Universal*) occupou-selargamente, e por um modo original, do povo judeu e da sua missão historica entre os povos orientaes.

Em que relação se acha pois o livro de Renan para com todos estes, que o antecederam? O Sr. Martins não o diz, e não o diz justamente porque desta materia o Sr. Martins sabe bem pouco, se não é que nada sabe.

Elle começa a sua *recensão* da obra do auctor da *Vida de Jesus*, por uma phrase pomposamente ôca e insignificante, que dá logo a conhecer o valor de todo o seu escripto.

« Um volume de Renan, diz elle, é um manjar de epicurista. » Bem apreciado, isto não passa de uma tolice, redobrada de uma injustiça. Realmente, que é um manjar de epicurista? E' um manjar de glotão, que quer vêr sobre a mesa toda a sorte de acepipes, ainda quando não os possa devorar. A vista e o olfacto poem-se a serviço do gosto, e o comilão saborêa triplamente a sua querida iguaria.

Já se vê que, para a metaphora ter algum senso e poder-se applicar a este ou aquelle livro tal qualificação, é mister que elle satisfaça todas as exigencias da glotoneria litteraria. Mas um livro em taes condições é um livro máo, e entretanto o Sr. Martins, exprimindo-se desse modo, não quiz fazer uma censura, porém um elogio!...

Que semelhante predicado fosse conferido a um volume de Hugo, Michelet ou Pelletan, *phraseolatrias* maníacos e impertinentes, em cujos escriptos a imaginação substitue a observação, e a metaphora supprime a logica, ainda se comprehendia; mas a um livro de Renan, é de todo inadmissivel.

Além disto, como é que o illustre critico concilia esse *epicurismo* do eminente escriptor com a qualidade, que lhe attribue, de ser uma *resurreição* de Racine, com a honra, que lhe reconhece, de passar «como o classico por excellencia das lettras francezas contemporaneas?»

Pondo de parte a *resurreição* de Racine que não tem bastante senso, que é uma expressão vasia, devida talvez a um erro de memoria, pelo qual o Sr. Martins, já tendo lido algures que Renan é uma continuação de Rousseau, confundio Rousseau com Racine e arranjou uma *phrase bonita*, pondo isto de parte, devo observar que o caracter distinctivo do *classicismo* é a sobriedade de palavra, é uma justa proporção entre o conteúdo e a fôrma. Renan possui com effeito esse caracter; mas é uma qualidade absolutamente incompativel com o *manjar de epicurista*, de que falla o critico portuguez.

II

Ha muito tempo que a caracteristica de Renan, como escriptor, se acha traçada, perfeitamente traçada por mão de mestres. Diversos criticos, francezes e allemães, que se occuparam dos seus primeiros trabalhos, deixaram assentado, uma vez por todas, que elle é o mais completo dos modernos escriptores do seu paiz.

Não ha pois tarefa mais inutil do que aquella que se impoz o Sr. Oliveira Martins, de ainda hoje vir dizer-nos que Renan é o classico por excellencia das lettras francezas contemporaneas.

Julgaria o litterato portuguez que era o primeiro a pensar assim ? Não é crível ; mas se sabia que essa proposição, ou outra equivalente, já tomou proporções de banalidade, assemelhando-se a uma especie de flôr ou fructo, que á força de passar por muitas mãos, perdeu de todo o primitivo aroma, para que mais repetil-a e accentual-a ?

Quem nos dera, porém, que se tivesse limitado a cantarolar o velho estribilho da perfeição estylistica de Renan. Não ficou ali ; quiz tambem contribuir com um traço do seu *crayon* para avivar o perfil do celebre escriptor, ainda que afinal só conseguisse corrompel-o e desfigurá-lo.

E' assim que o corajoso critico, depois do sedico elogio á *maneira de dizer* do auctor do *Antichristo*, continúa deste modo : « Não se lhe peça o vigôr nervoso que o character imprime nos escriptores de raça, nem a intuição poeticamente genial dos privilegiados, como o seu contemporaneo Michelet... »

E' difficil comprehender como Renan, o *classico por excellencia*, deixa de ser um *escriptor de raça*. Com effeito : se esta ultima expressão tem algum sentido, é sómente o de escriptor selecto e exemplar ; logo é uma contradicção, para não dizer uma insensatez, affirmar, por um lado, que Renan é o classico por excellencia das lettras francezas, e por um lado negar-lhe « o vigor nervoso que o character imprime nos escriptores de raça... »

Além disso, esse *vigor nervoso*, de que falla o Sr. Martins, qual de uma cousa geralmente sabida, que acompanha os escriptores de tal ordem, como a sombra acompanha o corpo, ou como a juba é inherente aos leões, esse *vigor nervoso* não é bastante intelligivel. O critico devia dizer-nos em que é que elle consiste.

Em summa, não ha meio termo : ou Renan é um *escriptor de raça*, destituído, porém, dessa qualidade caracteristica da especie, e neste caso não pôde ser um *classico por excellencia*, ou elle não pertence áquelle grupo, é

um escriptor sem *caracter*, e ainda menos se comprehende a primazia que lhe confere o Sr. Oliveira Martins.

O erro do nosso critico não está na distincção que, por ventura, pretendeu estabelecer entre um *bello* estylo e um estylo *vigoroso*, mas sómente na applicação que della fez ao auctor da *Historia do povo de Israel*.

Occorrem-me aqui umas palavras de Ludwig Boerne, que são dignas de menção. Seja-me licito repetil-as :

« Póde-se escrever mui bellamente, sem ter um estylo, e ter um estylo, sem ser um bello escriptor. Sim, um modo de escrever de cunho especial exclue a completa belleza, como um semblante de traços bem accentuados raras vezes é um bello semblante, e um homem de caracter raras vezes um homem amavel.

O que tem de proprio esta ou aquella maneira de escrever, não repousa no colorido, na maior ou menor vivacidade das côres, mas no desenho, na posição e agrupamento das ideias.

O estylo de um escriptor depende talvez mais do caracter, do que do espirito, mais da sua intuição moral, do que da sua intuição philosophica ou artistica da vida.

Cicero escrevia excellentemente, mas não tinha estylo ; era um homem sem caracter. Tacito tinha o seu, bem como Cesar. Os francezes não podem possuir um estylo, porque a sua lingua o possue. Quem escreve na França, escreve como os bons escriptores francezes, ou então escreve mal... » (2)

Exactamente. Mas ha uma immensa distancia entre este e o modo de entender do Sr. Martins. Porquanto, se o estylo de Renan não se distingue pela qualidade, de que falla o celebre israelita allemão, tambem é certo que nenhum outro escriptor francez póde gabar-se de tal predicado.

Conferir pois a Michelet, como faz o *pantosopho* portuguez, o que se nega a Renan ; chamar aquelle um privilegiado de intuição genial, e achar que este é demasiadamente critico para acompanhar os *escriptores de raça*,

(2) *Ausgewahlte Skizzen und Erzählungen*, Zweiter Band, pag. 18.

ou para se deixar arrebatado com os espiritos da classe do auctor da *Histoire de France*; isto importa simplesmente uma chata estolidez.

O ponto de vista do Sr. Martins sobre Michelet é o mesmo de qualquer gymnasiasta, de qualquer estudante de preparatorios, que agora é que está lendo *L'Oiseau ou La Mer*, e não pôde conter o enthusiasmo diante de uma imaginação descabellada, de um espirito morbido, que só falla por imagens, que não tem em grão algum o senso das conveniencias, sem perceber o pobre menino que está perdendo o seu tempo com a improficua leitura de um *palhaço litterario*. (3)

Não é só isto. O Sr. Martins attribue a Renan uma *demasia de critica*, que tem visos de uma descoberta ou de um invento; visto como é elle o primeiro a lobrigar no grande escriptor francez essa qualidade, que não só tem passado despercebida para muitos espiritos superiores, como até é contestada por alguns, a quem pelo contrario parece que a ausencia de critica é justamente uma das fontes dos desvarios historicos de Renan.

Effectivamente: não foi por demasia, mas por falta de senso critico, que a *Vida de Jesus* achou quem com razão a qualificasse de *romanzo sentimentale*, *che scandalizza i credenti, spiace agli artisti e fa sorridere i philosophi*, como disse Settembrini.

Ainda não é por demasia, mas por falta de senso critico, que todas as obras de Renan provocam sempre o louvor ou a censura, a approvação ou a reprovação, porém nada fructificam, não encerram germen algum de mais largo desenvolvimento, como uma vez exprimiu-se Heinrich Steinthal.

Não pôde pois haver a tal respeito duas opiniões. Um espirito *demasiadamente critico* é um espirito demasiadamente analytico; mas o que predomina nos escriptos de Renan, são as faculdades syntheticas, que caracterisam o poeta, o artista de qualquer genero.

(3) E' preciso ser justo: o Michelet dos primeiros tempos, o historiador, o discipulo de Vico, tem direito á multa consideração. Não assim porém o Michelet mettido a naturalista, o hierophanta, o vidente; esse não passa de um *bufão*.

Todos os livros desse auctor são outras tantas obras d'arte, perfeita e definitivamente acabadas, nas quaes, como diz o referido Steinthal, o regeitado, está regeitado ; o admittido, está admittido ; o duvidoso, fica duvidoso ; e *ponto final*. Resta sómente saber, se a tudo isso se diz *sim ou não*: uma vez decidindo-nos pela *affirmativa* ou pela *negativa*, não ha mais nada a pensar.

Onde achou portanto o Sr. Martins que Renan é demasiadamente critico, e, ainda mais, que a critica impossibilita de acompanhar os escriptores de raça ? O litterato portuguez conhece, por exemplo, algum critico superior a Lessing ? E por ventura Lessing não foi um *escriptor de raça* ? Sr. Oliveira Martins !!... (4)

Entretanto, ha cousa ainda mais interessante. Insistindo na mesma ordem de ideias, para bem determinar a feição litteraria do auctor francez, o homem continúa : « E' um critico, no mais largo sentido da palavra. E' um critico pela erudição e pelo pensamento. Deve-lhe bastante o hebraismo ; mas não é o seu saber de hebraisante que principalmente caracteriza a sua individualidade »...

Estas linhas são muito significativas ; não permitem a minima duvida sobre a leviandade de quem as escreveu. Realmente : qual é essa grande divida, que o hebraismo contrahiui para com Renan ? Que este muito deva ao hebraismo, em virtude da propria natureza dos seus trabalhos, preponderantemente consagrados á historia da religião christã, que se entronca no judaismo, facilmente se comprehende ; mas a reciproca não tem senso.

(4) E' bem provavel que o escriptor portuguez não esteja ao facto de quem tenha sido Lessing. Eu lhe indico as fontes, onde póde aprender. Leia Hermann Heitner, Gottschall, Juliano Schmidt e outros historiadores litterarios da Allemanha ; saberá então que Lessing foi o maior critico desse paiz. Leia Herder, João Paulo, Hieronimus Lorm, Henrique Heine ; e ficará tambem sabendo que Lessing foi um escriptor selectissimo, em quem a critica nunca servio de obstaculo á elevação e magestade do estylo. Mas é possível, e eu receio que todos estes nomes, exceptuando sómente o de Heine, produzam no nosso homem uma impressão de estranheza ; por quanto, com toda a sua sciencia *bibliographica* de autores tedescos, o Sr. Oliveira Martins não mostra comprehender o espirito scientifico da Allemanha ; e bem parece que muita razão teve a *Gazeta de Colonia*, quando disse (n. 38 de 1887) que a sciencia allemã ainda é para Portugal... *ein Buch mit sieben Siegeln*. Esta é a verdade ; resignem-se a ella, e deixem-se de *pomadas*.

Eu ousou perguntar ao Sr. Martins: qual o escripto de Renan, que tenha contribuido para maior esclarecimento, desenvolvimento e cultivo da lingua hebréa? As suas *Nouvelles considerations sur le caractère général des peuples semitiques* (1859) nada trouxeram de novo e proveitoso ao hebraismo. Todos sabemos, excepto talvez o philosopho-historiador-economista-naturalista de Lisbôa, que nesse escripto, no qual o auctor se occupa, não exclusivamente do espirito hebreu, porém do semitismo em geral, ha bem pouco, se não nada, com relação á lingua.

Todos ainda sabemos que foi nesse escripto que Renan, primeiro lançou as boas bases da sua singular e graciosa theoria do instincto monotheico dos semitas. Seria com esta extravagancia, com o miraculoso *ressort secret* do instincto, já hoje desacreditado, que o francez prestou serviços á causa do hebraismo? E' um erro pensal-o; uma sandice dizel-o; e ninguem dil-o-ha, por certo, a não ser o Sr. Martins.

Que o estudo linguistico das familias *arica* e *altaica*, bem como do *islandico*, deva bastante aos esforços de um Christian Rask, nenhuma duvida. Que o *arabismo* tambem muito deva a um Silvestre de Sacy, é cousa comprehensivel. Que o hebraismo mesmo seja assaz devedor á actividade de um Gesenius, de quem diz Honegger que ajudou a provocar uma nova epoca do estudo das linguas semiticas, principalmente do hebreu, e que é o verdadeiro fundador da exegése linguistico-critica do *Antigo Testamento*, de perfeito accordo. Mas neste mesmo sentido, e não pôde ser em outro, o hebraismo dever bastante a Renan, é ideia que só entrou na cabeça do critico portuguez.

III

Se o leitor quer convencer-se por si mesmo de quão banal e insignificante é o artigo do Sr. Martins, eu lhe indico um meio facilimo.

Basta lêr qualquer das criticas, que os diversos trabalhos de Renan suscitaram, cada um a seu tempo, da parte de mais de um auctor competente.

Leia, porexemplo, o brilhante escripto de Ed. Scherer sobre a *Vida de Jesus*; e essa leitura o deixará bem inteirado de que não é licito a um dilettante de vulgar tamanho intrometter-se em assumptos, de que nada entende.

Leia ainda, entre outros, a concisa e frisante critica de Gottfried Bohm sobre o *Antichristo*, e não será menor a convicção que lhe ha-de ficar no espirito da ridicula figura do Sr. Oliveira Martins.

A *Historia do povo de Israel*, como em geral todas as obras de Renan, não é um producto de caracter especulativo que possa ser apreciado sob este ou aquelle ponto de vista philosophico, de accordo com esta ou aquella theoria mais ou menos assentada, e que como tal abra caminho á discussão dos criticos que então aproveitam o ensejo de affirmar e defender as suas proprias ideias.

Certamente não é isso. Ahi trata-se, pelo contrario, de um trabalho positivo, até onde pôde chegar a positividade historica, um trabalho, portanto, que só deve ser examinado e julgado com pleno conhecimento e escrupuloso confronto com as respectivas fontes.

Terá, porém, assim procedido o escriptor portuguez? Absolutamente não. Elle se occupa do novo livro de Renan, como pudera occupar-se de um romance de Zola ou Daudet, consagrando quasi metade do pequeno artigo á apreciação da personalidade litteraria do auctor, a quem attribue confusa e tolamente as qualidades de excessivamente *critico, sceptico, dilettante, pessimista*, etc., sem que porém nos deixe habilitados a formar uma ideia mais ou menos justa da obra em questão.

E nesse empenho inutil de tambem photographar a seu modo a conhecida physionomia de Renan, o Sr. Martins vai a ponto de dizer parvoices que provocam o riso do mais phlegmatico dos leitores.

Eis ahi uma prova entre muitas: « Porque o scepticismo de Renan, diz elle, não chega a ser um systema, é a confusão dolente das impressões de um pessimista, vistas através do kaleidoscopo da indifferença. . . »

Mas valha-nos Deus: que diabrura é esta?! Que é que fica na mente de quem lê um conjuncto de *phrases* de tal ordem? Seriamente: nada.

Supponhamos que o Sr. Martins tivesse dito : « o scepticismo de Renan é a impressão dolente das confusões de um pessimista vistas através da indiferença do kaleidoscopo », o sentido era o mesmo, isto é, o mesmo disparate, a mesma falta de senso. Este Sr. Oliveira Martins é realmente uma *curiosidade* litteraria.

Porém, isto ainda é pouco ; temos cousa muito melhor : « E' um dilettantismo intellectual, continúa o critico, elevado a suprema potencia. E' a ironia emmasculada (?) e o desdem tão requintado que receia offender-se affirmando-se. »

Dilettantismo intellectual! Que significa semelhante expressão? Não é facil atinar com o seu sentido. Mas eu creio poder indicar a fonte, donde ella se originou.

E' alguma cousa de analogo á *resurreição* de Racine, de que já fallei, quero dizer, uma troca de palavras pouco honrosa para o escriptor. De noute, diz o proverbio, *todos os gatos são pardos*; assim tambem ao *lusco-fusco* da semi-ciencia pedantesca, as ideias se parecem umas com as outras.

Provavelmente o Sr. Martins teve uma recordação longinqua do *dilettantismo religioso*, que alguns criticos da *Vida de Jesus* attribuiram a Renan; e, julgando exprimir o mesmo conceito, attribuiu-lhe por sua vez um *dilettantismo intellectual* ! ... E' engraçado; mas tambem não deixa de ser horrivel.

Ha vinte e cinco annos, o *dilettantismo religioso* era uma phrase estranha, sem duvida, porém, muito comprehensivel. Assim como o dilettantismo musical, por exemplo, significa um pronunciado gosto que se tem pela musica, sem todavia cultivar-a e conhecel-a a fundo ; assim tambem o *dilettantismo religioso* exprimia, pelo menos pretendia exprimir, um certo enthusiasmo que se ostenta pelos assumptos religiosos, sem comtudo possuir a verdadeira *religiosidade*.

O mesmo não succede com a singular expressão do Sr. Martins. *Dilettantismo intellectual*, se envolve algum sentido, outro não póde ser se não o de uma paixão predominante pelo mnndo das ideias, pelas cousas da intelligencia, não se tendo, porém, a capacidade precisa

para bem comprehendel-as e aprofundal-as. Mas salta aos olhos que tal modo de vêr, em relação a Renan, seria o cumulo da iniquidade, se não fosse o cumulo da estolidez.

Além disso, aquella *ironia emmasculada* (?) e aquella *desdem tão requintado* que receia offender-se, affirmando-se, posto que menos obscuros que o *dilettantismo intellectual*, não são menos incapazes de fornecer um traço distinctivo da feição litteraria do escriptor francez.

Entretanto, deixemos de lado a dispensavel tirada preliminar de considerações attinentes á pessoa do auctor, e entremos no fundo da critica do Sr. Martins.

O que ha primeiro a notar é que elle não nos diz ao certo onde começa o trabalho de Renan. Limitando-se a declarar que o volume publicado termina com a constituição da monarchia, sob Saul e David, não se digna de informar-nos se o sabio francez utilisou-se, e em que medida, dos dados prehistoricos da judaismo.

A questão não é de pequena importancia; nem é crível que Renan a tivesse considerado como inexistente. Mas se assim o fez, cumpria ao Sr. Martins tomar conta dessa falta e censural-o por ella.

E' muito comprehensivel que hoje se escreva uma historia romana *sem os reis*; mas não o é igualmente que se escreva uma historia dos judeus *sem os patriarchas*. Porém tambem é certo que a epoca patriarchal está cheia de mythos e legendas. O primeiro trabalho do historiador é pois separar o *joio do trigo*, e dar-nos a conhecer, se não o *verdadeiro*, ao menos o *verosimil*. Da *recensão* do nosso critico nada se depreheende a tal respeito.

Outrosim: a historia dos judeus, em muito maior escala do que a de outros povos antigos, basea-se em peças e documentos de data e procedencia diversa, cuja authenticidade ainda não está de todo fóra de qualqner contestação. Que attitude tomou o historiador francez em relação a esse problema, que tem sido discutido principalmente desde Astruc, no seculo passado, até aos nossos dias, preocupando espiritos como Eichorn, Vater, de Wette, Ewald, Michel Nicolas e outros? Ninguém sabe. O critico não nos dá informação neste sentido.

Mas deixemol-o mesmo fallar ; as suas proprias palavras documentam melhor a sua incompetencia.

Dest'arte diz elle : « O *rabi*, o propheta, o creador desta litteratura singular nos factos religiosos da humanidade, é um reaccionario, que permanentemente olha para os dourados tempos do nomadismo patriarchal. O semita, a quem sempre repugnou a vida sedentaria preferida pelo aryano, vê com desdem e com reprovação as innovações que lhe parecem impiedades, pondo nos velhos tempos dos *cohen*, quando as tribus pastoriavam os seus rebanhos, antes do captiveiro no Egypto, não o typo de rudeza ingenua propria dessas epocas, mas sim os delirios de providencialismo, o ideal ardente de justiça que lhes inspirava a sua concepção forte e original de Deus.»

Este pedaço é caracteristico. São dous *esplendidos* periodos: o primeiro é um disparate, o segundo um *gullimatis*. Com effeito: é preciso não ter a menor noticia do que foi o prophetismo hebreu, da sua grande missão politica e religiosa, para fazer dos prophetas outros tantos *laudatores temporis acti*, que viviam constantemente a appellar para o *beau vieux temps* patriarchal, como a época da maior prosperidade na terra.

Não ha ideia mais erronea. Nem havia mister de outra prova, para deixar assentada, uma vez por todas, a ignorancia do Sr. Martins no dominio da critica biblica.

Para convencer-o disso, eu me permitto citar-lhe as seguintes palavras de Eduard Reuss:

« Ha um ultimo facto, diz elle, que devemos ainda assignalar neste curto esboço do *mosaismo dos prophetas*. E' que elles tinham uma *fé inabalavel no futuro*. Ao passo que os philosophos e os poetas, entre os outros povos, não viam o bem e a felicidade, se não no berço do genero humano, e se consummiam em estereis sandades a respeito de uma perda irreparavel, os prophetas viam *diante de si* a realização de suas esperanças. O imperio momentaneo do mal, o triumpho apparente das divindades estrangeiras, as perseguições que elles mesmos soffriam,

nada podia enfraquecer a sua coragem em proclamar a victoria definitiva de Jehovah e do seu reinado.» (5)

Pouco mais ou menos a mesma ideia é expressa por Michel Nicolas: « A esperança de uma era de felicidade e de virtudes no fim dos tempos é particular ao povo de Israel; ella foi estranha a toda antiguidade pagã... Na concepção dos outros povos, o mundo é arrastado a uma queda cada vez mais profunda; na dos prophetas, pelo contrario, elle marcha, sob a direcção de Deus, para uma completa perfeição? » (6)

Não é menos decisivo o que escreveu Ewald: « No aperto e suffocação moral produzidos pela secessão das tribus nasceu a esperança de que o reino de Deus, como elle então já ha muito existia em Israel, e outr'ora, sob Moysés e David, tinha um pouco mais fortemente dominado sobre a terra, a despeito de todas as graves perturbações e obstaculos, que agora se lhe oppunham, a final havia de attingir o seu aperfeiçoamento. » (7)

Nada mais claro, quero dizer, mais opposto ao modo de ver do critico portuguez. E' verdade que os prophetas encaravam os tempos de Moysés e de David, como exemplares; mas não se limitavam a lembral-os e lastimar a sua perda; pelo contrario, todo o seu esforço era para vê-los de novo realisados no futuro.

Deste modo um descendente de David é que devia fundar o reino de Deus na terra; e esta ideia, tomando as proporções de um programma, acabou por constituir esse conjuncto de crenças, sonhos e promessas, a que se dá o nome de *esperanças messianicas*, e que é só característico do povo israelita; esperanças que apparecem pela primeira vez no *canto popular* da benção de Jacob (*Genesis*, 49, 18) e vão até aos ultimos prophetas, Aggeu, (II, 8) Zacarias (IX, 9) e Malachias (IV, 2.)

Ja se vê que é um dislate inqualificavel dizer, como diz o Sr. Martins, que os *rabis* olhavam parmanentemente para os dourados tempos de nomadismo patriarchal. Se o

(5) *Histoire de la theologie chrétienne*, I pag. 38.

(6) *Etudes critiques sur la Bible; Ancien Testament*, pag. 416.

(7) *Geschichte des Volkes Israel*, III, pag. 319.

illustre portuguez fosse mais lido nestes assumptos, muito ao envez de considerar os prophetas uns cegos enthusias-tas do passado, saberia que elles, pelo contrario, tinham tão pouco a paixão da antiguidade, que sendo como eram ardentes zelótas do *mosaismo*, entretanto só duas vezes pronunciaram o nome de Moysés. (8)

Agora o segundo periodo. Diz o critico: «O semita, a quem sempre repugnou a vida sedentaria pelo aryano.... » Isto é falso. Attenda o leitor para o que diz a tal respeito um dos homens mais competentes, Edmond Scherer, o primeiro hebraista da França, na opinião de Sainte-Beuve:

« Quanto ao genio dos povos semiticos, é difficil apprehender a sua unidade, por que seus destinos foram diversos. Achamos entre elles imperios conquistadores, como a Assyria, e nações agricolas, como os hebreus; *nomadas*, como os arabes, e mercadores, como os phenicios. Uns fundaram Carthago e atropellaram Roma; outros, em um momento da idade media, representaram as sciencias, as artes, a civilisação. Quer-se julgar o mundo semitico pelos seus heróes? Foi elle quem nos deu Annibal, Jesus e Mamohet; é a elle que devemos Spinosa, Heine e Meyerbeer. » (9)

E' facilmente deprehensivel que o Sr. Martins formou a sua ideia geral do semitismo pela observação unica dos *bedunos*.

Mas vamos adiante. . . « O semita vê com desdem e com reprovação as innovações que lhe parecem impiedades pondo nos velhos tempos dos *cohen*, quando as tribus pastoreavam os seus rebanhos, antes do captiveiro no Egypto... » Basta;ahi já temos tolice grossa.

Primeiramente, é de notar o desconchavo, com que o nosso critico attribue ao semita em geral, o que aliás elle mesmo só queria attribuir ao *rabi*. Mas não é este o ponto capital. O que ha de mais interessante, é a singular lembrança de figurar os prophetas idealisando os velhos tempos dos *cohen*...

(8) *Isaias-LXIII-12*; *Jeremias XV*.

(9) *Etudes sur la littérature contemporaine*, III, pag. 222 e 223.

« Os velhos tempos dos *cohen*... » O Sr. Martins não se deu ao trabalho de traduzir *semitico* em *japhetico* e dizer-nos o que significavam os taes *cohen*. E desta arte o leitor, não iniciado na technologia hebréa dos antigos institutos e uzos religiosos, que vá *perguntar ao vigario*, o que eram essas antiquissimas e extraordinarias entidades, que o semita não perdia da memoria.

Vale a pena sobre este ponto ouvir Henrique Ewald. Elle diz : « O sacerdocio era conhecido no meio do povo de Israel, bem antes que se tornasse herança da tribu de Levi. Com isto se harmonisa o facto de que, além de muitas outras palavras do *dominio sacrificial*, deve ser muito velha e ter estado longo tempo em uso antes de Moysés a palavra que significa o padre mesmo (*Kohen*,) porque no hebreu ella existe isolada, e segundo o seu sentido primitivo, é difficilmente explicavel. » (10)

Vejam portanto até onde chega a leviandade e inconsciencia do Sr. Martins ! Elle falla dos *cohen* com o mesmo desembaraço e ausencia de qualquer duvida, com que pudera fallar dos *saloios* da sua terra ; sem saber nem presentir sequer o presumpçoso escriptor que a cousa não é tão simples como lhe parece.

Além disto, elle menciona os velhos tempos dos *cohen* ou *Kohen*, como se posteriormente esse instituto houvesse desaparecido. Mas ainda é inexacto. Abraham Geiger em seu *Original e traducções da Biblia* ensina que o nome de *Kohen*, ou mais determinadamente, *Koen le eleijon*, *sacerdote do Deus supremo*, pertenceu ao patriciato sacerdotal até á epoca dos *Machabeus*. (11)

IV

Fallando dos velhos tempos, o escriptor portuguez accrescenta : « quando as tribus pastoreavam os seus rebanhos, antes do captiveiro no Egypto »...

Não quero aqui suscitar questão ; limito-me a perguntar : que tribus eram estas ? Antes do captiveiro só

(10) *Geschichte*, etc., VIII pag. 349.

(11) *Urschrift und Uebersetzungen der Bibel*, pag. 27 e 213.

existiam em Chanaan os patriarchas, e para o Egypto só foram, segundo ensina o *Genesis*, Jacob e seus filhos. Quaes eram pois estas tribus?

O final do pedaço é obscuro e inintelligivel, sobretudo no que diz respeito a uns chamados *delirios de providencialismo*, que o critico não se dignou de esclarecer. Entretanto o que mais provoca a veia comica, ainda não foi indicado. Vai sel-o agora. O leitor attenda bem.

Attribuindo ao semita uma concepção forte e original de Deus, o Sr. Martins pergunta: Que Deus era esse? E continúa dizendo: « Eis aqui o ponto em que o novo livro de Renan é admiravel de lucidez »

Não contesto. Como, porém, é presumivel que na exposição desse ponto o critico portuguez tenha seguido as pegadas do francez, não se pôde deixar de lastimar que uma cousa *admiravel de lucidez* se haja tornado nas mãos do Sr. Martins, *admiravel de confusão*.

Assim diz elle: « No seu periodo patriarchal o Deus de Israel não se distinguia do mytho mais geral dos povos primitivos. Elohim, o deus, os deuses, os espiritos, uno e multiplo a um tempo, era o ar, a luz, o raio, como Zeus ou Diespiter »...

Se estas palavras estão de accordo com o pensamento de Renan, o Sr. Martins devia ter começado o seu trabalho por dar-nos conta de uma novidade, isto é, a mudança de opinião do celebre escriptor sobre o *instincto religioso* das raças humanas. Com effeito: se no periodo patriarchal o Deus de Israel não se distinguia do mytho mais geral aos povos primitivos, para onde foi então o *monotheismo ingênito* dos semitas, de que Renan faz tanto alarde?

Mas o melhor não é isso. Ahi vem cousa de eriçar cabellos. O critico prosegue: « A's relações com a Assyria e com a civilisação chaldaica attribue Renan (e attribue-se em geral) (?) a juxtaposição dos elementos cosmogonicos ao monotheismo israelita; juxtaposição que deu á religião dos judeus um character providencialista, desconhecido nas mythologias aryanas »...

D'esta maneira, segundo o Sr. Martins, interpretando Renan, a historia da creação no *Genesis*, foi importada da Assyria ; e o foi nos tempos patriarchaes, pois que logo em seguida escreve elle : «A essas relações também se attribue o elemento genealogico e biographico introduzido com a lenda de Abrahão, o *pai* do povo de Israel, que no poema de Isaac deixou marcada a supressão dos sacrificios humanos, geraes nos cultos dos povos semitas »...

E como que para não deixar duvida alguma sobre terem-se dado todos estes factos na epoca do nomadismo primitivo, o critico ainda diz : « *Veio depois* o grave periodo do captiveiro no Egypto »... Mas tudo isto é de abalar fortemente os musculos do riso. (12)

Em primeiro lugar, as alludidas relações com a Assyria dão testemunho de uma chata ignorancia historica. A primeira vez que o reino assyrio se poz em contacto de um modo significativo, com o povo de Israel, foi na segunda metade do reinado da casa da Jehú (9º seculo a Ch.)

Admittindo mesmo a hypothese abraçada pela critica de ser o *Pentateuco*, como disse, uma reunião de escriptos compostos em varias épocas e por diferentes auctores, hypothese esta, em que o Sr. Martins não tocou nem de leve, provavelmente por desconhecel-a ; admittindo ainda a theoria de Ewald, segundo a qual, d'entre todas as peças componentes do *Pentateuco* ha uma que elle considera mais antiga, a que dá o nome de *Livro*

(12) O escriptor portuguez não tem noção alguma dos trabalhos e achados da critica sobre a composição dos livros attribuidos a Moysés. Ignora que esses livros se compõem de uma collecção de documentos diversos, que os criticos designam por *elohistas* e *jehovistas*, conforme a tendencia dominante de um ou de outro partido religioso, conforme nelles Deus é sempre chamado *Elohim*, ou sempre *Jehovah*. Nestas condições era natural que fallasse, por exemplo, de um elemento *genealogico* e *biographico*, recebido da Assyria e introduzido com a lenda de Abrahão. etc., sem indicar se esta lenda pertence a um documento de primeira ou segunda categoria, sem indagar se essa genealogia faz parte da mesma peça, em que se acha a *taboa genealogica* dos descendentes de Adam, ou a *elohista* (*Genesis*, V. 6, 19), ou a *jehovista*, inteiramente diversa (IV, 17-22; V. 28 e 29). O Sr. Oliveira Martins desconhece todas estas cousas.

das origens, e que contém a historia da criação; ainda não se pôde fallar de influencia assyria. Por quanto, conforme o sabio critico e orientalista allemão, esse livro deve ter sido composto logo depois da consagração do templo salomonico, duzentos annos por conseguinte antes de Jehú.

No que pertence, porém, á lenda de Abrahão que deixou marcada no poema de Isaac, como diz o Sr. Martins, a suppressão dos sacrificios humanos, basta perguntar ao *sabio* portuguez: e a filha de Jephté? Ou os holocaustos humanos não se acabaram com Isaac, ou a historia do Jephté é um mytho como a de Iphigenia, e igualmente mythologico é o sacrificio do patriarcha.

Não contente com o que já dissera de exotico e disparatado, o nosso homem insiste e accrescenta: « O *Baal* dos judeus deixou de ser um elemento devorador, á imagem do lume, para se caracterisar como um *pai* amoroso e protector. »

O Sr. Martins confunde tudo. Principiou dizendo que o Deus primitivo de Israel era *Elohim* e agora já nos faz menção do *Baal* dos judeus. Falta de critica ou leviandade de dilettante?

Em sua *Historia Universal* ensina Leopoldo Ranke que no Egypto encontraram-se tres systemas religiosos que elle designa pelos nomes dos deuses *Amom*, *Baal* e *Jehovah*. Os deuses egypcios enraizam-se nas relações cosmicas, nas inundações do Nilo, etc. etc. O culto de *Baal* põe de lado esta relação local e é abraçado por um povo mercador e navegante, por um povo constantemente guerreiro. Elle apresenta uma lucta dos deuses entre si, e mostra-se inclinado á sede de sangue.

Ambas estas fórmulas de concepção desenvolveram-se em regiões fecundas.

Então levanta-se Jehovah sobre as alturas solitarias do Sinai, que ficaram livres de todas as transformações telluricas, e onde nada existe entre Deus e o homem. (13)

(13) *Preussische Jahrbu cher*, 1881, I, pag. 614 e 615.

Ouçamos entretanto o escriptor portuguez, que é maravilhoso. Continúa elle: « E' com Moysés (um egypcio) é no Exodo, que os judeus *voltando* á terra de Chanaan, trazem consigo do Egypto a *Jehovah* (Renan quer que se escreva (*Jahvé*) que é um deus nacional *idolatramente representado*, um deus absoluto e exclusivo, dotado de todas as violencias crueldades inherentes á condicção de um povo existindo no meio dos povos hostis. . . » (14)

Antes de tudo : aquelle parenthesis, *Renan quer que se escreva Jahvé*, equivale a um *auto de prisão* em flagrante ; e realmente : o Sr. Martins está preso em *flagrante delicto* de completa ignorancia da materia.

Venha cá, meu illustre litterato, e conversemos um pouco. As palavras do parenthesis só significam que para V. Ex. foi Renan, quem primeiro propôz escrever-se *Jahvé* em vez de *Jehovah*. Não ha outra sahida. Pouco antes das palavras citadas, e a proposito das relações com a Assyria, V. Ex. disse que Renan attribuia a ellas a juxta-posição dos elementos cosmogonicos, etc., etc. ; mas para dar logo a conhecer que outros auctores assim tambem pensavam (posto que taes não existam), V. Ex. abriu tambem um parenthesis, dizendo : *« attribue-se em geral.*

Agora, porém, tratando-se da substituição de um nome por outro, diz simplesmente : « Renan quer que se escreva *Jahvé*. » Não ha duvida por tanto que V. Ex. confere ao auctor da recente *Historia do povo de Israel* a primazia da proposta.

Mas isto é altamente deponente contra o Sr. Oliveira Martins. Ha mais de vinte annos que os criticos sagrados já não digo na Allemanha, mas em França, tinham indicado a necessidade dessa alteração.

Assim, por exemplo, Eduardo Reuss, em sua *Theologie chrétienne* (3ª edição, 1864, tomo 1º, pag. 36), falando de *Jehovah* accrescenta : « ou melhor *Jahvéh* (isto é, *aquelle que é*) » . . .

(14) E' interessante o intuito com que o illustre critico accentúa que Moysés *era um egypcio*, como senão o fossem todos os descendentes de Jacob, que do Egypto emigraram para Chanaan!

Da mesma fôrma Michel Nicolas (*Etudes critiques ; Ancien Testament*, 1862, pag. 112, diz : « No mosaismo o Deus soberano da nação é chamado *Jahveh* (*Jehovah*.) » E continúa em nota : « Está hoje provado que a palavra hebraica que, segundo a pontuação *massorética*, deveria pronunciar-se *Jehovah*, deve-se lêr *Jahveh*. »

Mais adiante (pag. 117) : « Hoje está-se de accôrdo em reconhecer que a palavra *Jehovah* deve-se pronunciar *Jahveh*. » E cita em apoio Gesenius e Hengstenberg, que escreveram muito antes do critico francez. Não ha pois desculpa ; o Sr. Martins *desgraçou-se*.

Mas é possível, e os corajosos têm seus recursos, é possível que se procure como ultimo refugio aquelle *h* final do *Jahveh* de Reuss e Nicolas, que não se encontra no *Jahvé* de Renan. Porém seria inutil. Na primeira edição da sua *Geschichte des Volkes Israel* (1845, tom. 2º pag. 156 e seguintes) já Ewald escrevia, como Renan, a palavra *Jahvé* com o seu derivado *Jahvethum* ; e isto sem notas nem explicações de ordem alguma, como uma cousa geralmente acceita e incontestada.

E' pois evidente que o escriptor portuguez é inteiramente estranho á litteratura critico-biblica dos nossos dias ; e como tal, mettendo-se a fazer apreciações de obras do genero, provoca e merece a mais rigorosa censura (15).

(15) Quando a *Gazeta de Colonia*, como referi anteriormente, disse que a sciencia allemã ainda é para Portugal *um livro fechado com sete sellos*, poderia ter accrescentado que não é sómente a sciencia allemã, mas tambem a parte séria da sciencia franceza. Eis ahi uma viva prova. O Sr. Martins, que conhece Renan, não conhece Reuss, nem Nicolas, nem Scherer, nem Colani, nem Kienten ; nunca leu a antiga *Revista de theologia*, de Strasburgo, onde acharam echo todas as grandes questões biblicas levantadas durante os ultimos 50 annos. Se porém conhece a Renan, não é de certo pela seriedade scientifica, mas sómente pelo *destilar da prosa encantadora*...

Entretanto, não ha duvida que, scientificamente, a leitura de Renan não traz proveito nenhum. Qualquer livro deste auctor é semelhante á *uma bella casa*, edificada sobre uma verdejante collina, com vista de mar, vista de bosque e vista de campos, debaixo de um céu sempre azul, cercada de regatos crystallinos ; uma cousa linda e poetica ; mas afinal... ninguem a quer para morar, nem de graça, porque faz *muito frio e tem muita murissôca*.

São assim realmente as obras do autor francez : admiraveis, esplendidas, encantadoras ; porém não ha uma só dentre ellas, cuja doutrina tenha feito brécha, cujas ideias se hajam incorporado ao patrimonio scientifico do seculo.

V

Ha um ponto, sobretudo, que é preciso tornar bem saliente. De accôrdo com o Sr. Martins, que certamente reproduz as ideias de Renan, a *arca* era um *fetiche* ; os *levis* (*levitas* quiz dizer) ou sacerdotes, eram especies de feiticeiros ou *payés*, que diziam a *buena dicha* ; em summa, o *jehovismo* era um *fetichismo*, etc., etc.

Ainda mais : a historia de Israel é dominada pelo dualismo antagonico da « monarchia sacerdotal egypcia contra a democracia mystica dos prophetas ; a inspiração dos *rabis* contra a lithurgia dos levitas ; o deus aereo dos velhos tempos contra a serpente de bronze trazida por Moysés ; *Elohim* contra *Jehovah*. »

Para completar o quadro : « O prophetismo matou *Jehovah*, trazendo a religião dos judeus á pureza ideal primitiva. »

Estas ultimas linhas são summamente importantes. Com effeito : ou o Sr. Martins não entendeu Renan e, *virando tudo de pernas para cima*, deu ao *elohismo* o que era *proprio do jehovismo* ; ou então, se effectivamente é essa a theoria do historiador francez, deveria vêr que tinha pela frente uma excentricidade, uma cousa estranha no mundo da critica.

Por quanto até hoje era doutrina incontroversa no dominio da exegése biblica que entre os hebreus o *jehovismo* foi uma longa e pertinaz reacção espiritualista contra o *elohismo* idolatrico dos antigos tempos, assim como que os prophetas foram os grandes promotores dessa reacção, e Moysés o seu iniciador.

« O caracter particular do prophetismo em Israel, diz M. Nicolas, é a consequencia de suas relações com a *legislação mosaica*. Eichorn não se enganou. Foi elle quem primeiro indicou com uma rara sagacidade que a prophetia hebréa tem suas raizes na Lei, e que o propheta israelita é o *successor legitimo e necessario* de Moysés.

E' facto provado que ao lado do monotheismo idolatrico, que foi a religião da immensa maioria, da familia de Israel até aos ultimos tempos da monarchia, manteve-se

constantemente, não obstante perseguições continuas, um pequeno numero de israelitas adstrictos á *tradição mosaica*, formando uma especie de partido religioso dissidente na casa de Jacob. E' á frente deste partido que se acham os prophetas, que são os seus chefes, a sua alma; e não sómente elles são em Israel os *representantes do mosaismo*, mas também combatem pelo seu triumpho. E' sabido que depois de longas provações, elles ficaram victoriosos. » (16)

Não é só isto. « A ideia fundamental e geradora do ensino prophetico, diz Reuss, era a da theocracia ou da cidade de Deus. Por ella o mosaismo era ou tornou-se uma religião eminentemente social, sob cujo imperio a vida civil e politica da nação podia e devia cada vez mais ser governada e mesmo absorvida por principios de uma ordem superior. Os prophetas estabeleceram, como fim ou como lei, um estado da sociedade, pelo qual todos os cidadãos deviam achar-se em uma relação immediata com *Jehovah*, acceitando a sua vontade como a norma unica de suas acções... » (17)

Esta mesma ordem de ideias encontra-se em Ewald (*Geschichte... II*, de pag. 156 a 207).

Mas tudo isto se acha em perfeita opposição ao que diz o Sr. Martins por conta de Renan.

Os criticos em geral consideram o *jehovismo* uma renovação religiosa, operada por Moysés, em um sentido transcendental e metaphysico; o Sr. Martins considera-o uma especie de religião fetichica, e dá-lhe até o nome de *fetichismo jehovico*.

Os criticos em geral ensinam que o *jehovismo*, de accordo com a sua derivação do verbo *havah* ou *hajah*, que significa *ser*, e segundo até a velha interpretação do *ego sum qui sum*, dispensava qualquer imagem, qualquer representação sensivel; o Sr. Martins vem dizer-nos que elle era o culto da *serpente de bronze* trazida por Moysés.

(16) Não confundir o sabio professor de Montauban com o carola Augusto Nicolás. *Etudes*, etc.—pag. 232.

(17) *Histoire*, etc.—1—pag. 35.

Finalmente, os criticos declaram que os prophetas foram continuadores e defensores do jehovismo ; o Sr. Martins, porém, affirma que o prophetismo matou Jehovah!...

Não se concebe antithese mais completa ?

Quem é pois que está em erro ? E' toda a critica biblica do *Antigo Testamento*, que é unanime a tal respeito, ou Ernesto Renan, que tem opinião contraria, segundo refere o escriptor portuguez ?

Das duas uma : ou o Sr. Oliveira Martins alterou pela base o pensamento do auctor francez, e neste caso é digno de uma *vaia*, senão de cousa mais dolorosa, ou dá perfeita conta das ideias d'elle, e, nesta hypothese, ainda que menos irrisorio, não é todavia menos condemnavel, por desconhecer os precedentes da questão e ignorar qual era entre os criticos a theoria corrente ; posto que me pareça incrível que Renan, tomando este ponto de vista, não abrisse um *status causæ et controversiæ*, não travasse uma discussão em regra com os seus collegas de doutrina oposta.

Além disto, deve-se ponderar que não é permittido ao Sr. Oliveira Martins, nem mesmo a Renan, alterar a ordem conhecida dos factores historicos do judaismo e estabelecer uma nova intuição critica desses factores, sem a autoridade e fundamento dos *textos*. Mas onde estão elles ? Quaes são elles ? O portuguez não citou-os, como lhe cumpria, ainda quando se limitasse a repetir as citações do historiador francez.

A verdade é que o *jehovismo* envolve uma elevada concepção de Deus ; e dado mesmo de barato que procedesse do Egypto, não seria isto razão para tel-o em conta de uma religião de feiticeiros. Muito pelo contrario. O *ego sum qui sum* do Jehovah mosaico está de perfeito accordo com o— *ego sum quod sum, quod fui, quod ero, nemoque mortalium mihi velum detrazit*—da deusa egypcia Isis, que é a mais alta expressão da hypersensibilidade e incomprehensibilidade divina.

Ainda uma observação. O Sr. Martins menciona os levitas ou sacerdotes, como uma especie de feiticeiros ou *payés*. Este paralelo entre padres egypcios e grosseiros bruxos da America selvagem, é digno de sérios reparos.

Inclinando-me a admittir que a ideia da comparação seja propria do critico de Lisboa, não deixo comtudo de achar possivel que o francez mesmo a tivesse apresentado. Por quanto é uma velha mania sua fazer approximações e confrontos historicos, que não são de facil apprehensão, mania que se tem aggravado nos ultimos trabalhos do escriptor.

Assim, por exemplo, no *Antichristo*, Petronio é chamado um « Merimée sceptico », o palacio de Nero é maior que o Louvre, as Tuilherias e os *Campos Elysios*, todos reunidos (!); a exaltação da Judéa é igual ao accesso febril, que accommetteu Pariz em 1871; o mesmo Nero é semelhante a um dos heróes de V. Hugo, um phenomeno carnavalesco, um mixto de insensato, de besta e comediante...

Não admiraria portanto que a imaginação de Renan tambem os levitas apparecessem como *payés* ou *pagés* americanos; principalmente attendendo-se que este notavel espirito é dos que não escrupulisam de pôr a *verdade* a serviço da *belleza* e como tal, se o *pagé* affigurou-se-lhe um bello termo de comparação, bem pôde ser que o tivesse julgado indispensavel á sua descripção dos sacerdotes com a *Arca* no deserto.

P. L. Courier, o intrepido e genial pamphletista, escreveu uma vez sobre Plutarcho estas memoraveis palavras: « O seu merito está todo no estylo; elle zomba dos factos e só acceita delles aquillo que lhe agrada, não tendo outro cuidado se não o de parecer bom escriptor. Elle faria Pompeu ganhar a batalha de Pharsalia, se isto concorresse para *arredondar* um pouco a sua phrase. »

E' um retrato fidelissimo de Renan. Tambem elle zomba dos factos, e seria até capaz de fazer Jesus ter tido um filho da Magdalena, se este *invento* contribuisse de qualquer modo para embellecer e cadenciar um periodo.

Entretanto, o que mais contrista, não é a demasiada saliencia da *veia artistica* no formoso escriptor e sabio francez. O peor, o mais sensivel, é que essa qualidade, além de ser facilmente corruptivel, abre caminho á toda sorte de apreciações desatinadas e palavras incompreensiveis da parte dos seus proprios entusiastas.

Entre estes, já se vê, o Sr. Martins occupa um lugar distincto. Que horrores, porém, não deixou escriptos em honra e nome do seu idolo? Depois de mimoseal-o com uma serie de *epitheta ornantia*, cada qual mais insignificante, chegou até a dar-lhe o qualificativo de *epicurista da intelligencia*, phrase frivola e burlesca, que misturada com aquella outra *dilettante intellectual*, é capaz de *ferver e fazer espuma*.

Vou concluir: e entrego o meu trabalho sómente ao juizo do leitor imparcial. Já sei quem é o Sr. Oliveira Martins; e avalio que *colheita* immensa eu faria, se tivesse tempo, gosto e coragem bastante para dar um passeio pelas suas *Raças humanas e civilisações primitivas*, ou pela sua—*Circulação fiduciaria*. Deus me livre porém dessa tentação. (18)

(18) Tobias Barreto, quando, em 1887, escreveu este artigo não tinha lido o 1.º vol. da *Histoire du Peuple d'Israel*, de Renan; sinão teria visto que é realmente elle quem fez a inversão, notada pelo escriptor brasileiro como cousa dissona, entre a concepção corrente do *Elohismo* e a do *Jehovismo*. Fiel ao seu systema de comparações contemporaneas, Renan diz que o israelista entrou a dizer,—*Jahvé nosso deus*, como o allemão falla tambem hoje de seu Deus—*unser Gott*. Não creio que o celebre escriptor tenha razão em sua recente theoria; em todo caso são curiosos, no assumpto, os capitulos da sua historia, intitulados — *Le nom de Jahvé, Le développement du jahveisme materialiste, l'oracle de Jahve*, etc. (Nota de S. R.)

VIII

Notas de critica religiosa

I

Na opinião de um philosopho merece pouca attenção o prejuizo que pretende vedar esta sorte de questões ao escriptor não iniciado nos mysterios sacrosantos das linguas semiticas e da litteratura talmudica.

O philosopho tem razão. Observamos apenas que se ha tal prejuizo para quem, como elle, procura, bem ou mal, apontar erros e descobrir defeitos nos grandes orgãos da critica, muito maior parece, quando a mais não se aspira do que reunir em fôrma logica os resultados de algum estudo.

E' o que pretendemos fazer.

Quaesquer que tenham sido as suas causas, o christianismo é sempre um phenomeno espantoso na historia do espirito humano.

Pondo de parte considerações vulgares sobre a grande obra do filho de Deus, queremos saber se de feito o christianismo, como doutrina, em seus primeiros elementos, é uma simples transformação do judaismo, ou encerra alguma cousa de mais, alguma cousa de propriamente original, que estabeleça entre elle e seus antecessores um completo divorcio.

De ordinario costuma-se encarar o povo judeu, como um corpo deslocado da massa total da humanidade, obedecendo a uma força particular, fóra do alcance das forças geraes; e que, tendo tido, só elle, o direito de chamar-se o escolhido, no meio de outros privilegios, teve tambem o privilegio da desgraça !...

Não discutiremos este modo de pensar. Nelle se contém apprehensões de crenças religiosas, que a nosso ver escapam á jurisdicção da logica.

Sem tentar pois inquirir as causas e os fins, mas acceitando os factos simplesmente como taes, podemos

notar que a desdita impressa na fronte de um grande povo não é menos respeitavel que a desventura escripta na fronte de um grande homem. O genio que em ambos tem a mesma divisa, deve attrahir para ambos o mesmo grão de solemne sympathia.

O rancor outr'ora votado á veneranda gente de Israel, e ainda mal extincto em corações fanaticos, é um rasgo de barbaria que ha de sempre envergonhar a civilisação occidental.

E' pouco exacto que os judeus em todos os tempos, mesmo nos anteriores á vinda de Jesus Christo, fossem avessos a qualquer genero de especulação. No periodo mosaico, isto é, nos seculos decorridos desde Moysés até ao captiveiro de Babilonia, nada se encontra por certo que indique tendencias especulativas. O que se diz de Salomão, de sua alta sabedoria, não tem muito peso. O auctor do terceiro Livro dos Reis colloca na bocca do sabio filho de David uma especie de discurso inaugural que não se eleva a cima do vulgar. (1)

Vê-se que não damos conta da tradição que lhe attribue algumas composições; nem attendemos ao que diz um critico celebre que dá como certo que Salomão escreveu obras, sem que aliás apresente uma prova de sua asserção. (2)

O prophetismo foi todo inspiração, enthusiasmo e colera; seria inutil procurar nos escriptos e discursos propheticos grandes vislumbres de metaphysica.

Só depois do captiveiro, no que se chama periodo judaico, é que começaram a apparecer tendencias philosophicas.

A influencia das letras gregas não deixou de alcançar tambem a Palestina, se não directa, ao menos indirectamente, por meio dos judeus de Alexandria.

E mesmo antes deste contacto hellenico é provavel que a especulação já inquietasse os espiritos, a julgar pelo grande numero de livros, de que falla o Ecclesiastes, obra attribuida a Salomão, mas que remonta, quando

(1) Cap. VIII, 23 á 61.

(2) Renan *Histoire religieuse*, pag. 101.

muito á epoca persa (3). Como quer que seja, o certo é que um continuo trabalho de intelligencia preocupava os judeus, nos tempos anteriores á era christã. Havia escolas de sabios.

No coração da sciencia, segundo a phrase de um exegeta allemão, é que continuavam a bater as indestrutíveis esperanças communs.

As doutrinas e direcções diversas dessas escolas eram ainda bem pronunciadas, quando appareceu Jesus. Que trouxe elle de novo? A que seita se prendeu espontanea ou reflectidamente?...

Não ha muito tempo, julgava-se resolver o problema quando se dizia que Jesus fôra um philosopho essenense. Não ha maior leviandade: a julgar pelo pouco que se sabe dessa escola, é bem difficil descobrir os laços de semelhante filiação.

« Os essenenses, diz Ewald, tiveram incontestavelmente uma sciencia propria; é porém de lastimar que hoje não possamos vê-la com algum encandeamento.

Elles depressa dissolveram-se em outras communhões; tanto menos conservaram-se os seus escriptos, e menos serviços prestou a pobre escola. Em compensação disto ha muita cousa de suas vistas, que se transportou aos circulos ulteriores e fundiu-se nos livros de outros. Pela direcção que tomaram, podiam elles constituir uma sciencia, quer das justas interpretações de seus escriptos, quer dos principios e costumes de sua vida, como tambem occupar-se com os mysterios do mundo e das cousas divinas e humanas, nunca porém formar uma sciencia da organização social e do governo. Estas questões sobre as cousas do estado e do governo occupavam muito mais as escolas dos saduceus e pharizeus, com esclarecimentos e explicações da lei. » (4)

Dous caracteres distinguiam sobre tudo os essenenses, que distoam da serenidade e candura de Jesus: uma especie de ascetismo, e a transcendente indagação das

(3) M. Nicolas, *Doctrines religieuses des Juifs*—pag. 50. *Ecclesiastes* cap. XII v. 12.

(4) *Geschichte des Volkes Israel*; 5º pag. 13.

cousas. E' provavel, é mesmo certo que o christianismo assimilou, depois, todas as tendencias que encontrou dispersas no espirito geral; e por conseguinte não repugna que nesse meio tambem fossem alguns atomos de essenismo.

Basta lembrar que João Baptista pertencia a esta escola; como Jesus, elle tambem teve discipulos, e até se observa uma certa antithese entrè os pontos de vista de um e de outro. (5)

Mas notemos que só se pôdem descobrir vestigios de procedencia diversa no christianismo ulterior, n'esse que Christiano Baur disse ser a unidade natural de todos os elementos que pertencem á mesma phase de evolução, por mais que sejam entre si diferentes. (6)

Não assim, quanto á doutrina immediata de Jesus.

II

Afastemos da frente a sombra de uma apprehensão: pelo pouco ou nenhum devotamento, que ha entre nós a este genero de assumptos, é facilimo aventurarem-se os mais extranhos juizos.

Na ignorancia total do espirito e do methodo que inspiram a sciencia, não hesitamos, ou em acceitar, sem exame, até os seus disparates ou em repellir, sem motivo, as suas claras verdades.

Acontece que para uns escrever sobre taes materias é uma cousa ociosa, enfadonha, impertinente, ao passo que para outros é um rasgo de licença, uma prova de impiedade.

Confessamos, por nossa parte, que não tememos incorrer no desagrado e censura de uma certa orthodoxia burlesca; mas quizeramos que não emprestassem vistas extranhas e inteiramente alheias ao nosso fim.

(5) Reuss — *Histoire de la Theologie chretienne au siecleapo sto-*
lique, t. 1, pag. 139.

(6) *Das Christenthum der drei ersten jahrhunderle*, pag. 21.

E' preciso reconhecer que a audacia do escriptor leviano não é menos perigosa que a do leitor insensato e sem criterio para dar ás palavras e ás idéas seu verdadeiro valor.

A critica religiosa é um dos poderes do seculo, cuja atmosphera moral está impregnada da poeira a que ella tem reduzido as antigualhas caducas; sua influencia é inevitavel a qualquer espirito ambicioso de luz; os grandes homens que se hão collocado á frente do movimento são de uma enorme estatura, e projectam até nós suas sombras gigantescas.

Quando uma vez tem-se o desejo de conhecer mais de perto estes vultos imponentes, mal se pôde soster o impeto que nos atira para elles, que nos faz invejar o seu destino, sentindo que não possamos acompanhá-os em seus vãos infinitos.

A orthodoxia tem razão: estes homens são terriveis, porque trazem comsigo a mais terrivel das magias, a magia da sciencia, o despotismo da verdade; o conselho de evital-os não deixa de ser util para a conservação dos prejuizos seculares.

Mas não vêmos que do seu contacto resulte o mais ligeiro emmurcheçar das crenças que se nutrem da seiva do coração; nem os criticos sinceros visam de proposito acabar-as, se não querem macular o brilho de seus trabalhos.

Tal foi, por exemplo, o defeito de Strauss e seu sequito na Allemanha; tal é actualmente o de alguns criticos francezes, comprehendendo o mais famoso dentre elles, sem ser todavia o de mais merecimento. Fallamos de Renan.

Ainda que reconheçamos neste celebre escriptor a supremacia do estylo, não podemos descobrir-lhe, *maxime* em sua obra principal, os caracteres de um verdadeiro critico.

Não diremos com um certo prelado que a exegése de Renan é a applicação á Biblia de um falso criterio, bebido nas philosophias que, uma após outra, se têm disputado o imperio da opinião. (7)

(7) Meignan—*Les Evangiles et la critique au XIX siècle*,

Não diremos também com outro apologista que sua penna é um cavador que abre o tumulto a seus pensamentos. (8) Tudo isto é bilioso e inexacto; sem fallar no que de mais offensivo e indecente se disse a tal respeito.

Mas ousamos opinar que nas obras de Renan quasi sempre o litterato sobrepuja o sabio; aquelle é abundante de affirmações ligeiras; este, quando apparece, é carregado de duvidas e negativas.

Filiado na escola de Tübinge, o exímio escriptor como que tirou a seus mestres o gosto das negações que se amplificam com as graças da linguagem.

« E não é uma vergonha para essa escola, brada o sabio auctor da *Historia do povo de Israel*, não é uma vergonha que a sua falsa liberdade repercute mais fortemente em França e outros paizes estrangeiros; que Renan em Pariz possa escrever sobre Christo e os apóstolos, obras que seguem uma direcção funesta? » (9)

Este mesmo sabio não trepida em increpar o critico francez por as suas porcas duvidas (*Ungewaschenen Zweifeln*). Entretanto, é um exegeta profundo, um chefe de escola, que assim se exprime; e torna por este modo evidente que não é do espirito da critica destruir por destruir, e deleitar-se tristemente com o espectáculo das ruínas.

III

Procuremos de novo o nosso ponto de partida.

Quando se estuda a historia do povo judeu observa-se um phenomeno admiravel que não se encontra na vida dos outros povos antigos. Queremos fallar da fé ardente, com que essa nação inditosa teve de continuo os olhos cravados no futuro, cuja pura claridade não se lhe empanava pela nuvem da desgraça.

D'ahi resulta o espectáculo magestoso que offerece a procissão immensa da familia de Israel, sempre altiva e

(8) Besson—*L'Homme Dieu*, pag. 127.

(9) Ewald—*Geschichte des Volkes Israel*, t. 6º, pag. XVII (Vorwort).

magnanima, resumindo em sua vida o destino da humanidade.

E por isso diz Ewald, que a historia deste velho povo é a historia da verdadeira religião, aperfeiçoando-se gradualmente e, no meio de todo genero de luctas, elevando-se á victoria suprema, para d'ahi irradiar com toda a sua força, de modo a constituir-se o eterno patrimonio e a eterna benção (*ewiger Besiz und Segen*) de todos os outros povos. (10)

« Ao passo que por outras partes, diz Reuss, nós vemos a imaginação dos homens traçar complacentemente o quadro de uma idade de ouro para sempre esvaecida, Israel, guiado por seus prophetas, persistia em volver as vistas para o lado opposto e aferrava-se á idéa de uma felicidade futura com tanto maior firmeza, quanto a situação presente parecia dever dar ás suas esperanças o mais solenne desmentido. » (11)

Este nobre distinctivo, que é hoje de todos reconhecido, não tem recebido de todos o verdadeiro valor e apreciação merecida.

No juizo que se fórma geralmente da civilização moderna, já é erro habitual ceder uma larga parte, uma parte demasiada ao genio hellenico.

Não basta reconhecer, com Bordas-Dumoulin, a influencia renovatriz do espirito christão, distinguindo-a da acção contraria dos chefes ecclesiasticos. Menos ainda basta admittir, com Huet, que o christianismo e o genio greco-latino são os dous elementos necessarios, irreductiveis da nova civilização. (12)

Melhor que tudo isso, um escriptor eminente que convém ter sempre em vista, disse tambem, sobre o espirito civilizador das sociedades actuaes, que os gregos foram o elemento humano e intellectual, os judeus porém o elemento divino e moral. (13)

(10) *Geschichte des Volkes Israel*—t. 1.º, pag. 9.

(11) *Histoire de la theologie chrétienne au siècle apostolique*—t. 1.º, pag. 125.

(12) *Revolucion religiosa au XIX Siècle*, pag. 239 e 240.

(13) *Guizot Meditations sur l'essence de la religion chrétienne* pag. 223.

E todavia nós achamos este dizer um pouco vago. O elemento divino, de que falla o illustre auctor, não é simplesmente uma fibra de mais que a Biblia tenha dado para vibrar ao impulso de mysticos ardores ; não é mesmo a idéa monotheica, depurada de qualquer mácula idolátrica pelo bafo ardente do prophetismo exaltado.

E' porém alguma cousa de profundamente vivido e agitado, o presentimento energico do futuro, o ideal politico e social, que modera o character descontente e as aspirações indomitas do espirito moderno.

E de feito os povos, que se afeiçoaram á civilização christã, são todos messianistas, quer o saibam, quer não ; todos sonham, todos visam além uma epoca mais feliz.

O futuro que entre os antigos era apenas uma divisão do tempo e só tinha um nome proprio e distincto na grammatica, é agora um poder para que se appella, uma estrella atraz da qual vão as ideias, um braço invisivel que sae da immensidade e suspende as nações á cima do planêta.

Não é difficil comprehender qual seria o estado da civilização actual, se lhe faltasse o alimento das letras gregas ; mas é impossivel ajuizar em que globo de trevas viviriam estas mesmas nações, hoje tão grandes, se nunca lhes fossem abertas as paginas da Biblia.

Não nos deixemos illudir por ligeiras apparencias ; a philosophia grega, que mesmo antes de Jesus entrára na Palestina, nenhum serviço prestou ao christianismo nascente.

Ao contrario é muito exacto que a invasão do platonismo foi que deu á religião christã essa metaphysica obscura, que a deturpa, e que é uma antithese do pensamento de seu fundador.

Pódem-se hoje manejar os principios da mais solida philosophia sem ter lido uma só phrase de Platão. Porém, saber o evangelho, penetrar-se do evangelho é a condição de todo o progresso e de toda a luz que illumina a face das gerações actuaes.

Platão é hoje apenas uma palavra impotente da erudição philosophica, e ainda muitas vezes destituída de senso.

Mas onde quer que haja um banquete em nome das grandes ideias humanitarias, Jesus occupa a cabeceira da mesa e distribue o pão celeste das delicias ineffaveis.

Entretanto, o christianismo em seus principios, será o desenvolvimento de algum germen aquecido no seio de Israel, ou nada terá de commum com os factos precedentes dessa nação vigorosa?

Não entramos em detalhes; nossas vistas são geraes; damos como incontestavel que nos tempos anteriores á era christã, havia entre os judeus homens celebres, não menos pelo espirito, do que pelo character.

Deste grupo magestoso que vinte seculos não deixam vêr e distinguir atravez da neblina do horizonte, sobresahem todavia dous nomes que a historia não esqueceu de todo.

Queremos fallar de Hillel e de Schammai, doutores phariseus que exprimem por suas tendencias o que podiamos chamar em linguagem moderna o liberalismo e o conservatismo daquella epoca nas doutrinas pharisaicas. Hillel com effeito era um rabino liberal, que attendia sómente ao espirito da lei, que visava sobretudo o fundo moral das acções, dando pouca importancia á lettra e á fórma. Schammai, ao que parece, era um legista agarrado ao formalismo, inimigo das ideias amplas e novas em materia de interpretação legal. E' o que explica as luctas que entre elles houve.

Em razão mesmo do seu systema, Schammai não podia elevar-se á altura dos grandes pensamentos e sentenças moraes, que aliás a tradição attribue ao phariseu liberal.

As palavras que deste se conservam encerram alguma cousa de analogo ás proprias ideias de Jesus.

« Imitai os discipulos de Arão, dizia Hillel aos seus discipulos, amai a paz e a concórdia e não deixeis de estudar a lei. » (14)

A um moço que lhe pedia um resumo das prescripções legaes, elle respondeu : « o que queres que façam, faze-o

(14) Ewald—*Geschichte, etc. etc.* —t. 5, pag. 34.

tu mesmo aos outros ; eis o summario da lei ; tudo mais é apenas uma consequencia e uma applicação. » (15)

Não ha duvida que muitos outros espiritos da mesma tendencia existiram naquelles tempos ; mas os formalistas estreitos da escola, ou, como então se dizia, da *casa* de Schammai, que se esforçaram por apagar os vestigios da doutrina dos Hillel e dos Gamaliel, no pensar do Dr. Geiger, conseguiram obliterar mesmo os nomes de todos os outros. (16)

Ao passo que Schammai, como diz Ewald, era esteril de pensamentos livres e palavras fortes (*unschöpferisch in freien Gedanken und schlagenden Worten*), o rabino liberal sabia suspender-se em nobres aspirações moraes que são como um presentimento do evangelho.

Mas na opinião do citado escriptor Hillel, antes de tudo, era um chefe de escola (*Schulhaupt*) e um sabio. Sua historia é muito instructiva para dar a conhecer a sciencia pharisaica em suas profundas tendencias e amplos desenvolvimentos, considerando-a do mais alto ponto, a que ella poude elevar-se. (17)

Não é facil porém destes factos tirar um argumento poderoso que legitime a ideia de uma filiação intellectual de Jesus em Hillel. O perfume que trespallam as palavras do moço filho de Deus, é de uma doçura que embevece o coração e delicia o pensamento.

IV

Não eram sómente os phariseus que occupavam n'aquelle tempo, com suas doutrinas e suas luctas internas, as attensões populares.

Havia tambem outras escolas que representavam ideias antagonicas ao ensino pharisaico.

Afóra os esseniienses, cuja influencia social era quasi nulla, cumpre mencionar os sadduceos que por suas vistas

(15) Gfrerer *Das Jhrundert des Heils*—t. 2, pag. 236.

(16) *Urschrift und Uebersetzungen der Bibel*, pag. 158.

(17) *Obra citada*.—t. 5, pag. 38. 47.

essencialmente praticas, por seu caracter demasiado positivo, constituíam menos uma escola do que um partido politico.

E' verdade que elles tinham pontos de doutrina bem determinados ; donde provinha a completa divergencia com seus adversarios.

Não admittiam, por exemplo, a immortalidade da alma, nem a resurreição dos corpos, fundando-se em que taes cousas não foram ensinadas por Moysés. Da mesma fórma repelliam todas aquellas ideias que os doutores da Lei tinham enxertado sobre o antigo hebraismo, e as que foram tiradas, por inducções mais ou menos legitimadas, das declarações contidas nos livros santos, como a anjelologia e a demonologia das escolas pharisaicas. (18)

Não se pôde, contudo, aventurar a ideia de que os sadduceos fossem homens de sciencia.

As questões que elles accendiam diziam respeito á pratica e aos interesses da vida social.

E' assim que um dos motivos da lucta, segundo Ewald, foi, como meio de dominio, a suprema sacrificatura (Heiligherrschaft). (19) E nesta pretensão triumpharam os sadduceos que quasi sempre exerceram o poder.

Deste modo chegaram a formar uma aristocracia judaica. Anaz e Caiphaz pertenciam á sua classe. Os phariseus porém constituíam uma especie de puritanos e dissidentes, *vis-à-vis* dos sadduceos que, no sentir de Geiger, poderiam ser comparados aos episcopaes. (20)

Os esseníenses, na vastidão do seu deserto e do seu espirito, não deixavam que soprassem as auras impuras de quaesquer ambições terrenas. Almas sedentas de intimos gosos celestes, e espectros solitarios e radiantes de uma sabedoria selvagem, approximavam-se talvez da grandeza de Platão, sem ser ridiculos como Diogenes.

Nem foram de todo perdidos os seus sonhos do deserto ; a solidão é uma vizinhança do céu onde se escutam harmonias inauditas e se fazem revelações deslumbrantes.

(18) Nicolas—*Doctrines religieuses des Juifs*—pag. 85.

(19) *Geschichte etc.*, etc.—t 4;—pag. 495.

(20) *Urschrift und Uebersetzungen del Bibel*—pag. 104.

Na opinião dos homens competentes, os encantos metaphysicos da gnose e da Kabála que, ao nosso vêr, valem muito mais do que se pensa, descendem daquelle grande tronco solitario. (21)

Além destas diversas seitas que acabamos de referir, como as mais salientes, a historia ainda faz menção de alguns nomes que traduzem nobres ideias e elevados sentimentos.

O mais notavel é o de Judas Galeonita, chefe da escola dos zelótas (Eiferer-Schule). (22)

Não era decerto um homem de sciencia; era um revolucionario que chamava seus irmãos ao combate para repellirem o jugo estrangeiro.

De origem pharisaica liberal, estes espiritos ardentes a bem da propria causa, levavam o seu liberalismo até ao emprego dos meios perigosos.

E não sabemos se são dignos de admiração, ou de lastima, esses tempos vetustos em que o punhal dos amantes da liberdade passava quináns de vigilancia, dava lições de briosa rectidão ao gladio preguiçoso da justiça divina!

Foi no meio desta fermentação intellectual e moral da sociedade judia que n'uma hora de azulamento universal, n'uma hora de mansidão divina, appareceu Jesus de Nazareth. Não cabe em nosso estreito plano discutir conjecturas e apreciar hypotheses sobre os primeiros annos do filho de Maria e o lugar de seu nascimento.

Seja embora legendaria, como dizem, a narração evangelica que fa-lo ter nascido em Belem, por amor de uma prophecia, ou por imitar uma legenda semelhante relativa a Abrahão, (23) não duvidamos, todavia, acceitar a tradição mais seguida neste ponto, e ainda não desmascarada pela critica moderna.

Nem isto, a nosso vêr, confirma ou infirma as pesquisas ultteriores sobre a obra e o character do grande reformador. O que nos importa mais saber é em que fonte

(21) Baur—*Die christliche Gnosis*—pag. 72.

(22) Ewald—*Obra citada*—t. 5—pag. 46.

(23) Beer—*Leben Abraham's nach Auffassung der jüdischen Sagen*; citado por Nicolas — *Les Evangiles apocryphes*.

hauriu Jesus os principios crystallinos de sua doutrina. Não basta reconhecer no pharisaismo liberal, de que já fallámos, alguns antecedentes do movimento christão.

A observação que verifica os pontos de contacto e semelhança, não dá direito a uma indução legitima a respeito do modo preparatorio do ensino do Senhor.

O que ha de menos dubio é que Jesus não fliou-se em escola alguma. Nem se comprehendera, de outro modo, o espanto causado por suas palavras aos seus contemporaneos. (24)

Segundo refere Ewald, (25) havia então em Jerusalem uma alta escola destinada aos doutores da Lei (Gesetzeslehrer). Porém Jesus nunca a frequentou; e o testemunho que o sabio allemão invoca para prova-lo, é o cap. VII, 15 do evangelho de João, onde se lê: *Et mirabantur judæi dicentes: quo modo hic litteras scit, cum non didiceret?*

Não só nesta, como em outras partes dos evangelhos, encontram-se de feito sobejas provas de que Jesus não formara a sua educação legal em semelhante meio. Dissemos *educação legal*, e a palavra é justa; porque a sua educação moral só poudo ser formada e bebida no proprio seio de seu Deus.

V

Modernos escriptores judeus que, não obstante as luzes da sciencia e as modificações produzidas no espirito da raça pelas enchentes de dezoito seculos, conservam-se ainda em attitudo hostile ante o fundador do christianismo, não duvidam empregar todos os meios para attenuar-lhe a importancia.

Alli é um que procura justificar com os principios da Lei mosaica mesma a condemnação de Jesus. (26) Aqui é outro que, não vendo nelle mais que um rebento do tronco

(24) Math. — VII, 29 — Marc. — I, 22.

(25) *Obra cit.* — t. 5. — pag. 250.

(26) Joseph Salvador.

phariseu liberal e revolucionario, julga muito natural que elle fosse, como foi, esmagado pela clava romana. (27)

Não discutiremos taes opiniões. Mas poderemos observar que estes e outros juizos atirados ao ar respiravel dos amantes da verdade, conseguem apenas provar que os escriptores judeus defendem mal a sua causa. Ganhariam muito mais, se, menos prevenidos e rancorosos, não tentassem negar ao seu grande compatriota, como a um estrangeiro, os meritos sublimes que o elevam a cima de todos os reformadores.

Para impugnar a transcendencia moral de Jesus, já houve quem dissesse que o *sermão da montanha* corria as ruas de Jerusalem, muito antes que elle o tivesse pregado. Mas esta consideração não tem de certo o valor que se lhe quer dar.

Como factio historico, não deixa de ser bem conjectural e hypothetico; pois que faltam sérios testemunhos a respeito.

Como argumento, não offerece melhores garantias; parece ter o defeito de não poder generalizar-se, ou de provar de mais. Não seria pois fóra de proposito, para diminuir a luz de um renome, affirmar, por exemplo, que a doutrina da immortalidade da alma corria as ruas de Athenas, antes que Platão escrevesse o *Phedon*; que a theoria do *bello* radiava no céu da Grecia e conservava nos espiritos a flor sempre aberta de uma alegria eterna, muito antes que Platão escrevesse o *Hippias*.

Que deducção tirar d'ahi? Nenhuma que offendesse a gloria do philosopho.

Mas podem objectar-nos que não ha paridade, visto como em Platão existia de proprio aquelle encanto de lingoagem, aquelle surto de poesia, capaz de dar novidade e frescura até aos mais velhos e mais aridos assumptos. E' certo; mas não admittimos o que se suppõe dever concluir.

Jesus não era um philosopho, nem um poeta; estes epithetos, que por vezes se lhe applicam, são por demais impensados.

(27) Hypolito Rodrigues.

E' mister que não sejamos tão faceis em descobrir relações forçadas. As aventuras da ideia, sem serem menos arriscadas que as aventuras da acção, não fazem sempre muita honra áquelles que as emprehendem.

A duvida, este manto dos philosophos, nunca tocou nem de leve o moço filho de Maria: a loucura, esta corôa dos poetas, nunca cingiu aquella cabeça sublime, sempre rorejada de amor e mansuetude.

Renan que não é tão impio quanto querem, com a deliciosa doçura de seu estylo, disse que sobre a montanha de Nazareth, onde nenhum homem pode estar sem que as inquietitudes do destino se lhe agitem na alma, Jesus subiu vinte vezes, sem provar uma só duvida!...

A phrase é magnificamente exacta. Crêmos que com estas poucas palavras o celebre auctor da *Vida de Jesus*, ainda que cheio, como diz Ewald, de um verniz de superficialidade (*Oberflächlichkeit*), que é commum á toda educação catholico-franceza (*Papstlich Franzosischen*) (28), com estas poucas palavras, dissemos, prestou mais serviços á divindade do seu heróe, do que as narrações finaes dos dous primeiros *Synopticos*, relativas á *paixão*, onde deixam vêr nelle uns vislumbres de desanimo e pouca confiança em sua obra.

E de feito, se no espirito de Jesus, em occasiões tão apropriadas, nunca penetrou o sopro da menor duvida é justo que em nome da consciencia, em nome da psychologia, reclamemos para esse homem um lugar unico e soberguído a cima da humanidade.

O moço doutor da Lei, que sem ter sido discipulo, tornou-se mestre, e á primeira palavra que proferiu ante a multidão, embebeu de esperanças e consolações até as raizes da alma humana, se não deu, por felicidade nossa, ás idéias correntes de seu tempo o esplendor de um palavriado platonico, fez muito mais do que isso; aqueceu-as em seu peito, e mandou que ellas bebessem no seu coração o orvalho que as alimenta, e o aroma que as divinisa.

(28) *Geschichte des Volkes Israel*—t. 5º—pag. XXXVIII (Vorrede).

VI

A doutrina de Jesus foi uma essencia preciosa que não achou vasos capazes de guardal-a com toda sua pureza; vertida do coração e derramada em abundancia, no proprio seio dos escolhidos, ella tomou, desde logo, a côr terrena das fraquezas e das paixões humanas.

Debruçados sobre aquelle arroio de lagrimas divinas os homens não raras vezes, deixaram-lhe cahir gottas de fêl que puderam corromper-lhe a primitiva doçura.

Não é estranho que os mesmos discipulos immediatos que ouviram as lições do mestre, que se aqueceram de seus raios, estiveram, com a sua auzencia, prestes a dividir o reino de Deus, como outr'ora dividira-se o reino de Alexandre.

São bem conhecidas as luctas de S. Paulo com os outros apostolos, os quaes mal divisavam no christianismo pontos de separação e divergencia, em frente do judaismo. (29)

Nem se diga que essas luctas foram motivadas pelo facto do apostolo das gentes ser dotado de um caracter emprehendedor e opiniatico, dando ao ensino de Jesus que elle não tinha pessoalmente ouvido, uma fórmula diversa da que seguiam os seus collegas de Jerusalem.

Não foi elle o primeiro que se ergueu e proclamou a insufficiencia da Lei mosaica, em presença das novas ideias. Já Estevão tinha sido morto, por fallar do mosaismo, como de uma instituição velha e caduca. (30)

Por mais innegaveis que sejam as conquistas da sciencia biblica na região dos altos problemas, não podemos deixar de observar que a luz projectada sobre estes combates internos do christianismo nascente, não tem sido bastante para esclarecer o fundo de tão estranho phenomeno.

Só existe, a nosso vêr, uma inducção possivel : é que nem uns nem outros comprehenderam Jesus ; nem

(29) Renan—*Saint Paul*—pag. 81, 88, 290, 297 e *passim*.

(30) Baur—*Das Christenthum der drei erstern Jahrhunderte*—pag. 42 e 43.

uns nem outros devassaram todas as alturas do pensamento e todas as profundezas do coração do mestre. Se por um lado, com effeito, não se pôde contestar a S. Paulo o merito de ter aberto ao christianismo, por meio de seus heroicos esforços, o caminho da catholicidade, tambem é incontroverso que as asperezas de sua indole e o rigor de suas theorias não concorreram pouco para dar á religião christã uma tempera terrivel, uma fusão de aço e pedra, que pôde quebrar-se, mas nunca ser dobrada no sentido de accomodar-se ás necessidades do tempo.

«Os escriptos de Paulo, diz Renan, foram um perigo e um escolho, a causa dos principaes defeitos da theologia christã; Paulo é o pae do subtil Agostinho, do arido Thomaz de Aquino, do torvo calvinista, do jansenista cholerico, da theologia feroz que condemna e predestina á condemnação.» (31)

Feitas algumas reservas, ha nestas palavras um fundo de verdade incontestavel.

A analyse mais segura e perspicaz não chegou ainda a descobrir e separar com exactidão todos os elementos que fizeram corpo com as ideias christãs; de modo que, lavando essa porção de terra, só deixasse no fundo do vaso as particulas celestes do ensino de Jesus.

A prova está em que os proprios criticos entre si não são unanimes no juizo que fazem sobre as vistas e tendencias do joven reformador. Quando alguns se esquivam de tê-lo por um revolucionario, á guiza dos homens de 89, que teria acabado na guilhotina, como acabou na cruz, são taxados de orthodoxos por alguns outros que, como Huet, não acclaram melhor as questões, envolvendo-as, ao contrario, em um novo panno de conjecturas pouco admissiveis.

E cremos que não é de pouca importancia tal desaccordo em um assumpto essencial ao fim da critica. Serve ao menos para provar que não obstante o sem numero de trabalhos proficuos, a sciencia não sahio do seu primeiro periodo de investigação e de analyse; e que

(3) *Obra citada*—pag. 570.

além de algumas verdades adquiridas, sobre tudo relativas ao Antigo Testamento, ella não pôde ainda offerecer-nos a synthese final de todas as suas descobertas.

E' por isso que mal comprehendemos como Vacherot, usando do direito que lhe confere a posição de philosopho, em seu livro da *Religião*, poudé dar por acabada a tarefa da escola critica, quanto ás origens do christianismo e á pessoa do seu fundador, para erguer, livre de todo embaraço, uma theoria racional do principio religioso. E' mesmo notavel que o illustre metaphysico, na resenha historica da primeira parte da sua obra, não procurasse extrahir o succo dos escriptos mais profundos, dos mestres reconhecidos, para occupar-se, em maior escala com os criticos de segunda ordem.

Ao passo, que, por exemplo, refere apenas de passagem os nomes de Baur, Ewald, Reuss, Nicolas, consagra paginas inteiras á apreciação dos escriptos de Huet, Havet, Bouteville e outros que nem pertencem a escola alguma nem fazem escola.

Ora, existindo ainda, em grande parte, dispersas na atmospherá abafadiça de opiniões individuaes as moléculas sidereas desta sciencia elevada, as quaes um dia reunidas hão de formar o globo habitavel dos eleitos da verdade, não nos parece facil, nestas condições, tentar abrir passagem aos raios do pensamento, atravez de tanta nevoa em que se envolvem mil cousas desconhecidas.

O christianismo, segregado de tudo que não é elle, reduzido á fôrma simples que lhe dera o seu fundador, é a ultima expressão do que se chamava o *reino de Deus* (32).

Esta crença em um puro reino theocratico, realisavel na terra, data de bem longe na historia de Israel (33).

Iniciada por Moysés, mais erguida e espiritalisada pelos prophetas, ella chegou a constituir um systema messianico e escathologico, positivo e determinado.

Pôde-se dizer, sem medo de errar, que toda historia do povo judeu, em seu maior desenvolvimento é a *viagem*

(32) Ewald—*Geschichte des Volkes Israel*—t. 5.—pag. 121 e seguintes.

(33) *Idem*—t. 2.—pag. 4 e 5.

de uma ideia, que atravessa, anhelante e sem repouso, uma série innumeravel de espiritos sublimes, mas incompletos, até que se aninha emfim, tranquilla e satisfeita, no amplo coração de Jesus de Nazareth.

Segundo o sabio professor de Göttinge, o jehovismo (*gahvethum*), é um alto súrto (*Saz*) ; encerra um pensamento profundo (*Grundgedanke*) que naquella epoca e pela primeira vez, se ergueu da terra. (34).

Ora por mais claras que fossem as vistas de Moysés e dos prophetas sobre Deus, nenhum delles teve uma intuição tão viva e pura, como o joven rabino do *sermão da montanha*. E podemos dizer que, assim como na opinião de um critico excellente, o jehovismo é a mais perfeita fôrma do monotheismo, (35) assim tambem o christianismo original e primitivo é a mais perfeita fôrma do jehovismo.

Substituir, de feito, a noção de Deus considerado como poder immenso, grandeza immensa, invisivel e ineffavel, pela noção, mais apropriada á nossa fraqueza, de Deus considerado como pae bondoso, cuja vontade deve ser feita no ceu e na terra, e cujo reino começa pela perfeição moral dos homens ; é esta, cremos nós, a unica theologia, porque é a theologia do amor, que dissipando as tentações de sondar o incomprehensivel, descobre aos olhos da alma sequiosa o manancial, onde ella póde saciar-se de ternuras.

Temos lido em muito escriptor europeu, lettrado e erudito, que a theodicéa de Platão, tal era a força do genio, ponde quasi elevar-se á altura da theodicéa christã. Não perdemos esta occasião de apreciar o valor de semelhante asserto.

Se por theodicéa christã deve entender-se as poucas palavras que nos ficaram de Jesus a respeito de Deus, está claro que não ha tal semelhança, não é possivel até uma comparação.

Só quem nunca leu os Evangelhos e os *Dialogos* do discipulo de Socrates, póde cahir nesse engano.

(34) Ewald—*Obra citada*—t. 2.—pag. 157 e 158.

(35) Michel Nicolas—*Etudes critiques sur la Bible—Ancien Testament*—pag. 165.

D'entre os apóstolos o que deixou uma theologia completa disseminada em seus diversos escriptos, foi S. Paulo. Será della que se appproxima a theologia platónica?...

E' um disparate que o proprio auctor da *Republica* e das *Leis* repelliria ; pois que a metaphysica de Paulo tem uns trávós pantheisticos, bem fóra de seu gosto.

Sahindo dos tempos apostolicos, vamos encontrar os padres gregos e latinos, que, admiradores de Platão, não tardou que accomodassem a sua philosophia ao christianismo, por uma especie de consorcio, donde nasceu o que costumam designar por theodicéa christã, com que muito de certo se parece a theodicéa platónica.

Mas então é uma falta de senso. Dizer, neste caso e por taes motivos, que o grande philosopho se appproximou do christianismo, é dizer que Platão se appproximou de Platão. Que novidade!...

Estas e outras descobertas não são raras entre os ecléticos francezes.

VII

Bem quizeramos nesta marcha poder evitar a presença de uma questão que ahi vem ao nosso encontro.

Quem foi Jesus? homem ou Deus? Qual o vosso juizo? damos direito que nos perguntem, sobre este ponto capital da maior controversia do seculo.

Não temos a pretensão de incorporar á christologia critica um só átomo de novidade. Mas uma vez que chegámos á beira do abysmo, não tememos inclinar-nos sobre elle para ouvir a sua voz.

A divindade de Jesus não é uma questão que se levante em face de principios evidentes. Cremos que uma simples consideração basta para mostrar a fraqueza dos resultados attingidos por aquelles que a tem suscitado, sem comprehender que no fundo de todas as suas ideias jaz um erro primordial que inteiramente as vicia. Notámos com effeito que essa questão tenebrosa tem sido agitada, e muitos dão-na como resolvida, pelo meio mais

illogico e irracional que é possível empregar em taes assumptos.

Trata-se de saber se Jesus era Deus. Fôra mister que a ideia da divindade tivesse para os espiritos uma clareza inalteravel, que fosse, por sua evidencia, um principio de conhecimento que podesse servir de medida a qualquer conhecimento ulterior, para assim determinar-se o juizo que se fórma a cerca de Jesus.

Em outros e mais simples termos, se ninguem sabe ao certo quem é Deus, como se pôde ao certo saber que Jesus não era Deus?

Será que a pretendida sciencia da natureza e dos attributos divinos, a theodicéa estolida que tão mal se juntou á philosophia, para desacreditá-la e pervertê-la, tenha acceso as cem lampadas da verdade indubitavel no grande templo do Desconhecido, de cuja cabeça, como diziam os Kabbalistas, gotteja o orvalho que desperta os mortos e faz-os nascer para uma outra vida? . . . Será? Julgamos que não. Os philosophos tonteam na embriaguez da metaphysica; não querem menos que espremer as trevas e fazer brotar a claridade do seio da noite eterna.

A theodicéa é uma futilidade, a que só reunimos o attributo de perigosa. Nada encerra de evidente e incontestavel; tudo é vago, hypothetico e mal seguro. Onde é pois que se vai haurir uma noção completa e certa da divindade, para ser applicada á pessoa do fundadr do christianismo, e achar-se que lhe não convém? . . .

Se Deus é o que Platão ensinava, com todos os encantos de sua imaginação de artista, aos moços e ás rosas que o ouviam naquella escola de flores; se Deus é o que Descartes deixou determinado, com toda a sua frieza de geometra; e que transmittiu-se aos seus dignos herdeiros, chefes e sectarios do espiritualismo actual; se Deus é, emfim, o que geralmente ensinam todas as philosophias *aladas* que só se distinguem da poesia tanto quanto os corvos se distinguem das aguias; está claro que não se pôde dar ao Christo a categoria divina. Os criticos têm razão.

Mas partir de taes principios, explicitos ou implicitos, para chegar a tão alta e decisiva conclusão, é violar as

leis mais triviaes da logica, resolvendo o problema, com outro problema, dando como these o que é *hypothese*, como evidente o que está em questão, superpondo, em uma palavra, sombras sobre sombras para dar uma luz mais viva e pura! Causa lastima tanta aberração.

Entretanto não ignoramos os recursos de que ainda se pôde lançar mão, afim de justificar este immenso desatino. Se não podemos, dizem os philosophos, entre outros o proprio S. Thomaz, se não podemos, dizer de Deus o que elle é, podemos dizer o que elle não é. Firmada talvez neste principio caduco, a critica tem o direito de responder que Jesus não foi Deus, porque Deus não pôde ser homem.

A descoberta, neste caso, não seria nova; nem por tanto merecia que fosse aqui repetida. Mas o principio d'onde parece que deriva esse argumento velho e vulgar, não foi ainda lançado no chrysol de uma discussão séria. Tal principio é uma das muitas parvoices do *doutor angelico* e de outros que antes d'elle e depois d'elle trataram de theodicéa.

Para que podessemos dizer da divindade sómente o que ella não é, sem saber o que ella é, seria mister que conhecessemos todas as cousas e que o unico desconhecido fosse Deus. Só assim; conhecida a natureza e conhecida a humanidade, seria cabivel asseverar que Deus não pôde residir na natureza, como não pôde residir na humanidade.

Se porém não sabeis o que é o mundo, nem tão pouco sabeis o que é o homem, como tendes a pretensão de saber que Deus não pôde ser uma nem outra cousa?...

Notemos ainda um desvario. Nesses mesmos philosophos que escreveram tantos sonhos a respeito da divindade, não é raro encontrar, mil vezes repetido, que todo juizo negativo equivale a um affirmativo. Pois bem; respondam agora, estes dous juizos *Deus não é homem*, *Deus não é a natureza*, que são negativos, a que affirmativos equivalentem?..

Ei-la grudada de silencio a bôcca dos metaphysicos. Mas queremos conceder que nos repliquem: o juizo—*Deus não é o homem* equivale a este:—*Deus é infinito e perfeito*.

Logo, em primeiro logar, fica morto o principio de que só se pôde dizer de Deus o que elle não é, quando ahi se afirma a sua infinitude e perfeição. Dir-nos-hão porém, como unico recurso, que a infinitude e a perfeição só servem para negar que Deus seja finito e imperfeito, como o homem. Então, não só cáe por terra a theoria logica da equivalencia dos juizos, como ainda se commette o paralogismo de considerar inquestionavel o que aliás é problematico, a saber, a imperfeição da natureza humana em sua substancia, em seu fundo essencial, que nós não conhecemos.

Faremos uma ultima observação. Quando vemos a distancia que vae do Deus de Thales ao de Platão, que é, por sua vez, inferior ao Deus de Leibnitz, acode-nos á mente uma questão importante.

Rompendo a nevoa dos tempos que hão de vir e lançando as vistas além por cima de oitenta seculos, lá bem longe onde branqueia como uma nebullosa a *cidade do futuro*, não será possivel que o Deus de Platão e Leibnitz pareça tão grosseiro,quão grosseiro hoje nos parece o Deus de Thales ?!..

Respondam os philosophos. (36)

(36) Este escripto é de 1870, e foi publicado no *Americano* (Recife) n'aquelle anno; é, pois, um dos mais antigos do autor. Contém algumas idéas por elle depois abandonadas. (Nota de S. R.)

IX

Os livros mosaicos, ou assim considerados

A crença que attribue a Moysés o Pentateuco não merece actualmente uma discussão em regra. Seria mesmo uma prova de atrazo querer ainda neste ponto provocar a orthodoxia. No dominio da critica biblica, ha tambem verdades adquiridas que devem formar o capital da sciencia. Em outros termos, e como diria um discipulo de Comte, este ramo de conhecimento é capaz de positividade. Se os criticos entre si não se harmonizam a respeito de uma ou de outra questão, é isto menos devido á fraqueza das soluções propostas, do que a um gosto exagerado de innovar e contradizer. Eu não ignoro que da luta, dos systemas, do embate das conjecturas, póde sahir muita luz. Porém noto que não haja nos escriptos dos livres exegétas uma certa unidade de vistas, mesmo em materia relativamente clara.

Assim, não me parece razoavel a divergencia de opiniões que ainda vagueiam ácerca da formação do Pentateuco. Este importante problema, o qual tem sido objecto de serios estudos, ou já se acha resolvido, ou é mister desesperar de qualquer nova solução. Nem vejo que se possa mais penetrar no intimo de um assumpto, e arvorar em torno d'elle maior numero de razões plausiveis, do que fel-o Ewald em sua grande *Historia do povo de Israel*. (1)

Foi em 1823, na idade de 20 annos, que pela primeira vez esse eminente allemão se reuniu aos luctadores terri-veis do seu paiz na peleja suscitada contra os livros sagrados dos Hebreus. E desde então, não deixou de aprofundar e revolver tão arduas, quão attrahentes questões. Na obra mencionada, onde se acham os resultados definitivos

(1) *Geschichte des Volkes Israel*, I, pag. 94 a 193.

de suas pesquisas, o sabio professor da universidade de Göttinge apresenta o seu systema, cercado de todas as garantias de uma sciencia acabada.

De bom grado admittiria que se lhe pudesse notar um pouco de exaggeração em algumas de suas ideias. Isto porém não infirma as convicções que elle produz.

Os trabalhos da critica sagrada, em relação aos livros ditos mosaicos, já são tantos, que offerecem materia para uma historia. Mas eu me julgo dispensado de narrar-a. Sinto-me sem força e tambem sem necessidade de fazer o que está feito e posto ao alcance de todos.

Graças a um illustre critico francez, é facil, de momento, apreciar as differentes evoluções por que tem passado a controversia. Quero fallar de Michel Nicolas. (2) Este autor, que expõe com clareza e com sciencia os diversos systemas creados para explicar a origem da primeira parte do Antigo Testamento, sustenta por sua vez, um que lhe é proprio. Mas diante da explicação recente dada por Ewald, M. Nicolas tinha sem duvida uma tarefa difficil a cumprir: era combater as hypotheses do critico allemão. Foi feliz em semelhante empresa?.. E' o que importa saber. E tal será o objecto do presente estudo.

O Pentateuco e o livro de Josué formam para Ewald um todo, a que elle dá o nome de grande livro das origens (*Das grosse Buch der Ursprunge*), ou historia dos primeiros tempos (*Urgeschichte*.) E' esse todo de um character pouco homogeneo que o critico busca reduzir aos seus mais simples elementos.

Notemos logo, em principio, que o nosso auctor não é dos que dissimulam as difficuldades do trabalho emprehendido. Elle sabe e confessa que em assumptos de tal natureza, « deve-se ter a maior cautela, como primeira condição de um recto conhecimento. » Mas tambem se apressa em observar que as pesquisas respectivas não podem ser evitadas, se é que não se pretende renunciar a quaesquer vistas exactas no que toca á antiga historia.

(2) *Etudes critiques sur la Bible. Ancient Testament.* 1 vol

Cumpre pois esgotar, quanto possível, as fontes existentes. Já se vê qual deve ser o methodo empregado pelo auctor. Se o fim da critica é descobrir o modo mais provavel, por que tiveram origem as peças diversas, que constituem os livros sagrados, não vejo que possa attingil-o, sem descer a numerosos detalhes.

Ewald reconhece que ha dispersos nos primeiros livros do Velho Testamento, bem como no livro de Josué, e mesmo no dos Juizes, certos pedaços de uma antiguidade remotissima. Estes pedaços não existem por si; deviam fazer parte de outras obras, grandes, ou pequenas que são desconhecidas. Assim lê-se em *Josué*, XVII, 14, 18, um fragmento da mais antiga escriptura historica, a todos os respeito, digno de nota. « A exposição narrativa, diz o philologo, mostra-se nelle como que ainda balbuciante. E' uma prosa pezada e dura como a pedra. » Ora, é crível que esse curto fragmento pertencesse a um escripto de maior vulto. Qual porém seria a obra historica, de data mais longinqua, logo depois de Moysés e Josué da qual elle fizesse parte? A conjectura vêm supprir a falta de dados evidentes. Em *Numeros*, XXI, 14 falla-se de um *Livro das batalhas de Jehovah*. Segundo o modo por que vem este livro citado, e pelo proprio sentido das palavras mencionadas, bem se divisa o que podia ser. O titulo mesmo conduz o espirito a formar uma ideia dos carmes de victoria, que celebravam as conquistas do povo eleito. E' possível ajuizar de sua natureza e de sua extensão, pelo que se lê no cap. V dos *Juizes*. A reunião desses antigos cantos, semi-selvagens e impetuosos, acompanhados pelas harpas do deserto, é natural que não se limitasse ás simples explosões do entusiasmo guerreiro. Podiam n'ella tambem guardar-se outras memorias do tempo. O fragmento referido da vida de Josué, deve ter pertencido a essa especie de collecção. Do mesmo modo, o velho canto paschal, *Exodo*-XV--1, 18.

E pois ahi temos, conforme o systema de Ewald, a primeira peça historica, de que faziam parte varios pedaços de um sabor vetusto; os quaes se encontram em diferentes logares do Pentateuco. E' o *livro das Batalhas de Jehovah*.

M. Nicolas, expondo as ideias do escriptor allemão, menciona tambem um *Livro das victorias sobre os Amalecitas*, do qual parece que Ewald não se lembrou. Porém creio que houve engano da parte do critico francez. O texto citado — *Num. XVII, 14* — não attesta semelhante cousa. Ali se lê o que Deus disse a Moysés:

« Escreve isto em um livro, por monumento, e faze chegar aos ouvidos de Josué que eu apagarei sobre a terra a memoria de Amalec. »

Não vejo que taes palavras se prestem á hypothese de uma obra especial, destinada a celebrar a guerra com os Amalecitas. E' mais provavel que o livro no qual Deus mandou Moyses escrever, seja o mesmo das *Batalhas de Jehovah*.

Este primeiro ensaio historico não é o unico, de que se possa admittir a existencia real. Ha motivos para suppor uma segunda peça, mais bem acabada que a precedente, e na qual já se nota algum progresso no modo de narrar. Posto que menos antiga, ella deve ter sido feita nos tempos immediatos á morte do propheta do Sinai. Não ha indicios de que esse escripto fosse além de uma biographia do grande legislador.

« Moysés e seu tempo, diz Ewald, ainda aqui nos apparecem, por todos os lados no meio da mais viva luz: não existe outra obra conhecida que offereça uma pintura mais detalhada e mais familiar daquella época, em linguagem mais terna e transparente do que se acha nestes fragmentos. Infelizmente são elles muito poucos. » (3)

(3) *Geschichte der Volkes, Israel* — I, pag. 102 e 103 (Aqui findo a manuscrito que é de 1870) Como o leitor vê é o começo de um estudo sobre a formação do *Pentateuco*. Apesar de não passar de um simples fragmento, o insirimos aqui por ser mais uma prova da constante pre-ocupação do auctor pelos assumptos de critica religiosa. (Nota de S. R.)

X

O dia de Camões

Com os heróes da humanidade, com aquelles a quem coube a tarefa herculea de representar dignamente qual-quer dos lados brilhantes da natureza humana, dá-se o mesmo, exactamente o mesmo que com os festejados heróes da velha Igreja : o dia em que nascem não é mais fausto e glorioso do que o dia em que morrem. O nascer e o morrer mal se distinguem, se é que alguma distincção existe entre o momento expressivo, no qual o elemento divino de uma nacionalidade, o verdadeiro espirito de um povo se faz homem, e o não menos soberbo momento, em que esse homem se faz deus ! . . . Nós hoje testemunhamos, sob a garantia de tres seculos de admiração e preito incessante, a esplendida confirmação de uma destas apotheoses.

A gratidão, já houve quem dissesse, a gratidão é a virtude da posteridade. O asserto é incontestavel, como expressão de um facto conhecido, ainda que sempre estranho e pasmoso, qual é por certo o pungente espectáculo, offerecido pela historia de todos os povos que têm uma historia, de ser quasi sempre reservada aos posteros a missão nobilitante de lavar a mácula dos seus antepassados, honrando virtudes que elles desprezaram, glorificando grandezas que elles não comprehenderam. Porém não basta estabelecer o facto ; é preciso subir á concepção da lei. Não basta dizer que a gratidão é a virtude da posteridade ; é mister accrescentar que só a posteridade, sómente ella, póde pagar o tributo devido ao merito dos grandes homens. E' o effeito de uma lei historica, pela qual homens representativos, por isso mesmo que elles são a somma do trabalho evolucional de muitas gerações, não podem ser comprehendidos, e tão pouco apreciados por aquelles de que fazem parte.

« O genio, diz Schopenhauer, é demasiado raro para encontrar com facilidade seus iguaes, e muito diverso dos

outros, para ser seu companheiro. » Dahi o isolamento, com o isolamento a tristeza, com a tristeza a inacção, com a inacção a miseria. A luz do genio é sempre incommoda aos olhos dos que de perto e face a face a contemplam.

E nesse sentido, são dignas de repetirem-se as palavras de Chamfort: Il en est de la valeur des hommes comme de celle des diamans qui, à une certaine mesure de grosseur, de pureté, de perfection, ont un prix fixe et marqué, mais qui, par de là cette mesure, restent sans prix, et ne trouvent pas d'acheteur. O poeta Luiz de Camões possuia esse valor.

A occasião é chegada de absolver Portugal da culpa que se lhe argúe, pela morte obscura e mesquinha do maior vulto das suas letras, do unico busto não estragado nem inutilisado pela mão do tempo na sua vasta galeria de heróes. A geração, que viu Camões, não estava no caso de render uma homenagem, que tres seculos posteriores não poderam esgotar, não deram por acabada. «In quello stesso tempo, diz Luigi Settembrini'... che il Tasso era chiuso fra i mattei nell'ospedale de Ferrara, nell' ospedale di Lisbonna moriva mendico um vecchio soldato portoghese, il poeta Luigi de Camoens: questi due sventurati erano nel seculo gli uomini piu grandi delle loro nazzione»: Eu não reclamarei para o portuguez a precedencia do infortunio, nem quero tambem contestar que fossem justamente os dous infelizes os maiores homens de suas nações.

Mas, mesmo assim, é licito observar que o cantor de Armida, além de pisar o mesmo sólo que pisaram Savonarola e Giordano Bruno, além de já encontrar circulando por toda Italia o capital de ideias novas, accumulado em Florença por Lourenzo, il magnifico, e mais tarde na côrte dos papas por Julio II e Leão X, teve a sorte de conviver com espiritos de alta esphera; e na propria côrte de Ferrara poudo elle contemplar, na pessoa de Olympia Morata, todos os esplendores da sciencia do tempo.

Na disputa provocada pela *Gerusalemme*, com Leonardo Salviati e Bastiano de Rossi, já via-se figurar um Galileu Galilei...

Mas o cantor de Ignez de Castro, mas o velho soldado portuguez que é que teve em torno de si? Quasi ninguém.

Posto que legitimo filho da Renascença, que fôra, na bella phrase de George Sand a resurreição da carne, Camões não encontrara, não pudera encontrar no ambiente patrio as facilidades, os incentivos, os impetos e arroubos da paganica vida italiana de então.

A atmospheria politica e social portugueza podia ser bem favoravel ao arfar de um peito de soldado; mas não era das mais aptas para fazer resoar o coração de um poeta. Comprehende-se portanto de que tamanho deve ter sido esta alma de guerreiro, que excede a sua epoca e o seu paiz, que excede-se a si mesmo, para legar á patria o mais rico monumento de suas glorias, a famosa epopéa dos Lusíadas, esse livro que vale cem batalhas, ainda mesmo coroadas de victorias e conquistas.

Camões foi um solitario, e da mais triste das solidões: a solidão do pensamento. O seu contemporaneo Ronsard, morto cinco annos depois d'elle, Ronsard, o reformador, o revolucionario das lettras, escreveu uma vez o seguinte:

«Aujourd'hui pour ce que notre France n'obeit qu'à un seul roi, nous sommes contraints, si nous voulons parvenir à quelque honneur, de parler son langage.»

Entretanto a Camões não coube igual destino.

As côrtes de João III, de Catharina e Sebastião não eram taes, que tivessem uma linguagem sua, e os grandes espiritos se vissem constrangidos ao uso d'ella. Pelo contrario, o poeta houve mister de crear uma propria. De crear!... Dir-se-hia uma exaggeração; mas não o é.

Dar a uma lingua, como fel-o o épico portuguez, uma feição accentuada e caracteristica, esculpturar, por assim dizer, nas fórmulas eternas da poesia, vasar em moldes homericos uma das phases do seu desenvolvimento, é ainda um modo de creação, é creal-a segunda vez. Qualquer que seja a sua procedencia, e o seu modo de herança e adaptação, a lingua é um d'aquelles bens, de que falla Göthe, que, mesmo herdados, devem ser de novo adquiridos, para se possuir. Ninguém melhor que Camões

adquirio de novo esse bem, herdado de seus pais, a fim de possuil-o, e tornar-se com elle e por elle o immorredouro pregão do *ninho seu paterno*. Na festa secular do natalicio de Schiller em Novembro de 1859 dizia Jacob Grimm: «Quem estuda e perscruta a historia deve reconhecer a poesia como uma das alavancas poderosas para a elevação do genero humano, como uma exigencia essencial do seu impulso e do seu progresso.

Porquanto, se a lingua propria de um povo é o tronco, em que se manifestam e se expandem todos os seus dotes interiores, é só na poesia que desabrocha a florescencia do seu crescer e do seu prosperar.

A poesia é aquillo, não só por cujo meio a lingua se nos torna cara, mas tambem em que ella se afeiçoa e se entumece, d'uma especie de aroma espirital, que della resumbra.

A lingua de um povo que não tem poetas estaca e começa pouco a pouco a fenecer como o povo mesmo, a quem não coube em partilha esse enthusiasmo: fraco e retrahido elle apparece diante dos outros que gozam dessa delicia. O poeta é, pois, aquelle em quem se exprime e se encarna a natureza completa do povo, a que elle pertence, é como o genio no qual a posteridade o encara. >

Estas palavras assentam em cheio no vulto grandioso, cuja memoria hoje se festeja. Todos nós sabemos o que é e o que vale Portugal pelos *Lusiadas*; é, porém, difficil de imaginar o que seria Portugal sem elles...

Conta-se de Kossuth, o celebre hungaro, que no anno de 1849, em chegando a Londres, cauzou pasmo geral pela magistral facilidade, com que fallava a lingua do paiz; augmentando ainda mais o enthusiasmo com a singela declaração de que havia bebido o seu inglez sómente em Shakespeare!... Eu não sei se os ha; mas não seria para admirar que estrangeiros tambem houvesse, que haurissem o seu portuguez... sómente em Luiz de Camões.

Este unico ponto de apreciação do poeta, quando tudo mais ficasse de parte, seria sufficiente para explicar e justificar o preto que lhe rendemos.

Nós outros, filhos da America, nós outros brasileiros, que iniciámos a nossa vida intellectual nos fructos da vida intellectual portugueza, não fazemos mais do que cumprir um dever de homens cultos, pagando ao vate portuguez, ao primeiro cantor da civilisação moderna, o tributo a que tem direito. E depois de ajoelharmo-nos diante da sua imagem, oxalá possamos reforçar com tão nobre exemplo o sentimento da grandeza humana, guardando no peito, como impressão do phenomeno, a convicção sincera de que, como disse Schiller :

De todos os bens da vida
A gloria é o mais alto bem,
O corpo ha muito que é poeira
E o nome echôa ainda além !... (1)

(1) Este pequeno e bello artigo foi escripto, em 1880, por occasião do centenario do poeta dos *Luziadas*. (N. de S. R.)

XI

Carlos Gomes e a sua opera «Salvator Rosa»

Julho de 1882.

I

Não me proponho, fique isto logo assentado, escrever uma cousa que tenha feição de estudo critico sobre a obra mencionada do maestro brasileiro.

Para que possam ser devidamente julgadas, as *partituras* tambem se estudam, tambem precisam de ser submettidas a um processo regular de reflexão e de analyse.

Dizem-no os competentes, que não cessam de illustrar o preceito com o exemplo. Mas esse ingrato mister de apreciar as bellezas ou os defeitos de uma *opera* no silencio do gabinete, nem eu me sinto com forças para cumpril-o, nem, dado mesmo que as forças me não faltassem, teria tempo e gosto bastante para executal-o.

Além disto, não estou longe de pensar com o meu Settembrini que... *i critici che vollero ragionare sul melodramma diedero in molte sciocchezze, e chi fece qualcher osservazione sennata non fu ascoltato*. Guardadas as reservas, eu continuo a julgar dos productos musicaes, não segundo a lettera de um frio programma philosophico, mas segundo as impressões, mais ou menos profundas, que elles me causam.

As relações que mantenho com a musica, não são de *pura intuição*, mas ainda de caracter *pathologico*: enthusiasmo-me, apaixonno-me por ella.

Não comprehendo aquella especie de serenidade celeste, com que Hanslick pretende que o *bello musical* deve ser contemplado.

Se é exacto, e eu não contesto, que a musica não existe para servir de *meio* a outra qualquer arte nem tem por fim suscitar sentimentos da ordem moral, é igualmente

indubitavel que muitas vezes, mau grado mesmo dos auctores, ella assume funcções alheias, e um pedaço de bella musica, se não produz, ao menos *lembra* a emoção produzida por objectos que não são estrictamente musicaes: um quadro, uma poesia, uma campina em flor, e até mesmo uns bellos olhos, que nos fallaram.

A musica não é directamente *representativa*, mas pôde-se dizer que ella o é indirectamente, por força de uma *associação*, não de ideias, porém de sentimentos; processo psychologico este apenas presentido e ainda não analysado.

Seria ao certo um desproposito affirmar, por exemplo, que esta ou aquella phrase da opera de Bellini ou Donizetti é a expressão determinada do amor, do ciume, ou de outra qualquer paixão, que tem um nome proprio na linguagem e um caracter distincto na consciencia.

Mas isto não exclue o seguinte facto, que aliás até hoje não tem sido estudado: assim como a physiologia conhece os *movimentos consensuaes*, é natural que na psychologia tambem exista uma certa *consensualidade* das emoções.

E' em virtude destas *emoções consensuaes*, que a musica pôde ir muito além dos seus proprios limites e operar effeitos, que parecem estranhos á sua natureza.

E um dos signaes caracteristicos do genio musical está mesmo ahi: em despertar com uma só phrase, com um só accordo, um sem numero de sentimentos diversos, adormecidos no fundo da alma.

Ouvi um *Lied* de Schubert, *Suleika*, por exemplo.

Ninguém dirá que o componista quizesse produzir mais do que a simples emoção da belleza musical.

Entretanto, e por força daquella *consensualidade*, que mistura de prazer e de tristeza, que pensamentos de amor, que recordações, que saudades, ao entoarem-se as palavras:

*Ach, die wahre Herzenskunde,
Liebeshauch, erfrischtes Leben,
Wird mir nur aus seinem Munde,
Kann mir nur sein Athem geben!!*

Como se dá este *consensus* emocional, esta magica evocação de sensações diferentes ?

Eu não sei ; nem ha quem saiba.

Mas o facto existe ; e não só existe, como objecto de observação e de estudo, porém é tambem, a meu ver, a prova mais inequivoca da grandeza genial dos compositistas.

A respeito da musica e seus effeitos, já o fiz ver, o meu modo de pensar se confunde com o meu modo de sentir.

Não tenho nem sigo theorias ; o meu doutor é o meu enthusiasmo.

Ou seja defeito de raça, ou defeito de educação, se realmente é um defeito, a verdade é que o meu ponto de vista está de accordo com o do grande patriota e pensador italiano, que diz : « Si, andate á teatro, udito la Norma cantata da Maria Malibran, e poi pensate ai critici se potete. La gente non ragiona più, esce dal teatro, accende i torchi, riconduce trionfante la donna a casa, e va ripetendo per le vie quell'armonia che ancora risuona nell'anima. »

Como se vê, é o ponto de vista do frenesi e da loucura.

A minha philosophia musical não renega esta sua origem.

Dado, porém, de barato que os theoreticos tenham razão, e que seja mistér, em todo caso, filiar-se n'esta ou aquella doutrina, já feita e assentada, que dispensa qualquer nova indagação, em tal hypothese, eu matriculo-me na escola de W. Ambros ; e admittindo com este critico allemão, como phases evolucionaes, uma *musica da forma*, uma *musica da alma*, uma *terceira do espirito*, e finalmente outra da *palavra solta*, não hesito entretanto um só instante em confessar o meu atrazo, pois a despeito de todos os thesouros e maravilhas das duas ultimas, ainda estou pela segunda phase, só comprehendendo a *musica da alma*.

II

Neste pé e antes que o leitor me peça contas da minha digressão, quero explicar-me a respeito della.

Aristoteles deixou escripto, para ainda hoje repetir-se, que a admiração é a causa da philosophia.

Ora, eu admiro o Sr. Carlos Gomes; logo nada mais natural, mais accetavel, nada mais aristotelico, em summa, do que philosophar um pouco sobre elle ou a proposito de sua pessoa. E philosophar quer dizer entrar n'uma ordem de considerações, que não são especialmente destinadas para o *album* do componista, nem feitas no unico intuito de seguir a corrente da moda, mas podem, ao certo, prestar um grande serviço e deixar bem accentuada a physiognomia do maestro, que até hoje as nuvens de incenso não nos têm permittido vêr em sua verdadeira expressão, em sua singela clareza.

O Sr. Carlos Gomes... Este *senhor* é de mais. Tanto yelera dizer, *cæteris paribus*, o *senhor* Gounod ou o *senhor* Richard Wagner. Um dos phenomenos communs aos homens notaveis é a perda dessa *senhoria* inherente a todas as *vulgaridades*, que sem ella, ao menos entre nós, difficilmente se distinguem dos escravos. Carlos Gomes, é o que eu ia dizendo, não dedignar-se-ha de desculpar-me, se uso aqui de uma franqueza, a que elle talvez não esteja habituado.

Julgo dever fazer-lhe a mais sincera confissão: um dos traços característicos da minha natureza é o odio ás *fables convenues*, ás phrases de effeito, aos estribilhos do dia.

Não presto a minha assignatura ao enthusiasmo que se formula, em estylo de caridosa subscripção, para glorificar-se em familia o nome brasileiro, do qual não tenho lá grandes motivos de ser orgulhoso. Pilatos perguntou a Christo: *quid est veritas*? Eu pergunto aos patriotas: *quid est patria*?

Até ao presente esta *deusa* não me tem querido apparecer, senão sob as unicas formas do *imposto*, que se me exige, e do *soldado*, que me faz medo.

E' natural, portanto, que esse velho idolo não occupe lugar no meu oratorio. Patriotismo é cousa que tambem diminue, acaba-se mesmo, a poder de decepções. Estou livre desta virtude, que peço perdão de já haver sentido e praticado.

Isso que Lessing chamava uma *heroica fraqueza*, tempo ha de vir, em que limitar-se-ha a ser simplesmente um objecto de estudo para os psychiatras, como uma nova especie de *mania sine delirio*, como uma *psychose*, como uma doença.

A prova é que hoje mesmo, ainda bem longe dessa phase final do amor da patria, não se apresenta, não ha um patriota, sincero, realmente sincero, que não seja mais ou menos um candidato ao hospital, como idiota, ou como mendigo. Uma cousa vale a outra.

Bem pôde aqui o leitor interrogar-me: a que vem isto? Muito a proposito, é a resposta. Desde que trato de Carlos Gomes, para cujos triumphos, entre nós, a par de uma admiração desinteressada, tem contribuido em igual escala o arroubo do patriotismo, eu que não sou patriota de velha tempera, devia declaral-o alto e bom som, afim de que, por ventura, não se attribuisse a um criminoso desconhecimento, de mim para com o genio, aquillo que é apenas o resultado de uma falta de febre patriotica.

Sem duvida, o pendor do character brasileiro, em geral, faz do patriotismo o que os francezes fazem do amor, na opinião de Taine, isto é: *non une passion, mais um joli festin, arrangé avec goût*, e muitos dentre aquelles mesmos, que ora entôam ao maestro os mais fervorosos hymnos, cantar-lhe-hiam, no mesmo tom e com a mesma cara, uma comprida *nenia*, caso o maestro se dignasse de fornecer-lhes ainda essa occasião de *brilharem*. Simples questão de pretexto e oportunidade para as aguietas quebrarem a casca e sahirem do ovo.

Mas é sempre um modo de servir á patria, e eu não me presto a isso.

Esta minha franqueza tem direito a uma descompostura, que ao certo não se fará esperar por muito tempo.

Schiller tinha razão de dizer que todas as artes são filhas do pueril e innocente *gosto de brincar*. Escrever

tambem é uma arte, a qual para mim, em mais de um ponto, substitue um dos meus predilectos brinquedos da meninice. Era bolir com as *vaccas paridas*, ou com os *carneiros marradores*. E o meu maior prazer consistia justamente em ver o animal atirar-se de corpo e alma contra mim, mas quando batia com a testa no tronco, já eu estava trepado na copa da *engazeira*.

Continuo no folguedo, sob fórma menos perigosa, mas igualmente aprazível. E' dar alfinetadas na vaidade de uma sucia de parvos, para rir-me da sua furia e dos seus insultos, que aliás me deixam illeso.

Eu disse que das quatro phases musicaes, indicadas por Ambros, só comprehendo a *musica da alma*. Por tal entendo e creio dever-se entender aquella que não nos causa sómente a pura impressão do bello musical, que é difficil de determinar, mas nos deixa sempre como que um sedimento de felicidade e bem estar, alguma cousa que se parece com uma flôr peregrina que se acaba de aspirar, ou com um primeiro beijo que se acaba de colher. Não comprehendo outra musica, senão essa, tão bem caracterisada nos seguintes versos da anthologia latina de Tucciani :

*Cantica gignit amor, et amorem cantica gignunt ;
Cantandum est, ut ametur, et, ut cantetur, amandum.*

E a não ser um desses philosophos bemaventurados, que senos affiguram taes, quaes se pintam os cherubins : cabeça aligera sem corpo, intelligencia sem coração, ninguém ha que seriamente deixe de admittir, mais ou menos, este modo de sentir e apreciar a musica.

Conta-se que, durante o concilio de Trento, para obviar as censuras levantadas pelos protestantes, se tratou em Roma de banir totalmente a musica das funcções sagradas.

Achava-se ahi então o celebre Luigi Palestrina (1529-1594), o qual supplicou a todos que não matassem a sua cara arte, que não commettessem aquelle furioso peccado, pedio a cardeaes e prelados que o ouvissem pela ultima vez, e fel-os realmente ouvir a sua *Messa di Papa Marcello*, que commoveu os crueis e salvou a arte.

O grande criticc, auctor do *Musicalisch-Schönen*,

para quem « quanto menor é a resistencia da cultura, tanto maiores são os golpes da força musical, que exerce por isso sobre os selvagens a sua mais forte influencia, » não acharia em semelhante facto um refutação da sua doutrina? Ou será que aquelles prelados e cardeaes fossem barbaros e incultos, ao ponto de deixar os sons plangentes do maestro influirem na sua vontade?...

Eu estou certo que ante um concilio de criticos e doutores musicaes, com a frieza dos seus raciocinios e o *apriorismo* das suas ideias o pobre Palestrina choraria em vão.

Mas tambem não hesito em pôr-me, neste ponto, do lado dos padres, ainda correndo o risco de passar por *um pouco selvagem*. Tirai da musica a parte commovente, a parte que me convida ao prazer ou á tristeza, um innocente prazer e uma tristeza doce, tirai-lhe essa parte, e eu não percebo nella mais do que a qualidade de um *ruido*, que não me incommoda, porém tambem não me agrada.

Tudo isto deve levar-me a um fim determinado.

Aqui está elle : a opera *Salvator Rosa* tem para mim o defeito de não impressionar-me lyricamente, segundo o sentido em que comprehendo a impressão lyrica.

Muita complicação artistica, e podia até dizer, muita *maestria* no plano architectural da obra, mas a isto, quasi só a isto, se reduz o seu merecimento.

Fallei de *plano architectural*, e o leitor não estranhe a apparente novidade da expressão.

Entre as muitas phrases, não mais do que phrases, com que se tem querido caracterisar a musica, figura eloquentemente a que lhe confere o predico de uma *architectura derretida*, para fazer contraste com a definição não menos exquisita, de F. Schlegel que chamou a *architectura* uma *musica gelada*.

O que eu quiz por tanto dizer foi que no *Salvator Rosa*, o elemento architectonico apparece mais como sujeito, e o musical como attributo...

A opera resente-se realmente de um pouco de frieza.

Cabe aqui uma pequena historia.

No tempo da maior florescencia do *hetairiato* na Grecia, quando brilhavam mulheres notaveis, como Laïs,

Diotima, Phryné e Mania, achava-se um dia em casa desta ultima, um grupo de moços athenienses a divertir-se e banquetear-se. A bella Mania distribuia espirito e sorrisos com todos os seus convivas.

O vinho espumava nas taças. Já nesse tempo se usava gelo no vinho ; e um e outro havia em abundancia. Eis que um dos commensaes, de nome Diophilo, poeta comico, sentio-se tentado a perguntar : oh? minha cara Mania, onde achas tanto gelo ?

« Não se incommode com isso, acudio a bella grega, quando o gelo me faltar, terei o cuidado de deitar nos copos os prologos das suas comedias.»

Eis ahi : não raros longos pedaços do *Salvator Rosa* prestariam o mesmo serviço.

Com todos os seus defeitos de primeiro trabalho, que são aliás compensados por outras tantas qualidades incontestaveis, o *Guarany* me parece dez vezes superior.

Bem diverso pôde ser o juizo do maestro mesmo.

Mas isto não importa. Em geral, os pais estremecem pelos filhos fracos e doentes, de preferencia aos fortes e sadios.

O que ha de certo, é que se o *Salvator* tivesse sido a sua primeira prova, o maestro não teria conquistado um terreno tão largo.

Estas minhas observações podem ser erroneas, porém são sinceras.

Ainda que contida dentro de certos limites, a minha admiração pelo componista não é menos verdadeira.

E seja como fôr, eu digo sem reboço : na galeria de *estatuas mutiladas*, que enchem o pequeno pantheon das notabilidades brasileiras, Carlos Gomes é um dos poucos *que tem nariz*, isto é, que tem uma feição propria, uma feição individual e caracteristica, adaptada ao nosso espirito e ao nosso estado de cultura.

XII

As ultimas representações do «Fausto»

Junho de 1882.

Com toda a minha predilecção pela musica e pela critica musical, sou obrigado a confessar que o *Fausto* nunca pôde produzir em mim uma emoção esthetica bem accentuada. Ha nesta opera, aliás tão celebre, alguma cousa que se me affigura como uma *parodia*, se não antes alguma cousa de ridiculo e extravagante, que pertence á primeira phase do desenvolvimento da *lyrica*.

Não subscrevo, é verdade, a opinião daquelles que julgam-n'a uma especie de affronta ao vulto olympico de Goethe, pelo simples facto de reduzir-se um dos melhores productos da poesia moderna a assumpto de *libretto*.

Semelhante consideração tem proporções de argumento que prova de mais. Quantos outros productos do genio poetico não se hão accommodado ás exigencias da opera, sem que com tudo se tenha levantado a accusação de menospreço dos respectivos auctores? Ainda que os exemplos não fossem em grande numero, bastaria unicamente o de Gluck, que não hesitou em pôr a seu serviço as tragedias de Racine, e não houve então quem se insurgisse contra a audacia do componista.

Mas tambem não posso associar-me ao grupo de elogiastas, que o *Fausto* teve a dita de suscitar, menos por effeito do seu merecimento, do que, digamol-o francamente, do que por ser, em ultima analyse, um *cosmetico* francez, uma cousa que veio de Pariz. Dizer que o *Fausto* não tem originalidade é enunciar um juizo commum, com o qual estão de accôrdo até muitos dos seus admiradores, que se limitam dest'arte a apreciar o que elles chamam um singular *eclectismo*, um poder de assimilação sem

egual. Creio, porém, que esse mesmo *eclectismo* não passa de uma phrase, com que se pretendem encobrir fraquezas, por outro modo injustificaveis. Nem sei como um critico da força do meu Hanslick, cedendo ao impulso de suas mal desfarçadas sympathias francezas, e como só para pôr-se em polaridade com a critica allemã, pode achar que Gounod não tem de certo a *euresis* musical, que as suas fontes são Weber e Meyerbeer, Auber e R. Wagner, mas descobriu-lhe com tudo uma faculdade *assimilatriz*, que quasi emparelha com o genio creador !... Não entendo este supremo gráo de differenciação. Assimilar é transformar, e de uma transformação bem difficil, quanto é converter o alheio em proprio.

Para dar-se assimilação é mistér que desapareçam todos os signaes de extranha origem; sem o que o pretendido assimilador não fica sendo mais que um *plagiario*, se é que melhor não lhe assenta o nome de *caricaturista*. E não será este o caso de Gounod ?

A falta de originalidade, que se lhe nota, quero crer que não é effeito de uma lacuna do seu talento, mas antes um resultado da influencia da epoca e do meio social. Beethoven deixou escripto : *dem Geist seiner Zeit nicht nachgeben; sonst ist es mit aller Originalitaet aus*; « não condescender com o espirito de seu tempo; de outra sorte perde-se toda a originalidade. » Gounod parece ter condescendido com esse espirito.

O *Fausto*, bem ponderado, pertence á especie das *offenbachiades*. De formas e dimensões mais nobres, sem duvida, porém sempre um individuo da especie.

Longe de mim, é bom que o declare, longe de mim a ideia de contestar ao componista francez as excellencias que lhe são inherentes. E' certo que, quanto a mim, pelo que toca á musica franceza, pôde-se em geral dizer dos seus auctores o que o celebre partidario de Masaniello, Salvatore di Rosa, disse dos principes, isto é, que...

*Son simili ai melloni,
Molti sciapiti son, pochi i perfetti*

Mas Gounod, em todo caso, e guardadas as proporções devidas, ficará no numero dos *pochi*. Uma cousa, sobretudo, é incontestavel: no *Fausto*, ainda que a esthetica seja quasi nulla, a technica é maravilhosa; dahi, por certo, a facilidade com que uma é tomada pela outra, e acaba-se por ter em conta de criação genial o que não vai além de uma habilissima combinação artistica.

O nobre auctor das *Lezioni di letteratura italiana* diz que o *melodrama* tem passado por... *tre momenti principali*. Il primo, continúa elle, di *confusione*, in cui la poesia era strana, la musica scomposta, e su l'una e su l'altra prevaleva il *fantastico apparato scenico*. Ora, se o predominio deste phantastico apparato foi um caracteristico do primeiro momento do drama lyrico, seria injusto affirmar que o *Fausto*, em mais de um ponto, está ao nivel da *Dafne*, da *Euridice* e da *Arianna*, que foram as primeiras manifestações da opera?

Não condemno que o diabo e outros typos mythologicos menos sympathicos sejam levados á scena; mas noto que o Mephisto de Gounod não tenha a *bossa musical*, pois canta pessimamente. O que aprouve ao componista fazel-o exprimir em sons, é sempre da peor qualidade. Porque razão? Haveria algum despropósito em pôr na bocca de Mephistopheles umas notas menos rudes? Goethe disse: *Nichts abgeschmackter als ein Teufel, der verzweifelt*, « nada mais insulso do que um diabo que desespera. » Eu conheço uma cousa mais insipida: é um diabo que canta mal; e em taes condições se acha o de Gounod.

Entretanto, por felicidade, ahi temos um artista, cujo talento superior acaba de elevar o papel de Mephistopheles a uma altura de que não tínhamos conhecimento. Quero fallar do Sr. Tansini. E' impossivel recusar-se a este insigne cantor o tributo de admiração, a que elle tem direito. Aquelles mesmos que, como eu, não descobrem grande merito na producção de Gounod, e muito menos na parte de Mephistopheles, são forçados a reconhecer que o Sr. Tansini soube dar a esse papel uma importancia e originalidade, que o proprio componista não lhe dera.

E se ao perfeito desempenho, ás attitudes realmente diabolicas do Sr. Tansini associamos a voz, as attitudes divinas da Sra. Drog, a somma é que temos tido uma verdadeira interpretação do *Fausto*.

Não deixo de concordar, até um certo ponto, com os que opinam que a Sra. Drog não se presta de todo a exprimir uma Gretchen. Ha na sua brilhante figura o que quer que seja, de magestoso e imponente, que contrasta com a poetica ingenuidade de Margarida. Não sei se isto é defeito; mas dado que seja, é sómente por excesso de qualidades. A Sra. Drog póde realmente não possuir um ou outro dote especial para bem representar de Gretchen; porém é certo que possui a belleza precisa para figurar na *galeria* de Goethe. Eu mesmo já tive o cuidado de confrontar a imagem que me ficou em mente, com a Margarida de Friedrich Pecht, e achei que havia muita semelhança. Na Italia, segundo diz o proverbio, basta um bello nariz para formar uma bella mulher, *un bel naso fa una bella dona*; mas a belleza da nossa cantora não se limita a esse unico predicado; assenta em bases mais largas.

O philosopho Leibnitz disse que a musica era uma *algebra sentida*. Nunca esta definição pareceu-me tão justa, como agora, apreciando a Sra. Drog. Ha no todo da bella prima donna, inclusive as mãos e os olhos, uma especie de *equação divina*, cuja incognita é de fazer perder a cabeça a mais de um pensador.

Em um dos seus felizes momentos Byron declarou que só desejava possuir a força de quarenta frades para cantar o louvor da hypocrisia. Se eu tivesse tão desenvolvida a *faculdade de desejar*, não quizera por certo a força de quarenta frades, mas a de quarenta Tansinis para entoar um hymno á Sra. Drog.

XIII

Bellini e a « Norma »

Junho de 1882.

A ultima vez que assistimos aqui a uma representação da *Norma*, foi ha cerca de 13 annos, em setembro de 1869. Já é tempo sufficiente para apagar de todo quaesquer impressões e fazer esquecer até o nome dos artistas, que por ventura então se distinguiram. Com effeito, não me lembro mais d'elles, nem posso mesmo affirmar em consciencia, qual tenha sido nessa epoca o desempenho da opera. Apenas resta-me uma vaga reminiscencia da *prima donna*, uma tal Sra. Amaldi, que não era destituida de merito, sem fallar no bom e sympathico Scolari, que tornou-se posteriormente bastante conhecido.

Era pois muito natural, se é que a natureza entra nestas cousas, que hoje uma representação da *Norma* tivesse, como teve, para mim, e creio que para muitos outros, um certo ar de estranhesa e novidade. Póde isto aos olhos da *gente boa*, dar sómente prova do meu gosto pouco apurado em materia musical. Não questiono sobre esse ponto.

O que porém parece-me acima de qualquer duvida, como facto psychologico, é que todos nós, velhos e moços, cultos e incultos, somos sempre, mais ou menos, um resultado das emoções da meninice. Bellini, as musicas de Bellini foram uma das fontes de minha primeira educação esthetica. Cheguei ao ponto de amar o meu Vincenzo, como amava o meu Virgilio. O auctor da *Sonnambula* não me era menos amigo do que o autor das *Eclogas*. Ambos melifluos, ambos serenos: eram os dois mais intimos frequentadores do meu palacio de chimeras. Esta quadra

passou, é certo ; mas não passaram com ella todas as illusões, de que se nutre um espirito, uma d'aquellas naturezas problematicas, para quem, a despeito de tudo, um galho de rosa, que entra pela janella, offerece maior delicia do que um bonito prato de assado sobre a meza. A minha velha sympathia por Bellini é talvez um resto de sonho juvenil, porém um sonho que ainda me agrada. *Aliquando fas est insanire.* Algumas vezes é bom *romantisar* a vida, e eu não conheço força mais apta para fazer-me estremecer a fibra romantica do que o *bel canto* do grande poeta siciliano.

Ha um proverbio francez, segundo o qual todas as cousas têm a sua manhá : *il n'y a que le matin en toutes choses.* E' uma verdade ; mas nós podemos addicionar-lhe outra, e é que ha cousas que sempre se acham no estado matinal. A *Norma* pertence a esta classe. Com os seus 51 annos de existencia, idade mais que bastante para desdentar a grega Helena, ou abrir meia duzia de sulcos na face de Maria Dagmar, a *Norma* ainda tem viço e conserva intactas as suas mil bellezas.

Não foi sem muita rasão que o celebre historiador da litteratura italiana, Luigi Settembrini, apreciando a natureza das differentes artes, escolheu a popularissima opera como typo de perfeição na musica ; « né poesie né pittura, diz elle, potrebbero farci sentire la bellezza del Laocoonte, del Duomo di Firenze, della *Norma* del Bellini. » Eu creio que o famoso professor da Universidade de Napoles merece mais respeito do que qualquer dos nossos dilettautes, que em todo caso preferem um grito ou uma risada de Verdi a uma lagrima do mimoso componista, compatriota de Meli. Não ha duvida que a musica de Bellini, já por effeito da propria indole do poeta, ja pela influencia do tempo em que appareceu, resente-se ás vezes de um excesso de *morbidezza*, de alguma cousa que só pôde bem fallar a um coração *doente*. Porém qual é o feliz, que dispense qualquer affago, qualquer consolação, daquellas que só á mulher e ás flores, á musica e á poesia, é dado distribuir ?

A *Norma*, como se sabe, é producto de uma das epocas mais cheias de sonhos, mais esperançosas, do

vigente seculo. E' contemporanea da revolução de Julho e de *Roberto do Diabo*, a quadra da maior florescencia do romantismo na Europa. Em Pariz concentrára-se o grande movimento, ou antes Pariz tornára-se a Roma de um papado litterario, do qual V. Hugo era o Innocencio III. Alfredo de Musset tinha 21 annos. Era uma época de expansões geniaes, a época justamente, em que mais de uma notabilidade européa firmou a sua gloria. Ao mesmo tempo que no theatro do *Palais Royal* fulgurava Paulina Dejazet, na *Opera italiana* deslumbrava Malibran. Giovanni Battista Rubini conquistava o seu renome universal, e Luigi Lablache, que desde 1812 se fizera conhecido, colossal na figura como na força da voz, attingia então o apogeu do seu brilho. Era a epoca em que na Italia as genialidades artisticas não se limitavam a individuos, mas estendiam-se a familias. Por exemplo na choreotechnica, a celebre familia Taglioni, e no canto as irmãs Grisi, Giulia o Giuditta, sem fallar em Carlotta, prima destas, que posteriormente adquiriu fama de grande dançarina, e cuja irmã, Ernestina Grisi, tornou-se tambem cantora distincta do theatro italiano.

Como se vê, os factos *mesologicos* eram então os mais adaptados ao desenvolvimento dos espiritos. Eduardo Hanslick nos falla de uma *geheimnissvolle historische Wechselwirkung*, segundo a qual os grandes componistas de um determinado periodo provocam os cantores correspondentes, e *vice-versa*. Este seculo não apresenta uma quadra, onde essa *reciprocidade historica* mais se tenha feito valer, do que no tempo da *Norma* e outras operas de igual quilate. Comprehende-se facilmente, qual devera ser, naquelles felizes dias, a impressão causada por semelhantes producções, que são outros tantos monumentos da força do espirito humano.

E é tambem comprehensivel que ainda hoje a musica de Bellini se faça apreciar e sentir, se não em todas na maior parte das suas finezas. Dão pleno testemunho deste facto as duas representações da *Norma* que houve ultimamente em nosso theatro. Se por um lado é de lastimar que o papel de Pollione tenha sido confiado a uma vulgar figura, na qual só se nota uma qualidade louvavel,

isto é, o perfeito equilibrio entre a falta de pretensão e a falta de merecimento, por outro lado é innegavel que os outros papeis foram cabalmente desempenhados. E' justo até que se diga : ou fosse porque o publico, attendendo exclusivamente para o Sr. Tansini, e as Sras. Drog e Orlandi se esquecesse do Sr. P..., ou por que este, não obstante a sua fraqueza, se mostrasse todavia menos importuno do que se pudera esperar, a verdade é que nosso Pollione passou *despercebido*, o que não constitue, no caso, um pequeno triumpho.

A Sra. Drog, importa declarar-o com toda franqueza, a Sra. Drog elevou-se a uma altura, de que talvez mais de um apreciador não a julgasse capaz. Por minha parte eu o confesso, mesmo para ter o direito de ser perdoado : a sua voz se me affigurava um pouco *velata* ; mas vi em fim que estava illudido. A *Norma* veio provar-me que ella tambem pôde mostrar-se, como a densa *druídica*, *senza nube e senza vel*. Bem entendido refiro-me á voz da Sra. Drog, e não á Sra. Drog mesma. Isto de uma bella mulher nas condições de nossa cantôra, deixando-se ver e admirar, *senza nube e senza vel*, é... uma *historia* ; aliás tão attrahente, como a de Cleopatra apparecendo a Cesar. E realmente a Sra. Drog tem alguma cousa de *cleopatríco*, superposto ou juxtaposto a alguma cousa de *malibranico*, se é verdade que a Maria Felicitas se distinguia, além do mais, por uma *estutura imperatoria*. Nem eu hesito em declarar que, se fosse Antonio, o malfadado dictador romano, fa-la-hia vir á minha presença, como Aphrodite, cercada de *nereidas*, para julgal-a e punil-a, ainda que corresse o risco de ver-me depois escravizado aos encantos da linda Ptolomaide. Um ponto ao menos, é bom que fique assentado, é que, se a filha do Orovezo possuia os dotes da Sra. Drog, Pollião era um idiota. Posso affirmar-o em nome do publico inteiro, que parece envolver-se no côro dos *druídas*, e dirigindo-se, não á lua, porém á Sra. Drog, vai murmurando constricto : *A noi volgi il bel sembiente*... Entretanto, voltemos ao assumpto ; mas isto deixo para outra vez.

XIV

Algumas palavras sobre o lyrico

E' bem possivel que o homem, segundo a velha sentença de um moralista francez, não tenha bastante força para seguir toda a sua razão ; porém o que ha de assentado e superior a qualquer duvida, ao menos na epoca actual, e até onde chegam as minhas pesquisas psychologicas, é que elle não tem dinheiro bastante para ouvir a todas as companhias lyricas, que estão a succeder-se e quasi a tomar a periodicidade das sessões do parlamento, ou dos jejuns da quaresma.

Apenas acabavam-se as impressões deixadas pela *troupe* do anno recentemente morto, e quando já tinhamos a perspectiva de outra que se nos promettera, appareceu o Sr. Ferri. Muito ao envez do que era de esperar, o publico desta cidade, não obstante ver-se obrigado a fazer uma alteração nas *eventuaes* do seu orçamento, sentio de novo excitar-se-lhe o *appetite lyrico*, e teve coragem de dizer : bem vindo seja o Sr. Ferri. Nada mais a proposito do que a abertura do theatro na presente quadra : a musica depois da politica, uma *stagione* lyrica logo depois da *stagione* eleitoral. A coincidencia é singular ; e até mereceria o nome de *feliz*, completamente feliz, se não fosse a má fortuna, por cujo influxo a estréa da companhia deixou de *coincidir* com a espectativa publica.

Mas não fallemos nisto. A divida moral que o empresario contrahio naquella noite ominosa, está paga, e a meu ver, muito bem paga. Uma cousa sómente ainda me causa especie : é o *ponto de partida*, que tomou o Sr. Ferri, para o desenvolvimento regular da sua empreza. Um erro de logica, sem duvida, mas sobretudo um erro de calculo. A primeira victoria, não poucas vezes, decide do resultado

final de uma guerra ; assim tambem a primeira impressão pôde influir no destino ulterior de uma companhia. Difficilmente se comprehende, porque razão o Sr. Ferri, podendo preludiar a entrada da nova estação com o *canto do rouxinol*, preferio annunciar-a pelo *grito dos papagaios*. Ou será que o velho empresario não é o desazado que se mostra no manejo da *batuta*, mas antes, menos conhecedor dos segredos da musica do que dos da alma humana, sabe perfeitamente que partido pôde tirar do sentimento da *sorpreza*, e como tal quiz predispor-nos o paladar para melhor apreciação da taça de nectar, por meio do calix de cicuta ? Eu pergunto ; e se alguém está no caso de responder-me pela affirmativa, dir-lhe-hei então, para ser transmittido ao Sr. Ferri, que a experiencia, posto que arriscada, teve comtudo uma certa graça, tanto mais, quanto foi coroada de felicissimo successo. E quasi sinto-me tentado a accrescentar : que nos importa mais hoje a decepção por que passamos, se o equilibrio das nossas *funções estheticas*, perturbado pela primeira recita, se acha de todo restabelecido ? . . . Que nos importa mais a velhice, não de certo aquella velhice verde, *viridisque senectus*, que, segundo o testemunho de Virgilio, se encontrava nos Campos Elysios, mas aquella que actualmente se encontra, cantando e accionando como mocidade, no theatro Isabel ; que nos importam todas estas cousas, se temos, para dizê-lo n'uma só phrase, se temos a voz da Sra. Avalli ? . . .

Como força resumidora e eliminadora ao mesmo tempo, resumidora de tudo que a companhia tem de attrahente, e eliminadora de tudo que ella possa ter de máo, a Sra. Avalli não se limita a fazer um papel, ella campre uma *missão*, a de salvar a companhia, mais do que isto, a de engrandecê-la, de tornal-a, como já tornou-a, meritoria e sympathica aos olhos do publico apreciador.

Fallei na voz da interessante *prima donna*, que se me affigura uma das melhores, se não a melhor de todas quantas aqui se têm feito ouvir nestes ultimos tempos. Já este facto bastava, por si só, para modificar o nosso juizo e diminuir as nossas exigencias a respeito da companhia. Porém não fica ahi. A Sra. Avalli não é sómente

um grandioso phenomeno *acustico*, é tambem um phenomeno *optico* de alta significação ; não é sómente capaz de corresponder ás delicadezas do ouvido, mas ainda de regalar o senso da vista, pela riqueza de linhas curvas, que em parte se descobrem e em parte se advinham na sua figura esplendida.

A sua cabeça, sobretudo, uma das obras do genero mais regulares, que tenho visto, é um ponto de apoio, ou uma especie de *postulado*, com que poder-se-hia facilmente demonstrar que a mulher que começa por anjo, necessariamente *acaba em deusa* : *desinit in divam mulier formosa superne*.

Eu não tomei para mim a custosa tarefa de tirar, a bico de penna, o retrato da Sra. Avalli ; mas não pude deixar de lado aquillo que tão de perto interessa a todo e qualquer amador : o physico da cantora. Um critico allemão disse da opera, que era o asylo privilegiado das bellas apparencias. E por quê, pergunto eu, porque não das bellas realidades ? A parte que têm uns lindos olhos, uma bonita cabeça, uns braços de Athalanta, na formação dos optimos *sopranos*, é tão insignificante, que não valha a pena mencionall-a como elemento de enthusiasmo lyrico ? Opino de modo diverso ; e pois que as opiniões não pagam o imposto, não hesito em exprimir a minha opinião. Os motiyos que determinam o gosto da opera, não são todos da ordem moral, porém tambem não são todos da ordem musical.

A faculdade de ver presta serviços importantissimos á faculdade de ouvir, quando se trata de apreciar o bello que se exprime por uma garganta angelicamente educada. De todos os orgãos, que compoem a machina do pensamento humano, o orgão da vista é o mais bem desenvolvido, e como tal, na qualidade de um *filho da luz*, não consente que o *filho do som*, o ouvido, tenha um gozo total e completo, quando elle não tem tambem uma completa delicia. E' um facto singular e digno de nota : no meio do publico frequentador da opera é mais facil encontrar dois surdos, isto é, dois individuos que se limitam a *ver*, do que um cego, sómente um, augmentando o numero dos que *ouvem*.

Mas eu não quero dissertar. O que pretendo, é firmar o principio de que o critico, tratando de uma cantora, pôde mui bem, sem derogar a sua seriedade, e por motivos meramente *musicas*, que não causam ciumes a *qui de droit*, fazer a parte devida ao esplendor das elegantes fôrmas, dos movimentos graciosos, que não são, é verdade, elementos indispensaveis, porém ao certo phenomenos complementaros do que se chama uma grande artista.

E' o caso da Sra. Avalli. Como é sabido, ella só fez-se ouvir no *Trovador*. Tanto bastou para conquistar desde logo a *sympathia publica*. Nem podia dar-se outra cousa. A belleza sob quaesquer de suas manifestações, a belleza em qualquer grau, é essencialmente despota, impõe-se e domina. Além dos predicados, cuja admiração está ao alcance de todás as vistas, a Sra. Avalli mostrou-se possuidora de uma voz dulcissima que achou entrada em todos os corações, se é que o coração, este bruto, tambem tem voto em semelhante assumpto. Vem aqui a proposito umas palavras do celebre Gounod. *A abnegação*, diz elle, é a primeira virtude do cantor, como ella é o primeiro dever do componista. Não considero artista aquelle que não se identifica com a obra de arte, aquelle que, em vez de deixar-se absorver pelo seu papel somente, tem em vista, mesmo accidentalmente, a sua pessoa tambem. Ora, a Sra. Avalli possui essa virtude. Não é crível que a joven cantora seja de todo indifferente aos proprios dotes pessoaes, pelo contrario é de presumir que ella tenha consciencia do brilho que a circunda; e, todavia, tal qual vimol-a no character de Leonor, nem um ligeiro indicio de *coquetterie*, nem um só gesto, que denunciasse qualquer preocupação pessoal, mas toda immersa e absorvida na comprehensão do seu papel!...

Um grande critico musical dos nossos dias disse que as operas de Verdi não tinham ainda formado nenhum cantor, nenhuma cantora notavel, como isto se dera com os productos de Rossini, Bellini, Donizeti... Já anteriormente o escriptor russo, Alexandre Ulibischeff, tinha dito tão bem: « Rossini e seus predecessores na Italia exigiam dos cantores o exercicio e o uso das vozes, os

actuaes componistas exigem o *seu sacrificio.*» E' claro que estas ultimas palavras, escriptas em 1855, deviam dirigir-se, se não exclusivamente ao menos de preferencia ao componista extravagante, que já então dominava sem rival o repertorio italiano. Estou de accôrdo com a opinião dos dois criticos; mas tenho as minhas duvidas sobre a sua absoluta verdade. Não sei na escola de que componista educou-se a voz da Sra. Avalli; porém é certo que as operas de Verdi lhe são familiares; e, entretanto, ainda não lhe fizeram mal. Pôde ser que outras formadas por esse molde, no dizer do referido Ulibischeff, *vendam* a voz, em vez de *dál-a*; a Sra. Avalli, pelo contrario, expande-a, transmite-a, como uma graça, mimosêa-nos com ella.

O *Trovador*, todos sabem, é uma das operas que caracterizam o segundo periodo de Verdi. Collocado chronologicamente entre o *Rigoletto* e a *Traviata* elle tem mais meritos que o primeiro e menos defeitos que a segunda. Eu não pertenço á classe de *puristas* da musica, pois a musica tambem tem o seu *purismo*, tão pedantesco e rhetorico, como o *purismo* da lingua; não sou do numero desses que, por força de taes idéias, levam o despropósito a ponto de contestar a Verdi qualquer traço de genialidade. Mas nem por isso deixo de reconhecer a riqueza de exagêros e anomalias estheticas de que estão cheias suas producções. E o *Trovador*, com todas as suas bellezas, não forma todavia uma excepção da regra. Entretanto, importa dizel-o, a Sra. Avalli, pelo unico poder da sua bella exposição e interpretação consciente do papel representado, tornou desculpavel mais de uma dessas anomalias.

Goethe confessava que só sentia prazer em uma opera, quando o assumpto era tão bem acabado, como a musica, de modo que ambos constituissem um todo compacto e inseparavel. Não levo tão longe as minhas exigencias; mas tambem não posso admittir uma excessiva liberdade, pela qual a musica se põe em antagonismo com as palavras, tomando ares de parodia ou caricatura do sentido expresso por ellas. Assim, no *Trovador*, produzio-me sempre uma impressão desagradavel aquelle

allegro de brávrura, que succede á supplica de Leonor em prol do seu amado, e que é inteiramente dissono do character e circumstancias da acção. Entretanto, eu o declaro, pela primeira vez vi-me obrigado a perdoar a Verdi tão infeliz exquísitice, por amor e só por amor do desempenho da Sra. Avalli. Porém não me limitei a perdoar sómente a Verdi, perdoei a mais alguem. Na scena do carcere, quando Leonor procura convencer o prisioneiro da urgencia da fuga, e elle insiste em recusar a proposta, até que em fim, no meio da lucta apaixonada, mistura-se o terno canto da cigana: *Ai nostri monti ritorneremo*, confesso, que protestei ser menos rigoroso no meu juizo a respeito da Sra. Adda Ferri e do Sr. Mario. Não se prendem inutilmente duas flôres inodoras a um viçoso cravo branco. O resultado é que o cravo transmite sempre ás pobres flores alguma cousa do seu perfume. Tal foi o caso.

As companhias lyricas não estão nas condições das velhas cidades peccadoras, de falla a Biblia, que haviam mistér de *dez justos*, para não ser castigadas com a conflagração imminente. Nós outros somos menos rouvinhosos que o Deus de Abrahão. Um unico justo bastar-nos-hia, para perdoarmos a qualquer Sodoma, como nos basta um só cantor, ou melhor, uma só cantora, para absolvermos a companhia de todas as suas faltas. Além d'isto, releva observar que a Sra. Avalli não se acha de todo isolada e os Srs. Rossi Galli e Bonoza são figuras, que não se erguem desvantajosas ao lado da bella *prima-donna*. O ultimo sobretudo ainda tem muito de admiravel, sem que mesmo seja preciso levar em conta a attenuante da idade. Elle pôde ser, como dizem, já um pouco adiantado em annos, mas ha momentos em que prova que o tempo gastou apenas uma fracção bem diminuta da sua força vocal. Quasi outro tanto poder-se-hia affirmar da Sra. Pirola, se ainda conseguisse apagar, como não duvido, a impressão da estreia. Graças ao capricho do destino, que não raro, em negocios de arte, abusa como um *grand seigneur* do terrivel, *jus primæ noctis*, o seu canto ficou mal soando aos nossos ouvidos, posto que haja instantes em que ella mostra um resto de frescor

matutino, de envolta com toda a doçura dos carinhos de uma avó... Não poucas vezes também a sua voz atira-se bonita em demanda das alturas, mas lá se quebra n'uns *agudos* asperos, que merecem, que provocam uma critica seria. Não serei eu quem a faça ; meus pais ensinaram-me a respeitar os mais velhos.

O palco é o reino encantado da felicidade, que surge sem ser esperada, e quando bem lhe parece. O máo artista é o que está a baixo da possibilidade de qualquer successo neste sentido. A companhia conta mais de um que não se acha em semelhante caso. No que toca mesmo, por exemplo, a Sra. Adda Ferri, importa reconhecer que não é uma apparição nunca vista em nosso theatro. O mundo artistico tem isto de semelhante ao mundo politico : a facilidade com que tudo é esquecido. Quem aqui já ouviu Castellani e outras menores pequenezas, fazendo papeis identicos ou analogos aos que faz a Sra. Ferri, parece que não tem razão bastante para revoltar-se contra as circumstancias, que mandam dar a esta *signora* partes sómente adaptadas ao talento dos bons *contraltos*. A empresa não tem uma subvenção. *C'est tout dire*. D'onde viria o direito de tomar-lhe rigorosas contas, se ella não affecta em cousa alguma o interesse publico ? Subvencionemol-a, e depois então castiguemol-a quando merecer. Só assim, só passando ella do simples estado de artigo mercantil ao estado de *verba* orçamentaria, é que lhe póde ser applicada com justiça a medida exacta da critica. Fôra d'isto, é pouco generoso suscitar-lhe prevenções e crear-lhe difficuldades.

XV

Um pedaço de autopsychologia

*Ein Kind will ich bleiben
bis ins Grab...*

PESTALOZZI.

Se bem me recordo, eu já disse uma vez que a opera não é sómente o vampiro do drama, como pensa Honegger, mas também o Moloch do bom senso. A presente *stagione lyrica* veio ainda fornecer-me um testemunho da exactidão desse asserto. E eu sou um dos primeiros a entoar constrictamente o *acto de confissão* do proprio estado de desordem intellectual, uma vez que até já tive a coragem de lembrar-me dos tempos de outr'ora, fazendo versos, e macular dest'arte as barbas do homem sério, cujo peso todo homem deve carregar, *par ordre de mufti*, isto é, por ordem da sociedade, que não admite pilherias, que póde bem consentir que este ou aquelle individuo faça de toda a sua vida um sabbado eterno, respectivé *um eterno domingo*, mas sómente para *ouvir missa*, nunca porém para deixar-se arrastar pela corrente de enthusiasmo e por ventura repetir com um velho poeta, que o theatro é o logar,

Ou dans un doux enchantement
Le citoyen chagrin oublie
Et la guerre et le parlement
Et les impôts et la patrie,
Et dans l'ivresse du moment
Croit voir le bonheur de sa vie...

Com effeito, o lyrico tem isto de proprio: diminuir a cabeça e augmentar o coração. Augmentar bem entendido, no sentido poetico, não no sentido pathologico. Tenho mêdo das hypertrophias, ainda mesmo que ellas se

dêm no puro dominio musical, como se fazem notar, por exemplo, em mais de uma celebre opera de Verdi, que encerra sempre alguma cousa de morbidamente largo e fóra das proporções naturaes. O lyrico tem isto de proprio: reduzir velhos a moços, é moços a meninos. Mas tudo fossê isto. O que mais deve ser ponderado, é que elle tem a força occulta de converter um grande numero de dilettautes em *mediums* espiríticos, mettendo-lhes a penna na mão e dictando-lhes os oráculos da sabedoria dos mortos. Assim tambem eu, por mais que me esforçasse, não pude fugir ao influxo da doença reinante. Escrever um artigo critico-musical é cousa tão agradável aos olhos do bello sexo cantante, nos recommenda tão bem á sua sympathia, que difficilmente podemos evitar a paga do nosso tributo. E que tributo! Não poucas vezes o sacrificio da verdade por amor de um *parti pris*.

Entretanto... mas basta de preambulo. Ao publico pouco interessa que se lhe exponham os motivos, porque o critico se determina a contribuir com o seu quinhão de papel e tinta para o realce da *stagione*. O que importa, sobre tudo, é que a critica seja sincera e, se fôr possível, razoavel. Se fôr possível, disse eu, e não sem algum proposito; porquanto acho muito difficil fazer entrar a critica musical, principalmente entre nós, na categoria da racionalidade. A musica não existe para ser regulada pelos principios da logica, e muito menos pelos da justiça, a qual, de mais a mais, tem os seus órgãos constituídos e assalariados: não incumbe a nós outros distribuil-a.

Eu não sei se deva contar como um effeito de má, ou de boa estrella, o não ter podido acompanhar, peça por peça, o trabalho da companhia *Passini*. Pelo menos, este facto me é favoravel no sentido de impossibilitar, da minha parte, qualquer juizo fundamentado a respeito della. Fiz a minha estrêa de apreciador pela *Traviata*; e não hesito em declarar-o; a Sra. Senespleda agradeou-me sobremodo; impressão esta que não posso explicar se não sómente pelo desempenho da cantôra, uma vez que foi recebida n'uma opera, da qual não sou admirador, sem julgar por isso commetter um crime de *leso-gosto*. Nunca pude realmente sentir toda a delicia que uma opera

promette, nessa peça um pouco extravagante, metade da qual é consagrada á glorificação do *débauche* e a outra metade á glorificação da tísica: alli temos o tumulto *caído*, aqui o tumulto aberto. No drama que *falla*, ainda isto se tolera, porém no drama que *canta*, é uma cousa que faz mal aos nervos da emoção esthetica. Não obstante, importa reconhecer que a Sra. Senespleda deu ao papel de Violêta um tom de frescura e novidade, capaz de agradar áquelles mesmos que em geral não sympathizam com o seu trabalho artistico, e aquelles que, como eu, não se confessam entusiastas da opera mencionada.

O autor do bello livro *Die modern Oper*, fallando de A. Patti, no papel de *Dinorah*, diz com razão que ao componista pertence tão pouco o merito de uma exposição genial, quão pouco lhe pôde caber a responsabilidade de um *fasco* da parte do expositor. E' isto quasi o mesmo que eu podera dizer a respeito da Sra. Senespleda, no character de Violeta, se não tivesse receio de que se me tomasse como querendo collocar em pé de igualdade vocal esse par de gargantas, grave peccado contra o santo espirito da arte, que não commetterei jámais, nem a proposito da Sra. Senespleda, nem a proposito da Sra. Ida, ou de outra qualquer, que tenhamos a *bimestral* ventura de ouvir; e isto, além do mais, pela razão composta, que outros chamariam simples, de que A. Patti, *die letzte grosse Sangerin*, na phrase de Hanslick, para mim é igual a X, é uma incognita; só posso fallar della, da mesma fórma que os poetas fallam de fadas, que nunca viram, de fadas que não existem. Estou bem longe de attingir aquelle grão de clarividencia, de que são dotados certos espiritos, a quem é dado tratar com eloquencia e entusiasmo, de cousas, que não conhecem.

Seja porém como fôr, não ha duvida que a Sra. Senespleda, se não é um genio e os genios são muito raros, possui pelo menos uma qualidade, que não poucas vezes, e maximé na mulher, é um subrogado da genialidade, isto é, a elegancia, em uma palavra, aquelle *grande aliquid*, *quod pulmo animæ prælargus anhelat*, que, em vez de receber, é que dá á musica um valor e um realce, que ella em si mesma não tem. Eu concordo com A. B. Marx em

que o « eternamente feminino » é a musica, que guarda mysteriosamente a vida, o espirito em seu seio maternal; mas tambem é certo que este *ewig Weibliche* accommoda-se melhor no peito de um *straduarius* do que no tubo de um fagóte, e ainda melhor na corolla de uns labios de mulher formosa do que na guêla de uma tal ou de uma qual, que em ultima analyse só tenha de bellamente feminino ou de femininamente bello a musica mesma. Pela complexidade da sua natureza, a opera é um phenomeno musical, para cuja apreciação não basta que o espectador seja *todo ouvidos*; é mister tambem que seja *todo olhos*. Por minha parte creio que não sou um *mão orecchiante*; mas, não dispenso, por isso, a minha *occhiata*; e quando os olhos voltam satisfeitos de suas excursões pelo paiz das fôrmas e das côres, eu não me sinto com disposição de trocar a riqueza que elles attestam, pelo thesouro que os ouvidos trazem do *eldorado* dos sons. Eis tudo.

Depois de ouvir na *Traviata* a Sra. Senespleda, o que posteriormente me coube apreciar, foi a Sra. Ida no *Ruy Blas*. A primeira impressão que me ficara da Violêta, não deixou-se de certo extinguir pela que causou-me a Maria de Neuburgo; mas não posso fugir ao dever de dizêl-o francamente; a Sra. Ida é uma força. De bom ou de mau grado, acompanha-lhe os vôos, preso á magia do seu cantar, quem quer que tenha ouvidos aptos a escutal-a, e um resto mesmo de coração para sentir o que ella exprime. Não sei, nem me dou ao trabalho de procurar saber qual é o genero de seu canto, pois em tal materia só conheço um genero, e um genero que não tem especificos: é *cantar bem*. A este pertence a voz da Sra. Ida.

Verdade é que o *Ruy Blas*, no qual a ouvi pela primeira vez, é um filho adoptivo da minha fantasia. Nenhum producto da lyrica musical moderna agrada-me tanto; razão porque seria bem possivel que uma boa parte de meu prazer se pozesse á conta unica do componista. Mas aqui prevalece o mesmo principio acima estabelecido. Na bella exposição da Sra. Ida houve sempre alguma cousa, muita cousa, com que Marchetti nada tem que ver. E a prova disto é que, depois, na representação de *La Forza del Destino*, producto hybrido, que entretanto se acha em

igual distancia dos dous estylos que tentou harmonisar, ficando abaixo de qualquer delles, a Sra. Ida foi justamente quem ainda por vezes revocou-me á consciencia de estar assistindo a uma opera, e não a uma monotona cantrola de frades.

Ao perfeito desempenho do soprano em *Ruy Blas*, associou-se o do habillissimo tenorista, Sr. Giordani. Este cantor tem direito a pretender-se notavel, e é sem duvida o melhor da *troupe*. Antes de tudo, é um daquelles que só tem a contar *com o que fazem*, e não *com o que são*; não pertence ao numero dos eleitos que ao apparecerem no palco, e antes de proferirem qualquer phrase, já possuem adiantadas em poder do espectador a confiança e a sympathy que a sua figura infunde.

O Sr. Giordani não dispõe de tal adiantamento, mesmo porque elle nada tem desse «phenomeno repugnante, que se chama um homem bonito» para servir-me aqui da expressão de Dalhmann. E' um typo physicamente vulgar, que entretanto eleva-se e illumina-se á proporção que se faz ouvir, tão polido é o metal da sua voz, tão puro o ouro da taça em que nos dá a beber as doçuras da musica por elle cantada!...

Não menos agradavel, ainda que menos arrebatadora, porque menos fresca e insinuante, é a voz do Sr. Medine. Este barytono, que aliás dispõe do capital de uma das mais imponentes figuras, realisa perfeitamente o conceito da *aurea mediocritas*, applicado ao mundo artistico. E' um cantor mediano, sem duvida, mas de uma mediania que não abre porta á censura, nem permite que nós outros dilettantes de provincia, com o nosso subsidio de vinte contos, desejemos muito mais do que elle nos offerece.

Eu não jurei aos meus deuses que havia de estender toda a companhia no leito de Procusto de uma critica severa, para ter o barbaro gosto de deslocar as pernas dos pobres artistas. Guardo por tanto as minhas reservas. E já que fallei em pernas seja-me licito perguntar : o *diavoletto* feminino, que figurou de Siebel no *Fausto*, julgaria ter passado de todo despercebido? Completo engano, se assim pensou. O ultimo quartel do seculo XIX,

além de já ser a epoca das estreitezas moraes de todo genero, pôde ainda ser designado pela epoca das *pernas finas* ; não é muito pois que se renda homenagem a quem quer que, sob este ultimo ponto de vista, satisfaz *redondamente* ás leis symetricas da plastica. O joven Siebel se acha em taes condições. Conheço alguém que não pode resistir á tentação da poesia, e murmurou uns versos, de que só me lembro da seguinte quadra :

Trajada de homem, que rapaz airoso !
Ficam-lhe bem as pequeninas botas ;
Pelo binoculo escutei-lhe o canto ;
E vi que dava duas *bellas notas*....

Foi esta de certo uma das melhores impressões, que deixou-me o *Fausto*...

A *stagione* está concluida. Bem haja aquelles que concorreram para termos, durante dous mezes, um assumpto de conversação e entretenimento menos esteril, do que o pobre thema politico de *cachorros e leões*. Porém tudo tem seus limites, até mesmo os innocentes gozos estheticos, que não podem, que não devem ser perpetuos. E' uma santa verdade que *o homem não vive só de pão* ; mas tambem é certo que elle *não vive só de musica*. Um *cordial adeus* á companhia, e... voltemos ao trabalho, isto é, á eleição, que ha de constituir o trabalho do resto do anno.... (1)

(1) Este artigo é de 23 de julho de 1881.—Inserimos, neste livro, esses pequenos ensaios de critica musical pela novidade de algumas ideias, realçada pela graciosa ironia do auctor. (N. de S. R.)

XVI

Um capitulo da historia da renascença : Leão X

I

O anno em que morren (1494) Pico de Mirandola, o celebre humanista, que entretanto foi sepultado, segundo o seu proprio desejo, em habitos de dominicano, foi um anno de desgraça para a Italia pela expedição de Carlos VIII de França contra Napoles. Os bellos tempos de Florença haviam já desaparecido desde 1492 com a morte de Lorenzo de Medici.

Houve em Roma uma série de papas immoraes. A Sixto IV, que não recuava nem mesmo da conjuração e do assassinato, quando se tratava de augmentar o seu poder temporal, seguiu-se Innocencio VIII (1484-1492), que chegou a ter dezeseis filhos naturaes, e foi o instituidor dos processos contra feiticeiros. Do primeiro predicado de pae fecundissimo dá testemunho o seguinte epigramma de Macullus :

*Octo nocens pueros genuit totidemque puellas,
Hunc merito poterit dicere Roma patrem.*

Depois deste veio Alexandre VI (1492-1503), o incestuoso, pae de Cesar Borgia e de Lucrecia. Entre a morte de Innocencio e a sua elevação ao papado deram-se em Roma 220 assassinatos. De vinte cardeaes, que concorreram para a sua eleição, desses que a linguagem da curia chama *infallibiles æternæ sapientiæ consultores*, quinze tinham vendido seus votos a Alexandre; o que foi lembrado nestes versos que lhe dedicaram :

Vendit Alexander claves, altaria Christum.

*Emerat ille prius, vendere jure potest
De vitio in vitium, de flamma transit in ignem,
Roma sub hispano deperit imperio.*

Quanto ás suas relações com Lucrecia, a poesia do tempo não as esqueceu; Pontanus escreveu o seguinte epithaphio :

*Hic jacet in tumulto Lucretia nomine, sed re
Thais. Alexandri filia, sponsa, nurus.*

Mas, como se não bastassem as immundícias moraes deste Borgia, foi elle succedido pelo cholerico e tenaz Julio II, *qui totus erat ex morbo gallico ulcerosus*, como diz um chronista da epoca (1503-1513). A este papa, de quem se lê, não sei se na *Relazione* de Domenico Trevisano, ou na de Antonio Soriano, que queria... *essere il signore e maestro del giuoco del mondo*, succedeu então Leão X, o filho de Lorenzo (1513-1521).

Leão X era um homem de muitos conhecimentos litterarios, extremamente generoso e inclinado a proteger os talentos; porém não estava no caso de apagar os crimes dos seus antecessores e conciliar a christiandade com os chamados vigarios de Christo.

No tempo de Leão vivem o philosopho Pomponatius, que procurou ridicularisar o christianismo e negou a immortalidade da alma em um escripto especial. O papa e seu secretario, depois cardeal Bembo, tomaram o escripto de Pomponatius sob sua protecção. Este facto está de accordo com duas narrativas da mesma epoca.

Uma vez contendiam dois philosophos em presença de Leão sobre a immortalidade da alma. Depois de ouvi-los, o papa disse ao que affirmava : parece que tens razão, mas a opinião do teu contendor é mais agradavel.

Outra vez o cardeal Bembo perguntou a George Sabinus, genro de Melanchthon, o que pensava seu sogro da resurreição dos mortos e da vida eterna; e dizendo Sabinus que a crença de Melanchthon nestes dogmas estava patente nos seus escriptos, respondeu Bembo : eu tê-lo-hia por um homem mais honesto, se elle não crêsse em taes coisas.

Entretanto, naquelle tempo o decimo concilio lutherano teve de estabelecer, em nome da Igreja, que se devia crêr na immortalidade da alma. Dest'arte a dogmatica

ecclesiastica era um assumpto, por assim dizer, autonomo, independente da crença do papa e dos sacerdotes, uma coisa em summa, que lhes era de todo estranha! Nada pois mais natural do que as palavras que Leão disse uma vez a Bembo; o mundo inteiro sabe, quão rendosa nos tem sido esta fabula do Christo.

Uma das melhores provas da piedade do papa, é que elle chamou á sua côrte o homem mais incorregivel da epoca, Pietro Aretino, depois que este fôra banido de Arezzo por ultrages commettidos, accusado mesmo de furto, e mais tarde até repellido por Julio II. Um tal valido, que por si só dá medida do character de seu protector, mereceu de um italiano esta inscripção tumular:

Qui giace l'Aretin, poeta tosco,
Che disse mal d'ognum fuor che dio,
Scusandosi col dir: Non lo conosco.

II

E' estupendo o grau de cynica immoralidade, a que chegou n'aquelles dias o sacerdocio italiano. Era o tempo em que Johannes de la Casa (1503 — 1556), que foi arcebispo de Benevento, poudo escrever um poema escandaloso, onde a sodomia era defendida e aconselhada. Luthero parece ter feito allusão a este facto, quando disse: Zu Rom habe ich gesehen etliche Kardinäle, die man als die heiligen lhrete darum, dass sie sich an dem Umgang mit Weibern genügen liessen.

Era o tempo, em que Folengo, tambem padre, e que quasi podera chamar-se o creador da poesia *macarronica*, publicava carmes obscenos; qualidade esta, diz Roscoe, pela qual pareciam então distinguir-se os escriptos dos sacerdotes dos escriptos dos leigos. O bispo Bandello publicava tambem tres volumes de novellas indecentes; o papa mesmo fazia vir de Siena para a sua côrte a companhia comica intitulada *dos grosseiros* e representar diante delle a *Calandra* do Cardeal Bibiena, peça cheia

de porcarías ; em fim na presença do pontifice executava-se a *Mandragora* de Machiavelli, na qual um frade, manejando a sophistica jesuitica, prostitue uma mulher do modo mais vergonhoso.

Tudo isto, e muito mais ainda, forma o lado sombrio daquella epoca. Mas ha tambem um lado luminoso, pelo qual o reinado de Leão X póde ser considerado uma das phases mais interessantes da moderna historia.

Os philologos classicos da Italia pertencem ao seculo XV. Por meio de Lorenzo de Medici e de Policiano a lingua italiana tinha de novo tomado a vanguarda. Dos espiritos pertencentes ao tempo de Leão, foram dois principalmente, que mantiveram a preeminencia do patrio idioma sobre o latim, isto é, Machiavelli (1469—1527) e Ariosto (1474—1523). A este ultimo aconselhara Bembo que dêsse uma edição latina do *Orlando*, mas elle não acceitou o conselho.

Os dois philologos que Giovanni de Medici, quando entrou a *gostar do papado*, escolheu como secretarios, Jacopo Sadoletto e Pietro Bembo, eram os mais elegantes escriptores latinos de então. São celebres os versos do primeiro sobre o *Laocoonte*, que fôra descoberto em 1506 nas thermas de Tito, versos vasados no molde virgiliano; por exemplo estes dois, que podem dignamente collocar-se entre os da *Eneida*:

*At serpens lapsu crebro redeunte subintrat
Lubricus, intortoque ligat genua infima nudo.*

Quanto a Bembo elle se esforçava, com igual resultado, por attingir a perfeição de Virgilio e de Cicero, e sua maneira fluente, affirma um autor italiano, recorda Petrarca. Escrevendo uma vez a Longolius, Bembo disse: Hortor ut Ciceronem ipsum quem tibi unum me autore proposuisti, eundem universum non solum vores, sed etiam concoquas, atque in succum et sanguinem convertas tuum. Lê-se ahi entre as linhas o firme designio da imitação classica.

Mas esta imitação tomava ás vezes proporções ridiculas, principalmente nas cartas que elle dirigia em nome

de Leão, e nas quaes evitava toda e qualquer expressão contraria ao classismo. Assim n'uma carta ao imperador Maximiliano elle começa neste estylo, que é de um *comico* admiravel: *Aura Zephyri caelestis afflati ad veram poenitentiam revertentes...*

Em sua historia de Veneza diz Bembo que o papa fôra eleito pela *graça dos deus immortaes*, e figura os venezianos escrevendo que elle deve confiar *nesses mesmos deuses*, de quem é vigario na terra... *uti fidat diis immortalibus, quorum vicem gerit in terris!*...

São os artistas, sobre tudo os pintores, que glorificam o reinado de Leão X. Os grandes musicos apparecem mais tarde. Ao principio a arte estava de todo a serviço da Igreja. Para observar e copiar fielmente a natureza, faltava então, se não o gosto, ao menos o estudo e o talento. Faltava mesmo a necessidade, em quanto pelo artista só eram desejadas figuras estereotypas, muitas vezes sómente symbolicas.

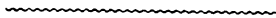
Mas já no seculo XIV começára um novo desenvolvimento da arte, que no seculo XV irrompeu mais energicamente, sobre tudo quando, por assim dizer, resuscitaram innumeradas estatuas antigas, que durante seculos repousaram nos tumulos, e que, alliadas aos classicos, como espiritos da antiguidade, exerciam sobre os vivos um magico poder.

Os grandes italianos dos seculos XV e XVI deixaram-se enthusiasmar e fecundar destes espiritos dos velhos tempos. Taes foram os philologos, que aliás diminuem de valor comparados com artistas admiraveis, que o seculo XV produziu na Italia, com Angelico da Fiesole, Johannes Bellin, Leonardo da Vinci, Francesco Francia, Miguel Angelo, Pietro Perugino, Raphael, etc. Nestes artistas reuniam-se dous elementos inteiramente contrarios: enthusiasmo ecclesiastico ao lado do mais apurado gosto da natureza e do antigo, ambos unidos a um extraordinario talento de exposição.

E' admiravel como n'um mesmo paiz e n'uma mesma epoca poude assim associar-se o que havia de mais esplendido ao que havia de mais repugnante! Raphael, por

exemplo, tinha de ser um menino angelico, e todavia a sua puericia coincidio com os dias vergonhosos de Alexandre VI.

Conta-se que um artista daquelle tempo, fazendo testamento, deixára uma somma para a *sua amante do peito*, e outra para missas em prol de sua alma! E' a expressão mais correcta da religião dos papas. (1)



(1) Este artigo é de 1883. (N. de S. R.)

XVII

Um quadro da Egreja romana: Vittoria Accoramboni

I

No tempo em que occupava a cadeira pontifical o bem intencionado Gregorio XIII, Buoncampagni, os bandidos tiveram em Roma o seu *sabbado* de venturas. Nas fraldas do monte, na deserta *campagna*, elles dominavam sem limites; até nas ruas da cidade faziam valer o seu poderio, commettendo roubos e praticando mil outras violencias. De dia em dia novos crimes chegavam ao conhecimento do povo aterrorado. Como ao velho papa faltava energia e força de acção, as outras autoridades tambem se mostravam fracas e indolentes.

Os romanos sabiam perfeitamente que todos esses assassinos e roubadores, que espantavam o campo e a cidade, eram protegidos pelos grandes barões. Os Colonnas, os Orsinis, os Savellis, não tinham pejo de sentar-se na mesma mesa com os chefes dos salteadores; dizia-se em segredo que os altos aristocratas nem até se envergonhavam de entrar com os ladrões na partilha da presa.

Nos burgos e palacios dos nobres, os malfeitores achavam protecção e segurança, quando succedia serem perseguidos. Por toda parte abriam-se-lhes os claustros e as egrejas, cujo *direito de asylo* os soldados não ousavam violar. O mais perigoso porém era que o povo baixo os favorecia, e olhava-os com uma certa admiração. O governo era tão mau, a dupla oppressão dos padres e dos nobres, sob a qual gemiam os arredores do Estado ecclesiastico, era tão dura, que os pobres viam no bandido, não um malvado, porem o seu defensor, não um criminoso, mas um vingador. Cantavam-se, admiravam-se as aventuras e as luctas d'esses homens. O povo

acreditava ter n'elles como que uma arma contra o capricho dos poderosos; estes porém tinham n'elles o melhor meio de se livrar de um rival, de um parente aborrecido; e assim abriam caminho á posse de uma mulher formosa, ou de uma rica herança.

Os mais mysteriosos assassinatos lançavam o terror sobre a cidade e arrancavam ao velho pontifice lagrimas de dor e indignação.

Dos innumerados crimes, entretanto, envoltos no mysterio, que deturparam aquelle tempo, no qual a mais alta florescia da arte e a delicadeza dos costumes cortezãos uniam-se ao maior desenfreamento das paixões, um crime sobre tudo ficou em memoria dos contemporaneos e dos posterios; porquanto elle se acha ligado ao tragico destino da mais bella, da mais attrahente mulher da Italia de então.

Era no anno em que se publicara a primeira edição da *Gerusalemme liberata*. Na manhã de 16 de abril de 1581 espalhou-se em Roma esta lugubre noticia: Um joven cavalheiro, geralmente estimado, de nome Francesco Peretti, sobrinho do cardeal Montalto, e por isso talvez destinado a grandes coisas, fôra na noite antecedente assassinado junto ao Quirinal, perto da porta, que dá para o jardim dos Sforzas. Não era possivel attinar com os assassinos, mas todos a uma voz, todos aquelles a quem commovera a morte de tão esperançoso moço, diziam que a belleza de sua mulher, donna Vittoria Accoramboni, fôra a causa de sua desgraça.

A belleza de Vittoria e os dotes que a ornavam, foram em Roma um acontecimento, que durou annos. Em quanto solteira, os poetas cantavam-na, os homens mais notaveis rendiam-lhe homenagem. Ninguém podia vê-la, sem sentir-se logo deslumbrado pelo brilho da sua formosura. E ainda maior que a sua belleza era a graça das suas maneiras, o encanto da sua conversação; pelo que, á vista de taes predicaos, que elevavam-na ácima de muitas outras mulheres, havia quem se admirasse de que ella não tivesse feito um melhor casamento. Francesco Peretti, descendente de uma pequena familia burgueza (seu pai tinha sido um simples agricultor) parecia não ser digno de tal mulher.

O acaso de ser seu tio Felix, irmão de sua mãe Camilla, um cardeal da igreja, não podia apagar a humildade do seu nascimento ; e posto que não estivesse fóra do possível que um dia o cardeal Montalto se sentasse na cadeira de S. Pedro e elevasse então seu sobrinho ás maiores honras e o cobrisse de riquezas, comtudo estas esperanças não passaram de castellos no ar, e o joven casal teve de limitar-se e satisfazer-se com uma vida de pouco luxo. Em uma cidade como Roma, onde abundavam os novelleiros e commentadores do viver alheio, aquelle casamento havia dado occasião aos mais variados boatos. De todos elles porém só uma coisa se deprehendia com alguma certeza: era que menos pela vontade de Vittoria, do que pela do seu pai, realisara-se a sua união com Francesco Peretti.

De outro modo havia pensado a mãe de Vittoria, que era mais ambiciosa que seu marido Claudio. Donna Tarquinia Paluzzi degli Albertoni era uma fidalga romana, cheia de si e do nome dos seus avoengos, que ja tinha tolerado com silencioso desgosto o seu casamento com um gentilhomem provinciano, e ainda não de todo curtido a febre de semelhante humilhação. Girava-lhe nas veias o sangue dos Accoramboni, domiciliados na Umbria. Em Roma donna Tarquinia morava com seu marido em uma bella casa na praça Rusticuci, perto de S. Pedro. Além da filha, ella contava quatro filhos, Ottavio, que mais tarde, na idade de trinta annos, por influencia do cardeal Montalto, adquirio a sé episcopal de Fossombrone; Marcello, que, muito moço ainda, já gozava da nomeada de temerario e scelerado; Giulio, a quem tambem Montalto poudo empregar no serviço do illustre e poderoso cardeal Alessandro Sforza; e finalmente Flaminio.

Todos quatro queriam rapidamente conseguir honras e riquezas, sem se importar com os meios; e contavam para isso, justamente como sua mãe, com a belleza e attractivos de Vittoria. Ella era por assim dizer o talisman dos Accoramboni. Os pretendentes agrupavam-se em casa da familia. O pai olhava para isto meio desconfiado; a mãe porém engolphava-se no brilho, que cercava sua filha. Só por um alto preço ella podia condescender em

dar a mão de Vittoria. E segundo todos os signaes, a velha já tinha lançado as vistas para o mais nobre d'entre os adoradores da moça.

II

Signor Paolo Giordano Orsini, duque de Bracciano, havia ja muito tempo que não fazia mysterio da sua paixão por Vittoria. Elle era um dos mais poderosos, dos mais ricos e temidos homens de Roma. O rei de Hespanha, Philippe II, queria-lhe bem e estava na ideia de premiar com o tosão de ouro a sua dedicação pela causa hespanhola. Com o cardeal Medici e seu irmão, o archiduque da Toscana, entretinha estreita amisade. A numerosa familia dos Orsini reconhecia-o como seu chefe. A seu aceno obedeciam trôcos de bandidos, a quem elle dava refugio em seus castellos na *campagna*, em suas duas casas na cidade. O mais ousado *tratante* era-lhe sempre bemvindo e achava nelle um protector decidido.

Impavido e altivo o duque não tinha quem lhe fizesse curvar a cabeça. Todo o mundo sabia dos seus vicios, mas ninguem ousava publical-os. Só em segredo, quando viam-no passar de carro ou a cavallo, diziam que elle, alguns annos antes, em 1576, tinha envenenado em um castello solitario do valle do Arno a sua mulher Isabella, irman daquelle mesmo duque da Toscana, por causa de uma occulta aventura de amor.

Comtudo isto o povo o estimava, mesmo porque elle era extremamente generoso, ainda que esta generosidade não lhe fosse muito pesada, attenta a exorbitancia das suas rendas. Um homem tão grande e uma tal posição, aliados á tanta riqueza, não podiam deixar de produzir impressão em Vittoria. A vaidosa Tarquinia, logo depois da primeira approximação de Orsini, sonhou com a filha feita duqueza de Bracciano. E o duque não estava talvez muito longe de realisar o sonho da velha.

O seu exterior era de certo pouco attrahente para o bello sexo. E' possivel que a deformidade, até a

immundicia, a lepra e o piólho, sejam ingredientes indispensaveis para a conquista do reino dos céos, pois que a historia dá testemunho de santos, que não primavam pela limpeza; mas o reino das mulheres, que fica muito acima do paraizo reservado aos *pobres de espirito*, abre-se com outras chaves. Signor Paolo Giordano Orsini era um quinquagenario, feio, calvo, repugnante. As suas pernas, diz um chronista, eram mais grossas que o corpo de um homem commum, e em uma dellas fizera pousada, como se fosse na consciencia de alguns devotos de hoje, uma fétida ferida. Mas o duque de Bracciano possuia nobreza e riqueza, que são para as mulheres más subrogados de cem mil bellezas.

Vittoria prestou ouvidos aos galanteios do velho, chegando até a preferil-o a um dos seus mais ardentes adoradores, o cardeal Farnese.

Já a familia dos Orsini começava a inquietar-se pelo receio de algum casamento desigual. O pai de Vittoria, por sua vez, vivia sobressaltado com a ideia da possibilidade e impunidade de um rapto deshonoroso; entendeu por isso que devia o mais cêdo possível casar a filha; e o escollido foi Peretti.

Man grado seu, donna Tarquinia submetten-se á deliberação do marido. Se Vittoria acompanhou ao altar o seu joven Francesco, de bôa ou de má vontade, é o que não podemos saber.

Realisou-se enfim o casamento. Depois d'elle, que teve lugar na egreja Santa Maria della Corte, os noivos seguiram para a casa do cardeal Montalto, onde elle havia accommodado toda a sua familia. Donna Camilla, sua irman, dirigia o arranjo domestico; Maria, filha desta, tinha-se casado com um gentilhomen romano, Fabio Damasceni; agora Francesco trazia para o seio do lar a bella, espirituosa e encantadora Vittoria. Em apparencia ao menos, uma completa ventura.

Mas os Peretti presentiam vagamente que Vittoria, com as suas pretensões e seus altos dotes, não se dava bem naquelle meio. O presentimento não tardou em tornar-se factó evidente. Vittoria começou a sentir-se mal collocada. Sobretudo em relação á sogra, a sua

posição era tormentosa. Donna Camilla não gostava da nora, e para mais amargural-a não cessava de oppor como objecções contra a vaidade e desperdícios de Vittoria as virtudes da propria filha, a terna e silenciosa Maria Damasceni. Debalde o cardeal se esforçava por serenar os animos; a lucta estava travada; não se podia arredar-a.

O peor porém era que, por um lado, Vittoria não estava satisfeita com o marido, e, por outro lado, sua mãe procurava infiltrar-lhe de novo a paixão pelo duque. Este sabia de todas as occurrencias dadas na casa dos Peretti, por intermedio, não só dos seus espiões, como tambem de donna Tarquinia e do joven Marcello Accoramboni, o qual, não obstante os favores recebidos de Francesco Peretti e do velho cardeal, continuava a abraçar a causa do duque de Bracciano, disposto a trahir seu cunhado no primeiro momento opportuno.

O velho namorado, depois que vira frustradas as suas esperanças, sentira-se ferido no intimo do seu orgulho. Os velhos não podem, não devem amar; o amor é bebida dos deuses, e os deuses são sempre môços. Porém uma vez amando, só ha para elles um meio de salvarem-se: é tratar a todo transe, de converter a *comedia* em *tragedia*; é praticar alguma coisa, que provoque o espanto, que apague assim o ridiculo inherente á qualquer paixão amorosa de velho. Esta minha these, eu o reconheço, é um pouco *diabolica*, porém é verdadeira. O diabo não é incompativel com a verdade. E se por enuncial-a, commetto algum peccado, estou prompto a confessal-o e a cumprir tambem a penitencia que me derem, com tanto que não seja a de beijar uma santa velha, ou a de ler um capitulo da theologia.

O duque não descansava. A muitos parecia até que aquella paixão furiosa em um homem de cincoenta annos só podia provir de algum *elixir*, que lhe tivesse fermentado o sangue e posto a sua cabeça em completa confusão. Como se o amor, por si só, não fosse uma febre e a belleza de Vittoria não bastasse para transformar o melhor dos homens no peor dos loucos!

Uma profunda obscuridade envolvia as relações secretas dos Accoramboni com o duque. Nem Francesco

Peretti, nem sua mãe, nem seu tio, presentiam esta conjuração. O amor de Vittoria tinha cegado Francesco ; e assim como este amor fazia-o perceber os erros e fraquezas de sua mulher, fazia-o também esquecer o perigo que elle corria.

Na noite de 15 de abril de 1581, quando justamente iam apagar-se as luzes da *Villa* Peretti, chegou a toda pressa a creada de Vittoria, uma moça de Bolonha, de nome Caterina, que depois foi accusada de feitiiceira, e entregou a Francesco uma carta, que trouxera um dos irmãos della, Domenico d'Aquaviva, homem de má conducta, mas protegido de Francesco mesmo, a pedido de Caterina. Aberta a carta, viu-se que era de Marcello Accoramboni, o qual supplicava a seu cunhado e companheiro de armas que corresse logo e logo em seu auxilio, pois que se tratava de uma questão de vida e morte. Elle o esperava á meia noite no monte Cavallo, perto do palacio papal. O joven Peretti não hesitou um instante em acudir ao chamado. Em quanto porém tomava o manto, o chapéo e a espada, deu a carta a sua mulher para ler. Pallida, tremula, incapaz de proferir uma palavra, Vittoria ficou de pé, no meio da sala, com o fatidico papel na mão. Bem quizera dissuadir seu marido daquella perigosa viagem nocturna, mas não sentia-se com força para isso. Espalhou-se logo por toda a casa a noticia da partida de Francesco. Donna Camilla e donna Maria approximaram-se d'elle, travaram-lhe das mãos e pediram-lhe por tudo que desistisse do seu intento ; Vittoria, que recobrava o animo, secundou-as no pedido. Baldado esforço. Francesco, impavido e inabalavel, desenhencilhoun-se dellas, e, transpondo o portico da *Villa*, tomou o caminho que vae do monte esquilino ao Quirinal. Acompanhava-o sómente um creado com um archote. Era uma cilada. O desgraçado foi nessa noite mesma assassinado... (1)

(1) Acaba infelizmente aqui o manuscripto, que é de 1883. (N. de S. R.)

XVIII

Uma pequena excursão no dominio da theologia

Acabo de lêr um trabalho interessante, intitulado *Pauli Apostoli doctrina de justificatione ex fide sine operibus et ex fide operante*... O auctor é de nosso tempo e a obra dos nossos dias: 1876.

Aliquando fas est insanire, algumas vezes é bom ser theologo. *Sicut manus*, diz um grande representante da litteratura patristica, *sicut manus est illorum consolatio, qui tonsuram ferunt et innupti manent*, assim tambem a theologia é a melhor occupação de quem não tem o que fazer, nem mesmo o que pensar. Ha dias em que não tenho, nem uma nem outra cousa; consagro-os por conseguinte á especulação theologica.

O livro mencionado é uma nova indagação da doutrina fundamental do *evangelho paulinico* (Paulo tambem teve o sen), a fim de apresentar as theses aparentemente contradictorias do apostolo sobre a justiça pela fé sem as obras e pela fé *operante*, em sua completa harmonia, e deste modo mostrar a verdade da theoria catholica da justificação *vis á vis* da intuição protestante. Como fontes do *paulinismo*, o auctor emprega as cartas paulinicas do *Canon* e os discursos do apostolo nos *Actus apostolorum*, mas isto de maneira que são tomadas em toda consideração as cartas aos *Galatas*, aos *Romanos*, aos *Corinthios*; as outras porém são utilizadas como materia auxiliar.

A obra divide-se em duas partes. Na primeira trata-se das contradicções, que o auctor julga serem apenas apparentes, da theoria de Paulo, como se deprehe de uma confrontação das seguintes passagens: *ad Romanos*, 2. 17; 3, 28 com 2, 13; *secunda ad Corinthios* 5, 10; *ad Galatas* 5, 4, 6... e outras. O auctor aprecia a opinião dos adversarios, *judeus e judeo-christãos*, para assim determinar pelo contraste o verdadeiro sentido das sentenças

paulinicas ; e desenvolve então em traços geraes a doutrina do apostolo, que consiste, diz elle, em uma primeira justificação pela *fé sem obras* e em uma segunda pela *fé operante*.

Na primeira fôrma a fé não tem por si mesma força alguma de *justificar*, porém só sob a condição de unir-se com a esperança (Rom. 4, 18 ; 8, 24 ; 1 Cor. 13.13), e com a caridade (Gal, 5, 5 ; 1 Cor. 8, 3 ; 13, 1). Estas tres virtudes são estados vitaes que trazem em si o impeto da acção (*habitus operativi*), e ao mesmo tempo constituem um presente de Deus, que as infiltra no homem.

Isto é um pouco semelhante a — *pé direito rompe a marcha e esquerdo não se move*, porém é theologia.

Aquelles estados são na primeira fôrma de justificação o unico factor, a causa unica determinante do *ser* (*causa formalis*), e tanto assim que produzem uma *justiça* que é tambem estado vital (*habitualis*) e presente da graça divina (*supernaturalis*). A segunda justificação porém é acto de vida (*actualis*), como a primeira, necessaria á salvação. Ambas as fôrmas produzem uma justiça real, inherente ao homem, e ambas são ao mesmo tempo razão e objecto da imputação divina, que só consiste no reconhecimento da justiça já immanente, por que *judicium Dei est secundum veritatem* (Rom. 2, 2).

O auctor mostra a alliança da fé com a esperança e a caridade, que são, diz elle, principios indispensaveis aos catholicos, não sómente para as *boas obras*, mas tambem para a *justiça*. Elle explica a relação da fé com as obras. A fé, sem ellas, sem esperança e caridade, nunca *justifica*; sem ellas, porém com os dous outros estados, *justifica*, ás vezes. As obras têm a força de *justificar*, não por si proprias, mas só tanto quanto sahem da fé e pela fé se executam.

O leitor está vendo : não se concebe nada mais estéril ; e todavia existe ahi uma classe inteira de *bufões celestes*, que se alimentam d'estas e outras toliçadas. Nunca o homem se parece tanto como os animaes que se nutrem de *palha*, como quando elle se nutre de bagatelas. O espirito da lingua mesma já descobrio parentesco entre

o acto de *pensar* e o acto de *mastigar*, creando entre um e outro a metaphora da *ruminação*. A theologia é sem duvida uma variação morphologica do *capim*.

Na segunda parte do livro o auctor busca fundamentar as suas asserções por meio de uma investigação dos conceitos paulinicos da *justificação* e da *justiça*. E' uma cousa soberba esta investigação!

Segundo o auctor, *justificar-se* quer dizer, na doutrina de Paulo, *ser justo*, se a fé tem a significação de *motivo*, ser reconhecido *como justo*, se a fé tem significação de *objecto*; pelo que nunca o homem é declarado *justo*, sem que elle antes se tenha internamente *justificado*. Enquanto o homem vive na carne, os impetos carnaes perturbam a santa pureza da vida; por isto a justiça nunca é *real*, mas sempre em via de *realização*; é simplesmente *esperança*, conforme Gal. 5, 5: *Nos enim spiritu ex fide, spem justitiæ spectamus*.

E' mistér muito sangue frio para ousar-se gastar papel e tinta sobre assumptos de tal natureza. Entretanto estas futilidades não deixam de ter um certo interesse historico, quando se attende para o motivo das luctas que perturbaram o christianismo no seculo apostolico. Estas futilidades de hoje se prendem, atravez dos tempos, á divergencia de vistas entre Paulo e Jacob.

Muito se tem escripto sobre esta velha contenda, porém a final sem bastante proveito, mesmo para aquelles que a estudam, não como lucta de santos, mas de homens viciados, de discipulos mil vezes inferiores ao mestre, cuja doutrina não comprehenderam em toda a sua riqueza.

O que deve ficar assentado é que, no ponto de vista pratico, os dous apostolos estavam perfeitamente de accôrdo. Com effeito, de que se tratava? De saber se a fé deve produzir obras. Os dous apostolos exigem energeticamente uma fé viva e activa; e com razão Eduardo Reuss desafia a analyse mais subtil dos textos, para descobrir a menor differença entre elles relativamente aos deveres prescriptos aos discipulos de Christo, herdeiros do reino de Deus.

Se a Igreja catholica poudé exagerar o jacobismo, a ponto de fazel-o uma antithese do paulinismo e dar assim

ganho de causa á doutrina protestante, isto não altera a natureza do facto, como a historia e a critica nol-o apresentam.

Paulo disse: é mistér que o homem creia ; é a fé que lhe traz a justificação, o perdão dos peccados, a salvação em fim. Jacob disse : é mistér que o homem obre ; são as obras que justificam ; não é a fé por si só.

Segundo Paulo, a fé é a fonte das boas obras, porque justifica ; segundo Jacob, a fé justifica, porque é a fonte das boas obras. Onde está ahi a grande differença ?

O nosso autor perdeu o seu tempo, como eu tambem não deixei de perder o meu, tendo a coragem de lêl-o. (1)



(1) Tambem é de 1883 este artigo. (N. de S. R.)

XIX

Theoria do peruismo ou philosophia do Perú

I

O leitor não se ria, o negocio é grave. E' um pedaço de psychologia humana, estudada na crista do mais estúpido dos vertebrados, como, quero crer que injustamente, costumam qualificar o pobre do Perú. Póde ser, e eu não dissimulo, que o titulo deste artigo seja só talhado para produzir impressão comica. Mas nem sempre o comico é antinomico do sério.

Plutarcho disse uma vez : « Não se póde exercer a rhetorica, sem fallar, porém exerce-se a philosophia mesmo pelo silencio, ou pelo gracejo ; porquanto, assim como o mais alto gráo da injustiça é não ser justo, e todavia parecel-o, assim tambem a culminação da sciencia consiste em philosophar, sem dar indicios de tal, e de semblante alegre fazer o mesmo que fazem os mais sérios. »

A isto accrescenta Emerson : « A comprehensão para o comico é um laço de sympathia com os outros homens, uma garantia de saude espirital e um meio de protecção contra aquellas inclinações perversas e aquelle estado de melancholia, em que se perdem muitas vezes os mais nobres espiritos. Um *tratante*, que é sensivel ao ridiculo, póde ainda ser convertido ; se porém já perdeu esse sentido, não ha mais nada a fazer por elle. »

Admittindo pois que o leitor, em vez de mover os musculos da sizudez, mova os musculos do riso, nem por isso dou por frustrado o meu trabalho. Ha tempos de philosophar pelo silencio, e outros pelo gracejo, as duas formas de philosophia, que me são mais accessiveis ; mesmo

porque não gosto dos tempos de chorar, *tempus flendi*, como diz o Ecclesiastes, ou de philosophar pelas lagrimas.

Entretanto, é bom que se note : não quero rir-me, nem fazer os outros rirem, á custa do Perú. Este animal, tão malsinado de estupidez, que serve de termo de comparação aos espiritos sem talento e aos amantes sem ventura, despertou-me a *sympathia*, e isto em tão larga escala, que deu-me assumpto para um estudo.

Se eu intitulasse o meu artigo *historia natural do Perú*, ou *anatomia do Perú*, ou *physiologia do Perú*, nada por certo haveria de extraordinario ; por que razão haverá com o titulo que lhe dei ? Tudo que tem uma *physiologia*, uma *anatomia*, uma *historia natural*, póde ter tambem uma *philosophia*.

E não conheço realmente um exemplar do mundo zoologico, mais adaptado a servir de base a um completo systema de considerações philosophicas, do que o amavel *dindon*. Proval-o-hemos.

A primeira vez que o Perú me fez pensar, foi tambem a primeira vez que me chamaram a attenção para uma das suas maiores singularidades. Eu já sabia que o animal era dotado de um natural desáso, que se manifesta em mais de um ponto. Porém não sabia que esse desáso chegasse a uma altura capaz de provocar a meditação.

E' a celebre historia do *risco*. Todos conhecem-na. Quem já não deu sua risada diante do espectáculo fornecido pela estupidez da pobre ave? Refiro-me ao facto geralmente observado, de levar-se o bico do Perú contra uma parede branca, onde se traça um risco preto, que elle toma por um vinculo, e ahí se deixa ficar, constricto e humilhado, até segunda ordem ! . . .

Confesso que tambem commetti o desatino de rir-me. Mas pouco a pouco, e á medida que o facto, pela repetição, foi diminuindo a possibilidade de um engano e tomando proporções de seria realidade, eu tambem tornei-me serio. Por detrás daquelle quadro simples e chulo, vi levantar-se uma questão sombria. Eu perguntei a mim

mesmo: haverá realmente motivo de zombar-se do Perú? Temos nós outros homens, que nos orgulhamos da nossa posição hierarchica no desenvolvimento morphologico e physiologico das especies, razão bastante para desdenharmos daquelle bruto, que suppõe-se preso e subjugado pelo traço negro da parede? Quem pôde affirmar-o?...

A minha negativa é categorica. Todos os systemas de crenças, esperanças e ameaças, que formam o fundo das religiões, os terrores do inferno, as perspectivas do céu, em uma palavra, todos os moveis hypersensíveis, que circumscrevem os impetos do espirito humano, não serão outros tantos *riscos*, a que elle se deixa prender como se fossem vinculos de ferro?

A humanidade, que ha seculos e seculos acredita n'umas cousas incompreensíveis, e não tenta se quer conceber um meio de romper com essa crença, não fará tambem, aos olhos de quem lh'as infiltrou, de quem ainda hoje lh'as mantem obscuras, mysteriosas, indiscutíveis, um papel de Perú, ou antes de Perúa, para fallar com mais congruencia grammatical?....

O proprio dever, de que tanto se fabula, quando não é construido pelo homem mesmo, que nelle adora a obra de suas mãos, e todo o conjuncto de ideias, de falsos ideias, que condemnam o homem á inacção, ou á acção motivada sómente por principios estranhos á natureza humana, será de certo alguma coisa mais do que *riscos na parede?*

Limito-me a perguntar. Estas perguntas porém encerram problemas, que o demonio da philosophia me convida, se não a resolver, ao menos a estudar. E' preciso, perante a opinião publica, rehabilitar o Perú, que não é tão bôbo como se suppõe. Ou o Perú é um *idealista*, ou o homem tambem é um *Perú*. Todos os sonhos de ventura, tudo que se imagina, que apparece além, como capaz de conter-nos e subjugar-nos, está nas condições da these *fourierista*: *Il serait bien heureux que cela fût vrai, mais qui le prouve? Ce qui le prouve, c'est qu'il serait bien heureux que cela fût.* Porém isto não é, não equivale a um *risco*? Ah! se o Perú podesse fallar!

II

Madame de Maintenon, como em geral as francezas, era uma excellente *causeuse*, tinha em alta escala o talento de conversar. A boa conversação supprime ás vezes muitas lacunas. Um dia que ella se achava ao jantar com grande numero de commensaes, todos absortos no encanto de sua bella garrulice, approximou-se d'ella um creado, e disse-lhe baixinho : mais uma historia, madame ; hoje não temos *assado*....

Alguna coisa de analogo acaba de dar-se commigo, não por ser um bom conversador, mas por força de outros motivos, que não importa averiguar. No meio dos insultos, com que ultimamente se me tem honrado, a ponto de poder eu, *cæteris paribus*, repetir as palavras do ministro Decazes, em 1816 ; *il faut que ce pays soit bien malade, pour que j'y soit si important* ; no meio de toda essa embriaguez de inveja e de odio, que é igual á de *aguardente* com *fumo*, a musa da galhofa, da ironia reflexa, «que zomba até da propria zombaria» acercou-se de mim e disse-me tambem em voz baixa : mais uma *historiasinha do Perú* ; a coisa está instructiva ; quero tomar mais umas notas. A philosophia do riso, não obstante o bello capitulo que Schopenhauer lhe consagrou, ainda não está assentada ; e ahi temos um campo vasto de observação para ella.

Obedeço á minha musa. A *historia do risco* ainda presta-se a muito estudo. Não é sómente o *amavel dindon* quem se julga *preso*, quando tem diante de si o traço de carvão. O peruísmo é tambem partilha da humanidade. Desde Platão, que tinha os olhos fitos nas *ideias preexistentes, universalis ante rem*, até a qualquer thomista de hoje, que vive a meditar no *ens* e na *essentia*, é a mesma *historia*, a mesma prisão imaginaria.

O homem não é um *pithecoide*, mas um *perúioide*. Tem razão contra Darwin e seus sectarios o professor Fortlage : a ser exacta a theoria transformistica, não é só do macaco que o homem procede, porém de outros

animaes. Entre estes figura o grão Perú. Ao menos é de todos o que melhor symbolisa a ingenuidade humana.

Desde o primeiro estadio do desenvolvimento historico, no qual, como diz A. Bastian, as sombras oscillantes que brincam entre os ramos das arvores gigantescas, são outros tantos *espiritos maos*, até ao ponto, em que o homem se familiarisa com a natureza, transformando então os tetricos espectros em lindas fadas, em genios bemfazejos, e d'ahi para cima até aos nossos proprios dias, onde aliás tudo parece frio, positivo e prosaico, a vida humana tem sido um estado perenne de allucinação, uma cegueira, um sonho. Total: um Perú no *risco*.

Que é um martyr? O que morre por uma *ideia*. E que é uma *ideia*? Uma cousa bella e grandiosa. Vá que seja. Mas ha martyres do céu e martyres do inferno; se não aquelles, ao menos estes, que tambem têm a sua *ideia*, julgam-se *presos* pelo *traço negro* do dever, que lhes foi incutido; o *peruísmo* é evidente. Mas se os outros a final tambem cedem a uma illusão, que vem a ser todos elles?....

Respondam os bonzos de todas as crenças. Logo em seu principio a humanidade deixou-se *aperúar*, e ainda hoje, em sua maioria, se acha de olhos cravados no *risco* das penas eternas, que lhe traçaram na parede desta chamada prisão terrena. Dahi vem que a civilisação, a cultura humana em geral, bem estudada, não é mais do que um continuo processo de *desaperúamento*.

Por exemplo: enquanto os povos acreditavam no *direito divino* dos reis, que era, que importava essa crença?.. Mas veio a revolução, e quebrou o laço phantastico.

Por exemplo ainda: os cometas, os *signaes* no céu tiveram por muito tempo, sobretudo, nos dias mediévos, na época monachal do *trivium*, e do *quadrvivium*, a grande virtude de pôr em agitação a humanidade inteira, que se sentia logo *amarrada* ao dever de rezar, jejuar e fazer penitencia. Entretanto a sciencia avançou, e o *risco* desapareceu. Já hoje os *signaes* no céu não causam tanto medo. O povo mesmo já sabe com quem trata; e

tanto assim é, que ha poucos dias, a proposito da ultima *aparição celeste*, ouvi um poeta popular dizer com todo sangue frio :

Fallo sério. Se aqui ha uns oito mezes,
— Com licença de Deus e do diabo, —
Elle leva mais longe o seu *cacête*,
Eu puxava o comêta pelo rabo. . . .

Effeitos do progresso, que vae *desaperúando* os pobres filhos de Adão. Não obstante, ainda existem muitos *riscos*, que é preciso apagar. Indical-os porém, já é prestar algum serviço. (1)

(1) Este artigo humoristico, refutatorio das limitações de todos os theologismos, foi. bem como os tres que lhe são anteriores, escripto em 1883 por occasião da terrivel lucta que o auctor sustentou contra padres de Pernambuco e Maranhão. (N. de S. R.)

XX

O romance no Brasil

I

E' um facto incontestavel que o romance, em suas diversas especies e variadas ramificações, forma hoje o campo de batalha principal de todas as forças poeticas. Já não basta lembrar a epopéa, a lyrica e o drama mesmo se sentem prejudicados pela sua influencia, parecendo que vão de dia em dia cedendo-lhe o terreno das conquistas gloriosas.

Não é que aos tempos actuaes faltem lyristas e dramaturgos assás consideraveis. A litteratura do seculo XIX conforme nol-a deixam ver e apreciar as quatro grandes nações, onde mais vasto é o seu dominio, ainda por esse lado, offerece realmente productos de alta monta. Não obstante a ausencia de idealismo que se pretende achar por toda parte, não obstante a invasão geral do espirito positivo, a poesia conserva-se attrahente e seductora, como de principio. O bafo igneo da analyse e da critica não lhe crestou a candura, nem lhe roubou a minima fragrancia. A lyrica novissima da Allemanha, para limitar-me a um só dos povos cultos, irrefutavelmente confirma esta verdade. Como diz Kreytzig, as musas allemans se familiarisaram muito mais de pressa do que devia-se esperar, com o ruido das machinas, dos debates politicos e até com o dos canhões.

Porém é certo que o romance occupa maior espaço na meza de trabalho do productor litterario. O romance *historico*, o romance *social*, *politico*, *artistico*, *de familia*, *de salão*, e quantos outros se queira distinguir, todos contam na actualidade um sem numero de cultores, e são

representados por uma somma de obras que o leitor mais applicado não seria capaz de revolver, em sua vida inteira.

Accresce uma circumstancia bem notavel: não se aponta, neste seculo, escriptor algum, que tenha tido uma influencia igual á de Walter Scott. O unico talvez, exceptuando Göthe, cujos melhores escriptos adjudicam-se ao seculo XVIII, o unico talvez, que poderia competir com elle, o grande Byron, accendeu mais rapido o enthusiasmo, porém a chamma tambem extinguiu-se com maior presteza.

A escola do romancista ainda não feixou de todo o cyclo da sua evolução. Os discipulos e imitadores do auctor de *Ivanhoe*, desde Cooper e Thierry até Alexandre Herculano, são outros, que não os pobres e malfadados sectarios do auctor de *Lara*.

Mas eis aqui o que é extraordinario, e constitue, se assim posso dizer, a assignatura do nosso *genio*. Ao passo que o romance tornou-se geralmente centro de operação, em materia litteraria; quando todos os paizes que tomam alguma parte no convivio internacional do espirito moderno, obedecem sob esta relação, á tendencia dominante, e dão indicios frequentes de vitalidade, é ahi mesmo que o Brasil se accusa da mais profunda e lastimavel penuria!

Para demonstrar que pouco ou nada valem, para fazer pôr-se o dedo em cima do aleijão que nos deturpa, não é mistér outro documento.

II

No decurso dos ultimos cincoenta annos, durante os quaes a novellistica tem sido largamente cultivada, até em Portugal, onde se encontram alguns productos notaveis; não é bem singular que só possamos referir dous nomes, a que se prendem meia duzia de romances futeis, dilettantescos, sem relação com a vida nacional, e baldos de interesse para o geral dos leitores?

Não é preciso dizer que me refiro a Macedo e Alencar que são, de certo, em nossa terra os unicos representantes do genero. (1)

O vindouro historiador das *lettras patrias*, segundo a phrase commum, terá de ver-se abarbadado com uma enorme difficuldade: achar flôres dignas de colher no, campo sáfaro que vae da epoca da nossa independencia politica aos dias actuaes. Não basta observar que em mais de meio seculo a arvore da sciencia nunca deitou, entre nós, um fructo aproveitavel. A vida espiritual se tem manifestado em sua totalidade, pasmosamente infecunda.

E onde melhor se deixa perceber esta miseria, do que na infimidade e escassez do romance?...

A razão porque este modo particular de creação poetica, filho bastardo da *epos*, tornou-se preponderante na litteratura do vigente seculo, subsiste para nós da mesma fôrma que para os outros povos.

Dos diversos generos de poesia, é o romance aquelle que offerece mais largas proporções, e pôde, por conseguinte, attrahir á sua esphera todos os phenomenos da vida. Elle é o melhor meio de communicação, para fazer-nos scientes e apaixonados por tudo que põe em movimento o mundo espiritual.

Mas não é sómente meio; elle tambem é fim. Não só provoca-nos o appetite, como tambem sacia-o. E esta dupla natureza é que faz d'elle o centro propriamente dito dos nossos interesses litterarios.

D'onde vem pois que a vida brasileira, quer pelo lado psychologico e moral, quer pelo lado politico, religioso, esthetico, social e economico, não poude ainda vasar-se nos grandes moldes do romance moderno? Só uma cousa explica essa anomalia: a falta de talentos.

Se o romance devesse limitar-se a uma cópia do viver commum, de maneira que todo o seu conteúdo podesse epigraphar-se e resumir-se no *mutato nomine de*

(1) Este artigo é de 1872. Depois d'isto, logo depois, Bernardo Guimarães, Machado de Assis, Franklin Tavora, Escragnolle Taunay e mais tarde Alluizi Azevedo publicaram alguns productos do genero bem apreciaveis. (N. de S. R.).

te fabula narratur, é bem provável que não tivéssemos matéria variada para se propôr á observação de quem escreve, e alimentar a curiosidade de quem lê.

A nossa vida publica e particular não é bastante fértil de peripecias e lances romanescos. De longe em longe algum successo anecdótico, irrasoavel, sem ligação apparente com os factos quotidianos, um ou outro crime mesmo, que por ventura erga a cabeça acima do nível da vulgaridade, são cousas que não desmancham a impressão geral da monotonia continua. (2)

Tudo entre nós, desde o salão plutocratico até ao covil do proletario, *pauperam tabernas regumque turres*, é baldo de saliencia e originalidade. O romancista havia de apanhar bem poucos typos notaveis no campo objectivo de sua photographia, assestando-a contra os grupos obscuros e indistinctos, de que se compõe a communhão brasileira.

Mas o romance não se circumscreve a tão exiguo mister. Elle não é a vida, por assim dizer, em ponto pequeno; porém a vida em ponto grande. Não são sómente as nossas proprias luctas e esforços, recordações e affectos, que temos occasião de achar na bagagem do romance. Ahi tambem se encontra sciencia, philosophia, arte, politica e religião; ahi nos relacionamos com todas as questões do tempo, comprehendemos o seu alcance, e sentimos a urgencia de uma solução. «Aquillo que nenhuma escola, nenhuma universidade, nenhum estudo particular nos tem podido fazer intelligivel, de repente se mostra aos nossos olhos sob uma fôrma viva; e o que se aprende no romance,

(2) Quer-me parecer que no Brasil o talento mais romanesco, a maior genialidade dos nossos dias, é o desembargador Pontes Visguelro. Pelo menos, fez uma descoberta na morphologia do crime, digna de inveja para os auctores da terra, que nunca imaginariam, nos seus supremos esforços de criação poetica, um personagem igual. Além d'isto, resolveu uma importante questão psychologica: se ainda é possível actualmente um amor sincero, delirante, terrível e sanguinario. Sim, é possível, porém nos velhos. A' parte esta ligeira excepção, o certo é que, como em tudo mais, até na estatistica criminal, o nosso paiz revela-se mesquinho. O delicto mais commum é justamente o mais frivolo e estúpido: o furto de cavallos. Os patriotas chamam a isto a «boa indole do povo». De certo: é a boa indole do kagado, relativamente á fereza do leão.

nunca mais é esquecido.» Tal se exprime Adolph Rutemberg; e é uma verdade.

Um exemplo, entre milhares: Walter Scott, em alguns dos seus poemas, dá-nos a conhecer o mechanismo de *self government* muito melhor, do que os historiadores do direito publico inglez. Nas obras de um Gneist mesmo, não obstante a grande sagacidade e vasta sabedoria, sentimos que ha sómente abstracções da vida real; para terem-se as côres, a feição propria do objecto, precisam-se as pinturas, como as do romancista.

Ainda mais: as theorias de Saint-Simon e Fourier nunca passariam de um insignificante circulo de leitores, sem o auxilio dos *Mysterios de Paris*, do *Judeu errante*, da *Indiana*, do *Conde de Montêchristo*, e muitas outras producções da especie, onde se acha no fundo tudo o que constitue o systema daquelles coripheus.

Com este *poderoso medium*, as ideias socialistas da escravidão da mulher, da malvadeza da burguezia, da necessidade de accumular immensos capitaes, para combater os inimigos da humanidade, do direito de todos a iguaes gosos, gravaram-se na razão e na phantazia da maior parte do publico legente. Depois da revolução de 48, em França, a poetisa de *Lelia* e de *Consuelo* é quem redige os manifestos de Ledru Rollin; e Eugene Sue vae á camara, como deputado. Isto é caracteristico.

Dest'arte não padece duvida; comprehende-se de si mesmo, porque tão raro e frivolo tem sido o romance no Brasil. Um Macedo e um Alencar não são espiritos que possam satisfazer, nos seus productos, as grandes exigencias da cultura hodierna.

O auctor da *Moreninha* e *Moço Louro* apenas se ha mostrado sufficiente para referir-nos, em pretendidas obras poeticas de um, ou de mais volumes, aneddotas de *erotica fluminense*, trivialmente prosaica e desenxabida. Que diremos porém do auctor do *Guarany*?.... Não ha de faltar quem opine que, ao proferir-se tão alto nome, pisamos em terra santa; e que é preciso caminhar descalço. Mas eu não tiro os meus sapatos; confesso-me um pouco impio e irreverente.

III

O renome litterario, de que se acha apossado o Sr. José de Alencar, é um dos mais claros symptomas do nosso estado de inanição e marasmo intellectual. Assentou-se no Rio de Janeiro que o frivolo auctor de *Luciola* tinha direito a uma alta consideração. Não satisfeitos de conferirem-lhe a honra de primeiro romancista do paiz, que pôde correr parellhas com os melhores da actualidade, proclamaram-no, ainda mais, um grande jurisconsulto, um soberbo orador parlamentar, um publicista de pezo; e elle mesmo não vacilla em dar-se até por um pouco philosopho!... (3) A' semelhança de aviso ou circular ministerial, o asserto da imprensa e do publico fluminense tornou-se imperativo e obrigatorio para as provincias. Ninguem ousou resistir á decisão da corte; e o proprio Sr. Alencar tomou ao serio a sua nomeada, a ponto de julgar-se um grande homem, um phenomeno visivel aos olhos do mundo inteiro. Ainda não é tempo de extrahir deste facto a porção de ridiculo que elle encerra. Proximos vindouros saberão melhor apreciar o lado comico desta, e não raras outras anomalias.

Mas já é tempo de affrontar a raiva dos idolatras, e mandar o idolo ao fogo. Sinto-me com coragem de fazel-o.

Ao envez dos outros deuses da especie, *dii minorum gentium*, que são atheus, que não creem na existencia de sua propria divindade, o Sr. José de Alencar é um deus que adora-se a si mesmo. Dir-se-hia que a inscripção do templo de Delphos só se refere aos homens; nada tem que ver com os nunes, cujo apanagio é a inconsciencia. Entretanto o nosso litterato, sendo chamado ao conselho sideral dos litteratos do seculo, daria o espectaculo de Vulcano, coixo entre os olympiadas. A gargalhada era infallivel.

(3) A enumeração que ahi faço dos dotes do Sr. Alencar, não pretende ser completa. No meio de tantos outros attributos, já ia me esquecendo que tambem é dramaturgo; e quem sabe quantas maravilhas ainda o homem occulta debaixo da casca? Presentemente só vejo que excê-del-o possa em numero de predicados, descobertos e por descobrir, a sua illustre comprovinciana, a arvore da carnaúba....

Se existe no Brasil um homem, que possa considerar-se a personificação do nosso espirito semi-culto, a incarnação da nossa ignorancia envernizada de formulas pedantescas e apparencias deslumbrantes, não ha duvida que esse homem é o Sr. José de Alencar. A sua candidatura á genialidade litteraria e scientifica, sendo uma cousa burlesca aos olhos do critico, é aliás uma cousa séria e digna de ponderação aos olhos do historiador. Com effeito, pôde-se contestar ao auctor do *Guarany* o merito que elle se arroga, como escriptor e poeta ; pôde-se-lhe mostrar que as suas producções estão muito abaixo do que se faz preciso para fundamentar a nomeada de uma estrellá de primeira grandeza. Mas o que não é possível negar, é a força de impressão da sua personalidade. Ou seja porque tenha em alto gráu a faculdade de viver, a sciencia do mundo vulgar, o talento de saber impôr-se; ou seja porque o publico brasileiro não se ache preparado para conhecer a perola, e distingui-la do aljofar ; o certo é que o honrado litterato chegou a dominar a opinião do paiz ; e poudé até gravar-se na phantasia dos moços, dos que tinham o direito de visar mais alto, como uma especie de ideal supremo e inatingivel!.... Bem quer-me parecer que a este unico elemento, a esta unica linha, se ha de reduzir a sua significação historica; porém o facto existe ; e nos cumpre estabelecê-lo.

Os escriptos do Sr. Alencar não têm bastante força de resistencia contra a acção do tempo. Se esta não se fez ainda sentir, a razão está logo em cima: é que não houve a minima alteração nas predisposições do espirito publico. O poder do tempo é o mesmo poder das circumstancias que se transformam, dos meios que se modificam. Nós vivemos em una primavera eterna de illusões e devaneios pueris. A' estação das flores nunca succedeu a estação dos fructos. O senso esthetico e litterario de hoje, considerado em geral, é identico ao da quadra, na qual o Sr. Alencar, pela primeira vez, se deu a conhecer como escriptor. Nenhum progresso, nenhum desenvolvimento. D'ahi a falta de criterio, com que se continúa a deificar esse pobre auctor e alguns outros seus dignos irmãos em postigo merecimento.

Eu encontro em Juliano Schmidt uma profunda observação sobre os francezes, que nos é de todo applicavel. « Na França, diz o celebre *Literarhistoriker*, o propheta se acha collocado n'uma posição incerta, á medida que o ridiculo é alli uma arma mais perigosa do que entre nós. Se acontece que elle, com as suas promessas, desperta logo ao principio o riso geral, está irremissivelmente perdido. Toda vez que se profere o seu nome, sôa de novo a velha gargalhada, ainda mesmo que elle represente a causa mais razoavel do mundo. Succede-lhe porém ganhar terreno e ter por si uma parte do publico ; poude elle fundar uma seita ; então dahi em diante é uma autoridade. Ninguém toma o trabalho de indagar o fundamento dessa elevação ; é um facto, sobre o qual não se admittem duvidas nem contestações. Entre nós allemães não ha semelhante fé autoritaria: *cada escriptor vê-se obrigado a defender sempre por meio de novas obras o lugar que adquirio na litteratura ; a critica se apodera de qualquer das suas producções, inteiramente despreoccupada, como se nada existisse.* » (4)

Não é aquillo que tambem se dá em nosso paiz? Só ha uma differença : é que não temos, como os francezes, tão desenvolvida a faculdade de rir, nem tão repletos os thesouros de *l'esprit*. O numero dos prophetas mal succedidos é insignificante; quasi todos os frivolos aventureiros, no reino do pensamento, são felizes, se merecem o nome de felicidade a aceitação e os louvores que facilmente conquistam. Uma vez apregoados, e fazendo-se admirar, como grandes vultos, ficam inviolaveis. Não ha quem ouse decerrar a cortina, que os encobre, para contemplal-os de mais perto. O que sae da penna desses homens é sempre bom. E como o *plagio* no genio tem alguma cousa de analogo á *rapacidade* na aguia, podem elles até appropriar-se das ideias alheias ; ninguém lhes pergunta por isso. O Sr. José de Alencar é um dos felicissimos deste quilate.

Releva aqui assignalar um facto que contribue bastante para a prova do que affirmo. E' sabido que o nosso

(4) *Bilder aus dem geistigen Leben unserer Zeit*; 1871—pag. 260.

romancista escreveu em 1868 um opusculo intitulado *Systema representativo*, com o proposito de resolver o problema da representação das minorias. Nesse livro, depois de uma ligeira exposição da materia, e de uma pessima critica das theorias existentes, o escriptor pedante, sem consciencia da sua, mas de todo consciente da ignorancia da terra, incha as bochechas e arrota este phraseado :

«Apresentarei um quarto e novo systema, fructo da propria investigação.....»

Ora, quem di-lo-hia? o novo systema do Sr. Alencar é justamente um dos mais velhos ; é a theoria do socialista Victor Considerant : a representação por partidos, separados e autonomos. Quando o publicista da Tijuca fez a sua pretendida descoberta, essa ideia já contava annos de existencia, pertencia ao *gewordene* da historia, como doutrina abandonada ; e sobre ella a herva crescera. Entretanto, ainda hoje, até lentes de academia fallam com respeito da engenhosa *invenção* do Sr. Alencar !

XXI

De quem é o erro: da auctora ou da traductora?

Chegou-me ás mãos uma pequena brochura, intitulada *Rattazzi e sua epoca*, producto da penna de uma mulher, a princeza Rattazzi, bella e intelligente italiana, que decidiu-se a fazer, ella mesma, a biographia de seu defunto marido, o celebre estadista desse nome, á cuja memoria ella paga um precioso tributo de profunda admiração. Não é a primeira vez que observamos este phenomeno, uma mulher escrever um livro com o unico fito de elogiar seu marido. Já Mme. Adele Hugo, com o seu *Victor Hugo raconté...* abriu caminho para todas que podessem e quizessem seguil-o. Só com uma differença, em relação á brochura que tenho presente; é que a franceza fallou de um vivo, e a italiana falla de um morto; razão porque ella é muito mais digna de desculpa nas suas erradas apreciações, e muito mais digna de louvor no que de exacto e effectivamente meritorio encerra o seu trabalho.

O opusculo da princeza Rattazzi, não obstante esse defeito original de pretender glorificar a todo preço o homem, cuja vida se propoz descrever-nos, não deixa todavia de ser util e agradavelmente legivel. Tem paginas, sobretudo nos primeiros capitulos, de summo interesse historico e politico. Se nem sempre as vistas da auctora se harmonisam com as nossas vistas, não é motivo sufficiente para negar-se-lhe uma intuição largamente comprehensiva, e tanto mais admiravel, porque parte de uma mulher. Ha porém um ponto, em que bem poucos leitores deixarão de estremecer ao choque da injustiça apaixonada; é quando a escriptora falla de Cavour. Os que levados pela mão de um Treitschke, de um Massari e de outros, já entramos no conhecimento exacto da figura

historica do grande piemontez, não soffremos de bom grado que nos queiram perturbar as ideias assentadas, não se trazendo o testemunho de novos factos, mas por meras rasões subjectivas de predilecção pessoal. Assim causou-me até um certo asco a leitura de pedaços como este : « Rattazzi possuia outros dotes raros e perduraveis, a perspicacia, o espirito de analyse, a aptidão para as deducções, *exactamente o que faltava a Cavour.....* » « Renniam-se nelle (Rattazzi) a persistencia, a tenacidade e os expedientes legaes do estadista, *tantas vezes menos-presados por Cavour...* » E isto basta para deixar ver que o escripto da princeza, em grande parte, é o resultado de uma promessa, de um voto quasi religioso : mostrar que Camillo Cavour foi inferior a Urbano Rattazzi ! Tarefa inexequivel, e que só aos olhos da mulher estremecida, quero dizer, aos olhos do amor, que não tem olhos, podia affigurar-se como realisavel.

Entretanto, eu confesso que esta estranha maneira de julgar, que se nota em mais de uma pagina da interessante obrinha, não é o que me leva a occupar-me della. Tenho motivo mais poderoso para articular as minhas censuras, um só, é verdade, mas este decisivo. E é o seguinte: tratando da Allemanha, a escriptora italiana, que aliás não é suspeita de exaggerado enthusiasmo por esse paiz, se exprime assim : « Nenhum povo apresentou jamais uma pleiade de homens igual á que iluminou radiosa os horisontes da Allemanha, de 1815 a 1840 : Lessing, Winkelmann, Göthe, Schiller, Klopstock, *Ochtens-chager*, Grillparzer, Kotzebue, Werner, Tieck, Körner, Burger, *Truligrat*, Uhland, Rückert, *Redintz*, Kinkel, Niebuhr, Müller, von Hammer, Herder, Schlosser, Ranke, Schelling, o archiduque Carlos, Wieland, *Clausenrtz*, *Bartholdz*, *Vamhanger*, Stein, *Ense*, a condessa de Hahn-Hahn, Hackländer, *Ien*, *Borel Richter*, Kant, Fichte, Frederico Schlegel, Jacobi, Strauss ; e alem destes contavam-se um sem numero de escriptores religiosos : *Luis*, Thorwaldsen, *Kiff*, Dannecker, Beethoven, Mozart, Haydn, Handel, Mendelsohn, Spaur (Spohr)?, Gluck, e uma infinidade de nomes notaveis, sem fallar dos *tres Humboldts* ». Como se vê, a intenção da auctora foi muito

bôa ; a sua these é verdadeira; mas o modo de proval-a é um pouco desacreditador.

E diante deste *specimen* de familiaridade com a litteratura alleman, hesito em pronunciar-me : a princeza Rattazzi terá escripto isto mesmo, ou o despropósito virá da sua traductora portugueza? Suppridas, como foram na transcripção, algumas lacunas que se podem explicar como defeitos typographicos, ainda assim ficaram, e ali estão para ver-se uma porção de disparates que fazem eriçar os cabellos. Nas linhas que citei ha cinco ou seis categorias de erros : erros de data, erros de nome, erros de apreciação, erros de qualificação, erros de seriação, e finalmente erros que chamarei de *invenção*, aquelles que a auctora commette, inventando nomes não só desconhecidos na litteratura alleman, come até estranhos á respectiva lingua. Assim me é licito perguntar : que vem fazer, em uma lista de espiritos que se diz terem brilhado de 1815 a 1840, Lessing, Winckelmann, Wieland, Kant, Schiller e outros mencionados, que pertencem exclusivamente ao seculo XVIII? Quem foi *Ochtschager*? Devia dizer : *Oehlenschläger*, poeta dinamarquez, que não obstante costuma-se filiar na romantica alleman. Quem foi *Truligrath*? Devia dizer : *Freiligrath*. Da mesma forma : *Redintz*, *Clauseritz*, *Vamhungen*, *Borel Richter*, *Bartoldz*, etc., são nomes que soam mal aos ouvidos de quem entende. Não se procure invocar, em defesa, a advertencia da *errata*, na qual a traductora espera que a intelligencia do leitor supra varios erros, *que escaparam na revisão*. Quando tudo o mais fosse desculpavel, como erro de imprensa, não sê-lo-hia, por exemplo, que *Varnhagen von Ense*, além de ser transformado em *Vamhungen*, seja decomposto em dous personagens distinctos : *Vamhungen* aqui, e *Ense* mais adiante ; nem tambem que se nos falle de um *Ien*, ou de um *Kiff*, palavras estranhas que o leitor mais condescendente não sabe como supprir. Passando aos erros, que eu denominei de apreciação : como é que ao lado de Lessing, Klopstock, Göthe, Schiller, colloca-se Kotzebue e Werner; ao lado de Niebuhr, um Kinkel, um Müller, sem indicar qual este seja, pois ha na litteratura alleman não menos de

vinte *Müller*, alguns dos quaes não são dignos de tão honrosa menção?!

Erros de qualificação: onde fez a illustre auctora, ou a sua traductora, a singular descoberta de terem sido Händel, Gluck, Mozart, Beethoven, e até o esculptor dinamarquez Thorwaldsen, *escriptores religiosos*? Erros de seriação: como reune-se n'um mesmo feixe os romancistas Hackländer e Hahn-Hahn com os philosophos Kant e Fichte? Como se falla em Herder depois de Hammer, em Schelling depois de Ranke, em Wieland depois de Schelling? Erros de invenção: além de *Iien* e *Kiff*, já indicados, quem foi *Iuis*? E onde, por amor de Deus! achou a auctora ou a traductora que os celebres irmãos *Humboldt* não foram *Jous*, porém *tres*?

E' uma série de contrasensos, que o facto de serem escriptos por mão feminina não justifica, nem attenúa. E eu devo enfim confessar: não estou disposto a crer que a princeza Rattazzi, revelando-se em outros pontos assás instruida, tenha realmente commettido, no que respeita á litteratura alleman, tamanhos desatinos. Se não tudo, ao menos a maior parte, deve correr por conta da traductora portugueza, a Sra. Guiomar Torrezão. Mas dado mesmo que a auctora tivesse incorrido em semelhantes faltas, a traductora que as reproduzio sem consciencia, é duplamente censuravel e digna de riso. Não achar a Sra. Guiomar em Lisboa, quem lhe fizesse sentir os crassos erros da sua traducção! Oh!... (1)

(1) E' de 1879 este artigo. (N. de S. R.)

XXII

Carta ao redactor da « Deutsche Zeitung » do Rio de Janeiro

Honrado Sr. Redactor,

Dirijo-me a vós para pedir-vos que publiqueis em vossa folha as presentes linhas, se ellas vos parecerem dignas disso.

Bem sei eu que não me assiste o direito, nem tenho a pretensão de merecer semelhante honra ; todavia anima-me a convicção de que desculpaeis a minha ousadia.

Arriscando-me a dar este passo, por mais cheio de perigos que elle seja, creio entretanto dar assim pelo menos um bom exemplo de legitimo patriotismo e puro amor da verdade.

E não é difficil de perceber o motivo que a isto me determina.

A Allemanha é no Brasil inteiramente desconhecida. Espirito alleman, philosophia alleman, sciencia alleman, ainda não vieram com seus raios rebater as sombras que ahi pesam sobre quasi todas as relações da nossa vida publica. Basta somente uma ligeira leitura dos jornaes, brochuras e livros que apparecem entre nós, na capital do imperio mesmo, para fazer pasmar sobre o triste estado de ignorancia, em que nos achamos. E' como se nada de novo exista : como se a França, a França sozinha, ainda deva marchar á frente da civilisação, tanto nas fôrmas e meneios, como nas ideias, e nos costumes!....

Antes dos ultimos acontecimentos que abriram caminho á historia do mundo, quero dizer, antes da guerra alleman-franceza, cujo merito consiste em uma transformação das intuições, em uma passagem do « imperio » do lado das nações romanicas para o lado das nações

germanicas, não era incomprehensivel que venerassemos a França. Então, ninguém punha em duvida a verdade da velha these, que a nação franceza tinha por missão dirigir os outros povos, e sempre representar o primeiro, o nobilissimo papel; ainda mais: todos ancejavam por beijar os pés da pretendida grande libertadora do mundo, como um dever santo a cumprir. « O gallo francez cantava, e até na Allemanha tornava-se dia », se cremos no que disse Heine. Humildemente jazia-se ajoelhado, em ar de adoração, diante da guerreira; e todos juravam pela bandeira do progresso, que gloriosamente ella empunhava.

No que toca a nós brasileiros, como podera ser de diferente modo? Estavamos tambem habituados a receber de Pariz o que havia de mais esplendido e mais bello.

Em um paiz, onde tudo ainda hoje se comporta e gesticula á franceza; em um paiz, onde hoje ainda difficilmente encontram-se tres pessoas que de alguma maneira conheçam a ingente significação da cultura scientifica do povo allemã; em tal paiz, a Allemanha não podia adquirir sectarios e adoradores.

Para nós a França enchia toda a historia; a Allemanha pouco mais era que um conocito geographico: um capitulo da astronomia...

Porquanto, semelhante a uma nebulosa, apenas sonhada, perdida no infinito, subtrahia-se aos nossos olhos a nobre patria das mais valentes cabeças da actualidade. Debalde os allemães tinham homens, como Schopenhauer e Strauss; destas e outras grandezas scientificas, nós nada sabiamos, senão era que nos fosse dado conhecê-las atravez do binoculo francez, e isto ainda pelo lado que diminue. Ora, se no que respeita á noticia do estado da Allemanha de então, os proprios francezes trasbordavam de ignorancia, evidentemente a nossa, sobre o mesmo ponto, era mil vezes mais terrivel.

Entretanto, não é este o motivo, porque eu lastimo a myopia do nosso espirito. Existem causas mais proximas de descontentamento; e quasi que podia dizer com Proudhon: « Je me sens pris du dégoût de mon pays..... »

Desde 1871, anno em que começou uma nova epoca, o germanismo, no melhor sentido da palavra, prende a attenção do mundo inteiro. Em geral, até no Japão, se toma interesse pela lingua e litteratura allemã: consequencia immediata da victoria e da crescente importancia da Allemanha. E' uma necessidade historica, uma exigencia do tempo. Os factos repousam diante de nós.

Não só na lucta bellica, mas tambem na lucta espirital, os francezes foram superados e atirados em segunda linha. Pouco a pouco as nações mais cheias de vida e de esperanças transformam o seu velho modo de ver, abandonando a insignia do francesismo, e reunindo-se em torno da Allemanha.

A despeito de tudo isto, os grandes feitos da guerra «justa e santa», como chama-a com razão Frederico Vischer, não tiveram entre nós influencia alguma. Descuidosamente continúa o Brasil a ser um satellite da França. Para elle a Allemanha é ainda, como sempre, o reino do idealismo anti-pratico, da phantastica poetica. Os nossos escriptores continuam a mover-se no meio dos prejuizos que costumavam haurir nos livros francezes. Em materia de arte, de religião, de politica, nosso pensar e sentir é oriundo de França, afeiçãoado segundo os seus modelos. Deste modo, qualquer dos nossos pretensos pensadores e escriptores tem, por assim dizer, seu pár de muletas francezas, com as quaes unicamente póde caminhar; e é por isso que as lettras brasileiras padecem da indigencia de uma propria vida substancial. O espirito nacional, alimentando-se da migalha franceza, produz sómente fumaça e nada.

Bem sei eu que os patriotas se incommodam, quando se lhes patentêam estas verdades, humilhantes, porém irrefutaveis, quero fallar dos falsos patriotas que enchem a bocca sobre a felicidade e o futuro do imperio, aquelles chauvinistas que não têm pejo de proclamar o Brasil o primeiro paiz da terra, e mal presentem, quanto são ridiculas as suas pretensões exageradas.

Disse o philosopho Schopenhauer: «O verdadeiro e o justo ganhariam espaço no mundo com mais facilidade, se aquelles que são incapazes de produzil-os, ao mesmo tempo

não se conjurassem para não deixal-os apparecerem ». Sem jactancia; eu tenho tambem infelizmente experimentado a exactidão deste juizo.

Vejamos agora o alvo final da presente carta :

Como o Brasil, na minha opinião, se acha muitos annos atraz de outros paizes do mundo civilisado, elle precisa sobretudo de apropriar a si a vida espirital alleman, que é por vós, Sr. redactor, tão dignamente aqui representada ; e eu não tenho outro intuito, senão promover o progreso intellectual de minha patria, pedindo como peço para ella a protecção do *Allgemeine Deutsche Zeitung*. Mais do que nunca, os brasileiros carecemos de conhecer a Allemanha.

Se até hoje nos tem faltado um órgão sufficiente para nos dar noticia do grande povo de pensadores e criticos, vós estaes nas condições de arredar essa carencia, e preencher lacuna tão sensivel. Trata-se sómente de provocar entre nós o amor do germanismo, e dirigir o nosso espirito por caminhos, pelos quaes conseguiremos as vantagens da cultura moderna mais segura e promptamente, do que pela senda, até hoje trilhada, e que muitas vezes perde-se na arêa, a velha senda do francesismo.

Assim vos peço, queiraes cooperar, para que nós tambem possamos exclamar com o poeta :

Deutschland, Deutschland über Alles ?
Ueber Alles in der Welt !.... (1)

(1) Foi esta carta escripta em lingua alleman em 1874 e publicada na *D. Zeitung* do Rio de Janeiro. No anno seguinte Tobias Barreto publicava no Recife o *Deutscher Kämpfer* (N. de S. R.)

XXIII

Alguma cousa tambem a proposito de Meyerbeer

I

A leitura de um longo e detallado artigo sobre *Meyerbeer e a opera os Huguenotes*, estampado na *Revista Brasileira* de 15 de outubro de 1879, e cujo auctor ha nome Alfredo d'Escragnolle Taunay, a quem não tenho a honra de conhecer, foi para mim de um effeito extraordinario, quasi maravilhoso. Eu conto o caso. Ao se me deparar aquella epigraphe, em apparencia simples, mas no fundo pomposa e promettedora, atirei-me ao artigo com toda a voracidade de um leão em jejum, ou de um espirito affeioado a trabalhos de tal genero, porém que a seu pezar não os encontra de boa qualidade nos grossos armazens da jornalística patria. Li, como um homem, o escripto do Sr. Taunay; e quando acabei de lê-lo, vi então que, como uma dessas deliberações que se tomam durante o somno, e que são ainda hoje o tormento dos psychologos, meu plano estava assentado. Lembrando-me, não sei porque, de Adolpho Glassbremer, *der allzeit Witzige*, segundo a phrase de Schlægl, o gracioso auctor do *Wiener Blut*, disse commigo e entre mim: «Tenho penna, papel e tinta; porque não escrever tambem um artigo sobre Meyerbeer?»

Foi assim que me dispuz á execução do presente acto, quero dizer, das presentes linhas, para as quaes não hei mistér de pedir ao nosso classico estylo epistolar o estereotypo qualificativo de *mal traçadas*; ellas mesmas vão mostral-o. E o Sr. Taunay é um cumplice da minha ousadia. Não que me tivesse inspirado ideia alguma; porém o seu exemplo!... Sem duvida: o seu exemplo

encheu-me de coragem e sacudio-me para a liça ou para a scena, conforme fôr mais adaptado á natureza do assumpto.

George Brandes, o illustre dinamarquez, auctor da *Hauptströmungen der Literatur des 19 Jahrhunderts*, nos falla de uma certa classe de espiritos, que têm o condão de electrizar, cujas palavras se espalham como ondas luminosas sobre aquillo de que elles tratam, e que não só causam impressão nos outros, como tambem despertam nos outros o impeto de produzir. O Sr. Taunay, quero crer que não me engano, está bem longe de pertencer propriamente a essa raça principesca de pensadores de sangue, de escriptores por graça de Deus ; mas nem por isso o seu elaborado critico-musical está menos em condições de tornar productivo a mais de um leitor, pelos reparos que suscita. pela contradicção que provoca. Eu sou um dos, não sei se muitos ou poucos, a quem elle ha occasionado doces momentos de innocente prazer, como sóem motival-os todas as cousas impregnadas de um bafô comico, ainda quando não visem semelhante effeito ; caso em que se acha o escripto mencionado, por força da enorme desproporção entre a plumagem e o canto, entre o promettido e o dado, entre a arrogancia do auctor e a mesquinhez da sua obra.

A verdadeira moral, diz um critico berlinense, não tem por alvo prejudicar a um dos mais nobres symptomas da saude humana, isto é, o riso. O mesmo se poderá dizer, e com mais fundo de razão, da verdadeira esthetica ; e até da verdadeira philosophia em geral, se soubessemos ao certo qual fosse ella. Voltaire opinara que o céu nos havia dado, para contrabalançar as grandes fadigas da vida, dous excellentes companheiros : *a esperança e o somno*. Kant, o philosopho revolucionario, Kant, o sisudo e grave pensador, de quem diz Joahannes Scherr que soube viver com a regularidade e monotonia de um relógio, não duvidou, entretanto, a esse par de mensageiros celestes, que sustentam nas azas o leito de *Psyché*, addicionar mais um : *a faculdade de rir*, que no seu pensar é de tanta utilidade como os dous primeiros.

Ora, pois, em commungo nesta meza. Correndo mesmo o risco de, no dia da resurreição, segundo refere o *Koran*,

ouvir se me chamar de todas as portas do Paraíso, que aliás uma após outra ir-se-hão fechando, á medida que eu me approximar, pois é assim que são punidos os que na terra gostam de juntar a tudo um pouco de sal aristophanico, não cedo do direito, inherente ao meu temperamento, de tomar a minha parte de gracejo, ainda com as cousas mais sérias, como, por exemplo, o escripto do Sr. Taunay.

Prefiro, em todo caso, o riso de Democrito ás lagrimas do *obscurus de Epheso*; de quem, não obstante, aceito convicto o salutar principio: *muito saber não instrue o espirito*; verdade esta que Lehrs considera digna de ser gravada no frontespicio de todas as universidades; porém que eu, menos ambicioso, quizera apenas ver escripta na frente de todas as revistas e jornaes litterarios, como um resumo e como uma advertencia.

O Sr. Taunay, posto que já tenha sido, segundo me consta, membro do parlamento ou representante da nação, não me parece contudo um phenomeno vulgar, nem um homem de todo atrasado, empedernido na idolatria das *phrases convencionaes*. Mas isto não quer dizer, por ventura, que lhe falte aquillo que sobra nos outros: a superficialidade, o gosto da semi-ciencia ligeira, esta especie de *philoxera vastatrix* de todos os productos da cultura intellectual brasileira. A tomarem-se-lhe as dimensões pelo escripto de que me occupo, o Sr. Taunay não será de certo um pygmeu, mas muito menos um vulto, que se imponha pela estatura. O seu trabalho, que pôde ser, segundo o costume da terra, perfeitamente adequado... *a dilettar le femine e la plebe*, para quem tem um pouco mais desenvolvida a *faculté maîtresse* da critica despreoccupada, é um esplendido testemunho de pobreza. Não sou eu quem o diz; é o proprio escripto, que chamo a depôr em defeza de tal asserção.

II

« A musica é o Parnaso do pobre », disse Ralph Emerson, o ensaista philosopho americano; e é este um d'aquelles seus pensamentos de aldeia, *village thoughts*,

como elle mesmo por modestia os denomina, que me parecem conter maior porção de verdade, tanto mais elevada, quanto mais simples e familiarmente expressa. Verdade em duplo sentido : no sentido directo de ser a musica a unica das camenas, que entra sem cerimonia na casa dos pobres de dinheiro, para leval-os por brinquedo a regiões desconhecidas ; e no sentido reflexo de ser ella tambem, como theoria, o unico assumpto que impunemente está á disposição dos pobres de espirito. Não conheço com effeito materia alguma, discutivel ou indiscutivel, que dê mais largas á *mania de escrever*, do que essa arte cem vezes definida, que ainda hoje não tem uma definição; essa arte mysteriosa que possui o privilegio de despertar, sem o *medium intellectuale*, sentimentos fortes, emoções nobilitantes da natureza humana, e como tal mergulhar-nos na sombra do absoluto sem nome, na noite do incomprehensivel, onde, como em outra qualquer noite, todos os gatos são pardos, e todas as pennas competentes... Mas veja-mos o artigo do Sr. Taunay. Começa elle :

« Com a inesperada creação de *Roberto do Diabo*, o maestro *Giacomo* (1) Meyer Liebmann Beer, que a historia conhece por Meyerbeer, depois de proclamar a sua quasi completa independencia das fórmãs e ideias da escola italiana, ás quaes devera comtudo em larga parte a sua educação artistica e os seus triumphos de *Emma di Resburgo* e do *Crociato*, iniciou uma era nova nos annaes da musica. »

Não ha duvida : estes primeiros compassos da *ouverture* dão logo ideia do pensamento que domina em toda a composição. O leitor presente que tem diante de si um d'aquelles criticastros á la *Blaze de Bury*, de que falla Eduardo Hanslick, para os quaes Meyerbeer é uma apparição imprevista; e que não contentes com cingir a fronte do grande maestro das rosas naturaes do justo reconhecimento de suas qualidades, ainda lançam mão para corral-o das flores artificiaes do elogio anachronico, da hyperbole extravagante.

(1) E porque não «Jakob»?... O prussiano Meyerbeer seria italiano?!

« Com a inesperada criação de *Roberto do Diabo* », Inesperada como ? inesperada porque ? Representado pela prima vez aos 21 de novembro de 1831, *Roberto* já tinha sido entregue á grande opera de Pariz, desde julho de 1830, para ser levado á scena; o que, entretanto, não foi logo possível em virtude de uma guerrilha, que o compositor teve de soffrer da inveja, da intriga e da indolencia, como refere Hanslick (2); ou antes, como diz Julianio Schmidt, por se ter mettido de permeio a revolução de Julho (3). Seja, porém, como fôr, o interassante é que n'aquella data, *Roberto do Diabo* foi tão inesperado, quanto o foram pouco antes outros symptomas musicaes da época, outros notaveis phenomenos do genero. O Sr. Taunay parece ignorar que depois da *Muda de Portici*, cuja primeira representação se dêra em fevereiro de 1828, depois do *Guilherme Tell*, que fôra ouvido e admirado em agosto de 1829, o *Roberto* não veio fazer mais de que completar a série das tres grandes composições, que juntamente produziram uma revolução na opera moderna. E a isto accrescenta o elegante critico de Vienna: « Auber, Rossini, Meyerbeer, um francez, um italiano, um allemão, são os componistas, as obras mesmas, compostas sobre texto francez, para cantores e espectadores francezes, pensadas e executadas no espirito francez, são em essencia operas francezas; e é com toda razão que os bustos dos tres poetas da harmonia adornam o *foyer* da opera em Pariz. Se o terreno musical da França é de facto pouco ubertoso, em compensação Pariz é uma especie de *serre chaude*, cujo calor desenvolve estranhos germens, dando-lhes rapida e florescente força vital. » *Roberto* pertence, é verdade, á nova direcção, que por aquelle tempo tomára a lyrica dramatica; mas essa direcção já estava iniciada, quando Meyerbeer veio formar com Auber e Rossini o triumvirato dos mais celebrados componistas dos ultimos cincoenta annos.

Ha uma outra circumstancia que não convém esquecer. E' sabido que a época decorrida de 4 de janeiro

(2) « *Die moderne Oper...* » pag. 141.

(3) « *Geschichte der französischen Literatur...* zweite Auf. II, » pag. 324.

de 1828 a 8 de agosto de 1829, que foi a duração do ministerio Martignac, derradeira tentativa dos Bourbons para se conciliarem com o espirito do povo, constitue uma das quadras mais fecundas da moderna França. A impressão que produzem esses poucos mezes, diz Schmidt, é como se, por um fresco alento da primavera, todos os campos e todas as arvores se cobrissem de flôres; tão maravilhosa é a abundancia de phenomenos significativos que de repente, ao lado um do outro, emergem na litteratura. Não eram sómente sabios e poetas que escreviam para o futuro; a massa mesma entrára no movimento; uma prazenteira esperança apoderára-se da mocidade; cada palavra dos celebres mestres achava écho em seu coração. Foi o periodo das brilhantes prelecções de Guizot, Cousin e Villemain; o periodo da apparição de *Christina, Ernani, Marion de Lorme, Henrique III*, em cuja primeira representação, a deste ultimo, o duque de Orléans até encheu camarotes de principes, seus convidados!... Ora, nesta fervida agitação intellectual, comprehende-se a espontaneidade do enthusiasmo provocado pela *Muda*, estréada a 29 de fevereiro de 1828, e pelo *Guilherme Tell*, a 3 de agosto do anno seguinte; aquella pouco depois de começada, e esta apenas cinco dias antes de fechar-se a gloriosa quadra. Sob a influencia deste clima politico e social, dentro desta atmosphera, nasceu *Roberto do Diabo*; qual foi, qual podia ser, portanto, essa iniciação de uma nova era, que lhe attribue o Sr. Taunay?

Nem se admire o illustre escriptor da grande importancia que pareço dar aos movimentos consensuaes da politica e das artes. Mais humana e popular que todas as suas irmãs, a musica é talvez a arte que menos se pôde subtrahir aos influxos do momento, ás modificações do ambiente.

Foi, sem duvida, firmado nesta verdade de facto, que Luigi Settembrini, o maior historiador litterario da Italia contemporanea, pôde dizer: « La musica che esprimeva col Paisiello e col Cimarosa i placidi sentimenti che erano nell'anima dei padri nostri, esprime col Rossini la

baldanza de la revoluziõne, e col Bellini gli strazi che ci fece sentire la reaziõne. » (4)

Fazendo até a parte da indole peculiar italiana ; concedendo mesmo a Henrique Heine a exactidão daquelle seu modo de vêr das *Noites florentinas*, segundo o qual, a musica na Italia não é representada por individuos, mas se revela em toda a população, o que fica ainda é sufficiente para deixar estabelecido que a musica de um Cimarosa ou de um Paisiello, de um Bellini ou de um Rossini, não obedeceu em maior escala do que a de um Meyerbeer á força impetuosa da corrente geral dos espiritos. Roberto foi pois, como tantas outras individualidades da especie, um verdadeiro filho de seu tempo.

O Sr. Taunay tambem nos falla de uma.... « *quasi* completa independencia das fórmas e ideias da escola italiana... » Este *quasi* é caracteristico. Ha palavras conciliadoras, medianeiras, que formam um compromisso entre o erro e a verdade. Eis ahi uma.

Ninguém dirá que a proposição do nobre critico seja verdadeira, mas tambem é certo que o virtuoso *quasi* nos colloca na impossibilidade de dizer que ella é erronea. Todavia importa levantar um pouco mais a ponta do véo, ou antes.... arrancar o emplastro e pôr o dedo em cima da ferida.

O componista Meyerbeer, de quem hoje difficilmente se pôde affirmar qualquer cousa, que já não tenha sido dita e muito bem dita, apresenta diversos momentos, phases distinctas no seu desenvolvimento artistico.

Até 1814, data do máu successo do seu *Abimelek* em Vienna, onde aliás por esse mesmo tempo, durante o celebre congresso, o *Fidelio* de Beethoven, depois de mal aceito em 1805 e 1806, obtivera immenso triumpho, e quando Meyerbeer contava apenas 23 annos de idade, foi a primeira phase dos ensaios juvenis, nos limites do espirito allemão.

Ahi então, accedendo ás ponderações de Salteri, que fez com elle o mesmo que Fux com Holzbauer, isto é, aconselhou-o a que tomasse o caminho da Italia, afim de

(4) « *Lezioni de letteratura italiana* » III—pag. 233.

aprender a escrever para o canto, Meyerbeer decidiu-se a realizar este plano; e pouco depois, com effeito, partiu para aquelle paiz.

De 1818 a 1824 durou o periodo italiano da vida do componista. As operas que alli foram por elle escriptas sumiram-se no esquecimento, inclusive *Il Crociato* mesmo que marca o ponto culminante é o termo final desse periodo, e que na propria Allemanha, sob o nome de *Kreusritter in Egypten*, se affirmou longo tempo com brilhantes resultados. N'esta peça, é verdade, Meyerbeer ainda permanece dentro do circulo da influencia rossinica; mas revela-se capaz de elevar-se á maior altura. E Hanslick opina que no *Crociato* ha pedaços que já trazem completamente o cunho meyerbeerico, de uma concepção autonómica, que nem de longe permite confundir-se com Rossini, e inflammados de uma energia dramatica tal, como ainda n'aquelle tempo Rossini não tinha attingido. Depois d'essa opera, na qual, segundo a expressão do mesmo critico, já apparecem por toda a parte as verdes divisas de uma revolução que rebenta, o componista faz uma longa pausa: é uma pausa de recolhimento e reflexão. Nos seis annos decorridos do *Crociato* a *Roberto*, além dos dois grandes acontecimentos musicaes supra lembrados, deram-se dois outros, que não foram talvez de menor repercussão no animo de Meyerbeer. A morte de Weber, em junho de 26, a que succedeu a de Beethoven, em março de 27; a extinção d'estas duas estrellas da arte no céu da Allemanha, devia naturalmente contribuir para um engrandecimento de vistas nos planos revolucionarios do joven israelita. Eu disse, *naturalmente*, e não costumo brincar com as palavras. A natureza humana é isto mesmo; antes peor, não melhor, do que em geral se suppõe. Por baixo de toda a sentimentalidade philanthropica humanitaria sempre... *der Einzige u sein Eigenthum*, sempre o eu, com as suas paixões, seus calculos e seus interesses. O desaparecimento de um genio que já domina uma época, é sempre favoravel a outro que se levanta.

Com a morte de Weber e Beethoven, o primeiro romantico e o ultimo grande classico da musica allemã, dos quaes diz Hermann Hettner: d'aquelle, que foi o mais

popular, o mais allenião de todos os *Tondichter* da Allemanha ; e d'este, que preencheu e completou a fôrma artistica estabelecida por Haydn e Mozart (5) ; com a morte d'esse par de dioscuros, cujos feitos musicaes ensoberbeciam então a sua patria, e com quem Meyerbeer não podia dizer, como diz a ballata de Schiller :

*Ich sei, erlaubt mir die Bitte,
In euern Bunde der Dritte ;*

era natural que elle se sentisse alliviado das apprehensões, communs a todos os empenhados na immensa *lucta pela gloria*, quando o terreno está occupado por heróes e semideuses. O... *jamais le laurier, qui pare d'autres têtes, ne jette d'ombre sur mon front*, é, sem duvida, uma belleza poetica, mas é tambem uma inverdade psychologica. Assim, Meyerbeer teve occasião de perlustrar mais tranquillo o campo de suas operações, e até a um certo ponto, no districto da musica allemã, considerar-se só. Franz Schubert mesmo, que lhe podera tomar a frente, Franz Schubert, em quem a familia musical do *Lied* havia tocado á sua maior florescencia, posto que só muito tempo depois da morte d'elle se tornassem conhecidas, por intermedio de Liszt, essas doces melodias que ainda hoje conservam o primitivo frescor, desappareceu tambem um anno apenas posteriormente a Beethoven. Marschner, o discipulo immediato e successor de Weber na direcção romantica, não estava no caso de inspirar-lhe serios receios. Mendelssohn e Schumann ainda não eram as forças, que se tornaram em seguida, capazes de perturbar os movimentos da sua estrella.

Em uma palavra, tudo pareceu concorrer, e de facto concorreu, para dar a Meyerbeer essa feição divergente que os seus compatriotas tanto estranhavam na composição de *Roberto do Diabo*; sem que, porém, se possa dizer, como faz o Sr. Taunay, que esta partitara foi uma *creação inesperada*; e a par d'este, muitos outros despropositos, que attestam perfeitamente a incompetencia do escriptor.

(5) *Literaturgeschichte des 18 ten Jahrhunderts*, Drittes Buch Zweite Abtheilung.—Pgs. 503 a 510.

III

Passando a enumerar e especialisar as qualidades do *Roberto*, o despachado critico regala as suas leitoras com uma serie de proposições, cada qual mais ôca e destituida de sentido, que fallam tanto ao pensamento, como o rufar de um pandero, ou a resonancia de um tonel vazio. Assim diz elle que Meyerbeer... «devassou regiões novas, buscando estabelecer definitiva conciliação entre as tendencias germanicas e italianas, restringindo o exclusivismo harmonico d'aquella escola (?) e cerceando quanto possível o vago das melodias transalpinas, usando de modulações novas e muito estudadas, visando sempre a *emoção musical*, affirmando por meio de phrases caracteristicas o typo vario dos seus personagens... *et cætera. et cætera, et cætera* »... Mas que exprime tudo isto? Absolutamente nada.

O Sr. Taunay, n'este pedaço, traz-me á lembrança aquellas palavras de Shakespeare no *Sonho de uma noite de verão*: *Indeed he hath played on his prologue like a child on a recorder: a sound, but not in government*. Realmente: *a sound, but not in government*, elle sopra na frauta, mas não sabe pôr os dedos... Nada de peculiar e caracteristico de *Roberto*; mas tudo generico, indefnido, e podendo affirmar-se, com igual vantagem, de outra qualquer opera. « Buscando estabelecer definitiva conciliação entre as tendencias germanicas e italianas... » Quaes eram ellas?

E que vem a ser, em ultima analyse, no que toca á musica, uma *tendencia* italiana e uma *tendencia* germanica, que se possam conciliar? O critico errou o salto; e foi até além dos mais fanaticos admiradores do compositor allemão, que todos reconhecem no *Roberto* uma grande dôse de influencia parizienese.

‘Dado mesmo, pois, que Meyerbeer buscasse estabelecer essa conciliação de que falla o Sr. Taunay, é incontestavel a parte que deve ser feita ao estylo francez. A analyse chimica de uma musica para descobrir a sua nacionalidade, segundo Hanslick, não é tão facil, como se affigura aos criticos do dia, e muito menos na opera;

além de que essa fusão de estylos diversos, geralmente attribuida a Meyerbeer, em todas as produções da terceira phase do seu desenvolvimento, não constitue um traço distinctivo da physionomia do componista. Já Spon-tini e Cherubini tinham realisado igual empreza e chegado a dever os seus mais poderosos effeitos á reunião de elementos italianos, francezes e allemães. Em todo caso, é certo que, uma vez admittido o intuito conciliador de Meyerbeer, não ha no *Roberto* simplesmente uma combinação binaria de *tendencias* germanicas e italianas; porém alguma cousa de mais confuso, se não de mais extravagante, a que Rodolpho Gottschall dá o nome de *cosmopolitismo musical* (6), e que outros menos condescendentes, a exemplo de Ricardo Wagner, ainda hoje designam pelo titulo malsinante de *judaismo na musica*; em uma palavra, alguma cousa de anti-germanico e anti-nacional, d'onde proveiu a tremenda reacção suscitada na Allemanha contra as innovações do maestro, reacção que não está acabada, e que ainda não ha muito tempo fazia Louis Enlert escrever que Meyerbeer entregara-se de todo ao *demonio* da sua raça: para onde quer que se olhe, encontra-se a expressão especulativa, melismatica, de um talento unicamente preocupado dos meios de produzir effeito. (7) Entretanto o Sr. Taunay parece não ter destes factos nem uma ligeira noticia!...

Continúa o critico ...« restringindo o exclusivismo harmonico daquella escola e cerceando quanto possivel o vago das melodias transalpinas »... exclusivismo harmonico da escola alleman!... A expressão é incabivel. Se nos fallasse de um certo predominio harmonico, não havia o que contestar; mas exclusivismo... é um erro; e bem apreciado, até um contrasenso; pois que musica exclusivamente harmonica repugna ao conceito da musica mesma. Demais, poder-se-hia admitir que Mozart, Beethoven, Weber, Schubert, para não fallar dos mais antigos, nunca extrahiram o seu mel da flôr monopétala das melodias enternecedoras?

(6) *Die Deutsche Nationalliteratur des 19 ten Jahrhunderts*. II pag. 339.

(7) *Deutsche Rundschau*, Zweiter Jahrgang. Heft 11, pag. 206.

O Sr. Taunay desconhece que ha, nas operas d'estes auctores, inspirações de uma frescura matinal, que pelo lado melodioso nada cedem aos modelos transalpinos? Pondo mesmo de parte o que toca a Mozart, o *ultimo dos italianos*, como o qualificaram, haverá exclusivismo harmonico, *verbi-gratia*, n'aquelle interessantissimo duetto do *Fidelio*, entre Leonor e Lorenzo: *Jetzt, Schatzchen, jetzt sind wir allein*? E n'aquelle doce romanza de Adolar em *Euryantha*: *Unter bluhinden Mandelbaumen, an der Loir grünen Strand*, da qual, como das arias de Euryantha mesma, ressumbra todo o perfume, que circunda o trovador provençal e a poesia que o glorifica?..

Haverá ainda exclusivismo harmonico em o celebre *côro de caçadores* d'esta ultima opera: *Die Thale dampfen, die Hohen, gluh'n*, e n'aquelle singelo canto das nymphas em *Oberon* que ainda por muito tempo fará as delicias de um ouvido delicado: *O wie schon wogt sich's auf der See*?... Será tudo isto exclusivamente harmonico, sem uma gotta, sequer, de orvalho melodico? Não admira que o nosso critico assim pense. Segundo todos os signaes, nunca passou-lhe pelas vistas, já não fallo de Mozart e de Beethoven, nunca passou-lhe pelas vistas nem uma só partitura de Weber. Tenho direito de dizel-o; a menção que fiz de *Euryantha*, associa-me a ideia da maior desgraça que pôde acontecer a um critico musical, succedida ao Sr. Taunay, e que eu aproveito a occasião de referir.

A proposito d'essa peça, elle emprega sem escrupulo o nome de *Euryantho*... julgando ser *cravo* o que é *rosa*, dando por homem o que tal não é, sem saber, o bom do critico, que *Euryantha*, com desinencia feminina, é a verdadeira traducção do titulo da opera, pela razão mui simples de ser esse justamente o nome da protagonista, que é o primeiro soprano, que é uma mulher!.... Sr. Escragnolle Taunay!

O facto é extraordinario; mas não deixa de ter a sua explicação. Se fosse licito aos francezes escrever *la Euryanthe*, como escrevem, por exemplo, *la Preciosa*, o nosso critico estava salvo: teria visto, pelo *artigo*, que *Euryanthe* é feminino. Mas o demonio do apostrophe

perturbou-lhe a marcha serena. Não tendo conhecimento da partitura, mas instruído pelo que leu em Henry Blaze, ou Scudo, ou J. d'Ortigne, ou qualquer outro da mesma companhia, e encontrando provavelmente a expressão *l'Euryanthe*, o Sr. Taunay equivocou-se, e commetteu o desatino que acabo de notar; aliás tão pouco desculpavel e tão digno de riso, como se alguém principalmente em uma *Revista* publicada na côrte do Imperio, nos viesse fallar, com ares de competencia, do *Lucio* ou do *Lucrecio* de Donizetti, do *Sonambulo* e do *Straniero* de Bellini, do *Semiramo* de Rossini, de *Luiz Miller* de Verdi, e assim por diante. Como um apostrophe, uma bagatella orthographica foi capaz de motivar tamanho fiasco! E digam lá que pequenas cousas não podem produzir grandes effeitos!... Eu peço permissão para mencionar aqui um facto que a historia não dedignou-se de conservar, e que dá perfeito testemunho de que muitas vezes as cousas mais insignificantes occasionam successos inauditos. No tempo de Luiz XV, e quando publicaram-se em Pariz os dez ultimos volumes da *Encyclopedia*, o clero ergueu-se contra a impiedade, e os livreiros tiveram de pagar a sua audacia com oito dias na *Bastilha*. Então Choiseul e Malesherbes, que eram espiritos elevados, tratando de predispor o rei em favor dos encyclopedistas, empregaram para isso uma pequena manobra palaciana. Estando elle um dia a almoçar, buscou-se de proposito travar conversação sobre assumptos taes, que insensivelmente levaram-n'o a mostrar-se interessado por saber a maneira de fabricar a polvora, mostrando-se tambem Mme. Dubarry, pôr sua vez, curiosa de conhecer o meio de preparar a melhor pomada. Mandou-se vir a *Encyclopedia*, e n'ella encontrou-se a solução satisfactoria de ambos os problemas. O rei ficou admirado, e a Dubarry enthusiasmada.

D'ahi em diante a *Encyclopedia* foi senão permittida, ao menos tolerada. (8). Ora, pois, quem diria jamais que a *pomada* podesse concorrer para salvar da destruição a um dos maiores monumentos espirituaes do seculo XVIII?

(8) H. Hettner—*Literaturgeschichte*, 2 ter. Theil. pag. 288.

Assim tambem, ainda que em sentido diverso: quem pensaria que um *apostrophe*, um diminuto traço de penna, fosse capaz de obrigar o Sr. Taunay a representar um triste papel perante as suas leituras? Quem pensaria?...

Voltando á apreciação detalhada dos predicados do *Roberto*, eu renuncio ao pequenino prazer de accentuar, uma por uma, as frivolas asserções do illustre critico. Limito-me a um só ponto; e é aquelle, em que nos apresenta Meyerbeer, n'essa opera « visando sempre á emoção musical », afirmação esta, que se condemna por si propria, ou a nada significar, ou a ser um erro evidente. Eu me explico. Nenhum producto da arte dos sons pôde despertar no espirito outra emoção, que não a *emoção musical*; sendo que este epitheto não serve para qualificar o sentimento em si mesmo, porém o modo e a fôrma de pro-vocal-o, de maneira que a expressão — *emoção musical*— quer dizer nem mais nem menos: emoção produzida por meio da musica, para distinguil-a da que produzem a poesia, a pintura e as demais artes do dominio de esthetica. Isto assentado, é claro que um musico, em o circulo de sua acção artistica, « visar sempre á emoção musical » nada encerra de singular e notavel, pois é o mesmo que ter em vista, *produzir emoção por meio da musica*, tarefa commum a todos os composistas, a todos os cantores, a todos os *virtuosos* em geral, desde o teclado de um Rubinstein até ao braço da viola de um dos nosos rusticos tocadores. Já se vê que, por este lado, o dito do Sr. Taunay importa uma banalidade. Mas a cousa tem duas faces; vamos á segunda.

Quando se trata em particular da opera, que é um producto complexo, o resultado de uma combinação de meios diversos, concebe-se que um componista descance mais sobre as forças theatraes, do que sobre a pura musica, para a producção do effeito desejado, ou *vice-versa*; e neste caso pôde-se fallar de um ou outro, que visa de preferencia á emoção musical, ao contrario deste ou d'aquelle que se dirige sobre tudo á emoção theatral.

Porém, ainda neste caso, o nosso critico andou errado.

D'entre os grandes componistas do seculo, nenhum menos que Meyerbeer deveu os seus triumphos á impressão da musica pela musica mesma. E justamente porque

elle carregava mais sobre o effeito dramatico, sobre a applicação de tudo, que externamente deslumbra e seduz, é que, além das operas, as suas outras composições não entram em linha de conta. (9)

O *proton pseudos* do escripto do Sr. Taunay é o presupposto da possibilidade de discorrer a respeito de uma opera, com o mesmo desembaraço com que se discorre sobre um trabalho de economia politica. D'ahi toda essa abundancia de palavras, toda essa riqueza de proposições aventurosas que tudo exprimem, menos aquillo que se quer exprimir. A musica não se sujeita a nenhum processo de analyse regular.

Ou ella seja, como queria Leibnitz, *um exercicio latente de arithmetica da parte da alma, que aliás sabe que ella conta*; ou seja, como queria Schopenhauer, *um latente exercicio de metaphysica da parte da alma, que aliás não sabe que ella philosopha*; ou enfim, como quero eu, e creio que com maior razão, *um latente exercicio de amor da parte da alma, que aliás não sabe que ella ama*; o certo é que a musica não entra na categoria do logico, do racional e abstracto, não se coteja, não se explica pelas leis geraes do pensamento. Distinguindo-se das outras artes em ser ella, como diz Schopenhauer, não uma imagem do phenomeno, mas uma imagem do *metaphysico em nós, da vontade, da cousa em si*, a musica é um d'esses sujeitos que não têm attributo, e, como taes, se prestam a todas as variações do coração e da phantasia. De tudo que se affirma sobre a belleza de qualquer peça, não nos fica no espirito, se nós mesmos não a ouvimos nem uma só ideia clara e determinada. Eis porque a critica musical, como ella hoje deve ser manejada, como a ensina Ricardo Wagner (10) é um mistér difficillimo e bem superior, ao que parece, ás forças do Sr. Taunay. (11)

(9) Honegger—*Culturgeschichte der neuesten Zeit*. III. pag. 506.

(10) *Gesammelte Schriften und Dichtungen*. V. pag. 104 e seguintes.

(11) Até aqui foi este artigo publicado na *Gazeta de Noticias* de janeiro de 1880. — Antes da publicação completa do estudo de Tobias, o Sr. Taunay sahio a responder-lhe pela mesma *Gazeta*, em pallidos e desconchavados artigos, a que o critico sergipano retrucou pelo *Cruzeiro*, n'aquelle mesmo tempo. A replica de Tobias é o artigo que segue a este. (N. de S. R.)

IV

Com a apparição do *Roberto* coincidiu um facto occasional, que se tornou entretanto poderoso factor do movimento litterario daquella época.

Refiro-me á ida de Ludwig Börne e Henrich Heine a Paris, onde em virtude da revolução de Julho entenderam ambos que rebentara, carregada de fructos de ouro, a arvore da liberdade, e nessa persuasão hastearam, unidos ao principio, logo depois separados, a bandeira da revolta intellectual, da critica desapiedada contra o estado politico esocial do seu paiz. Não cabe aqui entrar em detalhes sobre todos os effeitos destas duas grandes causas, que antagonicas no character mas synergicas na tendencia, provocaram uma nova phase da litteratura alleman no vigente seculo. Comtudo importa deixar accentuado que a flôr do enthusiasmo pelo israelita Meyerbeer era facil de expandir-se n'uma terra e n'uma quadra, em que os seus dous celebres compatriotas, como elle, estigmatizados, crendo ouvir, como elle, a cada passo o grito do *hep-hep*, que então ainda soava atrás da raça inteira, thurificavam a França em detrimento da Allemanha. Era a época, na qual a *grande nation*, segundo exprimia-se n'uma carta a Guizot um provinciano, seu amigo e correligionario, se achava, « pour le moment, dans le genre sentimental bien plus que dans le genre rationnel »; ou, como diz Louis Blanc, era a época, na qual... la France vivait plus de la vie des autres nations que de la sienne propre. O interesse pelo estrangeiro entrava no programma do liberalismo francez, e mais de um espirito illudido, bem que sincero em sua illusão, acreditava nisso. A revolução de Julho fôra saudada com phrenesi portodos os que sentiam alargarem-se-lhes os pulmões ao sopro matinal das auras do futuro.

Tudo parecia n'um como estado de fermentação moral, e a propria mocidade alleman, tomada de encanto, agrupava-se em torno do auctor do *Salon* e do das *Briefe aus Paris*, as quaes se tornaram posteriormente uma

especie de livro sagrado da democracia européa, para glorificar o paiz das barricadas.

Sem annuir á apaixonada opinião do sabio Graetz, para quem Börne e Heine eram naquelle tempo os anjos da vingança, que com vergas de fogo açoitavam os allemães e descobriam a sua pobreza (12), é licito affirmar que esses dous terriveis judeus, um serio e grave, como a Biblia, de uma certa grosseria divina, que caracteriza os prophetas, os possessors da verdade, o outro sceptico e escarninho, como o proprio demonio da legenda judeo-christã; ambos elles, com todas as suas hyperboles de indignação ou de rancor, abriram caminho a um novo modo de ver e julgar a Allemanha, meio exacto, meio injusto, em todo caso, porém, mui lisongeiro aos francezes. (13) Modo este de ver, tanto mais facil de incorporar-se ao pensamento geral, quanto por aquelle mesmo tempo (1831) Edgar Quinet, que, pouco havia, tinha trazido de Heidelberg, como uma novidade, as velhas *Ideias* de Herder, julgára fazer uma revelação e prestar um grande serviço, escrevendo uma série de artigos para demonstrar que a Allemanha de então já não era a Allemanha de Stael, o paiz dos phantastas e sonhadores, porém outra, pratica e emprehendedora, capaz de rir-se dos seus proprios sonhos, e em quem a velha imparcialidade cosmopolitica cedera o logar a um patriotismo irritavel.

(12) *Geschichte der Juden*, XI, pag. 367.

(13) Entretanto é para notar que esses dous espiritos, em apparencia tão inimigos do seu paiz, eram no fundo sinceros patriotas. Heine mesmo, que rara vez perdia occasião de zombar da Allemanha, quando em 1841 Alfred de Musset publicou a sua resposta aos versos de Niklas Beckler, sentio-se ferido e escreveu a chistosa replica:

Der Alfred de Musset, der Gassenhuh',
Der kommt an ihrer Spitze
Vielleicht als Tambour, und trommelt mir vor
All'seine schnöden Witze.

Admiravel exemplo de como, em relação á patria, nem sempre as palavras asperas, contra ella proferidas, são prova de falta de amor. E não é este o unico em o genero. O grande satyrico Giuseppe Giusti, que qualificára a sua Italia de *Vivo sepolcro a un popolo di morti*, foi o primeiro entretanto a erguer-se indignado de encontro ao dito de Lamartine: *L'Italie est la terre des morts*, fustigando com toda justiça as pretensões exaggeradas da França, a quem elle chamou por escarneio, *la terra dei viventi...*

Deste ponto de vista, que comprehende os factos em sua coordenação e subordinação historica, o leitor reconhece quão apto se achava o terreno pariziense para o successo do *Roberto*, isto é, da obra de um israelita allemão, tão pouco affectuoso e interessado pela sua patria, como os dous mencionados corypheus da *Joven Allemanha*, principalmente Henrich Heine, de quem até se sabe que poucos annos depois da sua chegada a Pariz (1835) mereceu uma pensão de munificencia régia. (14)

Entretanto, não se julgue, e o Sr. Taunay é capaz de julgar, que para mim todos os triunfos e applausos conquistados pelas obras de Meyerbeer se explicam por circumstancias locais, por circumstancias de tempo e de ambiente social. Bem longe estou de commetter tal injustiça. O componista de *Roberto do Diabo* é uma das glorias da arte, definitivamente assentadas; nenhuma folha pôde ser roubada ao seu laurel, como nenhuma tambem se lhe pôde accrescentar. E ainda que eu não seja da escola, a que pertence o Sr. Tannay, a escola promettedora de eternos preitos ao merito artistico, em qualquer de suas manifestações, mas ao contrario abraça a ideia da immortalidade

(14) Julian Schmidt, *Geschichte der französischen Literatur*. II. pag. 437. Aproveito aqui a occasião para advertir ao critico fluminense que não tenho de judeu senão o nome, mas tambem não sinto por esse nobre povo a *quigila*, de que fallou, na sua pobre anti-critica, o Sr. Escragnolle Taunay. Pelo contrario, se ha para mim, na ordem ethnologica, uma verdade incontestavel, é a que foi expressa por Disraeli, considerando os judeus uma *raça superior*, vis-a-vis dos povos da Europa. Tranquillize-se o honrado critico: parece-me estar vendo a ancia com que S. S. lê este pedacinho, e por uma das habituaes conclusões da sua logica, diz lá consigo: o tal Tobias nem sequer sabe que Disraeli é um judeu. Sei, Sr. Taunay, sei disso. Mas nada importa. O homem que assim exprime-se, é por si só uma prova dessa superioridade. Fique pois assentado que referindo-me á attitude hostil para com a Allemanha da parte dos Börne e dos Heine, não quero dar ganho de causa a pre-juizos de raça, e muito menos a pre-juizos religiosos. Não sou daquelles que ainda hoje, para caracterisar o grão supremo do interesse sordido, não acham melhor *notação* que o epitheto de *judeu*. Como se o embuste, a patranha, a traficancia não fossem qualidades baptizadas, essencialmente christãs e, sobre tudo, catholicas!.... Em taes condições, eu não hesitaria, na lucta ultimamente travada em Berlim, a proposito de um artigo do professor Treitschke, se estivesse no caso de dar um voto, em pôr-me do lado do rabbino Graetz contra o celebre publicista dos *Annaes Prussianos*.

relativa, que na opera, sobre tudo, difficilmente ultrapassa os limites de um seculo, todavia devo declarar que na qualidade de um espirito, em materia musical, puramente receptivo, tenho no maior apreço o componista Meyerbeer; e chego até, por effeito talvez de um máu desenvolvimento dos orgãos auditivos, ou antes do orgão do amor da patria, a preferir em todo caso um pedaço dos *Huguenotes* a qualquer dos longos actos do brasileiro *Guarany* (15). Porém isto não é incompativel com o direito que me assiste de applicar ao famoso maestro e ás suas composições a justa medida da critica historica, que deve ter por divisa a modesta e profunda palavra de Leopold von Ranke : *ich will bloss sagen, wie es eigentlich gewesen ist*. E uma vez applicada essa bitóla, pôde bem ser que o enthusiasmo não arrefeça, mas é certo que o juizo se modifica.

Voltando ao critico da *Revista* : este galante espirito, com todas as suas pretensões de cultura litteraria, desconhece, em mais de um ponto, os segredos da arte de escrever. Para elle não existe aquillo que sobre tudo caracteriza o bom escriptor, e que bem podera chamar-se a *architectonica* das ideias. Assim em um artigo a respeito de Meyerbeer e a opera os *Huguenotes*, além da dissymetria chocante de consagrar ao assumpto principal, quando muito, um terço das dezoito largas paginas da *Revista Brasileira*, recheiando tudo mais de phrases insignificantes e divagações extemporaneas, que nada entendem com a materia, o nosso belletrista cabrióla em todos os sentidos, sem uma direcção, sem um caminho certo e determinado.

O modo de escrever do Sr. Taunay, não poucas vezes, faz recordar o estylo das legendas e evangelhos apocryphos, onde não ha respeito algum ás categorias do tempo e do espaço. Por exemplo, no dia da assumpção da Santa

(15) Que filho ingrato sou eu para com a patria!... Porém não é culpa minha; é um defeito da natureza, que negou-me o estro do patriotismo. Pilatos perguntou a Christo: *quid est veritas?* eu pergunto ao Sr. Taunay e consortes *quid est patria?*... Quem me dêra saber, o que esta palavra significa entre nós, e quaes são realmente os patriotas que temos!

Ah!... quem me dêra !...

Virgem, o filho de um sultão monta a cavallo e vae á Roma conversar com os discipulos de Pedro e Paulo !.... Alguma cousa de analogo se depára nas palavrosas tiradas do nosso critico. Elle começa por tratar da revolução, segundo a sua maneira de ver, operada pelo *Roberto*, e logo tres ou quatro passos adiante já está arcando com Richard Wagner (16), discutindo a sua influencia sobre a opera moderna, sobre *Fausto*, *Aida*, *O Rei de Lahor*, etc.; o que aliás não o impede de voltar sobre as proprias pegadas e entranhando-se no passado mostrar que tambem sabe proferir o nome de Bach, cujas *fugas*, diz elle, tem por alma a *melodia*, não obstante aquelle notavel *exclusivismo harmonico* dos allemães, de que fallara ao principio!... E nesta excursão, que novos horisontes não se descortinam aos olhos do critico? ! Os italianos, affirma o Sr. Taunay, depois de esgotados os recursos da arte, « voltaram-se para Allemanha e começaram a estudar os seus mestres e a meditar sobre o inesgotavel repertorio que foram encontrar. » Mas... quando foi que isto se deu?... «Chegaram até a poder cotejar motivos identicos, phrases inteiras, pensamentos iguaes no profundo Beethoven e no flebil Bellini » Quaes foram, Sr. Taunay, esses *cotejadores*? Tenha a bondade de citar o nome de um só italiano de nota, que haja procedido a essa tal confrontação!....

Ainda hoje é questão aberta entre os competentes a possibilidade de uma fusão vantajosa das duas escolas; e justamente a posição dos italianos em face da musica alleman constitue, como diz Hans Dütschke, o principal *momento* da actual crise musical na Italia, que provocou aquelle famoso discurso parlamentar do deputado Righi, em janeiro de 73, e logo depois o não menos famoso escripto de Biaggi a respeito do que elle chama..... *il*

(16) Wagner é para o Sr. Taunay o chefe da *escola do futuro*. Que quer isto dizer? Tal expressão é erronea; não corresponde á de *Zukunftsmusik*, nem mesmo á de *Kunstwerk der Zukunft*, empregadas por Wagner. Onde foi pois o bom do critico descobrir essa phrase, *escola do futuro*, que accentuou por meio do grifo, como expressão corrente entre os entendidos, ao passo que ella é apenas um producto de ignorancia ?

presente scadimento della musica e del teatro melodrammatico (17). Não é aqui o logar proprio de entrar por estes dominios, que já estão um pouco além do nosso alvo, e teriam, de mais, a desvantagem de tornar-me inacessivel á comprehensão do Sr. Taunay; porém fique assim ainda uma vez estabelecido que este honrado militar bem pouco sabe, é verdade, de guerra e de estrategia, mas muito menos de musica e de critica musical, principalmente no que toca ás relações da Italia com a Allemanha.

V

Quem se propõe actualmente, em um escripto publico, discorrer sobre Meyerbeer e qualquer de suas grandes operas, se tem talento para o mister, se comprehende bem o alcance da tarefa que se impôz, vê-se obrigado, em ultima analyse, a escrever um capitulo de historia litteraria, quando não um capitulo até de assumpto ainda mais amplo, um pedaço de *Culturgeschichte*. (18) Por quanto na justa ponderação das composições meyerbeericas, sobre tudo *Roberto e Huguenotes*, deve entrar necessariamente a parte das circumstancias, a disposição geral dos espiritos, a tendencia e feição da epoca. Já deixei dito que estes não foram os unicos factores das conquistas do maestro; na frente de tudo isto se achava um grandioso talento. Mas tambem é certo que o talento, por si só, não faria tanto, desde que o meio social lhe fosse desfavoravel; verdade esta que augmenta de evidencia, referindo-se a Meyerbeer, do qual se póde affirmar

(17) Não será a esse *scadimento*, magnanimamente confessado por um grande espirito italiano, que o Sr. Carlos Gomes é devedor dos seus *fallados* triunfos? Eu sei lá!... E quando soubesse, não di-lo-hia: tinha medo dos patriotas....

(18) Que diabo é isto.? pergunta o Taunay; e o Pimenta de Laet vae logo rabiscar um dos seus insulsos folhetins. A cousa não é para menos: quem jámais se lembrou de encaixar semelhante palavra em um periodico portuguez? Se fosse *boudoir*, *tiroir*, *pince-nez*, *badine*, etc. etc., isto sim; porém *Culturgeschichte*.... é horriavel!

que, de instincto ou de industria, como nenhum outro componista, soube tirar bons proveitos, das boas occasiões.

O nosso critico desconhece estas cousas, que para elle não passam de frivolas minudencias, por van ostentação de conhecimentos. Atéa um certo ponto eu acho-lhe razão: é ridiculo ostentar sciencia, onde isto não se faz muito preciso; porém mil vezes mais ridiculo, em todo e qualquer caso, é *ostentar ignorancia*; e é o que faz o Sr. Taunay. Espirito de cultura superficial, inteiramente destituido de *sensò scientifico*, elle não comprehende a possibilidade de convocar e reunir em torno de um trabalho a respeito de Meyerbeer as grandes manifestações da vida intellectual de seu tempo, referindo-as, commentando-as, apreciando-as de novo. Elle ignora a arte de agrupar os factos e pol-os, em relevo, para melhor accentuar o assumpto de que se trata; e nestas condições tudo aquillo que se eleva a cima de meia duzia de metaphoras sedicças, que nem esclarecem nem embellecem, é para os seus ouvidos uma lingua estranha e indecifrável.

Entretanto é digno de nota: se o Sr. Taunay fosse realmente um homem de talento, ao escrever um artigo sobre Meyerbeer e a opera dos *Huguenotes*, que larga perspectiva não tinha diante de si; que quadro animado, dramatico até, não podia offerecer-nos do movimento artistico e litterario do mundo parisiense de então, havendo de mais a circumstancia de ser o nosso critico um espirito semi-francez?!... Em nossa epoca, essencialmente historica, pode valer como regra: *escrever é historiar*. Tudo que acontece, tudo que desperta a nossa attenção, quer na vida natural, ou social, quer mesmo na vida puramente psychologica, se prende por qualquer modo á grande cadeia do desenvolvimento geral, e o escriptor que observa, não tem mais do que dar aos factos a ordem logica precisa para elles ganharem um sentido aos olhos do leitor. Os productos musicaes não escapam á lei commum, que os liga tambem ao movimento evolucional, á historia das ideias e sentimentos de uma geração.

O Sr. Taunay é de todo alheio a esta ordem de considerações. Ao muito, e quando mais alto levanta o seu

vão, poderá dizer-nos que « a apparição dos *Huguenotes* deu-se em época característica e fecunda ». Phrase vaga e insignificante, que põe em relevo o estado de vacillação, em que se acha o espirito do critico, a respeito das cousas mesmas, cuja noticia parece devia ser-lhe bem familiar. Dir-nos-ha mais que Meyerbeer encarregou-se de levar á musica as tendencias romanticas, etc. . . Outra phrase não menos ouca, sem embargo da sua velhice ; pois não passa de um estribilho, de cujo verdadeiro sentido já ninguém procura inteirar-se. A filiação de Meyerbeer na effervescencia romantica daquelle tempo, ainda que admittida e sustentada por muitos, não é todavia um facto evidente e indubitavel. A tendencia que predomina nos *Huguenotes*, é a mesma que se nota no *Roberto*. Nada mais romantico, segundo a bitóla geral, do que, por exemplo, a *dansa das freiras*, nesta ultima opera ; e não obstante, já em 1838, dizia Schilling: *Meyerbeer hat seine Oper « Robert » eine romantische genannt; aber sice hat Alles, nur nicht den romantischen Genius*. Seja esta, ou não, a verdade, o certo é que o assumpto se presta a extremos de opinião, sem levar ao absurdo ; e dest'arte nada existe tambem mais burlesco em o genero, do que chamar-se Meyerbeer o Victor Hugo da opera, podendo-se com igual razão, isto é, com igual desproposito, dar esse nome a Verdi, a Wagner, ou a qualquer outro componista moderno.

Tudo isto porém é de pouca monta em relação á parte na qual o Sr. Taunay affirma que, naquelles dias, a escola de Victor Hugo « já fizera brecha na arte de cabelleira empoada, agrupada em torno dos seus modelos, os escriptores de Luiz XIV e principalmente Corneille, Racine e Molière. » O leitor attenda bem : Molière ao lado de Corneille e Racine, como um dos classicos *principalmente* condemnados pela revolução romantica !.. O erro não é dos mais hediondos, mas é caracteristico. O Sr. Taunay, de procedencia franceza, penteado, vestido e educado á franceza, que tem orgulho do seu nome francez, da sua clamyde bordada a ouro francez, com babados de renda franceza ; o Sr. Taunay ainda ignora um facto vulgarissimo da historia litteraria da França, neste seculo... Ignora que da velha pleiade classica foi justamente o

auctor de *Tartufe*, quem mereceu respeito e consideração da parte de Hugo e dos *Hugolâtres* !..... Não podia com mais facilidade offerecer-nos um testemunho da sua pobreza: desconhecer um ponto comesinho da moderna litteratura do seu povo!.. Ainda não ha muito tempo que, tratando do reboiço litterario de 1830, Paul Lindau escrevia: «*Corneille Wackelte auf seinem Postament, und Racine schwankte ganz bedenklich. Nur Einer bewahrte seine heitere Ruhe und seine überlegene Sicherheit: der grosse Molière* » (19). Disto sabe Paul Lindau, e com elle todos os outros que não fallam nem escrevem de outiva: ignora-o porém o Sr. Taunay, não obstante ser um *pionnier* do francezismo entre nós, não obstante ja ter ido, por certo, mais vezes a Pariz, do que eu á igreja da minha parochia !.. Pobre Taunay ! Não tem ideias assentadas, nem se quer sobre a escola romantica franceza, este velho assumpto, *notum lippis et tonsoribus*... E' lastimavel !..

Mas que querem ? Lastimavel embora , a cousa não deixa de ter a sua razão, que a torna bem comprehensivel. Em um dos seus bellos *Saggi critici*, Francesco De Sanctis, fallando de Louis Veuillot, diz com muita graça que este *palhaço* do catholicismo... « non si prende il fastidio de disputare, de ragionare. Lascia questi procedimenti á pedanti ». Da mesma fórma o Sr. Taunay não se entrega ao fastidioso mistér de estudar e pensar, de lêr e aprender nos allemães aquillo que os francezes não lhe ensinam; abandona esse trabalho ingrato aos *pedantes* entusiastas da Allemanha e sua sciencia. Assim se explica, e mui naturalmente, a falta de criterio, que o distingue, até no julgamento de meras vulgaridades.

E se notavel é a ignorancia do nosso escriptor no que toca mesmo á sua querida França, massivamente enorme é a que d'elle se apodera, quando transpõe os limites do *paiz da moda* e entra no reino da luz, no meio desse *povo de criticos e pensadores*, segundo a phrase de Edward Bulwer. Ahi então o Sr. Taunay, despindo a trivialidade, torna-se soberbo, sublimemente ridiculo.

(19) *Alfred de Musset*, pag. 3. Zweite Auflage. 1877.

Alguma cousa de semelhante a Riccaut de la Marlinière, *Seigneur de Pret-au-val, de la Branche de Prens'd'or*. . . *Par bleu! Ik bin unriktig. Mais non-ik bin nit unriktig*. . . (20) O quadro é magnifico: um pobre espirito, perdido na Allemanha, que elle ainda suppõe coberta de nevoas, no periodo pietistico da pura sentimentalidade, fallando de cousas que não entende, com o porte airoso de um *boneco* e a inconsciencia de um *papagaio* ! . . .

Podia aqui apontar, uma por uma, todas as *genlilezas* litterarias, de que está cheio o artigo do Sr. Taunay; porém quero poupar-me essa pena, que aliás seria superflua, á vista dos muitos peccados de que já se fez menção. Todavia, não me eximo de indicar ainda, para regalo do leitor, um disparate interessantissimo, que vai provavelmente produzir no animo do moço militar uma dolorosa impressão. Semelhante, pouco mais ou menos, á que produz em qualquer cavalheiro, conscio do seu valor perante o bello sexo, no meio de quem se acha a tagarellar, a advertencia secreta de um amigo de que elle, o lepidio e vistoso galan, está com a braguilha desabotoada, ou com asquerosa particula de monco, arrojada por um espirro, no largo peito da camisa alvissima. Sem duvida uma triste, uma cruel situação; nunca, porém, mais triste, nem mais cruel que a do nosso critico. Eis o facto: tratando da musica allemã, para cujas bellezas o Sr. Taunay não tem outros termos de comparação, senão *gemmas e pedras preciosas*, grandes no tamanho, mas maculadas de jaça e de falhas, *gemmas e pedras* que mais de uma vez apparecem no seu escripto, por effeito, talvez, das impressões diurnas e nocturnas da *rua do Ouvidor*; tratando assim de tal assumpto, elle pretende provar que os componistas allemães se deliciam em *lapidar amorosamente a peregrina gemma*, fazendo-lhe valer todos os primores, todos os fogos, como se diz na linguagem dos deuses, ou então, segundo a rude linguagem humana, em apoderar-se de um pensamento musical e revolvê-lo em todos os sentidos. Agarrado á esta ideia, que entretanto não é completamente exacta, o grande homem escreve o seguinte: «Na *Gruta de*

(20) *Minna von Barnhelm*, Vierter Aufzug. Zweiter Auftritt.

Fingal, por exemplo, de Mendelssohn, quantas vezes reaparece o mesmo thema, ora pairando sobre um mar calmo e azulado, ora no meio dos sibilos dos ventos, no bater de revoltas ondas contra as columnas de basalto, etc., etc., etc...? No *Freischütz* domina toda a obra uma phrase capital, e, assim como nos *Huguenotes*, em torno do coral de Luthero, agrupam-se grandes harmonias, no *Fausto* ha uma nota como que insistente, etc., etc., etc... Total: uma seriação de quatro composições, começando pela *Gruta de Fingal* e acabando pelo *Fausto*, nas quaes o auctor descobre a tendencia commum aos allemães, posto que Gounod não o seja, de afeiçoar e abrilhantar por todos os modos a *pedra preciosa*...

Sim, senhor. Mas agora pergunto eu: qual será o leitor sensato, ou insensato mesmo, que diante dessa serie de produções musicaes, desconhecendo a natureza da composição de Mendelssohn, mas sabendo que *Fausto*, *Huguenotes*, *Freischütz* são operas, não conclua com toda a segurança que a *Gruta de Fingal* tambem o é? Nenhum. E será uma opera? Ora, Sr. major!... E' muita desgraça. A *Gruta de Fingal* não é um individuo da especie, a que pertencem *Freischütz* e *Huguenotes*; a *Gruta de Fingal* não é uma opera. A excepção de *Loreley*, que ficou incompleta, e dos ensaios juvenis *Cammacho* e *Heimkehr*, nada mais do genero *opera* foi escripto por Mendelssohn. *Fingalshöhle*, *Melusine*, *Meeresstille und glückliche Fahrt*, *Walpurgisnacht*, etc. são titulos de outras tantas peças genialmente escriptas, é verdade, porém não de outras tantas operas. Mendelssohn, o inventor dos *Lieder ohne Worte* (21), foi grande, sobretudo no *oratorio* e na *musica sacra* propriamente dita; as melhores das suas composições, em cujo numero figura a *Gruta de Fingal*, pertencem a essa esphera.

(21) Só na pequena invenção deste titulo, como diz L. Ehlert, repousa uma boa parte de profissão de fé esthetica. Eu mesmo, que pouco entendo da materia, acho-o bastante poetico, e de tal arte que não duvidei chamar uma vez aos bonitos olhos de uma bonita allemã — *Zwei Lieder ohne Worte*. O Sr. Taunay não se espante; se cuidava, como é presumivel, que *romance sans paroles* era producto francez, ainda neste particular estava enganado...

E' pois de fazer pasmar a facilidade, com que o Sr. Taunay, sem o minimo presentimento do dislate que commettia, registrou a *Gruta de Fingal* na classe das operas, desperdiçando em honra d'ella uma somma consideravel de *phrases escolhidas*, como... *mar calmo e azulado, sibilos dos ventos, bater de ondas, columnas de basalto, etc.* e isto com o ar arrogante de quem falla de um assumpto, seu *velho conhecido*, sendo aliás factó evidente o seu total desconhecimento da cousa... Magnifico Taunay! Saborossissimo Riccaut! *Ah! c'est un très galant homme que ce Major!*... Passemos adiante.

VI

No mesmo mez, em que Thiers organisou o seu primeiro gabinete, que succedeu ao ministerio Broglie (fevereiro de 1836), em que George Sand separou-se definitivamente de seu marido, e Alfred de Musset publicou o bizarro escripto *Confession d'un enfant du siècle*, foi a opera *Huguenotes* pela primeira vez levada á scena. Como se vê, quatro grandes acontecimentos do mundo parisiense, que deviam naturalmente nutrir por algum tempo a *causerie* dos salões, sem fallar no processo de Fieschi e na publica exposição de Nina Lassave. Não menos do que o *Roberto*, encontraram os *Huguenotes* na atmospherá moral de então o primeiro signal do seu triumpho.

O Sr. Taunay affirma que nessa época a escola romantica já tinha feito brecha no classicismo do seculo XVII. E' dizer pouco. Nessa época o romantismo não só havia tocado ao seu apogeu, como já visivelmente começara a declinar. Bem entendido, o romantismo francez; pois da romantica allemã restavam apenas reminiscencias, e á frente do movimento litterario achava-se o grupo da *Joven Allemanha*. Em 1836 já o espirito da duvida se apoderára de muitas cabeças, que o enthusiasmo havia abandonado. V. Hugo não renunciára, é verdade, a nenhum dos seus direitos de papa da nova seita; mas as

suas pretensões assemelhavam-se um pouco ás de Bonifacio VIII. Da romantica franceza podia-se dizer o que por esse mesmo tempo dissera Heinrich Heine do auctor de *Jacques Rolla*: que tinha diante de si um grande passado. E o proprio Alfred de Musset já não era um verdadeiro fiel daquella *egreja*. O creador dos *typos* do dia, *Octave* e *Desgénais*, não duvidou mais tarde (em setembro do mesmo anno) escrever uma série de artigos para a *Revue des deux mondes*, nos quaes as extravagancias da escola são habilmente caricaturadas e, a golpes de ironia, entregues ao ridiculo que as espera a quatro passos da porta do mestre.

Convém aqui entretanto assentar um ponto, que não está de todo liquido. Quando digo que *Roberto* e *Huguenotes* tiveram por si a cumplicidade das boas disposições do espirito publico, isto deve ser comprehendido... *cum grano salis*. Não se julgue por ventura que os talentos directores da quadra litteraria tivessem tomado partido em favor de Meyerbeer.

Dá-se na vida artistica e litteraria, mesmo nos grandes centros, o phenomeno, que póde parecer extravagante, de ficarem muitos e bons productos dos mais afamados auctores, desconhecidos do grosso dos contemporaneos e até dos melhores combatentes do dia.

Basta lembrar o caso passado em Pariz com o proprio Alfredo de Musset por occasião de sua pretensão á entrada para a Academia. Tendo elle de procurar os membros da illustre corporação, para pedir-lhes o seu apoio, chegando-lhe a vez de fallar a Guizot, ouviu da bocca deste a confissão sincera de que d'elle só tinha lido a *Ballade à la lune*!... Isto tem seu pezo!

E' presumivel, portanto, e com muito bons fundamentos que o componista dos *Huguenotes* não fosse tão relacionado com os romanticos do tempo, como em geral se suppõe, e dest'arte passassem para V. Hugo e seu sequito, se não despercebidos, ao menos indifferentes os triumphos do *maestro*. Em todo o caso, é digno de nota, e não deixa de causar uma certa estranheza, que entre as notabilidades do *cénacle*, onde figuraram artistas, como os irmãos Achilles e Eugenio Deveria, Paulo Chenavard

e outros *dii minorum gentium*, não apparecesse o vulto de Meyerbeer. Sem reclamar para estas observações maior valor do que ellas comportam, entendo todavia que ha bons motivos de descrer dessa especie de *harmonia pre-estabelecida* e conscientemente guardada, como alguns pretendem, entre os espiritos innovadores que brilharam em França nos ultimos annos da restauração, e durante o primeiro decennio da realza de Julho.

Peço desculpa ao Sr. Taunay, por ter entrado na apreciação de taes cousas, que indubitavelmente devem parecer-lhe bem distantes do assumpto discutido. São minucias apropriadas á escola, de que sou discipulo. E' assás conhecido o velho defeito dos meus caros allemães: armar-se de uma alavanca para arrancar um pé de couve. Quadro singular e extravagante, sim, senhor; porém sempre menos ridiculo do que aquelle que se observa na margem opposta: munir-se de um *canif*, ou de uma franzina espada de militar pedante, para partir de um só golpe o tronco de um carvalho. Eu estou pelo primeiro e lisongeio-me disso.

O illustre major litterato é inexcedivel no talento de accumular palavras sobre palavras, e todavia nada dizer, que nos faça impressão, excepto a que põe em movimento os musculos do riso. E' para ver o desplante, com que elle, reconhecendo a precedencia de muitos escriptores, mette-se, não obstante, a «passar rapidamente em revista os primores excepçionaes dos *Huguenotes*...» Para achar porém o que? ... Causa nenhuma: para affirmar, por exemplo, que o «côro dos fidalgos e a orgia são de um *rhythmo* de extrema animação...» que no romance de Raul *Plus blanche que la blanche hermine*... ha muita delicadeza e muita ternura...» E assim por diante, sem usar de uma só expressão caracteristica e impressiva; mas tudo vago e banal, em estylo de *billet doux*, pomposamente nullo.

Ao tratar da *benção dos punhaes* o critico emper-tiga-se, e chamando em seu auxilio o furacão e o raio, solta ao ar algumas *bombas*, até que uma dellas estoura-lhe nas mãos; e é o seguinte pedaço: «Este trecho supremo, em que, no dizer dos francezes, levados sempre pelo

chauvinismo, entrou a collaboração de Emilio Deschamps, colheu asperas censuras de Schumann e de Mendelssohn, que tinha a musica de Meyerbeer na conta de *fria e destituida de sentimento* (herzlos.) »

Aqui não vae sómente um erro, vae uma penca de equívocos e inexactidões. Emilio Deschamps, feito compositor, auxiliador de Meyerbeer ! O Sr. Taunay equivoçou-se ; a historia é outra. O que ha, neste ponto, a respeito de E. Deschamps, é o passar por collaborador de Scribe na confecção do *libretto* dos *Huguenotes*. Papel, porém, de participe, de co-autor da partitura om qualquer dos seus melhores trechos, não. E tambem : não foi a proposito dos *Huguenotes*, mas do *Roberto*, que Mendelssohn attribuiu á musica de Meyerbeer... *Kälte und Herzlosigkeit* ; e isto em uma carta particular a Immermann ; o que é não pouco differente da ideia que se pôde formar pelas palavras do Sr. Taunay.... (22)

(22) Este escripto, da divisão IV em diante, é inteiramente inédito. Está, porem, incompleto, por causa da precipitação do Sr. Taunay, que, antes da publicação total da critica de Tobias, sahio a responder-lhe, obrigando-o a retrucar-lhe e a suspender a publicação do artigo principal. (N. de S. R.).

XXIV

Ainda alguma cousa tambem sobre Meyerbeer

I

« Sei Len ! Wenn Narrenhande
« Dir in der Mahne kratzen,
« Du mach' den Spiel ein Ende
« Und zeige deine Tatzten. »

(F. von Sallet.)

« Sê Leão ! Se em teu caminho
« Co'algum idiota esbarras,
« Que vem boiar-te no queixo
« Repelle-o e mostra-lhe as garras. »

Na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, appareceu um artigo do Sr. Escragnolle Taunay com pretensões de cabal resposta á critica que lhe eu fizera a proposito de um seu escripto sobre Meyerbeer. (1)

Publicada naquella *Gazeta* e transcripta no *Jornal do Recife* essa critica está conhecida da melhor porção do publico legente, e como tal não necessita, para manter-se irrefutada e irrefutavel, senão de uma pequena graça do leitor desapaixonado : sujeitar os dous escriptos a uma analyse synoptica e comparativa, da qual sem duvida resultará a plena convicção do papel tristissimo, com que ainda uma vez o Sr. Taunay quiz regalar-nos. Todavia, importa não perder o ensejo, que se me offerece, de arrancar de todo a mascara a um dos muitos bemaventurados deste misero paiz e dizer-lhe alto e bom som : basta de embustes !...

Com effeito, no artigo alludido, o illustre *officier supérieur de l'armée brésilienne*, o celebrado auctor da grande obra *La retraite de Laguna*, escripta *ad usum serenissimi*

(1) Vide *Gazeta de Noticias* de 22 de fevereiro de 1880.

Delphini e exposta á venda sómente para occorrer aos gastos da *reclame* ; em uma palavra, o muito *lido* e muito *corrido* Sr. Escragnolle Taunay, com todo o seu apparatus de... *purista, estylista, germanista, hellenista, hebraista*, etc., etc., etc., veio lavar sem consciencia a sua sentença de morte litteraria.

O leitor não se admire do arrojo do meu asserto ; espere, que vou proporcionar-lhe um dos mais interessantes espectaculos ; e só á custa do criticaastro cortezão.

Ao escrever o artigo, que provocou as iras do Sr. Taunay, naturalmente devia suppor que a minha critica tivesse uma resposta ; e eu contava com ella. Mas nunca pude imaginar, nem de longe sequer presentir que o accusado, tomando a palavra para defender-se, em vez de produzir alguma cousa, que pelo menos attenuasse a má impressão dos defeitos censurados, viesse augmentar as provas de sua vulgar mediocridade ! Não esperava de certo que elle pudesse safar-se plenamente das difficuldades ; porém também não tinha até então razão sufficiente para descrever do seu bom senso, que lhe imporia todo o cuidado, afim de não aggravar a sua situação.

Entretanto, houve neste ponto algum engano da minha parte. O Sr. Taunay não é o espirito que eu pensava, quero dizer, possuidor daquelle quinhão de senso commum, que se presuppõe em todo e qualquer homem *venientem in hunc mundum*, como em todo e qualquer se presuppõe uma organização regular, o que aliás não obsta que muitas vezes, a respeito deste ou daquelle, a presumpção ceda á verdade, e reconheçamos enfim que temos pela frente um aleijado ou um cego.

O Sr. Taunay é um tanto desponderado ; não estava no caso de comprehender o mal que faria a si mesmo, fornecendo-me com a sua resposta outra occasião de tomar-lhe as dimensões e abandonal-o para sempre á mercê da risota publica.

Não contesto que até a um certo ponto o honrado official tem bons motivos de revoltar-se contra mim. A cousa não era para menos.

Pouco depois da publicação do meu artigo, chegou-me a noticia do seguinte passo, que deve ter sido bastante

affictivo. Em um salão fluminense, onde se achava o illustre critico meyerbeerico, perguntou-lhe uma engraçada e interessante menina:—« então, Sr. Taunay, é cravo ou rosa?... *Euryantho* ou *Euryantha*?... » E ainda accrescentou: « o tal escriptor é arrojado: bem que de um modo subtil, qualificou-o de *pomadista*... » Comprehendo-se qual seria a indignação do *galantuomo*, do *kalo-skágatos* Sr. Escragnolle, vendo-se assim exposto á irrisão do bello sexo (2). Nem eu o crimino por isso. Nunca neguei aos cadaveres o direito de darem ainda um signal de vida. estrebuchando dentro do ataúde. Foi o que fez o meu contendor: e eu venho apenas pôr-lhe a mão na boca, para não deixal-o *penar* por mais tempo.

I

A pretendida resposta do iracundo escriptor é semelhante a um daquelles boletins de guerra, muito usuaes na nossa época, nos quaes se proclama 'uma *grande victoria*, depois de ter-se soffrido uma *grande derrota*. O fim é visivel: animar a colonia dos adeptos, cujo numero é *legião*, e que morreriam de vergonha, se o seu idolo, pelo silencio ou de outro qualquer modo, se confessasse vencido. E' para vêr o arreganho com que o Sr. Taunay assesta contra o meu barquinho desarvorado e perdido os seus canhões de militar lettrado; mas de tal arte, que faz recordar o celebre epigramma de Lichtenberg:

*Er sahiesst ein Loch,
Und in dem Loch
Ist noch ein Loch
Weit gresser als das Schiessloch.*

Reservando para o fim do presente artigo a apreciação das phrases preliminares do despeitado critico, eu trato logo de entrar no que mais interessa, isto é, na analyse da sua defeza.

(2) Emprego muito de proposito o epitheto grego *kalo-skágatos*, pois que o homem é hellenista.

O Sr. Taunay, a esta hora, deve estar perfeitamente tranqullo, sem o minimo escrupulo de consciencia, que lhe pudesse por ventura suggerir esta pergunta a si mesmo: —terei eu respondido alguma asnidade?...

Elle não tem nem se quer uma leve suspeita, uma ligeira duvida sobre a realidade do seu triumpho.

E' este um distinctivo da necedade infatuada.

Peço perdão de ir despertal-o e dissipar-lhe o sonho prazenteiro.

Quem leu a minha critica sobre o escripto em questão, ha de ter notado que o ponto capital do meu trabalho foi o seguinte: demonstrar *ad oculos* a incompetencia do *dilettantismo*, para tratar de um assumpto musical, já muito e muito debatido, sem adduzir nada de novo, mas ao contrario revelando-se desconhecedor de muitos factos que pertencem ao assumpto, que já se acham, por assim dizer, incorporados a elle; e isto em uma revista, intitulada *Revista Brasileira* e publicada na cõrte do imperio. Quem leu depreoccupado o meu escripto ha de ter sem duvida observado este intuito.

Entretanto, o Sr. Taunay, na impossibilidade de encontrar-se cormigo por este lado, usou do expediente commun a todos os mãos defensores, que é reduzir a accusação a tantos pontos quantos são aquelles que lhes parecem mais facéis de desfigurar e accommodar á sua causa.

Foi assim que o bom do *gentleman* reduziu a minha critica aos quatro seguintes elementos: 1º, ter eu dito que elle errara por dar a Meyerbeer o prenome *Giacomo* e não *Jakob*; 2º, tel-o increpado por qualificar de *in-esperada* a criação de *Roberto*; 3º, haver estranhado que elle julgasse essa partitura o inicio de uma nova era nos annaes da musica; 4º, finalmente, o ter-lhe attribuido um *qui pro quó* no emprego do nome *Euryantho*, em lugar de *Euryantha*. E assim distillados a seu sabor os capitulos da minha censura, passa então o *grande homem* a refutal-os, ficando lá de si inteiramente convicto de havel-o feito com toda a proficiencia. *Sancta simplicitas!*

Quero crêr que não me engano, deixando-me persuadir que nenhum leitor imparcial achará que o meu

trabalho se resume nos unicos articulados estabelecidos pelo Sr. de Taunay. E nessa persuasão, poupando-me a inutil tarefa de reforçar aquillo que não foi abalado, acceito a represalia do *valente* official no terreno mesmo em que elle foi postar-se.

Vamos ao primeiro ponto : a questão de *Giacomo* ou *Jakob*. Esta frioleira, para ser bem apreciada, tem necessidade de prender-se a um antecedente, que o publico deve conhecer.

O meu artigo da *Gazeta de Noticias* foi escripto e enviado nos primeiros dias de dezembro do anno ultimo (1879) a um amigo na côrte, para ser publicado na *Revista Brasileira*.

Passado algum tempo, recebi uma carta desse cavalleiro, na qual me dava conta da impressão produzida pelo artigo naquelles que o tinham lido, antes mesmo de publicado ; e juntamente me pedia licença para retirar do texto do escripto, onde se achava, a observação sobre *Giacomo*, e reduzi-la a uma nota, visto como, dizia elle, que melhor conhece os efeitos da sociedade de *elogio mutuo*, a que pertence o Sr. Taunay, era possivel lançarem mão dessa observação accidental, para concluir que eu só me occupava com questões de palavras.

Accedi de prompto ao conselho, concordando na alteração proposta.

Cerca de um mez, se não mais, permaneceu o artigo em poder da redacção da *Revista*, até que depois de varios embaraços oppostos á sua publicação, chegando-se a dizer que só seria publicado, quando eu mandasse a segunda parte, dei ordem para que fosse retirado dali e inserto em qualquer jornal. Assim se fez ; e na *Gazeta* de 4 de fevereiro (1880) appareceu o artigo com a modificação aconselhada, como pôde verificar quem tiver alguma duvida. Não obstante, meu valente adversario, salindo a refutar-me, não hesitou em fazer da respectiva *nota* um dos pontos mais salientes da minha critica !... Por que razão ?... De duas uma : ou o Sr. Taunay teve occasião de ler o escripto, antes de publicado, e tal qual se achava em sua fórma primitiva, com a observação sobre *Giacomo*, ainda que accidentalmente, comtudo expressa no texto, e

neste caso o leitor tem um bom motivo de comprehender qual é, em relação a mim, a posição favoravel do corajoso *écrivain* cercado de aduladores, que por um rasgo de deslealdade inqualificavel quizeram de ante mão habilitar-o para dar-me prompta resposta (3) ; ou o Sr. Taunay só conheceu o artigo depois de inserto na *Gazeta*, e nesta hypothese elle é um tolo insigne em levantar tamanha questão sobre uma bagatella, tal por mim mesmo considerada, que relegou-se para uma nota e uma simples nota interrogativa.

Não ha meio termo : escolha.

Contudo não se capacite que a minha explicação importa um pedido de desculpa.

Não tenho a meu serviço o santo *descuido*, a que o nobre critico soccorreu-se para justificar as miserias do seu escripto. *Quod scripsi, scripsi*.

Não fui eu quem engrandeceu a questiuncula do prenome de *Meyerbeer*, e tanto me basta. Porém não fico ahi ; acudo ao *appello* e até admitto a supposição de que eu tivesse dado grande valor á sua nuga.

Sustento, pois, que *Jakob* e não *Giacomo*, é o prenome que o Sr. Taunay devera dar a *Meyerbeer*. Que este componista assignava-se *Giacomo* é um facto de vulgar noticia, que sómente ao *officier superieur de l'armée brésilienne* pôde parecer uma ideia elevada, para cuja aquisição seja mister ir a Pariz e ter bastante dinheiro até ? . . . para obter com alto agio um bilhete de entrada no theatro de Chatelet . . . Mas essa não é a questão, se de questão merece o nome. O que importa saber é o motivo por que *Meyerbeer* assim se assignava. Pelo mesmo, ponco mais ou menos, porque o romanista portuguez João das Regras nomeava-se latinicamente *Joannes ex Regulis*. Uma especie de mania, uma fraqueza de grande homem. Mais ainda : *Meyerbeer* predominava-se *Giacomo*, como, por exemplo, *mutatis mutandis*, o finado bispo de Pernambuco, D. Manoel de Medeiros assignava-se *Emmanuel*.

(3) As excepções se abrem por si mesmas. Longe de mim o intuito de offender os caracteres honestos da *Revista Brasileira*.

Uma fraqueza, já disse ; e outros diriam : uma singularidade ridícula, não menos digna de reparo no homem da *batuta* do que no homem do *baculo* (4). E tanto é assim, que, a não ser este ou aquelle fanático adorador do compositor até em suas fragilidades, nenhum escriptor notavel, tratando d'elle, deixa de dar-lhe o verdadeiro nome. Dest'arte o eminente suíço J. Honegger, em sua celebre *Cutturgeschichte der neuesten Zeit*, quando se occupa da opera, diz o seguinte : *Vertreter der grossen Pariser Oper ist Giacomo Meyerbeer, eigenttich Jakob Meyer Beer*. . . . Está vendo, Sr. Taunay ? *Eigenttich*, propriamente, verdadeiramente Jakob Meyer Beer. Não fica ahí.

Em uma de suas cartas berlineses ao *Musikalisches Wochenblatt*, de Leipzig, Wilhelm Tappert, tratando do cantor Wachtel, assim se exprime : « Elle fez-se ouvir na bella opera *A judia*, na brilhante opera *Roberto do Diabo*, de Jakob Meyer Beer, e nos *immortaes* *Huguenottes*, do mesmo autor. . . . » (5) O grifo que se nota nos epithetos, não é obra minha ; vem assim mesmo no original. E como nos dous citados, assim em muitos outros escriptores encontra-se, dado a Meyerbeer, o prenome de Jakob. Que diz a isto o Sr. Taunay ? De nada lhe vale o soccorro que pediu a Mendel.

Sabe ao certo S. S. quem é Mendel ? ! . . .

Mendel, o biographo invocado, do qual não posso affirmar que ainda viva, ou já tenha morrido, pois nenhum dos historiadores litterarios allemães, dos mais recentes mesmos, faz menção desse personagem na classe dos biographos, onde entretanto occupam logar distincto os Woltmann, Wolzogen, Max Weber, Naumann, La Mara e innumerous outros ; Mendel, repito, é um sectario impertinente do partido meyeerberico na Allemanha.

Assiduo collaborador do *Echo*, folha musical de Berlim, ou, como diz um chistoso critico, fliado na cozinha da redacção (*Redaktionskücke*) desse jornal, precipuamente

(4) O Sr. Taunay é capaz de pensar seriamente que eu tenho Meyerbeer na conta de bispo ; veja bem, não caia nessa.

(5) *Vierter Jahrgang*, pag. 611.

consagrado á deificação do autor da *Africana*. Mendel é um discípulo que não descobre a minina lacuna no *divino* mestre, e neste character, se elle costumasse assignar-se *santo* Meyerbeer ou o *rei* Meyerbeer, teria achado a cousa muito razoavel. (6) Que prova, portanto, a citação de Mendel? (7)

Um só exemplo basta para demonstrar como os espiritos imparciaes e sensatos da Allemanha consideram extravagante esta italianização dos prenomes.

O Sr. Taunay sabe quem é *Ludwig* Breitner? Certo que não. Pois eu lhe digo: é um pianista notavel, da escola de Rubinstein.

A proposito desse allemão Theodoro Helm, de Vienna, noticiando uma vez para Leipzig os phenomenos musicaes viennenses, exprimiu-se d'este modo :

« Como legitimo e verdadeiro discípulo de Rubinstein, apparece *Ludwig* ou, como elle *pretenciosamente* se appellida, *Ludovico* Breitner... » (8).

Não será applicavel ao caso, Sr. Taunay? Não poder-se-hia dizer com igual razão; Jakob, ou, como elle *pretenciosamente* se appellidava, *Giacomo* Meyerbeer?... E sendo assim, a que vem tanto barulho a respeito de um ponto accessorio, menos que secundario, que eu mesmo julguei sem importancia e consenti que se convertesse em uma ligeira nota?

Que pedaço de... *moço illustrado* é este Sr. Taunay!... Não quererá ainda convencer-se que Meyerbeer tinha tanta razão de prenominar-se Giacomo quanta pudera ter, por exemplo, o seu irmão Michael, o esperançoso dramaturgo allemão, que morreu em 1833, de chamar-se *Michele* Beer...?

Faço votos para que o Sr. Taunay encontre algum remedio contra a sua irremediavel imbecilidade.

(6) *Musikalisches Wochenblatt*, 1873, n. 18, pag. 276.

(7) O Sr. Taunay, nos falla de duas obras desse escriptor; deu-nos a data de uma, por que não deu-nos a da outra?... Sr. Taunay!...

(8) *Musikalisches Woc.* 1875, n. 8, pag. 121.

II

Quanto ao segundo e terceiro capitulos da anti-critica, minha réplica é muito simples.

Insisto que é empregar uma *phrase banal*, é fazer acto de mero *escrevinhador*, attribuir ao *Roberto* a qualidade de inesperado. Porquanto, os productos musicaes, como todos os productos da actividade humana, estão dentro do circulo da historia; e esta não conhece phenomenos sem presupposição, não conhece facto sem antecedentes.

Um producto musical *inesperado* seria, portanto, um facto historico sem relação com o passado, desprendido da série evolucional de uma certa ordem de phenomenos, em uma palavra, um facto historico *miraculoso*; o que é uma *contradictio in adjecto*, uma heresia scientifica. (9)

Se dando ao *Roberto* o epitheto de *inesperado*, o Sr. Taunay collocou-se no ponto de vista de qualquer pobre de espirito, para quem só ha neste mundo, de certo e inevitavel, o caminho *da mão á boca*, a morte, que ha de vir, e o *nascer e pôr do sol* de cada dia, então o negocio é outro: olhado desse ponto de vista acima do qual talvez S. S. não se possa elevar, *Roberto* foi realmente uma creação inesperada.

Mas essa intuição é indigna de um homem culto.

Quando eu disse que *Roberto* não fora inesperado, nem abrira, como escreveu o Sr. Taunay, *uma era nova nos annaes da musica*, foi pensando que este *galante* espirito estivesse no caso de comprehender as razões por mim adduzidas para justificar o meu dito.

Porém qual!... Elle passou por longe d'ellas, e veio apenas provar que não é um ignorante commum, pois sabe recorrer, nos momentos de aperto, ao *conversation Lexikon* do vizinho para livrar-se do embaraço...

(9) O Sr. Taunay, apezar do seu Spencer, a quem gosta de citar, não entende destas cousas, que cheiram um pouco á philosophia.

A iniciação de uma nova era pelo Roberto, independente de *Guilherme Tell* e da *Muda de Portici*, é uma ideia particular da cabeça do Sr. Taunay.

Se ha na esphera musical uma verdade liquida e incontestada, é que essas tres composições formam uma série, uma como progressão ascendente dos impetos de um talento, auxiliados pelos de outro, que o precedeu. (10)

Eduardo Hanslick, que não é um anonymo, mas ao contrario um auctor conhecido, de quem diz a folha de mais rigor critico da Allemanha, que nenhum leitor, culto mesmo, depõe qualquer livro seu, sem ter aprendido alguma cousa (11), externa-se d'este modo :

« Do dia da primeira representação do *Tell*, 3 de agosto de 1829, pôde-se datar uma nova phase da musica dramatica, e não sómente na França. Apenas Auber com a sua *Muda de Portici*, o havia immediatamente precedido em igual direcção mas de uma forma menos imponente. Veiu em seguida Meyerbeer, etc. »

Esta verdade que elle exprime, quando se occupa de Rossini, reapparece em outros termos, quando trata de Auber: « A *Muda de Portici*, que sobre o seu laurel ainda traz a corôa de uma grande significação historica, estava na frente da nova direcção tomada na grande opera. O *Tell* de Rossini, o *Roberto* de Meyerbeer e posteriormente os *Huguenotes* devem a ella um poderoso impulso. » E na secção consagrada a Meyerbeer ainda repete: « Como os seus immediatos predecessores, *Tell* e a *Muda*, o *Roberto* marca uma nova época da grande opera. (12) Repare bem, Sr. Taunay: « como os seus immediatos predecessores », assim como « uma nova época da grande opera, » e não uma *era nova nos annaes da musica*, o que é uma phrase frouxa e um tanto dispatada.

(10) Se arithmetica ou geometrica, dil-o-ha o Sr. Taunay, que é engenheiro, posto que lhe falte em alta escala o *senso das proporções*, como adiante mostrarei.

(11) *Literarisches Centralblatt*, '875, pag. 1191.

(12) *Die moderne Oper*, pag. 118, 127 e 141.

Na deficiência de outros meios, o Sr. Taunay recorre a duas considerações ou antes declamações, para provar que *Roberto* foi abridor de caminho. (13)

E são ellas : de um lado os applausos extraordinarios, que obteve essa opera ; e de outro lado o retrahimento de Rossini, como ferido no seu amor proprio pelos triumphos de Meyerbeer.

Estes dous pretensos argumentos dão, por si sós, a medida do semi-talento do homem.

Quem, se não elle, com effeito pensaria jamais que o grande successo de uma opera nova servisse para provar que ella *inicia* uma nova era ? No mesmo anno da appareção de *Roberto*, appareceu a *Norma*, que teve igual senão maior successo ; pelo menos é certo que tornou-se mais popular. Terá ella tambem por isso iniciado uma era nova nos annaes da musica ? Em 1829, no mesmo anno de *Guilherme Tell*, representaram-se pela primeira vez *Fra Diavolo* de Auber, *Clari* de Halevy, *Montechi* de Bellini, operas estas que todas foram muito applaudidas. *Iniciou* por ventura cada uma dellas uma nova época ? Sr. Taunay, tenha senso ! . . .

Quanto á attitude de Rossini, eu teria motivo de espantar-me que o honrado official fizesse della um documento do *inesperado Roberto*, se elle já não me fosse bem conhecido, se eu já não tivesse feito a sua psychologia, que se resume em uma unica *faculté maitresse* : a de dizer parvoíces.

O retrahimento despeitoso de Rossini prova tão pouco a iniciação de uma nova era pelo *Roberto*, como a ogerisa de Meyerbeer e seu sequito para com Ricardo Wagner podia provar que nenhnm laço de filiação e dependencia

(13) Entretanto é para estranhar que S. S. declare, em uma de suas notas, não ter mencionado o *Guilherme Tell* no numero das composições lyrico-dramaticas, *por supressão na composição*. Muito fóra de proposito e sem ligação com o assumpto do seu artigo devia ser essa referencia ao *Tell*, quando S. S. tão de bom grado consentiu que fosse *supprimida*.

Que espirito desfructavel ! Demais, em um artigo sobre Meyerbeer, a menção de *Tell*, sómente como *uma das maiores composições lyrico-dramaticas*, é pura estatistica, que no caso quer dizer purá tolice.

existe entre a *musica do futuro* e a do auctor dos *Huguenotes*; o que aliás só pôde ser affirmado, ou por um meyerbeeriano incompetente, do tamanho do Sr. Taunay, ou por um wagneriano do mesmo tope e da mesma incompetencia, sendo ainda para ponderar que Meyerbeer não foi, como Wagner, um protestante, um reactor contra a corrente musical do tempo.

O supposto enfado de Rossini, bem como o seu recolhimento naquella época, tem outra explicação. Foi simplesmente de sua parte um rasgo de finura e perspicacia.

Depois do *Tell*, Rossini comprehendêra que tinha dado tudo, de que era capaz na opera séria; que uma nova excursão neste dominio importaria uma queda; pelo que depoz a penna.

Admiravel intuição do genio, que apprehende o ultimo momento, a culminação de sua gloria!

Se algum desgosto sentia então o componista, não era dos triumphos de Meyerbeer, porém, ao certo dos excessos do publico. E a prova é que, posteriormente, quando deu-se a morte do grande israelita, Rossini mostrou sentil-a sincera e profundamente.

Com a mesma arrogancia, com que se pôde imaginar que S. Thomaz tenha pronunciado o seu *conclusum est contra Manichæos* o Sr. Taunay julga impor-me silencio, citando algumas palavras allemães, extrahidas de um dictionario de conversação, nas quaes se encontra, a respeito de *Roberto*, o termo *unerwartet*, que diz elle corresponder perfeitamente ao seu inesperado.

Se quizesse chicanar, poderia perguntar ao corajoso critico, se elle acha com effeito completa semelhança entre o... *appareceu inesperadamente* das palavras citadas e a *inesperada creação* do seu artigo. Mas não me occupo de tal; existe ahi mesmo cousa mais séria, com que me possa entreter.

Como quem me intima para render-me á discreção, o Sr. Taunay incha as bochechas e diz-me: « Abra a muito conhecida obra *Conversation Lexikon*, e no artigo Meyerbeer leia o seguinte: etc., etc. etc. » E cita as palavras a que já me reporteí.

Advirto ao valente militar que puxe logo o seu frasco de cheiro para prevenir alguma syncope, pois agora vou começar a ser cruel com S. S.; cruel, como merece a sua posição, a sua boa estrella; cruel, como merece o seu orgulho, como merece a sua ignorancia.

E o leitor attenda bem; o Sr. Taunay manda que eu abra a muito conhecida obra *Conversation Lexikon*, como quem manda abrir a muito conhecida obra *Biblia Sagrada*. Esse grande espirito que viajou na Allemanha, que pretende mostrar-se familiarisado com as letras desse paiz, ignora ainda que existem muitos *Conversation Lexikons*, e de varios editores. Só eu, que moro na Escada, *que nunca sahi do norte do Brasil*, conheço não menos de quatro: o de *Brockhaus*, o de *Meyer*, o de *Pierer* e o de *Herder*, cada qual com o seu modo de ver e sua tendencia particular.

Disto sei eu; ao passo que o Sr. Taunay, que diz ter estado na Allemanha, que cita Goethe e Schiller, que ostenta saber allemão, pensa que o *Conversation Lexikon* é um livro unico em seu genero, como a *Iliada*, ou como a *Eneida*! Maluco!...

Qual é, portanto, o valor, diga-me, dessa citação de palavras escriptas por *alguem*, que não tem nome, não se indicando a fonte, onde ellas foram bebidas? Dos dictionarios de conversação que me foi dado na occasião consultar, nenhum encerra o texto referido. O Sr. Taunay tenha a bondade de infomar-nos qual foi o *Lexikon*, a que se soccorreu, e quem é nelle o auctor do artigo *Meyerbeer*. Porquanto, sem essa indicação, é como se nada dissesse, visto que, desconhecida a procedencia do artigo, eu seria um estolido, da mesma ordem do *officier superieur de l'armée brésilienne*, se sabisse a bater-me com uma sombra, a refutar um dito vago, attribuido a um escriptor, que não é nomeado. Accrésce ainda que, nestas condições, o negocio não exclue qualquer mystificação.

Quem me vedara, por exemplo, asseverar que na bem conhecida *Deutsche Zeitung* (existem muitas) encontrei a seguinte apreciação do auctor de *La retraite de Laguna*: *Ein Herr E. Taunay ist der Verfasser dieses angeblich historischen, durch die Reklame ausgezeichneten*

Werkes, von dem man doch zuversichtlich annehmen muss, dass es nicht über einen Mischmasch von Oberflächlichkeit und Pedanterei hinausgeht...?

E elle que fosse procurar o canario amarello, isto é, a *Deutsche Zeitung*, no meio de tantas outras de igual titulo.

Assim, se o nobre adversario não se acha no caso de urdir um embaimento semelhante, pôde todavia ter encontrado alguém, que lhe dictasse, por malignidade, as linhas em questão.

Mas ainda não estou contente. Demos de barato que um escriptor tedesco, em artigo sobre Meyerbeer, tenha dito com effeito que *Roberto* fôra inesperadamente levado á scena; que sai dahi? Causa nenhuma.

No meu escripto, eu fallava daquelles criticastros à *la Blaze de Bury*, para os quaes Meyerbeer é uma apparição imprevista; eis que veio o Sr. Taunay e repetiu-me paralogisticamente a opinião contestada, com a circumstancia aggravante de não nomear o escriptor invocado.

Pergunta-se agora: o anonymo citado não estará no numero dos criticastros de que fallei?

O que eu disse contra o critico musical da *Revista Brasileira*, não será applicavel a qualquer outro, que tenha a mesma intuição? Ora esta, Sr. Escragnolle...

No seu pretendido retruque S. S. parte de um presuppuesto pueril, de um *a priori* falso, como o seu saber, falso como o seu renome: e é que para mim tudo que vem da Allemanha, que está escripto em allemão, deva ser bom e perfeito, superior a tudo mais.

Hypothese futil e ridicula, para cuja refutação não hei mister de outro facto, que não a propria polemica entre nós suscitada. Note-se bem; elle reclama para um allemão a prioridade na iniciação de um novo periodo do desenvolvimento musical na grande opera, ao passo que eu, com toda a minha *germanomania*, pois que tenho aprendido nos mesmos livros allemães a respeitar a verdade historica, reclamo esse predicado para um francez e um italiano.

Já se vê que, além de pobre em sua sciencia, o Sr. Taunay é insensato em sua critica.

O leitor pouco habituado a discussões de tal ordem, vendo o rompanete do litterato fluminense, a sua maneira de encarar-me, as citações que faz de auctores tedescos, não está longe de suppor que elle é um germanista de força, um profundo conhecedor da litteratura allemã.

Quero tiral-o desse engano.

O Sr. Taunay não possui nem sequer noções rudimentaes da lingua de Kant.

Escutem: tratando da parte do meu artigo, em que referi-me ao predominio do *eu* em todos os factos humanos e usei das expressões *der Einzige u. sein Eigenthum*, titulo e synthese da celebre obra de Gaspar Schmidt (Max Stirner), na qual se encontra a glorificação do egoismo; tratando desse ponto (attendei, attendei!) o Sr. Escragnolle Taunay « diz que a *minha* doutrina vem... acompanhado de um apophtegma, em que a lettra *u* mettida entra as palavras *Einzige e Eigenthun* fel-o lamentar não ter o instincto decifrador de um Champollion ou de um Lepsius » *Il était difficile de plus mal tomber*.

Entregue a mão, general, para levar pelo punho de qualquer dos meus discipulos, uma duzia de palmatoadas, correspondente, no seu dizer, á meia duzia de livros allemães que possuo.

Aqui, sim, é que a ferula faz valer o seu direito.

Venha cá, meu bom, meu saboroso Taunay: é certo que esteve na Allemanha? é certo que sabe ler allemão? E como é que não sabe que a lettra *u* mettida entre palavras, como na phrase *der Einzige u. sein Eigenthum* é simplesmente uma abreviatura da copulativa *und*?

Era mister invocar a sciencia de Champollion?

Nunca encontrou em livros e jornaes allemães as lettras *u s w* querendo dizer *und so weiter*, e mais as lettras *u A*, significando *und Andere*? Cubra a cara, que é vergonhoso.

Só sinto que a lingua escripta seja impotente para exprimir uma gargalhada. (14)

(14) Teve intenção de fazer espirito, para ser agradável ás suas leitoras, mas tanto buliu e mexeu, que desgraçou-se por um modo horrível; e agora em vão buscará fingir que o som equivoco, apparecido no salão, não foi obra sua, porém da cadeira, onde está sentado...

Que o nosso homem não teve a minima duvida sobre a sua descoberta, nem a mais ligeira ideia de ser a minuscula u abreviatura de *und*, demonstra-o, além do mais, a circumstancia notavel de dar elle ao singelo titulo da obra de Stirner o nome de *apophthegma*, revelando assim, ou não saber o que é *apophthegma*, ou pensar que nas mencionadas palavras allemães havia alguma sentença, algum annexim ou rifão, que eu não escrevera direito ; o que ainda importa, da parte do Sr. Taunay, tão lido e tão corrido, o desconhecimento completo de um importante phenomeno da litteratura do seculo, qual é o livro de Stirner, *ein Buch*, como diz Harttmann, *das Niemand, der sich für praktische Philosophie interessirt, und lesen lassen sollte*. (15)

Quer ás vezes parecer-me que o meu honrado antagonista não é tão ridiculo quanto supponho, mas antes digno de lastima.

III

Na quarta e ultima parte do seu *elaborado* anti-critico (16) principia o Sr. Escragnolle por julgar summariamente as minhas observações sobre a *emoção musical*, que elle dissera ter sido sempre o visar de Meyeerber. Limito-me, em resposta, a pedir aos leitores que confrontem as minhas com as ideias do *grande homem*, a decidam com justiça. E dito isto, que é sufficiente para envergonhal-o, entremos no *qui pro quo*, no que mais incommodou o illustre official, a questão de *Euryantho* por *Euryantha*.

O Sr. Taunay, por pouco desenvolvidas que sejam as suas funcções cerebraes, não podia chegar ao ponto de desconhecer o unico recurso, ainda que esteril, que ao caso lhe restava : o *erro de imprensa*. Lançou mão

(15) *Philosophie des Unbewussten*, pag. 730, 6 Aufl.

(16) Mais de uma vez o Sr. Taunay empregou a expressão *elaborado*, grifando-a, como quem nella descobre um erro. Será isso tambem um dos muitos germanismos de que me accusou? Desconhece elle que uma lingua onde ha... *dado, predicado, quadrado*, etc., pôde bem comportar *elaborado*?

delle; e fez bem. Mas como que presentindo que algum leitor menos credulo deixasse de acceitar a sua asseveração, tentou indicar, por outros meios, que não errou, que não era possível errar. Ouçamo-lo que é interessante :

« Não sei quem conhecerá melhor Weber, diz elle, se eu, que viajei a Allemanha, lá ouvi a interpretação religiosa das obras dos grandes mestres e vi em pomposa scena operas do eminente maestro ou o bom do Sr. Tobias, que, segundo me consta vagamente, nunca sahio do norte do Brasil e diz as cousas por tel-as lido em meia duzia de auctores predilectos. » *Gut Gewiehart, Lowe* (17) ! Boa razão. Esta razão é de peso.

Ouviram?... Não podia escrever *Euryantho* em vez de *Euryanthe*, porque esteve na Allemanha ! Oh ! pois ahi mesmo é que se manifesta mais claramente a sua fraqueza. Viajou pela Allemanha, vio em pomposa scena as operas do eminente maestro, e entretanto só agora é que soube, pela primeira vez, que *Euryanthe*, é nome de mulher, que o titulo da opera é o mesmo nome da protagonista. Confesse a verdade, não seja respingão.

Já o meu distincto amigo Sylvio Roméro, esse talento admiravel, que mais tarde será chamado por antonomasia *martello das mediocridades, terror dos ignorantes*, avistou-se com o bravo historiador da *Laguna*, pedindo-lhe contas daquella singular allegação de viagens, e repetindo-lhe a picante phrase de Jacob Grimm ; *lieber wollte ich lermen ohne zu reisen als reisen ohne zu lerne*, quero antes aprender sem viajar, que viajar sem aprender, (18) Exactissimo ; é, se me fosse licito acrcescentar alguma ideia, diria apenas, com o mesmo Grimm, que viajar pelo estrangeiro, sem ter negocio importante a realizar, sem um motivo serio e poderoso, é prejudicar o que se sabe, para gastar inutilmente o tempo no meio daquillo que se ignora. Tal deu-se com o

(17) Provavelmente virá dizer-me que errei, pois o proprio dos leões não é *wichern*, porém *brullen*. Peço desculpa; foi por descuido.

(18) *Auswahl aus den kleineren Schriften*, 1871, pag. 61.

honrado official brasileiro; andou na Allemanha, eu creio; mas de lá não trouxe nem o sentimento do seu proprio atrazo, a consciencia de sua pequenez... (19)

Mas vamos á questão. Depois de esconder-se por detraz dos typographos, para desviar a pancada relativa á expressão *Euryantho*, o bom do Sr. Escragnolle, que não é homem de deixar-se vencer, saca do bolso a sua riqueza de conhecimentos hellenisticos e busca evidenciar: 1.º que não é admissivel o nome *Euryantha*, como eu propuz, mas *Euryanthe*, como elle diz ter escripto; 2.º que, quando mesmo tivesse escripto *Euryantho*, não teria errado, pois seria ainda um nome proprio de mulher... De modo que certo é não só o que elle escreveu, segundo nol-o affirma, porém tambem aquillo que lhe attribui a erro; incabivele erronea é justamente a minha proposta de escrever-se *Euryantha*. Não precisava ir tão longe, dirá o leitor sensato. Se *Euryantho*, é expressão exacta, para que lançar mão do erro da imprensa, correndo o risco de não ser acreditado? Bastaria dizer que tinha escripto assim mesmo, e mostrar então que não commettêra falta alguma. Porém o Sr. Taunay não esteve por tão pouco. Não lhe convinha perder tão boa occasião de patentear novos predicados, que ainda trazia debaixo da casca e espantar o mundo, em que vive, com a sua litteratura. O homem não é de graças; quem bole com elle deve sahir arranhado. Apreciemol-o, pois, e invoco ainda uma vez a paciencia do leitor para acompanhar-me em tal apreciação.

No seu artigo da *Revista Brasileira*, o critico empregára, com character portuguez, os nomes de *Roberto do Diabo*, *Africana*, *Propheta*, *Fausto*, *D. João*, etc., etc., e, a par destes, fallando de Weber, o nome de *Euryantho*.

(19) Que elle andou na Allemanha e em outros paizes da Europa, quando foi passar bilhetes para rifar no valor de grande obra a sua *Laguna*, já eu sabia; e até constou-me que, quando achava-se em Berlim, passeando uma vez *unter den Linden*, o imperador Guilherme, que por alli transitava, virou-se para o seu nobre chancellor e perguntou-lhe: «Sr. de Bismark, aquelle é Taunay? E' um bonito rapaz!...

Na firme convicção, que ainda não tive motivos para abandonar, de que elle tomára por um homem o que é uma mulher, eu disse que a verdadeira traducção, isto é, o verdadeiro modo de portuguezar a palavra *Euryanthe*, como se escreve em allemão e em francez, é dar-lhe desinencia feminina, escrevendo *Euryantha*. Que responde o bom do critico? E' digno de riso o que elle responde. Começa por dizer que não escreveu *Euryantho*, mas *Euryanthe*; e, dito isto, como se eu tivesse taxado de erronea esta ultima orthographia, que não é a que vem no seu artigo, passa a defender-se, commettendo, porém, uma das mais estupidas petições de principio. Se não o censurei por escrever *Euryanthe*, que valor pôde ter o seu argumento? Mas sigamol-o:

«Ha innumerados nomes, diz elle, acabados em e longo, que do grego passaram ás linguas derivadas, conservando esta desinencia, como *Calliope*, *Niobe*, *Euridice*, *Cybele*, *Euterpe* e tantos outros. Quererá o Sr. Tobias transformal-os em *Eurydica*, *Calliopa*, *Euterpa*. etc.?» Bravo, Taunay! Isto é soberbo!... E' vibrar o cacete com tanta força que elle se quebra, batendo no chão, ficando-se logo da primeira pancada desarmado e sujeito ao ferro do inimigo. Como é então, meu caro?... Porque aconselho que se escreva *Euryantha*, quererei tambem que se orthographie *Eurydica*, *Calliopa*, etc., etc.? E julga com isto, quando fosse mesmo concludente, pegar-me em erro por uma especie de *reductio ad absurdum*?

Ora!... tenha mais cuidado no que diz e escute:

Onde quer que eu encontrasse um ignorante como o Sr. Taunay, que, tratando, por exemplo, de *Euterpe*, julgasse fallar de um ente macho, e nesta qualidade, querendo dar-lhe feição portugueza, escrevesse *Euterpo*, diria sem o minimo escrupulo que, a imprimir-lhe esse caracter, deveria então orthographar *Euterpa*. Que é que oppor-se-hia, que poderia oppor-se á semelhante ideia? Hein, Taunay? Onde está, pois, o irrespondivel da sua pergunta? Coitado!

Mas não é tudo; S. S., que tão ousadamente recorreu ao grego, ainda, nessa materia revelou-se ignorantissimo. E' sabida de todos os hellenistas a predilecção

que tinham os Dorios pelo *a* e os Ionios pelo *e* longo ; de maneira que, dizendo estes, por exemplo, *Phémé*, aquelles diziam *Phama* ; dizendo estes *Gnómé*, aquelles diziam *Gnôma*, e assim por diante. E' igualmente sabido que a lingua latina se approxima em maior escala do dialecto dorio ; e dahi o pendor que se lhe nota para converter em *a* as desinencias de *e* longo nas palavras de origem grega. Deste modo encontram-se as palavras gregas, de caracter ionico, *grammatice*, *rhetorice*, *musice*, *dialectice* e outras, na luta pela vida, que as linguas tambem sustentam, disputando o terreno ás fórmulas dorico-latinas *grammatica*, *rhetorica*, *musica*, *dialectica*, etc., luta que terminou, a respeito de outros nomes, aqui pela victoria do *e*, ali pela victoria do *a*. Nesta classe figura o nome *physica*, que excluiu *physice*, do qual auctor nenhum se serviu ; naquella, porém, figuram, com poucos nomes communs, quasi todos os proprios, maxime de personagens mythologicos.

Passando ás linguas neo-latinas, e entre estas á lingua portugueza, a luta decidiu-se pela exclusão da fórma ionica e adopção da fórma dorica, dizendo-se portanto *grammatica*, *dialectica*, *rethorica*, etc., e firmando-se esta regra quanto aos nomes communs ; permanecendo entretanto os nomes proprios na posse da conquista já feita no latim, exceptuando apenas um ou outro, que ali ainda vacillava entre as duas desinencias, e no portuguez preferiu a desinencia em *a*. Sirva de exemplo *Urania*, que no latim tambem se escrevia *Uranie* : o que não quer dizer que deixe de haver igualmente um ou outro exemplo de nomes taes, que, já tendo recebido a unica fórma latina, retomaram no portuguez a feição puramente grega.

Assim, tudo sommado ; resulta que ha na lingua portugueza manifesta inclinação, herdada do latim, de substituir o *e* pelo *a*, ou, como se diz em linguagem scientifica, de fazer o *e* funcionar como *a*, e dest'arte, em vez de ser uma anomalia, seria ao contrario, um facto regular, um resultado natural do desenvolvimento morphologico da lingua o escrever-se e pronunciar-se *Euterpa*, *Calliopa*, *Pheba*, *Theba*, etc.

Sê, pois, o Sr. Taunay soubesse o que sejam e o que valham as funcções do vocalismo nas linguas indo germanicas, principalmente as funcções do vocalismo greco-latino (20), não cahiria no disparate de revelar tanto espanto por uma cousa tão ordinaria. «Quererá o Sr. Tobias, exclama elle, que se diga *Calliopa*, etc?» E porque não, Sr. Taunay? Estaria dentro das leis que determinam a *differenciação* das vogaes.

Attenda um pouco: *Calliope* é no suffixo semelhante a *Antiope*. Entretanto, os latinos, que de certo não escreviam *Calliopa*, escreviam *Antiope*. Qual a razão de não podermos acceitar para ambos os nomes a mesma fórma em *a*, quando esta fórma constitue um dos traços característicos, *herdados e adaptados*, da lingua que fallámos. (21)

Tanto barulho, meu Deus, para fazer-se crêr que o nome *Euryanthe* não pôde tomar a feição portugueza *Euryantha*, quando é certo que neste idioma o suffixo nasal *ant* attrahe com facilidade a vogal *a*, e de tal modo, que, por exemplo, um participio, como *infante*, sendo substantivado, converteu-se sem escrupulo no feminino *infanta*!.. Oh!.. *Incipe mœnalia mecum, mea tibia, versus*... Sr. Taunay, não seja desfructavel! (22)

Passemos a outro argumento, pomposamente qualificado de *frisante*. Eil-o aqui: «... os nomes terminados em *os*, masculinos ou neutros, dão no grego derivações femininas em *e*, por exemplo, de *Xanthos*, *Xantippos*, *Leucippos*, etc., *Xanthe*, *Xantippe*, *Leucippe*, etc.»

E' de eriçar cabellos! E, antes de tudo: onde foi que o Sr. Escragnolle descobriu essa *Xanthe*, derivada de *Xanthos*? Mas vamos ao mais grave. Elle quer provar que não podemos dizer *Euryantha*, porém *Euryanthe*, porque este é um nome grego, tambem derivado de *Euryanthos*, como *Xantippe* se deriva de *Xantippos*. E' horrivel! A este homem falta o senso da proporcionalidade,

(20) A. Schleicher, *Vergleichende Grammatik der indogermanischen Sprachen*, pags. 56, 62 e 79

(21) A questão devia girar sómente em torno de nomes que tivessem o mesmo suffixo de *Euryanthe*, e não versar sobre palavras de suffixo diverso. Isto só seria bastante para desbaratar o meu critico.

(22) Devia dizer *eury anthos*, e não *eurus*, pois *anthos* é neutro. Erro da imprensa, talvez, não?

que é apenas um galho do senso commum ; e falta-lhe ainda a faculdade de associar ideias.

Schopenhauer deixou escripto que o gráo de intelligencia de uma pessoa está na razão inversa da capacidade de tolerar grandes ruidos ; quanto mais o homem pôde soffrer sem abalo o ladrido dos cães, o murmurio das machinas, o silvo das locomotivas, etc., tanto menos intelligente elle é. Ora, o mesmo se dá com a faculdade de associar, que se pôde considerar, no estado actual do seu desenvolvimento, um dos productos mais significativos da *phylogenia* intellectual. Ella está na razão inversa do gráo de estupidez : quanto menos exercido, quanto menos vivace o homem tem o poder de associação, tanto mais acanhado e estúpido elle se manifesta.

O Sr. Taunay, pelo que noto, é capaz de ver uma sella, uma brida, botas e esporas, e todavia não associar a ideia de cavallo !... Quiz demonstrar com *Xantippe* que só podemos, em portuguez, dizer *Euryanthe*; não teve portanto, força para lembrar-se de que nós outros tendo *Philippa*, bem podemos ter *Xantippa* !... Oh ! *Incipe manalios mecum, etc.* Sr. Taunay, não seja desfructavel !

O bom do hellenista, crendo fazer uma grande descoberta, diz que *Euryanthe* vem de *eurus anthos* larga flor (23). Sem tomar contas a essa etymologia, que dá em resultado uma tal ou qual extravagancia, qual é uma *flor larga*, eu entro na apreciação do fim, que se propoz com a sua derivação. Outro não foi senão evidenciar que de nomes gregos masculinos ou neutros, acabados em *os*, só se admittem derivações femininas em *e*. Porém é falso. *Philippos, Alexandros, Menandros, Terpandros*, são nomes gregos, que têm a mesma terminação em *os* ; e, não obstante, o Sr. Taunay nunca conheceu, já não digo alguma *Philippa*, de que ha innumerous exemplares, e não poucos bem interessantes, porém alguma *Alexandra*, alguma *Menandra* ? Pois cá este seu criado, venerador e obrigado, Tobias Barretto, que nunca sahio do norte do Brasil, tem a honra de conhecer uma *Terpandra*

(23) Tenha senso, Taunay !

gregamente bella, como o proprio nome, a qual não cança de rir-se do fiasco do Sr. Taunay.

Além de tudo isto, o argumento do criticaastro envolve um contrasenso, que releva não deixar esquecido. A ter algum sentido, esse argumento pretende o valor de uma proporção ; e é esta : *Xantippos* está para *Xantippe*, como *Euryanthos* para *Euryanthe*. Ora, não ha maior disparate, porquanto *Xantippos* é realmente um nome proprio de homem (nome do pai de Pericles), mas *Euryanthos* não é; onde está, pois, a proporção? *Incipe mœnalios mecum*, etc.... Sr. Taunay não seja desfructavel !

Arrastado pela vertigem dos despropósitos, o men contendor não parou ainda aqui. Proseguindo, elle interroga se, quando mesmo tivesse escripto *Euryantho*, teria errado? E affirma que não, por haver no grego nomes de mulher terminados em *o*, como *Io*, *Manto*, *Clotho*, etc. ! Pois eu lhe digo que errava, como errou, pela razão intuitiva de não haver no grego o nome *Euryantho*, acabado em *o* longo.

Manto, *Xantho*, *Clotho*, etc., existem assim mesmo, com esta mesma fórma, na lingua, a que pertencem ; não assim, porém, *Euryantho*, que não passa, por consêguinte, de uma burlesca invenção do Sr. Taunay. Entretanto, ha cousa ainda melhor.

No enthusiasmo da sua estolidez, elle pergunta ainda, por via de conclusão logica, se eu quizerrei que, em vez de *Clio*, *Erato*, etc., se diga *Clia*, *Erata*, etc.? Que tentadora interpegação !

Ella me faz recordar de uma passagem da minha vida de estudante, que vem ao caso referir. No tempo em que eu escrevia versos, um amigo costumava colleccional-os á proporção que eu os ia publicando. Succedeu que um dia a certo critico, dos muitos que então pretendiam *matar-me*, abrindo essa collecção e lendo uma das peças ahí contidas, se deparassem estes versos :

*Quando na testa do levante pallido,
Menos bella que tu a alva fulgura...*

Não pôde suffocar o desgosto que lhe causaram ; e, pegando de um lapis, sublinhou a palavra *testa* e escreveu

à margem : logo o levante é um boi ! . . . Horas depois entrava eu em casa do meu amigo, que, sorrindo, me mostrou a singular observação do austero censor, diante da qual não me occorreu outra cousa, senão também pegar de um lapis e escrever por baixo: logo o critico é uma vacca.

Em identicas condições se acha a pergunta do honrado Sr. Escragnolle. Por que sustento que o grego *Euryanthe*, afeiçoado á portugueza, deve formar *Euryantha*, conclue elle que também quereirei de *Clio* engendrar *Clia* ! . . . Se se tratasse de alguma *Clanthe* ou *Clianthe* . . . porém *Clio* ! . . . Santo Deus ! Este Taunay ! . . .

Até aqui tenho estado, por assim me exprimir, a brincar com a minha presa. Vou dar-lhe agora, na questiuncula vertente, o golpe decisivo.

Cheguem os seus amigos e aparem-lhe a cabeça. Se o nome grego, proprio de mulher, *Euryanthe* não comporta em portuguez a desinencia em *a*, o nome grego, também proprio de mulher, *Atalante*, egualmente não deve comportal-a ; em outros termos, se não é permittido dizer *Euryantha*, não é também permittido dizer *Atalanta*. Pois bem, Sr. Taunay, abra a *Noite do Castello*, canto terceiro, n'aquelle ponto da entrevista de Henrique e Ignez, onde o poeta descreve a bella moça surprehendida em seu leito pela presença do vingativo amante, no desalinho das horas de repouso, com os cabellos em desordem e a camisa destendida pela genuflexão, deixando ver os gemeos alabastros; e trema de vergonha ao ler o seguinte :

« transluz um collo,
Digno de Leda, uns braços de Atalanta. »

Então, camarada, *Euryantha* será erro ?

Se a questão é de genuino portuguez, Castilho era competente para dar lei. (24).

(24) Em uma lingua onde existe o nome godo, proprio de mulher, *Gertrudes*, não era tao natural que se orthographasse também *Hermen-trudes* ! E contudo A. Herculano disse *Hermen-truda*, como disse *Hermengarda*. Vá também com vista ao Sr. Taunay. Deixei de demorar-me sobre a observação do epitheto de Diana, adduzido como prova de nomes femininos terminados em *os*, porque já estou cansado de analysar disparates. O bom do critico nem sequer sabe os rudimentos da

Quero ainda tornar visível aos olhos do leitor que o celebre *touriste*, com todas as suas viagens á Allemanha, nunca viu nem ouviu a opera de Weber. Entre as muitas parvas increpações que me dirige, vem esta : « A propria modificação terminal dos casos do *Euryanth* (*th* final) em allemão deveria ter-lhe indicado que é *Euryanthe*, etc.» O leitor está vendo : se não é outra vez erro de imprensa, o Sr. Taunay entende que o titulo da opera em allemão é *Euryanth* (*th* final), quando é *Euryanthe* mesmo, justamente como no francez. Então? E' claro que nunca passou-lhe pelas mãos, e foi o que eu disse, essa composição de Weber, da qual fallou como entendido. E, ainda mais, S. S. não parece ter bastante conhecimento do modo de declinar os nomes proprios femininos em allemão.

Porquanto, dado que existisse *Euryanth*, o que é que os casos deste nome poderiam indicar-me de particular a respeito da orthographia portugueza? Admittido *Euryanth*, teriamos então *Enryanths*, *Euryanthen*, *Euryanthen*; que conclue-se dali para não escrever-se *Euryanthe*? O mesmo que se pudera concluir de *Wilhelmine*, *Wilhelminens*, *Wilhelminen*, *Wilhelminen*, para não dizer-se *Guilhermina*, porém *Guilhermine*. E' de mais! O homem não acha igual. Deus lhe conceda longos annos de vida, para que tenha tempo de adquirir um pouco mais de consciencia do muito que ignora.

IV

Passo a cumprir a promessa, feita em principio, de analysar no fim deste meu trabalho o retumbante preambulo do belletrista agalado.

lingua grega, sem o que, por certo, não ignoraria que ha adjectivos acabados em *os*, que se prestam ao masculino e ao feminino. E' assim que uma das Parcas chamava-se *Atropos*, isto é, a *immutavel*, a *inexoravel*. O que prova o Sr. Taunay com os nomes gregos femininos da segunda declinação, se *Euryanthos*, caso existisse, não seria feminino, nem mesmo, segundo o seu proprio modo de derivar-o, da segunda, mas da terceira declinação, como *anthos*? E, dado de barato que fosse um feminino, correspondente ao latino *Euryanthus*, tambem feminino, segue-se que lhe corresponderia no portuguez um nome em *o* igualmente feminino? *Ulmus*, em latim, é feminino, mas se traduz por *olmo* que é masculino. Pois Taunay não é bobo, minha gente!!...

Começou elle por malsinar-me como réo de uma tal ou qual má vontade, de uma certa agrura no exercicio da critica; e eu não julgo de todo injusto semelhante modo de vêr. Dou razão ao Sr. Taunay; não sabe o que é critica; este mister é para elle um entretenimento, ao passo que para mim é uma missão.

Se, como a guerra, a critica tivesse os seus Clausewitz, os seus Harttmann, pudera tambem ser definida: um acto de força para obrigar o adversario, não de certo ao cumprimento da nossa vontade, mas ao respeito das ideias vigentes, ao conhecimento da intuição da época. E dahi o corollario de que ella, considerada em si mesma, segundo o seu proprio conceito, encerra sempre um acto de hostilidade.

Opino, como o celebre Lassalle, que a critica não deve proceder com o trabalho de cultura intellectual de uma nação, como Penelope com a sua têa, desmanchando de noite o que se fez de dia; mas tambem não comprehendendo o que seja uma critica bonachona, polida e cavalheirosa, no sentido de guardar reservas e condescendencias, em honra das pessoas, em prejuizo da verdade.

Não me é estranho, quanto mal se faz a si mesmo, e de que força de animo deve ser revestido o homem que se dedica a tal mister. « Para que a critica, diz H. Landsmann, fallando de Lessing, se mantenha na altura de sua vocação, para que ella se affirme como um elemento, tão indispensavel ao desenvolvimento espirital das nações como a propria poesia creadora, é preciso um homem da mais alta coragem moral, um homem a quem não affligem nem desgostam as aggressões pessoas, a que elle inevitavelmente se expõe, ou a quem pelo menos os desgostos não podem curvar. » (25)

Eu não tenho o talento que essa coregem representa, porém tenho a coragem que esse talento presuppõe.

No desempenho daquillo que reputo necessario para purificar a nossa atmosphera, para abrir caminho a uma nova ordem de ideias, pouco me importam os gritos dos Taunay e outros iguaes phenomenos do *demi-monde* litte-

(25) *Philosophische kritische Streifzüge*, pag. 189.

rario. Assim, não dissimulo que os meus pobres escriptos trazem sempre uma quantidade de acido, que desagrada ao paladar commum e, conforme a sensibilidade do *offendido*, póde até tomar as proporções de veneno... Mas desde que não viso ser agradável á pessoa alguma, nem me proponho ter entrada no cenaculo de *litteraturiers*, que cercam o honrado Sr. Escragnolle, de quem aliás não sou... *ikanos lysai ton inanta ton ypodematon autou* (é grego), recebo com indiferença o juizo bom ou máo, que elle queira formar do meu caracter e dos meus instinctos (26). Dito isto, quanto á maneira de julgar-se da minha pessoa, vamos ao modo de aquilatar-se o meu estylo.

O honrado official brasileiro ainda pertence á escola anachronica dos formalistas e pedantes, que ao receberem uma cutilada, tratam menos de examinar a extensão e profundidade da ferida, do que a tempera do ferro que a produziu.

Não querem saber se o golpe doeu ou não ; mas se a arma estava bem polida e com a ponta bem aguçada.

E', pois, assim que o Sr. Tannay não se esqueceu tambem de attribuir-me *grotescos germanismos* e um *estylo diffuso e pesado*... Esta sedição arguição de vicios de linguagem, de fôrma lacunosa e desleixada, já é hoje tão ridicula, como a invocação de uma lei ha muito derogada... São phrases estereotypas na bocca de todos aquelles que, presentindo a inefficacia de sua accusação á pessoa de um adversario, levam a censura até ao máo talhe do seu paletó, o mal amarrado da sua gravata.

«Grotescos germanismos.» Dez annos antes o Sr. Tannay mesmo ter-me-hia accusado de *grotescos gallicismos*.

Já é um progresso ; não deixando, porém, de ser admiravel que falle em germanismos quem, como o illustre militar, sabe tão pouco e lê tão pouco allemão, que ignora

(26) A phrase grega é a bem conhecida do Evangelho : « Não sou digno de desatar as correias de suas sandalias. » Que pena tambem eu sinto de não encontrar typos gregos !

que a lettra *u* é abreviatura de *und*. O seu purismo traz-me á memoria os versos de Goethe :

*Sinnreich bist du, die Sprache von fremden Wörtern zu saubern ;
Nun, so sage doch, Freund, wie man Pedant sein verdeutscht* (27)

«Estylo diffuso e pesado»... Seria soberbo, se S. S. me concedesse um estylo conciso e elegante!... E' mais facil a uma bella e sagaz prostituta concordar no encanto dos olhos e na lindeza dos cabellos da mulher de seu amante, do que a um escriptor criticado, ferido em sua vaidade, reconhecer qualquer mérito no estylo do seu critico. Estou ainda por vêr semelhante phenomeno.

Lessing, o grande mestre, que, na phrase de Landsmann, elevou a critica á altura de uma decima *musa*, dizia que cada um tem o seu proprio estylo, como cada um o seu proprio nariz; e não é civil, nem christão, zombar do proximo por cauza deste órgão, qualquer que seja o seu tamanho e a sua disformidade.

Pelo que me toca, declaro que estou satisfeito com o meu estylo, como estou com o meu nariz, não quero substituto, nem para um, nem para outro. Comprehende-se, portanto, quão pouco valor tem aos meus olhos, como aos olhos de todos que bem pensam, a atrozada observação do Sr. Taunay; e por maior que seja a tentação, não cumpro o desejo de apresentar-lhe um espelho e fazel-o contemplar que *enormes ventas* elle possue.

Reconheço que ha no meu estylo um defeito capital que o colloca muito longe dos outros; e tudo o que distingue em demasia, já o disse um grande espirito, torna-se defeito insupportavel. Quando todos trajam á côrte, só eu apparecer de *jaqueta*; quando todos trazem pennacho branco, só eu trazer pennacho vermelho; quando todos affirmam qua o Sr. Taunay é uma notabilidade, ser eu o primeiro a dizer que, em materia litteraria, elle é um bobo... não ha estylo mais defeituoso. Confesso meu peccado, sem que peça aliás perdão para elle.

(27) Traduzido e applicado ao caso : « Muito sensato és tu em limpar a lingua de palavras estrangeiras; ora, pois, amigo, ensina-nos como se diz *pedante* em portuguez...

Não é tudo ainda. A apreciação dos estylos é uma questão de sentimento. Os allemães, cujo espirito altamente philosophico se accentúa na propria lingua, exprimem e consagram esta verdade pela palavra *Stilgefühl*, *sentimento do estylo*. Ou seja, como parece a uns, aquella capacidade de tornar-se accessivel á força, á graça, á impregnação do modo de dizer de um escriptor (28); ou seja antes, como opinam outros, aquella propriedade, não muito commum, de distinguir o estylo de uns do de outros escriptores (29); o certo é que a estylistica pertence sobre tudo á esphera da sensibilidade. Ha no estylo o que quer que seja de indefinido e indefinivel, como na musica, e o ouvido é o seu orgão.

Dahi a facilidade com que se pode impunemente qualificar de bom um máo, e de máo um bom estylista, o que entretanto nem sempre é effeito do capricho, mas muitas vezes o resultado de uma disposição psychica, do estado de expansão ou contracção do espirito; não poucas vezes tambem uma simples questão de leitura, de compasso, de medida do tempo.

Ha escriptores com effeito que escrevem *adagio*, como os ha que escrevem *andante*, *leggiero* ou *leggierissimo*, conforme a propria indole e os assumptos de que tratam. Todos elles querem ser lidos no mesmo compasso em que escreveram; e, não o sendo, a impressão não pôde ser boa.

Desta'arte se explica o facto que se observa constantemente no mundo das letras: um pedaço de prosa, dos melhores mesmos, lido por um amigo do auctor, affecta de modo agradavel, ao passo que, lido por um inimigo, produz effeito diverso. Na ausencia mesma de qualquer paixão obcecante e aturdidora, dá-se sempre com o estylo no manejo das linguas, pouco mais ou menos, o que se dá com a afinação no manejo dos instrumentos.

Conta-se de um celebre mestre de rabeca, em Pariz, que tinha a mania de nunca deixar sahir-lhe dos labios um juizo decisivo sobre o completo aproveitamento dos

(28) *Die Gegenwart*, Berlim, 1879, n. 9.

(29) *Preussische Jahrbucher*, 1879, Zweites Heft. pag. 200.

seus alumnos. Quando já nada havia que objectar contra a technica vigorosa e consciente, contra a segurança dactylica dos mais bem aproveitados, elle buscava sempre o ultimo refugio e repetia : *a afinação!*...

Qual o meio de provar que era um capricho ? E' assim tambem : quando nada existe de sério e razoavel para oppor-se ao conteúdo de um escripto, nunca falta este grito de desabafo : *o estylo!*... Não ha phrase mais banal.

Eis ali, pois, indicada em traços geraes a fonte de uma illusão de optica psychologica, da qual foi victima o Sr. Taunay, e que não raro leva os illudidos a darem, como juizos calmos da sua razão, verdadeiros arrancos e explosões da sua colera.

Aos ouvidos de uma pessoa afflicta, que vela á beira de um leito, prestes a perder um ente que lhe é caro, o mais lindo, o mais delicioso pedaço dos *Huguenotes* sôa como um canto de morte, como um *De profundis*.

Não era ao *sapor estheticus* do meu ridiculo contradictor, amargurado pela raiva, impedido pela saburra do despeito, que o meu estylo podia parecer, sinão diffuso, pesado.

Entretanto já houve na Allemanha quem me qualificasse de... *Meister eleganter Diction*. Foi um amigo, dir-se-ha ; e eu mesmo creio que a amizade influiu muito para tal modo de julgar. Mas tambem quem me dá os predica-dos de diffuso e de pesado, não é um inimigo, ou, pelo menos, um desaffectedo ? Ora !...

Viremos a questão por outro lado. O inclyto professor e militar romancista fallou sobre estylo, como podera fallar nos primeiros annos do seculo qualquer velho lente de rhetorica, ensinada nos conventos.

Sabe elle ao certo a significação da cousa ?

Sabe em que pé, em que relação se acha o estylo de um escriptor com o desenvolvimento geral da litteratura do seu paiz ?

Póde existir um estylo, objectivamente determinado, que sirva de modelo e de padrão para a critica, sem uma prosa feita e acabada ? E esta, por sua vez, póde existir sem a precedencia de um florescente periodo poetico, sem a base de uma completa evolução litteraria ?

Sr. Escragnolle, vá estudar e aprender.

O estylo na prosa, uma prosa aperfeiçoada, é o fructo, de que a poesia é a flôr, diz Ruggiero Bonghi, o sabio professor e escriptor italiano.

Uma ordem de prosaistas presuppõe uma ordem de poetas, e estes por seu turno uma phase preenchida do desenvolvimento espirital de uma nação.

Ora, nós, que ainda não temos uma poesia bem accentuada; nós que não temos uma sciencia, que não temos uma philosophia, que não temos uma litteratura em geral, como podemos ter um estylo, uma estylistica systematisada, cujas regras devamos respeitar, como podemos, em uma palavra, ter o tecto antes de possuir o edificio? Ignorante senhor, repare no que diz !

Finalmente, e aqui vai tudo, a natureza dos assumptos é que determina a fôrma graciosa, o trajo elegante dos escriptores, como a gordura e habilidade dos cavallos determina a attitude e o porte airoso dos cavalleiros. Portanto *estylisar* um artigo de jornal, escripto a proposito do Sr. Escragnolle Taunay, seria para mim uma cousa tão extravagante como tomar o *croisé* e calçar as bonitas luvas para sahir a passeio, nas ruas do Recife, em um velho sendeiro, magro e choutão.

Ao terminar, quero dirigir-me especialmente ao leitor, para fazer-lhe uma supplica. Não me tenha na conta, em que me poz o galante critico musical, de pretender saber tudo.

Eu nada sei; nem jamais tive por habito fazer paradas de contos de réis, sem ter nem um real na algibeira, contando apenas com a felicidade e com a simpleza de quem me ouve.

A primeira vez que *páro* uma grande somma de conhecimentos, sem fundos correspondentes, é justamente agora, que entrei pelos dominios hellenicos, sabendo, entretanto, da lingua grega pouco mais do que o alphabeto.

E' o que sabe tambem o Sr. Taunay, quer do grego, quer da *maldicta* lingua de Haeckel.

Fica assim o leitor inteirado de quanto é facil *comer* francez e *arrotar* allemão, citando sem consciencia um ou outro verso, que já pertence á classe das *geflügelte Wörter*,

que é na litteratura allemã o que são na portugueza o *Porém já cinco sôes eram passados*, e o *Tão temerosa vinha e carregada*: não ha menino que os não saiba de côr e ignore que são de Camões, sem jamais ter lido os *Luziadas*; pois aprende-os nos traslados de *escripta ingleza*. Cuidado, muito cuidado com os embusteiros !...

A despeito do perigo, a que me expuz, de parecer diffuso, diffusissimo, quiz de proposito demorar-me sobre uma série de futilidades, porquanto com a pobre récu de pedantescos lettrados imperiaes só ha um modo de proceder efficaz, que é bater, bater, bater até matar.

Na época da psychologia da cellula não é muito que tambem appareça uma especie de *critica cellular*, uma tal que vá á fonte do erro, que faça a genese do mal desde os seus mais simples elementos, que prosiga na pista da ignorancia até á palavra, até á syllaba, até á lettra; e em taes condições, a prolixidade é uma exigencia da causa.

Demais, em um paiz onde o meu antagonista affirma conhecer Weber melhor do que eu, porque viajou na Allemanha, ao passo que nunca sahi do norte do Brasil, e ha muita gente que acha de força esta consideração, em um paiz assim predisposto para não conhecer Achilles, disfarçado em mulher e tomar pelo heróe grego qualquer mulher disfarçada em Achilles, é preciso ter paciencia e levar ao extremo o processo de dissecção.

Se eu tivesse sobre o Sr. Taunay, como elle tem sobre mim, a vantagem de posição *em cima do outeiro*, seria o primeiro a mandar descontar em meu desfavor os noventa e nove por cento das circumstancias felizes; não fazia desse accidente um motivo de menospreço; porém, sendo eu quem está em baixo não quero desconto; na balança em que nos pesam, não admitto tãra.

Resido na Escada; nada importa. Seja para S. S. como se eu residisse em Berlim.

Outro sim, a respeitar e seguir os habitos da terra, corria-me o dever de *roncar* e responder logo em cima das buchas á anti-critica do *joli petit* professor de francez, como a *sucuruyúba* dos nossos rios á detonação do bacamarte que se dispara na margem.

Não estou por esta lei; tenho muito em que me occupe.

Não recebo soldo nem ordenado; portanto não posso deixar de pôr em pratica o proverbio: primeiro a obrigação, depois a devoção.

Que dê a minha resposta logo em quente, ou um anno depois, para mim é o mesmo.

S. S. pôde atirar-me de minuto em minuto; não assim eu, que manejo uma peça muito pesada, com a qual só posso dar-lhe um tiro de dous em dous mezes.

Não sei se o felicissimo Sr. Alfredo de Escragnolle Taunay é realmente *empeiros tón polemikon*, isto é, realmente habil na arte militar; não sei que valor tem a sua espada; mas se ella vale tanto como a sua penna, então é certo que a patria não tem motivos de orgulhar-se pela posse de tal filho (30).

Como quer que seja, não ha duvida que o illustre major é um dos maiores representantes da nossa burlesca *litteromania*. Seu nome já não é o de uma individualidade, nem lucida, nem *nebulosa*; porém o de uma brilhante collectividade de vagalumes e fogos fatuos.

Historiador, romancista, publicista, orador parlamentar, critico musical, critico dramatico, critico de pintura, de bellas artes em geral, musico, pintor, dramatasta, é difficil enumerar todos os aspectos sob os quaes elle se ha apresentado ao publico; e, não obstante, julga-se competente para attribuir-me pretensões encyclopedicas!...

No escripto de S. S. lê-se, entre as linhas, a intenção capital de ridicularisar o meu enthusiasmo pela Allemanha, o meu cultivo preponderante de auctores allemães. Entenderá, porém, o *officier superieur*, como parece indicar o seu ar desdenhoso, que fez uma descoberta? Entenderá que é o primeiro a rir-se dos meus esforços, da minha *luta pela luz*? Que ingenuidade!... Pois saiba que

(30) Não pareça a quem quer que seja que eu pretenda forir, nem de leve, na pessoa do meu contendor, uma classe que aliás muito respeito.

E' só do Sr. Taunay, d'elle sómente que eu quero zombar.

é sómente a tal respeito que S. S. figura entre os ultimos dos parvos. Esse riso encarninho da minha *germanomania* ja cahiu em desuso cá pelo norte; aquelles mesmos que *ha cerca de dez annos* zombaram della com igual intuito, bem que com muito mais espirito do que fal-o hoje o criticastro fluminense, já se acham convencidos de que o facto não impressiona tão comicamente como lhes parecia.

Mais habeis que o Sr. Taunay, comprehenderam logo que estavam perdendo seu tempo, visto que eu procedia com elles como certos garotos nos dias de entrudo com as velhas rabugentas e irasciveis : quanto maior é a descompostura, maior é a *seringada*. Quanto mais escarnecem das minhas citações allemãs, mais allemão eu cito.

Disse uma vez o grande Frederico, fallando de um povo, que o Sr. Alfredo de Escagronolle deve bem conhecer.

« Si la Providence a pensé à moi faisant le monde, elle a crée ce peuple pour mes menus plaisirs. »

E' justamente assim : a Providencia creou tambem o Sr. Taunay e seus confrades... *pour mes menus plaisirs*, para minhas pequenas delicias, para meu divertimento. (31)

(31) Esta formidavel pancadaria no Sr. Taunay deveria, mais propriamente, sahir no volume das *Polemicas*, na colleccão das obras de Tobias Barretto. Não quiz, porém, separal-a do artigo que lhe deu origem, nem demorar a sua publicação por muito tempo.

(N. de S. R.).

XXV

Os theologos da «Civilização»

No *Diario de Pernambuco* foi transcripto um pequeno artigo da *Civilização*, jornal maranhense, defensiva e offensivamente consagrado aos interesses da religião catholica, artigo em que fui alvo de uma estúpida critica fradesca. (1)

Já tinha tido conhecimento desse trabalho; não só por me dizerem pessoas que o haviam lido naquella folha, mas também pela resposta que um meu amigo entendeu dever dar, inserta no *Diario* de 27 de julho. Porém, importa confessar que eu não sentira o minimo appetite de saber, ao certo e ao todo, o que é que de mim dizia o tal escriptor. E se o auctor da defeza, que *não sou eu*, como ingenuamente pareceu a muitos espiritos *singelos*, a quem falta o senso do estylo e ainda mais do que isto, o senso da dignidade litteraria, para comprehenderem que eu não podia apparecer, involto no *pseudonymo*, elogiando a mim mesmo, se o auctor da defeza, repito, que é um distincto moço academico, não me tivesse communicado a ideia de publicar o seu bello trabalho se não depois de havel-o executado, talvez lhe tivesse pedido que desistisse da empreza.

Tal é a indifferença com que recebo ataques de certa ordem. Já presumo conhecer um pouco a natureza humana. Sei a que ponto póde chegar o desespero de uma *causa perdida*. Se as ideias, que eu e meus irmãos em liberdade de pensar sinceramente professamos, ganharem logo todo o terreno, que papel fica fazendo uma batina?

(1) Foi isto em agosto de 1883. O artigo dos padres do Maranhão tinha por alvo refutar a bella oração por Tobias Barretto proferida por occasião do doutoramento do bacharel Hermenegildo de Almeida. Vide *Estudos de Direito*, pag. 439. (N. de S. R.)

Um papel chulamente nullo. E' natural, portanto, que se atirem sobre nós outros justamente aquelles que fazem parte do velho *apparelho* religioso, prestes a rebentar-se, e que estão vendo a cada momento fugir-lhes a ultima esperança.

O que os philosophos chamam a *crise religiosa* da actualidade, é a *crise economica* dos padres. Alguma cousa de quasi identico ao que se dá no mundo industrial. Quanto almocreve, que viu-se privado dos meios de trabalhar e viver, pela invasão das vias-ferreas, não estendeu os punhos cerrados de cholera, para amaldiçoar o *diabão* do vapor, que lhe passava na porta? E' o mesmo que succede com os *almocreves do céu*. Esconjuram o *diabão* da ciencia que vem roubar-lhes os commodos da vida. Se o velho Thomaz de Aquino já não se faz ouvir, se Darwin e Haeckel se tornam os unicos directores do pensamento hodierno, então... são os prenuncios da tempestade, ha sério reboliço no reino das formigas: quem mandará mais dizer *missas*? Isto é de fazer franzir o sobr'olho e subir o sangue á cabeça.

E', pois, muito explicavel e até justificavel a *santa furia* dos devotos de todos os tamanhos, quando por este ou aquelle modo alguem ousa tocar no *sacrario* das suas crenças. E foi comprehendendo isto mesmo, que eu deixei-me ficar tranquillo ante a noticia do artigo da *Civilisação*. Nem se quer procurei saber quem podera ser o seu auctor. Era um padre, é o que se dizia; e tanto me bastava para perdoar-lhe. *Ignosce illis*...

Mas a cousa mudou um pouco de figura, desde que o artigo foi transcripto, e entre as *publicações a pedido*. Ahi apparece a mão de algum auxiliar *cá da terra*, que julgou incommodar-me com essa transcripção e ao mesmo tempo contribuir para o debellamento da *impiedade*, que está invadindo a Faculdade do Recife. Ahi apparece até o designio de um desabafo ou vingança de alguma offensa, bem que a consciencia não me accuse de ter offendido a quem quer que seja. Mas ahi tambem se nota o mesmo movel, a mesma ordem de sentimentos, que levou o padre a dirigir-me o seu ataque. Porquanto não são sómente elles, os theologos de officio, que têm a perder com a

victoria das novas ideias. Dado que estas triumphem, não é só a batina que fica sem significação ; ficam tambem sem ella, e em maior grau de ridiculo, os jejuns, as macerações, os joelhos chagados, a cara macilenta de muitos *bôbos* de Deus, que vivem de ante-mão mergulhados no *idiotismo transcendental* da bemaventurança eterna, ainda que tenham sempre algumas horas vagas para a pratica das bandalheiras.

Essa insistencia no combate dado ás ideias por mim enunciadadas em um discurso academico, determinou-me a lêr o artigo, para dizer alguma cousa ; mesmo porque ha muito tempo que não escrevo, e era esta uma boa occasião de espancar a preguiça.

Entretanto, a leitura foi para mim completamente decepçional. Fallando com franqueza, eu esperava outra cousa. Um defensor das doutrinas tradicionaes que vem denunciar ao publico as ideias *impias* de um professor de ensino superior, devia apresentar-se bem munido de provas, bem armado de argumentos. Ja não fallo de argumentos bebidos na philosophia catholica, e estes mesmos não existem, porque nesse terreno, sendo as nossas intuições essencialmente diversas, seria singularissimo que o reverendo escriptor me quizesse demonstrar a erroneidade das minhas ideias, por força de principios que não admitto. Refiro-me porém áquellas armas que nos são communs, á observação, á logica, á historia, com o manejo das quaes era de esperar que o padre me aggredisse. Mas qual!... O padre é um padre. *Cosi fan tutti*. O padre é um ignorante.

Não ficou ahi a minha decepção. Por conhecer espiritos religiosos, até padres mesmos, em quem a dedicação pela egreja e a benevolencia para com os que pensam livremente, não estabelecem nenhum conflicto psychologico, eu julguei encontrar no meu critico alguma cousa de semelhante; mas enganei-me. Entre as linhas do desfructavel artigo como que vê-se o riso satanico e malevolo do seu auctor.

Conta-se que o celebre David Hume costumava em Londres frequentar um salão, onde um dos *habitués* deixava de apparecer, todas as vezes que o philosopho alli se

achava. Hume, porém, sabendo deste facto que era motivado pela sua chamada impiedade, procurou surprehender o seu inimigo, e entrando de subito no circulo, onde elle estava, quando ergueu-se para sahir, embargou-lhe o passo dizendo: para que fugis tanto de mim cá no mundo, se teremos um dia de viver juntos no inferno, para onde iremos ambos, eu por falta de fé, e vós por falta de amor?...

E' o que noto, sobretudo, no escripto do padre. E' nessa falta de amor, que ha de tambem um dia condemnalo a viver junto commigo no inferno, se é que este realmente existe para os impios como para os intolerantes. O reverendo tem o ar de quem daria um quarto ao diabo, só pelo prazer de ver-me, se fosse possivel, expellido da Faculdade como heresiarcha. *Vade retro...*

Mas quem é emfim esse reverendo? Eu não sei. Nem isto me importa muito. A *Civilisação* é redigida por padres, é o'que basta mencionar para o leitor bem comprehender o alcance moral da critica ao meu discurso. Um desses senhores, ouço dizer, não é de todo obscuro; já tem adquirido alguma celebridade. Pelo menos, é sabido que em um collegio de educandas, no Pará, já teve occasião de mostrar-se consummado especialista na arte da *catechèse*. Vio que duas das meninas eram bem construidas *diante do Senhor*, e deixou-as gravidas... Além desta ligeira particularidade, que aliás não caracteriza o individuo, pois é quasi propria da especie, nada mais me consta que possa pôr em tão vivo relêvo a sinceridade do interesse que S. S. Rymas. parecem tomar pela causa da religião.

Mas vejamos o artigo. O padre começa por uma série de tôlices, que são capazes de causar lastima até á qualquer moderno *doctor angelicus* ou *seraphicus*, inclusive aquelle mesmo de quem eu já disse que... *tient du saint et du bœuf de l'ange de l'école*, e tem a dita de receber sempre do papa... *la bénédiction paternelle, chaque fois qu'il nous fait entendre et admirer son mugissement philosophique*. E' uma tirada insulsa, onde se fala do «diabão do erro e da impiedade, voando dos abraçados antros europeus, estendendo as negras azas com silvos estridentes», etc., etc. E' um pedaço de rhetorica sacra, e da peor especie. Não

ha leitor de uma certa cultura, que não diga logo ao principio: quanta sandice ! Este escriptor é muito estúpido.

O padre é tão mediocre, que não vio que aquellas phrases de... *mares revoltosos e azas negras e silvos estridentes*, não são mais capazes de producir effeito. Até os meninos de collegio riem-se dellas, e têm pejo de empregal-as.

Porém tudo fosse isso. O padre foi adiante. Elle nos falla de «Babylonia, Ninive, o Egypto e a Grecia, fazendo penitencia á voz dos Jonas» !!!...

Isto é horrivel ! Jonas na Grecia ou mesmo qualquer outro propheta, é como se se fallasse de Tamerlão no Brasil. Este padre é realmente um *diabão* de *asneirão*. Bem entendido : *tirando a c'rôa*, como dizem os devotos, quando excommungam os padres, de quem receberam algum mal. E vão ver que ha de estar bem ancho, pensando que me matou. Coitado ! O que ha porém de mais original no artigo do theologo, é o pedaço em que elle diz : «Mas o illustre professor pernambucano é aproveitado (*aproveitado? mui bem*) discipulo de Hegel : puro *germanismo*. » E... ponto final. Nada mais senão a citação de dous trechos do meu discurso, onde deixa á discreção do leitor descobrir o *puro germanismo*. Bôa critica ! Por este modo quem não pôde criticar ?

Puro germanismo!... Calúda, frade ! Não se deve fallar daquillo de que não se tem a minima ideia. E dado que em meus escriptos só houvesse *puro germanismo*, onde estava o grande defeito ? Pois então o *germanismo* é de tal natureza que basta mencionall-o para darl-oa conhecer, assim... á guiza de qualquer velha mercadoria, á guiza de queijo, por exemplo, do qual basta dizer : *pura batata*, para saber-se logo o que é, e arredar os compradores ? Oh ! frade bôbo, arrólha o garrafão !...

O primeiro trecho citado é o principio do discurso. Mal se comprehende como o padre ponde escolhêl-o para provar o meu *germanismo* e a minha impiedade.

O segundo, sim, esse é mais sério ; e eu me orgulho de confessar que nelle ha *puro germanismo*. Mas que tem ? Onde estão os erros desse trecho ? Foi o que o padre não mostrou. Pois saiba, meu caro senhor, que sou victima

da seguinte diabolica illusão: quando eu nada ainda tivesse escripto na minha vida, e nada mais escrevesse, além desse pedaço, que S. Rvma. dignou-se de citar, sem tê-lo entendido, sem poder entendel-o, elle só por si era capaz de salvar-me do inferno, quero dizer, do inferno do esquecimento, a que serão condemnados os theologos da *Civilisação*. Uma condição sómente: era a de haver quem repetisse as minhas palavras, porque ao certo o leitor futuro, o leitor emancipado, procuraria saber quem as escreven.

E tenho summo prazer de havêl-as escripto: « Ha realmente um *Cosmos* do direito; mas este, não menos do que o *Cosmos* physico, é um producto da lei do *fieri*, da lei do desenvolvimento continuo; e assim como no mundo material é presumivel que exista apenas uma pequena parte, em que a materia já chegou ao seu estado de equilibrio, assim tambem no *Cosmos* do direito só ha uma parte diminuta em que as forças se acham equilibradas e não têm mais necessidade de lutar. »

Diante destas linhas, que resumem toda a minha philosophia do direito, que disse o padre? O leitor julgue; eis aqui: « Este *Cosmos* do direito e da moral, a não ser o materialismo *monista*, é palavra ôco, completamente vasio de sentido. » Sim? padre mestre!.... E S. Rvma. sabe ao certo que é materialismo *monista*? Porém demos de barato que tenha alguma ideia a respeito, adquirida do anno passado para cá; diga-me agora: que mal faz que o pedaço citado tenha character *monistico*? Uma cousa ao menos o padre ha de conceder-me: é que o materialismo *monistico*, em sua propria opinião, não é palavra ôco, pois elle diz que aquelle pedaço só será palavra, se não fôr *monismo*. As duas cousas se excluem. Eu digo por tanto que é *monismo*; qual o castigo que me sobreven? Pobre padre!

O reverendo critico attribue-me uma certa desordem de espirito, tão profunda, tão irremediavel, que nunca conseguirei publicar trabalho sério. Mas isto é ainda uma sandice do padre. Quando eu quizer publicar um trabalho, que a sabor do *bigottismo* mereça o nome de serio, é só fazer-me editor do *cathecismo* de

perseverança, do abbade Gaume, e addicionar-lhe um prologo adequado.

Essa *desordem*, de que trata o padre, quando existisse mesmo em tão alta escala, não seria, aos olhos de um philosopho, motivo de censura, mas antes de elogio, ou pelo menos um objecto de estudo. Seria o reflexo da sociedade em que vivo e a prova mais cabal da minha sinceridade.

O meu critico não se contentou com o discurso; ainda teve tempo de abrir o meu livrinho de versos, para mostrar a *imperfeição mental* de que padeço. Em algumas poesias o padre descobre uma... « hybrida mistura do sacro com o profano, do moral com o immoral até ao *decotado repellente*... » Ah! Gumpelino! Com que religiosa carantonha o padre falla do *decotado repellente*! E S. Rvma. não gosta do *decote*? Não creio. O *decote* é de todos os phenomenos celestes o mais edificante. Veja bem aquelles versinhos dos *Vôos e Quedas*, onde se lê :

« Olhando o ceu do sol posto,
« Pallido como um desgosto,
« Limpo como um seio nú..... »

Que delicia, padre mestre! Um *seio nú*, servindo de *terminus comparationis* para a belleza de um ceu!.... E' a minha paixão favorita... o *decote*!....

Nem me é licito dissimular-o. As minhas poesias se resentem do predominio dessa paixão. Não considero um defeito ; mas quando seja, importa declarar que elle me foi infiltrado pela leitura da *Biblia*. O padre reporta-se ás estrophes da poesia *Genio da humanidade*, onde se lê: « ... beijos dados nos labios da prostituta Babel, Pentapolis nua, polpas de alvura, etc., etc... » Sim, senhor. Tudo isso é de provocar um santo *horror* naquelles que sentem crescer-lhes o orgão da religião sobre as ruinas do orgão do amor.

Mas que quer? Foi a leitura dos livros sagrados que me deixou esta massa. O *Cantico dos Canticos*, por exemplo, estragou-me de algum modo o senso do *biôco* e desenvolveu-me o gosto do *decotado*. Ainda hoje sinto-me

não sei como, quando leio versículos como estes: *Quam pulchræ sunt mammæ tuæ, soror mea sponsa! Pulchriora sunt ubera tua vino...* Achará S. Rvma. que aqui não ha *decote*? « Os teus peitos mais bellos do que o vinho! » Oh!... A belleza do vinho consiste no *sabor*; mas o vinho vem da *uva*; e quando se encontra um cacho de uvas doces, que é que se faz? Ah! padre mestre, como a Biblia é *decotada*!

Mais claro ainda: *Favus distillans labia tua, sponsa, mel et lac sub lingua tua...* (Cap. IV, v. 11). Isto de *mel e leite sub lingua tua...* é realmente o cumulo do *decote*, é a sublime do goso, é o *diabo*... Entretanto, está na Biblia; e o padre ousa increpar-me pelo *decotado* das minhas poesias!

O auctor do *Canticum canticorum* pôde ter sido uma especie de A. de Musset judeu, algum moço sensual, que se deliciava na pintura e contemplação do plastico. Desculpa-se-lhe, portanto, o abuso dessas metaphoras aphrodisiacas. Mas os prophetas, aquelles grandes revolucionarios, e entre elles o mais terrivel Ezequiel, grave, serio, cyclopico, monstruoso, como se explica que tambem gostassem do *decote*?

Fallando á Jerusalem, Ezequiel usa, entre outras, destas expressões: *ubera tua intumuerunt et pilus tuus germinavit .. Os teus peitos entumesceram e...* não posso traduzir o resto. A decencia m'o prohibe. Convido a todos os padres para que venham mostrar-me que neste *pilus tuus* o propheta não chegou até ao *decotado repellente*, de que fallou o zelota da egreja maranhense. Convido-os, tendo a convicção de collocar-os assim em uma dupla difficuldade, pois, além de não poderem contestar um facto, elles não sabem traduzir latim. Se nisto entendem que ha exagero de minha parte, eu indico o meio de provar-se que sou exagerado. Algum padre da terra, aqui mesmo do Recife que se julgar offendido saia-me á frente, sob a garantia da sua assignatura. Escreva um artigo em latim, dez linhas bastam, sob qualquer assumpto, e eu escreverei outro atacando a sua igreja: e entraremos em ajuste de contas. Eu mostrarei que o padre ainda precisa de bolos. Avante, rapaziada de sotaina!... E' a melhor

ocasião de provar que os *impíos* são sempre mais ou menos ignorantes, e que a nossa igreja, a despeito de tudo, ainda tem ministros que não desconhecem completamente a lingua sagrada do missal e do breviario.

O padre do Maranhão enganou-se nos seus calculos. Por um acto de cortezia, dignou-se de conceder-me *algum talento*. Eu sinto, porém, não poder ser igualmente cortez para com S. Rvma., pois o considero demasiado mediocre. As toliçadas do seu escripto são filhas menos da falta de estudos do que de falta de cabeça.

O leitor pôde perguntar-me: para que dar tanta importancia a essas tolices? A resposta é simples. Enquanto se tratava sómente do artigo da *Civilisação*, eu contentei-me com desprezal-o. Mas uma vez transcripto, vi por detraz da transcripção, já não sómente o *fideista maranhense*, que me é indifferente, mas toda uma colonia de devotos, tonsurados e não tonsurados, alguns delles até meus amigos, que quizeram vêr se ainda era possível salvar-me da perdição. . . Importava, pois, tiral-os do engano, mesmo para tornar patente a ignorancia dos transcriptores que endossaram as tolices do padre!

Eis a razão deste meu escripto. Occorre, porém, outra consideração. No artigo transcripto occulta-se um facto grave. E' direito que os padres querem arrogar-se de tomar contas sobre o que se ensina nas nossas Faculdades. Isto é gravissimo. Se um jornal catholico, ou de qualquer outra feição se julga autorisado a citar perante o seu tribunal um discurso pronunciado em uma solemnidade academina, mais tarde estenderá esse *direito* até ao pontode apreciar nas suas columnas as prelecções do corpo docente; e isto é perigoso. Ainda ha pouco o professor H. von Treitschke nos *Annaes prussianos* (dezembro de 1882) protestava contra semelhante anomalia. Elle disse com razão que. . . « a disciplina dos estudantes, a liberdade dos professores, o serio do trabalho scientifico correm perigo, se as folhas se arrogam nma função judicial em um terreno onde sómente deve haver mestres e discipulos. »

E eu digo por minha vez: se os padres são competentes para criticar nos seus jornaes as doutrinas

expendidas dentro das Faculdades, nós outros professores criticados dar-nos-hemos igual competencia para analysar as *pastorales* dos bispos, os *sermões* dos pregadores e tudo o mais que se passa dentro das egrejas. Mas então onde iremos parar? Os professores só temos que dar satisfação aos nossos discipulos e aos nossos superiores; nada temos que ver com S. S. Reverendissimas.

Eu não sou impio. Educo minha familia de accôrdo com os principios religiosos correntes na sociedade em que vivo. Minha mulher tem suas *santas imagens*, que eu nunca me senti tentado a quebrar. Creio em *alguma coisa*, que entretanto não tenho a felicidade de poder bem definir. Que querem pois os devotos commigo?

Essencialmente intellectualista, eu comprehendo e louvo até que um theologo da estatura de Kleutgen se arroje a defender a velha theologia; comprehendo que um crente, como o professor Frohschammer, um crente desta egreja, que falla uma lingua morta, que falla a lingua dos tumulos, para bem significar que é uma religião da morte, e a qual, entretanto, eu nunca trocaria por outra, comprehendo, sim, que um Frohschammer (*Das neue Wissen und der neue Glaube*) tenha coragem de dar combate a um Strauss. Nem de todas as obras catholicas reçuma o halito frio das sepulturas, que Treitschke disse uma vez que sentia-se reçumar de um livro do padre Passaglia. Porém... que uma sucia de nescios, só em nome do cathecismo, ouse chamar ao seu forum o ensino das Faculdades, é difficil de roer, é um desaforo.

Não sou, nem quero ser um devoto. Os espiritos *devotos*, no rigoroso sentido da palavra, me são sempre suspeitos. E' minha opinião que o melhor modo de fazer conhecidos os homens maus seria... examinar-lhes os callos dos joelhos, como se dá com os cavallos *calidores*. E' inutil, por consequinte, que esses senhores me queiram levar a *bom caminho*. Perdem seu tempo; e talvez compromettam um pouco a sua causa.

Aqui, porém, importa notar uma cousa. Eu não sou o unico lente da Faculdade do Recife que não subordina a sua intuição ás prescripções do *ripanso*. Porque razão se atiram sobre mim sómente ou sobre mim com maior gana?

Este facto tem um sentido profundo, e entrego a outros o mister de o descobrir.

Ao concluir, seja-me licito mencionar um grande nome. Quando em 1848 raiaram as primeiras esperanças que se haviam ligado ao governo do novo papa e todos em Roma gritavam: *Viva Pio IX!*, só Niccolini, Giambattista Niccolini, ferozmente respondia: « *No, dai sacerdoti libertà non voglio*, não, de padres não quero liberdade. » Eu tenho a ousadia de me apropriar e parafrasear as palavras do cyclope italiano: não! de padres não quero elogios. Continuem a morder-me. E' minha gloria. (2)

(2) O tom desta resposta foi provocado pelas asperezas de linguagem dos padres. (N. de S. R).

XXVI

Os decotes da Biblia

Não me canso de repetir : assim como no meio de preguiçosos a caridade é um mal, assim também, no meio de invejosos, a modestia é uma tólice.

E os padres estão me tornando cada vez mais orgulhoso. Bem entendido : aquelles que me têm atacado. Já é tempo de fazer uma pequena justiça ; nem todos os senhores da familia de Levi metteram-se na lama, em que se acham atolados, até ao pescoço, alguns dos seus irmãos. Os meus diffamadores dividem-se em tres grupos : o primeiro, só composto de *ministros do Senhor* appareceu ao principio, mas pôz-se logo em debandada ; o segundo, onde ainda se encontra o elemento sacerdotal, é entretanto dirigido pelos chamados *jesuitas de casaca*. São os mais insistentes ; são os que estão em comunicação directa com os padres do Maranhão, dos quaes fizeram os seus *testas de ferro*, para subscrever e assignar, lá bem longe, a cinco dias de viagem, tudo que lhes apraz inventar contra mim. O terceiro finalmente, que é um conjuncto de typos differentes, tem o seu centro em um certo *escriptorio*, e consta-me que envolve até... *pessoas da Academia*.

Mas estes tres grupos, separados um do outro nos planos de ataque, estão todos reunidos na infamia commum de... injuriar, calumniar, morder sempre ás occultas, sem ter jamais a coragem de assumir em publico a responsabilidade dos seus ditos.

O sentimento da força empregada para reagir contra a acção do mundo externo é a primeira manifestação da consciencia. Só sente bem o vigor dos seus musculos, quem já sopesou uma clava. Pela primeira vez também levanta-se em mim a consciencia da grandeza, desde que

vejo-me acommettido de *cem cães damnados*, e tenho força bastante para esmagal-os.

O meu philosopho americano disse : « A estima de si mesmo é a primeira fôrma, sob a qual a grandeza apparece. Quando um homem defende sosinho a sua opinião contra toda uma assembléa, todo o mundo se sente attrahido para elle. » E se um homem affronta sosinho os rancores de uma classe inteira, com seus appendices e adherencias, que se sente por este homem ? Para nada sentir-se por elle seria mister que a sociedade fosse toda composta de *calumniadores anonymos*. Mas nesta hypothese ella tambem não podia existir nem se quer um dia.

Passemos agora aos *decotes*. O meu principal adversario do Maranhão, de quem o publico de Pernambuco não sabe formar uma ideia, pois que nunca o vio, nem ouviu jamais fallar em seu nome, depois de muitas toliçadas, adubadas de insultos, que encerram os dons artigos transcriptos no *Diario* de 16 e 18 do corrente, (1) metteu-se a justificar o que eu chamára *decotes* da Biblia, com referencia ao que elle havia descoberto de immoral e *decotado* em minhas poesias.

O artigo do dia 16 ainda pareceu-me dentro dos limites de uma polemica. O segundo porém, no qual o padre cynico faz-se *porta voz* das mentiras e diffamações, com que os covardes de cá (aqui é que cabe o epitheto de *covarde*) procuram satisfazer os seus rancores, está fóra de toda e qualquer medida moral ; não ha resposta para elle ; salvo se eu quizesse empregar os mesmos meios, e indagando da vida do padre, bem como da dos seus amigos do Recife, construir historietas, imaginar telegrammas, etc. Mas não preciso disto, não quero saber disto, que está muito abaixo de mim.

O artigo em que o padre, com *todo o serio*, pretende demonstrar que na Biblia não ha obscenidades, já vem n'um tom mais moderado. Dir-se-hia trabalho de outro que não o Reverendo J. A. da F., encarregado de atirar sobre mim todos os baldões ideados pela satanica maldade dos *miseros de cá*. O artigo é um pedaço de

(1) Setembro de 1883. (N. de S. R.).

sermão velho, escripto com aquella *uncção* de jesuita, que acaba de praticar o mais feio crime, e parece que não foi elle... Ainda ha pouco, a descompostura sem limites, a descompostura diffamante, passada por um padre, e agora esse mesmo padre com ares de quem exerce uma função sagrada, bradando contra as torpezas da sociedade brasileira!.. E' de pasmar!..

E não será uma dessas torpezas o *cynismo*, com que um sacerdote, esquecendo o seu *ministerio*, se é que esse *ministerio* vale alguma cousa, não trepida em querer macular a reputação alheia? Nos bôlsos da batina, além da classica bocêta de tabaco, tambem ha lugar para a mentira e para a calúnia, que são assim postas ao serviço de Deus?

O padre J. A. da F. está pensando que o publico perdeu o bom senso; ao contrario não deixaria de comprehender, quão pouco lhe assenta o papel de *ensor sagrado*. Quem não tem *moral*, não prega *moral*.

Deixemos porém de parte a insulsa tirada sobre a corrupção da sociedade, e vamos ao ponto principal.

O leitor já sabe de que se trata. O padre veio provar que é injusta a minha *critica* feita á Biblia, por causa de certas expressões immoraes. Mas logo em principio importa notar: é mentira que eu tivesse feito *critica*. Se cheguei a chamar o auctor do *Cantico dos Canticos* uma especie de A. de Musset judeu, como podéra increpal-o pela sensualidade oriental do seu poema? Se eu gosto daquellas expressões, como podéra achal-as reprehensiveis na Biblia?

O padre equivocou-se; a critica foi feita a elle. O trabalho que o reverendo quiz tomar de defender a *Escriptura* é *quichotada* ridicula.

Eis aqui o resumo da *grande* questão: o padre disse que os meus versos vão até ao *decotado* repellente, por que têm passagens como esta: *ainda sinto os resabios dos beijos que dei nos labios da prostituta Babel*: eu lhe redargui que passagens ainda mais *nuas*, mais cheias de um *realismo* carnal, se assim posso dizer, encontram-se na Biblia; logo que a Biblia tambem tem *decotes*. Isto é decisivo e como tal irrespondivel.

Que faz então o reverendo? Justamente como quem é, ignorante de tudo que neste seculo tem havido sobre critica biblica, vem dizer aos seus leitores que a minha *censura* já fôra feita por Voltaire, mas tambem fôra refutada por Bergier e mais uns tres ou quatro escriptores velhos... Oh! que padre temivel! Acredita seriamente que eu accuso a Biblia com Voltaire, e elle defende-a com Bergier!!

Meu F., tende senso! Se eu quizesse commetter o desatino de ainda vir dar combate á *Escriptura Sagrada*, para mostrar que ella tem, como toda obra sahida da mão dos homens, defeitos inseparaveis da fraqueza humana; se quizesse praticar a vergonhosa tolice de vir ainda contestar o character theopneustico dos livros santos, não seria ao certo com a critica racionalista de Voltaire; mas com a critica historica dos Baur, dos Strauss, dos Hausrath, dos Ewald, na Allemanha, dos Kuenen e dos Scholten, na Hollanda, dos Michel Nicolas, dos Reuss, e dos Scherer, na França, que eu faria as minhas despesas.

Em que mundo habita o padre J. da F.? Pois pensa que o que de mais importante já se disse sobre a Biblia, foi dito por Voltaire e outros *impios* do seculo passado, mas isto mesmo foi reduzido a nada pelo *grande* Bergier?!... Ora, padre, estude uns dez annos mais. V. Revma. sempre é um espirito, para quem o compendio de philosophia do Dr. Soriano de Sousa é oraculo da verdade philosophica. *C'est tout dire.*

Uma coisa entretanto está agora me incomodando: é vêr que, respondendo ao padre com ideias que elle desconhece, posso talvez produzir em alguns espiritos a impressão do pedantismo. Mas eu não escrevo para o padre. Emerson (traducção allemã das *Letters and social Aims*) disse muito bem: « Jedem Buche liegt eine baständige gehelme Bezugnahme auf die wenigen Vers ändern, die der Schriftsteller unter einer Million voraussetzt, zu Grunde. » O que é verdade de qualquer livro, é verdade tambem de qualquer escripto, onde se trate da defeza de uma ideia. Repito pois que não escrevo para o padre, nem para outros do seu quilate. Traçando estas linhas,

mesmo assim emporcalhadas pelo nome de J. da F. & C., eu tenho os olhos fitos no publico limpo, que me julga, aqui entre nós mesmos, tenho os olhos fitos em amigos, lá fóra, que me podem ler.

Além disto, é ainda uma occasião que se me offerece, para levar uma descompostura, por querer *metter-me* até em *negocios* de Biblia. Só sinto que me veja assim obrigado a ensinar ao padre muita coisa, que elle ignora, mesmo no dominio da sua *profissão*. E' uma *obra de misericordia* ensinar aos ignorantes.

O exegeta-mirim do Maranhão concentra a sua *deseza* na ideia de que as passagens obscenas da *escriptura* pertencem a epochas de pureza moral: « os prophetas fallavam em tempos de costumes simples, então era perfeitamente permittida a liberdade de expressão. As creanças em sua innocencia não coram diante de locuções de sentido equivoco. Pois é o que succedia com o povo hebreu. »

O padre teve a coragem de escrever isto? Mas é o caso de gritar-se bem alto no ouvido do idiota: Se o povo hebreu fosse a *creança innocente*, que suppões, se os seus costumes fossem *simples*, como dizes, que significação tinham então os brados dos prophetas, sempre indignados contra a corrupção do povo? No ponto de vista religioso mesmo, era em virtude da *simplicidade dos seus costumes* que os hebreus passavam constantemente por amargas decepções? Foi a *innocencia* do povo que motivou a divisão em dois reinos, foi a *innocencia* do povo que deu causa ao captiveiro de Babylonia? Ora, padre, não sejas tólo.

O prophetismo hebreu, que vai desde o tempo de Samuel até á reforma operada por Esdras e Nehemias, depois do captiveiro, não teria sentido, seria um phenomeno disparatado, se o povo judeu, naquelle tempo mesmo, fosse um povo de costumes simples. Não se saberia a razão, porque aquelles homens, que plantavam a scisão no meio das tribus, como Ahias, ou punham em sobresalto a côrte de Israel, como Elias, se insurgiam contra a nação prevaricadora, se tal prevaricação não havia, se tudo era pureza e simplicidade. Só admittindo-se que fossem uns *malvados*, como os meus calumniadores, ou então uns *idiotas* como J. da F.

O padre vae aprender ; é só o que eu sinto. Mas.... paciência. Dizer ainda hoje que os judeus acreditavam na verdade de que os prophetas estavam repletos do espirito divino, é não só desconhecer lastimavelmente os achados da critica biblica, que os padres nunca refutaram, como até dar testemunho de nenhuma leitura do *antigo testamento*. A vida do prophetismo foi uma lucta de seculos ; e essa lucta só se dava, justamente por que o povo não acreditava nos prophetas. Estes grandes homens, a quem Michel Nicolas chama os *advogados do mosaismo*, representavam a minoria insignificante dos que guardavam inalterados os principios do *jehovismo* (entende, padre?) e neste character tornavam-se muitas vezes objecto de escarneio da grande maioria, que era quasi o povo inteiro.

Queres saber quem diz isto, padre ? E' um propheta mesmo, é o *cyclopico* Esequiel, cap. 33, v. 30 e seguintes. Ahi se vê como naquelle tempo, quando um propheta apparecia fallando, o visinho dizia ao visinho ; *venite et audiamus quis sit sermo egrediens a Domino*. O povo ia ouvir os discursos, como materia de entretenimento, pouco mais ou menos assim como hoje muita gente monarchista vae escutar na praça publica um republicano ; mas não lhes dava importancia : *et audiunt sermones tuos, et non faciunt eos...* Pelo contrario, faziam do assumpto da allocução prophetica objecto de pilheria ; andavam *cantarolando* o que o propheta dizia ; *quia in canticum oris sui vertunt illos*. A pessoa do propheta mesmo tarnava-se uma especie de *motivo musical*, com que o povo se divertia. . . *Et es ies quasi carmen musicum, quod suavi dulcique sono canitur*. Como se vê o pobre J. da F., ainda desta vez, foi infeliz.

A explicação do padre é gaiatissima. Sem ousar repetir os textos que eu citara, elle se esforça por fazer crêr que nelles não ha indecencia. Mas os textos foram os seguintes : *mel et lac sub lingua tua (C. dos Can) e... ubera tua intumuerunt, et pilus tuus germinavit* (Ezeq.) O autor do *Cantico dos Canticos* não quiz dizer outra cousa se não a que as palavras indicam ; porém vem o padre J. da F. e diz que *mel et lac* não significam

mel e leite, não ; e *sub lingua tua* não é o que a gente de hoje pensa; mas é outra *lingua*... *Ubera tua intumuerunt* não quer dizer os *teus peitos entumeceram* (phrase que excita paixões inconfessaveis); nem *pilus tuus* *germinavit* é um *decote*, pois não é o *pilus* que nós imaginamos, mas outro que podia ser expresso ao *povo criança*, o *innocente* povo judeu!... Oh! asnidade!

Esta interpretação segundo a qual as palavras devem ter sentido diverso do seu sentido ordinario, é a mesma da historia popular da arvore cheia de campainhas em cujos ramos se escondia um garoto, para testemunhar o *rendez-vous* de um padre mestre. E' um dialogo interessante. Apontando para os dous grandes phenomenos que ali se achavam, pergunta o *ministro* do Senhor: O que é isto? Responde a *ministra*: Oh! *chentes*, Sr. padre!... e *vosmincê* não sabe? E' a tal coisa... Não, filha; isto é o papa. O que é isso lá? Oh! *chentes*, Sr. padre! e *vosmincê* também não sabe? E' a tal outra coisa... Não, filha; isto chama-se Roma... E logo depois o travêssio rapaz sacudio a arvore, houve toque de sinos e sinetas, *quia papa introiverat in Romam*.

Eis ahi: perfeitamente semelhante. Só falta que *sub lingua tua* seja traduzido como *Roma*, e *pilus tuus* como *papa*; quanto ao mais, a *exegese* é a mesma. Ora, vá ao diabo que o carregue, pedaço d'asno!...

O leitor me desculpe: este padre só levado a *debique*. Nem eu sei mais mostrar-me attencioso para com quem uma vez calumniou-me. Mas faço sempre um esforço, e continuo a analyse séria dos *decotes*.

Os argumentos do padre, se tal titulo merecem, ou nada provam, ou são *contraproducentes*. A que proposito a menção da Biblia de Calvino? O estar ella cheia de lugares, como diz o padre, que fazem corar, se provasse alguma cousa, seria sómente a sinceridade do reformador, que não quiz dar na traducção senão o que se lia no original.

Não é menos interessante a menção que o desfructavel theologo faz da Synagoga, que não permittia a leitura de certas passagens, quando alguns termos, diz elle, pela mudança dos costumes, começaram a ser interpretados como offensivos ao pudor...

« Começaram a ser *interpretados!* » Com effeito, este padre é o diabo! Para chegar-se ao conhecimento de que a expressão *pilus tuus*, por exemplo, empregada pelo propheta, era offensiva ao pudor, foi preciso um processo de *interpretação*?! Para saber que *ubera tua* quer dizer *teus peitos*, e que foi mesmo dos *peitos* de alguma Lesbia juíã que quiz fallar o Catullo judeu, como Catullo foi o Musset latino, houve mister de um trabalho de *exegese*?!... O padre é um ignorantão.

Mas não fica nisto só. Primeiramente, o padre não sabe o que é Synagoga, e que papel representou ella no desenvolvimento do judaismo; ao contrario, teria visto que entre Ezequiel e Esdras, á cuja época remonta a origem das Synagogas e, por conseguinte, o costume de lêr os livros sagrados nas reuniões de edificação e instrucção religiosa, não decorreu tanto tempo capaz de determinar uma alteração radical no valor dos termos.

Depois, ainda é certo que o *rabbinismo*, procedendo a mudanças do texto biblico, além de provar com isto que o texto encerrava indecencias, não foi todavia tão longe, como pudera suppor-se. Lê-se na *Mischnah* e na *Tos sefha Megillah* (sabe que é, padre? pergunte a um rabbino) os dois seguintes principios, que são característicos: « Aquelle que usar de periphrases nos lugares que tratam de incesto, mande-se que se cale. » « Aquellas passagens, onde ha uma expressão *indecente*, leia-se com outra mais *decente*. » Como se vê, era escrupulo, imposto pelas necessidades do ensino, da leitura publica. Mas este mesmo escrupulo tinha singularidades, que acabavam por destruil-o. Assim, quando se tratava de *nudez*, se esta era expressa em fórma de allocucção, devia ser substituida, quando, porém, a vergonhosa attitude de um corpo *nú* não era expressa na segunda pessoa do verbo, cessava todo o escrupulo. Dest'arte Ezequiel, cap. 16 v. 36 nas palavras: *quia effusum est æs tuum, etc.*, era *indecente*; mas não o era no cap. 23 v. 18 nas palavras: *denudavit quoque fornicationes suas, etc.*; e só por causa da *pessoa do verbo*!

Quem assim me ensina, é Abraham Geiger, o grande rabbino da Synagoga de Breslau. Textual: « Kehren

wir wieder zur Stelle Ezeq. 16, 36, zurück so sehen wir, dass dem Anstoss, welchen die Selbstenblössung darbot, besonders wenn diese in der Form der Anrede, also gewissermassen an die gesammelte Gemeinde gerichtet, ausgesprochen wird, abgeholfen werden sollte. Wo dieses schmachvolle Gebahren nicht in der zweiten Person ausgedrückt wird, nimmt unser Thargum wie Uebersetzer keinen Anstoss daran.» (*Urschrift und Uebersetzungen der Bibel*, 394).

Já vês, padre, que andas fallando de outiva. Não estás no caso de discutir commigo. Vou quebrar a penna, com que tenho escripto o teu nome, da mesma fórma que se mette no fogo, por prevenção, o pedaço de pão com que se esmigalhou a cabeça de uma *salamandra*. Podes continuar a descompor-me, poisque estás ao *soldo* do teu *philosopho-pêga* e outros miseros que querem vingar-se da minha superioridade. Emquanto me não disseres o nome da pessoa, cuja honra foi posta em almoeda no primeiro artigo; emquanto me não provares que Jonas esteve na Grecia, não mais te responderei. E's um padre digno de uma religião que vai acabar; um perfeito *saecrdote da mentira*. (2)

(2) Foram asquerosas as descomposturas que o padre J. A. de F., auxiliado por outros padres e carolas do Recife e Maranhão, escreverem contra Tobias. D'ahi o tom irritado d'este artigo e de varios outros que hão de apparecer no volume das *Polemicas*. Tomei a resolução de deixar n'este livro apenas as iniciaes do nome do padre descomponedor de T. Barreto—na *Civilização do Maranhão*. (N. de S. R.)

XXVII

Ideias sobre os principios da estylistica moderna

Não ha palavra da qual mais uso se faça, entre os belletristas, do que a palavra *estyllo*. Todavia, é para admirar que ainda hoje não tenha um sentido claro e determinado. Aquelles mesmos que empregam-na a cada instante, são incapazes de definir o conceito, que essa palavra lhes representa. As expressões de *estyllo pinturesco*, *estyllo florido*, *estyllo ameno* e outras semelhantes, com que se mimoseam, bem ou mal, os escriptores, posto que velhas e muito velhas, conservam o character metaphorico, e dest'arte indicam, por si sós, que quasi nada existe de positivo sobre tal materia. Todas as noções que os nossos litteratos mostram ter a respeito, não é exaggeração dizer que se resumem no conhecido apophthegma... *le style c'est l'homme*... E quem nos dera que o comprehendessem, tanto quanto costumam repetil-o ! Mas nota-se o contrario. O primeiro desacerto que se commette na interpretação deste principio, é julgar-se que o *estyllo* é uma especie de photographia, por onde cada escriptor deixa ver as feições proprias de sua individualidade. Suppõe-se que o *estyllo* não é, por assim dizer, o *homem n'um homem*, mas este ou aquelle homem, A ou B, Quinet ou Hugo, Castilho ou Herculano (1). Imaginam que só desta maneira póde-se explicar que auctores embuçados no anonymo se façam conhecer por seu *estyllo*, quasi da mesma fôrma que chega-se a descobrir um malfeitor incognito, pelo chapéo de que elle se esqueceu, ou por um lenço que lhe cahio, na rapidez da fuga.

(1) Faço menção destes escriptores, francezes e portuguezes, por serem dos mais conhecidos do publico legente.

Ahi temos pela frente um desses erros, que é difficil destruir, visto como se impozeram á acceitação geral, quaes outras tantas verdades, liquidas e evidentes.

O estylo não é uma applicação dos modos da linguagem, indifferente, porém, ao modo de pensar. Elle repousa essencialmente sobre o movimento das ideias. Foram os francezes que formaram o estylo moderno da prosa; e este é o merito historico da sua litteratura. Antes de Descartes, antes de Pascal, os prosadores *latinisavam*; e, por que as linguas romanicas não podiam sosteer o edificio da antiga periodica, um Cervantes e um Boccaccio, por exemplo, são de uma prolixidade, que desagrada e enfastia. (2)

No curso do progresso humano, entre os diversos povos, e n'um mesmo povo em épocas diversas, vai-se mudando o *tempo* do pensamento, da vida intima em geral. O que era outr'ora largo e vagaroso, torna-se pouco a pouco rapido e precipite. O estylo de uma época não é o estylo de outra, quando ellas diversificam pela fórma de pensar. Se os velhos escriptores nada mais têm de commum com as graças e meneios da estylytica moderna, é que elles não pensavam pelo nosso molde. A distincção entre a antiga e a nova prosa consiste sobre tudo, em que nós outros, filhos do seculo XIX, cogitamos, se assim posso dizer, com mais velocidade, calando muita cousa, que entretanto não fica sem ser pensada. E isto é possivel, por que as noções, como nol-as offerecem as linguas cultas em palavras e fórmãs particulares, são mais *densas*, isto é, de um conteúdo mais vasto.

Já d'aqui se depreheende que as boas qualidades do estylo não são tão facéis de conhecer e apreciar, quanto se cuida. A rhetorica vetusta, com as suas categorias de pura convenção, não presta para isso o minimo criterio. O estylo, que é relativo ás differentes épocas e aos diversos povos, está em relação até com a differença das raças. Assim a nação franceza, que é a mais culta das nações latinas, exprime no seu estylo o maior grau de

(2) *Ein psychologischer Blick in unsere Zeit* — von M. Lazarus — pag. 14.

antithese ethnologica, entre a essencia romanica e a essencia germanica. Em nenhum ponto melhor se manifestam os distinctivos de uma e de outra raça. O estylo dos francezes exclue a individualidade da maneira de expressão, e sujeita o pensamento, em sua marcha, a uma fórmula typica e convencional; d'onde resulta, a par de incontestaveis proventos, a maxima desvantagem de significarem quasi sempre *escriptor* e *pensador* duas ideias contrarias. A tendencia para a *phrase*, para a escolha da palavra, sómente por ella mesma, torna-se inevitavel. Não obstante, digamol-o de passagem, na lucta pela existencia, na qual hoje se empenham *romanismo* e *germanismo*, o que ha, talvez, mais difficil de vencer, de rechaçar totalmente, é o influxo poderoso da estylistica franceza sobre a litteratura das nações modernas, inclusive aquellas mesmas, que se acham agora na vanguarda do progresso universal.

Dos dogmas capitaes em que se apoia o francesismo, o da *invencibilidade*, e o de sua *indispensabilidade* para a cultura do mundo, ha de custar mais tempo aniquilar este ultimo, do que custou a queda do primeiro. Embora seja um tão vão, como era o outro, a disputa se complica de um embaraço ferrenho; a crença de muita gente, que ainda reconhece a missão civilisatríz dos livros parisienses. «A Europa não teria a lamentar uma grande perda, diz alguém, se lhe faltassem a prosa e a rhetorica franceza da actualidade.» E' certo, é certo, eu o subscrevo, porém com a seguinte emenda: a prosa dos *Dumas* e a rhetorica dos *Gambetta*. Mas a quão poucos ouvidos não sôa esta verdade como uma blasphemia!

Se o estylo dos francezes se caracteriza pela ausencia de liberdade da marcha do pensamento, que deve obedecer a uma regra, a um modo de exprimir-se, classico e inviolavel, é o contrario que se faz notar no estylo dos allemães. Aqui domina a tendencia individualista no mais alto grau. Cada *escriptor* se serve da lingua, não como de uma cousa fixa e acabada, mas como de um instrumento que tem de aperfeiçoar-se pelo exercicio mesmo. Não existe aquella especie de *harmonia prestabelecida* entre o conceito e a palavra, entre o juizo e a proposição,

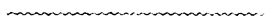
que obriga o escriptor francez a um passo igual e uniforme, em completa observancia do *canon* recebido. O acto de escrever, para o allemão, é sempre, mais ou menos, um acto creador. O que diz Bréal a respeito da creação dos idiomas, isto é, que nous les creons à tout moment, car tous les changements qui les affectent, sont notre œuvre, assenta de preferencia na lingua de Luthero. O idioma francez hodierno é um systema compacto, um resultado de autoridade e concentração litteraria, ao lado da autoridade e da concentração politica.

No seculo XVI, quando a França começara a embevecer-se no unico ideal da *gloria*, e a expandir a consciencia de si mesma, da sua forte unidade, já escrevia Ronsard: Aujord'hui pour ce que notre France n'obeit, qu'a un seul roi, nous sommes contraints, si nous voulons parvenir à quelque honneur, de parler son langage. Esta tendencia centripeta motivou a fundação da Academia Franceza, em 1635, um anno antes da primeira representação do *Cid*; após o qual, em 1637, veio o *Discours de la methode*. Francisco I, Henrique IV, Richelieu, Mazarin, marcam a serie dos dominadores que se esforçaram por fazer da capital da França a capital do *bom tom*. A idade aurea de Luiz XIV foi sómente o coroamento da obra. Pelo que toca á litteratura mesma, elle encontrou já tudo predisposto para o incremento ulterior.

E' bem difficil hoje comprehender a especie de grandeza de um espirito, que reunia á mascula ambição de dominar a Europa o feminino proposito de ser o homem mais bonito da sua epoca, e o melhor dansador de minuête. Mas é certo que, sob o seu influxo, a Europa rendeu preito á omnipotencia da lingua e dos costumes francezes; como é não menos exacto que as glorias desse passado ainda chegam para cobrir o *deficit* da actualidade.

Na accusação intentada, em nome de principios novos, contra aquelle despotismo absorvente, que estendeu-se até ao dominio da linguagem, ha lugar para mais de uma attenuante. Sem duvida, por meio de Boileau e do dictionario da Academia, muitas vezes foi paralyzado o livre desenvolvimento de naturezas fortes e originaes. Era uma dura tutela, em opposição á propria essencia da

lingua, pois esta, como qualquer outro facto espiritual, deve desenvolver-se livremente, sem pressão nem embaraços externos. Não obstante, importa reconhecer o que houve de proveitoso em semelhante subordinação a um regulamento dado; provento que seria ainda maior, se a cousa não tendesse a degenerar, como de facto, em estudadas attitudes de salão e etiquetas de côrte. (3)



(3) Este artigo e uns tres ou quatro mais que lhe vão seguir são apenas introduções a trabalhos interrompidos. São todos elles de 1874. (N. de S. R.)

XXVIII

Sobre a philosophia do inconsciente (1)

Não posso presuppor que meus leitores tenham conhecimento de Eduardo von Hartmann. Se outras figuras mais accessíveis aos nossos meios de observação, se estrellas menos longinquoas vão sendo continuamente desapercebidas, como imaginar que o auctor da *Philosophia do inconsciente* esteja ao alcance, já não digo do publico em geral, porém dos proprios litteratos da terra? Mencionar que Hartmann é um celebre philosopho allemão dos nossos dias, ainda moço e esperançoso, seria dizer nada; e não obstante, já era um grande serviço prestado a muitos professores de philosophia, que todos desconhecem-no, e poderiam tomal-o, salvo maior dislate, por algum philosopho inglez do seculo passado.

Posto que pareça, não exagero, não altero, nem n'uma virgula, a objectividade dos factos. Na verdade que é a philosophia entre nós? Simplesmente o nome de um preparatorio, que a lei diz ser preciso para se fazer o curso de certos estudos superiores. Fôra disto, ninguem ha que se interesse, que tome ao sério qualquer esforço de applicação e cultura philosophica. O ensino dessa disciplina, publico ou particular, é uma cousa misera, e frivola em sua miseria. Um exemplo basta para confirmal-o; mas este é decisivo: por que titulo se distingue o lente de philosophia do collegio de Pedro II? (2) Sob que fórma já se manifestou a sua sciencia? Quem sabe como elle pensa? Indubitavelmente estas perguntas e suas respostas põem a descoberto, de modo irremediavel, uma das faces negras do nosso estado de mendicidade espiritual.

(1) *Philosophie des Unbewussten*, por Eduard von Hartmann.

(2) O auctor assim se referia, em 1874, ao professor de philosophia do Collegio Pedro II, hoje *Gymnasio Nacional*. — Em 1880, seis annos depois, tiramos por concurso n'aquelle collegio a cadeira dessa disciplina e nos esforçamos sempre por lhe imprimir um cunho novo e sério. (N. de S. R.)

Mas vamos ao assumpto, do qual me desviei por amor de um rapido lance de olhos sobre defeitos patrios. Minha cantiga velha, que nunca esqueço, que sempre me apraz entoar. Dir-se-hia que todos os meus escriptos têm uma introdução obrigada: fazer sensível, deixar pintado nas quatro paredes do nosso isolamento, com cores cada vez mais vivas, o papel triste que representamos, pe'o lado litterario, em presença do mundo civilisado. O Brasil padece de uma especie de prisão de cerebro: tem peçonha no miolo. E' preciso sujeitar-se á dolorosa operação da critica de si mesmo, do despego, do desdem, e até do asco de si mesmo, afim de conseguir uma cura radical.

A philosophia de Eduardo von Hartmann é uma evolução do schopenhauerismo. Eu sei que, me exprimindo assim, corro o risco de não ser comprehendido. Quem ignora a existencia do fructo, por que meios saberia da existencia da arvore que o produz? Mas não ha remedio: é preciso ir adiante, sem embargo destas pequenas difficuldades.

Foi lendo uma vez a *Introdução á Philosophia de Hegel*, do italiano Vera, que eu tive o primeiro encontro com o nome do philosopho Arthur Schopenhauer. Ainda hoje sinto o mau effeito da impressão então recebida. Foi uma impressão comica, provocada pela habilidade, que distingue o fanatico hegeliano em prender sempre uma tira de ridiculo na casaca dos seus adversarios. Reconheço a injustiça com que elle tratou a Schopenhauer; e todavia, não sei que motivo occulto ainda me afugenta de travar mais intimas relações com o famoso *Budha* da Allemanha, como o chama Johannes Scherr. Tal o ressabio que me ficou da primeira bebida.

A theoria desse pensador entra na série do desenvolvimento kantesco. Bem como Fries, bem como Herbart, bem como quasi todos os philosophos allemães posteriores ao grande genio de Königsberg, Schopenhauer não tinha a pretensão de ser um adversario, mas o verdadeiro interprete e continuador da philosophia de Kant. Este phenomeno, assignalado por Kuno Fischer, entre os discipulos do velho critico da razão, é digno de nota, e torna

comprehensível o juízo de Hermann Hettner, fazendo applicação de um dito a respeito de Lessing : voltar a Kant é progredir.

Não é aqui o lugar de expor ao publico, nem mesmo um pequeno quadro da philosophia de Schopenhauer. Para formar-se uma ideia de sua metaphysica, e occorrer desta arte ás exigencias do momento, algumas palavras bastam.

Sob a expressão vontade elle subsumio a natureza inteira. Attracção mecanica, affinidade chimica, impulso organico, a tudo isto, sem distincção, o philosopho intitula *vontade de viver*. Objectam porém que, á semelhança de Hegel, em cujo systema a ideia tem uma significação estranha, fóra do modo de pensar commum, Schopenhauer desnorteou o conceito da vontade, prestando-lhe um sentido anormal e um alcance exagerado. Julgo entretanto futil esta objecção, porque repousa sobre um equivoco, e importa um raciocinio que tem o defeito de provar de mais. Inquestionavelmente : querendo-se cotejar pelo dicionario a comprehensão das palavras, nos diversos systemas philosophicos, não são sómente Hegel e Schopenhauer que se deixam convencer de violencia feita á linguagem usual. Neste seculo, com excepção do pobre espiritualismo francez, todos os grandes philosophos, mais ou menos, se têm afastado do trilha vulgar, em semelhante ponto. Se na doutrina do auctor de *Welt als Wille und Vorstellung* a vontade representa um papel novo e inteiramente opposto á intuição dominante, não ha razão para muito espanto, desde que se mostram algures varios outros termos e conceitos, cujo valor ordinario a philosophia altera, quando de todo não acaba e destróe. A *vontade* de Schopenhauer não é de certo aquella a que estamos habituados, já pelo uso da lingua, já pelo ensino da velha psychologia. Mas tambem o *Deus*, a *alma*, o *espirito*, de que nos fallam outros philosophos, tidos em conta de mais sensatos, serão os mesmos que se acham no cathecismo, e existem no dicionario? Repito, pois, que a objecção pretendida é uma futilidade.

Affirmei que von Hartmann provinha de Schopenhauer. Sem o deste realmente mal se concebe o systema

daquelle. Todavia, seria erroneo suppôr que entre von Hartmann e o seu antecedente historico sómente dá-se a proporção commum entre discipulo e mestre. E' uma descendencia philosophica, onde se pôde notar alguma cousa de analogo á descendencia darwinica do cysne, por exemplo, que saiu do ganso. O schopenhauerismo é uma metaphysica da vontade, a quem exclusivamente o philosopho confere o primado universal. Como porém na natureza a vontade opéra de uma maneira cega, isto é, sem consciencia, e a ideia não apparece para conhecer a sua imbecilidade, senão muito depois, imaginou von Hartmann fazer do *inconsciente* o objecto de uma philosophia. E com effeito ergueu sobre este plano um verdadeiro monumento do genero.

Entretanto, o que nos deve mais interessar não é o lado puramente especulativo do systema, porém aquelle que se approxima da vida e do destino humano, o seu lado pratico, se assim podemos dizer; n'uma palavra é o pessimismo do philosopho, em relação ao que elle mesmo chama a *irrationalidade da vontade e a miseria da existencia*.

Ao envez de alguns criticos de Hartmann, para os quaes a sua intuição pesimistica é o que ha de mais extranho e inteiramente rejeitavel na grande obra citada, eu penso que essa parte é justamente a que encerra maior porção de verdades, crueis e amargas, sem duvida, porém sempre verdades. Bem fundada me parece, neste sentido a opinião de Haeckel, que por sua vez adopta a de um certo critico anonymo da *Philosophia do inconsciente*: como todo, como systema metaphysico, o trabalho de Hartmann não se sustenta em frente de uma analyse rigorosa. Ha completa desharmonia de vistas e desproporção entre as partes; o que aliás não obsta que a obra esteja saturada de germens de pensamentos naturalisticamente preciosos e ricos de consequencias. Para mim, porém, o que ha de incontestavel a tal respeito, é que o *pessimismo* do celebre militar philosopho (3) não encontra, como tem encontrado

(3) Hartmann é um official que deixou, por motivo de doença, a vida militar, e entregou-se então aos estudos philosophicos.

tão renhida opposição, senão porque elle desfaz as nossas mais caras illusões, inclusive as doçuras do amor e o proprio encanto da sciencia e da virtude. Assim é só por este lado, que considero o lado brilhante do *hartmannismo* que tenho que explanar-me em algumas paginas de estudo e meditação. . . (4).

(4) A promessa não foi cumprida. Nem a vida de Tobias Barreto deixou de ser cheia de penurias e agitações de toda ordem, que lhe deixassem o lazer preciso á conclusão de todos os seus trabalhos, á realisação de todos os seus planos. Releva tambem ponderar que, quando foi este pequeno artigo escripto, ainda Schopenhauer e Hartmann não estavam traduzidos em francez, nem tinham ainda sido citados no Brazil e Portugal. (N. de S. R.)

XXIX

Henrique von Treitschke e o movimento anti-judaico na Allemanha

Creio não fazer acto de critico exagerado, dizendo que a maior parte dos meus leitores não sabe quem seja Henrique von Treitschke. Não me consta que os seus escriptos, que aliás figuram entre os melhores da publicistica allemã hodierna, já tenham sido, como eu disse uma vez a respeito das obras de von Ihering, reduzidos *à clave de sol* para uso dos dilettantes, isto é, traduzidos em francez; e tanto basta para comprehender a justeza da minha asserção. Não é pois fóra de proposito que eu faça aos meus leitores uma ligeira apresentação do illustre pensador.

Henrique von Treitschke é professor da Faculdade de philosophia, na Universidade de Berlim, e redactor dos *Annaes prussianos*. Quer naquelle, quer neste caracter, elle se assignala por um talento não commum, e não commum na Allemanha mesma, onde entretanto o talento corre as ruas e a sciencia é quasi um phenomeno ordinario. Sem entrar na apreciação do que toca á sua actividade professoral, e limitando-me a ponderar sómente os seus productos de publicista, eu não hesito em affirmar que von Treitschke é uma das mais bellas manifestações do espirito germanico, em o estado actual do seu desenvolvimento. Indagação profunda, analyse até á cellula do erro, ou do que elle assim considera, uma sciencia confiada só em si mesma e estreme de qualquer dilettantismo, se bem que, junto a isto, um certo *pathos*, que denuncia o *advogado de uma causa* : não são estas as suas unicas, porém as suas mais visiveis qualidades. Não subscreverei o que já li de um critico do *Litterarisches Centralblatt*, isto é, que um só escripto de Treitschke seria capaz de levar de vencida todos os productos da

Verein für Deutsche Litteratur, ainda mesmo que esta associação não contasse entre os seus collaboradores espiros como H. von Sybel, Adolf Schmidt, Karl Frenzel e muitos outros, e ainda mesmo que estes não contribuíam com o seu melhor; mas também é certo que não conheço, na prosa moderna, um escriptor mais finamente persuasivo, mais insinuante, e quasi podia dizer mais perigoso que o fecundo auctor dos *Historische Aufsätze*. Monarchista e imperialista convicto, sob a bandeira da unidade allemã, Treitschke tem, entre outros, o grande merito de haver affirmado o imperio, quando isto ainda era um sonho, e muito antes que o grande acontecimento viesse dar razão ao sonhador. Assim anteriormente a Sedan, anteriormente mesmo a Koniggrutz, em 1863, no seu notavel discurso proferido em Leipzig por occasião de uma festa popular, já elle traçava o plano geral do edificio, que sete annos depois ergueu-se magestoso; já elle, por assim dizer, e para servir-me de uma expressão accommodada ao assumpto, *messianisava* sobre a futura grandeza da Allemanha. (1) Ninguém mais do que elle possui o sentimento da unidade nacional, nem combate com mais denodo as anachronicas pretensões do *particularismo*. Ninguém, como elle, já demonstrou tão peremptoriamente o que ha de banal e vazio por detrás das bellas apparencias da cultura franceza. Artigos como, *O que nós queremos da França*; *O codigo penal diante do Reichstag*; *Federação e imperio*; e ensaios como, *O socialismo e seus fautores*; *A vida politica da França e o bonapartismo*; *Cavour*; *A realleza constitucional na Allemanha*, serão sempre modelos de genero, admiraveis e inexcediveis. (2) Aquelles escriptos mesmos, de caracter mais litterario que politico, por exemplo: os ensaios sobre Milton, Lessing, Kleist, Uhland, não acham facilmente seus iguaes. E com licença de R. Gottschall, que considera Treitschke um ensaista menos feliz no dominio critico litterario, (3) eu não hesito em preferir, *exempli gratia*,

(1) *Zehn Jahre deutscher Kämpfe*, 1871, pag. 1.

(2) *Zehn Jahre...*, pag. 216, 256, 283, 327, 556, 592, 458, 555, *Historische Aufsätze*, 1871, II, pags. 245 e 400, III pags. 43, 421, 493, 625.

(3) *Die Deutsche National-Litteratur des 19. Jahrhunderts*, vol. II, pag. 381.

as suas bellas paginas sobre *Lord Byron e o radicalismo* ao livro de Karl Elze, consagrado ao celebre genio inglez. Aquellas encerram a meu ver uma caracteristica mais perfeita, e designam ao poeta, com mais acerto, a sua posição na litteratura moderna.

Mas Treitschke tem um defeito, que contrabalança o peso de dez boas qualidades. E' uma especie de *mystica monarchica*, não menos morbida e extravagante do que a *mystica republicana*, e pela qual esse grande espirito chegou a capacitar-se de que o amor ao rei e á realesa é quasi uma condição de sensatez e dignidade humana. Não direi o que disse, ha pouco, um jornal allemão que com todos os seus vastos conhecimentos, o nosso publicista presta na Prussia serviços de laçao ; mas devo confessar que mais de uma vez a leitura dos seus escriptos me tem deixado, a par de muito proveito scientifico, uma triste impressão moral. Com effeito, é triste vêr, pelo seu exemplo, quanto o maior thesouro de sabedoria está na dependencia de uma pequena dóse de coragem cívica, para resistir aos carinhos do successo, ás suggestões do poder. Não são sómente as cousas que os homens *arant, navigant, ædificant*, mas tambem as que elles *cogitant et scribunt*, que todas... *virtuti parent*. Através de 19 seculos de distancia, a miseria de um Doryphoro nos parece hoje de um grão muito inferior ao mais infimo grão da miseria humana. Que juizo porém formarão os posteror, daqui a dous ou tres mil annos, de homens que puzeram o seu espirito, como aquelle punha o seu corpo, á disposição de um dynnasta ou de uma dynastia ? E será simplesmente um sonho de poeta a ideia de um futuro, em que olhar-se-ha para o esqueleto de um rei com o mesmo sentimento com que hoje se olha para a ossada de um *man-mouth*, como pensava Byron ? Tenho minhas duvidas. (4)

4. Isto não é fazer acto de republicano, qualidade esta que não possuo, nem me esforço por possuir em um paiz, onde a republica não é mais que um bonito thema, ainda que um pouco estragado, para versos e discursos. De mais, quando me occupo de taes assumptos e me exprimo de certo modo, que a muitos ouvidos pôde soar como um grito de republicana *folie raisonnante*, é já sob a pressão da ideia fixa do Sr. D. Pedro II. cujo nariz não me agrada. Nada tenho que ver com os reis alheios.

Entretanto, eu repillo, como falsa, completamente falsa, a supposição de que este meu modo de ver envolva por ventura um menosprezo ao venerando escriptor e a seus irmãos em dedicação á *causa victrix* dos deuses e poderosos da terra. Não me agrada o seu *philomnarchismo*, que faz mal á minha *nevrose* ; mas não o tenho, por isso, em outra conta que não seja a de um grande patriota, illudido talvez em mais de um ponto, porém sincero e convicto. Assim comprehendendo que, em nome da patria, que é um bello nome, a que elle aliás sabe dar o valor de um principio supremo, o nosso publicista se faça ouvir em todos os momentos decisivos, e com todo o vigor do seu pensamento, para eleva-la e engrandecel-a. O que porém não comprehendendo é que elle pretenda, como acaba de fazel-o, por força do mesmo principio, condemnar ao odio e á execração da maior parte uma pequena parte da população allemã. Quero fallar da actual questão judia, que tão pouco sympathicos vae tornando no estrangeiro os nomes de seus agitadores na Allemanha. Qualquer que seja a divisa, por que se assignalem taes combatentes, ainda mesmo a santa divisa do *amor da patria*, não justifica o anachronico e disparatado de semelhante luta.

Quando em fins de 1879, escrevendo a revista politica do dia, no fasciculo de novembro dos *Annaes prussianos*, H. von Threitscke traçou algumas linhas de preludio ao movimento anti-judaico, bem raros devem ter sido os leitores, principalmente estrangeiros, que não viram logo naquellas poucas, mas significativas palavras, uma grave offensa ao sentimento moderno da tolerancia das crenças e da harmonia das raças. Mais raros ainda aquelles que, ao lerem alli esboçados os artigos de accusação contra o judaismo, poderam conter um riso de desdem diante da fragilidade das razões allegadas. Desta arte produz uma impressão comica o ouvir dizer que . . . « foi uma desgraça para o partido liberal e uma das causas de sua decadencia, que a sua imprensa abrisse ao judaismo um espaço demasiado largo ; donde resultou necessariamente a actual fraqueza da mesma imprensa... » Isto não tem fundamento. Nós outros, por exemplo, que tambem possuímos essa cousa, chamada *partido liberal*,

em igual estado de decadencia e descredito, teremos por ventura razão de queixar-nos igualmente dos judeus, que hajam tomado conta da nossa imprensa, para enfraquecel-a, e corrompido a nossa opinião publica ? Mais o seguinte : « Nenhuma cidade commercial allemã, que não conte muitas firmas judias, honradas e respeitaveis ; mas incontestavelmente o semitismo tem tido uma grande parte na mentira, no embuste, na impudente ambição do fundar e adquerir desordenado, uma grave cumplicidade naquelle frivolo materialismo dos nossos dias, que considera todo e qualquer trabalho só como um negocio... » (5) Ainda bem que não tem toda, porém sómente uma parte da responsabilidade ; o que aliás não se harmonisa com a perseguição exclusiva do elemento semitico. Mas mesmo assim, isto não passa de uma querella, que já não tem significação, e que só pôde echoar no espirito daquelles que ainda hoje, para bem caracterisar o grão supremo do interesse sordido, não achem melhor *notação* que o epitheto de *judeu*. Como se a fraude, a patranha, a traficançia não fossem tambem qualidades baptisadas, visivelmente christãs e, sobre tudo, catholicas ! (6)

(5) *Preussische Jahrbucher*. 1879. II. pag. 571.

(6) Este artigo é de 1880. (N. de S. R.)

XXX

Rodolpho Gneist como publicista

Henrique Rodolpho Frederico Gneist, membro do *Reichstag* allemão e professor da Faculdade juridica, na Universidade de Berlim, é contado entre os melhores publicistas da época actual. No seu paiz, onde aliás se agrupam grandezas de todo genero, e muitas vezes n'uma só collina aninha-se um bando de aguias, passa elle, sem contestação, pelo mais vasto conhecedor do direito publico inglez.

E não vacillo em affirmar-o: as obras de Gneist, consagradas ao estudo dessa materia, quasi tornam inuteis as dos proprios escriptores da Grã-Bretanha, sobrepujando-as em profundeza de analyse e extensão de vistas.

Para tornar concebivel e evidenciar essa verdade, basta advertir que os publicistas inglezes são todos tendenciosos, prismaticos, reflectores de um partido a que pertencem.

Da mesma fórma que as aguas de uma corrente trazem de ordinario alguma cousa da disposição geologica do seu manancial, a publicistica ingleza tem sempre um certo sabor ferruginoso do terreno politico. Por detrás de cada auctor está o *tory* ou o *whig*.

Comprehende-se que o sabio professor de Berlim poudesse bem evitar um tal defeito, que não é pequeno. Já seria por si só uma excellencia, quando a isto não se reunisse, como se reúne em grão superior, a genialidade scientifica de uma pesquisa propria, fecunda e infatigavel, no meio de uma erudição pasmosa.

Eis que me occorre logo aqui apreciar um juizo de Laveleye sobre os *Staatsrechtler* da Allemanha, em cujo numero avulta Gneist, o qual deve portanto receber o melhor quinhão da censura. O publicista belga, que

reconhece nos allemães uma erudição sempre firme, notalhes, não obstante, *falta de originalidade!* . . . Quero crêr que Laveleye não é um leviano, para fazer assim uma critica, sem muito fundamento.

Entretanto, parece-me estranhavel que não se dignasse de dizer-nos em que consiste a *originalidade* de um escriptor da sciencia politica. E é possível ser realmente original em semelhante assumpto? Tenho dvidas no caso. A Laveleye, que ainda julga poder escrever ensaios *sobre as fôrmas de governo*, sobravam boas razões de mostrar com o seu exemplo que a cousa não é difficil.

Mas serão originaes as suas ideias? No livro mesmo, em que accusa os allemães de não largarem-se ao mar em busca de terra incognita, deixou elle resolvido algum problema? Ensinou-nos alguma novidade? A politica apenas tem um lado que se presta ás descobertas: é o lado metaphysico e poetico, o lado visionario e nocturno de uma sciencia imperfeita. Queria o illustre belga que Gneist, Bluntschli, Mohl, e tantos outros, fossem tambem architectos de systemas *à priori*, que ideiassem republicas a Platão? Por mais familiar que Laveleye se revele com as profundezas do espirito germanico, mal póde disfarçar os seus nove decimos de cultura franceza. Disse tudo.

O auctor que nos occupa, é um politico militante, um liberal convicto; e, a crer-se na informação de Juliano Schmidt, o mais brilhante orador parlamentar da Prussia; posição esta, porém, que elle disputa, no sentir de outros, com Lasker e Virchow. Torna-se então ainda mais notavel que não revela em seus escriptos a minima tendencia de partido. E' um indagador consciencioso, imparcial, e totalmente objectivo.

Foi Gneist quem abriu ao liberalismo prussiano o caminho da critica de si mesmo, que era o que lhe faltava para restringil-o e reforçal-o. A sua grande obra sobre o *Direito publico inglez*, cujo primeiro apparecimento é de 1857, iniciou a irradicação de velhos erros e formou a base de uma nova intuição do Estado.

Eu disse que o nosso auctor prestára um alto serviço ao liberalismo prussiano. Convém accrescentar que o beneficio se estende ao liberalismo em geral. A politica

romantica de phrases sem sentido e aspirações sem alvo achou de facto em Gneist um inimigo terrivel, que lhe deu o golpe de morte. Depois dos sérios trabalhos deste sabio, as ideias corriqueiras do constitucionalismo francez já nos parecem ridiculas ; e sómente pôdem attestar, n'aquelles que ainda hoje têm coragem de invocal-as, completa ignorancia ou impudente malicia. (1)

(1) E' tambem um dos escriptos começados no periodico, *Um Sinal dos Tempos*, publicado em 1874, na pequena cidade pernambucana, a *Escada*. (N. de S. R.)

XXXI

The position of Women in Germany

Eu acabo de ler, sob este titulo, em uma revista ingleza, *Victoria Magazine*, um artigo singular, a cuja apreciação parece-me cabivel consagrar algumas linhas.

E' uma boa occasião, que offereço aos meus leitores para entrarem no conhecimento do que são, em seus juizos criticos. as *Revistas* da Inglaterra. O escriptor do artigo, o qual, a fallar sinceramente, não sei se é masculino ou feminino, e que se assigna *A. Eubule-Evans*, revela-se inimigo da cultura germanica.

Dest'arte, elle tem a coragem de affirmar que a Allemanha, *in spite of its colossal military successes, and the splendour of its triumphs in the realms of science*, é inferior, na escala da civilisação, a qualquer outro paiz da Europa, excepto a Turquia!... É a razão de assim pensar está em que a mulher occupa alli uma posição servil e ignobil.

« Na Inglaterra, diz o inglez, as mulheres são tratadas com affeição e respeito. Em França e America, são reverenciadas, emquanto têm belleza e mocidade. Na Allemanha, ellas são simplesmente utilizadas. O homem é lá o objecto de adoração, e a mulher é a escrava. » Não ha duvida que aqui se nos faz presente de uma grande novidade. Desde Tacito até *Eubule-Evans* era o contrario que se julgava.

Quem podera imaginar que estava reservado a um inglez pôr em ordem as ideias que existiam meio confusas sobre este ponto ? Mas é admiravel que o ousado articulista não tivesse guardado um pouco mais de respeito ao publico e a si proprio. Quem sai a discutir um assumpto serio, de opposição ao pensamento geral, deve munir-se de provas. Limitar-se ao *anecdótico e humorístico*, sem que

o leitor perceba a minima scintilla de justiça na accusação intentada, é indigno de um espirito elevado. E se-lo-ha porventura o escriptor do *Victoria Magazine*? Hesito em pronunciar-me. O que ha de certo é que o artigo, a que nos referimos, não dá bastante testemunho do seu merecimento. Ouçamo-lo dizer: « Os que estudam superficialmente a litteratura allemã são aptos a imaginar que a natureza teutonica harmonisa com a sua viva apreciação da belleza natural uma profunda reverencia á delicadeza e á ternura do caracter feminino. Elles se affiguram que na Allemanha, ainda mais do que na França, dez mil espadas se desembainham para punir um simples volver de olhos que se dirija a uma senhora, com ar ameaçador e insultuoso. Mas ai de nós, este romantismo existe sómente na imaginação.... » Não creio que possa haver, entre os cultores das letras allemãs, quem forme a ideia, que se affigura ao nosso *gentleman*.

E' um pedaço de phantasia o que ali fica descripto; e a penna que o traçou, um pouco leviana. A não ser na Inglaterra que se encontrem esses ingenuos *superficiaes*, de quem falla o escriptor faceto, é dubitavel que existam em outra parte.

Porém isto nada significa em relação ao mais que se lê no mencionado artigo. O auctor tem um proposito, que está-lhe a transparecer dos modos desdenhosos e do sorriso escarninho; um proposito de inglez engravatado á franceza: injuriar a Allemanha. E porque ser-lhe-hia impossivel achar um pretexto sério, uma apparencia de motivo, na esphera da vida publica, da vida nacional, elle vai-se collocar no dominio da familia, para dizer as cousas menos agradaveis, sem muito risco de ser preso por leitores estrangeiros em flagrante delicto de falsidade. Entretanto, quem é que não vê logo o infundado das suas asserções? Basta considerar o que ellas trazem de excessivo e inconveniente.

Repare-se o seguinte:

« Para o espirito teutonico a mulher ainda hoje, como nos antigos tempos, não é mais do que uma cousa, um castello, por exemplo, *Madchen*, *Fraulein*, *Weib*, e, o

mais duro de todos, *Frauenzimmer*, são nomes neutros. Verdade é que *Frau* é feminino ; mas ao principio esta palavra não era applicada á mulher, porém servia para exprimir a noção abstracta de força ou poder.»

Que singularidade ! O inglez se julga auctorizado a inferir de uma circumstancia peculiar da lingua, não sei que ideia desfavoravel ao povo que a falla. Desconfiando. porém, da importancia de sua descoberta, elle accrescenta em nota : « Não é explicação sufficiente dizer que *Madchen* e *Fraulein* são neutros em virtude da desinencia. Nenhuma nação penetrada do sentimento das nobres qualidades da mulher, quererá sacrificar a uma regra de grammatica um grande principio ethico.»

Ora !... esta !... Os allemães accusados de não respeitarem o principio moral da excellencia da mulher. sendo um dos fundamentos o facto *estranho* de serem as palavras que designam a bella creatura, do genero neutro e não do feminino !... Isto faz rir. (1)

(1) E' de 1871. (N. de S. R.)

XXXII

Carolina Michaelis e a nova geração litteraria em Portugal

Ha nos allemães uma virtude, que pôde degenerar, por seus excessos, em vicio pernicioso. Quero fallar do gosto que mostram ter, e do interesse que tomam, pelo estrangeiro no que respeita á evolução das idéias, á marcha cometaria do espirito scientifico. Realmente se é pouco honroso para uma nação levar annos e annos diante do espelho, admirando-se a si mesma e, por assim dizer, *coquettizando* com a sua propria imagem, seria um erro suppor que no extremo opposto, no apreço e glorificação de tudo que é exotico, existe sempre uma nobre qualidade. Não é sem muita razão que um notavel ensaista, Karl Frenzel, entre os factores da preponderancia, longo tempo exercida pela França, em detrimento da Allemanha, aponta e classifica a mania do estrangeirismo.

Unserm Wesen ist das Lob und die Huldigung des Fremden ein gewurzelt. . . Wir sind die Allerweltswanderer und die Allerweltsbe wunderer. (1)

Mas este vicio ou antes esta virtude corrupta, não se manifesta de uma só maneira. A imitação servil, o arremêdo frivolo, é apenas a primeira fôrma e a mais commum do seu apparecimento.

Uma nação culta e elevada, cheia da consciencia da sua grandeza, não pôde commetter o desatino de arremedar as que lhe são muito inferiores. Comtudo, não fica isenta de cahir neste outro, não menor defeito: engrandecer o valor das producções de fóra, tomando por medida um rasgo de tolerancia, que quasi limita com a caridade evangelica.

(1) *Deutsche Kämpfe*, pag. 218; Hannover, 1873.

E' preciso, porém, observar que esse modo de sentir e proceder não exclue uma certa satisfação do orgulho nacional. Os allemães se julgam, com razão, em um estado de cultivo mental, que ainda por muitos annos ha de servir de modelo aos demais paizes.

Nesta persuasão, e como que descrendo da capacidade estrangeira, para seguil-os e emparelhal-os, elles que se mostram, consigo mesmos, de um extremo rigor critico, exercitado nas multiplas creações do seu fecundo espirito não empregam identico padrão, quando tratam de medir e apreciar o merecimento alheio. D'ahi uma maneira absoluta, e outra relativa, de opinar e decidir sobre as cousas litterarias da actualidade. Qualquer escripto, qualquer producto intellectual, pôde ser, ao mesmo tempo, bom e mau, admiravel e mediocre, segundo o ponto de vista, sob o qual se o considera. Pequeno, insignificante para a Allemanha, um auctor pôde, entretanto, passar por grande, tendo-se em vista o atrazo e obscuridade do seu paiz. . .

Declaro que este systema de critica *local e circumstancial* parece-me exquisito e injustificavel.

Vejo nelle uma affectação de liberalidade que não é feita para agradar aos amigos da sciencia. Indubitavelmente se os homens dentre os Vosgos e o Vistula não têm alguma superioridade de direito divino, as pessoas instruidas, ou que se presumem taes no mundo civilisado, desde que seguissem as mesmas sendas, deveriam chegar á mesma altura, e dest'arte, é fóra de proposito, que não se lhes applique, para julgal-as, a maxima bitola das ideias dominantes.

O que veio abrir-me o campo dessas intuições foi, não ha muito tempo, a leitura de uns artigos da escriptora tedesca a Sra. Carolina Michaelis, nos quaes ella incumbiu-se de dar a conhecer á sua terra, que se lhe afigura um pouco desdenhosa de Hespanha e Portugal, as ultimas conquistas litterarias da peninsula. (2)

E' certo que devia, antes de tudo, informar os meus leitores a respeito da illustre personagem, cujo nome acabo

(2) *Magazin für die Litteratur des Auslandes*, 1873, ns. 26, 27 e 28.

de mencionar. Mas acho-me diante de uma difficuldade : é a pobreza de dados para a construcção de qualquer juizo exacto, que possa pôr em relevo a physionomia da nossa auctora. Que ella não pertence á grande hierarchia das Hahn Hahn, Elize Schmidt, Fanny Lewald... prova-o de sobra o facto importantissimo de ser desconhecida a mais de um *Literarhistoriker* da Allemanha.

Que, porém, ella é um phenomeno visivel, no meio das myriadas que estrellam o céu de sua patria, prova-o tambem a circumstancia notavel de encontrarmol-a como editora do *Cid*, de Herder, em collaboração com Julian Schmidt.

Não é que este escriptor pareça-me sufficiente para auctorisar, de modo peremptorio, a existencia da cousa. Mas o alto renome, de que gosa, pôde, até um certo ponto, garantir o merecimento e dignidade da consocia. (3)

Buscando, pois, o medio regular entre qualquer exaggeração da ideia que formar-se possa desta mulher, sem duvida illustrada, eu creio que ella tem um valor proprio, e é capaz de exprimir-se com acerto, no círculo da sua competencia; porém, não sou injusto, negando-lhe, mesmo assim, a alta função de um órgão superior do espirito germanico.

O estudo da litteratura e das linguas da raça latina conta no grande paiz adeptos dedicados. Além de Ferdinand Wolf, a quem nós, os brasileiros, somos devedores de um livro assás lisongeador, mas feito á ligeira e sem fundo scientifico, distinguem-se, na especie, Lorenz Dieffenbach, Adalbert von Keller, Friedrich Bartsch, e muitos outros. Carolina Michaelis me parece, bem que secundariamente, poder ser incluida nesta classe. O escripto que aqui temos presente nol-a mostra, a cima do razoavel, cheia de esperanças elevadas, em face das *novidades* da peninsula pyrenaica.

(3) Bem sei que esse *alto renome* achou em Ferdinand Lassalle um demolidor terrivel e, o que mais é, alguma cousa justo. Não obstante, o fallado historiador da *litteratura allemã*, no meu pensar muito melhor ensaista, ainda ficou de posse de seu largo manto, de todo não lacerado.

E' evidente que a nossa auctora consagra-se alguma cousa a semelhantes pesquisas. Mas tambem não soffre duvida que os seus estudos das lettras portuguezas são, em grande parte, baseados no que relatam cartas particulares e jornaes sem consciencia.

Fallei sómente das lettras portuguezas, porque é a ellas, de preferencia, que se dirige o trabalho da articulista. Já isto, por si só, revela o que ha de caprichoso e preconcebido em suas asserções. De feito, numa curta série de tres artigos, restringir ao menor delles o que pertence á Hespanha, ao passo que os dois outros, mais largos, mais detalhados, exclusivamente tratam de Portugal, é um phenomeno digno de ser tomado em consideração. Motivos de amizade, de relações mais directas, determinaram, talvez, essa estranha anomalia. Não ha quem deixe de admirar-se, ao ver com que ligeireza a senhora Michaelis julga dever economisar o seu papel, ante espiritos, como Castellar, Pi y Margall, Garrido... para demorar-se em apreciar os commettimentos de Adolpho Coelho, Theophilo Braga e Joaquim de Vasconcellos!... *Latet anguis*... E' singular que se manifeste mais afeiçoada aos tres ditos portuguezes, do que áquellas e ainda outras notabilidades hespanholas.

E' mesmo censuravel que ella qualifique o bom Garrido de escriptor diffuso (*Schreibseligen*), quando não tem epitheto identico, na falta de um mais forte, para dal-o, por exemplo, ao pedantesco Braga. Ninguem ha, por alli, que melhor auctorisasse uma tal qualificação, do que esse moço infatigavel no maniaco empenho de produzir, e produzir ás mãos cheias. Dir-se-hia que para elle foram talhadas as conhecidas palavras do sceptico judeu: *Faciendi plures libros nullus est finis* (4) E' bem difficil atinar com as causas que levaram a digna escriptora a engrandecer demasiado as proporções dos seus *afilhados*, escurecendo um pouco a exactidão dos factos.

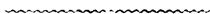
Eu não contesto, sou antes dos primeiros a proclamar, que existem na mocidade portugueza de hoje impulsos nobres, tendencias meritorias, que acabarão por

(4) *Ecclesiastes*. XII. 12.

dar bellos resultados. Mas não descubro onde é que está, segundo a nossa allemã, o heroico esforço dos tres rapazes que se *conjuraram* para effectuar uma regeneração. Louvo-lhes a audacia, sempre necessaria em casos taes, com que fazem frente aos prejuizos endurecidos e tornam-se renegados da orthodoxia litteraria do seu paiz.

Porém noto que a empreza é menos arriscada, do que se suppõe. O abatimento dos templos votados á adoração de pobres idolos caducos, é um trabalho de pouca monta. A influencia da época presta um grande auxilio aos demolidores. Quando se cuida metter o ferro em monumentos vivos, em obras mais ou menos duradouras, tem-se apenas gasto inutilmente o tempo em retalhar cadaveres.

A Sra. Michaëlis confia por demais no plano e alvo dos jovens combatentes, que é, como ella julga, derrubar o edificio das relações politicas e sociaes de Portugal. Quero crer que elles mesmos não arrojam tão alto as suas pretensões. (5).



(5) Tenho plena lembrança de haver lido, em 1874, a prosecução deste artigo. De Pernambuco, por mais esforços que fizessê, veio-me apenas este pedaço. (N. de S. R).

XXXIII

Um lente da Faculdade de S. Paulo julgando um seu collega do Recife

A proposito da traducção das *Institutas*, ha pouco publicada pelo Dr. A. Coelho Rodrigues, lente cathedratico da Faculdade de Direito do Recife, traz a *Revista Brasileira* de 1º de agosto (1879) um pequeno artigo do Dr. A. J. Ribas, lente cathedratico da Faculdade de S. Paulo. Não é preciso dizel-o, comprehende-se de prompto, que melhor juiz não podia encontrar o illustre traductor, do que o seu não menos illustre collega de sciencia e de funcção. Ambos juristas, ambos professores, era natural, que se esperasse de um, sobre o trabalho do outro, uma apreciação em regra ; e eu cedi tambem por um instante a essa illusão pueril.

Ao ver a promettedora epigrapha do artigo, com a indicação da obra, a cujo respeito fôra elle escripto, cheguei a acreditar que ia ler uma cousa séria, um trabalho de mão de mestre, não obstante tratar-se de um velho assumpto, em que já é quasi impossivel apresentar o que quer que seja de novo e original. Mas o escriptor é um lente de direito, um auctor de diversas obras juridicas a quem póde saltar o merecimento, porém não falta a grande nomeada. Esta circumstancia, ou antes este encontro da proclamada illustração do Sr. Dr. Ribas com a esterilidade da materia sobre que se propoz escrever, e isto nas paginas da *Revista Brasileira*, que tem por fim, segundo a propria confissão, publicar as producções scientificas e litterarias de *reconhecido merito e utilidade*, devia despertar-me, como de facto, um certo interesse pela leitura. Porém, sinto declarar-o, a decepção foi completa !...

Ainda não li a traducção do Sr. Dr. Coelho Rodrigues, e como tal não posso pronunciar-me sobre os elogios

que lhe são feitos pelo jurista de S. Paulo. Limitando-me portanto ao que sómente diz respeito a este ultimo, não hesito em dizer sem a minima reserva : o escripto de que me occupo é vergonhosamente pobre e insignificante. O illustre doutor, se não teve o proposito de zombar dos leitores da *Revista*, foi victima de um momento de mau humor, em que lhe adveio a ideia de deixar sahir á luz tal frivolidade.

Não sei porque principio, ou em virtude de que lei, surge-me agora na lembrança o seguinte facto. Ha uns tres ou quatro mezes chegou-me ás mãos, para tambem fallar em nome da caridade, uma dessas *subscriptions*, muito communs entre nós, na qual um pobre pae pedia o auxilio dos bemfazejos, a favor de um filho que estava a concluir os seus estudos. Já era grande, quando tocou a minha vez, o numero dos assignantes, pertencentes a classes diversas e de diversas condições economicas. No meio delles então notei com espanto o nome de um *argyrocrata*, o nome de um rico barão, que pondo-se abaixo de todos os outros, não teve pejo de contribuir apenas com 500 reis! Este contraste singular entre a riqueza e a munificencia, como em geral qualquer contraste entre a ideia e sua imperfeita realisação, é essencialmente comico ; e não ha quem deixe de rir-se diante de semelhante quadro, inclusive o barão mesmo, se elle tem tempo de contemplar-se na sua propria consciencia.

Ora, pois, eu acho alguma cousa de analogo no escripto em questão. O Sr. Dr. Ribas representa no nosso mundo scientifico o mesmo papel que o rico titular no mundo chrematistico. A *Revista* é tambem a seu modo uma contribuição ; e n'ella entrou o honrado lente da Faculdade de São Paulo com os seus... *cinco tostões* de sciencia ! Não se admirem : é a verdade ; dura talvez, mas sempre a verdade. O velho e famoso jurisconsulto não quiz dar-nos do seu melhor. Logo em principio, e tratando de Justiniano, elle diz : « Sabem todos que antes e depois deste imperador romano, se fizeram diversas codificações ; mas a que Justiniano mandou organizar e publicar é a do **maximo** valor para nós, não só *pela importancia de sua materia*, como porque é acceita como direito subsidiario

patrio.» As palavras *grifadas* foram-no por mim, e com o fito de fazer o leitor comprehender sem demora a estolidez do *sabio*. «Se fizeram diversas codificações...» Nem tantas como parece suppôr o Sr. Dr. Ribas, mas dê-se que assim seja. Minha questão é outra: o *codex Gregorianus*, o *Hermogenianus* e o *Theodosianus* encerravam outra materia que não a do direito romano? D'onde vem, por consequente, essa nova *importancia* da que continha o trabalho compilatorio de Tribonianus e seus collaboradores, Dorotheo, Theophilo, Anatolio, Cratino e outros? Isto quanto ás codificações anteriores; quanto ás posteriores, porém, só nos resta perguntar: quaes foram ellas? Por quem foram feitas? Este Sr. Dr. Ribas não pensa bem no que escreve. Entretanto não é isto o que mais importa e maior peso deita na balança da critica. Eis aqui um peccado mais grave. Para o illustre civilista... «o direito é eterno, e eterno o cunho que as intelligencias superiores imprimem no cerebro da humanidade.» E' a velha tolice, apenas por outras palavras da... *lucera quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum*. Mas este modo de ver não impede que mais adiante elle diga: «Longe estamos porém de desconhecer a progressibilidade do direito. Pelo contrario, bem sabemos que elle está sujeito ás leis do tempo e do espaço.» Ser eterno, e conjuntamente sujeito ás leis do tempo e do espaço, é alguma cousa de semelhante a... *viva a republica, e o nosso rei tambem*. Se o conceito do eterno é positivo, o que elle exprime é justamente um *aliquid* superior ao tempo e ao espaço. Se porém é um conceito negativo, como creio, o ser eterno nada mais nem menos importa do que estar fóra do espaço e do tempo, quero dizer, nem *mover-se*, nem *desenvolver-se*, se não é que estes dous phenomenos se reduzem a um só, visto como, em ultima analyse, bem pôde ser que todo *desenvolvimento* seja *movimento*. O Sr. Dr. Ribas não sabe destas cousas; d'ahi a facilidade com que nos falla de um *direito eterno*, e igualmente subordinado ás leis de tudo o que é *perecivel*. Pasmoso contrasenso; e ainda mais, ao considerar-se que sahe da penna de um espirito, geralmente acreditado como profundo jurista. *Cosi fan tutti*, são todos assim os grandes homens da nossa terra.

Sobre Justiniano e sua obra, o Sr. Dr. Ribas parece não ter ideias mais avultadas, do que tem-nas qualquer primeiro annista. Contenta-se em assegurar-nos que. . . da obra que elle pretendeu construir com as espadas de Belisario e de Narsés, nem vestigios restam no sólo africano e italico: mas a que confiou aos esforços de Triboniano e dos seus collegas perdura ha quasi treze seculos e meio, e perdurará emquanto não desapparecer a civilização actual.» Isto é exacto, porém de uma exactidão esteril, que nada esclarece nem aproveita ao leitor. Não se sabe mesmo para que usar, em tal caso, da vaga expressão de *quasi treze seculos e meio*, quando, havendo certeza de terem sido as *Institutas* publicadas no anno 533, podia escrever simplesmente: 1346 annos. Era um pouco menos pomposo; porém, tambem um pouco mais proficuo a quem quizesse firmar a este respeito as suas ideias. Os espiritos não familiarisados com semelhante assumpto (e desses ha muitos, no seio mesmo do bacharelato juristico, inclusive os *mediocriculos* orgãos da justiça do Recife), ver-se-hão obrigados, depois da leitura da *Revista*, a ir satisfazer em outra fonte a sua curiosidade. A physionomia historica do filho de Sabates, realçada, não sei se pela sombra, ou pelo brilho da bella e intelligente filha de Acacio, a aventureira Theodora, podia fornecer ao Sr. Dr. Ribas, se mais alta fosse a sua estatura, algumas palavras dignas de se lêrem. A materia é velha, sem duvida; mas essa velhice não obsta que seja de novo tratada, e por um modo novo. Quem foi Justiniano? Como lhe veio a ideia da codificação do direito então existente? Que parte teve em tal ideia o sentimento christão da epoca? Eram estes e ainda outros pontos, que podiam a proposito ser desenvolvidos. Mas o illustre professor não se lembrou disso. Tanto melhor para mim, que não me vejo obrigado a acompanhá-lo nesse terreno.

Pelo que toca em particular ao Sr. Dr. Coelho Rodrigues, eu já disse que ainda não li o seu trabalho. Não obstante, cumpre-me declarar que, presuppõdo mesmo o alto merecimento da traducção, não acho que este deva ser o campo de suas operações scientificas. Traduzir em

portuguez as *Institutiones*, ou outra qualquer peça do *Corpus juris civilis*, é um serviço que se presta, sim, porém sómente aos vadios, ou aos pobres de espirito, que não poderam ir avante com o seu latim. O nobre lente da Faculdade do Recife tem talento e estudos ; bem pôde dar-nos portanto alguma cousa de original. (1)

(1) E' de 1879 este arlguinho, publicado no *Contra a Hypocrisia*.
(N. de S. R.)

XXXIV

A pequena e a grande poesia

Passa como uma verdade incontestavel que a poesia, a poesia lyrica digna d'este nome, é a expressão das luctas da alma humana com o enygma do seu destino.

A felicidade indefnida, que o homem aspira, é a incognita de um problema sombrio, diante do qual encontram-se perpetuamente embebidos o padre com todas as suas preces, o philosopho com todos os seus calculos, o poeta com todas as suas queixas. A poesia, impregnada dos perfumes da religião e das luzes da philosophia, torna-se um alimento suavissimo, um favo de consolação para os corações solitarios, que não profanam a santidade do padecer com a brutalidade dos prazeres insensatos.

D'este modo, falsêa o entender d'aquelles que dão, que empregam como caracter da poesia a creação de um mundo á parte, phantasmagorico, impossivel. Assim como já não é dado ao philosopho recostar-se nas hypotheses, não é dado ao poeta apegar-se aos vagos sonhos dos espectros fumegantes da imaginação febril.

A poesia de hoje, a poesia do seculo XIX tambem precisa da observação; o poeta deve ser investigador; elle tambem pertence á grande aristocracia pensante, a esse grupo de cabeças cheias de todas as auroras do futuro, que têm os ouvidos attentos a todos os silencios mystérios, e as frentes batidas por todas as vagas do infinito. Mas no homem que pensa, eu quero ver tambem o homem que obra. Longe estou de suppor que para o culto do pensamento, como pretende Eugenio Pelletan, seja mister a instituição de uma classe brahminica, sagrada. Seria o sacerdocio da ociosidade. O genio, qualquer que seja a sua manifestação, deve entrar, deve apparecer como parte activa nos trabalhos, nas luctas, nos progressos da humanidade. Dizer ao poeta, ao philosopho, ao

pensador em geral: nós te sustentamos, o teu trabalho é todo intimo... importa dizer-lhe: divorcia-te da sociedade, renuncia ás doçuras da familia, aos encantos da mulher; nós iremos te consultar na gruta do teu pensamento, piaga da civilização. (1)

Não sou do numero d'aquelles que amam a poesia como um minuto de prazer, um entretenimento de occasião, uma embriaguez de todas as paixões, uma feiticeira nocturna que se occupa de introduzir sonhos de voluptuosidade debaixo do travesseiro da donzella.

É a que mais vemos, a que mais temos, a que mais agrada em nossa terra, linguagem da devassidão, linguagem do lenocínio, poesia sensual, dityrambica, immoralissima, pagã.

Lêde os modernos lyristas amorosos, e vêde: as mulheres apparecem quasi nuas, desgrenhadas, preguiçosas ou nymphomaniacas; a natureza fluctua em mar de volupias, a brisa é *voluptuosa*, a tarde é *voluptuosa*, a flôr é *voluptuosa*, a estrella é *voluptuosa*, tudo é *voluptuoso*. Deus mesmo não escapa, tem os seus momentos de sensualidade! E depois desta orgia intellectual, ahí temol-os cahidos em uns sentimentos *indisiveis*, ou seja o nosso *scismar*, ou a *réverie* dos francezes, ou o *Schmsucht* dos allemans, que todos querem dizer *preguiça*, essa estupidez da acção. Debalde procuraremos em poesias desta ordem o sentimento da vida, o sentimento das cousas: *Lacrymæ rerum*. Nellas a belleza, sobretudo, a belleza feminina é uma exquisitice ridicula. Quando não é um anjo que vem á terra sem um motivo plausivel, é uma mulher microscopica, insignificante, uma descendente bastarda da rainha Mab, mettida n'um froco de escuma ou na dobra de uma nuvem, que ao muito poderá servir para amante de uma criança, mas nunca para ser a doce consolação de um homem, no sagrado aperto das mãos, na santa união dos destinos: *Consors*.

E não finda ahí. Se acontece que seja real o objecto de suas adorações, o poeta, metaphoricamente choroso,

(1) Neste periodo já claramente, em 1865, Tobias Barreto mostrava possuir a intuição do verdadeiro realismo moderno. (N. de S. R.)

em vez de apresentar aos olhos de sua querida as delicias, a grata existencia, a suavidade dos laços da familia, procura desapertar-lhe a charpa dos santos deveres, insinuando-lhe tendencias perigosas na impetuosa insolencia de uma poesia animal, balda de prazer para o publico sensato e sorrateiramente prejudicial á sociedade. Com effeito ao homem sério, que tem o gosto do bello e do bom, nada importam, nada deleitam versos que só tem beijos, que falam de mais beijos do que os milhares e centos de milhares que Catullo pediu á sua Lesbia: *Da mi basia mille, deinde centum*. Vemos, dest'arte a poesia prestar-se aos appetites vergonhosos. Desejos que degradam, palpitações criminosas exprimem-se com toda a audacia da libertinagem. O bom senso indigna-se de ver a mais bella das artes, a mais doce das linguagens, demittida do seu mister honroso e sublime.

Seja qual fôr o vigor do seu talento, e seja qual fôr a grandeza de suas concepções, o poeta é sempre um homem, e como tal sujeito ás leis que regem a natureza humana.

Observa-se, entretanto, que, na época actual, quem faz uma quadra, uma enfiada d'essas bagatellas que por ahi facilmente correm com o nome de poesia, crê-se logo revestido de uma certa immuniidade moral. E é possível chegar um dia em que os chamados *genios* reclamem tambem a immuniidade legal, porque não?

Quando se lhes desculpam as suas tolices, porque são poetas, a sua deshonestidade, porque são poetas, é de esperar que muito breve se lhes desculpe tambem o furto, porque são *genios*, o deffloramento, porque são *genios*, e até o assassinato, porque são *genios*. . . Fallemos franco.

A poesia rotineira dos nossos dias é a deserção dos principios moraes; é Deus tratado com um certo tom de atrevida familiaridade; é a mulher *metricamente* seduzida, convidada para presidir ao grande banquete da vida licenciosa; é a creação representada como uma cortezá immensa, cambaleando bebeda no espaço, de taça em punho, atirando ao infinito a gargalhada do deboche.

O poeta, fazendo o inventario da natureza de que elle se mostra rei e senhor, não esquecendo nunca a brisa

que suspira, a florinha que se inclina, o regato que murmura, a onda que beija a praia, etc., etc., tem o ar de dizer a qualquer bella que se lhe antolhe, como Satanaz a Jesus : Tudo isto é meu, e eu t'o dou, se te curvares aos meus desejos. E' o requinte do desaforo ; não tem outro nome. No livro de um poeta devem-se tomar as dimensões de seu craneo e palpar as dores do seu coração. E' bem pequenina a cabeça que não aguenta uma ideia nova, grandiosa e aproveitavel ; bem acanhado o peito que apenas pôde conter a mesquinhez de triviaes amores. Suffocar, no curso da vida, todas as paixões aviltantes, e deste tormento, dignamente doloroso, fazer brotarem os sentimentos nobres que determinam as nobres acções ; provocar, interpellar a natureza, cobril-a com um olhar indagador, exigindo-lhe os segredos da sabedoria, e ter em resposta o que outr'ora ao santo leproso da Iduméa o abysmo respondia—*non est in me* ; amar, procurar unir-se, purificar-se diante de Deus na chamma celeste de uma alma de mulher, tudo isto é o assumpto da grande, da verdadeira poesia, porque é ao mesmo tempo o assumpto da vida de homem de bem.

E' de notar a maldição continua lançada pelos poetas contra os homens positivos. E quem são os homens positivos ? Serão aquelles que, occupados no seu trabalho, não se demoram um instante para escutar as harmonias phantasticas de algum sonhador allemão, para lêr uma pagina de A. Musset e apreciar poeticamente descriptos os tregeitos e colleamentos de alguma hespanhola voluptuosa, querendo morder como uma féra na estação da berra ; para medir com Goethe os pés do hexametro no dorso nú de cortezã romana, tudo isto em versos, tudo isto em livros que se espalham, que se louvam, que se animam, que se beijam... serão esses ? Oh ! então os homens positivos são os homens honestos.

No seio de nossas mattas, como no fundo de nossas almas, como no fundo de nossa historia, ha muita sombra de que o poeta se possa vestir, muito mysterio de que a poesia deve-se occupar.

Todas as alturas inacessiveis, todas as profundezas insondaveis, como Deus e o coração do homem, estão

sempre ali para receberem e sumirem nos seus abysmos as inquietitudes, os sonhos, as lagrimas do poeta. A humanidade agita-se, a philosophia observa, e a poesia canta.

Nos grandes poetas modernos é sobretudo o sentimento do infinito que transborda em suspiros harmoniosos ou em gritos desesperados. Deixar de sentir com elles tudo que engrandece a nossa natureza, para entreter-se na pintura das paixões triviaes e mesquinhas, é não comprehender os nobres vãos da poesia moderna, gravitar para o nada, e condemnar-se ao mediocre.

Ser poeta é mais alguma cousa do que andar com os seios tumidos, o craneo em braza, fingindo magoas que não se sentem ou prazeres que não se gozam; é mais alguma cousa do que viver a beijar *labios de rosa*, *viver a pegar em peitos de alabastro*,... e chamar-se *lyrico*; fallar em tumulos, em desgraças... e dizer-se *melancholico*; repetir o insipido lugar commum do progresso... e chamar-se *humanitario*. Não é isto. Ser poeta, é sobretudo pensar. O pensamento é a masculinidade do espirito.

Cabe aqui repetir umas bellas palavras de Victor de Laprade. «O que ha de difficil e admiravel não é sómente pintar e escrever bem, é pensar alguma cousa que valha a pena de ser escripta e pintada.»

Ha uma grande e uma pequena poesia; e, ao envez do que parece, não é a grande que suffoca a pequena; é esta que mata aquella, como os sentidos escancarados a todos os prazeres empanam o brilho das ideias, o brilho d'alma, e embotam, quando não arrancam, todos os bons instinctos do coração. E' singular, diz o philosopho Jouffroy, dar-se o nome de poesia a esta superficial inspiração que se occupa em celebrar as alegrias frivolas, em deplorar as dôres ephemerass das paixões.

A sciência e a arte são as duas azas do espirito humano. Prima a philosophia entre as sciencias, como a poesia entre as artes. Ambas avançam para o desconhecido. Mas, ao passo que a sciencia caminha, a poesia vòa: — o seu mister não é, como o da sciencia, esclarecer as sombras do problema universal; mas também não deve ser estranha aos achados d'aquella. ...

A insipidez de muito poeta dos nossos dias vem menos da falta de talento do que da falta de conhecimentos.

Se a poesia vae adiante da sciencia, se o mysterio é o seu dominio, desde que se occupa do que está sabido na ordem dos sentimentos, das ideias, de todos os factos emfim torna-se necessariamente insipida.

Os juizos do poeta não são hypotheses que a experiencia possa verificar.

E' uma loucura, diz Magnin, querer a poesia sábia, como um artigo do codigo civil, e lucida como a demonstração do quadrado da hypotenusa.

O coração do poeta é o clepsydro em que soam sempre adiantadas as horas da vida do mundo. Os poetas e os sabios, é verdade, devem ser ignaes, porque devem ser da estatura do seu seculo. Goethe é do tamanho de Humboldt.

A poesia do seculo XIX deve ir com elle em todos os seus vãos, em todas as suas conquistas, se quer ser grande, e merecer a attenção da posteridade. (2)

(2) Este artigo é de 1865 até ao periodo:—*No seio de nossas mattas*, etc. D'ahi por diante é de 1866. E', portanto, anterior á época germanica na vida intellectual de T. Barreto, e pertence á phase franceza. Os quatro seguintes: *Nahum* (1867), *S. Thomaz* (1868), *Gonçalves de Magalhães* (1869), e *Jules Simon* (ainda 1869) marcam o tempo de transição entre as duas grandes épocas da producção espirital do escriptor sergipano. Temos, pois, neste livro documentada a evolução mental do auctor, desde 1865 até 1869, anno de sua morte. O allemannismo começa em 1870. (N. de S. R).

XXXV

Litteratura biblica : Nahum

E' uma verdade demasiado sabida, e mil vezes repetida, que na litteratura de um povo se reflectem todas as suas ideias, seus costumes, seu character, sua civilização emfim. A nenhum outro porém é este principio com mais propriedade applicavel do que ao povo hebreu. A Biblia é com effeito uma civilização ; é um mundo continuamente agitado pelo espirito e pela ideia da divindade.

A poesia que na Iliada, por exemplo, é grande como o heroismo, na Biblia é immensa como a omnipotencia, ardente como os sopros do deserto.

Quando a poesia não perde o caminho do ceu, quando não se arreda de sua primitiva missão, altamente moral e religiosa, ella se torna uma força, um poder activo e social. Do cimo olympico de sua magnitude, os poetas descem, como os deuses de Homero, a tomar parte nos combates humanos e promover a victoriá pelo lado da justiça.

E' assim que o prophetismo hebreu influíu nos destinos de Israel ; quando por cima das nações ingratas passavam rugindo, de mistura com os turbilhões do deserto, as maldições de Isaías ; quando o verbo ardente do genio batia, como uma labaréda, na face dos reis, e a seculos de distancia os prophetas escutavam os gemidos das cidades, cujos ossos estalavam nos apertos da agonia, na garra dos conquistadores. A Biblia é pois um modelo de tudo quanto é bello e bom ; e se outras razões não determinassem a sua leitura, bastaria o gosto, o simples instincto litterario para levar-nos a folhear essas paginas eternas, a colher e admirar as palavras sublimes, as lavas petrificadas, que brotaram d'aquellas boccas abrazadas, como crateras do ceu.

O que ha de mau é que, tornando-se o livro sagrado de uma classe intolerante, a Biblia tenha diminuido em arrojo e belleza poetica nas mãos do sacerdocio que a traduz e commenta. Os padres são em'geral, salvas as nobres excepções, inimigos da poesia, porque a poesia é a liberdade, a liberdade é a vida, e elles gostam do culto da morte.

A poesia biblica é sobre tudo enorme e estupenda nos prophetas. Qual quer delles, maiores ou menores, tem bellezas inauditas. D'entre todos o que mais nos transporta de admiração e pasmo, é Nahum; essa especie de leão daquelle zodiaco de revolucionarios, denominados prophetas menores. Ousemos encaral-o de face e contar alguns raios de sua poesia terrivel. O assumpto da grande epopeia que o poeta vai levantar, é a grandeza de Deus e a ruina de Ninive. Escutai, não ha preambulo, nem palavras inuteis; são phrases rapidas, como um relampago:

1. *Onus Ninive Liber visionis Nahum Elceoi.*

2. *Deus emulator et ulciscens Dominus; ulciscens Dominus et habens furorem; ulciscens Dominus in hostes suos, et irascens, ipse inimicis suis.*

Nota-se aqui a repetição de uma mesma phrase, como um restrugir tonitruoso.

No final de 3.º versiculo, o poeta commette, a nosso vêr, um rasgo da maior sublimidade, n'estas breves palavras: *Dominus in tempestate, et turbine viæ ejus, et nebulae pulvis pedum ejus.*

Vejamos agora a traducção sacerdotal do padre Pereira. Ei-la: *O Senhor anda entre a tempestade e o torvelinho, e debaixo de seus pés se levantam nuvens de poeira.*

E' preciso não ter o senso do grande e do sublime, para não perceber a queda do traductor.

O facto do Senhor andar entre a tempestade e o torvelinho não se acha litteralmente nas palavras — *Dominus in tempestate, etc.*, além de que fica uma imagem pouco definida. Se nos fosse licito fazer uma traducção, fahiamos assim: *O Senhor habita no meio da tempestade e caminha com o turbilhão...* Aquellas *nuvens de poeira* que se levantam dos pés do Senhor, achamos igualmente ser

uma expressão fraca e somenos do objecto descripto. Nuvens de poeira podem-se levantar até dos pés de uma cavalgada; não ha nisso grandeza alguma. A traducção de Pereira é mais que muito prosaica e mesmo erronea. Eis ainda como traduziríamos: *e a nevoa é a poeira que seus pés levantam.*

E' assim que os senhores *theologos e doutores* mata-ram a poesia.

E é ainda para notar que esta raça de mutiladores do bello não tem empregado os seus instrumentos de destruição sómente nas letras sagradas. A alta latinidade classica foi por elles muitas vezes reduzida a proporções ridiculas.

Os grandes poetas latinos, commentados, sublinhados pela mão *doctoral* dos expurgadores das immoralidades paganicas, tornam-se vulgares, pequeninos, prosaicos como um sermão quaesimal ou uma pagina do *Flos Sanctorum*. Estes homens não toleram a mais leve audacia, o menor vôo de poesia sublime.

Não cabe aqui dar uma busca nos classicos para achar a prova do que dizemos; poderemos, talvez, fazel-o em outra occasião.

Entretanto, daremos um rapido exemplo de Virgilio.

No livro 2.º da Eneida, em que Venus fallando a Enéas, diz que Creusa e Ascanio estavam guardados sob sua protecção, o poeta emprega as seguintes palavras:*et, nì mea cura resistat, Jam flammæ tulerint, inimicus et hauserit ensis.*

Ao nosso paladar esthetico, esta ultima phrase *inimicus hauserit ensis*, não é nada inferior ao *gladius devorabit illos* da poesia biblica. E, todavia, o commentador acanhado julga dever explanar o pensamento do poeta, dizendo: *gladius hostilis interfecisset.*

E não satisfeito com esta mutilação accrescenta em uma nota que o verbo *hauserit* deve ser entendido como se fosse o verbo *vulneraverit*. Isto é arrancar todas as pétalas da poesia, e deixar unicamente o talo da prosa rude e insipida.

O que Virgílio quiz dizer com toda a força da imagem, foi que, a não ser o cuidado de Venus por Ascanio e Creusa, já a espada inimiga *ter-lhes-hia bebido o sangue*.

E' assim que achamos dever-se traduzir a expressão *hauserit*, que, significando uma acção unicamente praticavel por seres animados, unindo-se-lhe o agente *ens is* torna-se uma figura vivissima e altamente poetica.

Ah! commentadores e traductores! (1)



(1) E', como já disse, de 1887 este artigo. Já nelle é transparente a opposição do escriptor ás depredações *fradescas*—na poesia e na litteratura. (N. de S. R.)

XXXVI

A proposito de uma theoria de S. Thomaz

Ousar é a divisa do seculo, disse o auctor da *Nova Babylonia*.

Synthese soberba, que abraça, explica e vai até a legitimar todas as tentativas grandes e arriscadas, todas as vastas projecções de sombra que ahi continuamente se cruzam na atmosphera das ideias. Filho do seculo, acceitamos a sua divisa; filho do seculo, juramos em suas mãos o cumprimento de nosso dever. E a primeira audacia que ostentamos, é a de não crer cega e irreflectidamente na palavra dos oraculos.

A philosophia quer e deve ser livre; a liberdade é para ella mais que um distinctivo; é a sua propria vida, pois que constitue o seu poder.

Se ha presentemente, a esta hora da civilisação, um phenomeno ao mesmo tempo lastimavel e ridiculo, é por certo o esforço que ainda fazem espiritos apoucados para suffocar o philosopho no fundo de seu pensamento e dizerem á razão: Cala-te louca! Seria com effeito bom para elles que a razão guardasse silencio.

A verdade que nua e radiante acóde ao seu appello, ficaria lá eternamente reclinada no seio da nuvem, e o espirito humano rastejaria abraçado com o espectro de uma philosophia gelida, immovel, talhada no marmore da theologia intolerante.

A quadra da auctoridade passou. Entretanto, a idade média que é hoje apenas uma triste recordação, um remorso atroz na consciencia da historia, conta ainda, em materia philosophica, seus ardentes defensores, capazes de levar até ao martyrio o fervor de sua dedicação. São homens que têm as costas viradas para o futuro, e esperam que a estrella da manhã surja do occaso; almas

caducas que admiram como astros os fogos fatuos que se levantam do tumulto da theocracia.

E posto que, na phrase de um escriptor, o martyrio da epoca seja o açoitado do ridiculo, todavia não achamos bom combatel-os assim. A seriedade é cabivel em todas as questões; ella deve caracterisar todos os homens que discutem.

Não vão porém nossas palavras, mal entendidas ou de proposito extraviadas, ferir susceptibilidades religiosas.

O sentimento religioso nos é altamente respeitavel.

Nunca ousaremos dizer á religião que já professamos: despe-te de tuas galas, deixa-nos ver os teus mysterios. Sacrilega audacia propria do homem que dissesse á virgem do seu amor: mostra-me a alvura de teu seio. Nem se julgue que semelhante reserva é inconciliavel com a liberdade que reclamamos.

A religião é para nós alguma coisa mais que o emballar do thuribulo, o cheiro do incenso, a voz do sacerdote: é o raio da consciencia divina atravessando a consciencia humana, é a penetração do ineffavel, é o tormento pelo infinito.

Desde que Deus é um objecto de sentimento, um objecto de amor, elle deixa de ser um objecto de sciencia, pois que nada é mais repugnante ao amor do que a severidade da logica, a frieza do raciocinio. Theologia ou theodicéa, a sciencia de Deus é impossivel.

O positivismo tem razão, quando julga inacessivel, e intratavel a questão da causa primeira. E' crível até que todos os desatinos metaphysicos e theologicos sejam a fatal consequencia de querer conter a divindade no circulo das investigações scientificas.

Os delirios da theurgia e os disparates do atheismo são élos extremos de uma mesma cadêa.

Aquelle que buscando a causa suprema tem a convicção de possui-la, e aquelle que depois de a procurar declara não havel-a descoberto, são sabios da mesma sciencia, são irmãos. Palmas a quem disse: *o atheu é um theologo*; porque disse uma estupenda, porém profunda verdade.

Quando se é bastante forte para applicar a attenção, esse telescopio do espirito, ao foco das altas ideias, não se deve levar a audacia a ponto de aspirar o impossivel.

Quando a metaphysica, livre e soberba como uma hetaira grega, depois de longo meditar, de volta de suas excursões pelos páramos do céu, vem dizer-nos: existe uma causa de tudo, que é Deus, tão pequena descoberta, filha de tão grande arrojo, faz-nos hesitar entre a compaixão e o desdem.

A existencia de Deus é uma crença instinctiva do espirito humano, que póde tomar fórmãs diversas, diversos grãos de aperfeiçoamento, e dest'arte, como factio interno, pertence á psychologia determinál-o e descrevel-o. Mas a sciencia que não se farta de saber que Deus existe, quer ainda saber quem elle é em sua substancia, em suas qualidades, em suas relações com o universo, immerge-se no desconhecido e quando ergue a cabeça é carregada de hypotheses, tendo por unica these indubitavel, que aliás não é descoberta sua, esta affirmacão já sabida: Deus existe. Pobre metaphysica !

Vem por outro lado a theologia, esse trapo de burel monastico, essa larva dos claustros, que arroga-se o direito de sondar e commentar a natureza divina, embrulhando, cobrindo muitas vezes de nuvens o que parecia limpido e sereno. E aqui temos o alvo, o ponto principal no nosso escripto, que foi inspirado pela leitura de uma theoria de S. Thomaz sobre a intelligencia divina.

E' facil comprehender o perigo a que nos arriscamos com semelhante empreza.

As doutrinas do angelico doutor, consagradas pelo tempo, como que não se prestam a uma refutacão. E' esta, ao menos, a opiniao dos seus fanaticos admiradores. Essa mesma theoria, cuja apreciacão tentamos fazer, apparece-nos arrimada ao notavel talento de Balmés que em sua *Philosophia fundamental* cita-a como specimen de metaphysica sublime. Pois bem; é justamente para evitar qualquer interpretacão má, que possamos dar ás palavras do theologo escolastico, é para prevenir duvidas e suspeitas que vimos collocar-nos diante do philosopho hespanhol e sobre suas palavras estabelecer a nossa analyse.

Balmés, agitando a questão da existencia de uma primeira verdade, principio de todas as verdades,

admitte-a na ordem intellectual universal ; não, assim na ordem intellectual humana.

Poderíamos aqui de passagem objectar ao intelligente escriptor que se essa verdade não existe na ordem intellectual humana, como sabemos, quem nos diz que ella existe na ordem intellectual universal ? De que modo podemos admittil-a como realidade, senão admittimol-a como ideia ?

Essa primeira verdade, que existe na ordem dos seres, é, segundo o philosopho hespanhol, Deus ; e se no dominio physico e metaphysico Deus é com effeito uma verdade esteril, d'onde nenhuma outra póde sahir por deducção ou inducção, na ordem moral é um principio fecundo e vivificante para a intelligencia e para o coração ; para a intelligencia, dizemos, porque a ideia do bem, em que assenta a moral, melhor se explica, e melhor se esclarece, diante da ideia de Deus ; para o coração, repetimol-o, porque o amor e respeito á divindade é muitas vezes um poderoso motivo de nobres e grandiosas acções.

Continuando, o philosopho chega a avançar que não ha sómente unidade de origem nas verdades realisadas, ou nos seres considerados em si mesmos, porém que essa unidade se manifesta no encadeamento das ideias que representam os seres.

E' mister observar que nem todas as ideias que são concatenadas pela mão da sciencia representam seres ; as qualidades e relações dos entes são abstracções que não têm objectividade na ordem real ; além de que na concatenação das ideias não ha essa unidade de que falla o philosopho ; pois que não ha uma synthese completa abrangendo todas as cousas que as sciencias investigam.

Se porém a synthese imperfeita, a unidade apparente que se mostra no encadeamento scientifico, não é puramente logica, mas representativa da mesma unidade de origem das cousas ; se assim as evoluções do pensamento são adequadas ás evoluções do ser, máo grado seu, Balmés encontrou-se com Schelling e Hegel, e uma palavra de mais seria bastante para fazel-os abraçarem-se e reconhecerem-se amigos.

Proseguindo notámos ainda que, segundo o pensar do

philosopho, se o nosso entendimento podesse elevar-se ao conhecimento de todas as verdades, veria que, não obstante sua dispersão quasi infinita, em certa altura essas verdades vão convergindo para um centro commun. E' a proposito desta theoria que Balmés cita S. Thomaz, nos seguintes termos : « Segundo o santo doutor, á medida que os puros espiritos se elevam na ordem hierarchica, sua intelligencia engrandecida se exerce sobre um menor numero de ideias; e esta progressão vae terminar em Deus que conhece todas as cousas em uma só ideia; esta ideia é unica, é sua essencia mesma. Dest'arte, ha não só um ser auctor de todos os seres, mas tambem uma ideia unica, infinita, que abrange todas as ideias. . . . » Basta.

Esta doutrina é, á primeira vista, deslumbrante por um não sei que de grandioso e poetico; porém traz o seio tumido de uma profunda aspiração pantheistica.

Com justiça poderíamos attribuil-a a Spinoza, o *impio*, que facilmente reconheceria nella uma avoenga de suas *malditas, excommungadas theorias*.

Além do conhecimento que Deus tem de todas as cousas, elle tambem tem conhecimento, consciencia de si; se depois a ideia do universo e a ideia de Deus não são distinctas na mesma intelligencia divina; se ellas fundem-se em uma só ideia, que é a propria essencia de Deus, resulta que a substancia das cousas identifica-se com a de Deus, pois que nelle a ideia não é uma abstracção, porém uma realidade; resulta que o conhecimento que Deus tem de tudo, sendo assim identico á consciencia que elle tem de si, visto como esse conhecimento é sua propria essencia, Deus e o universo, perante a intelligencia divina, constituem um só ser. . . .

E' o maior arrojo do pantheismo, o pantheismo professado pelo proprio Deus!

Para que semelhante doutrina já tivesse recebido o estigma de impiedade, para que contra ella já tivesse chovido em todos os tempos a mosquetaria da logica *sacerdotal*, e trovejado, entre os modernos, do alto de suas cadeiras, a voz dos Srs. Beautain, Maret e outros; falta-lhe sómente uma circumstancia: é o ser filha legitima de algum éleatico, alexandrino ou hegeliano.

Lêde o judeu Spinosa, esse grande espectro, essa magestosa figura da historia philosophica, genio fumegante de anathemas, que parece responder aos golpes da ignorancia com o riso da candura e boa fé; achareis que, na opinião do philosopho, ha necessariamente em Deus a ideia de sua essencia, bem como de tudo que necessariamente decorre d'ella: essa ideia é uma, como a mesma substancia divina. (Ethica, Livro 3, prop. 3)

Qual a differença notavel entre esta e a theoria do doutor angelico?

Já a escola de Alexandria, pelo órgão de Plotino, partindo do principio de que a philosophia deve procurar elevar-se á altura em que o conhecimento e a cousa conhecida, o sujeito e objecto são reduzidos á identidade, tinha chegado á estranha concepção de unidade absoluta, essencia e principio de tudo, possuindo a visão de si mesma, porém sem reflexão, isto é, sem poder distinguir-se das cousas.

A ideia unica, infinita, de que falla S. Thomaz, identificada com a essencia divina, tambem sem reflexão, pois que a reflexão traria, pelo menos, uma nova ideia, a da differença e distincção entre Deus e o universo, leva o espirito á concepção de um Deus omnisciente, é verdade, mas inconsciente; o que é alguma cousa semelhante á Unidade de Plotino.

E não ficamos ainda aqui.

Aquelle que possuisse essa ideia unica, infinita, veria tudo nella, diz o theologo escolastico, apreciado por Balmés. Ora, essa ideia, synthese absoluta do conhecimento universal, é, como já vimos, a mesma essencia divina; aquelle que a possuisse, possuiria Deus. Mas a intelligencia humana aspira ao conhecimento de tudo; cada verdade pois que vai conhecendo, cada descoberta que faz nos dominios da sciencia, é uma face da grande ideia que ella divisa, é um gole do infinito que ella sorve, é uma porção de Deus que ella devora! Que triste consequencia !

Quando a philosophia hegeliana diz que Deus não é, porém vae-se fazendo, póde soccorrer-se á doutrina do angelico doutor e sustentar que esse Deus que ha de fazer-se, é a ideia infinita igual á propria substancia divina, ideia

única de todas as cousas, que ainda não está demonstrado como impossível a intelligencia humana um dia adquiril-a, e então o homem será Deus !

E' assim que do fundo tenebroso da idade média vem uma doutrina sombria, cujas consequencias quasi que se confundem com as liberrimas e inquietantes doutrinas da moderna Allemanha !

E o que mais admira é que essa theoria vem do *mais sabio dos santos*, e do *mais santo dos sabios*, vem de um membro daquella classe de doutores, a que se davam epithetos chistosos, podendo quasi todos designar-se pelo de *doctores stolidi*.

E o que mais espanta é a coragem com que neste seculo se desce aos subterraneos em que jaz feito cinza o cadaver da escolastica, e se pretende ressucita-la para offerecê-la ao publico.

A idade média não podia ter uma philosophia no seu verdadeiro sentido como desenvolvimento da intelligencia em busca das altas verdades, cujo conhecimento mais lhe interessa.

Quando Leibnitz dizia ter achado ouro na ciscalha-gem da escolastica, Leibnitz enganava-se: eram os reflexos de seu proprio genio projectados sobre aquelle muladar que elle tomava como preciosidades daquelles tempos.

Publicando estas considerações, fazemos votos para que ellas não suscitem animosidades e rancores.

Estudando e combatendo uma doutrina philosophica, aliás de subido alcance, provamos, ao menos, que não gastamos o nosso tempo em banalidades e parvoices que se dizem escriptos litterarios.

Se alguem ha entre nós, que se julgue a encarnação do thomismo, e se sinta por isso ferido no intimo de sua religiosidade, dir-lhe-hemos que é facil o desaggravo, dignando-se de erguer a luva que ali fica lançada na liça do combate. (1)

(1) Este magnifico escripto é de 1868; é um desafio á philosophia catholica, representada em Pernambuco pelo Dr. José Soriano de Sousa e é o primeiro brado de rebeldia dado por Tobias Baretto contra as doutrinas tradicionaes. D'esse primeiro ataque á theodicéa vulgar sabiu a renovação philosophica entre nós. (N. de S. R.)

XXXVII

Factos do Espirito Humano

(POR D. J. G. DE MAGALHÃES).

O Sr. Magalhães, nos primeiros capitulos da sua obra, é uma repercussão, attenuada pelas distancias de estylo e linguagem, das lições de V. Cousin a quem digna-se muitas vezes de citar textualmente. E o que mais nos faz subir da admiração ao pasmo é ver que o illustre auctor, para quem a Europa scientifica devêra ser bem conhecida, mostrou-se no seu livro o mais alheio que é possível ao estado actual da philosophia. Note-se que a obra foi publicada em 1858 ; em uma época justamente de transições e revoluções philosophicas na França e na Allemanha. Tudo, porém, o Sr. Magalhães parece ter ignorado. Se fallou em Kant, não foi porque o conhecesse directamente pelo estudo e meditação de suas obras, mas foi tendo ante os olhos a photographia do philosopho tirada por Cousin.

Os grandes descendentes de Kant, os triumviros da moderna philosophia allemã, Fichte, Schelling e Hegel, não lhe mereceram um centimo de attenção. Jouffroy, o sério e meditativo Jouffroy, o lucido professor que o Sr. Magalhães diz ter ouvido com respeito ; esse Hamlet da philosophia, como por alguem já foi chamado, não lhe valeu tambem uns momentos de apreciação, uma pagina de analyse.

Era, entretanto, pondo em relevo as verdades e os erros desses nobres espiritos que se acham, por suas theorias, á frente dos lidadores do seculo ; era, dizemos nós, mostrando-se ao mesmo tempo familiar e independente para com elles, que o Sr. Magalhães podera-nos deixar melhor ver a sua physionomia de philosopho.

Descartes, Leibnitz, Malebranche, com quem o nosso

auctor gastou o seu tempo estavam por demais já conhecidos. Porque razão o philosopho brasileiro não quiz inscrever-se na defesa ou nos combates dos grandes assumptos da sciencia hodierna, que se discutiam ao tempo da publicação do seu livro ?

O positivismo na Europa se exprimia por órgãos taes como Littré e Stuart Mill. O hegelianismo era atacado por muitos, sustentado e professado por Véra. Na Italia, onde o nosso philosopho estivera como encarregado de negocios, fulguravam os grandes nomes de Gioberti e de Rosmini. No mundo philosophico fazia-se ouvir o embate das mais fortes discussões movidas pelos mais robustos combatentes. E no entanto o Sr. Magalhães nada ouviu ! Não se póde, não se deve desculpar ao illustre philosopho-poeta-diplomata semelhante indiferença ; tanto mais quanto elle, deixando o que melhor importava, occupou-se muito de refutar o refutado, usando de velhos e debilissimos argumentos.

Foi assim que, lendo com attenção os *Factos do espirito humano*, encontrámos, no cap. VIII, a exposição de uma doutrina digna de ser examinada. E' a sustentação da antiga these que tira a sensibilidade da alma espiritual para attribui-la a um principio diverso. Esta doutrina que recebeu o nome de duodynamismo, entra no numero das que têm muitas vezes occupado os psychologos.

Para a solução do grande problema da união e distincção d'alma e do corpo, cada philosopho inventou a sua hypothese, e as cousas chegaram ao ponto de se desdobrarem systemas diversos que deixamos de referir, para não magoar o ouvido do leitor com uma série de nomes acabados em *ismo*, desinencia fastidiosa que, como é sabido, causava suspeitas a Metternich; e elle tinha razão.

Basta-nos pois dizer que o Sr. Magalhães pertence á classe dos que consideram a vida, não como effeito d'alma, nem como effeito do corpo, mas como uma força distincta, á qual elle attribue a sensibilidade.

No capitulo a que nos referimos o auctor começa por determinar a fonte das sensações e estabelecer uma certa ordem hierarchica dos sentidos. Convém cital-o para melhor entendel-o.

«E' incontestavel... que todas as sensações estão *a priori* na faculdade de sentir, como no germen preexiste o typo do seu futuro individuo ou como estava a *Iliada* na mente de Homero, antes de produzi-la ; e só carecem de um estimulo para manifestar-se... etc.»

Dest'arte se mostra que nós temos consciencia da sensibilidade, não só em *acto*, mas tambem em *poder* ; e como a consciencia só dá conta das faculdades espirituaes, a sensibilidade é uma dellas ; e não podemos attribui-la á fôrça vital, se esta não é a mesma alma.

Convém observar que fallamos sob o ponto de vista do espiritualismo, empregando propositalmente os dados do methodo psychologico, para servir-nos das proprias armas do nosso auctor, sem que entretanto queiramos fazer profissão de espiritualista, sectario dessa philosophia franceza, que o hegeliano Véra designou justamente pelo nome de *philosophia popular*.

Mas continuemos a expor a doutrina do philosopho que é summamente curiosa.

Entrando em uma apreciação dos sentidos, elle dá o primeiro lugar ao ouvido, como o mais importante para a intelligencia pura.

Fôra bom que nos dissesse a tempo o que entendia por intelligencia *pura* para não correr o risco ou de não ser comprehendido, o que ser-lhe-ha melhor, ou de parecer disparatado e confuso.

Se a intelligencia pura é aos olhos do auctor a faculdade de conhecer sem mistura de elementos estranhos, como a razão pura de Kant, sua these é insustentavel, pois que essa faculdade, assim considerada, dispõe de elementos *a priori*, que não são dados por nenhum sentido; e deste modo o ouvido não é mais nem menos importante.

Se referio-se á mesma faculdade de conhecer, embora acompanhada de outros dados, nesse grau caracteristico e distinctivo do homem, não sabemos ainda que possa justificar-se. E' verdade que pelo ouvido, como diz, adquirimos a linguagem articulada ; mas não devêra ahí esquecer que ha concorrência de beneficios do ouvido e do órgão da palavra ; além de que elle não serve sómente á

intelligencia pura, pois que é tambem um vehiculo da educação de certos animaes, como os papagaios que imitam palavras, os cães que obedecem a um grito, que comprehendem um silvo.

Se o Sr. Magalhães se limitasse a dizer que o ouvido é o órgão eminentemente social, que nos põe em mais intima relação uns com os outros, nada se lhe poderia oppor. Mas, fundando-se em apparencias, apagar os limites naturaes traçados a todos os sentidos e proclamar um delles o predilecto da intelligencia, é não conhecer o jogo reciproco das faculdades, é escrever sem pensar. Os encantos da musica mesma não se podem dizer do dominio exclusivo do ouvido ; muito menos os da poesia e da eloquencia que, se tiram algum valor da harmonia e cadencia das phrases, quasi todo merito lhes é dado pelo fundo das ideias. A musica essencialmente vaga e indefinida dirige-se ao sentimento que nada representa distincto de si mesmo ; portanto, o órgão que lhe serve não é o mais importante para a intelligencia.

«Mais vezes nos rimos e choramos pelo que ouvimos, do que pelo que vemos.»

O bom senso é bastante para fazer a esta asserção as reservas que a experiencia aconselha. O ouvido por si mesmo, reduzido ao seu officio, é incapaz de tanto. Quando um acontecimento narrado por outrem nos causa o riso ou as lagrimas, este effeito é tanto maior quanto mais viva é a imaginação de quem ouve ; a qual representa e exteriorisa os seus objectos, sempre sob fórmulas visiveis, isto é, sob a alçada do órgão da vista. Descrevei a um cego de nascença todas as bellezas e variados mimos de um sitio pintoresco ; lêde-lhe uma pagina épica ou historica de vivas e brilhantes enargueias ; o vosso ouvinte, com mil ouvidos que tivesse, não poderia sentir a menor emoção, porque tambem não terieis podido fazê-lo imaginar, sob o schema de uma visão, as lindas cousas descriptas. Isto é concludente contra a preeminencia indebita que se quer conferir áquelle sentido.

Pela theoria do Sr. Magalhães, não é preciso assistir ás representações comicas ; o visinho que lá foi, contar-nos-ha todos os lances de espirito, e nós rir-nos-hemos á

farta ; bem como os apreciadores de *sereno* que rodeiam os theatros lyricos em noite de spectaculo, comprehendem melhor todo o alcance do ouvido ; e, limitando-se a escutar, são mais psychologos do que os tolos que pagam para ouvir e ver.

« jamais um quadro, um monumento nos causará tanta emoção e abalo, como uma tragedia ou uma comedia. »

Estas palavras revelam esquecimento completo das condições e limites de todas as artes. Ha assumptos que só o pincel embellece, pela facilidade com que pôde exprimir simultaneamente muitas circumstancias diversas quando a belleza certamente resulta desse mesmo agrupamento ; ao passo que a poesia, tragedia ou comedia, seria inefficaz, por estar sujeita ás successões da linguagem. Um quadro de tal natureza sempre nos causará maior impressão do que uma scena dramatica sobre o mesmo objecto. Os grandes poetas modernos comprehenderam esta verdade quando baniram as longas tiradas de poesia descriptiva que matam de fastio.

Mas a questão não reside toda aqui. Convinha mostrar, por exemplo, como seria verdade que uma tragedia de Shakspeare devesse mais abalar a Milton cego, do que um quadro de Raphael a Beethoven surdo.

Nós temos no proprio Sr. Magalhães uma refutação de sua psychologia.

O illustre brasileiro achou em presença dos Alpes, ao aspecto de Roma, nas cathedraes da Italia, mais commoções e arroubos do que poderia encontrar em todos os theatros da Europa. Ahi estão os seus *Suspiros poeticos*. Não ha um só canto de algum valor que tenha sido inspiado por impressões auditivas.

O notavel hespanhol Jacques Balmés, que em sua *Philosophia fundamental* fez uma analyse detalhada de todas as sensações, deu tambem maior importancia ao ouvido, mas sómente em comparação ao tacto.

Vejamos as suas palavras que se podem lêr no livro 2.º, cap. 11, tomo I, da traducção franceza : *De combien d'objets l'ouïe nous donne connaissance qui sont en dehors des appreciations du toucher ! Le galop du cheval qui*

fond sur nous, le bruit du torrent qui menace de nous engloutir, le tonnerre qui gronde et nous annonce la tourmente, la détonation du salpêtre, la foudre des batailles, le bruit des rues dans les cités populeuses, les cris de la foule, le son du tambour, les glas du torsin qui sont comme les voix de la fureur populaire, les chants de victoire, les accords qui réveillent de mélancoliques souvenirs, jusqu'au soupir, jusqu'au sanglot qui trahit la souffrance, voilà ce que nous dit l'ouïe; le tact est muet sur toutes ces choses.

Não ha quem deixe de admittir esta opinião do philosopho, pondo em relevo as vantagens de um sobre outro sentido, que lhe é de facto inferior.

Mas deste valor relativo ao valor absoluto que lhe dá o Sr. Magalhães, o salto é tão enorme que toma as proporções do disparate.

Lendo-se a argumentação de Balmés e a do auctor dos *Factos do espirito humano* tira-se, além de outros, um grande proveito: é saber marcar a distancia que vai de um philosopho a um dilettante.

Continúa o Sr. Magalhães nos encomios calorosos ao seu órgão querido, por uma série de argumentos que quando não provam menos, provam mais do que pretendem. Porquanto, se o ouvido tem a magna elevação que se lhe attribue, se é o órgão da *intelligencia pura*, se por elle gozamos do que nenhum outro sentido poderia dar-nos, se elle emfim é digno do grande hymno que se lhe tece, desconfiámos que tal somma de meritos não vá desbaratar a these principal do auctor. Dado, pois, que a sensibilidade não seja uma faculdade d'alma, como é que um dos seus modos só se presta ao que é puramente da mesma alma pensante, e não concorre em nada com a força vital, a que pertence, para o vasto trabalho da *organisação do corpo*? E' uma inconsequencia que devêra ser prevenida.

Importa ainda insistir que a predilecção do nosso philosopho é contraria aos ensinos da experiencia. O ouvido, como meio de conhecimento, favorece á instrucção ligeira e superficial; serve porém de embaraço ás altas meditações. A solidão anima o estudo, pelo silencio, e tão sómente pelo silencio, que as solidões escuras não agradam ao pensador. As prelecções oraes dos maiores

mestres nunca puderam fazer os grandes homens ; estes se elevam pelos proprios trabalhos de leitura e cogitação. As doutrinas que se entornam pelo ouvido necessitam sempre de um pouco de fé. *Fides ex auditu*. A theoria do Sr. Magalhães é a face psychologica do tradicionalismo.

Passando á apreciação da vista, commette ainda, a par de algumas verdades sabidas, alguns erros devidos á sua falta de senso psychologico, pela qual engendra muitas vezes inducções improvaveis. Não sabemos porque deixou de enumerar tambem com cuidado os muitos meritos desse órgão que mais do que o ouvido auxilia o estudo das sciencias. Assim convinha para sahir-se bem.

Ei-lo que diz em seguida :

«O olfacto é o sentido da vida, e melhor que todos nos revela a existencia de uma força vital que organisa o corpo, etc. etc. . . . »

E' admiravel ! A força vital do nosso philosopho merece mais que uma simples menção da sciencia ; merece cantos da poesia, já que é uma especie de fada, sylpho ou gnomo que se alimenta de aromas. O achado é immenso.

Rodeiemo-nos de flores, banhemo-nos em perfumes, que teremos quasi segura a immortalidade.

Nós deixamos aos competentes o cuidado de apreciar as regras de clinica traçadas pelo Sr. Magalhães para se curarem as doenças pelo cheiro.

A seu ver, o paladar está para o organismo, como o olfacto está para a força vital. E assim diz que elle fiscalisa, naturalmente sob a inspecção do olfacto, as qualidades de que necessita a vida para renovar continuamente o seu corpo. Esqueceu-se porém de que entre essas substancias, que mantém a vida, occupa um dos primeiros logares a agua que entretanto não tem sabor nem cheiro ; e vem dest'arte perturbar, sobretudo, a sua theoria do olfacto.

Além disto, o paladar não exerce unicamente, exclusivamente, o papel que o nosso philosopho lhe confere ; elle presta alguns serviços á observação scientifica. Temos pejo de lembrar ao illustre pensador que a chimica recorre tambem ao paladar para a apreciação dos acidos e outros compostos.

O Sr. Magalhães ainda erra, quando diz que a sensação principal do tacto é a resistencia que faz suppor a impenetrabilidade. A resistencia é um phenomeno relativo á acção que nós exercemos sobre os corpos, e o primeiro que nos resiste é o nosso proprio corpo, sem que haja modificação tactil. D'ahi a celebre theoria de Maine de Biran sobre o esforço; theoria incompleta, é verdade, mas que o philosopho devêra ter em vista, para não cabir em velhos erros.

A pobreza da linguagem, como é costume dizer-se, nos faz dar um mesmo nome a cousas distinctas. Assim por tacto se entende não só o sentido pelo qual conhecemos algumas das propriedades dos corpos tangiveis, mas tambem aquelle pelo qual conhecemos a presença de certos agentes. Deste sentido que nos dá o conhecimento da temperatura do nosso corpo e do meio ambiente, é erro dizer que a resistencia é a sensação principal; pois que no calor ou no frio não se sente cousa alguma resistir a uma acção nossa. Em uma palavra, sem esforço muscular não ha resistencia; cujos modos constituem a dureza, a tenacidade e o peso dos corpos.

Assim porém considerado, o tacto suppõe o exercicio da faculdade motriz ou motricidade que apesar de já ter sido classificada como faculdade especial por physiologos e até por philosophos anteriores, entre os quaes Adolpho Garnier, o Sr. Magalhães parece reprehendel-os por uma lacuna que não existe, com o ar de um novo astronomo que admirado perguntasse por que não se considera o sol o centro de nosso systema planetario ! . . .

Mas infelizmente a razão allegada pelo auctor prova o contrario do que elle quer; por quanto se hoje é sabido que ha nervos especiaes para o movimento, longo tempo confundido com a sensibilidade, qualquer criança concluiria que por isso mesmo a motricidade não pertence á ordem dos phenomenos sensiveis, não é um sentido. E ainda adiante o philosopho se destroe, dizendo que este sentido.... *liga todos os outros, e os subordina á vontade.* Logo, é uma faculdade sempre activa, não forma um sexto com os cinco sentidos distinctos; não sendo ella mesma, porém sendo por meio della que a vontade subordina-os.

Accresce que a descoberta *physiologica* de *nervos motrizes e nervos sensitivos*, referida pelo philosopho, não está muito de accôrdo com a sua doutrina das sensações que para elle são *modos diversos da sensibilidade, occasionados pelos movimentos dos respectivos nervos*.

E' inutil com effeito aquella differença, visto que todos os nervos se movem. Se pois a sensação é por esses movimentos occasionada no principio ou força vital, onde se dá o phenomeno sensível, para que admittir nervos de sensibilidade, distincção que não deve ter valor na theoria do Sr. Magalhães ? São confusões indignas de um pensador.

Proseguindo encontrámos as seguintes palavras :

« Se a sensibilidade estivesse n'alma intelligente e livre, de cada vez que ella se lembrasse de uma sensação, a sentiria de novo, como de cada vez que se lembra de uma concepção a concebe de novo, etc. »

Eis aqui um daquelles argumentos que se devem perseguir com apupos, como um parasita e como um inimigo, segundo diz Taine. Não vio o nosso auctor a futilidade dessa razão que, a ser justa, levaria a tirar-se tambem d'alma intelligente a propria vontade, pois que de cada vez que nos lembramos de uma volição, não queremos de novo ? O arrependimento, por exemplo, implica a memoria de um acto livremente praticado e a vontade de não mais pratical-o. Admira como cousas tão simples e triviaes escaparam á perspicacia do profundo analysta.

Insistente na sustentação de sua these, chega a se exprimir nestes termos :

« Infelizmente em favor do que digo não posso citar a opinião de nenhum philosopho antigo ou moderno; todos de commum accôrdo attribuem á alma a sensibilidade, etc., etc. . . »

O philosopho aqui revela uma ingenuidade infantil. Julga-se sosinho para resolver uma questão que não foi resolvida, nem ao menos agitada, diz elle, em nenhuma epoca da philosophia.

Entretanto, sem remontar á antiguidade, é noticia vulgar que modernos psychologos attribuiram a sensibilidade a um principio diverso da alma, anteriormente ao Sr. Magalhães.

Para socegar neste ponto as inquietitudes do nosso auctor, basta referir-nos a um philosopho francez, F. Bouillier que no seu livro intitulado—*Du principe vital et de l'âme pensante, cap. 19, pag. 295*, fazendo a historia do duodynamismo contemporaneo, guiado pela traducção de Chanselle, assim se exprime : *Citons aussi parmi les duodynamistes les plus décidés M. de Magalhaens, philosophe portugais (e esta?) qui s'est inspiré, à ce qu'il semble, à la fois de M. Ahrens et de M. Lordat.*

Seguem-se as palavras do Sr. Magalhães sobre a existencia de uma força immaterial que organisa o corpo. Mais adiante accrescenta: *A' cette force comme M. Ahrens, il attribue la sensibilité.*

Note-se que, Bouillier é adverso a esta doutrina ; não foi pois para auctorisar, mas simplesmente para historiar que elle fez a citação.

Como é que o Sr. Magalhães assevera que está sem a protecção dos philosophos ? Ora venham cá dizer-nos se não temos razão de consideral-o, em materia philosophica, um perfeito dilettante.

Todos os argumentos em apoio de sua doutrina são incapazes de gerar a convicção.

A sensibilidade é incontestavelmente uma faculdade d'alma pensante, pois assim o requer a unidade da consciencia e a harmonia total da vida do homem. O nosso escriptor devêra antever e prevenir o transbordamento de absurdos que a sua theoria produz na ordem moral.

D'onde vem a virtude de certos actos que custam dores, se a sensação não é psychica, se estas dores não são da alma?

Sce vola deixa queimar a propria mão ; é um acto de gallardia feroz, de romanas virtudes ; mas onde está ali a magnanimidade, se o principio que se determinou a queimar não é o mesmo que sentio o estrago do fogo ?

A consciencia moral que aprecia os diversos motivos de acção, para julgar com acerto, deve conhecê-los todos em sua natureza, afim de poder assim preferir uns aos outros. Se na consciencia não entra o prazer mesmo, mas apenas a sua noção, como quer o nosso auctor ; em que se funda a distincção moral do prazer e do dever, bem como a distincção psychologica de prazeres e dores ?

Em summa, se o principio que pensa não é o mesmo que sente; já que a promessa de uma felicidade futura para o espirito está na razão dos arduos triumphos e dolorosas victorias que elle adquire sobre si mesmo, pelo vigor da vontade; arduos triumphos e dolorosas victorias, que sómente o são para a sensibilidade; já que esta pertence á força vital, a quem não se promete um destino ulterior, podemos dizer desta mesma força o que Byron disse do seu chorado cão : *Nega-se-lhe no céu uma alma que elle teve na terra.*

E no momento de separar-se do seu ingrato irmão, o espirito intelligente, que vai ser grande á sua custa, o principio da vida pederia dizer com Virgilio: *Hos ego versiculos feci, tulit alter honores. . . .*

O espiritualismo excessivo do Sr. Magalhães e dos que o antecederam n'essa doutrina, compromette-se a si mesmo.

Um dos grandes defeitos da psychologia, ensinada pela *philosophia popular* da França, é que dando muitas vezes como factos de consciencia incontestaveis cousas mais que muito duvidosas, eleva-se a induções forçadas, tira argumentos geraes de excepções ou de experiencias que nada autorizam, poetisa, declama e afinal constitue uma sciencia imaginaria. Tal defeito caracteriza a obra do nosso philosopho.

E' para desejar que elle fazendo novas excursões na historia e na consciencia nos legue theorias mais perfeitas.

Por maior que seja o renome do illustre brasileiro, nós entendemos que se não póde negar o direito de estudar, nas proprias fontes, os motivos d'esse renome. Nem todos têm a coragem do Sr. conego Pinheiro, para quem os *Mysterios* do Sr. Magalhães são preferiveis ás *Contemplações* de Victor Hugo !

Estas cousas que não é raro ver na critica litteraria, são indesculpaveis e deponentes na critica philosophica. (1)

(1) N'este artigo faltam algumas linhas iniciaes. — Sae, porem, assim mesmo, porque, no que ali resta, está a parte principal da critica feita a G. de Magalhães. — E' de 1863, tempo em que, deixando o velho espiritualismo, Tobias entregava-se com ardor ao estudo de Cournot, Taine, Vacherot, Scherer, Mill, Littré e Augusto Comte, proseguindo a marcha das ideias, iniciadas no artigo anterior, e prolongadas no que vai seguir. (N. de S. R.)

XXXVIII

Sobre a Religião Natural de Jules Simon

I

Como ha uma litteratura, tambem ha uma philosophia amena e facil que se presta aos galanteios frivolos, que se decora de flôres e perfumes para pôr-se ao alcance dos espiritos vulgares. A grande sciencia do homem, naturalmente austera e rigorosa, tambem conta a par de suas Iliadas eternas, as suas outras producções ephemerass, que, entretanto, fazem as delicias dos simi-philosophos amadores.

Assim o eclectismo que, aquecido sob as azas aquilinas do seculo, infatuou-se a ponto de prometter celebrar em Pariz um tratado de paz entre todos os systemas belligerantes, não passa de um novo genero litterario que Victor Cousin descobriu para se ganhar popularidade em nome da philosophia; genero vago, amorpho, indeciso, e apenas destinado a occupar a distancia que medeia entre as canções de Beranger e os folhetins de Janin.

Não é porque a essa escola tenha faltado o talento que produz as obras duradouras, mas é porque quasi todos os seus membros, impacientes de qualquer demora, na aquisição de um renome, propozeram-se menos caminhar no encalço da verdade, do que merecer as graças da sympathia publica. Bem como, segundo a phrase de Pelletan, Thiers elevou a *causerie* da tribuna á altura de um poder do estado, podera-se dizer com igual, se não maior razão, que o illustre chefe da escola eclectica e seus mais caros discipulos, transformados em outros tantos mestres, elevaram a *causerie* da cadeira á altura de uma philosophia.

Com effeito, se desse numero exceptuarmos Jouffroy, que limitando-se a costear timidamente a sciencia, viu-se,

não obstante, prestes a ser uma especie de Robinson abandonado no escolho do scepticismo, não conhecemos ecletico espiritualista da familia de Cousin que pareça ter uma ruga na fronte e uma inquietude n'alma pelas duvidas e questões que accommettem o pensamento. São em geral espiritos que sahem illesos dos combates interiores pelejados pela posse da verdade.

Munidos de uma psychologia commoda para dissipar todas as nuvens, dotados de bella linguagem para captivar a opinião, ei-los que vão pregando a philosophia, irmã do senso commum, quasi certos de alcançar um logar na academia ou uma cadeira no parlamento.

Não é pois nos livros luxuosos, no estylo, na linguagem seductora destes illustres aventureiros que se pôde encontrar um alimento puro e substancial.

Por um lado, meros repetidores de velhas e banaes verdades, coloridas pelo talento litterario, por outro lado, incapazes até de commetter esses grandes erros que provocam as grandes reacções, cuja resultante é o progresso historico, os modernos espiritualistas são homens do meio termo.

Elles não constituem, pelo modo de pensar, individualidades distinctas; suas sombras confundidas e projectadas no futuro são menores que elles mesmos; não chegam talvez para se estenderem além dos limites do seculo.

E' um grupo de artistas que conseguem dar um relevo de fina gravura a doutrinas meio gastas pelo attrito dos tempos. Assim é que Victor Cousin, traduzindo e expondo Platão, não estranha o terreno em que pisa; é um grego que assistiu ás lições do poeta, é um aristocrata que sustenta com enthusiasmo os titulos de nobreza do seu mais illustre antepassado.

Quando porém, descendo aos subterraneos da philosophia de Kant, para servir-nos mesmo de sua bella expressão, tenta, de volta, mostrar-nos os resultados de suas pesquizas, o papel é diverso: o poeta parece não aguentar o philosopho, o homem não abarca o gigante; dir-se-hia um folhetinista vulgar commentando e criticando Homero. Importa desde já confessar que ha neste modo de entender um apparente rasgo de audacia que

difficilmente se desculpa. Mas o receio de parecer excêntrico não é bastante forte para impôr-nos silencio. As opiniões sinceras são irmãs das dôres profundas ; se não se zomba do gemido de quem soffre, porque zombar da palavra de quem medita ?

Os oradores eclecticos mostram-se incansaveis na construcção de sua philosophia ; mas é claro que pouco trabalho lhes custa o achado de cousas tão futeis. Psychologos em geral inexactos e levianos, que, sobre todas as questões levantadas na primeira instancia do senso intimo, commettem o circulo vicioso de appellar para o juizo da mesma consciencia, os espiritualistas francezes, com os olhos ainda fitos no geometra Descartes, não adiantam um passo, não resolvem uma só duvida. Tal é a philosophia garrula que adquiriu uma consideração indebita, por seus manejos rhetoricos e suas attitudes tribunicias.

Revestida de todas as graças e lucidos encantos do genio francez, não foi-lhe difficil insinuar-se por toda a parte, visto como ella offerece aos descuidosos uma grande dôse de conhecimentos, tendo a vantagem de poupar-lhes o trabalho de pensar.

Quem resistirá ao attractivo de uma pagina de Cousin ?... Quem não pretendeu ser philosopho, lendo, por distracção, o *Du Vrai, du beau et du bien*, livro scintillante onde a metaphysica, a esthetica e a moral são rapidamente expostas de um modo capaz de apaixonar até ás mulheres pelo estudo da philosophia ?

Tudo aquillo de certo é bello ; mas tudo aquillo infelizmente é leve e superficial ; tudo aquillo não pôde matar a sêde das almas já fatigadas de longas e improficuas viagens. Ao lado desses arroubos poeticos, desses rasgos oratorios que constituem, por assim dizer, o espiritualismo profano, caminhou parallelamente o espiritualismo sagrado de homens pios que teem defendido com bravura, e algumas vezes com vantagem, o sanctuario da religião contra os ataques da loquacidade eclectica. Mas, ou porque suas discussões tenham sido futeis, ou porque não se tenham entendido sobre o fim principal de seus combates, semelhantes a luctadores que brigam nas trevas, vibrando golpes e golpes, mas sem saber que estão de

costas um para o outro, como já disse Edmond Scherer, os espiritualistas em geral não formaram uma doutrina digna de ser meditada e aceita como expressão da verdade.

Não fallando por ora nas indagações psychologicas e moraes, em que observa-se quasi sempre uma divergencia radical entre os proprios discipulos de uma mesma escola, pois que cada philosopho tem uma psychologia de seu uso, sobre a qual estabelece as suas theorias queridas, limitamo-nos a lançar a vista sobre o velho complexo de palavras que elles offerecem como constituindo a grande sciencia, que se occupa de Deus. O empenho com que ainda em nossa época, notavel por sua liberdade e independencia critica, homens que se dizem pensadores, e carregam o sobrolho da seriedade, consomem o proprio talento em frivolas pesquisas theosophicas, é tão anachronico, tão estéril, tão disparatado mesmo que já não podendo ser uma prova de audacia, vai-se tornando uma especie de desfatez intellectual.

Que!... neste seculo de ambições e decepções, de luctas e trabalhos sérios, ainda se falla em uma sciencia decrepita, encascada de crenças e tradições legendarias que tem as raizes enterradas no mais fundo da ignorancia humana!

Que!... e não ha quem tenha a coragem de rir-se á face desse espectro de abstracções fundidas no molde da imaginação popular, que a especulação metaphysica apresenta como a ideia do Ser Supremo! Estamos convencidos que os argumentos e demonstrações dos philosophos no arranjo systematico de sua theodicéa, obscurecem e diminuem a propria grandeza divina.

Ou venham de santos doutores, como Anselmo de Canterbury e Thomaz, o Angelico, ou venham de grandes homens como Descartes e Leibnitz, todas as provas, mil vezes allegadas e insipidamente repetidas, só dão em resultado tornar duvidosa e questionavel, em face da razão, a existencia de Deus.

Duvidosa e questionavel, dissemos, e podiamos accrescentar chimerica e impossivel, porque o Deus a quem attingem os movimentos dialecticos ou syllogisticos da

philosophia antiga e moderna não passa de um ideal do que nós chamamos as nossas perfeições, engrandecidas e por assim dizer *infinetizadas*.

Não nos enganamos, quando firmemente adherimos ao pensamento da escola de Augusto Comte, na parte relativa ao desdém da theologia; e cremos que o positivismo teria uma grande victoria, se emprehendesse a critica de todos os systemas theistas, catholicos ou não, para mostrar-lhes o falso caminho em que pisam e as contradicções em que cahem. Não seria jogar o jogo dos atheus, como pensa Paulo Janet, em uma critica ultimamente feita a Guizot (1); mas antes seria deixar por uma vez patentes as parvas pretensões dos philosophos e theologos, sobre a natureza e attributos divinos; seria dizer a todos elles, homens da fé e homens da razão, clérigos e leigos, basta de lucta entre vós, e abraçai-vos como irmãos, porque ides cahir juntos no fundo do mesmo abysmo. E' sabido que a philosophia do clero, em seus continuados ataques á razão especulativa, costuma entoar como um hymno de victoria esta formula soberba: o *racionalismo leva necessariamente ao pantheismo*.

Cousa admiravel!... nós achamos que o clero, pelo órgão de seus grandes vultos, diz uma verdade incontestavel.

Mas tambem, por outro lado, vemos que os racionalistas poderiam denunciar pelo mesmo crime os seus proprios accusadores. O padre Izidoro Goschler que, ao dizer de Emilio Saisset, engendrou um processo infallivel de espalhar o pantheismo ás mãos cheias em toda a historia da philosophia, na lista dos diversos que descobrio, devêra, para ser completo, inscrever igualmente o pantheismo catholico de que são expressões estas retumbantes palavras, *omnipotencia, omnipresença, omnisciencia*.

Se aos olhos dos padres nada importa que os eclecticos e livres espiritualistas admittam um Deus pessoal, uma vez que negando a ordem sobrenatural, negam por

(1) *Revista dos Dous Mundos*, de 15 de maio (1869).

consequente a liberdade divina, encadeam-na ao desenvolvimento da natureza, e dest'arte são pantheistas; tambem nada importa que a philosophia clerical nos falle de um Deus independente, que se revela por obras miraculosas, que pôde tudo, que está em tudo, que sabe tudo, uma vez que semelhantes qualidades conduzem racionalmente a observar todas as cousas no seio do ente que as possui. De ambos os lados pois existem os mesmos inconvenientes e capitaes defeitos.

Uns e outros porém com o fim de evitar a unidade e identidade absoluta, que a logica pôde fazer brotar de suas concepções, refugiam-se nas anthropopathias que distam pouco do anthropomorphismo primitivo dos povos barbaros; pois que um Deus que tem corpo e fórmula de homem é pouco mais grosseiro do que aquelle, a quem se attribue, por uma especie de adulação, como disia David Hume, todas as qualidades psychicas que denotam alguma perfeição, qual a vontade e a intelligencia, que entre tanto estão sujeitas a condições organicas.

A facilidade com que os infinitistas em geral compõem uma psychologia divina é, quanto a nós, mais censuravel nos livres sectarios da razão do que nos fideistas catholicos. Estes mostram-se de certo mais coherentes, quando, fazendo de Deus uma pessoa, acham que só pela revelação e pelo ensino se explica a ideia que d'elle temos. Se Deus é com effeito distincto do universo, se tem todos os caracteres e attributos pessoaes, a intelligencia humana não poderia jamais attingi-lo, nem ao menos suppo-lo, sem a voluntaria manifestação do mesmo Deus.

Neste ponto a philosophia do clero é consequente, e, o que mais importa, invulneravel aos golpes de sua adversaria.

Seu erro, que é commum a ambas, consiste em admitir um Deus revelado com qualidades que não se podem revelar, por exemplo, a omnipotencia, querendo assim fazer comprehender na pessoa divina taes predicaos, que são outras tantas negações da personalidade.

E o que mais admiramos, é que estes attributos conferidos a um Deus transcendente pela theologia e philosophia christã, já foram tambem applicados a um Deus

immanente, a um Deus alma universal, pela theologia indiana.

Em um upanichad ou fragmento do *Yad jurveda*, lêem-se as seguintes palavras, a respeito do Ser Supremo: (2) «Elle se move, elle não se move, elle está longe, elle está perto (quamvis non longe sit ab uneque nostrum) elle está em tudo, elle está fóra de tudo. Aquelle que vê todos os seres na Alma ou no Espirito Supremo (visão de Malebranche ou ideia Deus de S. Thomaz?), não desprezará cousa alguma. Elle envolve e penetra tudo (in ipso vivimus et movemus et sumus), sabe tudo, o grande poeta, o grande propheta, presente em toda parte, etc., etc.»

Quem sabe que systema philosophico, sae necessariamente das concepções vedicas, admira que passem em silencio identicos disparates da theologia catholica. Se nos fallaes d'um Deus pessoal, diremos nós aos padres philosophos, não junteis a esta crença a concepção racional e pantheistica de um Deus omnipotente, immenso, infinito... Se nos fallaes de um Deus infinito, diremos tambem aos livres espiritualistas, ide ao fim, sêde logicos, não mutileis a vossa doutrina com as formulas religiosas e imaginativas de um Deus pessoal.

A razão humana entregue a si mesma, aos seus proprios recursos, na improficua pesquisa da natureza e attributos divinos, só foi uma vez sincera, quando pela penna de Vacherot se exprimio assim: «Se deste Deus immutavel em sua perfeição, elevado a cima do espaço, do tempo, do movimento, da vida universal, vós fazeis outra cousa mais que um ideal do pensamento, eu confesso não comprehendê-lo.»

E' que a razão humana é essencialmente unitaria e centralisadora; procurando a causa suprema, ella não pôde mais do que reunir tudo que lhe parece grande e bello n'um centro de perfeições que é o seu Deus, isto é, um Deus ideal, objectivamente indeterminavel.

E eis ahi o ponto a que chegam, d'onde quer que partam, as audacias dos philosophos e theologos que inscrevem o nome de Deus no quadro de suas analyses.

(2) *Les livres sacrés de l'Orient*, traduzidos por Pauthier.

«Eu não prohibo ao espirito, diz Emilio Littré, que se engolphe, com o indefinivel estremecimento que causa o abysmo, no espaço e no tempo sem limites; mas isto é a satisfação individual da contemplação que abre caminho aos vôos do sentimento e da poesia, e confundem-se dous dominios distinctos, quando refere-se á sciencia, aquillo que a contemplação prosegue em suas longiquas viagens.» (3)

Com estas poucas e notaveis palavras que valem mais que muitos volumes do eclectismo, temos firmado e definido a nossa critica e a doutrina que seguimos.

II

O leitor ha de ter com razão notado que nas paginas antecedentes fallámos por vezes de philosophia e de theologia, sem marcar distincção entre ellas, tratando-as indifferentemente.

E' que no ponto de vista, sob o qual escrevemos, aquelles dous nomes exprimem a mesma cousa. Importa-nos pouco que a philosophia seja ou não irmã da theologia, que uma queira ou não queira continuar a ser ancilla da outra, que se abracem como alliadas, ou se devorem como inimigas.

Só isto é bastante para fazer comprehender que a doutrina por nós abraçada, se não tem o character de completa novidade, ao menos não é vulgar e commun, não faz parte das chulas ideias reinantes em materia philosophica. Tendo em alta estima a concepção grandiosa da escola positivista, fazemos comtudo algumas reservas que julgamos importantes; e não podemos por consequente declarar-nos seu fiel discipulo. Quando, por exemplo, Augusto Comte nos ensina que a humanidade passa por tres estados successivos, o theologico, o metaphysico e o positivo, notámos que a mais simples observação da sociedade contraria semelhante proposição, visto

(3) Prefacio do *Curso de philosophia positiva*, de A. Comte.

como ahí coexistem a metaphysica e a theologia com as mesmas pretensões, combatendo pela mesma causa, disputando-se entre si a posse da verdade e com ella o governo moral das intelligencias. Se na velha Roma papal, S. Thomaz é um moderno, em Pariz Descartes é um contemporaneo.

Está guardada a proporção.

Ao lado do theologo que compõe a sciencia de Deus segundo os dados da religião, ergue-se o metaphysico facundo que edifica a theosophia, segundo os apparentes principios da razão. Sombra por sombra, futilidade por futilidade, ambos os vultos se compensam, e o espirito humano continúa na dôce ignorancia que equivale a uma santa innocencia sobre tudo que toca a Deus e aos supremos destinos da humanidade.

Releva ainda notar que não sentimos pela metaphysica em geral o profundo e systematico rancor do positivismo.

A parte a causa suprema, e o que mais lhe possa dizer respeito, entendemos que ainda ha lugar bastante para as pesquisas philosophicas.

Igualmente observar devemos que não é nosso intento obliterar a palavra e a ideia da theologia, mas para nós ella tem outro sentido. Não é a sciencia dogmatica e meio gnostica dos doutores da egreja, é simplesmente uma parte de psychologia e uma parte da historia, a exposição do sentimento religioso, estudado na consciencia e nos livros e monumentos dos povos.

Entretanto, não ignoramos que philosophos contemporaneos já têm feito a indicação de uma psychologia religiosa, mas ainda são fracas as bases em que deve assentar esse importante capitulo da sciencia da alma.

Se a analyse dos sentimentos em geral é mais que muito difficil e delicada, sobe de ponto a que se exerce sobre o senso religioso que se complica de mil outros phenomenos semelhantes.

Vemos ainda que a respeito de religião, os philosophos, illudidos por apparencias vans, nos fallam de movimentos psychicos, de cousas intimas, que muitas vezes a nossa consciencia não attesta. Quer seja uma

ordem da natureza, quer seja um fructo da educação, o certo é que esta diversidade no sentimento, por occasião de um mesmo objecto, desbarata os designios da sciencia, parecendo que a psychologia religiosa não se presta a ser mais do que a confissão que cada individuo pôde fazer do seu modo actual de sentir em tal materia.

Nesta conjectura, o livro de um homem calmo, indifferente, que declara não achar em seu coração uma só corda do psalterio divino, não deve merecer menos credito do que as explosões de piedade, os hymnos de ternura docemente cantados pelas almas devotas.

Se estas verdades fossem melhor comprehendidas, não haveria tamanha facilidade em se jogar o epitheto de impios, ou de hypocritas, áquelles que divergem na manaira de entender e praticar a religião. Mas não antecipemos ideias que adiante acharão o seu logar. A escola espiritualista franceza é rica de innumerous ensaios, de variadas tentativas de metaphysica religiosa. E comquanto a critica historica, estendendo e profundando as suas escavações, tenha diminuido e por demais acanhado o plano das discussões meramente especulativas, todavia erguem-se ahi legiões inteiras de theosophos que, não sabemos como, ainda luctam nesses quatro passos de terra firme que apenas restam aos pobres tentadores do infinito.

Não queremos, nem poderíamos criticar, em todas as suas fórmas, o espiritalismo contemporaneo. O que nos preoccupa é, como já dissemos, a sua theodicéa, e ainda sob este ponto de vista somos obrigados, por interesse de quem nos lê, a revistar sómente um ou outro livro deste ou daquelle auctor de mais nomeada e consideração publica, pelo menos entre nós. Vejamos, pois, o que nos diz, por exemplo, o orador Jules Simon, cujo talento é um misto de sympathia e elegancia, que tem o condão de seduzir a mocidade.

Abramos a sua *Religião Natural*.

E' um livro consagrado á explanação das que sõem chamar-se altas verdades religiosas. Todos os grandes assumptos da crença geral da humanidade são largamente examinados e discutidos. Logo nas primeiras linhas de

sua obra, o auctor se confessa cheio da mais sincera confiança no espirito religioso que aviventa a maioria da sociedade. E' assim que lemos e não podemos deixar de applaudir as seguintes palavras: «Fortificada, sem que o saibamos, por todos os acontecimentos que deixaram um vestigio em nossa alma, a crença na existencia de Deus acaba por fazer, de alguma sorte, parte de nós mesmos. Semtimol-a de tal modo necessaria e irresistivel, que descansamos sobre ella com segurança e confiança, como se repousa sobre o amor e protecção de um pai.» (4)

Mas é triste notar que estas e outras phrases preliminares, tão significativas, recebem do livro, em que se acham escriptas, um abalo que as enfraquece.

O mesmo titulo da obra dá logar a uma questão prejudicial, cuja solução é decisiva sobre o livro e seu auctor.

Que é, com effeito, a religião natural?... que entende o nosso philosopho, ou antes que quer elle que nós outros entendamos por essa expressão?...

Não ha duvida que se trata da religião sahida do fundo da natureza humana, pelos esforços da razão, occupada no estudo de Deus e do destino da alma.

Porém lampeja a evidencia de que essa religião só existe na mente de alguns philosophos que julgam possivel eliminar as cousas, como ellas são, e applicar-lhes, para creal-as de novo, o seu famoso *à priori*, especie de magica varinha com que se engendram toda sorte de monstros intellectuaes.

E' debalde que se pretendem apagar as rugas que os seculos imprimem na face da humanidade; é debalde que se suppõe o espirito fôra de toda influencia exterior, para fazel-o descobrir, por si mesmo, o thesouro de suas crenças.

III

Religião natural é uma palavra sem sentido, como são muitas outras empregadas pela escola espiritualista.

Pergunto, ou a religião seja um simples estado transitorio, ou seja o perenne resultado de uma faculdade

(4) *Religion Naturelle*, pags. 4 e 5.

psychica, o que ha de certo e incontestavel é que ella precedeu á philosophia, e, como tal, é um antecedente historico, de que se não póde fazer abstracção, com o fim de mostrar que a razão humana é capaz de estabelecer, por si só, os mesmos principios em que assentam, mais ou menos, todas as religiões.

E se a philosophia, vindo depois dellas, encontra o espirito humano invadido e impregnado de crenças, é uma tentativa improficua e mallograda querer racionalizar os dogmas religiosos, como assumptos especulativos, pois que, em ultima analyse, a philosophia, nesta parte, não fica sendo mais que um commentario, uma esplanção palavrosa da dogmatica positiva.

E' por isso que pensadores mais livres, mais profundos e mais consequentes do que Jules Simon, não se sujeitando ao papel de commentadores, fazem esforços para construir uma metaphysica propria, estreme de qualquer poeira tradicional, e acabam, como Vacherot, por crear um Deus infinito-real, perfeição-ideal (5) que não só pede almas de philosophos, para ser adorado, como tambem cabeças de genios para ser claramente entendido.

E' uma extravagancia talvez, mas uma extravagancia cheia de logica e sinceridade. O philosopho que se propõe estudar e desenvolver os principios religiosos, á luz da razão, como se diz, e independente de qualquer consideração de crenças communs, é semelhante, para apropriar-nos ainda uma expressiva comparação de Scherer, ao homem que tentasse saltar fóra da propria sombra (6).

Hegel, o grande e nunca bem comprehendido Hegel, impugnando o que elle chamou prejuizo, que pretende que o sentimento, pervertido pelo pensamento, corre o risco de extinguir-se, accrescentou as seguintes palavras: « Esquecem, neste ponto, que só o homem é apto para a vida religiosa e que a religião não coube em partilha aos animaes, como não lhes coube a moralidade e a justiça » (7).

(5) *La Metaphysique et la Science.*

(6) *Melanges d'histoire religieuse.*

(7) *Logique, introduction*, pag. 202, traducção de Véra.

Já que temos a sincera franqueza de citar um nome tão imponente contra a opinião que emittimos, deixem-nos a liberdade de oppor-lhe, se não razões de convicção, a e menos alguns motivos de duvida.

E' incontestavel, como facto evidente, que os animaes não têm uma religião; mas esta falta corresponde á ausencia de racionalidade, ou á ausencia de sentimentos?...

E esta serie de phenomenos que formam o sentimento religioso, com todo o cortejo de arroubos, de que fallam os mysticos, não existe no animal, tão sómente porque elle não tem razão, ou porque esses mesmos phenomenos constituem um character distincto do homem, juntamente com a racionalidade, mas sem que della se derive? ... Sea a razão é que determina os factos religiosos, parece natural que a religião seja mais vivamente sentida, tanto quanto mais adiantada fôr a cultura intellectual. Mas é o contrario disto que a historia e, até um certo ponto, a mesma psychologia exactamente demonstram. Quando a religião se entranha nas massas e ganha por demais uma influencia compressiva, é a razão que se incumbe de varrer os pesados vapores da credulidade popular.

Que ha pois de commun e amigavel entre uma e outra? ... que quer dizer uma religião natural, isto é, uma religião philosophica, baseada em argumentos vulneraveis? Quando vemos um escriptor serio fallar, em nome da razão, de um Deus creador, de um Deus providente, de uma alma immortal, e outros dogmas, não sabemos porque motivo deixa de fallar-nos de anjos, de santos e demonios. Lembrando ainda a observação de Hegel, diremos que os animaes não têm angelogia nem demonologia, o que prova tambem que uma e outra são concepções da intelligencia, que distingue o homem, e por consequente poderiam muito bem entrar no quadro de uma philosophia.

Não sabemos ainda com que direito os theosophos racionalistas taxam de chimericos, por exemplo, os Eons e os Sephiroths da gnose e da Kabala (8), que são achados da razão humana applicada ás cousas divinas tão justos

(8) Rittler. *Histoire de la philosophie*; Franck, *La Kabbale*.

e naturaes, como quaesquer outros. Nem se diga, segundo é costume, que nestas e iguaes concepções entram elementos imaginativos que não pertencem á razão pura.

A observação não tem valor, visto que as ideias de creador, providência e alma immortal, que o espiritualismo julga do seu dominio e alçada, não são alheias á imaginação, como provaremos depois.

Mas para desde já iniciar o leitor em alguma cousa, basta considerar que o Deus providente da philosophia não é menos que o da religião a imagem, ora de um pai, ora de um juiz e muitas vezes tambem de um rei, que conforme as tendencias politicas dos philosophos, será despoticamente absoluto, como parece querer a escola catholica, ou será um principe liberal aquecido e nutrido das ideias da revolução, respeitador dos direitos individuaes, incapaz de dar os *golpes de estado* dos prodigios, e milagres segundo claramente se infere das doutrinas da escola de Cousin. Ora, em todo este complexo de relações de semelhança e reminiscencias da ordem social em que vivemos, que ha ao certo, senão productos de imaginação?... Não esqueçamos, porém, o nosso philosopho, voltemos a elle.

IV

Propondo-se desenvolver com os dados da philosophia o complexo de verdades essenciaes á religião, tornar, por assim dizer, mais vivas e brilhantes as lampadas que illuminan o sacrário das humanas crenças, Jules Simon não se julgou dispensado, de abrir aos olhos do leitor algumas paginas relativas ás diversas provas de existencia de Deus que os mais notaveis philosophes têm apadrinhado com o seu nome.

E não obstante o resquicio de admiração tradicional que ainda apresenta pela abstrusa theodicéa de seculo XVII, elle fez justiça a esses argumentos alluidos que por tanto tempo vigoraram contra as aspirações da razão e as exigencias da logica. O que se lhe deve notar é que não tenha sido mais rigoroso, para ser mais exacto, é que

tenha na sua apreciação critica procurado por vezes attenuar os defeitos de seus avoengos. Entretanto depois de passar em revista as velhas provas sacramentaes, a despeito do fundo meritorio que descobre em algumas, o auctor se mostra pouco satisfeito com ellas, e entra no terreno propriamente seu. Era ahi que o esperavamos. « Nós pensamos, diz o elegante escriptor, que em vez de prender-nos a formulas sempre discutíveis e que, por mais que se faça, nunca parecerão base sufficiente para apoiar semelhante crença, é mister entrar na philosophia com o salutar pensamento de que se entra no templo da verdade, que se manifesta sómente aos espiritos sinceros. . . . » (9). Ora pois, J. Simon pronunciou as palavras que são o motivo de nosso escripto : formulas sempre discutíveis e que, por mais que se faça, nunca parecerão base sufficiente para apoiar semelhante crença. Entremos com elle no templo da verdade, mas não esqueçamos que Descartes e Leibnitz, como Bossuet e Fenelon, não deixaram de ser espiritos sinceros, aos quaes todavia a verdade anciosamente procurada não se quiz manifestar. O que resta é saber se as razões adduzidas pelo nosso philosopho são capazes de arredar as nuvens que ainda cobrem o céu da metaphysica, se, em uma palavra, o livro de J. Simon fornece uma base sufficiente para assentar a mais intima e augusta crença que alimenta o coração do homem.

E estas ultimas phrases nos indicam logo na doutrina do auctor um certo modo de entender que é digno de exame.

Trata elle de procurar um apoio racional e philosophico para a crença na existencia de Deus. Não haverá porém uma illusão da parte dos pensadores que a tão alta empresa se aventuram? Não haverá mesmo em semelhante pretensão um certo desprezo dos dados psychologicos?... Não ha duvida, a illusão é completa, o desprezo manifesto.

E' doutrina corrente, sobre tudo entre os espirituistas, que a verdadeira marcha da indagação philosophica é a que vai do conhecido ao desconhecido, do mais claro ao menos claro.

(9) *Religion Naturelle*, pag. 24.

A crença em Deus, como facto interno, é evidente, mas esta crença não tem, não pôde ter outro fundamento se não a propria natureza humana, assim predisposta e conformada. Esta crença, que é um dos primeiros raios matinaes da consciencia, só se explica por si mesma, e em si mesma, isto é, não tem explicação. Só se explica por si mesma, dissemos, porque ella não se firma em facto subjectivo anterior que a determine, assim como não é a educação religiosa que poderia fazel-a nascer, se ella não preexistisse; além de que está hoje demonstrado pela propria sciencia natural que a religiosidade é um dos caracteres essenciaes do homem. (10).

Só se explica em si mesma, dissemos ainda, no sentido de que só o crente, em quanto crente, comprehende a sua crença e pôde dar-lhe o alcance que pedem os impetos de seu coração. Ha nos auctores de theodicéas um erro e um engano que convém tornar bem patente.

A crença em Deus não se identifica com a ideia de Deus; aquella é um facto certissimo e incontestavel; esta é confusa, obscura e mal determinada. E a prova está em que ha unanimidade na crença, ao passo que ha variedade na ideia entre os individuos e entre os povos.

O polytheismo e o monotheismo, por exemplo, são modos diversos de conceber a divindade, não são modos diversos de crêr.

No fundo é a mesma crença, o mesmo instincto religioso que impelle os espiritos a objectivar o divino, qual sob a categoria da unidade, qual sob o da pluralidade.

Entretanto, os philosophos, querendo procurar uma base solida para a crença em Deus, que é indubitavel, tomam como ponto de partida a ideia que é variavel e incerta. Para maior clareza, lancemos mão de um exemplo. Descartes, a proposito de Deus, fez o racionio que J. Simon desenvolveu assim :

« Eu tenho em mim a ideia de Deus, isto é, a ideia do infinito. Como ella em mim existe?... Só pôde ser por uma das seguintes razões : ou porque o infinito existe, e então é natural que eu tenha d'elle ideia, ou porque, não

(10, Quatrefages, *Histoire Naturelle de l'homme*.

existindo o infinito, eu formei a ideia que delle tenho... etc., etc.»

Não diremos com J. Simon que este argumento, sendo solido no fundo, é defectivel em que só tem valor para os que admittem a ideia do infinito. Diremos, porém, que para esses tambem não póde ter valor, porque se funda em uma illusão.

O infinito é uma palavra de que muito se abusa e que todavia não se comprehende tanto quanto se inculca, nem ha accôrdo entre os philosophos sobre o que ella significa. Para uns é synonymo de perfeição, para outros é a plenitude da existencia á essencia... Como quer que seja o infinito de que se trata, é um infinito concreto, isto é, Deus; e ahi temos uma ridicula petição de principio.

Tanto faz, pois, dizer: eu sou finito, e tenho ideia do infinito, eu sou imperfeito e tenho ideia do perfeito, como dizer: eu sou homem e tenho ideia de Deus.

Onde está a maior clareza daquellas do que desta proposição?... Quem não vê que trava-se assim uma verdadeira logomachia? A questão é esta: a ideia que se tem de Deus é representativa de um ente real? O philosopho responde—sim; porque a ideia do infinito e do perfeito não póde ter origem no ser finito e imperfeito; é preciso que o infinito exista para explicar a existencia da ideia: o que equivale a dizer: a ideia de Deus não póde ter origem no homem; é mister que Deus exista, para explicar a existencia della, ou, mais simplesmente, o homem tem ideia de Deus, porque Deus existe...

Se isto não é responder á questão com a mesma questão, não sabemos para que serve a logica. Mas o que faz não se apprehender immediatamente o vicio de semelhante argumento, é o appello abusivo ás ideias do infinito e do perfeito que deslumbra e obumbra os espiritos.

O que ha realmente no homem é a crença no infinito que é a mesma crença em Deus. Substituindo os termos, melhor se percebe a enfermidade do raciocinio. Digamos pois: o homem que se conhece finito e imperfeito, crê no infinito, no perfeito; ou esta crença é motivada pela existencia real do seu objecto, ou é um simples phenomeno

sem correspondente exterior, um producto espontaneo do espirito humano.

Para provar a verdade da primeira deve-se mostrar a falsidade da segunda hypothese; como fazel-o? O philosopho póde tentar explicar a formação das ideias, que, entretanto, como sabemos é um dos problemas psychologicos de mais rude solução; mas não tenta explicar a formação das crenças que não se sujeitam ao imperio da reflexão, nem se prestam aos manejos da analyse.

Em fim o argumento cartesiano, bem como todos os seus antecedentes e todos os que vieram depois, nos termos em que foi expresso, não passa de um paralogismo que as circumstancias do tempo fizeram considerar como cousa de merito.

E todavia Descartes não hesitou em julgar a existencia de Deus, demonstrada pelo seu argumento, uma verdade mais certa e mais lucida do que as da geometria. Não duvidamos que assim se mostrasse a seus olhos, mas o que importava é que fosse aos olhos de todos; o que realmente não se dá.

Dir-nos-hão, porém, que tambem as verdades geometricas são susceptiveis de demonstração e não estão ao alcance commum. Então responderemos que a ideia de Deus, tão clara como Descartes suppunha ter, é um objecto, um producto de talento especial, a que bem poucos se podem elevar, accrescendo que nenhum homem tem o direito de apresentar como verdade liquida para todos aquillo que lhe parece indubitavel, só pela força de sua alta intelligencia. O resultado é que Deus, para ser conhecido, exige um gráo supremo de vivacidade intellectual, porém os homens em geral, não se achando n'este caso, não podem receber da philosophia a base em que ella promete apoiar a sua crença.

V

A pretensão de dar á theodicéa o character de evidencia mathematica foi geral entre os philosophos geometricas do seculo XVII.

Presentemente vemol-a renovada, ainda com mais andacia, pelo incansavel padre Gratry, *para quem a sciencia é cousa de phantasia*, palavra bem cabida e que só conta o defeito de ter sido dita pelo belga Tiberghien, imaginario infinistista, a quem a philosophia deve pouco e bem pouco.

O illustre oratoriano quer a todo custo, lucha com todas as fôrças para introduzir na metaphysica religiosa o processo da inducção mathematica, e convencer que a certeza adquirida é identica em ambas as sciencias. Não escondemos que o padre Gratry, na defesa de sua these querida, teve occasião de lançar por terra ousados e fortes contendores, como E. Saisset ; porém, em ultima analyse, que proveito se tira da descoberta do reverendo?

Quando se admitta que sejam identicos os dous methodos, esta identidade é puramente logica e formal, nada importa á clareza das ideias. Desde que a inducção que demonstra Deus não tem para os espiritos a mesma evidencia, não é justificada por grandes resultados, como a inducção mathematica, não será perder tempo escrever livros, para sustentar que os dous processos são identicos? E o que admira, é que as cabeças mais familiarisadas com os rigores do calculo infinitesimal não poderam facilmente comprehender a engenhosa combinação do nobre theologo!

Não basta ser mathematico ou philosopho só ; é preciso ser uma e outra cousa em alta escala, para penetrar no fundo do mysterio. Verifica-se ainda aqui o que já dissemos, isto é, que o conhecimento mais perfeito de Deus fica sendo adequado ao talento superior dos individuos, e a maioria da humanidade condemnada pela, propria natureza, a sentar-se na riba-mar do desconhecido, esperando que aventureiros de genio, abrindo as velas do pensamento, lhe tragam, de longe em longe, algumas noticias do céu !...

Que por falta de engenho não se possa comprehender toda a fôrça e todo o alcance de um calculo de Laplace, nem seguir, élo por élo, a cadeia racional de um bello theorema, é cousa de pouca influencia ; confessa-se a fraqueza e não se deixa de viver satisfeito. Mas, por

defficiencia intellectual, não apoderar-se da verdadeira noção do Ser Supremo e dos seus attributos, como julgam possuil-a os homens da theodicéa.... ler S. Thomaz, Descartes, Leibnitz, J. Simon emfim, e não saber onde está o valor scientifico de seus argumentos e considerações sobre o que mais importa ao homem... oh ! isto é doloroso e desanimador. Taes são porém os resultados inevitaveis da sciencia que pretende pôr em provas aquillo que se não pôde provar. Ha talvez nesta collisão alguma circumstancia occulta, cujo conhecimento poderia apagar ou pelo menos diminuir as duvidas e incertezas. Por que razão, perguntamos muitas vezes entre nós, homens de tanto saber, depois de longa meditação, pregaram como verdades profundas o que outros de igual tamanho tiveram por méras futilidades, e até aos olhos dos pequenos não passam de bagatellas?...

Quer-nos parecer que ha juizos e raciocinios, que tendo immenso valor na consciencia, não têm valor algum na linguagem. Ha no modo commum de perceber certas verdades alguma cousa de intimamente pessoal, que não se transmite nem pelos meios ordinarios da logica, nem mesmo pela força despotica da eloquencia.

O philosopho que, como Descartes, julga ter descoberto a mais inconcussa prova da existencia de Deus, mal pôde comprehender que homens dotados de razão deixem de ver a sua lucidez; e no emtanto o que faz a convicção delle, o que derrama essa luz extraordinaria, é justamente aquillo que elle não communica aos outros, porque faz parte de si mesmo, isto é, um certo molde interior, onde as ideias tomam uma fôrma adaptada ao caracter do individuo. Não se entenda porém que deste modo quere-mos absolver, em nome de sentimentos individuaes, toda sorte de absurdos.

Felizmente ainda não subimos á tamanha altura. Cremos na razão e na logica, mas exercidas no que é de sua competencia, mas dirigidas sobre aquillo que offerece o caracter propriamente intellectual, que é a abstracção e a generalidade. O grande defeito da philosophia consiste em que ella pretende instaurar sobre tudo um immenso processo de verificação.

E' um erro fecundo em erros querer dar a todas as cousas a fôrma determinada da verdade, ou querer descobrir o lado veridico de tudo, este lado que toca na intelligencia, mas não se entranha, por si só, até ás raizes do ser. Por mais que se alongue o diametro do pensamento, o bello e o divino que fazem a poesia e a religião, serão sempre tangentes á sua circumferencia; não caberão já mais nas estreitezas do raciocinio, ainda o mais elevado.

VI

Quereis saber se ha um Deus, diz o nosso philosopho (11), estudai o mundo, ou se o mundo é demasiado grande, estudai o homem.

Tudo que existe em vós, é um testemunho vivo da existencia e da grandeza de Deus. O poder humano é um em seu principio, triplo em suas manifestações. Viver é pensar, sentir, querer.

Que é sentir? Será sómente provar sensações de prazer e de dor?... Isto é o preambulo da sensibilidade. A esses phenomenos ephemeros se prende alguma cousa de maior e mais duravel: são os nossos amores. D'onde vêm elles?...

Se o amor nos viesse do mundo exterior, porque razão o mesmo objecto não seria para todos igualmente amavel?...

A mesma mão que no germen de uma planta depoz a força mysteriosa que enterra as raizes, eleva o talo a cima do sólo e desenvolve-o em flores e fructos, collocou em o fundo de nossa alma um amor da eterna belleza que nos faz propender para tudo que é grande e bom por uma secreta e poderosa analogia. Qual é este amor do bello e do bem sem o qual não poderíamos amar? E esta belleza para quem todo o nosso coração se lança e a quem adoramos, sob o véu que a envolve, nas gloriosas creaturas que a manifestam?

Não será a infinita, a eterna e a perfeita belleza? E este amor sem limites não será um dos laços que nos

(11) *Religion Naturelle*, pag. 35.

prendem a Deus?... Tudo isto é bem excogitado; mas davidamos que tenha caracter philosophico, se é que a philosophia pretende chegar á alguma cousa mais do que lances poeticos e arroubos lyricos. Quando o espirito humano é bastante ousado e bastante louco para perguntar se existe um Deus, sincera ou não sincera, esta pergunta não tem sómente por fim saber se á noção de Deus, donde quer que ella venha, corresponde uma realidade, mas tambem se essa realidade corresponde aos sentimentos, aos infinitos desejos, ás profundas inquietudes e aspirações de nossa alma; por conseguinte, lançar mão de taes phenomenos, como meio de prova, é indigno de um philosopho, porque é querer cortar a questão com a mesma questão. E tanto mais infundadas se tornam as razões de J. Simon quanto é sabido que ellas vieram bem tarde, n'uma hora em que já Feuerbach tinha dito: «A essência dos deuses; não é outra cousa mais que a essencia dos votos; os deuses são seres superiores ao homem e á natureza; mas nossos votos são tambem seres sobrehumanos e sobrenaturaes.

Sou eu, com effeito, ainda um homem nos meus votos e em minha phantasia, logo que desejo ser immortal, ou vêr-me livre das cadêas do corpo terrestre?...

Não! quem não tem desejos tambem não tem Deus. »
(12) Depois destas palavras que constituiram uma nova doutrina no modo de entender a religião, não havia mais logar para se tentar fazer daquella ordem de factos uma das bases da theodicéa, sem correr o risco de dizer uma tolice.

A inexauribilidade dos nossos amores, allegado pelo philosopho francez, é certamente o que se trata de explicar e saber se tem uma razão de ser fóra ou dentro de nós. Feuerbach dissera com força e profundeza: « São as lagrimas do coração que, se evaporando no céu da phantasia, formam a imagem nevoenta da divindade. » J. Simon vem dizer-nos, mais ou menos, a mesma cousa, porém ás avessas: « E' a divindade que faz a sede insaciavel do coração, é ella o centro de nossos amores, de nossos eternos desejos. »

(12) *La Religion.*

E tudo isto sem uma razão tirada da natureza humana e não de simples emoções pessoais. Além disto, por mais que digam, não podemos comprehender esse grande amor de que fallam os espiritualistas, o qual não acha na terra um objecto digno de si, e corre após de Deus que é só capaz de satisfazê-lo. Este rasgo de platonismo extravagante, esta especie de dialectica do coração, é, a nosso vêr, mais que um absurdo porque é uma immoralidade. O facto de Platão haver collocado semelhante theoria na bocca de uma velha prostituta, (13) é quanto a nós muito significativo. Ha um amor que todos sentem, casto e delicioso amor, doce unigenito d'alma que não só occupa toda a plenitude do coração como têm a força de muitas vezes tornal-o maior do que elle realmente é. Para que dizê-lo? ... Todos terão presente o amor que se consagra a uma mãe. Haverá quem negue? ... Poderão objectar que esse nobre sentimento, capaz de satisfazer á toda vida moral do individuo, não basta á sua vida religiosa; e é desta que se trata quando se falla dos amores insaciaveis que não se aprazem de objecto algum da terra, e voam atravez do desconhecido, em busca do que lhe offerece maior dignidade. E' ainda um engano que convém patentear.

A vida religiosa, ao que parece, é menos feita de amor e confiança, menos caracterizada pelo suave abandono, a que se entregam os corações amorosos, do que continuamente agitada de vagas suspeitas, de pequeninos escrupulos que fazem sombra no fundo da consciencia mais recta. Para achar uma alma excepcionalmente elevada, onde o sentimento religioso, estreme de qualquer mistura, se resumisse em amor, em puro amor consagrado a Deus, como o de um filho a seu pai, seria mister remontar na humanidade, e ir encontrar Jesus.

Em que nome vem pois a philosophia dizer-nos que os nossos amores elevam-se até ao seio de uma bondade infinita e de uma infinita belleza, onde se acalmam completos e satisfeitos? ... Para que, permitam-nos a

(13) Veja-se o dialogo intitulado *Le Banquet*, traducção de Cousin, tom. 6º, pag. 316 seguintes.

expressão, *chicanar* assim com palavras deslumbrantes e argumentos viciosos?... Nossas lágrimas, nossas preces mandadas ao Céu, nossos suspiros e anhelos por uma vida melhor, ou se quizerem; por um mais digno objecto do nosso amor, tudo isto citado no tribunal da sciencia nada pôde provar, porque a sciencia tenta por certo indagar se lágrimas, preces, anhelos e suspiros têm com effeito um motivo superior.

Já vimos como o celebre allemão julgou resolver a difficuldade, dizendo, além do mais, que Deus é o optativo do coração humano transformado em presente.

Disse elle uma verdade? Não sabemos. Disse um erro? Não sabemos. Que disse, pois?... Uma cousa que repugna ás nossas crenças e ás nossas mais santas esperanças; mas disse de um modo que, se as não pôde abalar na consciencia, tornou-as ao menos incabiveis e nullas para se fazerem argumentos de theodicéa ou de philosophia religiosa a sabor dos espiritualistas.

Temos quasi por certo cahir no desagrado de muita gente orthodoxa que não admitte outro genero de refutação que não seja tratar de imprimir por todos os meios no lombo do adversario o estigma de atheu. Isto é natural, sobretudo facilimo, mas não é muito honroso. Assim, prevendo apressamo-nos em declarar que, citando Feuerbach, não queremos dar a entender que seguimos a sua doutrina.

E, pois, que fallamos nella, seja-nos permittido fazer uma observação.

A theoria de Feuerbach, digna de merecer a attenção dos pensadores pelo aspecto de audaciosa novidade com que seduzio a uns e espantou a outros, não é todavia tão nova quanto parece.

O illustre critico firmou-se na ideia de que o homem faz dos seus desejos a sua divindade; é este o fundo essencial de sua these, tudo mais é desenvolvimento.

Esta ideia, porém, reduzida á sua simplicidade nativa, é velha como Virgilio.

No livro IX da Eneida, no começo do pathetico episodio de Niso e Euryalo, quando aquelle expõe a este o intento que formára de atacar os Rutulos, lêem-se as

seguintes palavras : Serão porventura os deuses, Euryalo, que me inspiram tão caloroso designio ?...

Ou dar-se-ha o caso de que para qualquer o seu ardente desejo se faça deus ?... *Dine hunc ardorem mentibus addunt, Euryale ?... an sua cuique deus fit dira cupido ?...*

Não ha de certo nestas palavras a expressão de uma theoria, ou de uma opinião reflectida ; é uma simples conjectura poetica, mas de tal natureza que, fitada pelo vivo olhar de um genio como Feuerbach, podera engrandecer-se e tomar proporções para um livro.

Causa espanto a maneira por que a philosophia tradicional que hoje só tem, para dissimular a sua insufficiencia, o bonito nome de espiritualista, levanta e discute as questões de sua alçada.

Ella ostenta um desdém systematico de tudo que, sendo chamado para justificar as asserções, venha antes contrariar-as e desmentil-as.

Parece que em torno della nada se passa que seja capaz de destruir o seu sacrario de illusões ; finge uma ignorancia completa do estado em que se acham os homens e as cousas, para repousar tranquilla e confiada no seu leito de chimeras. Quem lê sobre materia religiosa um espiritualista, como J. Simon, prova grande embaraço em discriminar em que phase da sociedade, a que hora do progresso tal philosopho escreveu ; por quanto elle simula ser inteiramente alheio a quanto ha de mais novo e interessante. Não é um homem dos tempos actuaes ; é ao muito um companheiro e coévo de Chateaubriand, pertencente á primeira quadra religiosa deste seculo, em que, como diz Albert Réville, o romantismo se fez catholico. E na verdade a *Religião natural* é um livro de philosophia romantica, pelo fundo e pela fórma. Dir-se-hia que o seu auctor adormeceu lendo as paginas ainda quentes do *Genio do Christianismo*, e depois de meio seculo de somno accordou para escrevel-o ; tal é a ingenua confiança que mostra ter na causa do velho espiritualismo, e a insistencia opiniatica em tornar transparentes aos olhos da razão os principios religiosos com todos os desenvolvimentos pedidos pela gravidade do assumpto, bem como pela fatuidade da philosophia e do philosopho.

Entretanto, não ha duvida que J. Simon, pondo de parte as *formulas sempre discutíveis*, entrou em longas considerações que, porém, não são menos discutíveis nem menos caducas. Elle nos diz que é mister, em tal assumpto, substituir a meditação ao raciocinio. (14) Ou esta proposição não tem senso, ou vem destruir pela base as pretensões do philosopho.

Se nos falla da meditação que consiste em seguir o vôo de uma ideia por todos os pontos em que ella toca, aspirando chegar a um resultado final, á descoberta da verdade, devemos responder-lhe que isto não é cousa estranha ao raciocinio para vir substituí-lo; como não é cousa nova, ou dignamente renovada, visto que era assim que Platão meditava, segundo se vê de seus dialogos. (15)

Se, porém, nos falla deste modo de meditar que é proprio das almas altamente poeticas e religiosas, e que consiste exactamente na ausencia de sujeição ás leis do conhecimento, dando pouca importancia á ordem natural das cousas e engendrando novas relações entre ellas, se é disto que nos falla, perguntaremos que ficam sendo as theodicéas, senão verdadeiros poemas?... Ou se resumam em um syllogismo, ou se façam n'uma longa meditação, o que importa é que se digam verdades quando se discorre em nome de uma sciencia. Mas é debalde que os philosophos meditam no intuito de levar com suas palavras a convicção a todas as intelligencias. Não são sómente motivos intellectuaes que entram na formação de nossas convicções; e todavia são elles os unicos que se costumam pôr em jogo na lucta dos systemas e das escolas.

Ha outras razões, igualmente poderosas, que não se intellectualisam, e dest'arte, sendo incommunicaveis, produzem uma lacuna impreenchivel. A sciencia que só admite o que é intellectual deve repellir de seu seio tudo que vem misturado de elementos estranhos. E' o que se dá com a theodicéa. Uma alma, isenta de preocupações dogmaticas, não se dobra diante de considerações que lhe parecem frivolidades.

(14) *Religion Naturelle*, pag. 31.

(15) *La République*. liv. 6º, pag. 56 e seguintes, liv. 7º, pag. 61 e seguintes, tome, pag. 1º9, traducção de Cousin.

O atheismo, felizmente, não é o nome de um vicio; é o nome de um systema que nunca teria apparecido, se não fosse suscitado pelas obras dos philosophos. E' a philosophia quem faz os atheus, como é a theologia, em sentido restricto, quem faz os hereges.

Nós que temos a coragem de não curvar a cabeça e o joelho ante o Deus metaphysico de Descartes e dos philosophos em geral, inclusive J. Simon, confessamos e adoramos um Deus: é o Deus de Moysés e dos prophetas, o Deus de quem Jesus dizia, e só elle podia dizer: nosso pai!

Se nos fosse dado empregar aqui a linguagem da critica biblica, diriamos que somos jehovista (16), por opposição á uma especie de elohismo dos philosophos; os quaes pretendem formar de Deus uma representação intellectual, pouco menos erronea do que as representações sensiveis. A tentativa de sondar, mais ou menos, a natureza divina e conferir-lhe um logar na sciencia não foi sempre geralmente aceita.

Para não ir mais longe, no fim do primeiro seculo anterior á era christã, o judeo Philon já combatia semelhante audacia, fundando-se em razões, e o que mais admira, na autoridade de Platão, o qual dissera que é impossivel conhecer o creador e o pai do universo, e quando se chegasse a conhecê-lo seria impossivel transmittir a outro este conhecimento. (17) Philon, que fôra n'este ponto precedido por seu sabio compatriota Aristóbulo, ensinava que Deus é sem qualidade, que nenhuma das qualificações por que se caracteriza a natureza humana, a elle convém; lh'as applicar seria rebaixal-o. Melhor que o bem, anterior á unidade e mais puro que ella, Deus não pode ser visto e contemplado por outro que não elle mesmo. (18) Mas o celebre judeo alexandrino, impugnando a metaphysica theologica, não deixou por isso de crêr tambem uma propria.

Se, pois, não é dado ao homem conhecer a essencia divina, qualquer proposição sobre ella é incabivel, ou

(16) Vater, *Commentario sobre o Pentateuco*.

(17) *Timée*, tom. 12, pag. 117, traducção de Cousin.

(18) *Doutrines religieuses des Juifs*.

seja affirmativa ou negativa. Todas as vezes que sob o pretexto de mostrar a sombra em que Deus se envolve, discorre-se largamente sobre a sua incomprehensibilidade, quer se saiba quer não, levanta-se uma theodicéa; porque a logica exige que se affirme alguma cousa e se tome por base algum principio; o que é sempre abrir caminho á toda sorte de conjecturas e proposições arbitrarías que arrojam o espirito nas mais exquisitas subtilezas.

Ha disto muitos exemplos, mas basta citar o da gnose cheia de ousadas especulações a respeito de Deus, a quem no emtanto o gnostico Saturnino chamava o—*Pai desconhecido*, e Valentin chamava o—*Abysmo*!...

De Deus só ha na linguagem uma affirmação cabível, só se pôde affirmar que *elle é*. Mas deve-se notar que semelhante affirmação não importa um novo conhecimento. E' uma proposição que ou fica incompleta e sem sentido ou torna-se identica e tautologica:—*Elle é elle, Deus é Deus*.

O jehovismo que, segundo diz um sabio theologo moderno, é a mais perfeita fôrma do monotheismo, estava concentrado nas simples palavras:—*Ego sum qui sum*; palavras que em vez de explicar, tinham antes por fim tornar impossivel qualquer representação divina; e constituem a formula do inexplicavel.

Moysés que não era um philosopho, mas era um revelador comprehendeu ou antes presentiu que para arredar os hebreus das praticas idolatricas, a que davam logar as concepções elohistas de Deus, considerado como *Forte e Poderoso*, devia dar aquella definição do Ser pelo mesmo Ser, isto é, um *idem per idem*, que todavia poude fazer da família de Israel um povo especial, e dar ao mundo o espectáculo grandioso dos mais ardentes órgãos da consciencia moral e religiosa, como foram os prophetas.

Seria quasi um disparate suppor que Moysés assim tivesse obrado por um trabalho pensado e reflectido; mas o certo é que a concepção jehovica, ensinada por elle e pelos continuadores da sua obra, era tão diversa da que formavam os hebreus, que sempre encontrou resistencia, e durante muitos seculos foi seguida sómente por um pequeno numero.

A razão desta luta que é o maior característico do povo israelita, não está, como alguns erradamente julgam, (19) em que elle fosse polytheista, e por isso repellisse o monotheismo mosaico. E' hoje uma verdade adquirida para a critica religiosa que, por mais longe que se remonte, os abrahamides apparecem na historia como monotheistas; mas era um monotheismo idolatrico, susceptivel de cahir nas mais grosseiras aberrações, á força de tentarem figurar o divino de um modo sensível.

Foi a isto que Moysés oppoz a barreira do jehovismo que não só impossibilitava qualquer figura material do Ser Supremo, como até querer-se formar delle uma ideia definida. E neste sentido a concepção jehovica foi justamente uma revelação.

Ainda ha hoje quem gaste o seu tempo em defender os direitos da razão humana contra os partidarios de uma revelação divina. A pugna tem sido ruidosa e muitas vezes brilhante; porém, se bem reflectirmos, não se pôde tirar della o menor proveito. Os combatentes de ambos os lados não fazem mais do que uma ventania secca de armas que se brandem, mas não se chegam a cruzar.

Os que pretendem que a razão humana, é apta para attingir todas as verdades, julgam tel-o dito e provado, quando mostram, por exemplo, que philosophos gregos se elevaram a bem altas concepções independentes de uma pretendida revelação.

O facto allegado, no sentido em que se allega, é verdadeiro, mas não se presta ao enorme alcance que lhe querem dar.

Porque um Anaxagoras e um Socrates tiveram ideias grandes acima das ideias de seu tempo, dando uma nova direcção ao pensamento, fica-se autorizado a concluir que a razão humana em geral é por si só capaz de subir a essa altura?...

Tal raciocinio seria equivalente à este: Foi uma intelligencia humana que fez a *Iliada*; logo toda a

(19) E neste numero parece-nos estar incluído o Sr. Havet, com a sua distincção subtil de monotheismo de ideia e de sentimento.

intelligencia é capaz de crear Iliadas. Parva conclusão que ninguém admittirá seriamente.

Além disto, suppondo que qualquer individuo descubra uma importante verdade da ordem moral e religiosa, é certo que os outros tomam della conhecimento, mas a titulo de cousa transmittida e ensinada.

Assim Anaxagoras, diz a historia, foi o primeiro que na Grecia teve a concepção de uma intelligencia suprema.

Os que, porém, vieram depois e encontraram essa concepção transformada em doutrina, não cobrir-se-hiam de ridiculo, se dissessem que eram capazes de descobrir aquillo que já estava descoberto? ...

Tal é o papel que representam os partidarios da razão, tão altamente elevada.

Quanto a nós o que ha de exacto, é que Anaxagoras, como Socrates, Moysés como Manú, foram todos reveladores, e suas palavras ou escriptos verdadeiras revelações, porque disseram e ensinaram cousas que eram superiores á sua época; nem o commum dos homens podia concebel-as. Qual maior, qual menor, o que se faz mister, é confrontal-os e medil-os com a critica imparcial. Trabalho vasto que não cahe mesmo no quadro da moderna sciencia das religiões, e para o qual ainda crear-se-ha uma sciencia das *revelações comparadas*; perante cujo tribunal serão citados padres, poetas, philosophos, legisladores e prophetas, a fim de dizerem, juntos e harmonisados, a palavra do Enigma. Grupo magestoso, em que ver-se-ha sobresahir radiante a sublime cabeça de Jesus !

VII

O nosso philosopho, insistindo nas razões que julga apropriadas para desvendar a face do invisivel, recorre ao depoimento de todas as faculdades psychicas e sobre cada uma dellas chega ao mesmo resultado, isto é, á mesma petição de principio, querendo demonstrar a existencia real do infinito, pelas apparencias de infinitude

que as faculdades manifestam ; o que é toda a questão. Passando ao segundo capítulo bem quizeramos não acompanhá-lo ; mas é tal o apparatus das razões produzidas que demoramo-nos ainda um pouco para apreciar-as. J. Simon confessa o dogma da incomprehensibilidade divina ; a julga-o por algumas palavras aqui e alli, dir-se-hia que o philosopho repelle as pretensões orgulhosas da theodicéa ordinaria, e que a nossa critica não tem razão de ser a seu respeito. Assim diz elle : « Houve em todos os tempos, mas principalmente hoje ha philosophos que julgam prestar serviços á sciencia, dissimulando seus limites, e que depois de terem demonstrado Deus com tanta segurança quanto se pôde ter em demonstrar uma proposição de geometria, emprehendem enumerar seus attributos, e descrevel os como se o homem podesse ter um conhecimento claro e completo da natureza divina. » (20)

Tanto basta para determinar o que dissemos, bem como para mostrar a largura que nos separa. No entender de J. Simon, o homem não pôde ter um conhecimento claro e completo da natureza divina. Nós pensamos que este modo de dizer é um subterfugio, pois dado que a natureza divina não possa ser clara e completamente conhecida, como saber e provar que o conhecimento obscuro e incompleto, unico possível, é verdadeiro ?

Qual o criterio para assegurar que Deus é meio conhecido, e meio desconhecido ? Porque razão se conhece uma parte e não se conhece outra ? Será, como vulgarmente se diz, porque o espirito humano é finito e não pôde comprehender o infinito ? Razão, ainda que trivial, poderosa para nós outros que não admittimos philosophia de Deus, mas estolida e ridicula, quando allegada por aquelles que, como J. Simon, partem o infinito em dous quinhões, um que se pôde conhecer, e outro que não se pôde. Quem nos diz que a porção desconhecida não seja incompativel com a que se conhece ?...

E se não é incompativel, porque fica desconhecida ?...

Qual o meio de verificar tudo isto ? Não ha resposta séria para taes questões a que dá lugar a metaphysica

(20) *Religion Naturelle*, pag. 35.

religiosa, ainda a que promette ser cautelosa e reservada. Vê-se pois que apezar de suas confissões e concessões, o philosopho permanece no terreno da theodicêa phantastica.

Pouco importa que elle pareça convencido da incomprehensibilidade divina, desde que esta convicção não tem força para impor-lhe silencio, e fazel-o recuar diante do vasto mysterio. No empenho de harmonisar as suas concessões com as suas pretensões, chega a dizer banalidades, como estas : « Deus não é contrario á razão ; é-lhe superior. Elle é incomprehensivel á razão, não lhe é inteiramente inacessivel. » Eis ahi o que se chama brincar com as palavras.

Conceder que Deus é incomprehensivel, mas não inteiramente inacessivel... que quer dizer isto ? que prova isto no meio da lucta dos que negam e dos que affirmam a possibilidade de uma theodicêa ?...

Se Deus não é inteiramente inacessivel á razão, em que consiste a parte de accessibilidade ? E quando se vai determinar essa parte, não se corre o risco de attribuir a Deus o que lhe não pertence, de tomar por divino o que divino não é ? Jules Simon illude-se a si mesmo. Como que suffocado no frondoso de tantas palavras arvoradas em torno de uma these infundada, quando respira, é um erro, uma contradicção ou uma cousa que não se entende.

Dá que Deus seja superior á razão, dá que elle seja incomprehensivel, mas não admite que dahi se deduzam motivos de duvidar da legitimidade do pouco que se pôde saber a tal respeito. Ouçamol-o.

« Deus é o unico ser cuja existencia se affirma e cuja natureza não se comprehende ? Não acontece, por exemplo, que as sciencias physicas estabelecem um phenomeno longo tempo antes de achar a sua explicação ?... Não ha presentemente phenomenos que ninguem ainda explicou, e que desespera-se de explicar em tempo algum ?... Se na natureza, isto é, se no que é necessariamente limitado e imperfeito, nós reconhecemos a existencia de verdadeiros mysteiros insondaveis para a razão humana, porque aberração quereríamos que o ser perfeito não tivesse abysmos para o nosso pensamento (21). »

(21) *Religion Naturelle*, pag. 40.

Em seguida o philosopho expõe factos de diversas ordens que tambem são incompreensíveis ; chama á sua presença as sciencias de observação mais adiantadas, para forçar-as a confessarem que ellas não comprehendem aquillo mesmo que faz o seu objecto, e por isso não ha direito, nem para ellas nem para alguem em seu nome, de levantar questão sobre a incompreensibilidade divina. E' incontestavel que todas as cousas, ainda mesmo aquellas que nos parecem mais claras, têm os seus pontos myste-riosos. Mas quem nos assegura que o que ha de incompreensivel nas cousas, não sejam realmente o lado onde ellas tocam a Deus, que a sua incompreensibilidade não seja uma face do incompreensivel divino ? !... A physica reduz os factos particulares a um facto geral, a uma lei, por exemplo, a gravitação, mas que é a gravitação ?

A physica não sabe, direis vós. Eis ahí pois um ob-jecto incompreensivel.

Não vos regosijeis ; ella vos pôde responder. Sim, é um facto incompreensivel, pela simples razão de que elle se prende ao proprio Deus !... Quando pois o philosopho insiste na incompreensibilidade das cousas, mal sabe que compromette a sua causa, tornando cada vez mais intensa a incompreensibilidade divina. E neste caso os seus argumentos são de uma parvoice estupenda, pois que se reduzem a isto : as outras sciencias não devem oppor á philosophia que Deus é incompreensivel, já que ellas mesmas provam que elle é incompreensivel !

E' irrisorio ! Ou se contemple o espectáculo do uni-verso, ou se examine o mais humilde e insignificante ob-jecto da natureza, Deus se esconde muitas vezes por detraz de um. Porque ? Deus é uma vasta pergunta que ainda não teve resposta, porque tem sido feita aos abysmos mudos. Será bom que a philosophia não se gaste com tão loucas tentativas.

Deus é um nome que só tem vocativo.

Em suas affirmações e refutações, o nosso philosopho chega a tal ponto que poderíamos cital-o para combatel-o. Indigna-se contra o anthropomorphismo dos que querem fazer Deus semelhante ao homem, conferindo-lhe faculda-des humanas em um gráu infinito ; e, buscando a causa

deste erro, acha ser o falso principio de que deve existir na causa tudo que existe no effeito.

O que, porém, ha de verdadeiro, a seu vêr, é que a causa tem um poder igual ou superior ao effeito; que Deus sendo a causa do homem não pôde ser menos perfeito que elle (22). Temos de novo aqui um desperdicio de palavras que nada trazem de rasoavel e convincente.

Ponhamos de parte a questão psychologica e ontologica da realidade das causas; ainda assim não é principio certo que a causa deva ter um poder igual ou superior ao effeito.

Pois que as outras nos escapam, nós só conhecemos que pareça ou mesmo seja superior aos seus effeitos, a causa que somos. Mas tirar deste facto um principio para applical-o a Deus, é commetter igualmente o erro, contra o qual, ha pouco o philosopho se revoltava. E commette-o ainda mais gravemente, dizendo que Deus sendo a causa do homem, não pôde ser menos perfeito que elle, porque assim estabelece comparações entre Deus e o homem, e suppõe sabido o que não se sabe, isto é, quaes sejam as perfeições do effeito, para serem concebidas na causa, e por outro lado, não faz mais do que converter gratuitamente uma hypothese em these, visto que ainda não mostrou se a causa é distincta e separada do effeito, nem qual a verdadeira relação que os deve prender.

Além d'isto, no decurso de sua obra, o auctor exhibe argumentos para provar que Deus é providente, que elle governa o mundo. Onde achou, perguntar-lhe-hemos, as ideias de providencia e de governo?... Como entende-as e fal-as applicaveis a Deus senão por meio de comparações e relações de semelhança com o homem e com a sociedade?...

Ora tudo isto não passa de um anthropomorphismo espirital; será tudo, menos uma sciencia.

Vamos terminar; mas não devemos deixar de fazer uma breve observação.

(22) *Religion Naturelle*, pag 55.

Por mais livre que seja o nosso modo de opinar, temos a convicção de que o olhar mais perspicaz, se bem attender, não descobrirá em nosso escripto um ataque directo ou indirectamente feito ás crenças religiosas geralmente recebidas. Se algum existe, e confessamos que ha, é sómente dirigido ás crenças metaphysicas e theologicas, abstractas eimprocedentes, que nada têm de commum com a religião e com o sentimento religioso. (23)

(23) Este ensaio, que é de 1869. marca a passagem definitiva de T. Barretto da velha intuição do espiritalismo francez para o naturalismo de Häckel e Noiré,—Como critica subtil e profunda da *theodiceia* de antigo estylo não ha em lingua nenhuma nada superior. (N. de S. R.)

XXXIX

Relatividade de todo conhecimento

A primeira proposição do programma pretende estabelecer como verdade a relatividade dos conhecimentos humanos.

Parece á primeira vista que nenhuma duvida se pôde levantar sobre tal ponto. Desacreditada a pretenciosa ontologia metaphysica e quasi reduzida a proporções de velha mythologia, que tem perdido o seu primitivo encanto poetico, é explicavel que a ideia da relatividade de todo o saber humano viesse substituir o antigo prejuizo dos principios absolutos e absolutas verdades.

Mas é mister que nos entendamos e tratemos logo de prevenir-nos contra um grande erro, que pôde resultar de uma má interpretação do programma.

Elle começa por dizer que os conhecimentos humanos são relativos. Se com isto quiz apenas significar que os nossos conhecimentos estão na dependencia de certas condições, sem cujo preenchimento elles não pôdem ser completos, e porque taes condições nunca serão perfeitamente preenchidas, tambem elles nunca estarão no caso de se chamarem perfeitos, se esta é a ideia vizada pelo programma, nenhuma contestação.

Não é crível, porém, que a isto se quizesse restringir a proposição mencionada.

A ideia da relatividade de todo o saber não é uma ideia nova ; pelo contrario é quasi tão velha como a philosophia. Entretanto, neste seculo, e mesmo em nossos dias, ella parece ter tomado um caracter novo. Pelo menos é certo que philosophos notaveis não se têm dignado de consumir, por amor della, muito papel e muita tinta, posto que nenhum proveito sensivel nos tenha advindo de semelhante gasto.

E' na Inglaterra principalmente que, nos ultimos tempos, a theoria da relatividade do saber tem sido professada e discutida com particular predilecção. Quem primeiro alli apresentou-a com uma certa insistencia (refiro-me aos tempos actuaes) foi Hamilton, que aliás não teve coragem de sustental-a em todas as suas consequencias.

Na obra de Stuart Mill sobre a philosophia de Hamilton ha dois capitulos (II e III) consagrados á elucidação desta doutrina.

Sobre tudo interessante é o II capitulo, porque nelle vêm expostas concisa e claramente todas as diversas nuanças da theoria em questão.

Porém é de suppôr que este distincto pensador, a despeito de sua grande sagacidade, deixou despercebido um ponto essencial na affirmação da relatividade dos nossos conhecimentos.

Mill opina que essa relatividade consiste no facto de que nós só podemos conhecer as nossas proprias affecções e nossos estados intimos. Por isso, para elle, os extremos relativistas são aquelles, que affirmam que nós não só nada conhecemos além dos nossos proprios estados, como tambem que nada mais temos, nada mais ha a conhecer.

Mas isto envolve um engano. Com a relatividade do saber admite-se um elemento de *inverdade*, de imperfeita validade objectiva.

Affirmar que os nossos conhecimentos são relativos só tem sentido sob o presuppuesto de que as *coisas em si* não são taes, quaes são para nós, e que só podemol-as conhecer taes quaes ellas nos apparecem.

Negando-se esta distincção, todo o saber é de certo relativo a nós, mas esta relatividade não implica então nenhuma inverdade dos conhecimentos, nenhuma limitação da sua validade.

O saber seria então absolutamente verdadeiro. Mas quando se diz que os conhecimentos humanos são relativos, o que se quer affirmar é justamente o contrario d'aquillo, é que absolutamente verdadeiro não é o nosso saber.

Esta theoria da relatividade formou-se em opposição á consciencia commum, e este ponto não deve ficar esquecido.

O homem, que não reflecte, crê: 1.º que elle conhece as cousas exactamente como ellas são em si; 2.º que estas cousas existem justamente como são conhecidas, independentes do conhecimento; são objectos em si, absolutos, sem relação a nós.

Foi a inconciliabilidade destas duas a serções que provocou os primeiros escrúpulos scepticos.

Já na Grecia Protagoras dissera que o homem *é a medida de todas as cousas, das que são, como ellas são, das que não são, como ellas não são*; e por este modo levou a doutrina da relatividade aos seus extremos limites.

Porém é de notar que quando assim se leva tão longe esta theoria ella converte-se no seu contrario e dá aos nossos conhecimentos uma validade e verdade illimitadas, que de todo se oppoem aos factos.

A these de Protagoras implica necessariamente que os objectos cognosciveis não se distinguem do conhecimento que temos delles, pois que a não ser assim, o sujeito cognoscente não poderia ser medida de tudo, se o conhecimento e seu objecto não são duas, mas uma só cousa, então não se pôde mais fallar de relatividade. Uma relação, se esta palavra tem um sentido, não é concebivel sem duas cousas, entre as quaes a relação exista, e sem relação naturalmente não é possivel relatividade alguma.

Os relativistas modernos approximam-se de Protagoras. Porém nós acabamos de vêr onde pára o *protagorismo*.

A doutrina da relatividade só tem senso racional, nas duas seguintes hypotheses: 1º, que os objectos cognosciveis são determinados pela propria natureza do sujeito cognoscente; 2º, que elles, justamente por causa desta sua relatividade, não representam a verdadeira, absoluta essencia da realidade.

Que se deve entender, quando se diz que os objectos cognosciveis são relativos ao sujeito, estão em necessaria relação com elle? Sómente isto: que na essencia dos mesmos objectos ha alguma cousa que os prende ao sujeito, uma originaria adaptação daquelles ás leis deste.

A relatividade do saber encerra dous momentos, diz A. Spir: primeiramente, o conhecimento dos objectos

dados como cousas externas no espaço só é valioso, com relação ao ponto de vista da consciencia commum, mas objectivamente ou em si inexacto, não verdadeiro. Conforme a expressão de Kant, as cousas tem no espaço só uma realidade empirica, nenhuma realidade transcendental. Em segundo logar, os objectos empiricos são simples phenomenos, não apresentam a realidade em sua essencia originaria, absoluta, porém na fórmula estranha da pluralidade da mudança e da antithese ou dualidade de sujeito e objecto de conhecimento.

Eis ahí o que se póde dizer, em nome da philosophia ainda que em ligeiros traços a respeito da affirmação que os nossos conhecimentos são relativos.

Entretanto, dou-me pressa em confessar que a questão da relatividade, assim concebida, e só assim é que regularmente deve sel-o, não tem muito cabimento na sciencia, de que nos occupamos. Mal se descobre a ligação que possa haver entre esta these e as de mais que lhe succedem no encandeamento logico do systema.

Para ter alguma razão de ser é mister consideral-a no sentido de *limitação*. Todos os nossos conhecimentos são *limitados*. E dois são estes limites, diz Dubois Reymond : um consiste em que nós não podemos saber o que é força e materia; o outro em que não podemos saber, como dos atomos e seu movimento póde nascer uma sensação... (1)

(1) Estes apontamentos para uma lição n'um dos cursos da Faculdade de direito são de 1885. (N. de S. R.)

XI.

Recordação de Kant

I

Não ha dominio algum da actividade intellectual, em que o espirito brasileiro se mostre tão acanhado, tão frivolo e infecundo, como no dominio philosophico.

E' certo que todas as outras manifestações da nossa vida espiritual dão tambem testemunho de uma singular e incomparavel fraqueza. Mas é sempre dar testemunho de alguma coisa. Um certificado de doença é em todo caso menos triste que um certificado de morte.

Assim não temos poetas nem artistas de merecimento; mas a poesia e as artes secultivam entre nós. Não podemos lisongear-nos de possuir um só jurista de estatura européa, como o Chili possue o seu Calvo, e os Estados Unidos o seu Dudley-Field; porém ao menos é certo que o direito constitue uma das nossas mais constantes occupações intellectuaes.

Sciencia, historia, litteratura, tudo isto é futil; mas seria uma injustiça querer exprimir tudo isto por meio de uma formula absolutamente negativa. No fundo da critica fi-a sempre algum residuo, que ainda póde servir de fermento a mais serias e mais dignas produções futuras.

Com a philosophia o caso é bem diverso. Se nas outras espheras do pensamento, somos uma especie de *anthropoides* litterarios, meio-homens e meio-macacos, sem caracter proprio, sem expressão, sem originalidade, no districto philosophico é ainda peor o nosso papel: não occupamos lugar algum; não temos direito a uma classificação.

Este meu modo de ver não é novo. Ha treze annos (1874), escrevendo um ligeiro artigo sobre Eduardo von

Hartmann, e depois de bem accentuar a nossa absoluta ignorancia em assumpto de philosophia, ja eu ousava dizer o seguinte :

« Posto que pareça. não exagero ; não altero, nem n'uma virgula, a objectividade dos factos. Na verdade, que é a philosophia entre nós? Simplesmente o nome de um preparatorio, que a lei diz ser preciso para se fazer o curso de certos estudos superiores.

« Fôra disto, ninguém ha que se interesse, que tome ao serio qualquer esforço de applicação e cultura philosophica. O ensino dessa disciplina, publico ou particular, é uma coisa misera, e frivola em sua miseria. Um exemplo basta para confirma-lo ; mas esse é decisivo : por que titulo se distingue o lente de philosophia do collegio Pedro II? Sob que fôrma já se manifestou a sua sciencia? Quem sabe como elle pensa? Indubitavelmente estas perguntas e suas respostas põem a descoberto, de modo irremediavel, uma das faces negras do nosso estado de mendicidade espiritual. » (1)

Não ficou ahí. Um anno depois na redacção do curioso journalsinho intitulado *Deutscher Kaempfer*, que tanto deu que fazer á confraria dos parvos, ainda escrevi estas palavras:

« O que de melhor se pôde dizer a tal respeito é affirmar que o ponto de vista philosophico do nosso pretendido mundo sabio é caduco e imprestavel. Nem ha duvida que até as estrellas de primeira grandeza, os celebres pensadores e escriptores, só se assignalam pela sua fé implicita no velho Deus da theologia e da egreja. Nada sabem,

(1) *Um signal dos tempos*, n. 7. Escada, 1871.

E' preciso entretanto observar que nessa época o collegio Pedro II ainda não contava no seu corpo docente o insigne talento de Sylvio Romero, que é alli presentemente professor de philosophia. Mas tambem aproveito a occasião para dizer que Sylvio Romero mesmo ainda me serve de prova do nenhum valor, que tem no Brasil os estudos philosophicos. A influencia mesologica foi perniciosa ao illustre professor. Reconhecendo a impossibilidade de uma reacção benefica, elle viu-se obrigado a ser *rotineiro*, a ensinar sómente pelo esterilissimo programma da philosophia official. O resultado era inevitavel : das materias que elle cultiva é hoje a philosophia a que tal vez menos preoccupa o seu elevado espirito.

nada comprehendem do desenvolvimento da vida espiri-
tual da actualidade...

« Uma coisa sómente resta observar : é que com essa enorme ignorancia caminham emparelhados o orgulho e o desprezo dos grandes feitos scientificos estrangeiros, principalmente allemães... »

O fim do meu escripto fôra contribuir para elucidar a questão de saber se já tínhamos chegado ao ponto de considerar a metaphysica inteiramente morta, como então pretendiam e ainda hoje pretendem os positivistas de todos os feitos. Neste sentido continuei :

« Se actualmente nenhum homem culto pôde desco-
nhecer que o dogmatismo da philosophia moderna, ou a metaphysica, foi espedaçado por Hume, cuja critica inexoravel coube a Kant concluir em mais larga extensão e com maior profundeza, não deixa de causar admiração o grande espanto, que estas verdades triviaes ainda estão no caso de despertar entre nós.

« Com effeito, bem antes que Augusto Comte, o fundador do positivismo em França, enxotasse o *absoluto* para o paiz das chimeras, já Hume tinha derrubado todo o edificio metaphysico:

*Turrim in præcipiti stantem, summisque sub astra
Eductam tectis....*

« E desde esse tempo, como diz Hermann Hettner, é geralmente reconhecido que a proeza intellectual de Hume constitue uma das phases mais importantes do pensamento humano. Realmente foi a duvida do grande philosopho escossez sobre a validade dos juizos syntheticos em geral, que tornou-se o movel e o fôco das profundas indagações de Kant. Este philosopho mesmo confessava que a lembrança de Hume fôra quem primeiro o despertára do seu somno dogmatico... » (2)

Eis ahi. Ha tanto tempo que estas linhas foram traçadas, e com tudo, no que diz respeito á nossa ineptidão para o estudo da philosophia, ainda conservam o frescor

(2) *Deutscher Kaempfer*, n. 1. Recife. 1875. Vide *Menores e loucos*, 2ª edição, pag. 130 (nota).

da actualidade. E' um velho diagnostico, hoje reforçado e confirmado por um novo exame do doente.

Mas é um trabalho superfluo querer demonstrar que o sol não é frio, ou que o Brasil não tem cabeça philosophica. Renuncio ao prazer e á gloria de tal demonstração. (3)

II

Ainda não ha muito tempo que a philosophia, nos paizes mesmos do seu maior cultivo, e onde mais rica se mostra a sua historia, se resentia de um geral descredito

Não apparecia uma nova obra philosophica, que a critica não tratasse logo de confrontar com essa indifferença publica, já tida em conta de uma verdade axiomática, ou para fazer-lhe a censura de vir augmentar o sentimento dominante, ou para tecer-lhe o elogio de que ella seria capaz de arredal-o, capaz de reanimar o interesse pela velha e abandonada philosophia.

Este facto, que é incontestavel, prende-se a duas causas principaes : por um lado, o fiasco immenso do systema de Hegel, que em sua pretensão satanicamente orgulhosa de construir e comprehender o universo, segundo a dialectica do conceito, acabou por destruir a si mesmo, dividindo-se em escolas e direcções antagonicas, em que os discipulos, depois de terem rasgado e partilhado entre si a capa do mestre, tornaram ainda mais patente a insustentabilidade da sua doutrina ; por outro lado, o surto que tomaram as sciencias naturaes, filhas da observação e da

(3) Em honra da verdade, é preciso confessar que o Brasil já teve um philosopho extraordinario : foi aquelle menino insigne, filho do auctor dos *Factos do Espirito Humano*, de quem este se occupa em um dos ultimos capitulos da sua obra ; creança maravilhosa, de um genio philosophico muito superior ao de seu pae, que na tenra idade de oito annos já sabia dar uma definição de Deus, capaz de fazer *impallidir i filosofi*, como diria Gallupi. Realmente esse menino prodigioso, se não tivesse morrido, seria hoje a maior gloria litteraria do Brasil; como tambem se-lo-hiam alguns outros, que por ahi andam já maduros e experimentados, se não tivessem vivido ; deixando então aos paes philosophos o cuidado de nos contarem as maravilhas de sua precocidade philosophica.

experiencia, e como taes quasi sempre avêssas a todo e qualquer *apriorismo* especulativo.

O hegelianismo, sobretudo, que chegára a assumir o character de uma philosophia da philosophia, o remate e a corôa de todos os systemas anteriores, concorreu em grande escala para desviar os espiritos da senda philosophica e infiltrar-lhes um novo gosto e uma nova direcção.

Com effeito : a philosophia de Hegel, superficialmente apreciada, se apresentára como um *harmonismo* universal, que não admittia fóra de si antithese alguma, que tinha pelo contrario vencido e conciliado em si mesmo todas as antitheses.

Na realidade porém, e depois de uma analyse mais exacta, ella se mostrou um perfeito modelo de contradicções, um exemplar de confusão cahótica.

A philosophia de Hegel queria ser uma conciliação absoluta do pensamento e da realidade ; mas acabou por ser uma volatilisação espiritualistica do *real* e uma corrupção methodica do puro pensamento. Ella pretendia ser medianeira entre a liberdade e a necessidade, entre a intuição antiga e a intuição moderna, entre todas as cousas emfim, que até então haviam passado por absolutamente inconciliaveis ; porém, no fundo, nada conciliou. Todos os seus processos de harmonisação são outros tantos brinquedos de um espirito que se diverte em excitar a guerra de tudo contratado, só para ter o prazer de propôr e formular a paz.

Já se vê que, chegando a este ponto, sendo esta a ultima phase da sua evolução multi-secular, a philosophia estava exausta, a sua bancarrota era inevitavel. Ella devia dissolver-se, e effectivamente a dissolução deu-se dentro da escola mesma por meio das proprias forças inherentes ao systema.

Foi assim que depois da morte de Hegel (1831) a especulação philosophica na Allemanha perdeu quasi de todo o seu valor de outr'ora. Os espiritos estavam presos de uma tendencia bem diversa. As obras de philosophia que foram publicadas daquella época em diante, ou passaram inteiramente despercebidas, ou só mui posteriormente, quando já havia começado o novo periodo de

relações harmonicas entre as sciencias naturaes e os estudos philosophicos, poderam despertar a attenção geral.

O quarto, quinto e sexto decennios deste seculo contam alli bem poucos philosophos do velho cunho; e esses poucos mesmos são todos de character episodico, sem influencia notavel sobre os destinos da philosophia.

Predominava então a critica soberana. Não eram Hegel e Schelling, nem Herbart e Krause, mas eram Strauss e Baur, Feuerbach e Arnold Ruge, que estavam na ordem do dia.

Entretanto por esse tempo o *eclectismo* na França ainda conservava a cabeça erguida e ao lado d'elle, posto que principalmente volvida contra elle, a philosophia catholica, pelo orgão dos Bautain, Guiraud e consortes, accumulava tôlices sobre tôlices, que então valiam por verdades preciosas, porém actualmente só podem causar riso a qualquer leitor desprevenido.

Augusto Comte ainda não se tinha feito notar. A revolução que elle produziu ou pretendeu produzir contra as theorias philosophicas vigentes, só depois de sua morte principiou a tomár um certo incremento.

De modo que justamente ao tempo em que na França de 1857 em diante, a philosophia especulativa ou a metaphysica entrou a ser posta no numero das cousas peremptoriamente acabadas, já a Allemanha havia atravessado o periodo da desconsideração e menos preço das indagações philosophicas, e tratava agora de estabelecer uma nova e duradoura alliança entre a mesma philosophia e as sciencias naturaes.

O que ha porém de mais notavel, é que, para entabolar essa alliança, as sciencias acceitaram de preferencia a philosophia de Kant. Os systemas, que evolutivamente sahiram do kantismo, tornaram impossivel qualquer accôrdo neste sentido. Todas as questões que hoje se suscitam e discutem no terreno das sciencias naturaes inclusive a mathematica, defrontando com a philosophia, couduzem necessariamente aos fundamentos do systema kantesco, como um campo de operação commum.

E dos chefes reconhecidos das escolas scientificas nenhum empenhou-se mais cedo, nem com mais perseverança, do que Helmholtz, para que se fizesse justiça á memoria de Kant, como tambem nenhum outro mostrou mais interesse pela reanimação dos esforços philosophicos, que são dignos deste nome, e não de todo imprestaveis, como os desvarios dos chamados philosophos da natureza, Hegel Schelling e seus aventureiros caudatarios.

Assim quando elle primeiro deu publico testemunho do seu respeito para com o mestre de Koenigsberg, nos annos de 1854 e 1855, não pertencia ao costume geral fazer referencia á philosophia, em qualquer das suas manifestações; e Helmholtz mesmo tinha bem consciencia de ir de encontro ao pensamento da moda, como o demonstram as palavras introductorias da sua conferencia *Ueber das Sehen des Menschen*. (1855)

No seu *Handbuch der physiologischen Optik* (1867) ainda elle falla da... « negação da nossa época para as pesquisas philosophicas e psychologicas. » O protesto lavrado naquella conferencia de que não eram *considerações exteriores* ou um *occulto antagonismo*, mas *completo reconhecimento e alto respeito*, os moveis que o impelliam a dar expressão á sua veneração para com Kant, esse protesto foi sufficientemente confirmado por meio das publicações scientificas posteriores. A *Optica physiologica*, por si só, offerece muito mais do que simples testemunhos oratorios em prova de que era com effeito a propria disposição do assumpto, que ao lado do interesse naturalistico despertava igualmente o interesse philosophico.

O reconhecimento não só da capacidade de Kant, mas tambem dos resultados a que elle chegou, no tocante á faculdade de conhecer, apparece de novo na *Optica* assim como nos outros escriptos do grande naturalista, de caracter mais popular, que mais tarde foram publicados. E dest'arte, quando se trata das relações entre a philosophia e a exacta indagação, não ha injustiça em considerar Helmholtz como o mais apropriado representante da ultima, em frente de Kant, que ainda é quem melhor e mais dignamente representa a direcção philosophica.

E' mister todavia observar que a palavra philosophia deve ser aqui tomada em sentido restricto, significando unicamente aquella parte da sciencia, que se occupa da theoria do conhecimento. Não se trata da esthetica, nem da ethica, mas sómente da primeira das tres questões formuladas por Kant, nas quaes se concentra, segundo elle mesmo se exprimiu, todo o interesse da razão, tanto especulativa, como pratica; e a questão é a seguinte: *que posso eu saber...?* (4)

Ora o problema d'esta parte da philosophia kantessa, bem como de qualquer verdadeira philosophia, foi

(4) Merece aqui uma apreciação particular o modo por que o chefe do positivismo francez julgou o auctor da *Crítica da razão pura*. No primeiro volume do *Cours* (pag. 112) Augusto Comte, que certamente nunca tinha lido Kant, pois os termos da sua critica mesma dão a conhecer que elle fallava de outiva, attribuiu ao philosopho allemão a divisão geral das ideias humanas segundo as duas categorias da *quantidade* e da *qualidade*... Mas é uma falsa attribuição, proveniente sobretudo da ignorancia de Comte sobre o conceito da *categoria* na linguagem philosophica de Kant. Com effeito: eu ousou perguntar, já não a Comte, porém aos seus mais fanaticos discipulos de aquem e de além mar: em que parte das obras do philosopho tedesco está escripto que as *ideias* humanas se dividem d'aquelle modo? Vamos lá; respondam; quero ver isso. E se é certo que Kant nunca fez semelhante divisão, que juizo deve-se formar da seriedade scientifica do tal Sr. Augusto Comte?...

Mas o melhor é o seguinte. Em uma das ultimas lições (vol. 6, pag. 619) Comte diz: *Le plus grand des métaphysiciens modernes, l'illustre Kant, a noblement mérité une éternelle admiration en tentant le premier, d'échapper directement à l'absolu philosophique par sa célèbre conception de la double réalité, à la fois objective et subjective qui indique un si juste sentiment de la saine philosophie.* » E' um pedaço interessantissimo. Salta aos olhos a falta de comprehensão da reforma de Kant. Dizer que este philosopho foi o primeiro que tentou escapar ao *absoluto*, é um erro pueril, já porque antes d'elle, outros tinham feito a mesma tentativa, já porque Kant não se limitou a querer evitar o *absoluto*; elle o eliminou totalmente do dominio da philosophia como objecto de conhecimento.

E, além d'isto, ainda affirmar que esse grande merito de Kant proveio da sua celebre concepção da *dupla realidade*, ao mesmo tempo *objectiva* e *subjectiva* é um disparate inqualificavel. E' imputar ao philosopho allemão um *dualismo*, que está em perfeita opposição com a ideia capital da sua theoria; *dualismo* que entretanto não exclue o absoluto. Os philosophos dogmaticos, os metaphysicos propriamente ditos, que fizeram do mundo hypersensivel objecto de serios estudos foram pela mór parte *dualistas*. De tudo isto se depreheende que Augusto Comte fallou de Kant, como fallou de muitas outras cousas, ignorando-as completamente; mas julgava poder apreciar-as por uma especie de intuição prophetica, propria do seu caracter de salvador do espirito humano!...

excellentemente assignalado por Helmholtz na mencionada conferencia com as seguintes palavras :

« A philosophia de Kant não teve em mira augmentar o numero dos nossos conhecimentos por meio do puro pensamento ; por quanto o seu principio supremo é *que toda e qualquer noção da realidade deve ser bebida na experiencia* ; mas o seu unico intuito foi o de inquerir as fontes do nosso saber e o grau da sua legitimidade ; trabalho este, que ha de sempre pertencer á philosophia, e ao qual nenhuma época poderá impunemente subtrahir-se. » (5)

A perfeita conciliabilidade da philosophia com as sciencias naturaesahi se acha claramente formulada pela limitação dos dois dominios, em face um do outro.

Mas essa conciliabilidade e essa limitação não querem dizer, nem que a philosophia deva conformar-se com todas as induções das sciencias naturaes, ou que estas devam gyrar sómente dentro do plano traçado por aquella, nem tambem que seja vedado ao naturalista lançar um olhar philosophico sobre o seu campo de observação, ou ao philosopho penetrar, como indagador, nos reinos da natureza.

III

Neste pé se achavam na Allemanha as relações entre os dois grandes ramos do saber, quando uma das primeiras auctoridades nas sciencias exactas, o professor de astronomia physica, Frederico Zoellner em Leipzig, publicou o seu celebre livro *Ueber die Natur der Kometen ; Beitræge zur Geschichte und Theorie der Erkenntniss* (1872).

Nesta obra o notavel professor mostrou ser indeclinavel o intimo accordo, o consorcio da exacta investigação com a philosophia, semelhante, como elle mesmo diz, á reconciliação de dous amantes, que estavam ha tempo arrufados e separados, em consequencia de reciproco erro.

(5) *Ueber das Sehen des Menschen*, pag. 5.

Zoellner colloca um eterno laurel na frente da philosophia, provando que ella, por caminho puramente especulativo, presentiu e antecipou as mais importantes descobertas, que as sciencias naturaes só muito mais tarde vieram a fazer pela indagação experimental. O *apriorismo* especulativo da lei da causalidade, admittido por Schopenhauer, acha a sua confirmação empirica na *Physiologia da Optica* de Helmholtz; e o naturalista Wallace reforçou, por meio de factos, o que Schopenhauer havia estabelecido pela demonstração metaphysica sobre *materia, força e vontade*.

Em um capitulo especial, o ultimo de seu livro, Zoellner se occupa de « Immanuel Kant e sua benemerencia para com as sciencias naturaes. » Por meio da prova do verdadeiro espirito scientifico e genio «quasi prophetic» do philosopho de Koenigsberg... » deve-se tirar da moderna geração de naturalistas o prejuizo que se lhes inoculou contra tudo que se chama philosophia, e incutir-lhes de novo a fé, que já vai perdida, na fecundidade e necessidade de uma cultura philosophica racional, até em bem do progresso nas sciencias naturaes. »

Com esta obra de Zoellner, que fez época, não se esgotam, entretanto, os documentos em favor da actual significação da philosophia, em favor do novo reconhecimento da sua indispensabilidade.

Scientificamente talvez de não maior importancia, mas em todo caso de ainda maior influencia sobre a cultura geral, poderia considerar-se o resultado surpreendente, a que chegou, antes mesmo de Zoellner, o mais avultado de entre os sabios materialistas dos novos tempos, Ernesto Haeckel, em sua *Natuerliche Schoepfungsgeschichte* (1868).

Esse resultado culmina-se no arredamento do *dualismo*, até então mais ou menos dominante, de espirito e materia; e não de certo pela subordinação de um principio ao outro; por conseguinte nem em favor do materialismo, nem em favor do espiritualismo. O corpo mesmo é o espirito desconhecido, o espirito, porém, é o desconhecido no corpo, e a natureza, com o espirito que nella impera, uma *unidade* metaphysica. Tornar comprehensivel

esta *unidade*, construir o seu *conceito*, é o problema que Haeckel entrega a uma nova philosophia, sob o titulo de *monismo*.

Mas não devo deixar inobservado que o illustre professor de Jena não foi sempre coherente comsigo mesmo no desenvolvimento da sua doutrina. Antecipando á philosophia no modo de comprehender a unidade metaphysica da natureza, elle acabou por eliminar o espirito em proveito da materia, e o seu monismo degenerou em puro *mecanismo*. (6)

Fallando deste sabio e dos seus trabalhos naturalisticos, diz Eduard von Hartmann: « Haeckel era bastante allemão, para reconhecer francamente que a nova theoria da procedencia das especies, umas das outras, e da unidade do tronco genealogico do reino organico, não pertence mais ás sciencias naturaes, que já é propriamente philosophia da natureza, e só pôde sair de uma mistura de base empirico-scientifica e especulação philosophica. Elle honrou de novo perante as sciencias naturaes a philosophia ha tanto tempo desdenhada, e forneceu mesmo em sua *Generelle Morphologie* preciosissimas contribuições, em diversos sentidos, para a philosophia da natureza.

« Infelizmente porém este acolhimento da philosophia não chegou até ao ponto de desvial-o do prejuizo do tempo, a intuição mecanica do mundo, e este prejuizo domina-o por tal modo, que até hoje o tem impedido de se apropriar as restricções e ratificações, cuja necessidade o mesmo Darwin tem confessado com uma admiravel abnegação em puro amor da verdade. » (7)

São palavras magistraes, a que nada se pôde accrescentar, pois encerram a mais perfeita caracteristica do sabio naturalista. Além disto, ellas servem ainda de prova da verdade anteriormente enunciada, de que ao

(6) Vide mais adiante, n'este livro o estudo intitulado *Variacões anti-sociologicas*, para melhor comprehensão de Häckel. Vide tambem n'este livro, no estudo sobre *litteratura comparada*, para melhor comprehensão de Kant, a parte que se lhe refere; pag. 131 a 140. (N. de S. R.)

(7) *Wahrheit und Irthum im Darwinismus*, pag. 150.

philosopho não é vedado medir com olhos de investigador os dominios da natureza. O exemplo de Hartmann é eloquentissimo.

Entretanto, e por maior que seja a veneração que tributo ao grande auctor da *Philosophie des Unbewussten*, não posso concordar com Heinrich Landsmann, a quem aliás sou devedor de alguns esclarecimentos sobre o presente assumpto, quando diz que o primeiro systema de philosophia monistica, reclamado como uma necessidade para completar o edificio das sciencias naturaes, de que Haeckel pôde ser considerado o genial architecto, foi o systema de Hartmann.

E' uma falsa apreciação esta, que se complica de uma grave injustiça. Sem fallar de philosophos anteriores, como Schopenhauer, que teve a mais viva intuição da unidade do espirito e da natureza, ou como Lazarus Geiger, que presentiu mais de uma verdade hoje corrente e assentada entre os naturalistas, importa ainda assim reconhecer que a *Philosophia do inconsciente* não é a mais apta para formar a cupola do edificio.

E' certo que ella se vangloria de proceder, segundo o rigoroso methodo scientifico; mas acho um pouco infundada semelhante pretensão. Pelo contrario: o hypothetico, o inverificavel, o phantastico mesmo representam nella um papel assás consideravel e de nenhum modo adequado ao rigor e exactidão da sciencia.

O proprio Haeckel, que rendeu preito ás excellentes observações e profundas ideias do auctor, não duvidou apoiar a critica que fizeram á philosophia de Hartmann, accusando-a de confundir sob a expressão de *inconsciente* uma porção de cousas as mais diversas, que necessitam de uma analyse discriminadora; e a final para elle essa philosophia, considerada em sua totalidade, não tem força para sustentar-se, ainda que nella existam preciosos germens, que podem proquizar riquissimos fructos. (8)

E' pois evidente que o systema de Hartmann não resolve o problema que lhe destinou Heinrich Landsmann.

(8) *Natuerliche Schoepfungsgeschichte*. Vierte Auflage, pag. XXXIX.

Posto que viesse primeiro, e como tal pareça ter com effeito a prioridade no merito, quando sómente lhe cabe a esteril prioridade no tempo, elle desaparece diante de outro systema, de vistas mais elevadas e mais solidos fundamentos. E' o monismo philosophico de Noiré. Só este realmente está no caso de completar e corrigir o monismo scientifico de Haeckel.

Assim me exprimindo a respeito da *Philosophie des Unbewussten*, é superfluo advertir que não faço côro com criticos da tempera de um J. Fischer na Allemanha, ou de um Stiebeling nos Estados Unidos, para ambos os quaes o trabalho de Hartmann é a mais alta expressão da insensatez do espirito philosophante.

O ponto de vista destes dois escriptores é o do materialismo nú e descarnado ; e eu não ando por esse caminho. O que julgo dever contrapor á philosophia de Hartmann, não é um programm completo, uma especie de *taboa*, que não se pôde augmentar, nem diminuir, de verdades feitas e acabadas, como têm-nas os materialistas e positivistas ; mas é uma outra philosophia, bebida nas mesmas fontes, animada do mesmo espirito, e que apenas me parece mais segura em seus principios, mais certa em suas consequencias.

E um dos melhores predicaos do systema de Noiré é que elle não se presta, como o de Hartmann, a despeito de todo o seu apparatus scientifico, a uma chamada popularisação das doutrinas philosophicas.

Será sempre digna de menção a verdade expressa por Goethe : « Ha um mysterio na philosophia. Deve-se dispensar o povo de sondal-o, e o menos que fôr possivel attrahil-o com força para a indagação de taes materias. O povo contenta-se com repetir bem alto, o que bem alto lhe foi ensinado. Deste modo originam-se os mais estranhos phenomenos, e as fatuas pretenções não têm mais fim.

Um homem simplesmente esclarecido, mas um tanto rude e grosseiro, muitas vezes embebido em seu falso saber, zomba de objectos, diante dos quaes um Jacobi, um Kant inclinar-se-hiam com respeito. Os resultados da

philosophia devem vir em proveito do povo ; não se deve porém querer elevar o povo á altura de philosopho.»

Mas voltemos ao centro do nosso assumpto.

IV

Quando se trata de pôr um termo á inimidade, que até Schiller aconselhára se mantivesse ainda por algum tempo entre a philosophia e as sciencias naturaes, e appella-se para Kant, como o órgão mais sadio da especulação philosophica, ao passo que foi tambem o philosopho mais chegado ao naturalismo scientifico, muita gente toma-se de espanto, não comprehendendo como se possa conferir semelhante honra ao maior dos metaphysicos, sem duvida como o chamou Augusto Comte, mas sempre um metaphysico, e como tal representante de um ponto de vista atrazado, decrepito, inaproveitavel.

Felizmente essa muita gente é balda de todo o criterio e não tem voto para decidir em coisas sérias. Não obstante, acceito a observação, como se fosse feita por pessoas competentes, para aproveitar o ensejo, que melhor se me offerece, de elucidar uma questão interessante, da qual os positivistas fazem grande alarde, e que é para elles a verdadeira linha divisoria entre o antigo e o moderno philosophar.

Refiro-me á questão da metaphysica em geral. Effectivamente : não ha phrase mais corriqueira na bocca dos discipulos e sub-discipulos de Comte, do que o epitheto de metaphysico desdenhosamente assacado a quem quer que ousa ter uma ideia não de todo contida no *canon* positivista.

Mas entendamo-nos uma vez por todas : que é um metaphysico? O sentido desta expressão se acha determinado na historia da philosophia; não era licito a Comte, nem a Littré, nem a outro qualquer conferir-lhe uma significação, que ella nunca teve.

Metaphysico de velho estylo se diz aquelle que pretende sondar o que está fóra de toda a experiencia, sem ter-se de antemão certificado de que um tal saber seja

possivel, bem como do valor e acceitação, que elle possa ter.

Com uma admiravel confiança os metaphysicos costumam affirmar e definir o absoluto, o ultra-experimental; mas todas as suas theorias não passam de simples hypotheses e conjecturas; isto se prova até pela diversidade e contradicção reciproca dessas mesmas theorias.

Um philosopho allemão contemporaneo, A. Spir, faz a seguinte notavel observação: « Se um astrónomo quizesse levantar hypotheses sobre os habitantes de Marte e Jupiter, seus costumes, seus habitos de vida, suas instituições politicas e sociaes, todo o mundo teria esse procedimento por um gracejo e um ocioso passatempo; entretanto a metaphysica ainda é considerada por muitos como uma sciencia real e elevada.

« Mas eu pergunto: quem está em condições mais favoraveis e tem melhores razões em seu favor, o pretencioso astrónomo, ou o pretencioso metaphysico? Os habitantes de Marte e Jupiter não podem de certo entrar jamais no circulo da nossa experiencia; mas ao menos elles repousam, caso existam, no dominio da experiencia em geral, e dest'arte o arrogante astrónomo tem um longiquo vislumbre de autorisação e competencia, para concluir do que se passa entre nós, o que se passa entre elles, e dar assim um livre vôo á sua phantasia.

« Quaes são porém os pontos de apoio do metaphysico, que quer pôr-se a cima de toda a experiencia, e que deve tambem por conseguinte deixar atrás de si todas as analogias do mundo experimental? Entretanto o artificio dos metaphysicos consiste exactamente em transportar a experiencia commum para as regiões do absoluto. Eu devo confessar que julgo a direcção metaphysica na philosophia uma especie de doença, que não se pode arredar por meio de argumentos... » (9)

Nada mais claro. Ahi está perfeitamente delimitada a carta da velha metaphysica. Releva agora perguntar afoutamente: que foi que Kant affirmou sobre o absoluto, sobre aquillo que repousa além da experiencia?

(9) *Denken und Wirklichkeit*. I, pag. 5 e 6.

Que hypotheses construiu, que conjecturas formulou, que possam equiparar-se ás gratuitas supposições do astrónomo, de que falla Spir ?

Ninguém poderá aponta-las. Pelo contrario : bem longe de ser Kant um architecto de castellos aéreos, foi elle quem acabou de arrasar por uma vez o palacio encantado da velha fada, que seduzira e perdera mais de um espirito superior. E fêl-o sciente e conscientemente. A philosophia critica, obra exclusiva de Kant, não surgiu se não como antithese da philosophia dogmatica, até então dominante; e o dogmatismo philosophico é justamente a metaphysica.

Nos escriptos do philosopho encontram-se a cada passo os mais claros certificados da sua intuição inteiramente nova e diametralmente opposta ao modo de ver commum. Assim, por exemplo, elle diz : « A asserção dos metaphysicos deve ser sciencia, ou então é nada. » (10)

Em outro lugar : « Uma hypothese transcendental, na qual uma simples *ideia da razão* fosse empregada para explicar a natureza das coisas, não seria uma explicação, pois aquillo que não é bastante comprehendido em virtude de principios empiricos conhecidos, seria assim explicado por alguma cousa, de que absolutamente nada se comprehende. » (11)

Mais ainda : « Fôra do campo da experiencia, qualquer *opinião* é um brinquedo do pensamento. » (12)

Ha muitas outras passagens, em que o philosopho não hesita mesmo em reconhecer os direitos do *empirismo*, até onde elle não se torna dogmatico, mas sómente se oppõe « á indiscreta curiosidade e audacia da razão desconhecadora do seu destino, que se gaba de penetração, e de saber, lá onde cessam propriamente osaber e a penetração, que confunde os interesses praticos e theoreticos, para cortar, onde lhe convém, o fio das indagações physicas. » (13)

(10) *Prologomena*, pag. 28.

(11) *Kritik der reinen Vernunft* (edição, Kirchmann) pag. 600.

(12) *Kritik der Urtheilskraft* (idem), pag. 357.

(13) *Lange Geschichte des Materialismus*, I, pag. 21.

A' vista de taes documentos, não ha pois razão de rir na cara dos positivistas, quando ousam affirmar que Kant foi um metaphysico em o sentido de um visionario ? Não é o caso de mandal-os todos *bugiar*, desde os leões da seita até aos gatos dos nossos telhados, isto é, desde Comte e Littré até á récua de *cretins* brasileiros, amarellos, empanturrados, de leque na mão e cigarrinho na bocca, fazendo philosophia positiva, que é uma especie de *philosophia dos pobres*, nas calçadas e confeitarias da rua do Ouvidor no Rio de Janeiro ?...

A cousa é realmente singular ; e seria até capaz de fazer rir o proprio Heraclito, de quem entretanto se diz que só sabia chorar das misérias humanas. Mas ha ahi sobretudo um ponto, que merece especial attenção.

Que Augusto Comte não tivesse senso bastante para comprehender a reforma de Kant, elle que, além de não conhecel-a de perto, julgava se mesmo dispensado desse conhecimento, pois estava convencido de que a unica valiosa só era a sua doutrina, é facilmente explicavel. Porém o mesmo não succede com relação a Littré.

Este sabio, que era familiarisado com a sciencia allemã, que estava nas melhores condições de entrar no fundo da philosophia kantesca, não tem desculpa de haver deixado sem correcção o erro de seu mestre a tal respeito, limitando-se a formar dessa philosophia a mesma ideia de Comte, que a considerou do ponto de vista estreito e systematico de um crente, para quem não ha outra religião senão a sua.

Tenho plena consciencia da impressão de horror, que vou produzir ; mas não importa ; aventure-me a adiantar o juizo da historia, que será este: Littré foi um profundo lexicographo, um grande linguista, um escriptor primoroso, porém um philosopho mediocre. Não lhe coube em partilha a suprema faculdade philosophica de dar ao mundo uma dessas verdades, que geram verdades, que são sementes do futuro, atiradas no chão da historia, d'onde rebentam novos pensamentos e novas aspirações.

Não tivesse elle nascido francez, não houvesse florescido em uma época, na qual a mania do francezismo

havia attingido á sua maior altura, e talvez que o seu nome não fosse hoje conhecido.

Nem ha nisto exaggeração alguma. E' uma verdade deduzida da ordem natural dos factos, quando não surgem circumstancias particulares, que neutralisam a sua acção.

Realmente um homem, que concebia a philosophia positiva como « o conjuncto do saber humano (note-se bem: do *saber humano* !) » e este por sua vez como « o estudo das forças que pertencem á materia e das condições ou leis que regem essas forças, » um homem que assim pensava e acreditava seriamente que esse *conjuncto* e esse *estudo* existiram na cabeça de A. Comte, como existiam na sua propria, pois um foi o creador e o outro o propagador da celebre theoria ; um espirito de tal quilate é um espirito incompleto, adoentado mesmo, que posto em outro meio e cercado de outras relações, poderia até passar por um ridiculo fanfarrão. (14)

Entretanto, quero crêr que, se não fosse a falsa direcção tomada por Littré, se elle se tivesse limitado a cultivar o terreno da sciencia, livre dos presuppostos forçados da esteril e acanhada philosophia, de que se fez apostolo, muito maior seria o seu merecimento e muito mais comprehensíveis os motivos do seu renome.

Quanto a nós, porém, é o que resta liquidar, quanto a nós, os que não sujeitamos o pensamento á disciplina claustral da philosophia positiva, só existe uma razão de se nos ter em conta de metaphysicos : é justamente o não jurarmos pelo santo nome de Comte, é o não sermos positivistas !

(14) Realmente o velho sabio francez já era victima de uma especie de *monomania positivista*, e como tal produzia muitas vezes uma impressão de *bobice*, que causava dó. E' assim que já tinha chegado ao ponto de enviar *urbi et orbi* a benção papal do *comtismo*, dirigindo cartas consoladoras a todos os que nelle viam o seu *director espirituale* descobrindo por toda a parte, até nas *Farpas* do escriptor portuguez Ramalho Ortigão, *quelques directions positivistes* !

O vulto historico de Littré é semelhante a certas montanhas, que vistas por um lado mostram-se altissimas, inacessiveis, sublimes, ao passo que do lado opposto apresentam um declivio tão suave, que pode-se galgar o cimo *até a cavallo*. O collaborador de Robin, o auctor do *diccionario*, raductor de Hypocrates, é o lado escarpado e magestoso da montanha : o discipulo de Comte, porém, é a parte prosaica e rasteira que não desperta nem merece attenção.

Para um catholico de lei, o *acatholico* de qualquer especie é sempre um *herége*, um reprobado, um demonio. E' o mesmo ponto de vista dos sectarios do *contismo*, que movem-se na nevoa de ideias preconcebidas e phrases consagradas.

Em geral os positivistas não querem comprehender que o materialismo, do qual o seu systema, quer queiram quer não, é uma das ultimas fórmulas, sempre se resentiu do defeito de satisfazer-se com uma explicação do mundo, que termina precisamente no ponto onde começam os problemas da philosophia. Pôr de lado esses problemas, a titulo de enigmas inextricaveis ou bôlhas de sabão da phantasia de espiritos enfermos, que se nutrem de bagatellas, como certos animaes se nutrem de palha, é um procedimento commodo, sem duvida, porém pouco philosophico.

Os positivistas não querem comprehender que uma coisa é a metaphysica dogmatica, que converte sonhos em realidades, que *fecha os olhos para melhor vêr*, que desdenha da experiencia, quando esta vae de encontro aos seus oráculos, e outra coisa é a metaphysica reservada e consciente, que ha de sempre existir, se não como sciencia, como disposição natural e inerradicavel do espirito, segundo Kant.

E mesmo como sciencia, porque não? A mathematica explica as grandezas no espaço e no tempo, a physica os phenomenos da natureza, a experiencia scientifica em geral os factos existentes. Mas justamente por meio desta experiencia realiza-se um novo facto : o da explicação scientifica mesma.

Ou será por ventura a mathematica um facto menos real do que as suas *figuras*, a physica menos real do que os corpos, que ella observa, a experiencia emfim menos real do que os seus objectos? As sciencias exactas não pôdem negar que ellas têm uma existencia, cujo reconhecimento augmenta de dia em dia. Estes factos seriam os unicos, que não necessitam de uma explicação? Não deve portanto haver uma sciencia, que faça da explicação delles o seu alvo, uma sciencia, que considere a mathematica, a physica, a experiencia, como seus objectos, da mesma

fôrma que a mathematica tem por objecto as grandezas, a physica os corpos, a experiencia as cousas em geral?

Ou dá-se por ventura que a mathematica, a physica, a experiencia expliquem-se a si mesmas? Se não se explicam, deve haver então uma sciencia distincta e autonoma, que esteja para a mathematica como esta para as grandezas, que esteja para a physica, como esta para os corpos, que esteja emfim para toda a experiencia, como esta para os phenomenos dados.

Esta sciencia, tão necessaria como as outras, é a philosophia critica, é a metaphysica, no bom sentido da expressão. (15)

Tratando de explicar a experiencia, ella se eleva muitas vezes além deste limite, e então é a theoria, não do *absoluto*, que não pôde ser objecto de sciencia, mas do *conceito do absoluto*, da origem, da significação e do valor objectivo desse mesmo conceito.

Já se vê que, assim comprehendido, o character metaphysico é inherente á toda pesquisa philosophica, pois, como diz Edmond Scherer, a philosophia menos a metaphisica, é a philosophia menos a philosophia. (16)

Antonio Tari, o celebre professor de esthetica da universidade de Napoles, reportando-se a Schopenhauer, diz que no Tibet costumam representar uma pequena comedia theologica, na qual o Dálai Lama disputa com o archi-diabo sobre a realidade ou a idealidade do mundo. Satan, realista desavergonhado, declama sobre o infallivel testemunho dos sentidos. O Lama, respondendo, raciocina sobre a vaidade phenomenol do conhecimento. Depois de um torneio comico de razões *pro* e *contra*, os disputantes, de *commun accordo*, entregando ao azar a

(15) Kuno Fischer. *Geschichte der neuern Philosophie*, III, pags. 15 e 16. Releva aqui advertir que é este pelo menos o sentido que a metaphysica tem na Inglaterra, isto é, o da theoria de conhecimento, ou de um ramo della. Assim, por exemplo, McCosh em sua obra *The Laws of discursive Thought* (1870) diz: « The science which treats of the intuitive operations of the mind, is called Metaphysics (pag. 1) » Mas tambem segundo Lewes (*Hist. of Phil.*, I, pag. XXIII), « *Metaphysics* sometimes means Ontology. Sometimes it means Psychology. Sometimes it means the highest generalities of Physics. »

(16) *Études critiques sur la littérature contemporaine*, I,— pag. 302.

decisão da contenda, jogam a dados a solução metaphysica do enigma do universo ; e o diabo perde a vasa. (17)

E' esta, pouco mais ou menos, a sorte reservada ao positivismo, que é tambem a seu modo um realista impudente.

V

O grande feito philosophico de Kant foi a indagação do órgão do conhecimento, o estudo da razão humana. Que é que a esta razão se póde attribuir como proprio, originariamente proprio, antes de toda e qualquer experiencia? A philosophia dogmatica tinha respondido até então : Deus, liberdade, immortalidade, eternidade, etc. A philosophia sensualista atalhava dizendo : não ha tal; só existem fórmulas sensiveis, que a razão recebe do mnndo exterior.

Kant porém respondeu : nenhuma outra cousa senão *espaço e tempo*. São estas as fórmulas puras e originaes, em que a razão funde todas as materias da sensibilidade externa, e com cujo auxilio pomos em ordem o mundo inteiro. A actividade ordenadora da intelligencia (*Verstand*), que é quem eleva ao grau de effectivo conhecimento o material fornecido pela sensibilidade, se exerce por meio das categorias, que Kant admittia em numero de doze.

Entretanto, como Kant mesmo não attribuia a estas categorias um valor *apriorico* absoluto, não foi muito que Schopenhauer, segundo a sua propria expressão, atirasse-as todas pela janella, reservando sómente a *causalidade*, em sua quadrupla raiz, isto é, como fundamento ou razão da *existencia*, do *desenvolvimento*, do *pensar* e do *querer*.

Tal é a simples mecanica do nosso conhecimento. Apreciando a grandiosa descoberta de Kant, Schopenhauer se confessa sectario do idealismo levantado sobre

(17) *Appendice in lettere quattro alla monographia.* — *Ente, Spirito e Reale*, pag. 63.

ella, com a seguinte declaração : « *Espaço, tempo e causalidade* não são propriedades das cousas, mas são puramente *ideias*, isto é, existem sómente em nossa cabeça. Nós não estamos no tempo e no espaço, mas o tempo e o espaço estão em nós. A essencia da *cousa em si*, fóra destas fórmãs da intuição, é imperscrutavel. »

Já d'aquí se depreheende quanta razão tinha o chamado Budha da Allemanha em dizer orgulhosamente que de Kant até elle, a despeito de toda a gritaria, a philosophia não déra um passo para adiante.

Foi elle quem melhor sondou o fundo da philosophia critica ; e podemos repetir com Hans Kleser que, ainda quando Schopenhauer nada mais tivesse feito, senão desviar os allemães de Schelling e Herbart, Fichte e Hegel, para obrigar-os a recuar e voltar a Kant, cuja pura lingua elle tornou ainda mais lucida e mais bella, só por isso mereceria um lugar importante na historia da sciencia allemã. (18)

Schopenhauer dizia de Kant que o seu principal merito consistia em ter derrubado a philosophia escolastica com as suas pretensas provas da existencia de Deus. Póde-se tambem dizer de Schopenhauer que o seu maior merecimento foi lançar do throno os immediatos discipulos de Kant, e elevar de novo o grande philosopho á sua verdadeira altura. E' um phenomeno, ainda hoje digno de estudo, a diversidade de sentido, a que se prestou o kantismo entre os philosophos do tempo, sendo aliás incontesteavel que o mesmo auctor da *Critica da razão pura*, além de ser claro na exposição da sua philosophia, não perdeu posteriormente occasião alguma que se lhe offerecesse para melhor accentuar o seu pensamento. (19)

Entretanto, os discipulos divergiram entre si na maneira de comprehender o mestre. Além de Reinhold e Fries, que fundaram, aquelle a primeira, e este a segunda

(18) *Koelnische Zeitung*. 1888. n. 8. *Betrachtung zu Schopenhauers 100 Geburstag am 22 Februar 1888*.

(19) Isto distôa do modo de vêr mais seguido, que é attribuir a Kant uma obscuridade insuperavel. Porém tal obscuridade não passa de uma *historia de francezes*, creada e fomentada por V. Cousin, que não era um philosopho, que achava portanto incomprehensivel tudo que ia além do chamado *sensu commun*.

escola kantesca em Jena, os nomes de Fichte, Schelling, Hegel, Oken, Herbart e Krause, indicam outras tantas direcções da evolução do kantismo.

Mas esta divergencia não provinha das difficuldades inherentes ao systema, porém sobretudo da abundancia de ideias novas, da riqueza de pontos de vista, dos quaes cada um dos discipulos tomava o seu, e acreditava poder, sómente d'ahi, dominar todo horisonte do mundo philosophico.

Ainda em vida do philosopho, e logo depois mesmo da publicação da *Critica*, foram taes as falsificações da sua doutrina, interpretada por alguns em um sentido exageradamente idealistico, que elle vio-se obrigado a protestar. Vale a pena referir um desses protestos.

Eil-o aqui: « O principio de todos os verdadeiros idealistas, desde os Eleaticos até ao bispo Berkeley, está contido na seguinte formula: todo conhecimento adquirido por meio dos sentidos não é mais do que simples apparencia, e só nas ideias do entendimento e da razão pura existe a verdade. Pelo contrario, o principio que dirige e determina o meu idealismo, é o seguinte: todo conhecimento das cousas por meio do puro entendimento ou da pura razão é simplesmente apparente, e a verdade só existe na experiencia. »

Como se vê, uma completa antithese entre um e outro modo de pensar. Nada mais falso, portanto, do que a opinião, que ainda hoje vigora entre nós, de ter sido Kant um fantasioso idealista, e de formar o seu systema um dos mais completos triumphos do racionalismo moderno.

E' certamente um erro clamoroso, que só se explica por total ignorancia das obras do philosopho. Esse lado realistico da sua theoria, Kant esforçou-se por tornar cada vez mais saliente, quer nos *Prolegomenos* escriptos para esclarecer a *Critica da razão pura*, quer nas reformas e correções da segunda edição da mesma *Critica*.

Se todo o nosso saber presuppõe a intuição dos sentidos, como seria possivel uma sciencia do que está acima d'essa esphera? Uma psychologia, uma cosmologia e uma theologia racionais são tres brincos do pensamento, são tres sciencias phantasticas, sobre as quaes não ha, nem

póde haver certeza de que correspondam a alguma cousa de real e objectivo.

Kant demonstrou uma vez por todas a impossibilidade de uma sciencia do *hypersensível*. Se a sua cabeça tivesse sido vasada no mesmo molde da de Augusto Comte, póde-se dizer afoutamente que o *positivismo*, com a sua estreiteza de ambito e a sua fatua pretensão de eliminar do espirito humano o elemento metaphysico, sem dar-se ao trabalho de inquirir e estudar a sua fonte, o *positivismo*, como hoje vemol-o, teria primeiro apparecido com Kant.

Mas o grande philosopho allemão, antes de tudo, era um homem sério, além ser um espirito sadio. Reconhecendo o que havia de illusorio no velho dogmatismo philosophico, não se deu todavia por satisfeito com a simples declaração de que o mundo objectivo da metaphysica tradicional é uma falsa apparencia ; elle foi muito mais adiante, para deixar peremptoriamente assentado que a razão humana, por si só, a chamada razão pura, não fornece o conhecimento de cousa nenhuma.

Neste sentido são dignas de especial menção as seguintes palavras do philosopho, tão acertadas, tão cheias de um frescor actual, que dir-se-hiam dirigidas ao positivismo dos nossos dias.

« Só a temperança de uma critica rigorosa e justa póde livrar-nos d'essa *phantasmagoria*, que a tantos conserva presos pelo attractivo de imaginaria felicidade, e restringir todas as nossas pretensões exclusivamente ao campo da experiencia possível, não por meio de *insipida zombaria* das tentativas tantas vezes mallogradas, ou por meio de *pios lamentos* sobre os limites da nossa razão; mas mediante uma demarcação dos seus dominios, executada segundo principios certos, a qual com a maior segurança inscreve o seu—*não mais adiante*—nas columnas herculeas, que a natureza mesma levantou, para continuar a viagem da razão sómente até onde se estendem as plagas da experiencia, que nós não podemos abandonar, sem aventurarmo-nos a um oceano sem margens, que sob aspectos sempre enganadores, afinal nos obriga a abrir

mão de todo o penoso e demorado esforço, como incapaz de nutrir a minina esperança. (20) »

Em outro lugar ainda elle disse com mais clareza :

« Para instigar a razão contra si mesma, fornecer-lhe armas de ambos os lados e assistir então tranquillo e desdenhoso ao seu violentissimo combate, parece um acto de malignidade. Querer recommendar a convicção e confissão da propria ignorancia, não só como remedio contra a presumpção dogmatica, mas tambem como o unico modo de terminar a lucta intestina da razão, é um proposito inteiramente inutil, que não pôde de modo algum contribuir prra dar á mesma razão um completo e definitivo repouso. »

Perfeitamente. Sem querer e sem saber, Kant talhou uma carapuça que assenta em cheio na cabeça dos positivistas hodiernos.

Estes senhores, que vivem sempre a fallar de uma *disciplina mental*, a que o seu systema os subordina, e pela qual não lhes é licito transpôr uma certa ordem de ideias, ignoram duas cousas: 1.^a que essa disciplina, tomada no sentido de só dever-se estudar e aprender o que Comte mandou que se estudasse e aprendesse, é uma dogmatica de novo genero e, como todas as dogmaticas, um processo de encurtamento e atrophia cerebral; 2.^a que uma vez admittida a necessidade de uma disciplina da intelligencia, em sentido mais elevado, é preciso reconhecer que foi Kant quem a creou.

Em mais de uma passagem das suas obras o philosopho insiste na ideia de que a utilidade da critica da razão pura é de character negativo, pois que ella não serve de órgão para augmentar o nosso saber, porém de *disciplina* para determinar os seus limites; em lugar de descobrir verdades, tem apenas o merecimento de prevenir erros.

Assim como o mistér da philosophia em geral consiste mais em cortar do que em fazer brotar luxuriosos rebentos, assim tambem a critica da razão é o meio de arredar a ouca presumpção da sabedoria. Ella mantem-se

(20) *Saemmtliche Werke* (Rosenkranz u. Schubert), III, pag. 314.

para com a metaphysica escolastica exactamente como a chimica para com a alchimia, ou como a astronomia para com a divinatória e predizente astrologia. (21)

Não ficamos ahí. Segundo o nosso philosopho, ha dois modos de conhecimento racional: por intuição e por conceitos. O conhecimento por intuição é mathematico; o conhecimento por conceitos é philosophico. Todos os puros juizos da razão ou principios apodicticos, no primeiro caso, são *mathemata*; no segundo, são *dogmata*.

Mas não ha uso dogmatico da razão, não ha conhecimento racional, que se refira immediatamente á essencia da natureza das cousas. Os dogmas philosophicos provocam sempre as suas antitheses. O dominio metaphysico, dogmaticamente cultivado, enche-se logo de contradicções; ao juizo affirmativo oppõe-se o negativo com a mesma pretensão á validade, e em lugar de uma sciencia acabada e irrefutavel, como é a mathematica, a metaphysica torna-se o campo de batalha de opiniões e systemas contrarios.

Nesta lucta, quem toma partido por uma das opiniões oppostas, mantem-se dogmaticamente. A quem não quer assim proceder, só restam dois caminhos a seguir: ou atacar e refutar uma das duas affirmações, sem por isso defender a outra, ou negar igualmente ambas. Na primeira hypothese, tomamos uma attitude *polemica*; na segunda, uma attitude *sceptica*.

Mais a attitude polemica é sempre mais ou menos falsa; e a final toda *polemica* degenera em *dogmatica*. O ponto de vista sceptico nega todo o conhecimento racional, e em lugar de uma imaginaria e pretendida sciencia das cousas, colloca a convicção da nossa ignorancia. Mas sobre que se apoia esta convicção do sceptico? Com que fundamentos quer elle conhecer e provar a ignorancia da razão humana? Ou com fundamentos da experiencia, ou com fundamentos da razão mesma. No primeiro caso, ella é simples percepção, no segundo ella é sciencia real.

(21) *Saemmtliche Werke*, II, pag. 384 e 613; III, pag. 143; VII pag. 352.

Supponhamos o primeiro caso, que effectivamente tem logar no sceptico, e veremos que o scepticismo não repousa sobre nenhuma base geral e necessaria, não descança em nenhum principio, é simplesmente uma these empirica, que, incerta e vacillante, como todas do mesmo genero, está por sua vez sujeita á duvida, e deste modo facilmente se dissolve.

Se porém a convicção sceptica é haurida no estudo que se faz da natureza da razão humana, se ella é baseada em principios, então é uma sciencia dos limites da mesma razão, um verdadeiro e real conhecimento. O scepticismo pois, ou é *inscientifico* e por isso infundado, ou, se é scientifico, não é mais *sceptico*, porém *critico*.

Esta differença do ponto de vista sceptico e critico pôde tornar-se ainda mais saliente por uma comparação tirada do geographo e do observador commun. Este conhece sómente os limites do seu horisonte, ao passo que aquelle conhece os limites da terra e da geographia em geral. Como o empirico e o geographo mantém-se entre si relativamente á explicação do horizonte humano, assim mantém-se o philosopho sceptico e critico em o tocante á explicação do conhecimento.

O philosopho critico é o geographo racional; elle conhece o diametro da razão, sua extensão e seus limites, ao passo que o sceptico só presta attenção aos seus terminos exteriores, e tem da sua verdadeira constituição uma ideia tão pouca desenvolvida, como aquelle empirico, que só sabe explicar os limites do horizonte pela experiencia sensivel, sem conhecer a verdadeira fórma da terra.

Que o nosso horizonte é limitado em todos os casos, nisto estão de accôrdo a percepção empirica e a sciencia geographica, mas as razões explicativas são differentes. Assim podem tambem o philosopho sceptico e o critico harmonisar-se na mesma affirmação, que aliás elles fundamentam de modo mui diverso.

Compare-se por exemplo Kant com Hume, a quem o mesmo Kant considerava « o mais talentoso de todos os scepticos. » Para ambos a *causalidade* é um conceito, que só tem valor empirico. Mas o philosopho sceptico affirma que o conceito da causalidade é formado por meio

da experiencia, ao passo que o critico sustenta que a experiencia é formada por meio desse conceito.

Eis ahi. E' preciso não conhecer de Kant, senão o nome, para commungar a erronea ideia de ter sido elle um metaphysico, um racionalista, um *vidente* de cousas transcendentaes e *invisiveis*, como tantos outros, que têm enchido de sonhos e disparates a historia da philosophia. A verdade está na affirmação contraria.

A obra decisiva de Kant consiste justamente em que por meio d'elle a philosophia dogmatica tornou-se philosophia critica, ou, como disse Schiller, em ter elle, da razão philosophante, restabelecido a sã razão.

Ha mais de trinta annos (1857) Rudolf Haym fallava de uma *philosophia do futuro*, que deveria ser de novo uma philosophia critica. Chegou emfim essa época de renovação philosophica, que já foi dignamente iniciada pelos trabalhos de Hartmann, Spir, Fortlage, sobretudo Noiré, e poucos outros. Resta sómente que os espiritos, para quem a philosophia não é assumpto do entretenimento banal, mas uma das mais nobres occupações do pensamento humano, saibam aproveitar-se do exemplo e da lição dos mestres. (22)

(22) Este artigo, de 1887, o seguinte, de 1888, e os dois seguintes, de 1884 e 1887, devem ser considerados a prolição de fé ultima do pensador sergipano. (N. de S. R).

XLI

A Irreligião do futuro

Die aufgeklärte Meinung dass die Gemeinsamkeit und Oeffentlichkeit der Religionsübung einer überschrittenen Kulturstufe angehöre, und dass der höher gebildete Mensch seine religiösen Bedürfnisse, wenn er noch solche habe, für sich allein befriedige, ist theils ein Irrthum, theils eine Ausflucht der Indifferenz, welche sich der Gemeinschaft zu entziehen sucht.

(JULIUS FRÖBEL).

I

Acabo de ler o livro de Guyau, *L'irréligion de l'avenir*, que dizem ter causado um certo ruído no mundo litterario. Bem entendido: no mundo litterario francez, porque fóra d'ahi é muito provavel que esse livro tenha passado e continue a passar despercebido. (1).

E' um grosso volume de cerca de 500 paginas, no qual o auctor se propoz resolver, segundo elle crê, a seu modo e com os seus proprios dados, o velho problema do destino ulterior da religião.

O velho problema, digo eu, porque velho realmente elle é; mas Guyau está convencido de que deu-lhe uma face nova, nunca sequer presentida pelos que anteriormente se occuparam do assumpto.

A pretensão é burlesca, porém ao certo legitimamente franceza. E' um dos distinctivos dessa gente o querer recommear tudo, sempre no intuito de fazel-o melhor que os outros. Para o francez não ha continuidade historica em cousa alguma. Qualquer questão, já

(1) *L'irréligion de l'avenir. Etude sociologique*, 1887,

muito elucidada e debatida, elle a encara e discute com uma seriedade ridicula, dando como inexistentes todos os seus antecessores, e tomando para si a gloria da solução do pretendido enigma.

Isto quer dizer que todo o francez, sem a menor cerimonia, reputa-se um genio, pois que só ao genio é ás vezes concedido derramar um certo frescor de novidade sobre assumptos gastos e sedições.

Mas a genialidade não é phenomeno commum. Em regra, pois, os francezes, que fazem cara de quem abre novos caminhos, não passam de uns pobres descobridores de mundos descobertos, ou exploradores de terras exploradas. Guyau está neste caso.

O celebre israelita Ludwig Boerne disse uma vez que o allemão em geral só escrevia *ouro* ou *cobre*, ao passo que o francez ordinariamente escrevia *prata*. A expressão não é sómente espirituosa, porém justa e verdadeira, no sentido de que os livros allemães quasi sempre se distinguem, ou por uma profundez admiravel, ou então por uma esterilidade sem igual, em quanto que os francezes mantêm-se n'uma tal ou qual mediania, equidistantes dos dois extremos, sempre á vista de terra, sem ousarem jamais lançar-se ao alto mar...

Releva, porém, observar que o criterio estabelecido por Boerne era talhado para um certo e determinado tempo. Os allemães, é verdade, continuam a escrever *ouro* ou *cobre*, porem os francezes já não escrevem *prata*. Delles disse com razão Joannes Scherr que, depois da guerra de 1870, não perderam sómente os *milliards*, mas perderam tambem o *espirito*.

Com effeito: não ha injustiça em affirmar que depois da queda do segundo imperio e da creação da republica, os francezes têm mostrado uma especie de exaurimento intellectual, que contrasta abertamente com o seu bello passado e provoca sérias duvidas sobre o seu futuro. Em mais de uma face da vida espiritual, o imperio apresentára vivos signaes de regresso ; a republica porém importou, por assim dizer, uma *decadencia* na

decadencia, peiorando sobremodo os vícios e defeitos da epocha anterior. (2)

Qui dit Paris dit toute la France. Os filhos mais moços de *Madame Lutetia* não produzem cousa alguma, que seriamente mereça ser lida e meditada. Em geral o proveito que se auctere da leitura de qualquer dos seus trabalhos scientificos é pouco mais ou menos o mesmo que pôde resultar da de um romance de Zola. Nenhuma ideia nova, nenhuma excitação para indagar e reflectir. Na maioria dos casos, sómente *vox, vox, prætereaque nihil*, é a impressão que resta ao leitor desabusado e avido de aprender.

No estricto dominio litterario mesmo, a decadencia se faz sentir de um modo bem notavel. Ainda não ha muito tempo, um dos mais sizudos e conscienciosos criticos francezes, De Vogüé, dizia o seguinte: « O começo do seculo XIX trouxe-nos novas necessidades. Mas todos os fundos apresentaram-se exhaustos. Tivemos então de tomar emprestado á Inglaterra e á Allemanha, e a litteratura reanimou-se. Actualmente, porém, surto de novo para a França uma epocha de fome e de anemia. »

E' isto mesmo, exactamente isto. O honrado critico confessa sem reboço a falta de originalidade do seu paiz, e leva a sua despreoccupação ao ponto de reconhecer que chegou tambem a vez dos russos, a quem agora cabe a missão de vir em soccorro da indigencia litteraria dos francezes.

Esta ideia, que vinte annos antes teria provocado um grito de espanto, ou uma gargalhada de desdem, recentemente nada encerra de estranho e contestavel. E' uma verdade que transluz das actuaes condições da França e suas relações com a Russia. O *slavophilismo* hodierno dos francezes não exprime sómente, como é

(2) Convém aqui lembrar que não é justo attribuir, como se costuma, ao governo de Napoleão III todas as aberrações litterarias da França dos ultimos tempos.

La dame aux camelias e *Le roman d'une femme*, de Dumas filho, as *Scènes de la vie de Bohème*, de Murger, e *La crise* de O. Feuillet, appareceram antes da eleição presidencial de Luiz Napoleão; e nessas obras já se achavam representadas todas as direcções da litteratura devassa, que actualmente alli vigora.

crível á primeira vista, uma necessidade de coadjuvação e reforço politico; porem sim coadjuvação e reforço intellectual. (3)

Mas não percamos de vista o objecto da nossa critica. Nenhuma obra franceza da actualidade offerece uma prova mais cabal da infecundidade da França, do que o livro de Guyau. E' um livro symptomatico da ultima phase morbida do francezismo em dissolução. Se nisto vai uma hyperbole, e com a hyperbole uma injustiça da minha parte, é o que passamos a ver.

II

Logo em principio vem a pêllo observar que a obra de Guyau deve uma grande parcella da sua nomeada ao ar de novidade e estranheza do seu titulo. Realmente : supponhamos que elle a tivesse intitulado—*A religião do futuro*, ou mesmo—*O futuro da religião; estudo philosophico*; podemos afiançar que ninguem ter-se-hia dado ao trabalho de lê-la. Já de antemão se sabia o conteúdo do livro. Era uma velha cantiga, que o leitor se dispensaria de ouvir pela millesima vez.

Não assim porém com o retumbante nome—*A irreligião do futuro; estudo sociologico*. As duas phrases, *irreligião* e *sociologico* foram de um effeito prodigioso; a primeira, por conter um certo sabor de impiedade, e a segunda, por estar de accôrdo com a *folie raisonnante* do

(3) Assim fallando, posso tambem passar por um *slavophilo*. Não me envergonho do epitheto; pelo contrario aceito-o de bom grado. Ha sómente a ponderar que o meu enthusiasmo pela Russia refere-se exclusivamente á Russia litteraria; quanto á politica, esta me é antipathica, sobretudo no que diz respeito ao seu odio estúpido contra a Allemanha. Se me engano na minha apreciação da cultura espiritual dos russos, consola-me a lembrança de estar ao lado de Juliano Schmidt, George Brandes, De Gubernatis e innumerous outros corypheus da critica europeá, para quem a litteratura russa é um thesouro digno do maior apreço.

positivismo, que é hoje o característico, pelo menos entre nós, de semi-cultura frívola e pretenciosa. (4).

Por minha parte, declaro que não precisava de outro criterio para determinar o quilate do espirito de Guyan. Conheci-o logo pela *pinta*: o homem é sociologico, sem o que não se explicaria o sub-titulo que conferiu ao seu livro. Mas não é a sua sociologia o que aqui me proponho analysar e combater. A nossa questão é diferente.

Acompanhar o auctor em todas as voltas e sinuosidades do seu extenso livro é um trabalho, para o qual é mistér uma coragem não commum. O fio vermelho, o pensamento capital de toda a obra perde-se muitas vezes nas meadas inextricaveis de uma rhetorica esteril e impertinente.

A um espirito superior, a um espirito mais profundo, teria bastado um livro de cem paginas, ao muito, para discutir e resolver o problema de que se trata. Porém Guyan é dos taes que preferem os rodeios aos atalhos, e tem a certeza de escrever para leitores, que em geral não acreditam em *livrêtes*; o volumação é o distinctivo da alta sabedoria.

Entretanto, elle nos fez o obsequio de dar aqui e alli uma vista synthetica da sua doutrina; e este favor não é para ser regeitado. Por uma unica linha, em que o auctor define a religião, avalia-se o livro inteiro, como por uma só gotta, que se prova, conhece-se a ruindade da agua de um immenso lago.

Assim diz elle na *introducção*: « A religião é um *sociomorphismo* universal. A sociedade com os animaes, a sociedade com os mortos, a sociedade com os espiritos, com os bons e máos genios, a sociedade com as forças da natureza, com o principio supremo da natureza, não são mais do que formas diversas d'esta *sociologia* universal, em que as religiões têm procurado a razão de

(4) Com effeito: a chamada sociologia é uma das manias da nossa época, que provavelmente a historia litteraria ainda designará, para bem assignalal-a e distinguil-a, por *época sociologica*. Não ha presentemente phenomeno algum, nem ordem de phenomenos da vida politica e social, que não se faça logo entrar na categoria da moda. A sociologia abrange tudo; hoje tudo é *sociologico*, inclusive a toleima dos que fallam e crêm em semelhante cousa.

todas as cousas, tanto dos factos physicos, como o trovão, a tempestade, a doença, a morte, como das relações metaphysicas, origem e destino, ou das relações moraes, virtudes, vícios, lei e sancção ».

Não ha duvida : isto é bonito ; mas é bonito de mais para ser verdadeiro. Guyau labora n'uma illusão pueril. O sociomorphismo universal, de que elle falla, não constitue a essencia da religião. A these é falsissima. Para proval-o basta lembrar que a historia nos dá testemunho de religiões nacionaes, exclusivamente nacionaes, que são incompativeis com esse universalismo.

A religião dos hebreus, por exemolo, com o seu Deus guerreiro e solitario, nada tem de sociologico, em o sentido de Guyau.

O christianismo mesmo, não obstante o seu pendor cosmopolitico, não podia elevar-se, com a sua intuição manichêa de céu e inferno, de eleitos e precitos, á concepção de uma sociabilidade, que envolve todos os seres, que « vae até ás estrellas ».

Esta ideia de um sociomorphismo universal, reflectida e esclarecida, como ella hoje nos apparece, é de data bem recente. Ella se prende á philosophia de Schopenhauer.

Ao passo que o proprio christianismo olha com indifferença para os outros seres, considera este mundo como peccaminoso, dominado pelo diabo, e dirige as suas vistas para um outro mundo, puro e espiritual, a nova theoria alarga o circulo das creaturas, que merecem a nossa sympathia, ensina a compaixão, não só para com as classes humanas estygmatisadas pela doutrina da egreja com o desprezo terreno e com a eterna condemnação, mas tambem com os animaes que estão muito abaixo do homem, procura tornar mais supportaveis os seus soffrimentos, e dest'arte, por assim dizer, expurgar uma velha culpa da humanidade, pela qual ella reclamou para si esta terra como sua posse exclusiva, e sujeitou tyrannicamente aos seus fins todos os outros seres. (5)

(5) Noiré, *Der monistische Gedanke*, pag. 237.

O hespanhol com a sua feroz paixão pelas tauromachias, o francez com o seu cruel proverbio : *on n'est pas cheval pour rien*, e o italiano, que desapiedado martyrisa o seu burro e se justifica dizendo : *non é christiano, non crede a la santa Madonna*, são os representantes populares deste antiquissimo grosseiro egoismo humano, que tira mesmo o seu alimento da pura doutrina do christianismo.

E' indubitavel, accrescenta Noiré, que a consciencia da humanidade, que começa a reconhecer parentes em todos os seres, annuncia ao mesmo tempo uma nova época de mais alta nobilitação, e deste modo podemos tambem alegremente saudar a propaganda, que se torna cada vez mais geral, da philosophia de Schopenhauer (não obstante o seu verniz budhistico) e da theoria do evolucionismo como verdadeiramente favoravel á cultura e capaz de conduzir á realisação da pura humanidade, que augmenta de dia em dia.

Por quanto essa consciencia ha de vir em proveito, não só dos animaes, como tambem de uma grande parte dos nossos irmãos. Quanto sangue, quantos tormentos não tem custado á uma infeliz raça humana o facto de parecer ella ter a maior semelhança com o *orang* !... (6)

Não ha pois ideia mais falsa do que a de Guyau. « Se fossemos obrigados, continúa elle, a encerrar a theoria deste livro em uma definição necessariamente estreita, diriamos que a religião é uma explicação *physica, meta-physica* e *moral* de todas as cousas por analogia com a sociedade humana, sob uma fôrma imaginativa e symbolica. Ella é, em duas palavras, uma *explicação sociologica universal, de fôrma mythica*. »

Será preciso dizer que tudo isso não tem senso ? O diabo da *sociologia* transtornou a futrica philosophica do francez, e levou-o até ao terreno do *gallimatias* e do

(6) Devo confessar que acho mais attestador de um bom coração a compaixão para com certos irracionaes, do que mesmo para com certos individuos humanos. A meu ver, as *sociedades de protecção aos animaes*, como ellas existem fundadas em alguns paizes da Europa, encerram muito mais senso ethico e religioso, do que, por exemplo, as *sociedades abolicionistas* entre nós. Não é motivo de espanto: reparem bem. O escravo, até a um certo ponto, soffre por que quer, desde que póde reagir, ou evitar o martyrio pela fuga. Mas os pobres animaes não estão no mesmo caso.

disparate ridiculo. Effectivamente: a religião considerada como uma *explicação sociologica do universo, em forma mythica*, é cousa que mal se comprehende, que dá tratos á cabeça de qualquer mortal não iniciado nos mysterios da sociologia comtesca.

O *proton pseudos* do nosso auctor está em fallar da religião, como os demagogos fallam da republica, isto é, não desta ou daquella, nem mesmo de todas ellas, mas da religião em abstracto, uma religião ideal, uma religião que não existe. E é o que basta para ferir de morte a sua theoria.

Guyau esquece que o conceito da religião não é philosophico, porém historico. Isto posto, e applicando-se a qualquer das religiões conhecidas a medida da sua definição, evidencia-se o erro della. E se não, vejamos.

O christianismo pretendem, é verdade, diffundir-se pelo mundo inteiro, mas esbarrou diante do impossivel. Uma vez organizado, teve de obedecer á lei do *polymorphismo* ou da *divergencia do caracter*, pela qual os individuos organicos, chegando a um certo grau de desenvolvimento, scindem-se e multiplicam-se em formas *heterogeneas*, sahidas da base *homogenea*.

A igreja grega e o protestantismo constituem essas formas, que separando-se do tronco primitivo, e tomando direcções differentes, ainda tornaram mais difficil o problema do *unum ovile et unus pastor*.

Não é só isto. O caracter sociologico que Guyau attribue á religião, está em perfeita contradicção com os factos, no que diz respeito ao christianismo, principalmente em sua forma catholica. *Monachismo*, *ascetismo*, *mysticismo*, são palavras que tornam bem patente o lado anti-social e egoistico da religião christã.

Não são melhores as condições da fonte precipua, donde ella derivou. Refiro-me ao judaismo. A' primeira vista parece que a *ideia-mater* da religião judaica se harmonisa com a theoria do nosso philosopho, attento que os judeus representavam a sua vida religiosa sob a imagem imponente de uma alliança com Deus. Mas é inexato.

« A concepção, diz Michel Nicolas, ao mesmo tempo tão simples e tão elevada, de uma alliança de Jehovah

com a familia de Israel, de uma theocracia que era no fundo, posto que sob uma fôrma imperfeita, o que depois se chamou a cidade de Deus, tinha ficado, durante seculos, no meio dos filhos de Israel, um ideal geralmente desconhecido, a cima da intelligencia de um povo, de quem ella não pudera vencer os habitos inveterados, enraizados provavelmente em reminiscencias e instinctos de raça.

« Se não havia cahido em um completo olvido, ella o devia a uma successão não interrompida de homens que, desde a época dos juizes até á volta do captiveiro de Babilonia, constantemente pugnaram pelo seu triumpho.

« Estes ardentes defensores da obra, cuja primeira ideia a tradição faz remontar a Moysés, não conseguiram levar os filhos de Israel a tomarem a concepção mosaica por base e regra de sua vida social e religiosa; elles tinham-na pelo menos conservado como um precioso deposito, e haviam-na transmittido, engrandecida e espiritualisada, á posteridade que devia em fim sentir a sua grandeza e a sua verdade.» (7)

Já se vê que o judaismo em seu principio nada menos foi que uma *explicação sociologica universal, em forma mythica*. O sabio critico religioso cita em apoio de sua doutrina outro sabio francez, Edouard Reuss, em sua *Histoire de la theologie chretienne*, que communga a mesma ideia.

E' verdade que mais tarde, quando os judeus voltaram do captiveiro babilonico, uma grande modificação se havia operado em seu espirito. O jehovismo ou a concepção mosaica de Deus e do mundo tinha ganho todo o terreno, para ficar, como ficou, sendo desde então a unica religião desse povo.

Mas ainda assim seria um erro dar ao jehovismo o predicado de sociologico, visto que, mesmo depois de geralmente accetto e depurado pelos soffrimentos dos seus sectarios, elle não perdeu a primitiva feição de exclusivismo nacional. A bitóla de Guyau não lhe assenta pois de modo algum; e o que se diz do judaismo, é applicavel em igual escala a todas as outras religiões orientaes.

(7) *Des doctrines religieuses des Juifs pendant les deux siècles antérieurs à l'ère chrétienne*, pag. 13.

III

O palavroso auctor da *Irreligion* tem uma ideia fixa, que se deixa facilmente ler entre as linhas do seu grosso livro. E' contribuir com o seu melhor para provar que *ces cochons d'allemands*, que se dão por creadores da sciencia da religião e da mythologia comparada, não merecem o preito que se lhes rende. Tudo que têm produzido, é erroneo, ou pelo menos incompleto. E' mister que o francez venha sempre escrever uma *addenda* e *corrigenenda* aos trabalhos do allemão.

Elle não se exprime precisamente assim; mas é o que se depreheende do seu escripto, o que se deduz da sua pretensão. Nem se julgue que essa ideia fixa é propriedade de Guyau; pelo contrario ella é hoje bem commum de todos os francezes mais ou menos cultos. Já um pouco desesperançados da *revanche* pelas armas, affagam a illusão de uma *revanche* pelas lettras! E' justo não perturbar-os no gozo de tão bello sonho.

Entretanto, pondo de parte a illusão que o obceca, devo observar que o livro do nosso auctor não contribue bastante para elevar os creditos scientificos da França. Uma questão, como a que elle emprehendeu resolver, não é com phrases e declamações que se chega a elucidar, se é que ella, depois de tão batida e tantas vezes manuseada, ainda contém algum attractivo.

Anteriormente, e dentro mesmo dos dois ultimos decennios, a *religião do futuro* já tinha sido tratada por varios escriptores. Assim: *La religion*, de Vacherot (1869); *La religion de l'avenir*, de Laur nt (1869); *Der alte und der neue Glaube*, de Strauss (1872); *Die Religion im Zeitalter Darwins*, de Heinrich Lang (1873); *Die Selbstzersetzung des Christenthums und die Religion der Zukunft*, de E. von Hartmann (1874); todas estas obras, sem fallar de outras, procuraram dar solução, cada uma a seu modo e sob o seu ponto de vista ao mesmo problema de que se occupa o livro que analysamos.

Estava pois determinado pela propria natureza do

assumpto que o auctor da *Irreligion de l'avenir* nada trouxesse de novo e original. Nada trouxe realmente. E' certo que a sua these distôa da de Laurent, da de Lang e da de Hartmann ; mas bem pouco se distingue da these de Vacherot, que elle discute com muito mais rhetorica, porém tambem com muito menos talento.

A pretensão de novidade da parte de Guyau não pôde ser mais infundada. « E' essencial, diz elle, ninguem se enganar sobre esta *irreligião do futuro*, que nós quizemos oppôr a tantos trabalhos recentes sobre a *religião do futuro*. Pareceu-nos que esses diversos escriptos repousavam sobre muitos equivocos. Primeiramente, confunde-se a religião propriamente dita, ora com a metaphysica, ora com a moral, ora com ambas reunidas, e é em virtude dessa confusão mesma que se sustenta a perennidade necessaria da religião. »

Aqui ha uma certa falta de sinceridade. Além de Vacherot, cujo livro tambem foi consagrado á religião do futuro, no intuito de mostrar que ha de extinguir-se com o tempo o sentimento religioso, que para elle constitue um estado psychologico *provisorio*, e não *perenne*, o ponto de vista de Strauss em sua *Velha e nova fê*, é exactamente este mesmo.

Ha sómente uma differença, que aliás não altera a identidade : é que para Vacherot o subrogado da religião será a philosophia com o seu *absoluto* e o seu *infinito*, ao passo que para Strauss serão as sciencias naturaes, cujos resultados vão pouco a pouco revelando os segredos do universo, o qual existe por si só, cheio de vida e de intelligencia, independente de um Deus.

Para que pois essa pacholice de vir « submettre a questão a um novo exame » quando tudo que diz é consa velha, e a final a questão não adianta um passo ?

A *anomia* religiosa, o individualismo religioso, de que falla o fôfo critico, está contido, intimamente contido na doutrina dos dous escriptores ha pouco mencionados.

Por quanto, desapparecida a religião, cujo dominio na alma humana, como pensa Strauss, é semelhante ao dos caboclos na America, que de anno em anno vae recuando e diminuindo pela conquista e occupação da raça

branca, é tão inconcebível que ella continue a inspirar e dirigir as acções do homem, como é inconcebível que os caboclos, depois de extinctos, continuem a occupar este ou aquelle pedaço da terra americana. Um completo estado, por consequente, de *anomia* ou de falta de lei religiosa.

Não é só isso. A ideia do individualismo religioso, como ausencia de qualquer religião, mas ainda assim operando e influindo religiosamente, verdadeira ou falsa, esta ideia vem de mais longe. Foi um poeta allemão, educado na philosophia de Kant, foi Schiller, quem primeiro a formulou nos seguintes versos :

*Welche Religion ich bekenne? Keine von allen,
Die Du mir nennts. Und warum keine? Aus Religion.*

Já se vê que a obra de Guyau, bem examinada, não apresenta um só traço de originalidade. Além do conceito exdruxulo da *sociologia*, que a golpes de martello elle fez entrar como um prego no amago da religião, não ha mais nada que produza a impressão da descoberta. (8)

Durante a leitura do livro, sentimo-nos por vezes obrigados a parar e perguntar a nós mesmos, se já não lemos cousa igual em outra parte ; tal é a riqueza de ideias alheias que, não sei se consciante ou inconscientemente, o auctor dá como proprias.

Mas o peor é que elle, convencido como se acha de que o seu trabalho vem supprir uma lacuna, se não antes fazer uma revolução, é o primeiro a não saber ao certo o assumpto de que se trata. Neste estado de vacillação, cambalêa algumas vezes e cae em contradicções.

Eis uma dellas : « não é por um abuso de linguagem, diz Guyau, que Spencer, por exemplo, dá o nome de religião a toda especulação sobre o *incognoscivel*, donde lhe é facil deduzir a perpetuidade da mesma religião, assim confundida com a *metaphysica* ? » (9)

Primeiramente, é bom notar que esta confusão da

(8) O auctor é sómente original em crear expressões pomposas e retumbantes e de difficil comprehensão. E' assim que elle nos falla de uma *mythologia sociologica*, que podia muito bem ser trocada, e sem mudar de sentido, por uma *sociologia mythologica*. Quer de um, quer de outro modo, a parvoice era a mesma.

(9) *L'irreligion*, etc., pag. XI.

religião com a metaphysica não é propria de Herbert Spencer.

O auctor não devia ignorar que a ideia de perfeita identidade entre os dous sentimentos, formando ambos uma só necessidade humana, pertence a Schopenhauer. (10)

Mas seja de quem fôr, o certo é que nas linhas citadas Guyau repelle essa identificação. Entretanto isto não o inibe de, oito paginas adiante, asseverar o seguinte: « No sentido philosophico da palavra, só é religioso aquelle que investiga, que pensa, que ama a verdade. »

Porém isto quer dizer outra cousa senão que, no sentido philosophico da palavra, só é religioso quem é philosopho, quem é metaphysico em qualquer gráo? Não de certo; a contradicção é por tanto incontestavel.

Apreciado com justiça, o livro todo é um acto de contradicção. Por quanto, se o auctor está convencido da morte inevitavel de todas as religiões, se já vem perto, muito perto, a futura *anomia* religiosa, que ha de reinar sobre as ruínas das velhas crenças, para quem foi emfim que escreveu o seu volumaço? Quem é que pôde ter prazer ou interesse em lê-lo? O povo inculto não o abrirá; e a pequena parte culta do mundo civilisado só pôde ser-lhe indifferente ou hostil.

Nada existe por conseguinte de mais burlesco em o genero do que as palavras iniciaes da obra de Guyau combinadas com os resultados a que ella chega. « A génese das religiões, diz o critico, tem uma importancia maior que qualquer outra questão historica: não é sómente a verdade de factos e acontecimentos passados, que ali se acha empenhada; é o valor de nossas ideias e de nossas crenças actuaes. Cada um de nós tem alguma cousa em jogo neste debate. »

E' um garganteio de velho romantismo religioso. A génese das religiões mais importante que outra qualquer questão historica, é simplesmente uma phrase de estouro para prender a attenção do leitor. Quando Guyau affirma que cada um de nós tem alguma cousa em jogo neste

(10) *Die Will als Weille und Vorstellung, II, pag. 175.*

debate, não se lembra que no meio desse nós vae muita gente, para quem a questão da origem das religiões não envolve interesse de ordem alguma.

Elle mesmo, o grão propheta da *irreligião* ou *areligião do futuro*, que tambem faz parte daquelle *plural*, dado o caso de ser sincero, não pôde achar no assumpto outro attractivo, senão o attractivo commum a todos os assumptos scientificos, e como tal, tanto lhe importa occupar-se da génese das religiões, quanto lhe importaria por exemplo, tratar da génese das estrellas, das montanhas ou das minas de carvão de pedra. O interesse é um só.

Como se vê, o auctor francez cedeo a uma illusão de que Hartmann mesmo não se mostrou isento. Em seu precioso opusculo, *Die Selbstzersetzung des Christenthums*, o philosopho allemão tambem começa por uma proposição, que provoca serias duvidas. Elle diz com effeito : « Bem raras vezes tem havido uma quadra mais irreligiosa do que a nossa, e todavia as questões religiosas não têm muitas vezes agitado uma época mais profundamente do que vemos nos nossos dias. »

A primeira asserção é verdadeira ; mas a segunda é falsa. Por nada menos se distingue a época presente do que por uma paixão particular pelos chamados problemas religiosos. Para que uma quadra se diga religiosamente agitada, não basta que meia duzia de theologos e igual numero de philosophos, ainda que sejam da estatura de um Hartmann, escrevam grandes ou pequenos livros sobre o passado, o presente e o futuro da religião. Faz-se preciso muito mais do que isso.

Faz-se preciso que o publico tome ao serio taes questões, que leve o seu enthusiasmo por ellas até ao sacrificio, até ao martyrio. Mas onde é que este phenomeno se dá nos dias actuaes ? Qual é no tempo hodierno, já não digo o joven inexperiente, mas o homem feito mesmo que ponha em jogo a favor da religião um cabello branco, sequer, dos que começam a encanecê-lo, e que aliás elle bem quizera ver arrancados, para parecer menos velho do que realmente é ?

Não é mais cabivel nem desculpavel qualquer illusão neste sentido. Um dos grandes vultos da escola critica de

Heidelberg, Adolf Hausrath, escreveu estas palavras notaveis, que julgo adaptadas ao nosso thema:

«Está determinado pela propria ordem da vida espiritual que os seus órgãos não sejam todos aptos ao mesmo tempo, nem todos em igual medida, para apprehender os factos do mundo externo e sujeital-os ao trabalho interior. A épocas de recolhimento, em que repousaram os problemas praticos, succedem outras, nas quaes o espirito só a ellés se consagra.

«A gerações inteiras apparece como o alvo supremo da vida realisar o ideal artistico, andar no encalço da verdade theoretica, estabelecer claramente as regras do pensamento e da acção, e ao seguinte decennio já se mostra insipido e indifferente tudo o que não tem uma relação immediata com a vida, com as instituições do Estado, com a disciplina juridica das realidades existentes.

«E' difficil dizer, como se opéra tal mudança. Ella se prepara em occultos laboratorios, é impellida para adiante pelos acontecimentos, que ella mesma produzio, arrasta comsigo as pessoas, que tambem por sua vez reagem poderosamente sobre ella. Deste modo succede que um povo de pensadores torna-se um povo de politicos, uma nação de conquistadores, uma nação de industriaes, e que a um paiz nada parece mais longinquo, mais estranho e indifferente, do que aquillo que uma geração antes absorvia toda a sua actividade » (11).

Exactamente. Mas ninguem dirá com acerto que a época vigente, ou os dois a tres ultimos decennios, que podem ser designados como tal, se caracterisam por qualquer signal de verdadeiro interesse religioso. Pelo contrario, ella é uma daquellas, de que falla Hausrath, nas quaes os problemas praticos tomaram a frente aos especulativos. A preocupação da vida, que se manifesta em todos os dominios por um soffrego movimento, por um trabalho incessante, atiron para a beira dos tumulos, a preocupação da morte, com os seus associados: Deus, a immortalidade, o céu e o inferno.

(11) *Neutestamentliche Zeitgeschichte*, II, pag. 3.

Cada tempo tem o seu *demonio*. O demonio do nosso tempo não é religioso, mas politico e social, se é que não basta dizer *politico*, para exprimir uma e outra cousa.

Devo aqui entretanto prevenir um engano. Não se pretenda deduzir deste meu modo de ver que eu esteja de accordo com a these positivista da *provisioriedade* das religiões. Ha dezoito annos que protestei contra ella, combatendo as ideias de Vacherot, cuja filiação no positivismo não me passou então despercebida: demonstrei-a cabalmente. (12)

E hoje não tenho opinião diversa, continuo a pensar da mesma fórma. (13) O que porém não admitto, é que se tome, como pretexto para fazer livros, o falso presupposto de que a nossa época, ainda que completamente impia, aprecia em alta escala o estudo genetico das religiões, que se qualifica de um dos mais importantes, porque vem determinar « o valor de nossas ideias e de nossas crenças actuaes ». Isto não tem senso.

E' claro pois que o livro de Guyau, além do mais, se resente de uma absoluta falta de accommodation e correspondencia ás necessidades do tempo. Quem o lê, quem tem a coragem de lê-lo com attenção, não fica mais nem menos instruido, mas acaba enfastiado, e a unica impressão que lhe resta, depois da enfadonha leitura, é que o auctor não passa de um *genial borrador de papel*; phenomeno que aliás não é raro entre os escriptores da França hodierna. Penetremos todavia um pouco mais no interior da obra.

(12) *O Americano*, n. 6 e seguintes. Recife, 1870.

(13) O escripto a que se refere aqui o auctor, e que muito lastimo não ter, até hoje, vindo para ser incluído n'este livro, intitula-se—*A Religião perante a Psychologia*; é uma analyse do livro de Vacherot—*La Religion*, e sahio publicado em 1870 no *Americano*. E' trabalho capital na vida intellectual de Tobias Barretto. Por tres vezes diversas, e com longos intervallos, elle voltou ao problema religioso, e sempre se reportava áquellle estudo: em 1878, nas *notas ao Discurso em mangas de Camisa*, que sahem adiante n'este volume, sob o titulo—*Glosas alguns preconceitos brasileiros*; em 1881—nos *Traços sobre a vida religiosa no Brasil*, insertos neste livro de pags. 53 a 66, e, finalmente, n'este estudo sobre Guyau em 1888.

(N. do S. R.)

IV

O escriptor francez, tomando ao serio a tarefa inutil que se impoz, começa por passar em revista a doutrina de diversos auctores sobre a génese religiosa. Max Mueller, E. von Hartmann, E. Renan, H. Spencer, todos lhe fornecem occasião e motivo para uma refutação em regra, isto é, para alargar demasiado as proporções de sua obra.

E' tal o abuso de detalhes e a abundancia de episodios, de que o livro se acha entumescido, que a ideia central do auctor, como já fiz notar, não se deixa bem perceber. Ha no volume um grande numero de passagens, em que ella poderia dizer como Voltaire: *on m'étouffe de fleurs*. E o leitor não se sente menos asphixiado de phrases banaes e exhalações pedantescas.

Em geral Guyau produz a impressão de um desses maus cavalleiros, que têm um porte garboso e um bonito soffrear de corsél. Mas ninguem se illuda: ao primeiro arranco do animal, tombam por terra como um fructo pôdre.

O auctor da *Irreligion* tambem se distingue por um certo garbo e sabe perfeitamente acabar os seus periodos. Porém é só isso. Quando entra a criticar e philosophar, que para espiritos da sua tempera são dois movimentos bruscos, a queda é infallivel.

Mal se pôde conter o riso diante da arrogancia do francez, que pretende passar um traço em tudo que de melhor até hoje se tem escripto sobre a materia, e dar a verdadeira formula para a solução do problema. Esta ousada pretensão, por si só, provoca a antipathia contra o livro e seu auctor; tanto mais, quanto é exacto que esse livro não encerra novidade nem verdade alguma, ou o que tem de novo, é cousa ruim, e o que tem de verdadeiro, é cousa velha, para ainda servir-me da bella expressão de Lessing, de que já uma vez me aproveitei em occasião analogá.

A sciencia não pôde ser semelhante á teia de Penelope, que desmanchava durante a noite o que fizera durante o dia. A critica scientifica não deve tomar para

si o trabalho nocturno da rainha de Ithaca. A sua função, sou o primeiro em reconhecer, é principalmente destructiva ; mas isto mesmo tem seus limites. Só se deve destruir por necessidade ; e é uma prova de insensatez a destruição por luxo.

Os criticos francezes actuaes, sobretudo quando se occupam de obras allemãs, não raras vezes lembram a furia de Napoleão III em derrubar quarteirões inteiros de casas novas em Pariz, para reedifical-os e aformoseal-os melhor. Mas o que era possivel ao despota, não o é igualmente ao critico. Não se destroem theorias mais ou menos firmes e assentadas com a mesma facilidade com que se derrubam edificios.

Guyau dividiu a sua obra em tres partes, que se intitulam : 1.^a *A génese das religiões nas sociedades primitivas* ; 2.^a *Dissolução das religiões nas sociedades actuaes* ; 3.^a *A irreligião do futuro*. Cada uma destas partes subdivide-se em varias secções, conforme os diversos pontos de vista da analyse do auctor.

E' assim, por exemplo, que a primeira parte se compõe de tres capitulos : *A physica religiosa, a metaphysica religiosa e a moral religiosa*, recortando-se cada um delles por sua vez em differentes assumptos.

A ideia de uma *physica religiosa*, o auctor tirou-a visivelmente da *physica social* do positivismo. Ha sómente a lastimar que não levasse mais longe o paralelo, e que assim como Comte nos falla de uma statica e uma dynamica social, Guyau não nos fallasse tambem de uma statica e uma dynamica religiosa.

Não basta mostrar, se tal demonstração é possivel, como nascem as religiões; é preciso tambem mostrar como ellas se desenvolvem. Entre a sua *génese* e a sua *dissolução* medeia o immenso periodo do seu desenvolvimento, que é sem duvida o mais importante para o historiador e o philosopho.

Nem se diga que na passagem de uma physica á metaphysica e á moral religiosa já existe um certo processo evolutivo. Não ha tal. Esses tres conceitos não representa phases successivas, mas momentos que coexistem na pratica de qualquer religião.

A physica religiosa, que primitivamente se manifesta no *fetichismo*, no *sabeismo*, e em todas as outras fórmulas rudes de adoração á natureza, continúa a formar o corpo de sentimento religioso em todos os gráus da cultura humana.

O protestante orthodoxo dos nossos dias, que acredita na sua biblia, que nella nutre a sua crença, ainda está dentro dos limites de uma physica religiosa. Dir-se-ha talvez que o que elle ahí adora, não é a parte exterior e material do livro, porém a força occulta da palavra divina, que esse livro encerra. (14)

Mas tambem o homem primitivo que se curva diante do seu *fetiche*, não o faz pelo *fetiche* mesmo, porém sómente pelo poder mysterioso que lhe attribue; de modo que no acto mais grosseiro da physica religiosa já se deixa ver uma tal ou qual concepção metaphysica.

Aqui são dignas de menção estas palavras de Schopenhauer: « Os materialistas se esforçam por mostrar que todos os phenomenos, até os espirituaes, são phenomenos physicos. Com razão; sómente elles não vêm, por outro lado, que tudo que é physico, é ao mesmo tempo metaphysico. »

Um dos erros capitaes de Guyau consiste precisamente em procurar separar, como independentes um do outro, os elementos physico e metaphysico da religião.

Com uma ingenuidade infantil elle chega mesmo a lisongear-se de havel-o conseguido. E' assim que ousa dizer no final do primeiro capitulo da *gênese* :

« Acabamos de ver que o nascimento da religião não é uma mudança de vista theatral no seio da natureza, que tudo a prepara entre os animaes superiores, que o homem mesmo ahí chega gradualmente e sem abalo. Nesta gênese rapida das religiões primitivas não tivemos necessidade de introduzir as ideias de *alma*, *espirito*, *infinito*, *causa primeira*, nem mesmo nenhum sentimento metaphysico.

(14) O selvagem que *transubstancia* uma pedra em divindade, está muito distante do catholico hodierno, que *transubstancia* pão e vinho no corpo e sangue de um Deus? E' difficil affirmar-o. Aqui, bem como alli, é uma operação de physica religiosa.

Essas ideias se desenvolveram posteriormente, ellas são mais um effeito do que uma causa das religiões. . . » (15)

Ha nisto completo engano. Que Guyau tenha apostado comsigo mesmo não introduzir nas primeiras cincoenta paginas do seu livro as ideias de *alma*, *espirito*, *infinito*, *causa primeira* e quantas mais lhe hajam parecido dignas de excluir-se, e na sua propria opinião tenha ganho a aposta, nenhuma duvida. Mas a questão é outra: saber se realmente essas ideias foram excluidas, ou se máu grado do auctor entraram por alguma fenda, por algum intersticio da prisão, em que elle emparedára a sua theoria.

A segunda hypothese é a verdadeira. Eu abro o livro ao acaso em uma das paginas da primeira parte, e leio as seguintes linhas :

« Quem de nós não tem por vezes perguntado a si mesmo, se uma vida poderosa e occulta não circula, sem que o saibamos, nas grandes montanhas levantadas para o céu, nas arvores immoveis, nos mares eternamente agitados, e se a natureza muda não pensa em alguma coisa de desconhecido para nós ? Pois que, ainda hoje, nos achamos neste pé, crê-se por ventura que ser-nos-hia facil convencer de seus erros um desses homens primitivos, que creram sentir palpar aquillo que os allemães chamam *coração da natureza* ? Depois de tudo, este homem era destituido de razão ?

« Tudo vive em torno de nós ; nada existe inanimado se não em apparencia, e a inercia é apenas uma palavra ; a natureza é uma tensão, uma aspiração universal. Só a sciencia moderna póde medir mais ou menos os graus desta actividade espalhada em tudo, mostrar-nos que ella é aqui diffusa, alli concentrada e. consciente, fazer-nos conhecer a differença que separa os organismos superiores dos organismos inferiores, e estes dos mecanismos, das reuniões rudimentares da materia.

« Para o homem primitivo, a quem todas estas distincções, todas estas graduações são impossiveis, só ha uma coisa evidente : é que a natureza inteira *vive* ; e elle concebe naturalmente esta vida sobre o typo da sua, como

(15) *L'irreligion*, etc., — pag. 51.

acompanhada de uma consciencia, de uma intelligencia tanto mais estupenda, quanto mais mysteriosa ; ainda uma vez elle é homem e *humanisa* a natureza ; elle vive em sociedade com outros homens, estende a todas as cousas as relações *sociaes* de amizade e inimizade. »

Nada mais claro. Essa vida que se adivinha existir em toda a natureza, e que já o homem primitivo adivinhava, essa vida que permanece eternamente insondavel, é uma ideia puramente metaphysica. O homem primitivo já a possuia.

Mas o auctor ainda vae adiante. « D'ahi a *divinizar* a natureza, continúa elle, ha apenas um passo... Quem diz um Deus, diz um ser vivo e forte, particularmente digno de temor, de respeito ou de reconhecimento. Já temos a noção da vida; nos é mister agora a de *poder*, que só é capaz de infundir respeito no homem primitivo. Esta noção não parece difficil de obter, porque aquelle que colloca vida e vontade no fundo da natureza, não pôde tardar em reconhecer em certos grandes phenomenos a manifestação de uma vontade muito mais poderosa que a dos homens, e por consequente mais terrivel e mais respeitavel.

« Em resumo, a concepção mais simples e mais primitiva que o homem pôde formar da natureza, é ver nella, não phenomenos dependentes uns dos outros, mas vontades mais ou menos independentes e dotadas de um *poder extremo*, podendo agir umas sobre as outras e sobre nós. » (16)

Eis ahi. Para quem sabe ler entre as linhas, tudo isso que Guyau attribue ao homem primitivo, importa reconhecer que elle já tem confusamente as ideias de *alma*, *espirito*, etc. E o que é um *poder extremo*, de que são dotadas as vontades animadoras e directoras da natureza, se não um *poder infinito*?

Não teria peso algum a consideração de que a ideia do *infinito* na cabeça do selvagem é muito differente do que ella é na cabeça do homem culto. Por quanto, se ainda hoje os espiritos superiores mesmos não são capazes de isolar completamente essa ideia dos dados da imaginação, como sê-lo-hia o homem primitivo. E' bem certo que o

(16) *L'irreligion*, pags. 43, 44 e 46.

pensamento hodierno tem outra e muito mais diferenciada ideia do infinito, porém sempre uma ideia mais *negativa* do que *positiva*, justamente como a do selvagem.

Para este o infinito é uma cousa, que elle mal pôde imaginar; para o homem culto uma cousa, que elle mal pôde conceber. O selvagem se espanta de tudo que não cabe nos moldes da sua imaginação; o homem culto já não tem motivo para tal espanto, pois aquillo que ultrapassa as proporções de uma *imagem*, elle pôde apprehender sob o schema de um *conceito*.

A differença é digna de nota. Nós outros homens de hoje podemos perfeitamente representar-nos na imaginação polygonos de tres, até cinco ou seis lados; d'ahi para cima já se torna difficilima a figuração interna; de modo que, quando chega-se ao decágono ou dodecágono, não ha mais nada de imaginativo; só fica no espirito o conceito do polygono; a figura desapareceu. Mas não pasmamos por isso, como succede com o selvagem, em quem o numero excedente de *dez* já produz a impressão da *myriada*, do *innumeravel*, do immensamente *grande* e *horroroso*....

Nos pedaços acima citados, que não deixam de ser *bonitos*, não se faz sómente notar uma tal ou qual inconsequencia da parte do auctor; ha tambem aqui e alli um ou outro testemunho de verdadeira leviandade franceza. E' assim que elle nos falla de alguma cousa, « que os allemães chamam *'coração da natureza'*. » Mas onde achou isto? Por que motivo especial adjudica aos allemães o invento dessa expressão?

Se ella fosse realmente uma creação germanica, a lingua attesta-lo-hia, e os dictionarios dariam conta da palavra, *Naturherz*, visto que não se trata de uma ideia deste ou daquelle allemão, porém dos allemães; uma ideia sahida da mesma fonte, donde sahiram outras, que de facto lhes pertencem, como *Weltanschauung*, *Moment*, *Ding an sich*, etc., etc. Mas tal palavra não existe. Só Guyau é quem sabe desse *allemanismo*. O francez é impagavel!...

Cabe aqui ainda observar que a theoria de um periodo *prehumano* da religião, existindo em germen nos animaes superiores, é legitima *darwinica*. Ha vinte e

seis annos, em um bello artigo sobre *Darwin's Auffassung des geistigen und sittlichen Lebens des Menschen*, dizia Julio Frauenstaedt :

« O sentimento de devoção religiosa, que é um mixto de dependencia, veneração, reconhecimento, temor e esperança, só poudé apparecer, quando as faculdades intellectuaes e moraes já setinham desenvolvido até a uma certa altura. Não obstante, nós vemos uma especie de approximação deste estado espirital no intimo amor de um cão para com seu senhor, associado a uma completa subordinação, alguma cousa de temor e talvez ainda outros sentimentos. Um cão olha para o seu dono de certo modo como para um Deus...

« Dest'arte, segundo Darwin, está provado que até a fé religiosa não separa radicalmente o homem do animal, que este pelo contrario já apresenta um esboço de religiosidade. A fé religiosa nos selvagens só bem pouco se distingue do sentimento de dependencia e devotamento observado nos animaes. » (17)

Ha no livro de Guyau algumas paginas, que são apenas variações deste velho thema.

V

O auctor francez tem a pretensão de haver estabelecido um novo ponto de vista no modo de apreciar e resolver o problema religioso. Mas o seu engano é manifesto. As palavras do Julio Froebel, que me serviram de *epigraphe*, revelam claramente, quanto essa pretensão é infundada.

Com effeito: a these racionalista de que a communhão e publicidade dos exercicios religiosos pertence a um gran atrasado da civilisação humana, a que o homem de cultura superior satisfaz por si só a sua religiosidade, se elle ainda a tem, Froebel considera em parte um erro, e em parte um subterfugio da *indifferença*, que procura retirar-se das vistas da communhão. (18)

(17) *Unsere Zeit, Achter Jahrgang. Erste Haelfte*, 1862. — pag. 543.

(18) *Die Gesichtspunkte und Aufgaben der Polith*, pag. 276.

Não ha duvida que o que ahi se combate, é o pretendido individualismo religioso, do qual Guyau faz tanto alarde ; e o robusto pensador allemão não podia ir de encontro a uma doutrina phantastica ; só podia impugnar uma theoria, uma opinião existente.

Mas não se limita a isto. Elle diz positivamente : « E' um grande erro, muito espalhado em nosso tempo, e que aliás se tem na conta de uma vista mais profunda da marcha da historia, suppor que a humanidade se encaminha para um estado *irreligioso* (*religionslos*). Este modo de ver seria erroneo, ainda quando a religião não fosse mais do que a metaphysica da grande massa dos homens, incapaz de reflexão philosophica.

« Porquanto nem é destino do genero humano compor-se todo de philosophos, nem a necessidade metaphysica pôde extinguir-se naquelles, que philosophos não são, e tam pouco alimentar-se com os resultados do materialismo scientifico, que apenas toca na superficie das cousas, admittindo mesmo que esses resultados podessem ser accessiveis á intelligencia commun. » (19)

Não parece uma prévia refutação do livro de Guyau ? E' innegavel. Accresce, porém que, combatendo a ideia de uma religião do futuro, Froebel dirigio-se principalmente contra Hartmann ; e alguns pontos fracos da doutrina deste philosopho, que o francez critica, já tinham sido dez annos antes (1878) apontados pelo auctor allemão.

Como se vê, a admissão de um estado ulterior da humanidade, que se distinga de todos os precedentes pela completa eliminação do sentimento religioso, é uma these desacreditada ; tanto mais, quanto é certo que ella não se apoia n'um regular processo logico de observação e inducção.

Effectivamente : os seus sectarios não dispõem, nem podem dispor de dados sufficientes para traçar a lei do acabamento de todas as religiões. E' certo que a *vida da alma* vai sendo cada vez mais sobrepujada pela vida da intelligencia e as necessidades religiosas vão em constante decrescimento. Mas é preciso ponderar, como diz Hartman, que ahi em parte confunde-se um passageiro phenomeno do tempo com uma duradoura tendencia evolucional,

(19) *Die Gesichtspunkte*, etc., pags. 245 e 216.

e em parte interpreta-se inexactamente esta mesma tendencia, até um certo ponto concessivel, na sua reacção sobre a religiosidade e o sentimento em geral. (20)

Os apóstolos da futura *anomia* religiosa não têm direito de inferir o seu advento do facto occasional e transitorio da descrença que lavra em todos os dominios do espirito na época vigente. E' um phenomeno que se tem muitas vezes repetido no decurso da historia. A unica inducção cabivel seria attribuir ao senso religioso um desfallecimento periodico, nunca, porém, condemnal-o a uma total extincção.

O que Guyau chama *dissolução das religiões nas sociedades actuaes*, que corresponde á *Selbstzersetzung des Christenthums* de Hartmann, com a notavel differença de que o philosopho allemão limita-se ao christianismo, e o francez refere-se indistinctamente a todas as religiões em todas as sociedades hodiernas, posto que não se tenha occupado, como o titulo do livro fazia esperar, do actual movimento religioso dos povos do Oriente, o que Guyau assim qualifica, é uma série de factos, que constituem a symptomatologia de uma velha doença moral, cujo apparecimento sempre se dá com intermittencias seculares.

Eu não sei que grande distancia medeia entre o ponto de vista do homem do povo, que observando um terremoto, uma inundação, ou a passagem de um comêta, conclue logo que o mundo vae-se acabar, e o ponto de vista de certos philosophos, que diante da incredulidade e da indifferença religiosa dos nossos dias, induzem como lei o fim da religião. O erro no primeiro não é maior do que no segundo caso.

Além disto, releva advertir que, segundo attesta a historia, todas as épocas malsinadas de impiedade se caracterisam tambem por excesso de superstição. São duas ordens parallelas de phenomenos differentes, dos quaes se póde tirar, com igual direito, conclusões inteiramente oppostas.

«E' uma infelicidade dos homens que a razão mesma a final lhes causa enjão e a sciencia torna-se fastidiosa.

(20) *Die Selbstzersetzung des Christenthums*, etc. pag. 95.

As imagens e ideias phantasticas voltam de novo e agradam, por que têm o attractivo do maravilhoso. Acontece no dominio da philosophia o que aconteceu no dominio da poesia: o publico fatigou-se da leitura de romances intelligiveis e desde algum tempo voltou aos contos de fadas.»

Esta observação de Leibnitz, diz Karl Frenzel, pôde ser feita em qualquer época, em que o surto das sciencias naturaes, da philosophia materialista e da arte realista, provoca a contradicção nas almas melancolicas, nas cabeças sonhadoras, nos corações descontentes.

O seculo de Voltaire, de Diderot e Lamettrie, foi tambem o de Casanova e Cagliostro, de Swedenborg e Saint-Germain. A quadra em que vivemos não é diversa de todas as mais em que a illustração intellectual e a crença nos milagres existem sempre ao lado uma da outra, e a força do entendimento desperta por sua parcialidade a força da phantasia.

A sociedade romana dos ultimos annos da republica, do tempo do imperio, e mesmo dos primeiros seculos da era christã, ainda fornece uma prova do facto que apreciamos.

Nas assembléas populares e nas discussões do *forum*, Cicero ousava negar o inferno, o Cerbero e os Mannes. Ovidio cantava e ridicularisava as metamorphoses dos deuses. O poema de Lucrecio, que bania os nubes deste mundo visivel e se esforçava por livrar os homens de qualquer temor e respeito diante do hypersensivel e da morte, formava o estudo e o tacito enthusiasmo dos espiritos cultos de então. O cauteloso Virgilio não se atreve a proferir o nome do temerario poeta, mas julga-o feliz, por ter conhecido as causas das cousas: *felix qui potuit rerum cognoscere causas*. Exactamente como o *Système de la nature* andava de mão em mão na sociedade parisiense do seculo passado.

Porém esses romanos que em nada criam, continúa Frenzel, que julgavam pueril, deixar-se amedrontar do inferno e do seu Cerbero tricipite, eram os mesmos que interrogavam os astrologos ácerca do futuro; regulavam o horoscopo dos recém-nascidos e queixavam-se de philtros e feiticarias. A qualquer amante da litteratura classica são bem conhecidos os versos de Horacio contra a

feiticeira Canidia. Como irrompe de todas as maldições e esconjuros do poeta o intimo e indeterminado terror do feitiço?

Tacito está cheio de milagres, prophcias e inauditos phenomenos da natureza. Roma se achava obstruida de padres de *Isis* e *Serapis*, de thaumaturgos de todo genero. A historia de Apollonio de Thyana e a veneração quasi divina, que lhe tributavam igualmente grandes e pequenos, deixam atraz tudo o que se conta de Swedenborg e de Mesmer. (21)

E' a mesma ideia de Th. Mommsen, quando diz: « Superstição e descrença, que são refracções diversas de um só phenomeno historico, andavam tambem associadas no mundo romano de então, e não faltavam individuos, que em si reuniam ambas, que com Epicuro negavam os deuses, e todavia oravam e sacrificavam diante de qualquer capella...

« Quando o senado (no anno 50 antes de Christo) ordenou a destruição dos templos de *Isis* erigidos dentro dos muros que cercavam a cidade, nenhum trabalhador ousou começar tal serviço e o consul Lucio Paulo deveu mesmo dar o primeiro golpe de *acha*. Podia-se apostar que, quanto mais devassa era a prostituta romana, com tanto mais piedade adorava a sua *Isis*. » (22)

Entretanto, qual foi o resultado? Nem a descrença nem a superstição mataram os velhos deuses. Um Guyau daquelle tempo teria dito: a religião está morta; é a philosophia, são os systemas metaphysicos que devem occupar o seu lugar, conforme o gosto e disposição dos individuos. Porém assim não succedeu. As divindades continuaram a banquetear-se no Olympo; mas eis que de repente, como diz Heinrich Heine, appareceu, cançado e anhelante, um judeu pallido e ensanguentado, com uma corôa de espinhos na cabeça e uma cruz de pau sobre os hombros, e atirou a cruz em cima da meza do banquete: as taças de ouro tremeram, os deuses emmudeceram e

(21) *Renaissance und Rococo*. pags. 333 e 334.

(22) *Roemische Geschichte*, III, cap. 12.

descoraram, e cada vez se tornaram mais pallidos, até que enfim desapareceram na nevoa...

E' difficil affirmar que a revolução operada por Jesus seja um *intermezzo*, como tantos outros, na vida religiosa da humanidade. Em todo caso, é altamente provavel que, desaparecendo o christianismo, não será a philosophia e a sciencia, que virão substituí-lo.

Ha para as ideias uma especie de *metempsychose*, em virtude da qual ellas tomam, no decurso do seu viver historico, novas formas e novos nomes, ao passo que deixam de lado, como destituidas de espirito, as velhas formas e instituições anachronicas. O christianismo mesmo deve a sua existencia a essa *metempsychose*.

Não é muito pois que delle venha tambem a brotar um novo ramo, mais fresco e verdejante, capaz de dar as flores e os fructos, que elle já não está em condições de fornecer.

Nem é facil apontar o motivo, pelo qual o christianismo não possa comportar um depuramento, uma clarificação e um avanço, por cujo effeito se adapte a tornar-se a religião de um novo periodo cultural. A transição para isso necessaria não é um rompimento da continuidade historica, mas um antecedente da evolução logicamente fundada.

Os indicios da dissolução deste systema religioso tão intuitivamente expostos por Hartmann provam a sua queda, como os phenomenos da metamorphose de um insecto podem provar a morte do animal.

VI

Passo a occupar-me dos ultimos pontos da minha critica; e parece que vou acabar por onde devia ter começado.

O grandioso titulo de *Génese das religiões nas sociedades primitivas*, com que se decóra a primeira parte do livro de Guyau, é por si só sufficiente para fazer comprehender que ahi não se trata de um estudo sério, não se trata de um nobre esforço de indagação consciente, mas de um producto ordinario da *bombastica* franceza.

O homem é de um despalante admiravel. Empreheende tratar da génese das religiões, e não vê que tem pela frente uma questão insolúvel. Com effeito: quem falla de tal génese, só pôde comprehendel-a, ou no sentido psychologico de uma pesquisa das causas e do modo por que surge o sentimento religioso, ou no sentido historico de uma determinação da época, bem como do gráo de cultura, em que a religião apparece.

Mas ambas as posições do problema são igualmente inacessiveis. Se é um trabalho improficuo pretender assistir ao primeiro impeto, ao primeiro vôo, que actualmente a alma humana ensaia em demanda do céu, não o é menos, e talvez até que seja mais, fazer-se contemporaneo dos povos primitivos e observar a origem das suas crenças e das suas superstições.

Os que se têm mettido em semelhante empreza, só têm chegado no melhor dos casos a longinquas probabilidades e vaguissimas conjecturas. Nada existe até hoje definitivamente assentado, e ha motivos para crer que não existirá jamais.

A génese das religiões, conforme Guyau pretende explical-a, tem o defeito capital de dar como liquido e incontestavel aquillo que constitue o fundo mesmo da questão. Por quanto é licito perguntar: de que religiões ahi se cogita? De todas ellas, sem duvida. Mas todas ellas terão a mesma génese? Quem foi que já mostrou essa identidade? E dado mesmo que ella exista, será possivel mostral-a?

E' preciso que nos convençamos uma vez por todas: o conceito de uma génese das religiões é um daquelles, de que falla Kant, que formando uma synthese, devem ter-se na conta de palavras sem sentido, se tal synthese não pertence á experiencia. Ora, um conhecimento empirico das religiões pôde somente ser obtido dentro dos limites da historia; porém a génese dellas fica sempre além desses limites. Qualquer conceito pois que se forme da genetica religiosa, não passa de um *flactus vocis*, a que nada corresponde de real e positivo.

Supponhamos que Guyau, tratando de resolver a questão proposta, em vez de se entregar a vagas

generalidades, tomasse por objecto das suas indagações uma religião historica, o judaismo por exemplo, e procurasse mostrar a sua origem. Teria conseguido? Indubitavelmente, não.

Para limitar-me a alguns pontos: antes de professar o monotheismo, os Hebreus tinham sido polytheistas? Como se originou, quer uma, quer outra destas fórmulas religiosas? O jehovismo, que marca um gráu superior no desenvolvimento da religião hebréa, já estava contido na mente dos patriarchas, ou foi um resultado da influencia egypcia?

São questões que ainda esperam uma solução decisiva. Entretanto, ellas se agitam n'um terreno muito menos escabroso do que a questão da génese das religiões em geral.

Póde-se dizer da religião o que Guilherme de Humboldt disse da lingua: «Como um verdadeiro e inexplicavel milagre, ella rebenta da bocca de uma nação, e, como cousa não menos pasmosa, do balbuciar de uma criança.»

E' igualmente digno de menção este conselho de Ewald: « Quanto mais difficeis de conhecer são os factos espirituaes de remotissimos tempos, tanto mais deveriamos acautelar-nos de juizos precipites e infundados, e, com tanto maior deligencia reunir as verdadeiras faiscas de plausivel conhecimento, que ainda hoje podemos encontrar. » (23)

Infelizmente, porém, para o esclarecimento da questão que se ventila, nem essas mesmas faiscas podiam ser encontradas. A despeito de um tal ou qual apparatus de erudição moderna, o auctor francez não travou do seu problema, nem como naturalista, nem como historiador, nem mesmo como critico, mas simplesmente como philosopho. A sua obra é em ultima analyse uma *philosophia religiosa*, como tantas outras que por ahi existem, que podem agradar pelo palavreado, mas não têm substancia nutritiva.

Para dar uma justa medida da esteril abundancia de Guyau, eu cito entre muitas a seguinte passagem: « A

(23) *Geschichte des Volkes Israel*, pag. 155 (nota).

grande opposição que existe entre a religião e a philosophia, não obstante semelhanças exteriores, é que uma procura e a outra declara ter achado; uma presta attenção, ao passo que a outra já ouviu; uma ensaia provas, a outra fórmula affirmações e condemnações; uma crê de seu dever levantar objecções e responde-las, a outra não fazer parar o seu espirito sobre objecções, fechando os olhos ás difficuldades.»

Não contente com esta variedade de proposições, que repetem pouco mais ou menos o mesmo pensamento, ainda elle insiste e diz: « O philosopho, o metaphysico pretende agir sobre os espiritos pela *convicção*, o padre pela *inculcação*; um ensina, o outro revela; um procura dirigir o raciocinio, o outro supprimil-o, ou pelo menos desvial-o dos dogmas primitivos e fundamentaes. » (24)

Que leitor não se sente tentado a atalhar com o Nero de Pietro Cossa. *Basta, buffone, e vieni all'argomento?*... Para que exprimir por muitas fôrmas uma só ideia; para que photographar em posições diversas uma mesma theoria? Um legitimo pensador teria dito: « a grande opposição que existe entre a religião e a philosophia, é que uma procura e a outra declara ter achado. » Ou isto sómente: « O philosopho pretende agir sobre os espiritos pela *convicção*, o padre pela *inculcação*. » Tanto bastava para produzir, e até mais profundamente, a impressão da verdade.

A este pendor para a tautologia associa-se outro defeito, igualmente incompativel com a seriedade da sciencia. E' o abuso de uma especie de intuição prophetica, com que o auctor analysa em todas as suas particularidades, sob o ponto de vista religioso, os tempos que hão de vir.

E' innegavel que o proprio titulo e natureza da obra determinavam um certo entremettimento em dominios desconhecidos; a inducção devia sommar os dados da observação. Mas este mesmo processo tem seus limites; e Guyau não os conhece. Em muitas paginas do livro, não se lê um sabio que *induz*, mas um *vidente* que domina com o seu olhar o passado e o futuro da humanidade.

(24) *L'irreligion*, etc. pag. 226 e 227.

Alguns exemplos para confirmal-o. Assim diz o auctor: «Pelo progresso do pensamento humano, se chegarão a conhecer melhor as direcções, que é preciso tomar para approximar-mo-nos da verdade...

«O angulo dos olhares humanos, dirigido para as diversas figuras do ideal, irá diminuindo cada vez mais; porém á medida que as intelligencias forem assim menos divergentes, se tornarão mais penetrantes. Então produzir-se-ha esta consequencia inesperada, que as hypotheses sobre o mundo e seus destinos, por serem mais visinhas umas das outras, não ficarão menos numerosas nem menos variadas.

«O pensamento humano poderá mesmo tornar-se mais pessoal, mais original e matizado, tornando-se menos contradictorio de individuo a individuo. A' proporção que melhor se lóbrigar a verdade, os pontos de vista, em logar de permanecerem uniformes, adquirirão mais diversidade nos detalhes e mais belleza no conjuncto.»

Ainda mais: «Segundo nós, a religião deve ser não sómente *humana*, mas também *cosmica*. E é com effeito, o que terá logar pela força das coisas, ou antes pela força da reflexão humana. O theismo será obrigado, para subsistir, a encerrar-se na affirmação mais vaga possível de um principio analogo ao *espírito* como mysteriosa origem do mundo e do seu desenvolvimento. Este principio terá por character essencial não ser verdadeiramente separado do mundo; nem opposto ao seu determinismo»...

E assim por diante, sempre com este desembaraço e segurança de propheta, com os verbos no futuro, como: *chegar-se-ha, irá, tornar-se-hão, produzir-se-ha, ficarão, poderá, adquirirão, terá, será, etc, etc*. Mas onde e como descobrio que tudo isto tem de acontecer? Quem foi que lhe revelou todos estes arcanos? Ninguém o sabe, e o auctor ainda menos.

Proposições de tal ordem são tanto mais censuraveis, quanto é exacto que Guyau mesmo declara que «sendo o dever da sciencia não ultrapassar jamais, quer nas suas affirmações, quer nas suas negações, o que ella pôde estabelecer ou demonstrar, importa não estender sem prova a todo o futuro o que só o passado verificou.» E não

obstante, elle estende ao porvir, sem prova alguma, não sómente o que o passado só verificou, mas também aquillo de que esse mesmo passado não teve nenhuma ideia, como no caso das prophcias citadas.

Na terceira e ultima parte do volume, que é o ponto culminante do edificio, o auctor se espraia em considerações de todo genero, a fim de deixar fóra de duvida a these da sua *apósta*, isto é, que a religião vae morrer, que o espirito humano se dirige para um estado de completa *irreligiosidade*. Não demorar-me-hei em refutar ainda uma vez, o que já foi precedentemente refutado. Mas não posso prescindir de sujeitar a uma nova apreciação o baldado esforço, o *délit manqué* philosophico do guapo escriptor francez.

Antes de tudo, convém não esquecer que Guyau é um semi-positivista, ou um positivista apostata. De accordo com o *comtismo* admite a transitoriedade do estado theologico ou religioso do espirito humano, mas em opposição á doutrina do mestre estabelece a perpetuidade do estado metaphysico. Acho nisto uma certa inconherencia. Os positivistas *inteiros* são mais logicos, sustentando a identidade dos dois estados, dos quaes o segundo é para elles apenas uma transformação do primeiro. (25)

Effectivamente: quem não crê que a religião seja eterna, por que razão deve crer na eternidade da metaphysica? Se esta é inherente ao espirito humano, por que razão aquella não sê-lo-ha? O objecto e fundamento de uma é o mesmo que o da outra, se não convém antes dizer com Schopenhauer que a necessidade metaphysica é uma só, manifestada sob duas fórmulas ou especies diversas, a religião e a philosophia. O que importa, é não confundir essa necessidade com os monopolistas dos meios de

(25) A infidelidade de Guyau para com o positivismo é tanto mais estranhavel, quanto é certo que elle aceitou do systema a sua maior extravagancia, isto é, a visão *sociologica*. Bem como o Deus de S. Thomaz, que vê todas as coisas n'uma só *ideia*, identica ao seu proprio ser, os positivistas vêm tudo na *sociologia* e através da *sociologia*. O nosso auctor não faz exceção; pelo contrario, pôde-se dizer que neste ponto ella foi adiante dos ingenuos comtistas; como se explica pois que não os tivesse acompanhado no abandono da metaphysica, que é um dos presuppostos da sociologia? Não o comprehendendo.

satisfazel-a, de um lado, os padres, e, de outro lado, os philosophos professores, os que fazem da philosophia um modo commum de manter a vida, como pensava o mesmo Schopenhauer.

« A necessidade religiosa, são palavras de Carl Du Prel, é sómente uma especialidade da metaphysica, que serve de fundamento á philosophia. Se o valor de um homem deve ser medido segundo o grau de tal necessidade, é claro que ella não lhe deve ser attribuida, sómente quando elle resolve de um modo determinado os problemas communs, religiosos e philosophicos, como por ventura por meio dos dogmas da egreja catholica, porém também quando esses problemas são por elle sentidos como taes, quando elle tem consciencia da sua importancia quando lhe é ingénito o desejo de os resolver.

« Quer encontre esta ou aquella solução, quer não encontre até nenhuma, elle possui em todo caso essa disposição de espirito approximada da religiosidade, que os crentes erradamente reclamam para si sós. O incredulo nega unicamente uma certa maneira de responder ás questões religiosas, mas não diz por isso que taes questões sejam superfluas. Elle não nega os problemas em si, mas sómente não pode tranquilizar-se com a solução que lhe foi incutida na meninice... » (26)

Delineando o quadro da futura vida religiosa, Guyau declara que os prophetas, como os padres, serão então substituidos pelas grandes individualidades de todas as ordens do pensamento humano, da poesia, da metaphysica e da sciencia. Mas esta ideia é a mesma de Strauss, no seu notavel escripto : *Ueber das Vergaentliche und Bleibende im Christenthum*, de 1837. E' a theoria do culto do genio, como subrogado do culto religioso, que nada encerra por tanto de novo e original.

O proprio fundo da obra de Guyau, isto é, a ideia de uma transformação religiosa do espirito humano, antes mesmo dos auctores que trataram do assumpto, de 1869 para cá, já tinha sido objecto das indagações de Daumer. Este illustre visionario, em um dos seus trabalhos, *Die Religion*

(26) Citado por M. Conrad — *Humanitas*, pag. 48.

des neuen Zeitalters (1847), escreveu o seguinte: « Diante de nós, em um futuro provavelmente proximo, está uma nova religião, que ha de dar ao homem os mais puros contentamentos, ha de abranger toda a humanidade na unidade pacifica de um imperio universal, e transformará sua desgraça, as suas queixas, em jubilo e felicidade.... »

Uma religião só de prazer, uma religião sem *momento negativo*, é uma *contradictio in adjecto*, é uma religião irreligiosa. A futura religião de Daumer é a mesma *irreligião* de Guyau, o qual, por vir mais tarde, é ainda mais ridiculo do que o auctor allemão.

Tratando das hypotheses metaphysicas, que segundo a sua opinião têm de substituir os dogmas religiosos, o nosso philosopho acaçapa-se até á parvoice. Afigura-se-lhe a cousa mais simples deste mundo que a humanidade inteira passe a dirigir a sua vida moral, de conformidade com os principios desta ou daquella philosophia; e neste ponto de vista discorre largamente, sem notar que todo o seu dispendio de palavras repousa no chato *paralogismo* de dar como assentaço o que aliás constitue o âmago da questão: saber se o povo será um dia capaz de reflexão e comprehensão philosophica. Não o será jamais.

Assim como a ultima expressão do individualismo politico é sonhar uma época, em que cada individuo seja o seu proprio legislador e juiz, assim tambem a ultima expressão do individualismo religioso é conceber um tempo, em que cada individuo seja o seu proprio padre, como pretende Guyau; e de ser o seu proprio padre a ser o seu proprio Deus, vae apenas um passo. Mas o individualismo politico é tido como uma loucura; que é pois o religioso?

Dado mesmo de barato que o genero humano, indistinctamente, se eleve á altura que lhe vaticina o escriptor francez, ainda assim resta um ponto duvidoso, que é preciso liquidar.

Apoiando-se nos trabalhos de Roskoff, Réville e Girard de Riálle, Guyau acceita como verdade que não existem hoje, sobre a superficie da terra, povos absolutamente destituidos de senso religioso, posto que se lhe podesse oppôr a opinião contraria de Lubbock, Burton, Hearne, Bath e alguns outros. Sem fazer questão sobre

qual dos dois modos de ver seja o mais auctorisado, admitamos tambem como certo esse *innatismo* da religião, e vejamos o que d'ahi resulta.

Se o homem é naturalmente religioso, se a sua religiosidade é um producto da natureza, de duas uma: ou ella importa uma qualidade má, alguma cousa de semelhante á ferocidade primitiva que o processo da cultura tem por fim eliminar e extinguir, ou importa uma boa qualidade, que o mesmo processo cultural aperfeiçoa e melhora.

Nesta segunda hypothese, não é comprehensivel que a religião se dissolva, á força de aperfeiçoamento; pôde bem modificar-se, depurar-se, tomar mil formas diversas, mas nunca desaparecer. Na primeira hypothese, porém, quem poderá garantir que essa qualidade selvatica, essa *garra* ou essa *cauda* original, ainda mesmo desaparecendo por tempos, não esteja sujeita a reversões *atavisticas*?

Ninguém, por certo; e tanto seria bastante, quando outras razões não houvesse, para contrariar a theoria do nosso auctor. Um dos ideaes da cultura humana é a libertação da *lei do atavismo*, quasi no mesmo sentido em que o poeta fallou de uma libertação da *lei da morte*; porém esse ideal nunca será completamente realisado. O homem cultissimo hodierno, o mais desabusado e isento de preconceitos religiosos, ainda não está livre de ser de repente aggreddido por um sentimento invencivel, que o obrigue a ajoelhar-se e adorar o idolo de pau ou de pedra dos espiritos mais incultos. Ha bons motivos de crer que no futuro o phenomeno será o mesmo. (27)

(27) O auctor dá, em varios topicos d'este escripto, como uma these positivista a *provisoriedade das religiões*. Releva ponderar que assim realmente pensava A. Comte no *Cours de Philosophie Positive*, referindo-se ás religiões theologicas. Maistarde na *Politique Positive*, no *Catechisme Positiviste*, tratou elle de reconhecer o caracter perpetuo do sentimento religioso, e tentou crear, por sua vez, uma religião, que tem tambem seu *Grand-Etre*; porém este é a *Humanidade*... (N. de S. R.)

XLII

A evolução emocional e mental do homem

I

Actualmente a palavra *evolução* é uma especie de magia, com que se pretendem dissipar todas as duvidas e quebrar as forças de mais de um problema insolúvel.

Passando do vasto dominio da sciencia, onde o facto ou lei que ella significa, ainda é e será por muito tempo objecto de serios estudos, ao dominio, não menos vasto, do dillettantismo leviano e incompetente, a *evolução* tornou-se, na bocca dos litteromaniacos, alguma cousa de semelhante ao que é a palavra *liberdade* na bocca dos demagogos, ou a palavra *amor* na bocca das cortezans, isto é, um termo convencional, um artigo de moda, uma phrase de occasião.

O resultado é que esse vocabulo tem sido desviado do seu verdadeiro sentido. Os *mystagogos* e *gnostas* modernos, que o consideram uma especie de *Logos* divino, que lhe tributam um como respeito religioso, a ponto de escreverem-n'o com lettra inicial maiuscula, como se sôe escrever o nome de Deus, esses senhores têm assim contribuido para dar um character cabalistico e incomprehen-sivel a uma cousa aliás de facil comprehensão.

Entretanto, é certo que a *evolução* é a palavra que move o mundo; e, na phrase de Rudolf Gottschall, a palavra que move o mundo não póde ser mysteriosa. Está passado o tempo dos oráculos.

Já é costume, geralmente acceito, prender a ideia da evolução ao nome de Darwin. *Evolucionismo* e *darwinismo* sôam a muitos ouvidos, como perfeitos synonymos. Isto porém não é de todo rasoavel.

A theoria evolucionista surgiu bem antes do *darwinismo*. Os dous conceitos precipuos, que entram na ideia

da evolução, os conceitos de *transformação* e *melhoramento*, já eram bem commum de espiritos notaveis, anteriores ao grande naturalista inglez.

Se a justiça da historia e da critica scientifica se regulasse pelo direito dos laponios, segundo o qual o urso não pertence a quem o mata, mas a quem lhe descobriu a pista, Darwin ficaria fóra de questão na contenda pela gloria. Basta lembrar os nomes de Geoffroy Saint-Hilaire, Lamarck, Goethe, Hegel, e até Kant e Herder, na opinião de Otto Liebmann, para saber, entre quem então a disputa seria travada. (1)

Mas o caso aqui é outro. Darwin não creou de certo a theoria do *evolucionismo*, porém concebeu um novo modo de explicação; tanto mais acceitavel, quanto mais apoiado na riqueza dos factos observados.

Foi o principio da *selecção natural*, por sua vez explicada pela grande lei da *concurrentia vital* ou da chamada *lucta pela existencia*, esta bella phrase, que entretanto já tornou-se *chapa*, mas uma *chapa de ouro*, onde se acha para sempre gravado o nome do celebre auctor da *Origem das especies*.

Com quanto o *darwinismo* seja dest'arte uma nova fórmula, a ultima fórmula do *evolucionismo*, todavia pôde-se ainda notar uma ligeira differença entre ambos. Essa differença não se deixa melhor accentuar e perceber do que dizendo que o *darwinismo* é mais scientifico, e o *evolucionismo* é mais philosophico. Bem entendido: sem dar a esta distincção uma importancia capital.

Quando pois affirmo que o *evolucionismo* é mais velho que o *darwinismo*, só me refiro á theoria, á ideia nelle contida, não assim á palavra, que é relativamente nova, no sentido da geral applicação hodierna.

Na lingua franceza, por exemplo, a primeira apparição do termo *evolucioniste*, foi na *Revue des deux mondes* do 1º de janeiro de 1869, segundo sou informado por Carl Sachs. (2)

(1) *Philosophische Monatscheft*. IX Band. pag. 442.

(2) Importa não esquecer tambem que os *Primeiros Principios* (que encerram a mais completa theoria da evolução) de Spencer, *the great philosopher*, como o chamava o proprio Darwin, a maior personalidade da *philosophia evolucionista*, como diz Grant Allen, e tão injustamente atacado por Tobias, são de 1861. (M. DE S. R.)

Não fallo da introduccção do neologismo na lingua allemã, porque esta poude bem dispensa-lo ; já tinha ha muito tempo o seu *Entwicklung*, que traduz perfeitamente todos os phenomenos evolucionaes ou evolucionisticos, de que fallam francezes e inglezes, positivistas e spencerianos.

Importa sobretno deixar de lado essa *philosophy of epithets and phrases*, como ha pouco um articulista da *Edimburg Review* qualificou, com toda a justiça, a philosophia de Spencer. Importa acabar com esse moderno *alexandrinismo*, que converte palavras em outras tantas realidades.

Assim como os devotos de antigo estylo vêm em todas as cousas, ainda as mais disparatadas, o dedo da *providencia*, assim tambem os evolucionistas descobrem em tudo o signêta da *evolução*, ainda que ella realmente não exista.

Convém reduzir um pouco mais as despesas da phra-seologia. *Evolução é desenvolvimento*. Se este ultimo termo não está hoje muito em moda, por não ter o ar de profundez e sabedoria, que por si só confere aquella outra expressão, de character mystico e oucamento sonóra, é uma simples questão de galanteria do *demi-monde* litterario e scientifico.

Isto, porém, não quer dizer que eu condemne de todo o emprego da palavra. Costumo, e quasi que devo tambem usar della, ainda que a meu modo, sobretudo no dominio scientifico, em a applicação das chamadas ideias *darwinicas*.

Tenho medo das sentenças, que grandes naturalistas têm lavrado contra a importuna legião dos *darwinistas* amadores. Haeckel, por exemplo, já disse terminantemente: « O que pensarieis vós de um *leigo*, que quizesse dar juizo sobre a theoria das cellulas, ou sobre a theoria dos vertebrados, sem jamais ter cultivado a anatomia comparada?!... Pois é o que succede todos os dias a respeito da theoria biologica da descendencia. Decidem sobre ella leigos semi-cultos, que nada sabem de botanica, nem de zoologia, nem de anatomia comparada, nem de histologia, nem de paleontologia, nem de embryologia »...

E que sabemos de tudo isto nós outros, homens do direito, discipulos de Papiniano, leitores do *Corpus juris* e das *Ordenações*?

Parece-me que nada. Os meus receios não são infundados.

Schleiden tambem escreveu o seguinte : «E' uma prova de repugnante grosseria de espirito querer ajuizar de cousas, sobre que não se tem o minimo conhecimento ; aconselho pois áquelles que pretendem proventura julgar das doutrinas *darwinicas*, se dignem primeiramente de estudar com toda profundeza (*ganz gruendlich*) as obras de Darwin, se não querem correr o perigo de se tornarem brilhantemente ridiculos.»

O perigo é sério, e não se me levará a mal o desejo de evita-lo. Com este proposito, aceito do *darwinismo*, como verdades relativamente incontestaveis, a ideia da *lucta*, o principio da *herança* e da *adaptação*, a *selecção natural*, e em suas mais altas applicações, a *selecção artistica*. Tanto me basta.

Dir-se-ha talvez que todo o *darwinismo* está mesmo contido nessas quatro ou cinco ideias. Nem uma duvida. Mas essas quatro ou cinco ideias abrem caminho a longos desenvolvimentos, explanações e detalhes que só os homens competentes podem fazer ; e é este justamente o dominio, onde não me julgo com o direito de entrar.

A' vista da immensa litteratura *darwinistica*, posta ao alcance de qualquer leitor menos inculto, a quem é que hoje não seria facil ostentar muita sciencia com a sciencia alheia? E' verdade, e fui eu mesmo quem já disse, que nós pensamos, fallamos e escrevemos *a credito*; mas tudo tem seus limites, inclusive esta mesma especie de *credito intellectual*.

« Quem tem observado, diz Emerson, o mundo dos insectos, as moscas, os mosquitos, os innumerados parasitas, e até os jovens mamíferos, deve ter admirado o seu extraordinario gosto de sugar que forma a principal occupação de sua vida. Quando se entra em uma bibliotheca ou em um gabinete de leitura, vê-se a mesma occupação exercida com o mesmo affinco...»

E' exacto; porém ha sempre a notar que uma cousa é sugar a seiva alheia para alimentar-se, haurir alheias

ideias para instruir-se, e outra cousa querer fazer figura com o dinheiro dos outros, *respectivé*, com o trabalho dos Haeckel, dos Huxley, dos Fritz Mueller, quando não succede receber-se de segunda e terceira mão, recorrendo a menores grandezas, como os Le Bon, os Letourneau... *et le reste*. O parasitismo litterario tambem é uma causa e um signal de doença.

II

O processo da evolução emocional e mental do homem é o mesmo processo da civilisação, da cultura humana em geral, encarada pelo seu lado intimo.

O conhecimento desse processo é sobretudo um conhecimento historico.

A evolução emocional e mental constitue pois uma das partes da historia evolutiva dos seres organicos e vivos. No dominio das sciencias naturaes toda a historia evolutiva, segundo Haeckel, divide-se em duas secções: a *ontogenia* e a *phylogenia*, conforme se trata do desenvolvimento do individuo, ou do desenvolvimento do tronco genealogico.

Assim a sciencia das formas organicas ou *morphologia* tem uma dupla face: como *morphogenia*, occupa-se do desenvolvimento formal dos individuos organicos; como *morphophylia*, da historia genealogica das formas ou desenvolvimento *paleontologico* das especies, morphicamente apreciadas.

Se bem comprehendendo Haeckel, dou a mim mesmo a seguinte explicação: a *morphogenia* estuda, por exemplo, no homem, como individuo, o desenvolvimento das formas organicas, desde o mais infimo até ao mais alto estadio da vida embryonal; a *morphophylia* estuda no homem, como especie, o desenvolvimento dessas mesmas formas, desde aquella, sob a qual deveram manifestar-se os primeiros esboços da humanidade, até ás que hoje se observam nos graus superiores da evolução morphologica, onde a sciencia ja encontra na belleza plastica, por exemplo, de um corpo de mulher, alguma cousa de *dysteleologico*,

ou irregular, muito além do que é preciso para o fim restricto da propagação da especie.

Se estes dois ramos da *morphologia*, no dizer do grande professor de Jena, ainda não chegaram ao grau de adiantamento, que é para desejar, muito menos adiantados se acham os dous ramos correspondentes da *physiogenia*, segundo aquelle mesmo duplo ponto de vista, não quanto ás formas, porém quanto ás funcções.

O segundo ramo sobre tudo, a *physiophylia* ou *phylogenia* das actividades vitaes, Haeckel considera como ainda quasi não cultivado, se bem que em alguns pontos já tenha feito progressos notaveis. E' o caso com a *phylogenia* da linguagem, como ella forma actualmente o alvo principal da linguistica comparada.

Entro aqui em terreno sagrado, e como profano que sou, para não ver-me obrigado a tirar os meus sapatos e beijar o chão em que pizo, recuo e passo por fóra.

A physiologia não está na minha alçada. Entretanto não posso vencer o desejo de fazer umas ligeiras observações, que não demandam conhecimentos profissionaes.

Referindo-se á *physiophylia* em geral, diz Haeckel : « Que monstruosa extensão nos apresenta este dominio, ainda tão pouco estudado, quando consideramos que qualquer actividade vital, qualquer funcção physiologica nos animaes e nas plantas, bem como nos seres humanos, tem a sua historia propria, qualquer dellas se ha desenvolvido *historicamente* !

Que interessante objecto de indagação offerece, por exemplo, a *phylogenia* ou mais exactamente a *physiophylia* dos movimentos ! Quão attrahente e instructivo se mostra este problema, só dentro da serie dos vertebrados, onde o andar e porte recto do homem é remontavel á locomoção dos macacos arboricolas, e mais adiante á dos outros mammiíferos e quadrupedes !

A locomoção destes é por sua vez herdada dos amphibios, que ora correm, ora nadam, e que sahiram dos dipneustas e peixes habitantes das aguas. Nestes ultimos então o movimento de remo das barbatanas apresentar-se-ha como a fórma primitiva, donde proveio a funcção locomotriz do homem ».

Não sei se me engano, mas me parece que ha nestas palavras uma genial largueza de vistas, tanto mais dignas de reflexão, quanto é certo que Haeckel mesmo não as expõe como dados de uma sciencia feita, porém como plano de « disciplinas scientificas do futuro ».

Deixando aos competentes a apreciação detalhada do valor que possam ter taes disciplinas, quero aqui restringir-me a fazer sensível a importancia de um ponto. E' o que diz respeito á *physiophylia* dos movimentos, não dentro da série dos vertebrados, mas limitada unicamente ao desenvolvimento humano, e ainda assim, no circulo da humanidade historica.

A questão é séria. Guilherme His, um dos adversarios de Haeckel, combatendo a lei da *herança progressiva*, não hesitou em dizer: « Ha millenios que o nosso porte e o nosso andar são os mesmos; desde seculos, os nossos ascendentes fallam sempre a mesma linguagem, e escrevem a mesma escripta, entretanto *fomos* nós obrigados, como são os nossos filhos, a aprender, cada um por si, estas capacidades.

« Ainda mais: ha millennios que certos povos exercem a *circumcisão*, sem que a parte, sempre de novo arrancada, tivesse desaparecido pela herança. Diante de taes experiencias não pôde medrar a mão cheia de anedotas, que se têm contado em favor da hereditariedade dos attributos individuaes adquiridos ».

Para esta expectoração do oraculo, Haeckel parece ter sómente um sorriso de desdem, e limita-se, em rapidas notas, a invocar os mestres de dança, os historiadores, philologos, linguistas e calligraphos, que todos dão testemunho contrario ás pretensões de His (3).

(3) Quanto á *circumcisão* Haeckel confessa que a influencia da herança não se ha feito sentir entre todos os povos, que a praticam, ha millares de annos.

Porém aqui levanta-se uma objecção mais embaraçosa do que a proveniente da incorrigibilidade do prosaico tegumento: é a que provem da rebeldia da mais interessante das membranas. Com receio de offender ouvidos castos, exprimo o meu pensamento na propria lingua de Haeckel: *Seit Jahrtausenden schmuecken sich die Maedchen mit derselben jungfraenlichen Blume, die der rohe Mann immer wieder entblaetert; und doch ist das Jungfern Haeutchen im Lauf der Zeit nicht nur nicht verschuenden, sondern vielmehr, wie es scheint, je hoeher sich die Menschheit entwickelt hat, desto mehr haertlich und widerstrebend geuorden.* Não quero gracejar; o assumpto é serio.

Mas eu creio que ao teimoso antagonista do professor de Jena poder-se-hia oppôr, logo no começo do seu argumento, uma excepção peremptoria. Com effeito elle diz: « ha millennios que o nosso porte e o nosso andar são os mesmos »... Porém isto será exacto? A affirmativa é difficil, depois de alguma reflexão. Se quer dizer sómente que ha milhares de annos a posição e a marcha do homem é com o corpo em fôrma vertical, nenhuma duvida, pois isso não importa mais do que repetir que ha seculos de seculos o homem é *bipede*.

Mas a questão é outra; é saber se este mesmo *verticalismo*, caracteristico da humanidade e dos seus mais proximos parentes, tem ou não passado por variações e melhoramentos, através dos tempos, melhoramentos e variações, que são outros tantos productos de herança e adaptação.

Segundo o bello hemistichio virgiliano *et vera incessu patuit dea*, é de crer que os antigos julgavam conhecer os deuses, ou pelo menos as deusas, pelo *modo de pizar*. Este privilegio divino é hoje porém bem commum da maior parte das mulheres de educação.

Actualmente se distingue, só pelo andar, o homem das cidades do homem dos campos. A mulher rustica se caracteriza sobretudo por um certo peso corporeo; não possue aquella rapidez de movimentos, que assignala a moça de fino trato, desde os musculos que lhe descerram os labios, por occasião do riso, até ás contracções e expansões ondulosas, que agitam-lhe o corpo, no vortice de uma walsa.

Ora, estas differenças no modo de exercer a motricidade, que correspondem a outras tantas no grau de cultura, apreciada em sua totalidade actual, accentuam-se mais claras, quando as consideramos em relação ás phases successivas do desenvolvimento humano.

E' inadmissivel que ha tres ou quatro mil annos, a mulher, esposa ou filha, que brilhava no paço dos Pharaós, ainda que fosse a bella salvadora e educadora de Moysés, tivesse a mesma graça, a mesma consonancia de movimentos organicos das que refulgem nos salões actuaes.

Um progresso, portanto; e este progresso não pôdia dar-se sem a lei da hereditariedade. (4)

Ainda mais: se o fugitivo instante do abrir e cerrar dos labios podesse ser apprehendido e descripto com exactidão, os poetas que nos houvessem deixado pinturas da bocca ridente das Phrynéas e das Lais, ou das Clodias e das Lydias, dar-nos-hiam talvez o direito de fallar hoje de um sorrir *antigo* e de um *moderno* sorrir. A belleza, como a bondade, é um producto historico, um resultado da civilisação.

Esta ordem de considerações, em apparencia digressivas, tem uma vantagem: é prevenir o espirito do leitor contra a facilidade, com que se mettem mãos a resolver certas questões, que agora é que começam a sahir do fundo das conjecturas phantasticas e hypotheses imaginarias.

Diz Haeckel, como acabamos de ver, que a *physiophylia* ou *genealogia* das funcções, é um ramo de conhecimento, que mal principia a rebentar. Ora, não ha duvida que o estudo da actividade emocional e mental do homem faz parte dessa *genealogia*, pois que as ideias e sentimentos, em ultima analyse, são funcções; por conseguinte esse estudo participa tambem do estado de balbucencia, em que ainda se acha a mesma *physiophylia*.

Ninguem ha portanto, a não ser algum enviado do céu, que já possa fazer a historia da *emocionalidade* e *mentalidade* humana, pois toda evolução é historica, e isto com o mesmo grau de segurança, com que se conta a genese e o desenvolvimento de qualquer artefacto notavel dos nossos dias.

Mais que algumas observações e plausiveis conjecturas, ainda não é permittido aventurar neste terreno. A isso me limito.

(4) Já 1869, no seu estudo sobre a *motricidade*, publicado no *Jornal do Recife*, o autor apresentava algumas destas ideias. Sinto não ter tambem chegado ás minhas mãos esse escripto para ser n'este livro incluído.

(N. DE S. R.)

III

Quando se trata de dar um sentido ao estudo da evolução emocional e mental do homem, a primeira dificuldade que surge, é a que resulta da pobreza de materiais precisos para a construção do edificio planejado, se não se quer levantar, como os poetas, um palacio de sonhos e chimeras.

O desenvolvimento humano divide-se em dous grandes periodos: o *prehistorico* e o *historico*. Se já são imensos os embaraços, com que se tem de lutar no seguimento da marcha evolutiva das ideias e paixões humanas, dentro das raias da historia, o que não serão elles além desses limites, onde... alguns craneos e pedaços de craneos, um par de queixadas e alguns fragmentos de ossos, como diz Schleiden, são tudo o que existe para dar testemunho da organização dos nossos primitivos avoengos?

O auctor que acabo de citar, faz a seguinte comparação, esclarecedora e instructiva : « Na noite tenebrosa do interior da montanha, trabalhavam minadores em perfurar um lado do monte Cenís. Do lado opposto outros se occupavam em igual mister. Ambos sabiam que um dia haviam de encontrar-se, porque o engenheiro tinha determinado as suas direcções.

« De maneira analoga os naturalistas trabalham através da noite de millennios transactos, divididos em dous grupos, frente á frente um do outro. Elles sabem tambem que um dia hão de encontrar-se, porque a sciencia lhes traçou a direcção a seguir.

« Alli, parte-se do ponto mais longinquo do passado, da época dos primeiros seres vivos sobre a terra, e acompanha-se o desenvolvimento continuo até á origem do homem. Aqui, porém, toma-se como ponto de partida esse mesmo homem, tal qual elle se mostra actualmente, e segue-se a sua historia em sentido regressivo por meio dos documentos, das tradições, dos monumentos que resistiram á acção do tempo, enfim por meio dos signaes guardados nos ultimos leitos da formação geologica.

« Se a final, e de que modo, estes dous grupos de trabalhadores, no rompimento das espessas sombras do passado, encontrar-se-hão um com outro, ainda não é tempo de dizer »... (5)

Ainda não é tempo de dizer, isto affirma um *progono*; e tanto basta para inutilisar a pretensão dos *epigonos*, que já se julgam munidos de todos os dados necessarios para, de uma assentada, absorverem o estudo do homem e das sociedades, *desde as suas origens mais longinquas até aos nossos dias*.

Neste numero está, entre outros, o sociologo francez Gustave Le Bon, cuja obra *L'homme et les sociétés*, semelhante a uma dessas mulheres, que apenas interessam pelo diminutivo dos pés, visto que o resto é vulgar, só tem de meritorio a *table des matières*, que é de certo promettedora e imponente, mas em vão, completamente em vão. O corpo do livro é quasi nullo e insignificante.

Nos meus annos de curso academico ainda alcancei a noticia de um facto, que diziam ter-se dado em uma *sabbatina*.

Certo estudante, respondendo á arguição de um seu collega, não sei sobre que materia, entendeu dever appellar para a historia, e disse convicto: não precisa ir muito longe, basta o exemplo de Adão e Eva; ao que o lente acudiu: e poderia lembrar uma época mais remota?

O caso não deixou de produzir impressão comica, e foi então objecto de muitos commentarios.

Entretanto, os tempos mudaram-se, e quem quer que hoje, lendo a obra de Le Bon, usasse daquella expressão, não seria digno de riso, pois que o sabio francez, para estudar o homem e a sociedade, para tratar do direito, da religião, da moral e da industria, começou pelo *protoplasma*!...

Adão e Eva são de hontem. Os dous grupos de trabalhadores, de que falla Schleiden, o sociologo reunio-os todos em sua cabeça!

(5) *Unsere Zeit. Neue Folge. Fuenfter Jahrgang. Erste Haelfte.* pag. 615.

Não se me oponha, á vista das minhas sympathias haeckelianas, que tambem o auctor da *Natuerliche Schæpfungsgeschichte* começou muito de longe. Sem duvida ; mas elle esbarrou no homem ; ainda não transpoz os limites da historia natural, para fazer sociologia.

Se entre os alvos, para onde se dirige a *Entwicklungsgeschichte*, elle assignala como *disciplina do futuro*, uma sciencia que se ha de occupar do desenvolvimento embryonal dos troncos, familias, communas, Estados, e a que dá o nome de *cormogenia*, não é de crer por isso que já tenha essa sciencia como assentada.

Quem prohibe ao moço de hoje, que ainda não tem filhos, declarar que a sua primeira *netinha* chamar-se-ha Diotima ou Gnathenium, Terpsychore ou Melpomene ? Pois o caso é semelhante. Por ora, sómente o nome.

Voltemos ao centro do assumpto. A expressão *evolução emocional*, que é legitima spenceriana, podia ser muito bem, sem quebra de honra, substituida por esta outra, nossa velha conhecida, *desenvolvimento da sensibilidade*, assim como a sua companheira, a *evolução mental*, nada tambem perderia, despindo a roupa de gala e tomando o trajo commum de... *desenvolvimento da intelligencia*.

Mas fiquem as novas phrases, com tanto que o seu ar de novidade não se imponha aos espiritos irreflectidos como uma conquista ou uma descoberta.

O estudo da emocionalidade e mentalidade do homem tem duas faces : uma individual e outra especifica, ou para empregar ainda aqui as expressões de Haeckel, uma *ontogenetica* e outra *phylogenetica*.

A evolução ontogenetica de ambas ou de qualquer das duas manifestações da vida, com quanto de muita importancia no puro dominio da psychologia, como ella deve ser estudada, e como parece que Condillac já tinha um certo presentimento no seu systema de *sensações transformadas*, todavia não é a que mais nos interessa no dominio da historia. Aqui o ponto capital da indagação é a phylogenia das emoções e das ideias.

Ha um problema muito maior e mais penoso, do que é para o astronomo catalogar estrellas na immensidade

do céu, é para o philosopho catalogar phenomenos, que successivamente emergem do fundo da alma, através da escuridão dos seculos.

A evolução emocional e mental da humanidade fórma uma immensa cadeia, cujo primeiro elo... quem poderá definir? Conjectural-o apenas.

No principio era o *ovo de ouro*, dizem as fontes da sabedoria brahminica. Não é preciso remontar *tão alto*. O evangelho da phylogénia emocional e mental tem um introito menos poetico e mais modesto.

No principio... era a *fome* e o *amor*. Estes dous agulhões da ferocidade animal, que Schiller disse, bem que com algum exagêro, ainda hoje serem os unicos sustentáculos do edificio do mundo, é de crer que fossem realmente as forças originarias da cultura, de toda cultura humana.

Nem se concebe que outras molas podessem mover o homem primitivo, além desses dois impetos psychicos, reductiveis ás duas capitaes funcções organicas da nutrição e da propagação. Elles formam, por assim dizer, as raizes da arvore genealogica da vida sensivel e intellectual.

Mas o que ha de mais difficil neste assumpto, não é determinar o ponto de partida e o ponto de chegada, o estado primitivo e o estado actual do desenvolvimento das paixões e das ideias, das impressões e percepções do homem. O problematico, o indecifrável talvez, consiste em acompanhar com o pensamento a direcção ascencional da monstruosa cadeia, cujos anneis se contam por millennios.

O problema se complica tanto mais, quanto é certo que o estudo dessa evolução, em muitos casos, isto é, em relação a muitas épocas, não seria um estudo de *psychologia*, mas de *psychiatria* historica. Nelle poderiam encontrar-se, como diz Moritz Lazarus, o ethnologo, o historiador e o alienista, com reciproca vantagem.

Ver-se hia que não raras vezes o processo cultural não tem sido mais do que um processo de *desallucinação*, desde o primeiro esforço para vencer a pantophobia infantil, que levava o homem a ver por toda parte espiritos perniciosos, no fuzilar do raio, no silvo do vento, no ruido das

árvores e das águas, até ao trabalho actual de acabamento dos ultimos phantasmas da razão mal educada.

Aprender é *desilludir-se*. O systema de Copernico *desilludiu* o espirito humano de uma van imagem dos sentidos. Isto mesmo está de accordo com o facto e significação da experiencia.

Esta fonte de todo saber, a chamada mestra da vida, é mais negativa do que positiva ; ella consiste menos em adquirir verdadeiras ideias novas do que em arredar velhas e falsas ideias. Não é em vão, mas antes com muito senso, que o homem experimentado costuma fallar das suas *desillusões*.

Acresce ainda uma circumstancia ; e é que, não obstante o longo decurso das idades, grande numero de sentimentos parecem ter ficado estacionarios, e de um modo mais anormal do que se observa no dominio intellectual, onde tambem o progresso tem sido parcial e incompleto.

IV

Ahi está precisamente o ponto questionavel das condições actuaes da sciencia. Já não é de saber se tem havido e como tem havido evolução emocional e mental. *Se tem havido*, é uma questão ociosa ; *como tem havido*, é uma questão sem resposta. Por quanto não basta, para resolvê-la, dizer que a sensibilidade e a intelligencia se tem diferenciado ; no correr dos tempos. Nem todo progresso é uma diferenciação, nem toda diferenciação é um progresso, já o disse Haeckel.

As subtilizas dialecticas, as distincções capciosas da escolastica, eram outras tantas diferenciações do pensamento ; e ninguém com seriedade as julgará um symptoma de evolução progressiva.

Dando pois como irrecusavel, e não pôde deixar de ser, que a vida mental e emocional dos povos historicos tem tido uma marcha ascendente, limito-me á indicação de certos factos, que pôdem illustrar a theoria, para depois entrar na questão, unica admissivel no caso, de saber qual

das duas fôrmas de actividade vital revela mais progresso, ou se uma só tem sido a medida do desenvolvimento de ambas.

Na categoria da evolução emocional comprehende-se tambem, e não sei se principalmente, o que diz respeito às sensações, aos phenomenos de sensibilidade physica, segundo a velha tecnologia da escola.

É digno de nota: um espirito pouco affeito ao estudo não achará grande embaraço em comprehender que um sentimento, o amor da patria, por exemplo, tenha sido alterado pela acção do tempo; mas esse mesmo espirito difficilmente comprehenderá que uma sensação ou grupo de sensações não haja mostrado sempre um character identico em todas as épocas da historia.

Entretanto, é certo que a segunda asserção é tão razoavel quanto a primeira.

Sirvam de prova as sensações da vista.

«Dois terços dos raios enviados pelo sol, diz Tyndall, não despertam em nossos olhos nenhuma sensação visual. Os raios ali estão, mas falta o orgão proprio para transformat-os em luz»... Terá sido sempre assim? Parece que não. Ha tres mil annos, nem esse mesmo terço era percebido.

Lazarus Geiger, em sua *Historia evolutiva da lingua e da razão humana*, foi o primeiro a observar que o progresso da humanidade tem tido logar de um modo quasi paralelo á differenciação das côres. Os gregos do tempo de Homero não conheciam o *azul*. Até mesmo Demócrito e os Pythagoreos só sabiam de quatro côres: branca, preta, vermelha e amarella.

A côr que hoje nos delicia na contemplação do céu e do mar, a côr que hoje racionalmente associa-se á ideia de de uns bellos olhos de moça loira, foi portanto uma das ultimas, senão a ultima, adicionada pela retina do homem ao espectro solar.

D'ahi vem talvez que certas almas, que chamarei *modernas*, poeticamente delicadas e delicadamente sensiveis, são justamente aquellas, que mais gostam do *azul*.

Não dissimulo que, á primeira vista, a cousa é difficil de admittir; porém depois de alguma reflexão, a

difficuldade diminue e tende a desaparecer. As linguas por si sós offerecem um meio de verificação.

O *blau* allemão e o *black* inglez têm raiz commum no sanscrito. O *cæruleus* latino, que passou a significar *azul*, pois é neste sentido que os poetas fallam de *ceruleas* ondas e *ceruleos* céus, nada encerra em sua origem, que dê ideia de côr. A raiz sanscrita quer dizer *cavus*, cavado, concavo.

A mesma ordem de considerações se pôde fazer a respeito dos sons. A evolução das sensações auditivas é evidente. A historia da musica é em grande parte a historia dessa mesma evolução.

Desde a lyra do grego Timotheo, que aliás foi um revolucionario em augmentar-lhe o numero das cordas, e mereceu ser accusado por effeminar os animos com as suas melodias; desde a lyra de Timotheo até ao piano de Liszt, ha um progresso estupendo, mas tambem, afinal, o que ha progredido, é sómente o ouvido do homem.

E' de crer que os antigos, usando de menor numero de notas, não iam, ainda assim, além do *diatonismo*; o *chromatismo* era-lhes desconhecido. A verificação directa é impossivel; mas podemos recorrer a uma indirecta.

Quando se presta séria attenção á estrutura musical das canções populares, productos de espirito inteiramente estranhos á cultura hodierna, observa-se que os componistas anonymos de taes canções fazem toda a sua despeza com quatro ou cinco notas; as subidas e descidas da vóz são sempre diatonicas. Não ha razão de suppôr alguma cousa de semelhante na musica da antiguidade? Eu o creio.

Actualmente o *chromatismo* já vae ficando nm pouco atraz do desenvolvimento acustico. O ouvido bem educado já leva mais adiante o fraccionamento da escala, concebendo e admittindo intervallos entre os semitons.

A polyphonia moderna não pôde produzir em ouvidos communs senão simplesmente a impressão do barulho; ao passo que órgãos melhor desenvolvidos estão no caso de seguir e apreciar, no reboço de uma grande orchestra, sem perder a impressão do conjuncto, a sonoridade isolada de tres e mais instrumentos.

Esta marcha evolucional das sensações auriculares, que se differenciam pelo andar dos tempos, parece tambem obedecer á influencia das raças, nos limites em que tal influencia pode-se dar.

Uma joven polaca, doutora Susana Rubinstein, em sua these inaugural, *Die sensoriellen und sensitiven Sinne*, faz a este respeito nma observação curiosa. Ella diz que a diversidade da vida espiritual e psychica de cada povo repousa em grande parte sobre o predominio de regiões e grupos determinados de sensações.

Assim a raça ariana e a raça semitica mantem-se entre si, como o olho e o ouvido. Dão disso testemunho o senso do *plastico*, predominante na primeira, e o intimo recolhimento da vida sentimental, que prepondera na segunda. A aptidão especial dos judeus para a musica é ainda uma prova bem significativa.

E quem sabe, podia perguntar á minha bella doutora, quem sabe, se a esta mesma preponderancia não se prende o facto da exaltação religiosa, do ardente *fideismo* judeu, em perfeita harmonia com o principio paulinico *fides ex auditu, a fê vem do ouvido*? A pergunta não seria sem proposito.

O thema é inesgotavel, e não tenho a pretensão de absorvel-o. Pelo que toca ás outras sensações, a observação attenciosa chega aos mesmos resultados, ainda que se note mais ou menos morosidade no desenvolvimento deste ou daquelle sentido.

Assim se estabelecem, de individuo a individuo, differenças de grau sensitivo, bem dignas de estudo.

Sómente uma rapida indicação a respeito. Não ha quem não ouça fallar e não falle, por sua vez, da *relatividade dos gostos*. N'esta phrase existe, a meu ver, um largo assumpto de indagação philosophica. *Relatividade de gostos*, quer dizer relatividade de sensações e sentimentos; mas esta se reduz a uma relatividade do tempo, que é a unidade de todas as antitheses da vida sensível, é o unico material do sentimento. *Relatividade de gostos* significa, em ultima instancia, differença de tempo, differença de desenvolvimento emocional.

Eu gosto disto, ou daquillo, de que aliás tu não gostas, são expressões que querem dizer : nós nos achamos em periodos diversos da evolução sensível.

A divergencia de dois espiritos sobre a belleza de um objecto quasi sempre pôde ser traduzida nas seguintes proposições : eu ainda sinto, como sentiram os nossos mais remotos antepassados, e tu já sentes, como talvez hão de sentir os nossos mais longinquos pósteros.

A humanidade é como o céu, cujo espectáculo, segundo a phrase de A. von Humboldt, *Ungleichzeitiges darbietet*, isto é, apresenta ao mesmo tempo differentes pontos do tempo.

Nós vemos o sol, como e onde porventura elle se achava ha 8 minutos; vemos a estrella *alpha da lyra*, como e onde ella esteve ha 12 annos; as mais distantes nebulosas mostram-nos alguma cousa que existiu ha 20 mil seculos. Muito quadro interessante, que hoje contemplamos no céu da noite, desapareceu talvez bem antes dos tempos da primeira dynastia egypcia.

A humanidade culta, em qualquer instante de sua actual existencia, tambem apresenta esse... *Ungleichzeitiges*, senão em sua totalidade, pois é impossivel observá-la, ao menos nos diversos grupos, que a compõem.

As differentes phases do desenvolvimento da especie, desde a época *paleolithica* até ao presente, coexistem no fundo da vida emocional de qualquer moderna sociedade.

Assim como ainda ha individuos civilisados, que pela sua organização podem offerecer assumpto para uma pagina de morphologia prehistorica, assim tambem ha outros, no seio mesmo da maior cultura, que pelo lado intimo, sobretudo pelo lado sensível, fornecem materia á psychologia das épocas de pedra.

Todo mundo sabe de cór a velha maxima : os grandes homens são contemporaneos dos seculos futuros, por seus pensamentos. Bem podemos glosar e dizer que os pequenos homens são contemporaneos dos seculos passados, por seus sentimentos.

Ha ainda quem opine que a vida sentimental da humanidade não tem sido progressiva. Com quanto porém esta opinião possa mencionar em seu favor a auctoridade

de um Buckle, todavia ella não merece que se lhe preste attenção. Não conheço modo de ver, que vá mais de encontro aos factos.

Indubitavelmente uma analyse ligeira de certos sentimentos e paixões leva a crer que não tem havido progresso. Ha mesmo algumas emoções, das quaes não só se pôde dizer que o progresso é nullo, como até que o regresso é bem sensível.

A emoção religiosa, a fé que fazia os santos, está nesse caso. O proprio patriotismo de hoje, medido pela bitóla historica de gregos e romanos, é uma degeneração.

Mas a questão me parece ser outra. O enfraquecimento d'essas paixões, que é para ellas, consideradas em si mesmas, um defeito, uma pobreza, não será para a vida total d'uma vantagem, um passo de avançada? Se nos não é licito affirmar, a simples duvida basta para obstar que se assente qualquer theoria em contrario.

Quando á fixidade e permanencia apparente de certos sentimentos, a illusão é mais facil de dissipar. E previno logo que se me accuse de contradictorio, por haver dito que ha espiritos que pertencem, por seu modo de sentir, a velhas e longinquas eras. Importa não confundir o estado actual d'este ou d'aquelle individuo com o estado da humanidade, contemplada em suas alturas.

Com effeito, qual é o sentimento, que na realidade tenha permanecido completamente identico, *indifferenciado*, inevituel? Nenhum. Quando mesmo fosse exacto, como muitos ainda crêem, que nos monumentos e na litteratura dos povos espelha-se toda a sua vida psychica, e podessemos acceitar, como outras tantas pinturas *d'après nature*, o sem numero de quadros, mais ou menos idealizados, de antigos tempos, ainda assim as differenças entre o *outr'ora* e o *hoje* seriam assás visiveis.

Os exemplos são numerosos, mas limito-me a um só. Ainda é questão indecisa saber se os antigos, principalmente os romanos, tiveram aquillo que hoje chamamos o *senso da natureza*, o gosto e comprehensão das bellezas naturaes.

Sem adherir de todo á opinião negativa, representada por Schiller, entendo tambem que não é acceitavel a

opinião opposta, na extensão que lhe dá, entre outros, Alfredo Biese.

A alma da poesia antiga era o senso *mythico*, pelo qual a natureza se povoava de seres imaginarios ; o que repousa no presupposto de que, sem esses seres, a natureza não tinha encantos, não podia, por si só, nutrir e engrandecer o espirito poetico.

Alguns versos de Lucrecio, Catullo e Virgilio provam tanto que a intuição dos ultimos tempos da republica e principio do imperio era naturalistica, como pôde por ventura um classico dos nossos dias, que ainda ache prazer em Jupiter e seu sequito, provar que a intuição presente continúa a ser *mythica* e *polytheica*. A somma disto é que o sentimento poetico desenvolveu-se e alterou-se.

Na gamma das emoções, quero crer que o amor é a nota mais agradável. Não será elle tambem cedido á lei do progresso ? Sem duvida alguma. O amor de outr'ora não era o amor actual.

Nem isto está em contradicção com ideias já por mim enunciadas. Eu disse uma vez que ha um amor superior a todas as differenciações de raças e costumes, é o *amor-morbus*, o amor que invade o homem, sem pedir licença, á maneira de *cholera* ou de febre, como opinava Iwan Turgeniew. (6)

Mas esse amor, quando hoje apparece, por effeito mesmo da sua raridade, já tem o direito a ser classificado entre os casos de *atavismo*.

Em geral ao amor hodierno falta o *momento tragico*, produzido pelo conflicto de uma paixão indomavel com a ideia da impossibilidade de qualquer união sexual, ainda que esta se reduza ao minimo de um beijo. Com o nivelamento das classes sociaes, realisado ou mesmo só pretendido, a democracia matou a primitiva poesia do amor. (7)

(6) Vide n'este livro pag. 98. (N. de S. R.)

(7) Vide n'este livro pag. 143. (N. de S. R.)

V

A proposito da evolução emocional e mental, importa ainda não esquecer que os dois desenvolvimentos não se dão separadamente.

Qualquer que seja o grau de inferioridade em que o homem se ache na esphera evolutiva, elle não pôde emocionar-se, sem que esta emoção seja acompanhada, consciente ou inconscientemente, de uma qualquer actividade mental.

A primeira fórma do homem prehistorico, o homem da época de pedra talhada, já tinha dado um primeiro passo na evolução intellectual, desde que poudé imaginar um modo de augmentar a propria força, armando-se de um instrumento, por elle mesmo afeiçoado e accommodado ás necessidades da vida.

Vae de certo uma immensa distancia entre a mão que talhava pedras, como armas, como utensilios, e a mão que hoje cinzela o marmore para fazer objectos de luxo, mais do que isso, para fazer objectos de pura contemplação esthetica.

Mas releva observar que qualquer escultor dos nossos dias, ainda mesmo que elle traga o nome de Canova, é um herdeiro do homem primitivo, desse homem que já sabia dar á pedra, por assim dizer, uma feição humana, adaptando-a de qualquer modo a lhe prestar serviços na lucta pela existencia.

Aqui vejo que ha um fundo de verdade historica nestas palavras, que uma vez escrevi: «antes que a arte appareça sob a fórma de um *passatempo*, de um brinco do espirito, ella deve apparecer sob a fórma de uma actividade pratica, ella deve entrar na categoria do trabalho.»

E' altamente provavel que os Phidias e os Praxiteles, os genios da esculptura em geral, que animam o marmore com o gracioso espirito da belleza, são descendentes directos do selvagem das cavernas, que animava o silex com o grosseiro espirito da utilidade ; até porque é de suppor que lá mesmo, na primeira phase do periodo prehistorico, a adaptação da pedra ao serviço humano não foi obra de todos ao mesmo tempo, mas descoberta do genio.

Não supponhamos, portanto, que a evolução emocional encerre alguma cousa de mais antigo, de mais primitivo, que a evolução mental. Esta não é uma phase successiva d'aquella, mas apenas uma outra fôrma do desenvolvimento humano.

O que ha porém de mais seriamente questionavel, está em saber ou procurar saber, qual das duas evoluções tem sido mais rapida, o que quer dizer qual dos dous lados da *psyche* humana, *sensivel* e *intellectual*, tem passado por mais transformações, ou se ambas se acham no mesmo grau evolucional.

Que esta segunda questão só pôde ser resolvida de modo negativo, os factos o attestam. O character da evolução emocional em relação á mental é quasi sempre *anachronico*, só raras vezes e excepcionalmente, *synchronico*.

As ideias de um individuo podem ter a ultima feição, a frescura da actualidade, e todavia as suas emoções quasi sempre regularem-se pelo *rhythm*o de uma época anterior. O coração é um relógio, que de ordinario anda atrasado.

Todo mundo conhece, entre outros, o facto de homens, que têm ideias assentadas sobre a não existencia de Deus, praticarem actos de veneração e respeito, que revelam a crença em contrario.

A tal phenomeno poder-se-hia chamar predominio da *phylogenese* sobre a *ontogenese*, na esphera emocional, como tambem o atheismo, a negação de Deus, é uma especie de reacção da *ontogenese* sobre a *phylogenese*, na esphera intellectual. (8)

E' aqui occasião de tornar mais claro o sentido das palavras *phylogenese* e *ontogenese*, dando a formula da lei, que Haeckel diz ser a lei suprema da biologia.

Elle mesmo enunciou-a em latim, nos seguintes termos: *ontogenesis est summarium phylogeneseos, tanto integrus, quanto hereditate palingenesis conservatur, tanto minus integrum, quanto adaptatione cenogenesis introducitur.*

8) Sobre as palavras *genese*, *ontogenese*, *phylogenese*, etc., sob o ponto de vista linguistico, vide a nota por mim posta aos *Estudos de Direito*, pag. 53.

(N. DE S. R.)

Eis aqui: «a *ontogenese*, isto é, o desenvolvimento do individuo, é uma recapitulação da *phylogenese*, quero dizer, do desenvolvimento da série, geração, tronco, povo, raça ou especie, tanto mais completa quanto pela herança conserva-se a *palingenese*, isto é, o renascimento, e tanto menos completa, quanto pela adaptação se introduz a *cenogenese*, a saber, o desvio ou falseamento da evolução.»

Expliquemo-nos agora. Um homem herda de seus pais uma crença feita sobre Deus e as cousas de além tumulo. Esta crença divide-se em duas partes: uma parte mental, que se compõe de juizos, raciocinios, afirmações ou negações categoricas, e outra emocional, que se compõe de aspirações e estremecimentos, de dores e prazeres, de esperanças do céu e terrores do inferno.

Succede porém que esse homem, pelos estudos que faz, pelos livros que lê, pelo ambiente social, em que se move, adquire uma intuição diversa da intuição herdada, e chega a negar aquillo, que seus pais, que seus avós affirmavam. Ahí temos a *ontogenese*, reagindo contra a *phylogenese*.

Mas como, por outro lado, sentimentos novos não se bebem nos livros, nem o meio é capaz de transformal-os de repente, d'ahi resulta uma certa desproporção entre o mental e o emocional, ou o que chamei predomínio da *phylogenese* sobre a *ontogenese*, e o pensador liberrimo não está livre de curvar o joelho, como qualquer dos seus avoengos, aos *idola tribus* da simpleza popular.

Só isto é que bem explica a chocante anomalia, pela qual materialistas convictos sentem um calefrio horripilante, ao entrar de noite n'uma casa escura e solitaria; e nós outros, que lemos Darwin, que nos lisongeamos de um pouco de cultura philosophica, não estamos muito longe de espavorir-nos ainda por almas do outro mundo e quejandas visões phantasticas.

E' esta mesma falta de *synchronismo* ou *homochronismo* dos dois desenvolvimentos, que pôde dar a razão de muito phenomeno exquisito para o qual não se acha melhor explicação do que um appello á hypocrisia, á simulação e ao calculo.

Semelhantes motivos dão a razão de alguma cousa, porém não dão a razão de tudo.

Assim no mundo politico, não é raro ver liberaes e até republicanos, qualidades estas que significam um *estado mental* determinado, praticarem acções dignas do mais atrazado conservador e monarchista.

No mundo social, democratas de ideias firmes, não duvidam tomar de repente uma attitude respeitosa e submissa em presença do aristocrata.

No mundo religioso, homens instruidos vão aos templos, munidos de psalterios e livros de orações; o que fez um dia Carl Vogt perguntar a si mesmo, para que fim, diante de tal espectáculo, gastava mais as suas forças em escrever e pensar! . . .

Mas a razão é uma só: a diferença de tempo, a falta de *homocronismo* entre as duas evoluções.

O que se observa nos individuos, dá-se também nos povos, quer considerados em si mesmos, quer comparados uns com outros.

Entre as nações cultas existe na hora presente uma relação *synchronica*, no dominio das ideias, não assim porém no dominio dos sentimentos, onde cada uma dellas occupa posição diferente.

Ha quem conteste que nos povos, considerados em si mesmos, nos diversos estadios de sua historia, os dois desenvolvimentos deixem de ser *homochronos*.

Mas isto só póde sustentar-se ou por capricho ou por ignorancia. Por capricho, se a these, não obstante ser erronea, todavia presta auxilio a qualquer systema de especulação sociologica. Por ignorancia, se realmente crê-se affirmar uma verdade de facto, quando os factos estão a dar-lhe o mais solemne desmentido.

Quem estuda, por exemplo, a historia do seculo xvi na Italia, vê justamente a maior desharmonia entre o sentir e o pensar.

Como diz Settembrini, os sacerdotes, os homens de Estado, os escriptores, poetas, artistas, emfim todos os homens d'aquelle tempo, não eram mais que intelligencias, sem paixões grandes, sem sentimento religioso e, o que é peor, sem moral; por isso viam, mas não

sentiam os males da patria ; viam, mas não aborreciam a corrupção religiosa, antes chamavam-na *esplendidez*; por isso tambem fizeram na arte obras inimitaveis pelo engenho, mas sem affecto.

E que *homochronismo* poder-se-hia realmente conceber entre o fulgor intellectual da côrte de um Leão X, ou mesmo de um Luiz XIV, e os baixos sentimentos, que lhe ferviam no intimo?

Se a respeito de todos os homens, sobre quem se emprega a phrase commum, *bello talento*, porém *mau character*, nas raras occasiões em que esta phrase é verdadeira, se podesse fazer um estudo genetico, profundo e detalhado, ver-se-hia que tal desproporcionalidade é reductivel a uma desharmonia entre a herança e a adaptação, isto é, a uma simples differença chronologica.

Nesses casos o *bello talento* é sempre um *parvenu* em relação ao mau character. Verdade, quanto aos individuos, que tambem pôde ser applicada às nações.

A nossa questão se reduz emfim a esta formula geral: na *ontogenese* dos individuos e dos povos, qual das duas evoluções resente-se mais da influencia da herança, qual das duas abre mais facil caminho á introdução da *cenogenese* ?

Parece-me incontestavel que a evolução emocional é mais lenta, mais sujeita á conservação *palingenetica*. D'ahi portanto um primeiro corollario : as *atavisações* são menos raras na ordem dos sentimentos do que na das ideias.

E' mais facil um homem bruto do começo do seculo passado contar hoje descendentes de genio, do que um ladrão da mesma época ter actualmente o seu nome ligado a uma descendencia honrada.

Costumamos chamar os mais velhos *nossos maiores*; os que hão de vir depois de nós serão os *nossos melhores*. Isto pôde ser affirmado em qualquer momento da historia. Porém esse melhoramento é sempre mais largo, mais comprehensivo pelo lado intellectual.

Não se me objecte com o que disse anteriormente a respeito do amor. Alli tratava-se de comparar um sentimento de hoje com o mesmo sentimento de outr'ora ; aqui

porém a confrontação é entre phenomenos differentes. Se entretanto quizermos sujeitar o amor a igual apreciação, teremos igual resultado.

Como em todos os tempos da cultura humana, o amor em nossos dias tambem tem um ideal ; mas tambem, como em todos os tempos, está muito a quem desse ideal, seja elle qual fôr, cavalheiresco ou romantico, philosophico ou naturalistico.

A paixão é sempre diversa dos ultimos moldes da ideia.

E' possivel que um dia se acabe de todo com a metaphysica da cabeça; mas me parece que nunca poder-se-ha extinguir de todo a metaphysica do coração..... Sim !...

*O coração tambem é um metaphysico :
Estremece por fôrmas invisiveis,
Anda a sonhar uns mundos encantados,
E a querer umas cousas impossiveis. . . .*

Tudo isto consequencia da maior lentidão do desenvolvimento emocional. Por isso mesmo, e porque o mecanismo social não repousa, como queria A. Comte, sobre opiniões, mas sobre sentimentos, o progresso das sociedades é igualmente lento ; elle fica sempre atraz de todos os programmas e corpos de doutrina, que pretendem reformal-as. (9)

(9) Releva ponderar que o que o auctor diz, neste periodo, de A. Comte, reporta-se á primeira phase da evolução deste philosopho, por quanto, na *Politica* e na *Synthese*, elle mudou de pensar. Este estudo de T. Barreto é, na opinião de competentes, o seu mais completo trabalho, e das melhores cousas escriptas sobre o assumpto até hoje. E' de 1884. (N. de S. R.)

XLIII

Variações anti-sociologicas

Nur durch die innigste Wechselwirkung und gegenseitige Durchdringung von Philosophie und Empirie entsteht das unerschütterliche Gebäude der wahren, monistischen Wissenschaft.

(ERNEST HÄCKEL.)

I

Eu não creio na existencia de uma sciencia social. A despeito de todas as phrases rhetoricas e protestos em contrario, insisto na minha velha these : a sociologia é apenas o nome de uma aspiração tão elevada, quão pouco realisavel.

Além deste character de simples postulado do coração, que vê ou quizera ver na sociedade humana um todo organico, subordinado, como os demais organismos, a certas e determinadas leis, a palavra não tem outro sentido, que mereça ser investigado.

Logo em principio, salta aos olhos que o estudo dos phenomenos sociaes, considerados em sua totalidade e reduzidos á unidade logica de um systema scientifico, daria em resultado uma estupenda *pantosophia*, evidentemente incompativel com as forças do espirito humano.

Se nem mesmo como sciencia descriptiva, que aliás, envolve, na opinião de Haeckel, uma *contradictio in adjecto*, a sciencia social é constructivel, pois que não podem ser descriptos todos os phenomenos de sua alçada, por que razão sê-lo-hia como sciencia de principios, como sciencia de leis, que têm de ser induzidas da observação desses mesmos factos ?

Desconheço essa tal razão. Entretanto não se supponha que eu tenha jurado aos meus deuses fazer guerra á sociologia. Não estou disposto a affrontar o martyrio na luta contra ella. Porém julgo ter o direito de exigir dos seus sectarios alguma cousa de mais serio do que meia duzia de estribilhos e convenções da escola. Exijo pouco, mas esse pouco é tudo.

Em quanto pois, assim como a velha *astrologia* dos Apollonios de Thyana, dos magos da Caldéa, passou a ser *astronomia* dos Copernicos, dos Galileus e dos Keplers, a nova *sociologia* de Comte, de Spencer e outros sociologos e magos do occidente, não passar tambem a ser *socio-nomia* de sabios, de estadistas e politicos, estou firme na minha convicção : a sociologia é uma *phrase*.

E isto parece tanto mais admissivel, quanto é certo que, bem ponderado, nem se quer já nos achamos no periodo propriamente *sociologico*, mas no periodo *sociolatrico*. A religião da humanidade, o semi-deismo dos grandes homens, que é sem duvida mais honroso, porém não menos inexplicavel que o semi-deismo dos Cesares, pertencem a esta phase.

Entretanto a *sociolatria*, ainda mesmo que lhe sirvam de objecto as mais altas manifestações da grandeza humana, é inconciliavel com uma sciencia social, qualquer que seja o grau do seu desenvolvimento.

Desde que conhecemos, por exemplo, a natureza, a orbita e a marcha dos cométas, não ha mais logar de contemplal-os com admiração e terror. Assim tambem, se é conhecida a lei da formação dos genios, pois que os genios são phenomenos sociaes, como todos da mesma ordem, segundo pretende a sociologia, reductiveis a leis, para que engrandecel-os e deifical-os ?

A contradicção é palpavel ; e dest'arte a *sociolatria*, que ainda reina nos proprios dominios da chamada sociologia positivista, encarrega-se, por si só, de combatel-a aniquilal-a.

Não me é estranho que sociologos mais coherentes com os presuppostos aprioristicos da sua sciencia, negam o merito e importancia das grandes personagens. Mas tambem é certo que o que elles assim revelam de senso logico, não compensa-lhes a falta de senso historico.

A pequenez das grandes, como a grandeza das pequenas individualidades, é um paradoxo, apenas toleravel na esphera religiosa, onde o valor das ideias não é determinado pela verdade dellas, mas sobretudo pela sua capacidade de illudir e consolar.

Debemur morti nos nostraque: é um bonito principio este, da *igualdade perante a morte*, porém ainda mais esteril que o axioma democratico da *igualdade perante a lei*, e como tal só tem um sentido, no portico dos cemiterios. Fóra d'ahi, dentro das raias da vida, no vasto laboratorio das ideias e das acções, a dupla categoria de *grandes e pequenos homens* é a expressão de um facto, que nenhum sophysma poderá jámais destruir.

E' incalculavel o gasto que se tem feito de papel e tinta em proclamar o alto valor da sociologia. Porém mais incalculavel me parece a falta de senso, com que, ainda hoje, os sociologos se julgam obrigados a demonstrar com argumentos de todo genero a realidade desse ramo de indagação e systematisação scientifica.

Como se isto não fosse bastante para provar justamente o contrario! Uma sciencia, que é realmente tal, não tem necessidade de fazer de sua propria existencia a primeira questão que lhe cumpre resolver.

Se ella de facto existe, os seus resultados incumbir-se-hão de defendel-a. Insistir na demonstração de uma *sciencia social*, no sentido positivo da palavra, não é mais, por consequinte, do que uma prova indirecta, ou uma confissão inconsciente da sua inexistencia.

II

Os sociologos tem um certo numero de theses favoritas. Não é meu intuito referil-as todas aqui e batel-as uma por uma, até porque já me vae parecendo uma inutil perda de tempo, semelhante a que se dá com a refutação de qualquer thema theologico, refutar a sociologia.

Em geral os sociologos pertencem á ordem dos *crentes*; e crenças não se refutam.

Mas entre os presuppostos da pretendida sciencia ha um, sobretudo, que ainda merece ser apreciado, não tanto porque elle importa para a sociologia uma questão de vida e morte, como por que é o ponto principal, senão o unico, no qual os sociologos têm de seu lado a opinião de

philosophos mais sérios, de espiritos mais elevados. Quero fallar da questão do *determinismo*.

Já uma vez declarei, e não ha muito tempo, que não estava longe de crêr serem as leis da liberdade as mesmas leis da natureza ; e permaneço nesta opinião.

Mas importa não confundir cousas distinctas. Dizer que a liberdade tem leis, não é negal-a, e bem assim affirmar que essas leis são as mesmas da natureza, não é reduzir o processo da vida moral á pura mecanica dos atomos, a acções e reacções chimicas.

Dado porém que assim fosse, e a ideia da liberdade não e conciliasse com a ideia de lei, nada seria mais simples do que confessar a inexactidão do meu asserto, pois neste assumpto, como em todos os mais, é o caso de repetir com Moritz Carrière: graças a Deus, nós podemos errar. A pretensão de infallibilidade é sempre ridicula, quer emane de uma cadeira de papa, quer de uma cadeira de mestre ; ou venha de uma assembléa de bispos, ou de uma escola de sabios.

Mas me parece que não estou em erro. A liberdade humana é um facto de ordem natural, que tem a sua lei, porém não se deixa explicar mecanicamente.

Os philosophos costumam distinguir no conceito da liberdade dous momentos diversos : o momento *empirico* e o momento *racional*, ou a liberdade de *poder* e a liberdade de *querer*.

A liberdade empirica é um facto de consciencia ; para reconhecê-lo não é mister tomar o partido de um espiritualismo phantastico e impossivel. Que o homem *pode* o que *quer*, é uma verdade experimental ; e tanto basta para traçar a linha de separação entre duas ordens de phenomenos, que pertencem a um mesmo tronco, mas não se reduzem a um só ramo.

Se porém o que elle *quer*, é sempre o resultado necessario da sua organização, é um ponto este, que sendo admitido, como aliás o admitto, não traz todavia luz alguma para a solução do problema ; por quanto, nem destróe o facto da liberdade empirica, objecto de observação immediata, nem deixa esclarecido que a dependencia, em que o homem se acha da sua organização, seja realmente de natureza mecanica.

Semelhante identificação do *psychico* e do *physico* é, quando muito, o que se questiona, o que se pretende provar: e affirmar-a não basta para tornal-a incontestavel.

Entretanto em que consiste, que quer o *determinismo*? Negar a liberdade sob o pretexto de que as acções humanas são todas *motivadas*. A lei da *motivação*, diz elle, é uma das fórmulas da lei geral da causalidade. Os motivos são causas mecanicas, a que succedem effeitos com a mesma necessidade, com que os *phenomenos* se succedem no mundo exterior.

E não é exacto que a todo e qualquer esforço consciente, a toda a volição e acção, precedem certos motivos? Ou ha um esforço *immotivado*, puramente espontaneo, que existe de si mesmo e por si mesmo?

Muitos defensores da liberdade ainda crêem que a lei da *motivação* exclue o *livre querer*, isto é, que a liberdade da vontade só é possivel, quando esta não é determinada por motivo algum.

Semelhante opinião só podia ser favoravel á causa do determinismo. Desde que se faz assim do acaso e do capricho irracional a essencia da liberdade, desde que o verdadeiro acto livre se considera aquelle que se pratica sem motivo, sem razão alguma, não é muito que os deterministas achem provas de sua theoria em todos os circulos da actividade humana, onde se nota uma certa ordem.

Uma vez associada á ideia de liberdade a de confusão e desharmonia, é facil demonstrar pela estatistica dos crimes, dos casamentos e outros factos, onde os numeros exercem uma funcção approximadamente igual, que a vontade não é livre.

Mas este modo de pensar, admittido por alguns philosophos, é o mesmo velho ponto de vista dos espiritos incultos, que ainda hoje, nas relações politicas, não cançam de fallar de um partido da *ordem* e de um partido da *liberdade*, como de duas antitheses, difficilmente conciliaveis, quando não affirmam que a verdadeira liberdade está na *ordem*, para outros redarguirem que a verdadeira ordem está na *liberdade*. Em summa, como se vê, uma série de tolices.

Dest'arte, obscurecida a ideia da cousa, fazendo-se do *chaos* e da *desordem* na vida individual e social o caracteristico da liberdade, os deterministas, por um lado, descobrem fatalismo e necessidade, onde quer que appareça um regular encadeiamento dos actos humanos, e os parvos, por outro lado, estão de accordo que a mais alta expressão do *liberalismo* é o dominio do cacete, do barulho, do reboliço eterno.

Assim, e de conformidade, por exemplo com os principios da sociologia nacional brasileira, como ella é cultivada por vadios e vagabundos, é um despotismo clamoroso, quando a *auctoridade*, invadindo a terra santa da *liberdade*, quebra a viola do ocioso cantor popular e põe um limite aos excessos da bebedeira.

Da mesma fôrma, os deterministas entendem que o governo da natureza, em relação ao homem, é sempre despotico, e que não ha vontade livre, desde que os actos só se realisam em virtude de motivos.

Singular doutrina esta, pela qual as manifestações da liberdade entrariam de direito na categoria da loucura!...

Com effeito, se o presupposto da *motivação* exclue o livre querer, é logico admittir que se são possiveis actos humanos *immotivados*, onde quer e como quer que elles se executem, ahi, pelo menos, apparece a liberdade.

Mas esses actos são justamente aquelles que os psychiatras designam como caracteristicos de qualquer perturbação mental.

Para Trousseau, por exemplo, quasi sempre que se dà um assassinato *sem motivo*, sem alvo de interesse, sem premeditação, sem ponderação de tempo, logar e meios, trata-se do acto de um epileptico.

Eis ahi pois a falta de motivação entrando como elemento na diagnose de um caso de insensatez. E se aquelle *quasi sempre*, em vez de *sempre*, é para dar conta das excepções, não vejo que os casos exceptos possam ser explicados, se não por uma reversão atavistica ás épocas de pura ferocidade humana. Porém entre um homem de hoje, que perde a razão, e um homem de hoje, que de repente asselvaja-se e torna-se fêra, qual é a differença?

Como quer que seja, o certo é que a livre vontade não é incompatível com a existencia de motivos; pelo contrario elles são indispensaveis ao exercicio normal da liberdade.

Estas ultimas ideias, posto que em parte me sejam proprias, comtudo já não são inteiramente novas. Eugène Véron, na sua *Moral*, publicação recente da *Bibliothèque des sciences contemporaines* (1884), assenta a sua theoria da liberdade sobre uma ordem de considerações analogas.

Eis aqui como elle se exprime: « Quanto a nós que... não vemos na phrase, *obedecer á razão*, mais do que uma metaphora nascida sem duvida da crença imbecil na realidade distincta dessa mesma razão, crença que por felicidade tende a desaparecer; quanto a nós que pensamos que isto significa obrar racionalmente, e por consequente obedecer a si mesmo, logo que se está na plenitude da propria intelligencia, depois de um estudo attento e profundo dos motivos, que nos solicitam a agir, declarámos que o facto de obedecer á razão é, a nossos olhos, a prova mesma da superioridade intellectual do homem, o signal mais evidente do seu verdadeiro valor moral, e que se a liberdade existe em qualquer parte, no dominio da actividade humana, é ahi só que se póde descobri-la ».

De perfeito accôrdo. A verdade não se externa sómente em allemão; ella falla e escreve tambem francez. Os *gallo-manos*, como chamava Alfieri a todos os phreneticos entusiastas do francezismo, podem agora rir-se da ingenuidade, com que me confesso adstricto a uma auctoridade philosophica franceza, eu que em tantos pontos ainda não fiz nem faço segredo do meu *Franzsoenfressenthum*! A cousa é realmente merecedora de riso. Mas... não me tomem ao sério!... Isto é gracejo. Véron tem o ar de quem offerece uma novidade, que sahio a pouco da *béante fournaise* do cerebro parisiense; e todavia as suas ideias se me apresentam com o character platónico de verdadeiras *reminiscencias*, não de uma vida anterior, porém desta mesma vida, onde já li cousa igual.

E foi em allemão. Em um dos *Philosophische Monatshefte* de 1874 (dez annos antes), Henrique von

Struve, professor de philosophia em Varsovia, disse o seguinte:

«Não posso representar nenhum esforço, nenhuma acção racional, que não seja motivada pela razão. Qualquer que seja o alvo do meu esforço, por mais independente que elle seja, elle só será racional, associando-se á consciencia de que tenho bons motivos para obrar assim... Por isso a *motivação* não só não exclue a acção autonoma e livre, como até, pelo contrario, é uma das condições della... Por ventura a nossa actividade torna-se *livre*, pelo facto de associar-se ao despropósito, a ausencia completa de qualquer motivo rasoavel? Não de certo; ella entrega-se por esse modo ao curso natural das cousas; demitte-se do poder de determinar-se racionalmente e subordina-se á ordem de factos, que do ponto de vista subjectivo designamos como *acaso*, porém que deve ser objectivamente comprehendida como pertencendo á mesma ordem da natureza. Ficamos pois collocados na seguinte alternativa: ou obrar segundo a razão, ou ceder passivamente á necessidade psychica. Salta aos olhos que a liberdade, se em geral ella existe, só póde ser procurada no primeiro membro dessa alternativa...» (1)

Não é o mesmo pensamento de Véron? A identidade é manifesta. Nenhum demerito resulta d'ahi para o auctor francez; nem foi este o alvo da citação. Mas o ensejo era optimo, para dar ainda uma prova de que a minha *germanomania* não é de todo um phenomeno psychiatrico, pois que basêa-se em muito boas razões.

Eis uma dellas: os pensadores allemães, em quasi todos os dominios da intelligencia, andam dez annos, pelo menos, adiante dos francezes.

Não sei se deva exceptuar o dominio *politico*. A politica allemã não me é totalmente sympathica. Olhada por este lado, a minha cara Allemanha assemelha-se a uma linda mulher, em que aliás a enormidade das mamas diminue a belleza das outras fórmas. Por isso limito-me a contemplal-a só pelo rosto. Mas tambem a *republique française* não está no meu programma. Sou pouco afeiçãoado

(1) *Philosophische Monatshefte*, pag. 349.

ao *cancan*, em qualquer de suas manifestações. Isto distoá, bem sei, da intuição commum, ainda que ella não seja das mais seguras. O republicanismo brasileiro é um bello pedaço de litteratura franceza. Com razão dizia eu, ha pouco, a um amigo tedesco : *In Brasilien treibt man Republik, wie man die Lecture der Romane Zola's treibt: ohne Kritik oder Ueberzeugung, nur aus bewusster oder unbewusster Liebe zu Frankreich*. Porém não importa ; é a verdade tal qual sinto, e aproveito a occasião para repetil-a (2).

III

E' digno de nota : os modernos contradictores da liberdade, os que pretendem *mecanisa-la* e destruil-a, filiam-se em geral á escola de Hume. Ora, este philosopho, como é sabido, contestava que a ideia de causa fosse mais que um resultado do habito de ver certos factos sempre juntos, pelo qual chegamos a crer na união necessaria desses mesmos factos; mas essa crença não tem realidade objectiva !

Já se vê que sendo assim, ao menos para os deterministas sectarios de Hume, a causalidade e a liberdade duas grandes illusões metaphysicas, não ha justiça nem logica em submetter a liberdade á causalidade, em sacrificar uma illusão a outra.

Sustentando deste modo a livre vontade, até onde, e só até onde ella é, não um postulado da razão pratica, mas um simples facto de consciencia, bem pôde parecer que eu me colloque em posição divergente da philosophia monistica, da qual me confesso decidido sectario. Mas é sómente apparencia ; no fundo não ha contradicção.

E não é difficil demonstral-o. Com effeito : a ideia fundamental do monismo, diz Ludwig Noiré, é que o universo compõe-se de atomos inteiramente iguaes que são

(2) Sobre a posição de Tobias Barreto diante do republicanismo brasileiro, veja-se o prologo posto por nós aos seus *Estudos de Direito*. (N. de S. R.)

dotados de duas propriedades, uma interna o *sentimento*, e outra externa, o *movimento*. Bem como os átomos, o sentimento e o movimento, que lhes são inherentes, são também originariamente iguaes. Destas duas propriedades, originarias, inseparaveis, resulta todo o desenvolvimento, ou antes, o que se chama desenvolvimento é a somma, ou o producto de ambas; de modo que todo e qualquer desenvolvimento é reductivel a uma modificação do movimento, mas também, e ao mesmo tempo, todo e qualquer desenvolvimento é reductivel a uma modificação do sentimento (3).

Schopenhauer diz: tudo é *vontade*. O idealismo e o materialismo dizem: tudo é *força*; para aquelle *força e espirito*; para este *força e materia*. O monismo porém responde: tudo é ao mesmo tempo *vontade e força*. Como *força apparece*, como *vontade é*; ou, para fallar a lingua de Kant, como *força é phenomeno*, como *vontade, noumenon*.

A philosophia tradicional affirmava que tudo provém de causas. Schopenhauer distingue *causas, attracções e motivos*. O monismo redargue: tudo é causa e motivo ao mesmo tempo. Como causa, *apparece*; como motivo, *existe* nos seres mesmos. D'aqui resulta que não ha em parte alguma do universo puro *mecanismo*; qualquer movimento é determinado simultaneamente por causa e motivo.

Estas ideias, que muitos acharão de acre sabor *metaphysico*, isto é, um pouco acima da comprehensão humana, por estarem além dos limites da propria comprehensão, vão de encontro ao determinismo. A lei da motivação não exclue a liberdade, pois que não é uma lei de causalidade mecanica.

Mas importa observar, e este ponto merece attenção, que o monismo philosophico de Noiré não é o monismo naturalistico de Haeckel. O grande professor de Jena, que é um dos mais illustres próceres da sciencia moderna, parece-me deixar-se levar por um preconceito do tempo,

(3) A palavra *sentimento* é aqui empregada no sentido generico de manifestação sensivel.

quando identifica a intuição mecânica e a intuição monística do mundo. Uma coisa não é exactamente a outra.

O monismo philosophico é conciliavel com a *teleologia*, não tem horror ás causas finais, cujo conceito não é sempre, como querem os materialistas systematicos, um meio commodo da razão preguiçosa, para furtar-se á pesquisa das causas efficientes, ao passo que o monismo naturalistico só admite estas ultimas, e crê poder com ellas fazer todas as despesas da explicação scientifica.

Para o monismo philosophico o movimento e o sentimento sendo inseparaveis, dá-se entre elles sómente uma questão de grau : onde mais domina o movimento, apparece então a *causa efficiens*; onde mais o sentimento, prepondera tambem a *causa finalis*. O mundo não é só uma cadeia de *por quês*, como pretende o materialismo acaanhado, mas ainda uma cadeia, uma série de *para quês*, de fins ou de alvos, que reciprocamente se apoiam, se limitam que saem uns dos outros. A intuição mecânica porém não quer saber do que vai além da simples concatenação de causas e efeitos. O monismo naturalistico, que representa a unidade de vistas adquiridas no dominio das sciencias naturaes, está preso, como ellas, á exclusiva consideração da causalidade, que é a lei capital da empiria, o principio gerador de toda a experiencia.

O professor Haeckel, cedendo talvez áquella predilecção, de que fallava Helmholtz no prologo da sua *Optica*, a predilecção... *zu unmittelbar mechanischen Erklärungen*, decidiu-se a apoiar com a força de sua auctoridade o monismo naturalistico, sem levar em conta, nem sequer dignar-se de submeter a uma critica mais séria tudo o que, além desses limites, ainda parece reclamar a nossa attenção.

Assim para elle, o venerando sabio, não só a verdadeira intuição monística é a intuição mecânica, mas tambem, quem quer que se colloque acima deste ponto de vista, sciente ou inconscientemente, é victima de uma illusão, a illusão do *dualismo*. Nem mesmo Kant pode evitar semelhante escolho.

Esta condemnação do grande philosopho (tanto importa o juizo de Haeckel), relegado para o meio dos

dualistas e theologos, em nome do monismo, quando o monismo, pelo órgão de Noiré, se confessa ligado, por mais de um laço, á philosophia de Kant, quando o monismo, que não é um principio constitutivo, mas um principio regulador, quasi diria, um principio architectonico do pensamento philosophico moderno, assenta em bases kantescas, esta condemnação do grande philosopho, repito, devia naturalmente provocar a impugnação.

E de facto. Ed. von Hartmann, na ultima parte do seu notavel opusculo, *Wahrheit und Irrthum im Darwinismus*, entendeu-se com Haeckel sobre o pretenso dualismo de Kant. O resultado foi ficar estabelecido que o naturalista fôra injusto para com o philosopho. Como se depreheende de varias passagens da *Kritik der Urtheilskraft*, melhor utilizadas por Hartmann, muito ao envez de ser Kant um dualista, firmou elle a doutrina de que a explicação *mecanica* e a explicação *teleologica* dos phenomenos naturaes representam *momentos* diversos de uma *unidade* superior. Em proprios termos : « O principio, que torna possivel a conciliabilidade dos dons modos de julgar a natureza, deve ser posto naquillo que repousa fôra de ambos, mas entretanto encerra o fundamento delles, isto é, no *hypersensivel*, e qualquer das duas maneiras de explicação deve sempre referir-se a esse principio. » (4)

Isto é clarissimo, porém não é tudo. Kant ainda diz que não podemos saber *a priori* quanto contribue o mecanismo da natureza para a realisação de qualquer intuito final, que nella exista, nem até onde chega o modo de explicação *mecanica* dos seus phenomenos, e que por isso as sciencias naturaes têm o dever de levar o mais longe possivel esta mesma explicação. Mas tambem logo assegura que o simples *mecanismo* não é sufficiente para dar a razão dos productos organicos, isto é, que em relação á fôrma dos organismos ha sempre um resto *mecanicamente inexplicavel*.

Puro conceito monistico. A elle prende-se o pensamento de Noiré, quando affirma que em todo e qualquer

(4) Não confundir *teleologia* com *theologia*, como vulgarmente fazem os ignorantes. (N. de S. R.)

phenomeno, tanto o mais simples, como o mais altamente complicado, ha sempre um *resto incalculavel*, que representa a parte do *sentimento* no mesmo phenomeno. Entre o *resto*, de que falla Kant, e este de que falla Noiré, não ha differença alguma. O *mecanicamente inexplicavel* da theoria kantesca quer dizer, em linguagem monistica: a parte do *sentimento* que o *movimento* não explica. Vê-se pois que Kant não foi, nem podia ser um dualista. As apparencias enganam; e desse engano não estão livres nem até os genios da estatura de Haeckel.

Ed. von Hartmann, como já disse, utilisou-se de passagens da *Crítica do juízo*, para demonstrar o não dualismo no archiphilosopho allemão. Entretanto, as fontes de tal demonstração não se limitam aos pedaços por elle citados. Na *Crítica da razão pratica* encontra-se uma passagem, onde Kant falla de um *automaton materiale* e de um *automaton spirituale*, não como duas cousas distinctas, mas sómente como dous pontos de vista de uma mesma cousa, dous modos de observar e julgar a natureza. (*Kritik der p. Vernunft*; edição Kehrbach, pag. 117.)

O pendor materialistico do tempo, a que corresponde o gosto pelas explicações mecanicas, tem levado muitos espiritos ao extremo das affirmações e negações categoricas, porém sem base nos factos. Felizmente já ha mais de um exemplo de sobriedade scientifica por parte de naturalistas, outr'ora inebriados de seu proprio vinho, mas hoje convencidos de que a sciencia tem limites, além dos quaes ainda existe alguma cousa que ella não pôde sujeitar aos seus processos de observação e esclarecimento. O primeiro, o mais valioso signal desta mudança, foi dado por Du Bois Reymond.

Este sabio fôra ao principio um materialista, que estava de accôrdo com a opinião lacunosa e parcial de Moleschott: *der Gedanke ist eine Bewegung des Stoffes*. Em suas *Untersuchungen ueber thierisch Electricitaet*, do anno de 1848, ainda elle commungava a ideia de que... *wenn nur unsere Methoden ausreichten, eine analytische Mechanick saemmtlicher Lebensvorgaenge moeglich waere*. E' esta a mesma ideia, que vinte e quatro annos depois o grande Strauss repetio, dizendo: «De dia em dia augmenta

a possibilidade de mostrar as condições, sob as quizes a vida se desenvolveu do que não tem vida, a consciencia do inconsciente».

Mas releva ponderar que a esse tempo já Du Bois Reymond tinha reconhecido a inanidade dos seus esforços. Na celebre conferencia *Ueber die Grenzen des Naturerkennens* elle affirma terminantemente: « Com mecnica, não sahimos de mecnica; não podemos comprehender, como nasce a consciencia, como nasce o sentimento. » Uma sentença de morte contra o materialismo myope dos Moleschott e dos Buechner, ao qual Strauss se alliára; sentença que o fez então humildemente dizer: « Se esta palavra do mestre é a ultima na questão, só o tempo afinal poderá decidir. »

Já é uma grande concessão esperar que o tempo decida a questão capital do materialismo. Esperemos por tanto.

O *Ignorabimus* de Du Bois Reymond e *Audeamus* de Haeckel não são tão inconciliaveis, como se suppõe. Eu os concilio a meu modo.

Rejeitando a primeira formula, se ella pretende ir além de um simples conselho de temperança especulativa, e acceitando a segunda, só até onde envolve um grito de animação, sem proposito assentado de romper todas as barreiras e entrar no conhecimento natural de tudo, entendendo que ellas se completam, se harmonisam, se corrigem uma a outra.

Mas o nobre professor de Jena seria talvez o primeiro a recusar esta conciliação. Para elle tudo é susceptivel de explicação mecnica; fóra d'ahi, não ha mais que o velho dominio dos dualistas e theologos.

E' com pezar que deixo de subscrever, neste ponto, a opinião do mestre. O dualismo é realmente uma illusão; mas tambem o mecanismo não está no caso de satisfazer todas as exigencias e interpellações da razão. A verdade ainda permanece do lado de Kant: o *resto* de problemas, que a mecnica não resolve, continúa a ser o mesmo.

E não sómente quanto á forma dos organismos, mas ainda e sobretudo quanto ás suas funcções, crescendo assim a inexplicabilidade mecnica, á proporção que os

organismos são mais desenvolvidos, e as funções mais complicadas. O mecanismo ainda não é sufficiente para dar conta, entre outros, por exemplo, do phenomeno da *belleza*. Quem foi que já traçou a formula, segundo a qual executa-se o movimento de uns bonitos olhos femininos?

A *belleza*, que, no dizer de Hartmann, divide-se em *physiologica* e *morphologica*, eu entendo poder augmentar de uma secção superior, a *belleza psychologica*, sem aliás presuppor um sujeito novo para este novo attributo, e dentro dos limites da intuição monistica. E' a parte devida áquelle *resto*, mecanicamente inexplicavel, de que já nos temos occupado.

Ora pois: nem a *belleza architectonica* de uns quadris de Venus, que não é de balde que assemelham-se ao arqueamento de eburnea lyra, como lembrança ou indício de que este será sempre o alaúde dos poetas, nem a *belleza ornamental* de uns bastos e longos cabellos, despoticamente sacudidos por mulher moça e formosa, poderão jamais ser reduzidas a puros phenomenos mecanicos.

Os movimentos, que formam a arte da dança, ninguém dirá que deixem de ser reductiveis a numero e medida, isto é, a formulas de mecanica; mas entre duas pessoas, principalmente mulheres, que com a mesma regularidade executam esses movimentos, não se nota muitas vezes uma enorme differença? E' que a *belleza physiologica* dos requebros e ademânes graciosos não se explica, não se resolve pelas leis do mecanismo.

Ainda mais decisivo: todos nós fallamos e ouvimos fallar de uma *expressão* na musica; na execução artistica de qualquer peça musical, distinguimos as duas categorias da *quantidade* e da *qualidade*, a *technica* e a *esthetica*, tão bem caracterisadas, que não nos passa despercebida a mais ligeira preponderancia de uma sobre a outra, e só das justas proporções entre ambas é que resulta a perfeição do artista. Ora, a *technica* de um *virtuose*, ainda que seja a mais bem acabada possivel, reduz-se, em ultima analyse, a uma questão de mecanica, a uma questão de movimento. Mas, costumamos dizer, que nos importam todos os prodigios technicos deste ou daquelle

instrumentista, deste ou daquelle cantor, se elle não tem esthetica, se não nos toca, não nos falla na alma? E isto se traduz *monisticamente* do seguinte modo: que nos importam todas essas maravilhas de *movimento*, se não existe o *sentimento* em grau correspondente? Eis ahi pois ainda uma prova da insufficiencia do mecanismo.

Não conheço ramo algum de actividade e indagação humana, onde a philosophia monistica possa encontrar maior riqueza de argumentos em seu favor, do que no dominio da musica; por quanto em nenhum outro se manifestam com tanta viveza as duas propriedades originarias, de que falla Noiré. A combinação de *sons*, que objectiva e mecanicamente apreciada é uma combinação de *movimentos*, tem o poder de evocar o que existe de mais puro e elevado, como tambem de mais mysterioso, no mundo psychico, a emoção, o *sentimento* do bello musical.

O assumpto presta-se a muito estudo, mas não é aqui a occasião de comprehendel-o. Com os exemplos indicados, quiz sómente illustrar a minha these da não identidade entre o monismo philosophico e o monismo naturalistico; donde é facil de comprehender que não acceito em certos pontos, ainda que poucos, a doutrina de Haeckel, doutrina que não se mostra, no que diz respeito á liberdade, em perfeita harmonia comsigo mesma.

IV

O sabio professor e pensador intrepido, em mais de uma passagem dos seus escriptos, diz afoutamente que a vontade humana nunca é livre, *niemals frei*. Mas tambem em muitos outros logares affirma que a vontade é um *principio selector*. Estas duas asserções, me parece, não são feitas para se unirem; ellas produzem a impressão do antinomico e inharmonisavel.

Com effeito, se a liberdade é alguma cousa, ella consiste na capacidade, que tem o homem, de realisar um plano por elle mesmo traçado, de attingir um alvo, que elle mesmo se propõe. Eu não sei, nem cabe aqui indagar, se o conceito da *finalidade* deve ou não ser inscripto na

taboa das *categorias*, segundo a doutrina de Kant; mas esse conceito, que nada significa no mundo physico, tem toda significação no mundo psychologico. A causalidade da natureza e a causalidade da vontade não têm o mesmo caracter. (5)

Assim, ao passo que as causas naturaes se traduzem n'um *porquê*, a causa voluntaria se exprime n'um *paraquê*. A ideia deste fim apparece como *motivo*, e os motivos, já nós vimos, não excluem a liberdade.

E' bem sabido o papel que representa no darwinismo a selecção *artificial*, ou antes *artistica*. Prefiro o segundo epitheto, que corresponde melhor aos resultados por ella obtidos. Na ideia de *artificio* não entra racionalmente a ideia da *vida*; e a selecção é sobre tudo um processo vital, pois que ella tem por alvo modificar funcções e qualidades dos seres organicos, quer no dominio da zoologia, quer no da botanica. Ora, o jardineiro que se propõe produzir uma nova fôrma de flôr ou planta, o creador de passaros, que se incumbe da producção de uma plumagem nova, são dotados da faculdade de attingir um fim, por elles preconcebido. Eis o que é de todo innegavel, mas esta faculdade é a liberdade mesma, tal qual se faz precisa para oppôr ao determinismo um obstaculo invencivel.

Fallando da selecção artistica, applicada á especie humana, Haeckel menciona tres fôrmas: a *spartana*, que se praticava na Lacedemonia com as creanças doentes, fracas ou aleijadas, as quaes eram votadas á morte; a *militar*, que produz effeito contrario, escolhendo e destinando a constituir exercitos permanentes e a perecer nas batalhas o que ha de mais robusto no seio das nações; e finalmente a *selecção medical*, que muitas vezes prolonga a vida de organismos imperfeitos, concorrendo assim para que saia delles uma descendencia enfezada e originariamente morbida.

Estas tres categorias não abrangem a totalidade dos expedientes artisticos, selectores do genero humano. Como

(5) Sobre o conceito da liberdade como um producto synthetico da intelligencia e da vontade, doutrina que formulei, por parecer-me a unica verdadeira, vide o meu artigo — *Interpretação philosophica dos factos historicos*, nos *Estudos de Litteratura Contemporanea*.
(N. S. R.)

a mais importante forma de eliminação consciente das anomalias da vida social, que é a verdadeira vida do homem, podemos ainda fallar, e eu já tenho por vezes fallado, de uma *selecção juridica*, a que se póde addicionar a *selecção religiosa, moral, intellectual e esthetica*, todas as quaes constituem um processo geral de *depuramento*, o grande processo da cultura humana. E dest'arte a sociedade que é o dominio de taes selecções póde bem ser definida: um systema de forças que luctam contra a propria lucta pela vida (6).

Semelhante definição, que tenho como verdadeira, não está todavia de accôrdo com a doutrina de certos escriptores, Gustave Le Bon, por exemplo. Realmente, eu digo que o caracteristico da sociedade é luctar contra a *lucta natural* pela existencia, tratando sobretudo de corrigir seus maus effeitos; Le Bon porém opina que é um mal subtrahir os membros da communhão aos resultados dessa lucta. Em apoio da sua opinião elle cita Darwin, o qual na verdade acha em algumas instituições sociaes, como asylos para mentecaptos e doentes, leis de soccorro aos indigentes, etc., um motivo de degenerescencia da mesma sociedade.

Mas não acceito esta theoria, que considero estranha e erronea. Com effeito, se é um mal interromper a marcha da eliminação natural dos fracos diante dos fortes, dos enfermos diante dos sadios, não vejo razão plausivel, por que se deva punir o homem robusto e vigoroso que em lucta com o rachitico e invalido, chega a matal-o. Isto tambem é *eliminar*. . . Mas ninguem, por certo, admittirá tal consequencia, que escandalisa pelo absurdo.

Não é menos inadmissivel a proposição darwinica. Entregar os miseros á sua propria miseria, deixar que

(6) A selecção artistica da humanidade não comprehende sómente o *psychico*, mas tambem o *physico*. No dominio da morphologia sobretudo, a selecção natural, por si só, seria incapaz de produzir certos phenomenos. Assim, e no que toca ao sexo feminino, a existencia das cinturas finas, por exemplo, é ainda uma prova do que póde a *cultura* contra a *natura*. O espartilho é um factor cultural de evolução da belleza morphologica, talvez mais digno de nossas attentões do que muito systema de religião e philosophia, destinado a *apertar cabeças e fazer, não bellas almas, porém bellos idiotas*.

morram de fome os que não podem conquistar pelo trabalho os meios de subsistencia, e deste modo concorrer para o depuramento da sociedade, se isto é selecção, seria mil vezes mais barbara do que a velha *selecção spartana*; e como precisa de um nome que a caracterise, pois que Sparta já não existe, bem podera qualificar-se de *selecção ingleza*.

O conceito da sociedade, assim representada como um systema de forças combatentes contra o proprio *combate pela vida*, me parece dar a chave para a solução de muito problema velho, que continúa a fazer ao mesmo tempo o tormento e as delicias de mais de um espirito sério. Na verdade, ainda hoje ha quem appelle para a *natureza* como uma auctoridade suprema. O argumento da *naturalidade* de uma cousa, ou de um facto, tem honras de irrefutavel.

Nada porém mais desponderado. Ser *natural* não livra de ser *illogico, falso e inconveniente*. As cousas que são *naturalmente regulares*, isto é, que estão de accôrdo com as leis da natureza, tornam-se pela mór parte outras tantas *irregularidades sociaes*; e como o processo geral da cultura, inclusive o processo do direito, consiste na eliminação destas ultimas, d'ahi o antagonismo entre a selecção artistica da sociedade e as leis da selecção natural.

Assim, por exemplo, se alguém hoje ainda ousa repetir com Aristoteles que ha homens nascidos para escravos, não vejo motivo de estranheza. Sim, é *natural* a existencia da escravidão; ha até especies de formigas, como a *pulyerga rubescens*, que são escravocratas; porém é *cultural* que a escravidão não exista.

Maudsley disse uma vez que o ladrão é como o poeta: nasce, não se faz. Subscribo esta opinião, mas pondo-a em harmonia com a minha doutrina. Sim, senhor, a existencia de ladrões é um producto da *natureza*; que elles, porém, não existam, é um esforço, um producto da *cultura social*, sob a fôrma ethica e juridica.

Do mesmo modo, é um resultado *natural* da luta pela vida que haja grandes e pequenos, fortes e fracos, ricos e pobres, em attitude hostil uns aos outros; o

trabalho *cultural* consiste porém na harmonisação dessas divergencias, medindo a todos por uma só bitola.

Um naturalista allemão, democrata e radical, já usou das seguintes palavras, segundo refere Treitschke, a quem ellas foram dirigidas : « O nosso *darwinismo*, bem reflectido e logicamente ponderado, é pouco favoravel ás ideias da pura democracia. » Sem duvida alguma, se a selecção artistica não existisse para corrigir os effeitos naturaes da concurrencia vital.

Outrosim : é *natural* que a mulher, por sua fraqueza, seja sempre uma escrava do homem ; mas é *cultural* que ella mantenha-se em pé de igualdade, quando não lhe seja até superior. A *gynecocracia*, que os poetas não estão longe de admittir, exprimiria uma das mais altas victorias ganhas pela cultura sobre a natureza.

E aqui importa assignalar um facto importante. A sociedade, que é, como já disse, o dominio de todas estas selecções artisticas, de todos estes processos culturaes, compõe-se de grandes e pequenos circulos ; quanto maiores, tanto mais independentes da selecção natural e *vice-versa*. Por isso é que ainda vemos no pequeno circulo da familia, que é mais producto da *natureza* do que da *cultura*, a mulher representar um papel subordinado e bem diverso do que ella representa nos grandes circulos da vida.

A falta de comprehensão desta *lucta pela existencia social* contra a mesma *lucta pela existencia natural* torna explicaveis um sem numero de despropositos, que é commum commetterem-se. Assim, ainda hoje, ha quem faça do *naturam sequi* de antigos philosophos a base da moral. Porém isto não passa de uma velha consagração do erro.

A moral, como o direito, é um systema de regras. Toda regra é uma limitação ; o que fica fóra, ou sae desses limites, é o *irregular*, o *immoral* por consequinte.

Mas os limites da moral, ou sejam traçados pelo individuo mesmo, ou pela sociedade, a que elle pertence, são sempre posteriores a um estado de *illimitação* e *irregularidade*, que no todo, ou em parte, é o primitivo estado natural. Logo o *seguir a natureza*, em vez de ser o fundamento da moral, pelo contrario é a fonte ultima de toda immoralidade.

Eis o que diz a logica. Vejamos porém se os factos dão-lhe apoio. Para isso bastam as seguintes perguntas: quem ensinou ao homem que as mais vivas provocações da belleza feminina devem comtudo ceder ao respeito da pudicicia? Seria a natureza? Não de certo.

Quem disse a Phedra que o seu amor a Hypolito é criminoso, e quem disse a Mirra que ainda mais criminosa é a paixão que ella nutre por seu pai? Seria a natureza? Não, foi a cultura. Religiosa ou moral, juridica ou politica, pouco importa; é sempre alguma cousa, que corrige, que resiste aos impetos naturaes.

A natureza não é a santa que se suppõe; pelo contrario, ella come, bebe e pecca. Imaginai um salão aristocratico, cheio de todos os encantos e fulgores, que produz a civilisação. Dentre as mulheres, que perfumam o ambiente, escolhei a mais formosa, approximai-vos della e conversai... Aposto que podeis levar bem longe a vossa conversação, sem que a mais ligeira ideia de goso sensual venha perturbar a serenidade do vosso espirito.

Mas agora imaginai tambem que vos achais frente a frente dessa mesma belleza, á margem de sonoro e crystalino regato, onde se miram palmas e folhagens; aqui e alli moutas sombrias em cuja cópa escondem-se ninhos de aves, e em baixo parece que mão occulta preparou leitos de amantes; sereis capaz de não ter um pensamento mau? E' dubitavel. Se entretanto a esta suggestão do amor, que surge de todos os lados em sua fórma primitiva, em sua primitiva nudez, sem regras, nem convenções, impetuoso, estúpido e voraz, levanta-se uma ideia, que oppõe barreira invencivel, d'onde nasceu essa ideia?

Só e só do seio da cultura. Ella é tão pouco uma filha da natureza, quão pouco pôde esta produzir o vosso *frack*, todo o vosso trajo, e até a luva que por ventura aperta a mãosinha da deusa da nossa hypothese.

A sociedade, que é o grande apparato da cultura humana, deixa-se affigurar sob a imagem de uma têa immensa de relações synergicas e antagonicas; é um systema de regras, é uma rêde de normas, que não se limitam ao mundo da acção, chegam até aos dominios do pensamento. *Moral, direito, grammatica, logica, civilidade, polidez,*

etiqueta, etc, etc., são outros tantos corpos de doutrina, que têm de commum entre si o character *normativo*.

Não basta obrar ou proceder *correctamente*, é preciso sentir *correctamente*, e, ainda mais, pensar *correctamente*, fallar *correctamente*, escrever *correctamente*... Como se vê, um vasto systema do *correcções*, o que vale dizer, um vasto systema de *selecções*. Corrigir é seleccionar.

E tudo isto obra da cultura em lucta com a natureza. Adolpho Schmidt nos falla de um *tear* da civilisação, em que a humanidade trabalha desde a sua origem (7). Pura verdade. Todos nós vivemos a tecer sempre de novo os laços, que nos prendem.

O direito é o fio vermelho, e a moral o fio de ouro, que atravessa todo o tecido das relações sociaes. Um direito *natural* tem tanto senso, como uma moral *natural*, uma *grammatica natural*, uma *orthographia natural*, uma *civilidade natural*, pois que todas estas *normas* são effeitos, são inventos *culturaes* (8).

Rousseau deixou escripto que em assumpto de educação, *tout consiste à ne pas gêter l'homme de la nature en l'appropriant à la société*. Neste principio, que se lê na quinta carta do IV livro da *Nouvelle Héloïse*, culmina-se

(7) *Epochen und Katastrophen*, pag. 2.

(8) Aqui poderiam objectar-me que não é balda de senso a expressão de logica *natural*, da qual se costuma usar; succede até que muitas vezes o *logico* e o *natural* se identificam na linguagem. Quando se diz, por exemplo: quem combate a escravidão, é *natural* que não tenha escravos, ahí de certo o *natural* é synonymo do logico, regulador da harmonia entre principios e consequencias. Mas justamente porque os factos, em semelhantes casos quasi sempre exprimem o contrario, vê-se bem claro, quanto é infundada essa identificação. Para mostrar que as diversas formas de disciplina e selecção artistica, actua referidas, se acham relacionadas entre si pela fonte commum, donde todos nascem, basta um exemplo, no qual se encontra violada, de uma só vez, mais de uma regra da vida social. Imaginemos o seguinte quadro: um camponio é nosso commensal em um banquete festivo; erguem-se brindes, trocam-se ditos espirituços, e cem bocças se abrem para sorrir. De repente o rustico franze o sobrolho e promette nestas palavras: « vocês estão se rindo; logo isto é com eu » e, fazendo esforço para se mostrar bem fallante, accrescenta: « vós todos sodes uma sucia de ladrões ». Eis ahí, de um só arranco, partida toda a madeixa de liames da sociedade: moral, direito, polidez, grammatica, logica, sem excluir a propria religião, que no caso não deixaria de assignalar um *peccado*, isto é, um quebraimento dos laços da caridade e mansuetude evangelica.

o edificio de suas ideias reformadoras. Entretanto, a verdade está do lado contrario. O processo da cultura geral deve consistir precisamente em gastar, em *desbastar*, por assim dizer, o homem da natureza, *adaptando-o* á sociedade.

O que importa sobretudo é conhecer bem o valor e extensão deste ultimo conceito. A sociedade, que como *genero* não tem organização, existe organizada em *especies* e *sub-especies*, que se arrogam, cada uma em seu tempo e a seu modo, o direito de representar e subordinar a mesma sociedade ou o grupo social de que fazem parte.

Isto explica a impossibilidade, que tem havido até hoje, de uma cultura propriamente *humana*; por quanto dentro da humanidade, differenciam-se as *raças*, dentro da mesma raça... os *povos*, dentro do mesmo povo... as *classes*, terminando sempre a lucta, que acompanha estas differenciações, pelo predomínio de um dos contendores, que encarrega-se do trabalho cultural e imprime-lhe o seu character.

D'ahi o podermos fallar de uma cultura *militar*, de uma cultura *religiosa* ou *sacerdotal*, de uma *industrial*, de outra *intellectual*, *litteraria*, *artistica*, mas não ainda de uma cultura *moral*, que seria então synonyma de cultura humanitaria.

Já se vê que, quando se gasta o homem da natureza, não é para apropriar-o á sociedade, mas sómente a uma classe della. Tem sido sempre assim, e esta é a fonte do mal.

A cêpa rija da organização *physica* e *psychica* humana tem sido e continúa a ser *desbastada*, para della se fazerem, ou *soldados*, ou *devotos*, ou simples *trabalhadores*, ou mesmo *sabios*, *litteratos*, *poetas*, *artistas*... porém nunca e nunca para se formar o *homem*, o *homem social*, no mais amplo e comprehensivo sentido da palavra, mais ou menos adequado áquelle ideal, que Napoleão tinha em mente, quando disse de Goethe : *voilà un homme*.

Estou bem longe de negar a qualquer desses modos de cultura parcial o seu lado vantajoso. Entendo mesmo que dá-se ás vezes entre elles uma tal relação de *sympathia*, que um serve de preparativo ao outro. Assim o

povo romano, e este facto é bem significativo, o povo romano, que dominára o mundo pela cultura *militar*, passou depois a dominá-lo pela cultura *jurídica*. A educação dos campos de batalha preparou o espirito nacional para os combates do *forum*.

Tanto é certo que a *lucta* faz parte essencial do direito!... Mas isto não infirma a verdade das proposições anteriores (9).

V

Quer o homem seja, conforme a velha definição, um animal *racional*, um animal que *pensa*, quer se chame um animal que *faz trocas*, ou um animal que *resa*, ou, como o definia o physiologista Graves, um animal que *cosinha*; de modo que, segundo este sabio, a ideia do fogo, de vasos e utensilios culinarios, entra na comprehensão da ideia geral de *homem*, seja como fôr, o certo é que cada uma dessas definições indica alguma cousa de contrario e superior á pura *animalidade*, marcando assim um momento da evolução cultural do mesmo homem.

Mas nenhuma d'ellas envolve o verdadeiro característico do ente humano, que todas aliás presuppõem, com excepção talvez da primeira, por isso mesmo a menos accetavel, isto é, nenhuma d'ellas envolve a capacidade de conceber um fim e dirigir para elle as proprias acções, sujeitando-as dest'arte a uma norma de proceder.

Nem *pensar*, nem *trocar*, nem *rezar*, nem *cosinhar*, nada disto exclue, por si só, a ferocidade original. Quem pois definisse o homem : um animal, que *prende-se*, que *doma-se a si mesmo*, daria por certo a melhor definição.

Todos os deveres ethicos e juridicos, todas as regras da vida, considerada em sua totalidade, accommodam-se a esta medida, que é a unica exacta para conferir ao homem o seu legitimo valor.

O individuo prendendo-se a si mesmo, é o puro dominio da moral. Mas o homem não é só *individuo*, é ainda

(9) Sobre esta ordem de ideias, vejam-se os *Estudos de Direito* do auctor; Rio de Janeiro, 1892. (N. de S. R.)

e principalmente *sociedade*. Releva, portanto, que também todos se prendam em relação a todos, cada um a cada um, e este é então o domínio do direito. D'ahi nasce a diferença entre essas duas orbitas da vontade humana.

A moral, como o direito, tem tres momentos: a *regra*, a *lucta* e a *paz*. Porém ao passo que, na moral, a *regra* é a do proprio individuo (*autonomia*), a *lucta* é a que elle trava consigo mesmo (*automachia*), e a *paz* é a paz intima, a paz da consciencia, no direito a *regra* não é individualmente propria, vem de fóra (*heteronomia*), a *lucta* é travada com os outros (*heteromachia*), e a *paz* é a paz externa, a paz social, a harmonia da vida commun.

Fallei da moral e do direito, como os mais importantes processos de selecção artistica, em opposição á chamada marcha natural das cousas, sem que aliás, no que diz respeito aos outros processos, o homem deixe de ser sempre o *animal que doma-se a si mesmo*. Em todos elles apparece pois como essencial o momento da lucta.

As palavras *lide*, *contenda*, *demanda*, *pleito*, *discussão*, *controversia*, *polemica*... todas encerram a ideia de um encontro de forças, que se dão combate nas diversas espheras da actividade humaná.

Mas ha isto de notavel: só na esphera da moral é que se trava realmente conflicto psychologico, só n'ella a consciencia é campo de batalha.

Estas ideias não deixam de ter um certo ar de novidade. Rudolf von Ihering, que introduziu na sciencia juridica um dos conceitos capitaes do *darwinismo*, fazendo a critica da escola historica, estranha-lhe sobre tudo o ter affirmado que a formação do direito dá-se lentamente, sem trabalho, sem dôr, sem combate, tal como a formação da lingua. Deste modo qualquer principio do velho direito romano ter-se-hia originado com a mesma placidez com que estabeleceu-se, por exemplo, a regra pela qual a preposição *cum* rege o ablativo; e é isto que von Ihering não admite.

Acho porém que o erro da escola historica não está em inserir o desenvolvimento do direito na mesma categoria do desenvolvimento da lingua, mas em desconhecer o que é commun a ambos, isto é, a parte da lucta.

A regra de *cum* reger o ablativo e todas as outras de igual gene.o custaram tanto esforço, como, *exempli gratia*, o principio juridico de que o senhor da cousa pôde reivindicar-a do poder de qualquer.

A esphera da grammatica é tão tumultuosa como a do direito. Se a historia não nos instrue bastante sobre os seus primitivos combates, tambem não lança muita luz sobre as contendas juridicas dos primeiros tempos.

Entretanto ha épocas e espiritos *grammaticalmente* conformados, em que as questões pelo mais correcto *modo de dizer* tomam a frente de tudo, e os contendores não recuam diante das maiores immoralidades, na defeza de uma *regrinha*, de uma qualquer futilidade idiomatica.

Os seculos XVI e XVII, os tempos da bella mania hellenisante e latinisante, offerecem bons exemplos. Assim, entre outros, é para ver ainda hoje o espectaculo de um Agostinho Saturnio, descompondo a Prisciano, e um Sanches por sua vez injuriando a Saturnio, no intuito de assentarem, como se fosse uma verdade salvadora do genero humano, a *personalidade*, ou a *impersonalidade* das expressões verbaes *curritur*, *vivitur*, todos elles com o mesmo fogo, e quiçá com o mesmo talento, com que um actual abolicionista prega e defende a libertação dos escravos. Por conseguinte ahi, como em geral, sempre o combate, sempre o choque de forças antagonicas.

Tambem o direito não apparece em todos os momentos da sua evolução com o mesmo character primitivo de titanico escalador do céu e domador de monstros. Conforme as influencias das épocas e a energia dos espiritos, as suas pejeas são mais ou menos sérias, mais ou menos grandiosas.

Homero e Leopardi escreveram a *batracomiomachia*, isto é, a lucta das rãs com os ratos. Esta palavra me serve. Quer povos, quer individuos, mostram-se ás vezes adequados a um semelhante conceito.

A prova, podemos tiral-a de nós mesmos, quero dizer de nós brasileiros. Todos os nossos combates quotidianos, juridicos, politicos, religiosos, litterarios, scientificos, são outras tantas *batracomiomachias* sociaes. Nem mais nem menos do que roer de ratos e coaxar de rãs.

Mas este facto, que aliás é commum a certas épocas e a certos povos, não altera o character selecçional e artistico do direito.

E' verdade, e aqui retomo o pensamento de Rousseau, é verdade que os diversos processos de selecção social estão sujeitos á degenerescencia, não só por desleixo, mas tambem por excesso de rigor nas suas applicações. E' o caso, quando a religião degenera em *puritanismo*, a grammatica em *purismo*, o direito em *formalismo*, o proprio amor em *galanteio*, a sciencia em *pedanteria*... Então importa appellar para a natureza, como meio de reacção e salvação unica possivel.

Foi assim que originou-se a theoria de um *direito natural*, em opposição ao esteril empirismo dominante, e o conceito mesmo de um *estado de natureza* não surgio, se não como reactivo contra um pessimo estado social. Porém ainda ahi vai uma prova das relações antitheticas, em que se acham quasi sempre os dous systemas de forças, a natureza e a sociedade, de modo que muitas vezes um tem necessidade de ser corrigido pelo outro.

Se pois o apparato social da cultura não é mais do que um immenso arsenal de armas diversas para vencer e subjugar a natureza, não é menos certo que esta sabe tumbem, por sua vez, reagir indomita e fazer valer a sua omnipotencia. Grande numero de factos da vida humana podem explicar-se por meio dessa reacção.

Não poucas regras de etiqueta e até de moralidade, que entretanto são perfeitas violações da natural coexistencia e successão dos phenomenos, tem dado logar a uma desafronta da *Physis* contro os caprichos da *Psyché*. (10)

Não obstante, a sociedade continúa a multiplicar os seus liames e a crear obices ao imperio fatal das leis

(10) Entre varios casos illustradores da minha these, basta lembrar o da *civilidade* que condemna o franco e publico exercicio de certas funcções excretivas, em completa opposição ao *naturum sequi* dos philosophos. Quantas vezes não succede que uma *retenção*, um leve desrespeito á ordens, *que vêm de dentro*, provoque um *retrocesso*!! E' a vingança da natureza, que parece dizer : só me subordino até um certo ponto, cerras-me uma, eu saio por outra porta.

naturaes. E' certo que nem todas as regras, que ella impõe, merecem respeito ; muitas são como cordas de *philisteus*, prendendo a Sansão ; um espirito superior as arrebenta sem grande esforço.

Mas o principio permanece firme : a sociedade é uma série de combates contra o geral *combate pela existencia*, é um conjuncto de selecções artisticas, que melhoram, modificam, alteram a grande lei da selecção natural.

Agora, porém, é tempo de perguntar : tudo isto não deixa bem patente que a vontade humana, sendo o *principio selector*, a causa de todos esses melhoramentos, modificações e alterações da vida social, revela por isso mesmo um character antinomico das necessidades e fatalidades da natureza, e que é justamente esse character que nós entendemos, que devemos entender por liberdade ? Sem duvida alguma.

Quando pois Ernesto Haeckel nos diz que o querer humano aperfeiçoado é uma... *auslesende zuchtende Kraf*, desde que não explica-nos, como esta força, que de proposito oppõe obstaculos a forças e tendencias naturaes, está sujeita ás leis communs, ás leis mecanicas da mesma natureza, nos dá o direito de suppor que ahi vai de sua parte, bom grado ou mau grado seu, uma enorme concessão ao principio da liberdade. (11)

VI

Ainda uma vez convém repetir para que fique bem assentado: eu só me occupo da liberdade empirica, de que dá testemunho a consciencia. Se por detraz da vontade, que se sente livre, esconde-se alguma força estranha, que

(11) Até aqui o presente ensaio tem o valor de uma nova edição, pois que já foi publicado em varios numeros do *Diario de Pernambuco* do principio de Agosto de 1884, como tambem já o fôra todo o ensaio sobre a *Evolução emocional e intellectual*, em Junho do mesmo anno. Para o leitor intelligente, para o critico imparcial deste meu livro, a apreciação das datas não é cousa indifferente.

a impelle, sem ella saber, para este ou para aquelle lado, é questão que entrego de todo á meditação dos theologos.

A liberdade, de que fallo, não é a deusa que apparece em sonho aos metaphysicos de antigo estylo, não é uma graça, nem um dom do céu, mas simplesmente uma conquista, um habito ou um *geito*, que o homem adquire, de dirigir seus actos para um alvo real ou ideal, por elle prefigurado, e quasi sempre em opposição ao pendor da natureza, da mesma fórma que se pôde adquirir o habito de nadar contra as correntes.

Assim comprehendida, a liberdade tem graus de aperfeiçoamento, que correspondem a outros tantos graus de desenvolvimento, no duplo sentido da *antogenese* e da *phylogenese*, segundo a propria doutrina de Haeckel.

Dest'arte me parece tão explicavel que um descendente de heroes não ache difficuldade em encaminhar seus actos, isto é, uma ordem de sentimentos e movimentos, na direcção seguida por seus avós, quanto é explicavel que o oriundo, por exemplo, de uma familia de pianistas facilmente accommode uma outra ordem de movimentos e sentimentos ás duras exigencias do teclado.

A liberdade, que é costume definir como uma *faculdade*, melhor definir-se-hia como uma *facilidade*, disciplinar e artisticamente adquirida.

Em face destas ideias, ainda achar inconcebivel que o homem seja livre, é o mesmo que não comprehender como pôde um machinismo, um artefacto qualquer, levar vantagem a outro no arranjo e harmonia de suas partes, trabalhar e funcçãoar melhor do que outro. Ser livre pois é um producto da arte, tanto mais perfeito, quanto mais elevado é o escôpo da actividade humana, e em taes condições o homem vem a ser o artista de si mesmo.

Ainda limitado por este modo o conceito da liberdade, reduzida ella a este *minimum* de realidade positiva, e é o que basta, o problema sociologico torna-se impossivel.

No empenho de demonstrar a validade da sociologia, Gustave Le Bon apresenta quatro hypotheses, unicas possiveis, de explicação dos phenomenos sociaes, e excluindo

as tres primeiras, que julga inacceptaveis, só deixa de pé a ultima, que é justamente a sua these :

Eil-as aqui : 1.º um poder superior, chamado Deus ou providencia, dirige a seu bel-prazer as acções dos homens ; 2.º os acontecimentos são o resultado do *acaso*; 3.º os acontecimentos são a consequencia das vontades humanas ; 4.º os acontecimentos representam uma cadeia de necessidades estreitamente ligadas, e trazem em si mesmos as causas de sua evolução fatal.

Dividida assim a questão em quatro pontos de vista, aparentemente inconciliaveis, nada mais facil do que escolher um delles e tirar então, por meio da logica, as consequencias desse presupposto. Foi o que fez Le Bon.

Mas o erro é evidente. A separação exclusiva dos membros da divisão não tem assento nos factos ; é puro trabalho especulativo, um resultado de analyse, que procede por abstracção.

Concedendo-se mesmo ao espirito scientifico, ao chamado espirito do tempo, que Deus seja banido da historia, que seja um ingrediente inutil na mecanica social, nem por isso os outros tres factores deixam de poder coexistir. A quem disser pois que a sociedade se dirige pela combinação de uma tripla ordem de phenomenos, como provar o contrario ?

E em quanto se não provar que o *acaso* é de todo uma palavra sem sentido, e que as *vontades humanas* são forças naturaes, são simples *forças motrizes*, como o calor ou a electricidade, que vale a *sociologia* ? Nada.

Quanto ao *acaso*, a questão é mais séria do que se suppõe. Pensadores de primeira grandeza ainda meditam sobre este conceito, que aliás pequeninos espiritos consideram sem realidade.

Carlos Ernesto Baer define o *acaso* : um acontecimento, que coincide com outro, sem achar-se preso a elle por nenhum nexo causal.

Lazarus Geiger, que consagra a este assumpto algumas linhas bem interessantes, e as primeiras, ao certo, que foram por mão de mestre escriptas a tal respeito, não hesita em dizer : « Não podemos pôr de lado a questão do *acaso*, pois elle se acha entretecido e indissolovelmente

ligado com tudo que se desenvolve... Em geral costuma-se negar o *acaso*, ou affirmar que nada succede *casualmente*. Este erro se origina de uma falsa apreciação do conteúdo real inherente a qualquer conceito ».

E depois de mostrar com exemplos que não é exacta a opinião dos que descobrem nessa ideia uma negação de relações causaes, proveniente da ignorancia das causas, elle accrescenta : «A intuição do *acaso* presuppõe a da *causalidade*, ainda mais, só a convicção da verdadeira *causa* de um facto é que pôde decidir sobre sua real *casualidade*» (12).

Para Geiger existem pois phenomenos, como elle mesmo se exprime, *ur-sachlos*, *sem causa*, phenomenos, onde se dá um verdadeiro e absoluto *acaso*.

Bem ponderado, é difficil não seguir a opinião de Geiger. O mundo e a natureza apresentam quotidianas coincidencias, cuja explicação não pôde ser dada por nexos causaes. Como porém o espirito humano sente a necessidade de ligar a todo phenomeno uma causa, elle transporta muitas vezes esta lei do pensamento a dominios, onde ella não vigóra ; e d'ahi resulta uma porção de contrasensos, que ainda hoje perturbam a marcha regular da indagação scientifica.

A superstição e a crença no milagre descendem, em grande parte, dessa conversão arbitraria do *casual* em *causal*.

Por que um eclipse do sol ou da lua succede ao mesmo tempo, em que se dá na terra um facto horrivel, o massacre de uma familia, ou o martyrio de um justo, o homem, observando esta coexistencia de phenomenos, que aliás pertencem a duas séries independentes de causas, confere-lhe tambem o character de effeito, que deve então ser produzido por um poder superior ; e d'ahi a velha ideia dos signaes celestes, das ameaças divinas, que põem em agitação o morbido espirito dos crentes.

O paralogismo conhecido sob a formula *post hoc, ergo propter hoc*, não consiste, em ultima analyse, se não justamente nessa transformação do *casual* em *causal*.

(12) *Ursprung und Entwicklung der menschlichen Sprache und Vernunft*. pag. 232 e 287.

E' bem sabido como a logica do povo continúa a amarrar á cauda dos comêtas a peste, a guerra, e em geral todas as calamidades, que por ventura depois delles appareçam na terra. Quanto porém são infundadas estas e outras semelhantes crenças, basta a seguinte consideração para mostral-o.

Supponhamos que uma estrella, e a hypothese não é gratuita, que a estrella *alcyone*, por exemplo, de repente desaparecesse do céu, mas tambem supponhamos que esse facto viesse immediatamente depois, um ou dous dias depois de um grande acontecimento humano, a destruição de um vasto imperio, a queda do papado, ou outro qualquer successo notavel.

Proclamada a morte da estrella pela extincção da sua luz, qual seria o crente que não visse no desaparecimento do astro, um indicio da colera divina, motivada ou causada pelo facto dado no mundo?

Entretanto é certo que, se isto por ventura acontecesse no correr do anno vigente, a estrella em questão nada tinha que ver com os negocios, que figurei, pela simples razão de já haver morrido ha seculos.

O ultimo alento vital, exhalado por ella, teria sido em 1314, pois que a sua luz gasta não menos de 573 annos para chegar até a nós. Não haveria por tanto nenhuma relação de causalidade; e a apparente successão immediata dos dois phenomenos seria um mero acaso. (13)

Como é facil de comprehender, o *acaso* figura legitimamente na ordem das ideias, que têm um conteúdo positivo.

Ludwig Noiré, que adopta a doutrina de Geiger, escreveu por sua vez o seguinte: A razão póde sómente sondar o geral das cousas; o particular se subtrahе ao calculo. Quando mesmo o nosso conhecimento se alargasse o mais possivel; quando mesmo toda a materia, todos os movimentos do nosso systema solar fossem conhecidos, e a menor *pequenez*, como a maior *grandeza*, podesse ser prevista com exactidão astronomica, seria por isso todo o

(13) Este admiravel ensaio é de 1887 de seu paragrapho VI em diante. (N. de S. R.)

acaso transformado em *necessidade*? Não, de certo. Restariam sempre, sem solução scientifica estas questões: por que razão a terra e os demais planetas, porque razão o sol, se acham exactamente *agora* no grau de desenvolvimento, em que os vemos, e porque exactamente *n'esta parte* do espaço, e não antes em outra...? » (14)

Como se vê, o *acaso* está escondido por detraz de taes perguntas.

Ora, de accôrdo com a intuição monistica, a preponderancia do *movimento* ou do *sentimento* determina tambem o predominio da *causa efficiens* ou da *causa finalis*. Se pois, no imperio das causas efficientes, ha phenomenos *ursachlos*, sem causa, que são os que têm character casual, no dominio das causas finaes, ha phenomenos *zwecklos*, sem alvo, sem fim, sem plano, que trazem tambem o character de casualidade.

Deste modo o *acaso* não pôde ser banido, nem da esphera da natureza, onde imperam as causas mecanicas, nem da esphera social, onde a finalidade tem o seu predominio.

As quatro hypotheses de Le Bon me parecem quatro pés, indispensaveis todos á marcha da sociedade. Se d'entre elles algum se mostra manco e pesado, é a tal *cadeia de necessidades*, pois até hoje, no que toca á vida social, não tem passado de um conceito *a priori*, donde a dialectica pôde tirar bonitas consequencias theoricas, mas a pratica nada tem haurido de util e aproveitavel.

Estabelecendo esse numero determinado de presupostos, nem mais nem menos, o sociologo francez cedeu talvez a uma velha mania, que nos leva a representar certas cousas mysteriosas sob a imagem symetrica do *quadrado*.

Assim *quatro* eram os rios, que banhavam o Eden, como *quatro* eram as faces da visão de Ezequiel, que depois serviram de symbolo dos *quatro* evangelistas, e ainda *quatro* as bestas, que Daniel sonhou, prefigurando *quatro* imperios.

(14) *Der monistische Gedanke*, pags. 314 e 315.

Tambem *quatro* foram as *hypotheses*, que appareceram ao espirito de Le Bon como unicas concebiveis para explicar a ordem social. Não dir-se-hia uma especie de *quadrupedismo* da razão *prophetica*, do qual tambem ás vezes se resente a razão *sociologica*, que é uma digna irmã da razão *theologa*? Pergunto apenas.

Deus mesmo, o obscuro e incognoscivel Deus!... Com o devido respeito : eu o ponho fóra do templo da sciencia, ainda que o admitta como objecto de poesia e de amor no templo da religião. Dá-se com Deus, na esphera scientifica, pouco mais ou menos, o que se dá, na esphera politica e social, com os poderosos da terra : assim como estes fazem pender para o seu lado a balança da justiça, elle faz a logica ser indifferente ao sacrificio da verdade. Desde que Deus é hospede da sciencia, como pôde ella dizer cousa que o offenda, ou tomar attitude contraria ao senhor dos exercitos ? Sobre isto nenhuma duvida.

Mas tambem, por outro lado, será certo que elle não deve ser levado em conta alguma pelos architectos do edificio *sociologico* ? A parte que cabe a Deus no mecanismo da sociedade, é tão nulla, como a que lhe cabe no mecanismo da natureza ? Excluido Deus como poder, como força *creadora* dos phenomenos naturaes, é facil tambem excluil-o como poder, como força *motivadora* de phenomenos sociaes ? Estas questões me parecem de algum valor.

Não é de certo *em nome de Deus*, que os planetas gyram em torno do sol, e as phalenas em torno da luz, que vai queimal-as ; não é certo *em nome de Deus* que o mar se quebra na praia, ou os rios cahem dos montes, ou a chuva estraga as searas, ou a peste mata os rebanhos. Mas é incontestavel que o homem, em nome de Deus, fazendo muita cousa má, tambem faz muita cousa boa. Não é preciso ser devoto para affirmal-o ; a sinceridade scientifica obriga a reconhecê-lo.

Se pois Deus pôde ser banido do universo inteiro, como força *real*, mediata ou immediatamente efficaz, não pôde sel-o da sociedade como força *ideal*, que, sob a fôrma *psychologica* do *motivo*, concorre para um sem numero de acções elevadas, como tambem para um sem

numero de acções indignas, mas é sempre força, aliás não susceptível de explicação mechanica, e como tal destinada a perturbar os calculos de qualquer sciencia, que pretenda reduzir os movimentos da dynamica social á exactidão das formulas da dynamica celeste.

E aqui importa observar que não estou longe de subscrever a terrivel opinião de F. von Hellwald (*Culturgeschichte*) : « Um dos problemas da sciencia, diz elle, consiste em destruir todos os *ideaes*, provar a sua inani-dade, o seu nada, e mostrar emfim que a fé em Deus e a religião não passam de um engodo ; que moralidade, amor, liberdade e *direitos do homem*, não são mais do que mentiras.»

Mas é bom que nos entendamos. Ha verdadeiros, como ha falsos *ideias*, e só estes ultimos é que podem, é que devem ser destruidos. Todo o ideal, eu creio, envolve uma illusão, mas nem toda a illusão envolve uma mentira.

Nada mais illusorio, por exemplo, do que a eterna felicidade, que se promettem dous corações amantes; entretanto nada mais verdadeiro de que o amor, que lhes arranca lagrimas, ainda que *lagrimas risonhas*, *dakrya gelasasa*, como diria Homero, o amor insubordinado, sempre menino e ignorante, que não sabe logica nem rhetorica, que não obedece a lei alguma, por que elle mesmo julga-se uma lei.

Que a humanidade se illuda, acreditando na realidade dos seus sonhos, ou, como disse Feuerbach, convertendo os seus desejos em outros tantos *deuses*, pensamento este, que já tinha germinado no espirito de Virgilio (*Eneid.* IX, 184,) quando fez Niso perguntar a Euryalo... *an sua cuique deus fit dira cupido?*... que a humanidade se illuda por sua propria conta, é seu destino, e ella cum-pri-lo-ha. Que ninguem porém pretenda mais illudi-la, nem impor-lhe cadeias, que ella mesma não se impõe, este, sim, é um dos grandes, um dos maiores problemas, que á sciencia incumbe resolver (15).

(15) Vide n'este livro o estudo sobre a *Religião Natural de Jules Simon*. (N. de S. R.)

Quero crer que Deus, para o commun dos homens, não passa de uma *palavra*. Mas a palavra tambem é uma força, que não só na historia das religiões, porém ainda em todos os districtos da historia humana em geral, continúa a representar um importante papel.

Esta palavra, pois, que não perdeu nem sei se perderá jamais de toda a sua velha magia, ainda quando seja reduzida a um simples conceito grammatical, ao conceito mesmo de um nome, que só tem *vocativo*, de uma interjeição, de um grito da alma, constitue, por si só, para a sociologia um embaraço invencível (16).

VII

Se para justificar o nome de sciencia, attribuido a esta ou aquella especie de conhecimentos, bastasse allegar que desde antigos, antiquissimos tempos, philosophos e pensadores de primeira grandeza tentaram dar a esses conhecimentos um character scientifico, procurando organisal-os e reduzil-os a systema, a *sociologia* ou a sciencia da sociedade seria ao certo uma das mais auctorisadas.

Porquanto, com a primeira reflexão que elle fez sobre a *origem das cousas*, surgiu tambem a primeira reflexão que elle fez sobre a *ordem das cousas*. E' o começo de toda a philosophia.

Diz bem Eduardo Lasker: «uma *genetica* e uma *ethica* são as fórmas primitivas do saber humano.» A mesma necessidade que levou o homem a indagar as causas geradoras do universo, o impelliu tambem para a pesquisa de regras ou de principios directores da vida social.

(16) Esta ideia de Deus representado como um nome, que só tem *vocativo*, como uma *interjeição*, posto que me seja propria, todavia não é nova. Eu a exprimi pela primeira vez em um escripto polemico publicado no *Americano* em 1870. Julgo dever declaral-o, não por vangloria, mas tão sómente para fugir ao perigo de passar por plagiario de quem quer que, depois de mim, tenha usado de igual expressão.

(Já antes no *Correio Pernambucano*, no artigo sobre *Jules Simon e a Religião Natural*, em 1869. Tobias tinha usado d'essa expressão, repetida depois, no anno seguinte, no *Americano*. Vide n'este volume a pag. 503. (N. de S. R.)

Póde-se mesmo affirmar que a *ethica* precedeu a *genetica*, no sentido de que, bem antes que os espiritos reduzissem á fôrma scientifica os seus conhecimentos sobre a natureza, já havia uns vislumbres de sciencia practica. A época dos Anaxagoras e dos Democritos veio depois da dos Cleobulos e dos Thales. A sabedoria *gnomica* dos *sete sabios* antecedeu ás especulações metaphysicas das escolas gregas. As sentenças ou *maximas*, que se lhes attribuem, são inducções baseadas na observação dos factos e relações sociaes.

Assim quando Pittaco dizia: *pondera bem o tempo*; ou Cleobulo aconselhava: *moderação em tudo*; ou Perianдро de Corinto: *reflectir, antes de obrar*; eram os primeiros lineamentos de uma sciencia futura, que, sob o nome de *política*, ou de *sociologia*, ou sob outro qualquer titulo, havia ainda de pretender entrar no conhecimento das leis que regem a sociedade humana, e assim contribuir para a sua melhor direcção. (17)

Entretanto a cultura hellenica proseguiu na sua marcha. Com a revolução operada por Socrates, a sciencia da natureza ou a *physica* isolou-se da sciencia do homem ou *philosophia* propriamente dita, que passou a ser

(17) Não ha exagero em dizer que ainda hoje a *paremiologia* ou sciencia dos proverbios é a mais alta expressão da *sociologia*. Em materia de experiencia da vida social, o espirito humano não poudé ir além dessas *formulas*, que encerram, por assim dizer, a quinta essencia da observação quotidiana de innumeradas gerações. Fora das *paremias* propriamente ditas, pode-se affirmar que todas as proposições geraes, que se referem á vida dos homens em sociedade, e que não pertencem a uma sciencia já organizada e reconhecida, são outras tantas *theses sociologicas*; de modo que, ainda actualmente, os órgãos natos, os maiores representantes da *sociologia*, são os jornalistas, os oradores publicos, os tribunos populares. Não é preciso mais nada, para bem caracterisar a pretendida sciencia. Quando o jornalista diz, por exemplo: « os povos têm o seu *dies iræ*, que faz os thronos e as corôas rolaem no pó, » ou o orador e tribuno popular: « a liberdade é como o Christo, morre, mas resuscita » onde acham elles todos esses principios, todas essas proposições dogmaticas? N'uma sciencia feita? Não: n'uma sciencia sempre poi fazer, e que cada um vae fazendo a seu modo: a *sociologia*. Eu tenho o arrajo de crer que, se os senhores *sociologos* fossem homens sérios, capazes de se deixarem convencer de uma verdade, não resistiriam a considerações da ordem da que contém a presente nota. Mas elles não se curvam; na falta do talento preciso para refutal-a, tê-lo-hão bastante para me insultarem. Conto com isso.

metaphysica. A' esta incorporou-se a sciencia de Deus, bem como a da sociedade.

Todos os grandes systemas philosophicos fizeram sempre a sua parte de sociologia. Platão e Aristoteles foram tambem sociologos. Mas que ha emfim de realmente assentado, depois de tantos seculos de observação e de estudo, no que toca á uma verdadeira *sciencia social*? Cousa nenhuma.

Os sociologos modernos não desconhecem esta verdade; porém buscam enfraquecel-a pela consideração da impropriedade do methodo, até hoje applicado á sociologia, que elles julgam dever sujeitar-se aos mesmos processos logicos das sciencias naturaes, para tornar-se então effectivamente capaz de resolver o seu problema.

Não deixam de ter razão os que assim accusam as velhas tentativas sociologicas de vaguidão especulativa e inanidade *metaphysica*; mas nem por isso é menos censuravel a illusão em que laboram, quando pensam remediar o antigo mal com a simples mudança de methodo.

A questão principal não é de methodo, mas de objecto. A sociologia não tem um, que possa ser regularmente observado. Se ella pretende alguma cousa séria, é sem duvida abranger no seu circulo de observação a totalidade dos phenomenos sociaes e descobrir as respectivas leis.

E' pelo menos o que diz Lilienfeld, um sociologo allemão: « Estado, egreja, sciencia, arte, vida communal, direito, força, liberdade social, não são especulações; porém realidades, como a fôrma e o movimento dos corpos. A sociologia não póde negar, nem deixar despercebidas essas realidades; ella deve procurar inquiril-as e explical-as. » (18)

Mas isto será possivel? Não nos paguemos de palavras vãs. O *positivismo*, que creou a barbara expressão de *sociologia*, aliás bem adaptada á esdruxula ideia da cousa, nos falla uma *statica* e uma *dynamica* social, aquella comprehendendo as leis da existencia, e esta as

(18) *Gedanken ueber die Socialwissenschaft der Zukunft. Erster Theil*, pag. 29.

leis do desenvolvimento da sociedade ; porém a pergunta surge espontanea : que sociedade ? A humana por certo.

Mas a phrase *sociedade humana*, ou não passa mesmo de uma *phrase*, ou é simplesmente a *somma* dos mil e quatrocentos milhões de terrícolas. Como tal, entretanto, no sentido juridico, moral, religioso, politico e até economico e commercial, não tem valor nenhum.

Se porém o objecto da sciencia não é a sociedade em geral, mas esta ou aquella, *geographica* e historicamente determinada, não diminuem por isso as difficuldades de observação, e accresce que teriamos tantas *sociologias*, quantos são os grupos sociaes, que mostram um character distincto e um desenvolvimento mais ou menos homoganeo, ou sejam raças, ou povos, ou Estados, provincias, municipios, etc ; o que aliás não merece uma refutação.

Não a merece de certo. Os proprios sociologos estão de accôrdo em que a humanidade não apresenta a mesma feição dos diversos pontos da terra, isto é, não tem obedecido por toda a parte, com igual successo, á lei do desenvolvimento.

Povos até ainda existem, que nem se quer já passaram pela primeira fôrma da evolução humana, que é puramente mecanica, e consiste na simples mudança de logar, a evolução *geographica*, a emigração. E pelo que toca á evolução *morphologica*, *physiologica*, e *psychologica*, ou melhoramento de fôrmas, de funcções organicas e actividades espirituaes, a diversidade é tambem ainda tão pronunciada, que mal se comprehende a reunião de cousas tão heterogeneas sob um só conceito, sob a ideia geral de *genero humano*.

Esse facto, que é incontestavel, é que tem mesmo determinado alguns progonos e epigonos da sociologia a dividir e classificar os povos do globo em diferentes grupos, correspondentes ás diversas phases da ascensão evolucional da especie inteira.

Assim Littré dividiu-os em sete classes, começando, de cima para baixo, pelas nações cultas da Europa e da America, e terminando pelos selvagens da Nova-Hollanda. Gustave Le Bon porém fez uma divisão de quatro membros, principiando, de baixo para cima, pelos homens da

idade de pedra talhada, e acabando pelos povos civilizados (19).

Como se vê, o celebre discípulo de Comte encarou a especie humana em seu estado actual, ao passo que o outro sociologo observou-a em sua marcha historica, no immenso decorrer des tempos. Littré fez uma classificação *estatística*; Le Bon porém procurou fazer uma classificação *phylogenetica* (20). Mas ambas têm o merito commum de tornar ainda mais patente a impossibilidade da sociologia.

Com effeito, se é inconcebivel uma sciencia capaz de abranger em seu vasto circulo a totalidade dos phenomenos de uma *societas generis humani*, que nunca existiu, que não existe, que é uma concepção meramente subjectiva, um sonho de ambição politica, ou de extasis religioso, não o é menos uma porção de sciencias particulares, esgalhos de um mesmo tronco, que se incumbissem de estudar separadamente os diversos pontos de *partida e pontos de parada* do desenvolvimento humano.

Como sujeitar a leis sociologicas a vida dos selvagens da Nova-Hollanda, e ainda menos admissivel a dos homens da idade de pedra talhada? . . . A cousa é realmente digna de riso.

(19) Segundo Littré : 1.º as nações cultas da Europa e da America ; 2.º os musulmanos ; 3.º os indios, chinezes, tartaros e japonezes ; 4.º os peruanos e mexicanos ; 5.º as populações negras ; 6.º os caboclos da America ; 7.º finalmente os selvagens da Nova-Hollanda. Segundo Le Bon : 1.º os homens da *idade de pedra talhada* ; 2.º os povos selvagens, taes como hoje ainda se encontram em alg umas partes do globo, os quaes representam as diversas phases, porque passaram os povos prehistoricos ; 3.º os barbaros, como os scytas, os germanos, etc. ; 4.º enfim os povos civilizados.

E' sabido que tambem Haeckel dividiu a humanidade, segundo os dados de sua theoria, em 12 especies e 36 raças, começando as especies pelo *homo papua*, e acabando pelo *homo mediterraneus*; principiando as raças pelos *negritos*, terminando pelos *indogermanos*. Não mencionei esta divisão do celebre professor, por que elle não é um sociologo, e eu não tinha por tanto necessidade de pô-lo em contradicção consigo mesmo, como creio ter feito com os dois sabios francezes.

(20) Felizmente este meu livro não é destinado a ter ingresso na Faculdade, onde a maioria dos meus collegas, professores de direito, declarou guerra de morte ás expressões *phylogenese*, *ontogenese* e outras, de sabor *greco-allemao*, que elles não cahem na patetica de querer comprehender. Póde pois passar desassustada a minha *classificação phylogenetica*.

Mas é possível que me redargúam: a sociologia só se occupa, só quer se occupar da humanidade considerada em suas alturas, como ella se manifesta entre as nações cultas. Mesmo assim porém o poblema continuaria insolúvel.

A sociologia, que deste modo não seria mais do que uma irman bastarda das velhas *historias da civilisação* e *philosophias da historia*, nada teria a apresentar de proprio e novo; poderia até, nas fecundas syntheses de um Guizot, ou nos prodigiosos fragmentos de um Herder, ir beber muita ideia que a esclarecesse e chegasse a convencer-a da sua impertinencia.

Deixemo-nos de ceremonias, e digamos toda a verdade. Em geral os sociologos não são homens com quem se possa fallar sério; são espiritos incompletos ou doentes. Não é em vão que esta nova raça de philosophastros tem tido maior incremento nos paizes atrasados, como Brasil, Portugal e outros, diminuindo o seu numero na rasão inversa da cultura dos povos, entre os quaes elles apparecem.

Sim, digamos toda a verdade. Augusto Comte foi sem duvida um homem notavel, mas fez á philosophia um grande mal. A historia não offerece exemplo de systema algum, que tanto abrisse caminho ao *dilettantismo philosophico*, como a chamada *escola positivista*.

Nem ha accerto mais inexacto do que o de Littré, quando diz que... « a philosophia positiva é severa e ardua; que ella sujeita os seus discipulos á rude lei de aprender... » A experiencia mostra o contrario. Entre nós, pelo menos, com a sua pretendida *lei dos tres estados* e com a sua *sociologia*, o positivismo dispensa quaesquer outros estudos.

A expressão: *eu sou positivista*, não quer sómente significar uma nobre qualidade, ou um titulo honorifico; é muitas vezes tambem uma rasão decisiva, um argumento peremptorio. Os discipulos e sub-discipulos da celebre *seita* pertencem pela mór parte á ordem dos *malucoides* (*mattoidi*), de que falla Lombroso.

Augusto Comte era um espirito grave; mas nem por isso deixa de affigurar-se-me ás vezes como uma especie

de Fallstaff da philosophia que poderia tambem dizer de si mesmo: *I am not only witty in myself, but the cause, that wit is in other men.* Traducção livre: « eu não sou sómente um homem alienado, mas tambem a causa de que outros percam a cabeça... »

Bem pôde parecer que, assim me exprimindo, eu obedeca á minha velha predilecção pela Allemanha e a um tal ou qual desagrado que em geral me causam os productos do espirito francez. Completo engano.

E' certo que não faço segredo do meu *germanismo*. Na questão suscitada por Lord Dunsany, *se gaulez ou teutonico*, não duvidaria tomar, em todo caso, o partido do nobre inglez e pronunciar-me pela preferencia do segundo.

Mas isto não me veda reconhecer que a Allemanha tambem pagou a sua quota de papel e tinta á mania da época. Os seus positivistas, que aliás contam-se nos dedos, não me são menos antipathicos do que os francezes, posto que sinta-me obrigado a confessar-lhes um pouco de gratidão, por haverem elles indirectamente, com a maior robustez dos seus argumentos e a maior profundidade das suas indagações, melhor assentado a insustentabilidade do *positivismo* e sobretudo a inanidade da *sociologia*.

Não é uma affirmacção gratuita; vou dar a prova. Em um artigo dos *Annales prussians*, intitulado *Positivistische Regungem in Deutschland*, Diz Hugo Sommer: « Por muito tempo o positivismo celebrou sómente em França e Inglaterra os seus principaes triumphos, ao passo que a Allemanha se mantinha para com elle em posição um pouco desdenhosa. Entretanto ultimamente o professor de philosophia Ernesto Laas, em Strasburgo, fez a séria tentativa de introduzil-o tambem entre nós; rasão pela qual, á vista da profunda influencia, com que semelhante doutrina ameaça o nosso pensar e o nosso sentir, não será destituído de um certo interesse geral sujeitar essa tentativa á uma analyse critica. » (21)

(21) *Preussische Jahrbuecher* Zweiundfunfzigster Band, 1883 pag. 134.

Esta critica foi realmente exercida, e de um modo magistral. Os pontos fracos do positivismo, ainda que protegidos por uma nova e mais forte camada de considerações scientificas, foram todavia postos a descoberto sem a minima reserva, sem piedade alguma. O positivista allemão não attingiu o alvo que visára. A patria de Kant não se deixou influenciar pela doutrina de Comte.

E releva notar que Hugo Sommer não deu uma ideia exacta dos factos, quando asseverou que Ernesto Laas foi o primeiro a querer introduzir o positivismo na Alemanha. A obra de Laas é de 1882, (22) e bem antes dessa época, em 1873, Lilienfeld, a quem já citei, havia apparecido com o primeiro volume dos seus *Pensamentos sobre a sciencia social do futuro*, no qual se occupou da *sociedade humana* como organismo real, e pretendeu mostrar que é tão possivel uma sciencia deste organismo, como dos outros organismos da natureza.

E' verdade que Lilienfeld não se collocára no mesmo terreno de Laas. O seu positivismo é mais modesto, mais reservado, e quasi que se limita exclusivamente á questão da sociologia, ao passo que o professor de Strasburgo, para quem o ideal da sciencia é... « poder um dia, das propriedades immutaveis dos agentes elementares, levada pela mão da *lei da causalidade*, deprehender a razão, porque acontece isto ou aquillo, exactamente neste ou naquelle lugar, e neste ou naquelle tempo. ... » o professor de Strasburgo, dizemos, toma uma posição decididamente aggressiva e hostil á philosophia alleman.

Nem um nem outro entretanto acharam echo em o espirito publico do seu paiz. Devoporem observar que o livro de Lilienfeld não é todo para pôr-se á conta de uma escola opiniatica e atrazada; ha nelle um certo numero de vistas novas, que certamente merecem alguma attenção. Além disto, o escriptor não cahiu no erro commum a todos os mais sociologos, de dar a sociologia como feita e acabada por Comte. Elle teve a cautela de fallar sómente de uma sciencia social do *futuro*; o que importa reconhecer, ao envez do que pensam os sociologos francezes e seus

(22) *Idealismus und Positivismus...* Zwei Bände. Berlin.

discipulos, que actualmente, pelo menos, a sociologia não existe. Já é uma grande concessão, que convém deixar assignalada. (23)

Accresce ainda que Lilienfeld foi o primeiro a enunciar a ideia de uma *embryologia social*, parallela á embryologia individual, e capaz de prestar os mesmos serviços que esta ultima tem prestado nas mãos de um Baer e de um Haeckel, ideia que não veio de certo diminuir as difficuldades do problema, como teremos adiante occasião de vér, mas entretanto não deixou de dar-lhe uma nova apparencia de seriedade scientifica, e talvez por isso mesmo foi aproveitada e repetida, annos depois, pelo francez G. Le Bon.

A menção que fiz dos dois positivistas e sociologos allemães foi simplesmente exemplificativa. Anteriormente a elles, em 1860, duas grandes notabilidades, Moritz Lazarus e Heinrich Steinthal, já tinham feito a seu modo, quero dizer, em mais vasto plano, com proporções grandiosas, um tentamen do genero, creando o celebre *Zeitschrift fuer Völker psychologie*. Ora, o conceito da *psychologia dos povos* é irmão, se não o mesmo que o de uma sciencia da sociedade humana.

Mas o fiasco foi completo; o jornal não poudé durar muito tempo. E os dois sabios editores não tivessem, para firmar a sua reputação, outros trabalhos, senão os que se acham no pretencioso *Zeitschrift*, e bem dubitavel que alguem hoje se lembrasse de pronunciar-lhes os nomes, com aquelle respeito que soem infundir os legitimos representantes da sciencia alleman.

(23) Os nossos positivistas, por exemplo, não têm a menor duvida sobre a realidade da *grande sciencia*. Se algumas graves questões européas ainda não foram *sociologicamente* resolvidas, a culpa não é de A. Comte, opinam elles mas de Guilherme e Bismarck, ou da Allemanha, que não quer *desarmar-se*, para que a França possa esmagal-la e fazer então reinar a paz e a felicidade na terra. Aquelles dois *barbaros*, com os seus soldados, têm tido força de *retardar* a solução do problema da *republica universal*!... Já se vê: isto é dito com todo o sério. Mas tambem isto é o *cumulo da sandice humana*; e o que mais espanta, é que estes senhores, a quem falta o senso commum, não trepidam em pretender os fóros de homens de talento, de espiritos superiores!... É singular!

VIII

A ideia da possibilidade e realidade de uma sociologia procede de duas fontes distinctas: o predomínio das sciencias naturaes, por um lado, e um certo numero de aberrações politicas, por outro, características do nosso seculo.

As sciencias naturaes, com effeito, têm podido por seus triumphos captivar o espirito publico, e esses triumphos são sobretudo devidos á simplicidade e rigor do seu methodo, bem como á importancia pratica dos seus resultados.

D'ahi o seguinte phenomeno geralmente observado: tudo que de qualquer modo e em qualquer dominio pretende chegar a um verdadeiro conhecimento, endireita logo a sua marcha pelo caminho das sciencias naturaes.

D'ahi tambem, portanto, o geral esforço que se nota até em philosophos e litteratos, para construirem uma intuição mecanica do mundo, na qual antes de tudo só se trata da relação de causalidade, do assignalamento de causas e effeitos, da indicação de leis, que dominam os acontecimentos. E esta exagerada apreciação traz como consequencia atirar-se para o segundo plano, como uma superfluidade, aquella ancia que ha no espirito humano, de conhecer tambem o que não lhe é immediatamente attingivel, nem lhe chega pela senda de exacta investigação.

Não serei eu por certo quem condemne a applicação do methodo naturalistico a assumptos que até hoje pareciam não comportal-o. Não serei eu quem condemne a intuição e explicação mecanica do mundo anorgano e organico, até onde essa explicação é cabivel.

Mas ainda aqui estou agarrado ao manto de Kant, para quem, como já vimos anteriormente, em relação á fórma dos organismos, ha sempre um resto que a *mechanica não explica*, augmentando esta inexplicabilidade na medida do maior desenvolvimento dos mesmos organismo, e maior complicação de suas funcções. Por conseguintes quando se atravessa toda a série de seres organizados e chega-se a formações superiores, como o homem, a familia,

o Estado, a sociedade em geral, o *mecanicamente inexplicavel* já não é um resto, mas quasi tudo. O que ha de *restante*, exiguamente *restante*, é a parte do *mecanismo*, a parte do movimento.

Ahi está pois a origem do mal. Os sociologos, que em regra são espiritos tomados de admiração pelos progressos e conquistas das sciencias naturaes, entendem que nada ha mais facil do que construir a sua sociologia, applicando-lhe unicamente o methodo naturalistico, isto é, *observando e induzindo*. A illusão é comprehensivel, porém não desculpavel.

A outra fonte da mania dominante, disse eu que devia procurar-se nas extravagancias politicas do nosso tempo, em virtude das quaes chegou-se ao ponto de conceber o Estado e a sociedade como dois seres diferentes, ainda que de igual posição, collocados diante um do outro, sendo que as suas pretendidas relações reciprocas são julgadas diversamente pelos partidos politicos e escolas philosophicas, conforme o ponto de vista pratico ou theoretico de qualquer desses partidos ou escolas.

Assim para o liberalismo o Estado é o creado da sociedade, um creado, porém, que sabe ser indispensavel e não poder ser despedido, e que por isso é um pouco inclinado a se mostrar arrogante e inconveniente. A relação da sociedade com o Estado é julgada, como a de um empregario com os seus trabalhadores, que tem de executar a sua tarefa, mas nada ordenar nem tomar para si liberdade alguma.

Politicamente fallando, a sociedade é para o liberalismo o *soberano*, que já existia antes do Estado, e só creou este para o seu serviço.

O socialismo por sua vez encara a relação das duas entidades de um ponto de vista, em parte semelhante, em parte contrario. Elle exige o arredamento da concurrencia por meio de uma ordem social positiva, que indique a cada individuo o seu logar e os seus affazêres. Uma tal ordem parece tornar o Estado superfluo e resolvel-o de todo na sociedade. A sociedade organizada não precisa de creado, porque ella serve-se a si propria; não precisa de senhor, porque é senhora de si mesma.

Aos olhos da democracia, em geral não existe sociedade. Este conceito, ella o substitue pelo de *povo*. O povo é para ella o que é a sociedade para o socialismo, isto é, o soberano, ou este se deixe servir pelo Estado, ou sirva-se a si mesmo.

E com effeito, no seu ponto de vista, a democracia não deixa de ter razão de rejeitar o conceito da sociedade e em seu lugar collocar o de povo. Aos caracteristicos daquelle pertence a desigualdade dos seus elementos, entretanto que no conceito do povo, como soberano mystico, abstrae-se de toda e qualquer desigualdade.

Por isso tambem é a que aristocracia separa-os um do outro. A sociedade, no sentido aristocratico, é aquella parte da nação, em cujo conjuncto são perceptíveis e sabem fazer-se valer elementos designaes de notavel significação, ao passo que o povo como residuo apresenta uma massa intinctiva.

Ambos os conceitos, aristocratico e democratico, coincidem no modo commum de considerar o povo como um ente mystico-elementar, com a differença de que para a democracia, além dessa entidade, politicamente nada existe, ao passo que para a aristocracia ainda existe a sociedade, da qual o povo não faz parte.

« Em harmonia com taes ideias, ou erroneas, ou incompletas, diz J. Fröbel, de quem são tomadas algumas destas ultimas considerações, surgiu a pretensão de fundar com uma theoria da sociedade uma *nova sciencia especial*, quando é certo que essa theoria não pôde ser se não uma parte da theoria politica em geral, composta de elementos historico-naturaes e ethico-technologicos, pois que o pensamento director dos factos e juizos nella reunidos, outro tambem não pôdem ser se não o pensamento politico.

« E' bem comprehensivel que n'uma época de fermentação das ideias moraes possa surgir semelhante *bolha de sabão* theoretica; por quanto essa tal *nova sciencia* seria o *canon*, felizmente descoberto, do socialismo, cujo conteúdo bastaria sómente ser ensinado nas escolas, para tornar o Estado superfluo em relação aos negocios internos, e ao mesmo tempo animar a esperança de que, com a final

abolição dos limites entre as nações e o estabelecimento de uma geral sociedade humana, desappareceria tambem a necessidade dos apparatus de defeza nacional. . .

« As viagens projectadas para o paiz desta sciencia nova, são por isso tão seductoras para uma phantasia *impolitica*, como para uma *impolitica* especulação. » (24).

Perfeitamente bem. E' assim que se rende preito á verdade. O celebre companheiro de Roberto Blum, que foi ao principio uma victima de illusões politicas e scientificas, sabe hoje tiral-as com mão de mestre. A theoria, que elle qualifica de *tonteira* (*Schwindel*), de uma sociologia ou sciencia da sociedade, distincta da politica, não tem razão de ser, como não a tem a concepção phantastica da sociedade e do Estado, como dois organismos diversos e coordenados mas não subordinados um ao outro.

Entretanto o mais admiravel é que philosophos da estatura de Eduardo von Hartmann e espiritos notabilissimos, como Lorenz Stein e muitos outros, tenham prestado o apoio da sua autoridade á semelhante desproposito. E alguns não se limitam á *dyade* do Estado e da sociedade, associam-lhe ainda a velha egreja e tratam de estudar a natureza desta *triade* e descobrir as leis de sua coexistencia.

E' verdade que Hartmann não commette os desatinos communs ao liberalismo e ao socialismo; pelo contrario elle vê com exactidão que a sociedade sae do Estado, antes do qual ella não pôde existir, nem é ella que o crêa para os seus fins. O conceito da vida privada não pôde surgir se não por meio da consciencia de uma vida publica.

Os primeiros impulsos que reúnem os homens e mantêm-nos reunidos, são impulsos physicos, e os seus effeitos historicos naturalmente apprehensiveis e *darwinisticamente* explicaveis. Mas tambem a reunião não vai além da familia natural, e um rebanho de homens não é menos indigno do nome de sociedade, do que um rebanho de animaes.

(24) *Die Gesichtspunkte und Aufgaben der Politik*, pag. 72 e 73.

Onçamos ainda Julio Fröbel : « O Estado é quem sujeita a sociedade aos seus designios, dando-lhe um arranjo finalístico e pondo o seu movimento n'uma direcção methodica. Dentro deste arranjo e deste methodo a vida privada, de cujas relações compõe-se a mesma sociedade, conserva a sua liberdade individual ; sómente deve-se notar que é facil a illusão sobre a medida dessa liberdade, ainda quando exista a maior parcimonia da parte da legislação e do governo em todas as relações sociaes.

« No seio mesmo da mais livre sociedade a vontade do Estado só deixa francos e abertos á vida privada certos e determinados caminhos, que não lhe concedem mais espaço, do que as veredas que atravessam pelo meio de uma bem cultivada paysagem, e não lhe é permittido tomar outra direcção. Acontece que o habito, em mil casos contra um, não consente que as restricções cheguem ao dominio da consciencia. Na realidade a vida social é um movimento executado por caminhos de ante-mão traçados e contidos dentro de estreitos limites. . . » (25).

Lorenz Stein, de quem tambem fiz menção, não é um philosopho, mas um economista, e como tal não é de esperar que vá muito além do ponto de vista economico. Entretanto elle vê no Estado a unidade de certo numero de homens, elevada á altura de uma personalidade, que se rege e se move por si mesma ; vê n'elle uma communhão, que apparece como vontade e como ~~co~~to, não mais dependente do capricho e interesse dos individuos.

Por sociedade entende elle porém a unidade organica da vida humana, determinada pela distribuição das riquezas, regulada pelo organismo do trabalho, posta em movimento pelo systema das necessidades, assim como duradouramente ligada a certas gerações por meio da familia e seus direitos (26).

O erro de Stein, como se vê, consiste em abstrahir a sociedade do Estado, formando de um e de outro dous conceitos que aliás não se excluem. No seu conceito do Estado já está contido o da sociedade, e *vice-versa*. Isto é

(25) *Gesichtspunkte*, etc., pag. 77.

(26) *Geschichte der socialen Bewegung*, III pag. 104 e seguintes

tanto mais estranhavel, quanto é exacto que para elle as duas cousas são na realidade inseparavelmente unidas, para que pois, com aquella dupla definição de uma mesma ideia, auxiliar a *vertigem* de uma nova *sciencia social*, que nunca formar-se-ha, ao lado da do Estado, que ainda não está feita ?

IX

Eu sinto que tenha aqui de estranhar tambem a um homem, a quem voto a mais profunda admiração, o grande jurista e professor von Ihering, algumas das suas ideias sobre o assumpto que nos occupa. Com effeito, na ultima de suas obras *Der Zweck im Recht*, principalmente no segundo volume, onde o pensamento director tomou novas e mais largas proporções, não promettidas, nem se quer dadas a conjecturar no primeiro, o illustre auctor *schema-tisa* por demais a sociedade como sujeito á parte, com as suas proprias leis e seu proprio desenvolvimento ; contribuindo assim para reforçar a crença na sciencia de um organismo *autonomico* e *autokinetico*, juxtaposto, se não antes superposto ao organismo do Estado. (27)

Não se faz preciso dizer que esse não é realmente o intuito do celebre jurista ; mas ha uma tal ou qual apparencia de o ser, e tanto basta para perturbar o juizo de leitores menos despreoccupados. Não posso pois deixar de sujeitar á uma critica alguns pontos do escripto de von Ihering, ainda que esta critica seja feita, e só deva ser feita... de joelhos.

E' sabido que Herder, quando atacou o obra de Kant, observou humoristicamente que a *Critica da razão pura*, em seu *schematismo*, coordenava todos os conceitos humanos de modo a formarem uma dualidade symetrica, e que o proprio auctor muitas vezes se admirava de como elles se punham em ordem por si mesmos e sem o seu intermedio...

(27) Confesso que já laborei por algum tempo na illusão desse dualismo, semelhante ao de *corpo e alma*, porém felizmente livre-me d'ella.

Igual observação poder-se-hia fazer a respeito do livro de von Ihering, com as suas *schematisações* e os seus grupos de conceitos coordenados em *dyades* e *tryades* systematicas, mas não de todo correspondentes á realidade dos factos.

Assim, entre outras, e como frisante exemplo do que acabo de notar, limito-me a referir a dupla divisão tripartida de uma *ordem juridica*, uma *lei juridica* e uma *coacção mecanica* do poder do Estado, por um lado, por outro lado uma *ordem moral*, uma *lei moral*, e uma *coacção psychologica* da sociedade. (28)

A coisa não é tão simples, como parece. A *ordem juridica*, não é mais do que a parte melhor accentuada da mesma *ordem moral*. Ellas são complementos, não antitheses, uma da outra. Os factores da primeira são mais patentes, os da segunda mais latentes. A *ordem moral*, que para von Ihering se confunde com a *ordem social*, é a atmosphera da *ordem juridica*, não podendo valer em contrario a objecção das revoluções, que parecem querer destruir esta ultima para melhorar a primeira.

Por quanto, antes de tudo, não se deve confundir ordem juridica com governo, nem tambem perder de vista, que em taes condições, quero dizer nos casos de revolução, o que se pretende é acabar com um estado de *des-ordem*, restabelecendo a ordem juridica em harmonia com a ordem moral.

Quanto á *lei ethica*, defrontando com a lei do direito, é mister que nos entendamos. Se trata-se de uma lei moral *autonomica*, a lei que o individuo impõe-se a si mesmo, salta aos olhos que ella nada tem que ver com a sociedade, pois tem o seu fundamento na consciencia individual.

Se trata-se ao contrario de uma lei moral, *heteronomica*, isto é, de uma lei imposta pela sociedade em geral, ou por uma religião, por uma igreja em particular, então... reconheçamos a verdade : aqui já não se cogita de *moral*, porém de alguma coisa, que não é propriamente *direito*, mas como tal funciona.

(23) *Der Zweck im Recht*, II, pag. 179.

Essa moral *heteronomica* é que dá logar a coacção psychologica, de que falla o nosso auctor, em opposição á coacção mecanica da ordem juridica. Entretanto releva notar que as duas fórmulas de coacção não se excluem; nem a *psychologica* é estranha ao direito, nem a *mechanica* é incompativel com a moral.

Um individuo, por exemplo, que só deixa de praticar um crime, *formidine pænæ*, não é mais do que um coagido da primeira especie. Por outro lado, aquelle que abandona a pratica de uma acção, juridicamente indifferente, mas, entretanto, capaz de provocar a indignação geral, que subito se manifesta e á força de pedradas o obriga a não continuar, obedece unicamente a um meio mecanico. A historia dos theatros dá testemunho de não poucos casos desta natureza.

Nem de outro modo seria comprehensivel que aquelle *alguem*, de quem dizia Talleyrand ser mais sagaz que Voltaire, mais sagaz que Bonaparte, mais sagaz que todos os pilotos do mundo, passados e futuros, isto é, a *opinião publica*, tivesse tanto poder, e fosse mesmo, como pensava Palmerston, a unica força movente dos negocios politicos.

A opinião publica, assim considerada, é uma especie de organização da moral heteronomica, producto da sociedade, no sentido *iheringiano*; moral que, como o direito, tambem tem a sua mecanica, o seu apparatus material de compellir os remissos e propellir os afoutos.

A propria moral autonómica, a verdadeira moral, não pôde dispensar de todo os meios mecanicos. De accordo com a philosophia monistica, é a parte do movimento, ainda que minima, inseparavel do sentimento. Para melhor comprehensão, basta lembrar as palavras— *benevolencia e beneficencia*. Uma benevolencia que se limita sómente a *querer o bem dos outros*, sem realisar-o em qual-quer grau, ou ao menos tentar realisar-o, não constitue moralidade. Mas tambem a beneficencia, ainda quando manifestada pelo simples facto do estender a mão, que leva o obolo offerecido ao pobre, objectivamente apreciada, é um phenomeno kinetico.

De tudo isto, eu creio, facilmente se depreheende que o grande jurista tedesco não andou bem na dupla construcção de uma *ordem juridica* e uma *ordem moral*, que levada com logica pôde chegar ao erroneo dualismo do Estado e da sociedade, como entidades autônomas e independentes; d'onde procede a ideia de uma sociologia, filiada ás sciencias naturaes, segregada da politica e superior á ella.

Este descuido é tanto mais sensível, quanto é certo que von Ihering, na primeira parte da sua obra, desenvolvendo a bella theoria das *alavancas da mecanica social*, deixou ver bem claramente que o seu conceito da sociedade não se presta á formação de uma sciencia particular, com ares de sciencia exacta, no sentido da escola positivista.

Por quanto, uma vez estabelecido que quatro são as forças que põem em movimento o mecanismo social, isto é, a coacção, a paga ou o lucro, o estricto cumprimento do dever e a abnegação, ou, em outros termos, o *direito*, o *commercio*, a *moral prosaica* da vida commum e a *moral poetica* das grandes dedicações e dos grandes sacrificios, uma vez isto estabelecido, não ha mais porta aberta para dar entrada a um quinto factor, que sob o pomposo titulo de *leis naturaes*, sem que resolva cousa alguma, vem não só perturbar, como até um certo ponto inutilisar os outros.

Já era esta, pouco mais ou menos, a theoria de Robert von Mohl, segundo a qual o Estado, no mais amplo sentido da palavra, se dirige por tres categorias de leis: leis juridicas, leis ethicas e leis de prudencia ou de conveniencia; o que provocou uma injusta critica de Constantino Franz, para quem o Estado se origina por meio de forças naturaes, é em seu fundamento um producto da natureza. (29)

Mas a final este mesmo auctor reconhece que, ao lado das leis naturaes, existem leis ideaes, que regulam a vida das nações, operando ou devendo operar com reciproca independencia. O modo como isto se dá, é o que elle não dignou-se de explicar-nos.

(29) *Die Naturlehre des Staates*... pag. 15.

Convençamo-nos uma vez por todas. A imagem não é nova, mas pôde ainda ser empregada com vantagem: o Estado é uma nau, em phrase moderna, um vapor immenso, com a sua innumera tripolação de funcionarios e soldados, e ainda maior numero de passageiros. Os passageiros representam a sociedade, isto é, aquella parte da nação, que se pretende que tenha uma existencia propria.

Ora, assim como pôde succeder que muitas pessoas, durante o trajecto de uma longa viagem, nunca vejam o commandante do navio que as conduz, assim tambem ha individuos, que levam toda a sua vida, sem recorrer aos poderes do Estado, e até sem ter consciencia das garantias que elle offerece.

Mas d'ahi é tão pouco deductivel que esses individuos não precisem de um governo, como que aquellas pessoas dispensem um commandante. A verdade porém é que às ordens deste se acham tripolantes e passageiros, ainda quando não o procurem nem o vejam; e elle, por sua vez, está às ordens do mar e do vento, cujas leis entretanto lhe são desconhecidas. O mesmo se dá com a sociedade e o Estado.

X

Alem destas e outras aberrações, os sociologos ainda são victimas de uma illusão, caracteristica do tempo, quero dizer a illusão, a *mania da lei*, de cujo conceito se pode affirmar o que Brinz disse do de *pessoa juridica*, isto é, ser apenas um espantalho (*Vogelscheuche*), uma figura de palha para afugentar as aves, *respectivé*, confundir os tolos.

« Por que a palavra *lei*, diz John Fiske, é empregada para designar igualmente as generalisações de Kepler e os estatutos do parlamento britannico, inferiu-se d'ahi que o que é verdade a respeito de uns, deve ser tambem verdade a respeito das outras. Mas tal illação da communhão de nome para a communhão de *natureza*, é difficilmente excusavel.

« Que as leis de Justiniano tenham emanado de um legislador, não é rasão bastante para suppor-se o mesmo da *lei da gravitação*. As primeiras eram edictos, que impunham obediência, ao passo que a segunda não é mais do que uma expressão generalisada do modo por que occorrem certos phenomenos. » (30)

Talvez aqui os sociologos sintam-se um pouco satisfeitos, por não ser alcançados pelas palavras de Fiske, visto que elles não crêm em Deus e como taes não admittem um legislador pessoal, anthropomorphico, da lei da gravitação. Nenhuma duvida; mas nem por isso o erro é menos notavel. O que recusam a Deus, conferem á natureza, que é então para elles a grande legisladora, com um codigo tão crescido e variado, que já vae-se parecendo com a *collecção de leis* do Brasil.

Dest'arte falla-se, por exemplo, de uma lei que regula, em uma época dada, o numero dos *nascimentos*, e outra lei que norma o numero dos *obitos*; de uma lei que determina a quantidade dos *crimes*, e outra lei que prescreve a repetição dos *incendios*, e assim por diante.

Porém tudo isto palavreado tosco e vão. Não tenho motivos de pôr em duvida a sciencia de Schloezer, de Niemann e Quételet; mas acho-a demasiado pretenciosa; promete muito, e dá pouco. Ha cerca de cincoenta annos, em 1840, dizia Dufau, um dos seus cultores: « A estatistica tem por alvo resolver questões, não descrever um paiz » e ainda hoje a verdade parece estar na affirmacção contraria.

Seriamente, não me consta que ella se tenha elevado muitos graus a cima de um appendice da geographia, nem que haja perdido o seu primitivo character de mera sciencia descriptiva, para assumir o de uma, « cujo problema é reunir systematicamente dados, por meio dos quaes, antes de tudo, certos factos da vida da humanidade mesma podem ser explicados, segundo o seu nexu causal, e remontados ás leis que o determinam » conforme a fôfa pretencção de Quételet.

(30) *The laws of history. Fortnightly Review. 1868, pag. 282.*

Os sociologos costumam pôr a estatistica a seu serviço e allegar que uma tal ou qual regularidade, com que *os numeros funccionam* em certas ordens de phenomenos da vida social, é uma prova em favor da existencia das leis sociologicas. Eu porém sou mais exigente ; não vejo semelhante prova.

O creador de gado, o fazendeiro bucolico dos nossos sertões, que *apanha*, segundo a propria expressão, os seus *cincoenta bezerros* por anno, sabe perfeitamente que ahi não se trata de um numero exacto, mas de uma *média* mais ou menos constante.

Se duas vaccas geram annualmente dous bezerros, é provavel que quem possui o decuplo dessas forças productas, tambem tenha annualmente o decuplo dos productos.

Mas este phenomeno, que é tão simples, tão facilmente comprehensivel, ninguem ainda se lembrou de decorar, e seria até ridiculo, com o titulo de lei ; para que pois qualifical-o de tal, quando observado na sociedade humana ?

Já o disse no principio, e não canso de dizê-lo : a sociologia é uma *phrase*. Não ha um só dos seus presupostos, que bem examinado, não se manifeste erroneo.

Difficilmente pôde-se conter um riso de desdem, ao ler tiradas como a seguinte, escripta por Lilienfeld, a quem cito de preferencia, por me parecer o sociologo mais sério, mais convencido, e que dispõe de mais rica bagagem scientifica : « As sciencias naturaes, diz elle, não só têm esclarecido e alargado o horisonte espirital do homem em face da natureza, mas servem tambem de alavancas poderosissimas do desenvolvimento industrial e do conforto material da humanidade. Do mesmo modo deve a sociologia, sobre solido terreno real, não só dar-nos uma ideia exacta da sociedade, como ainda tornar-se o instrumento mais efficaç do progresso social, a mais forte protectora do movimento civilisatorio, e um dos meios principaes de elevação da prosperidade geral, do bem estar e da felicidade do genero humano. » (31)

(31) *Gedanken...* pag. 338.

Porém isto não produz uma certa impressão comica ? Era em 1873, ha quatorze annos, que o sociologo assim fallava ; e de então para cá, que ha feito a sociologia em favor do progresso e do bem estar da humanidade ?... Se por ventura nos respondem que ainda não é tempo de vermos realisadas tão importantes promessas, temos o direito de perguntar como os discipulos de Jesus : *præceptor, quando hæc erunt*... quando é que em fim chegará esse tempo ? Ora !... deixemo-nos de visões eschatologicas ; basta de palavras retumbantes. (32)

Ainda mais caracteristica é a seguinte proposição : « A estrutura juridica da sociedade é completamente analoga á estrutura morphologica dos organismos, e a perfeição relativa, quer da mesma sociedade, quer dos mesmos organismos da natureza, é determinada por um só principio, isto é, pela maior especialisação possible » (33)

Se me não engano, estas palavras envolvem um grande contrasenso. Com effeito : uma sociedade, tanto mais perfeita, quanto mais *especializados* são os órgãos que a compõem, é assumpto para sérios reparos. A especialisação dos organismos da natureza consiste em que os órgãos se vão diferenciando, á medida que as funcções se differenciam, e de tal modo, que aquillo que uma vez separou-se, não se reune mais ; o que deixou de ser perna para ser braço, não volta mais a exercer a primitiva funcção.

Mas a sociedade não está no mesmo caso. O maior grau possible de especialisação do seu organismo daria um resultado, que mal se comprehende, isto é, fazer de cada individuo o órgão proprio de uma funcção social particular. O individualismo, que já perdeu ha muito a

(32) A *eschatologia* dos judeus é a seu modo uma *sociologia*. Se hoje rimos-nos da primeira, porque tratar a segunda como uma cousa séria ? Note-se bem : o que se lê em Paulo, *Epistola prima ad Tessalonicenses*, cap. IV, *secunda-idem*, cap. II, e mais em Matheus, cap. XXIV. Marcos XIII, e Lucas XXI, são bellos pedaços de *prognose sociologica*, nem mais nem menos phantastica, do que os productos similares dos *eschatologos* hodiernos. Já se vê que não é de hoje, mas ha seculos que a sociologia faz uma má figura.

(33) *Gedanken*... pag. 84.

sua rasão de ser, entraria de novo na ordem do dia, com mais crescida dóse de exaggeração e dislate.

Se porém a especialisação, de que falla Lilienfeld, não se refere aos individuos, mas ás classes, não diminue por isso a difficuldade da questão. As classes *especializadas*, no sentido do nosso auctor, acabariam por ser outras tantas castas, tão impossibilitadas de entrar, de dissolver-se uma na outra, quão impossibilitados, por exemplo, estão os *olhos* de tornarem-se *ouvidos*. E ainda mais impossivel seria ordenal-as e hierarchisal-as, de modo a constituirem um organismo *uno* e compacto.

Estes e outros erros de Lilienfeld são oriundos do falso presupposto, que estraga pela base todos os seus argumentos. E' a ideia fixa de uma *analogia real* entre a sociedade e a natureza, ideia que o conduz a extremas e absurdas consequencias, ou fal-o commetter estranhos paralogismos.

Assim diz elle confiadamente: « Se a sociedade humana é um organismo, como os demais organismos, ella deve mostrar tambem as mesmas phases evolutivas, que em geral se dão em todos os phenomenos naturaes. . . »

Mas justamente tal seriação do organismo social nos organismos da natureza é pelo menos o que se questiona. As palavras citadas encontram-se em um dos primeiros capitulos do volume. (34) O leitor não descobre nas paginas anteriores nenhuma prova da these que se dá como assentada: o auctor cahe por tanto em uma redonda petição de principio.

Quanto á *analogia real* entre os dous dominios, elle se exprime em termos bem positivos, que eu devo repetir no original: « Die reale Analogie zwischen der Gesellschaft und der Natur muss, unserer innersten Ueberzeugung zue, allen wissenschaftlichen Folgerungen im socialen Gebiete als Fundament dienen; sie

(34) *Gedanken...* pag. 82.

muss den Ausgangpunkt fuer die Erforschung der Gesetze der socialen Entwicklung abgeben.» (35)

Mas é precisamente essa analogia, que a pé firme repellimos, os que não estamos pelos adjectivos dos senhores sociologos. Tomal-a pois como base, como principio director de indagação scientifica, no dominio social, é o cumulo do illogismo.

Não fica sómente ahi. Em virtude dessa caprichosa assimilação da sociedade á natureza, Lilienfeld esforce-se por crear uma nova theoria, se não antes uma nova sciencia, a *embryologia social*, a que já me referi; e apostando comsigo mesmo que esse conceito corresponde a uma realidade, reúne factos, accumula argumentos, e acaba por tomar ares de quem sahiu vencedor. Não o contesto. Em taes condições é facilimo ganhar a aposta.

Entretanto, encaremos mais de perto a nova theoria que não deixa de ser um pouco engenhosa.

A lei geral da *embryologia* de todos os craniótas, isto é, de todos os animaes armados de craneo e cerebro é a seguinte: o desenvolvimento embryonal de cada individuo é parallello ao desenvolvimento paleontologico do respectivo tronco. E' esta lei que Lilienfeld, Le Bon e outros querem applicar á sociedade, sem notar que ella encontra logo um primeiro embaraço, não muito facil de arredar, que é saber qual seja o *embryão social*, cuja ontogénese mostre precisamente uma rapida repetição da phylogénese. (36)

(35) *Gedanken...* pag. 392. E' aqui occasião de observar que algumas asserções lançadas no correr do presente artigo parecem estar em contradicção com ideias já por mim uma vez enunciadas, como por exemplo, as que se lêem na introdução do meu livrinho *Menores e loucos*, e que mais não fazem do que repetir uma prova escripta de concurso academico. Tenho convicção de que não sou contradictorio; modifiquei apenas, accentuei melhor a doutrina que professo. Se porém me julgarem tal, pouco me importa. *Chacun a les défauts de ses vertus*, disse George Sand. A minha maior virtude intellectual é não ter ideias preconcebidas, nem afagar um *système querido*; o defeito dessa virtude é viver constantemente em busca de novas e melhores theorias; d'onde resulta uma certa apparencia de contradicção.

(36) *Gedanken...* pag. 245. *L'homme et les sociétés*, I pag. 218.

Não vejo razão plausível para suppor que esse embrião seja o menino. Parecia mais acertado, mais symétrico, pelo menos, que fosse a família. Mas dado por hypothese, que o menino represente esse papel, vejamos o que resulta.

A embryologia propriamente dita nos descobre que um certo período da evolução embryonal, o homem, o cão, a tartaruga, a ave, são iguaes, porém logo depois differenciam-se, e cada um segue o caminho traçado pelas leis morphologicas da sua especie. Ella ainda nos ensina que entre os caracteres identicos dos diversos embryões, figura uma pequena cauda que Haeckel chama *das Schwanzchen des Menschen* ; esta cauda porém desaparece, bem antes, mesmo de completar-se a época da gestação. (37)

Eis ahi. Partindo agora do presupposto de uma analogia real e positiva da sociedade com a natureza, como opina o sociologo, a primeira confrontação a estabelecer entre os dois ramos da embryologia, deve ser nestes termos: assim como, nos estadios superiores da evolução embryonal do individuo, desaparece a cauda do primeiro período, assim tambem, nos estadios superiores da vida do *embryo social*, desaparece... o que?... *Hic haeret aqua*. Que é com effeito que neste segundo embrião corresponde á pequena cauda, ao *rabinho* do homem e que em seguida acaba-se de todo? Ninguém o sabe.

Lilienfeld não hesita em dizer que o menino apresenta em forma real o grau de desenvolvimento, em que se achava a humanidade historica na sua meninice, do mesmo modo que o embrião humano atravessou as phases evolutivas da simples cellula, de um mollusco, de um peixe...

Mas isto não passa de pura rhetorica. A comparação é só para embellecer ; não esclarece nada.. « O menino... » diz elle ; porém... que menino? Qualquer menino?... E' inexacto. De que idade?... de qualquer que seja?... Horivelmente falso.

(37, *Natuerliche Schaepfungsgeschichte Fuenfte. Auflage*, pag. 274.

Ainda mais decisivo. Diz o nosso auctor: « Supponhamos que existam na terra actualmente representantes de todas as épocas da evolução do genero humano e comparemos meninos destas épocas uns com outros, como se comparam os embryões de todos os organismos. Isto feito, a embryologia social comparada daria um resultado inteiramente analogo á embryologia organica comparada.

« Na primeira phase evolucional, as qualidades intellectuaes, moraes e estheticas de todas as crianças, mostrar-se-hiam, pouco mais ou menos, eguaes entre si. Dado porém o segundo passo para diante, as raças inferiores já ficaram atrás, no que diz respeito á formação dos órgãos nervosos superiores, ainda que o resto do organismo possa attingir o seu completo desenvolvimento... » (38)

A theoria é bonita de mais, para ser verdadeira. Effectivamente : um menino de cinco annos, nascido em uma das nossas grandes cidades, que brinca sobre o tapête nos nossos salões, não póde apresentar os mesmos signaes de rudeza mental, que apresenta a pobre creança da mesma idade, filha do alto sertão, ainda meio *alali*, que mal começa a conhecer e distinguir seus paes. Igualal-os, é um disparate, que repugna á observação e ao bom senso.

Quanto ao ponto relativo ás raças, isso é apenas o effeito de outra *mania* do nosso tempo; a *mania ethnologica*. Eu quizera que Lilienfeld viesse ao Brasil, para ver-se atrapalhado com a applicação de sua theoria ao que se observa entre nós. As chamadas raças inferiores nem sempre *ficam atrás*. O filhinho do negro, ou do mulato, muitas vezes leva de vencida o seu coévo de purissimo sangue aryano. (39)

Demais... a embryologia organica comparada occupa-se de embryões de especies diversas, ao passo que essa pretendida embryologia social refere-se a objectos da

(38) *Gedanken*, pag. 249.

(39) Sobre este ponto, veja-se, em opposição, o que escrevemos no prologo por nós posto aos *Estudos de Direito* e do auctor. (N. de S. R.)

mesma especie. Ha nisto alguma cousa de manco e defeituoso, que de antemão, e só por si, inutilisa as consequencias do seu emparelhamento.

Vamos concluir. A sociologia tem a pretensão de incorporar-se ás sciencias naturaes e, mediante o emprego do mesmo methodo que as assignala, obter iguaes resultados. Mas esquece que não existe uma sciencia da *natureza*, como ella pretende ser uma sciencia da *sociedade*.

As sciencias naturaes são resultados de analyse, que não precisam de uma synthese; são differenciações do conceito da natureza, que correspondem a outras tantas differenciações da viva realidade dos factos. Admittida, por hypothese, uma perfeita analogia entre os dous grandes objectos de indagação scientifica, seria concludente que se incorporasse ao grupo das sciencias naturaes não uma sociologia ou pretendida sciencia da sociedade, mas um grupo de sciencias sociaes, tão bem definidas e differenciadas como ellas.

Este plural de sciencias particulares, relativas ao *kosmos* social, não é uma ideia nova; pelo contrario, é uma velha ideia, que já teve o seu tempo de dominio. Mas começou a cahir em descredito; o unico meio que pareceu capaz de salvar-a foi substituir o *plural* pelo *singular*, creando, em vez de muitas, objectivamente especializadas, uma só sciencia universal e completa!... Procedimento igual ao de quem por ventura, não podendo quebrar, uma por uma, as varas de um grosso feixe, tentasse então, como cousa mais facil, partir de uma vez o feixe inteiro; o que só poderia explicar-se por gracejo, ou por loucura.

Vem aqui ainda a proposito uma rapida observação. Note-se bem: a palavra *physiologia* que etymologicamente significava, *sciencia da natureza*, está hoje muito longe de semelhante conceito, pois é o nome de uma sciencia especial, que tem por objecto uma ordem especial de phenomenos, as funcções organicas dos seres vivos. Não será possivel que igual destino esteja reservado á *sociologia*?

Quero crer que sim. Da mesma fôrma que do conceito de uma desapareceu a ideia da *natureza*, considerada

em sua totalidade, para limitar-se a estudar sómente uma ordem particular de phenomenos naturaes, assim tambem é provavel que desapareça do conceito da outra a ideia da *sociedade* em geral, para restringir-se ao estudo unico de uma classe particular de phenomenos sociaes, *respectivè*, de funcções, ou juridicas, ou economicas, ou politicas, ou de outra qualquer classe.

Deste modo, com este grande encurtamento de diametro, a sociologia pôde ter um futuro; e não duvido mesmo que, assim limitada, seja ella ainda divisivel, para melhor claresa, em dois pontos de vista distinctos, que serão designados por *sociogenia* e *sociophylia*, segundo a doutrina e technologia de Haeckel.

Não posso melhor encerrar o presente trabalho do que repetindo as palavras do insigne mestre de Jena, que lhe serviram de epigraphe: «Só por meio da mais intima e reciproca influencia e penetração reciproca de *philosophia* e *empiria*, é que se ergue o inabalavel edificio da verdadeira sciencia monistica ». A sociologia, como a temos, é simplesmente um producto de especulação philosophica; o elemento empirico lhe fallece de todo.

XLIV

Glosas a alguns preconceitos brasileiros

I

... «Nós temos ainda velhas phrases consagradas ao culto aparatoso dos idolos do dia. »

Refiro-me, como é facil de comprehender, a essa mania, tão commum entre nós, de *fazer effeito* e conquistar popularidade, por meio de um certo numero de palavras *mysticas*, tanto mais sedutoras, quanto mais obscuro é o seu conteúdo, e que tornaram-se estereotypas nas mãos da mediocridade. A *liberdade*, este nectar espumoso dos sonhadores politicos, que aliás agrada mais pelo cheiro do que pelo sabor, a *republica*, esse fructo do paraizo, mais precioso por fóra, do que por dentro, que tem casca de ouro e miolo de cobre, o *povo soberano*, os *direitos do homem*, a *revolução* e todas as mais tolices sacramentaes da rhetorica tribunica, já perderam aos meus olhos, como phrases natas para arranjar uma *figura* e arredondar um periodo, o seu antigo e celebrado encanto.

Bem sei que, assim pensando, arrisco-me a desmerecer perante o juizo de uma bõa parte do publico leigente. Ainda hoje é verdadeira, nomeadamente entre nós, a receita prescripta pelo poeta.

*Voulez vous du public captiver le suffrage
Du mot de liberté soupoudrez votre ouvrage.
Ce mot magique et cher fait pétiller d'esprit
L'ouvrage le plus plat et le plus mal écrit.*

Todavia não obedeco ao gosto predominante. No que digo ou escrevo, o leitor terá muitas occasiões de notar me alguma frieza, desejar aqui mais impeto, alli mais en-

thusiasmo, porém nunca pegar-me-ha em flagrante delicto de palavreado esteril, calculadamente talhado para embair os simples.

II

... « E' uma dellas a celebre trilogia: *liberdade, igualdade e fraternidade*...

E' mister, senão coragem, sem duvida um certo des-
pego dos prejuizos correntes para ousar dizê-lo: esta
formula pomposa da metaphysica politica, este dogma
imponente, sedimento de tempos que já escoaram, os tur-
bidos tempos da razão pontifice, com sua infallibilidade e
vice-deidade papal, não pertence mais aos nossos dias.
E' como cedula de papel-moeda, retirado da circulação,
cuja cifra pôde apenas mostrar *um valor que outr'ora teve*,
formando porém, contra aquelle nas mãos de quem por
ventura ainda ella se encontre, um documento de des-
leixo, velhacaria, ou estolidez. *Liberdade, igualdade e
fraternidade*!... São semelhantes a um desses grupos das
chamadas *estrellas triplas* que nos parecem extremamente
approximadas umas das outras; e todavia... que larga
distancia não medeia entre ellas! Nada demonstra mais
vivamente do que esta *triade* inharmonisavel, a verdade
contida nos versos de Schiller:

*Leicht bei einander wohnen die Gedanken,
Doch hart im Raume stossen sich die Dinge.*

Facilmente uns com outros se accommodam
E habitam, sem chocar-se, os pensamentos;
Porém no espaço as cousas se abalrôam.

A theoria é sempre franca e generosa, a pratica so-
vina e mesquinha. Como um rico e avaro banqueiro,
que não acceta os saques de seu socio perdulario, a pra-
tica não dá razão aos sonhos da theoria. E se ha uma
dessas illusões theoricas, de que se pôde dizer com segu-
rança que a experiencia está feita, que no fundo do

chrysol, em vez do metal precioso, só ficou a borra, é justamente a theoria em questão. Uma cousa unica resta admirar : é que, a despeito de todos os desmentidos da realidade, esse trifolio antithetico do *messianismo* politico francez, singular mistura de razão e imaginação, verdadeiro producto de phantasia celtica, sahido da mesma forja que os romances de Julio Verne, conte ainda, como de facto, seus fanaticos seguidores. Entre nós, pelo menos, é incontroverso que, para fazer *acto de liberalismo*, importa andar repetindo, a todo proposito, essas tres phrases inanes, com ares, aliás, de quem decifra as palavras fatidicas do festim de Balthazar. Mais de um *evangelist of wast*, cujo symbolo não é o leão de Lucas, e tamponcou a aguia de João, porém o macaco, vive ainda a doutrinar o pobre povo nos santos mysterios da magica trindade, que forma o fundo do *culto da Revolução*...

Já era tempo de não haver mais um espirito, na classe mesma dos parcamente instruidos, que se deixasse tomar de admiração e interesse pelos *idola fori* dos galicistas politicos. Já era tempo de zombar do doutrinarismo revolucionario, como cousa anachronica e de todo inadequada aos nossos dias, já era tempo em summa, de acabar com as illusões da *eschatologia* social dos modernos prophetas, e reunir com Giuseppe Giusti, o celebre satyrico italiano, n'um só feixe de promessas impossiveis, de pretensões ridiculas,

*la concordia, l'eguaglianza,
l'unità, la fratellanza,
eccetera, eccetera.*

Mas a magia da parolagem, entre nós sobretudo e a despeito de tudo, não perdeu a sua influencia. Com razão diz F. Zölner que o gráo de veracidade e capacidade dos individuos, bem como dos povos, se mede pela extensão, em que a sua linguagem é dominada pela *phrase*. Porquanto accrescenta o grande astronomo philosopho, onde a *phrase* se apresenta, a verdade cobre silenciosa a cabeça, e retira-se espavorida. (*Ueber die Natur der Cometen.*) Nós estamos bem no caso de offerer materia para verificar-se essa observação.

Entretanto, é sempre de esperar que não deixará de vir o dia das desillusões, e aquelles mesmos, nos quaes hoje a expressão sincera da realidade das cousas, apreciadas em sua prosaica nudez, produz impressão igual á que produz no touro enfurecido o lenço vermelho do toureador, curvar-se-hão, por certo, á omnipotencia dos factos. O que presentemente se repelle como estranho e absurdo, mais tarde não passará de uma verdade vulgar.

Schopenhauer já o disse: o destino de toda e qualquer ideia, maximé das mais importantes, é que á verdade está reservado ter sómente uma curta celebração de victoria, entre os dous longos espaços de tempo, em que ella é condemnada como *paradoxo* e desprezada como *trivial*.

III

« A revolução franceza, tendo começado em nome da liberdade, degenerou no fanatismo da igualdade e reduzio-se ao absurdo nas mãos de um despota. »

Apresso-me em ir de encontro a uma ideia falsa, que o leitor pôde formar, julgando-me, por essas palavras, *um dos muitos*, para quem a revolução franceza é o resumo de toda philosophia da historia, e que nella, sómente nella, bebem ensinamentos e exemplos de alta sabedoria politica; ideia que, além do mais, teria a desvantagem de pôr-me em contradicção com as vistas manifestadas nas palavras antecedentes.

Com effeito, se não pertença á escola retrograda e obscurante dos sycophantas do passado, os quaes de convicção ou por capricho ainda hoje se benzem horrorisados diante dos spectros que se associam á lembrança de 89, tambem não augmento o numero dos *idiotas* da liberdade, que só veem na revolução franceza um acto providencial, uma emenda feita ao Golgotha, uma segunda redempção, e como tal o começo da verdadeira historia da humanidade. Não sei se estou a cima ou a baixo destes dois diversos modos de intuição, mas sei que estou fóra delles. Não se lêem impunemente, neste sentido, as investigações

de um Sybel, as paginas de um Treitschke : eu já não creio em benções divinas, que nos viessem dos tempos de *brumaire*, ou *thermidor*... A chamada revolução franceza, que o professor Luigi Settembrini, de Napoles, em suas *Lezioni de Letteratura italiana*, exige que seja, e prova que deve ser tida, como *revolução latina*, a qual se preparara, havia já tempos, no seio dos povos da mesma raça, e foi realisada pelo impeto da França, esse grande entre outros grandes acontecimentos do mundo moderno não contém em si cousa alguma de enigmatico ou mysterioso, e bem pouco encerra de poetico e venerando. Não é aqui o lugar proprio de entrar em longos detalhes sobre este ponto, na sustentação de um modo de ver, que distôa dos prejuizos aceitos, que é um golpe dado na raiz da opinião dominante. Mas importa deixar accentuado : a França que tem sido, neste seculo, demasiado fecunda em construir *Philosophias* de tudo, da mesma fórma que a sua *Exposição internacional* do corrente anno foi fertil de *Congressos* sobre todos os assumptos, desde o que teve por objecto o direito das mulheres até ao que se occupou do direito dos cavallos e seus irmãos em soffrimento ; a França que sabe philosophar *de omnibus et quibusdam aliis*, e tanto que lhe devemos até uma *Philosophia da miseria*, que aliás sómente servio para pôr em relevo, como mostrou Karl Marx, a *miseria da Philosophia* ; a França, emfim, que pouco falta se lembre de dar-nos tambem a *Philosophia da insensatez*, para occupar lugar de honra entre as suas *Philosophias*. . . do *direito penal*, do *direito ecclesiastico* et reliqua, mentiria á sua missão humanitaria e civilisadora, se não tivesse igualmente o seu systema acabado, a sua *Philosophia da revolução*, escripta nos livros e implantada nos espiritos. E' pois de encontro aos dogmas desta velha orthodoxia philosophico-politica, que eu me confesso incredulo e rebelde. No estado actual do seu desenvolvimento, a historia dos povos modernos, principalmente dos povos da America, necessita de factos mais importantes, de soluções mais proficuas, do que derrubar thronos e decapitar coroados. As exigencias do seculo excedem muito e muito a medida das categorias estereis de *direitos do homem* e *soberania do povo*.

A tudo isto, tenho por certo, mais de um idolatra do paiz da moda, da gente azongadamente mobil, de quem já nos seus primeiros dias dizia Catão que era distincta por duas cousas, *rem militarem et argute loqui*, o que exprime justamente *la gloire* e *l'esprit* dos tempos de hoje: mais de um idolatra do paiz da moda, repito, abalará com desdem a cabeça. A razão é simples: cabeças oucas facilmente se abalam. Mas que importa? Eu não pertenço á classe dos felizes que, na expressão de Hartpole Lecky, compram a paz, o viver bem com todos, *à custa da verdade*; como não acho sempre digno de praticar-se o conselho de Goethe:

*Sagt es niemand, nur der Weisen,
Weil die Menge gleich verhöhnet.*

Não digas a ninguém, sómente aos sabios,
Porque o vulgo não sabe, e logo zomba.

Pelo contrario, é muitas vezes diante do vulgo mesmo que se reforça o dever de não calar as proprias convicções. não obstante os seus desdems, e até por causa delles. De mais, eu não creio viver em um mundo, onde existam claramente assignaladas as duas distincções de *sabios*, a quem se falle, e *multidão*, com quem se tenha reservas. A este, de que faço parte, accommodam-se perfeitamente as palavras de Machiavelli: *Nel mondo non è se non volgo*. Bem sei que, em semelhante meio, a posição do escriptor, não atacado da geral *preguiça de pensar*, e que tem, por tanto, alguma cousa a dizer, é igual á da rainha *Gandhari* no conto indiano: « O velho rei *Dhribarashtra* era cego; tendo elle um dia de apresentar-se em publico junto com sua mulher *Gandhari*, esta veio de olhos vendados, para não mostrar-se melhor que o seu querido esposo. » E' assim: o escriptor tambem necessita de apresentar-se de venda nos olhos, voluntariamente cego e ignorante, para que esteja bem ao nivel do seu caro leitor. A lenda indiana não diz, que castigo teria *Gandhari*, se apparecesse sem véu no rosto; mas sabemos qual é o que aguarda o escriptor desponderado, que ousa ter uma ideia de mais, não bebida na fonte commum do seu

honrado publico : é o ridiculo, este martyrio da época, na phrase de Pelletan, porém que entre nós outros, e é isto o que me anima, ainda não foi exercido com efficacia, não ponde ainda realmente contar, nem se quer um martyr, graças ao desaso e estupidez dos carrascos.

IV

... « Quanto á fraternidade... considero-a mais um conceito religioso, do que um conceito politico... »

O leitor attenda bem : um *conceito religioso*, e não um *conceito moral*. O sentimento, que fez ver na humanidade uma só familia, se é que elle de facto existe, não pertence á esphera da moralidade. As acções humanas, como taes, aquellas mesmas que demandam mais abnegação e esquecimento de si proprio, que mais engrandecem o homem ante a sua consciencia, não têm como base, como motivo primordial, o amor e dedicação ao *genero humano*, o qual, em ultima analyse, não passa de uma especie de notação algebrica de uma quantidade abstracta, de que se faz uso unicamente por commodidade da linguagem. A moral nada tem que ver com os desvarios de espiritos levianos, que se affiguram sob o schema da *fraternidade*, uma ordem natural e racional das cousas em que o gato se concilie com o rato, e o lobo com o cordeiro. O *non sibi sed toti genitum se credere mundo*... não é um principio de moral humana, uma norma de acção de homens que vivem e amam a vida, mas um sublime paradoxo de barbaro estoicismo, que julga vingar-se das misérias da humanidade, dando-lhe a resolver problemas impossiveis.

Os apostolos da *paz universal*, os capuchinhos philosophicos da *fraternidade humana*, illudem-se de todo, se é que, pelo contrario, não querem illudir. « En nutro muita piedade, dedico muito respeito aos meus parentes reaes, diz Fitzjames Stephen, para que ouse dar o nome de irmãos a todas as creaturas humanas, das quaes não poucas merecem o meu desprezo e meu

odio. O genero humano é tão numeroso, tão cheio de diferenças, tão pouco conhecido do individuo, que ninguém pôde, sem mais outro motivo, amar a raça inteira, como uma parentela. Os fanaticos da humanidade, no melhor dos casos, trazem na mente apenas phantasmas, a que nada corresponde de real e positivo. . . » A isto junta-se outra consideração, não menos digna de nota, é a seguinte: no dia em que a humanidade constituísse uma só familia, segundo os votos dos seus prophetas, deixaria ella de existir, por que desaparecendo a lucta, desapareceria tambem o impeto da vida. Os povos têm cada um o seu alvo, o seu fim a proseguir, a humanidade, porém não tem um *fim proprio*, e assim não pôde perdurar e progredir, se não dividida em estados, nações e raças que emulam, contradizem-se e luctam entre si. O desenvolvimento humano effectua-se por meio de contrastes, da mesma fôrma que o ponteiro do relógio avança, pelos vaivens da pendula.

O eu da humanidade ainda não affirmou-se, nem pôde jamais affirmar-se de um modo claro e determinado, por actos que exprimam as forças e tendencias, não de uma raça ou de um povo, porém da especie inteira. Os *homens representativos* são-no sómente desta ou daquella nação, n'uma ou n'outra epoca dada. A humanidade como *todo*, como *systema organico*, não teve até aqui, e nunca terá um *representante*. Aquelle mesmo, de quem se diz que viera remir o genero humano do *cativeiro do diabo*, posto que ainda a esta hora mais de um *demonio* conserve captivo o pobre Adámide, não foi se não a personificação de tudo que de brilhante e admiravel existia no povo israelita e se havia, por muitos seculos, accumulado em sua historia. Jesus foi um *representante*, sem duvida o maior, eu concedo, que se pôde offerecer aos nossos preitos; mas foi-lo unicamente da sua nação, como foi Alexandre entre os gregos, Cesar entre os romanos, Dante na Italia, Luthero na Allemanha, e raros outros phenomenos da grandeza moral e intellectual dos povos. O principio da individuação, que é o principio fundamental de todos os seres, não abrange a humanidade, quero dizer : a humanidade não é um individuo, *scilicet*,

uma força ou conjuncto de forças, que cooperam para um unico scopo, consciente ou inconsciente. Tão pouco pôde existir uma *união*, uma *fraternidade humana*, como existe uma *historia humana*, uma *lingua humana*. Bem que se diga, e seja realmente acceitavel, que o homem é um *ente historico*, esta verdade não deixa de soffrer todavia suas restricções. Porquanto, sem ellas, qual viria a ser por exempl., a *historicidade* do Papua ou do Esquimó, e de tantos outros *residuos* inuteis ou *esboços* despreziveis, que ficaram fóra da acção do geral processo evolutivo?

Não nos illudamos : o conceito da humanidade é apenas uma categoria do pensamento, se não antes um schema da phantasia, que nas almas estremecidas pôde elevar-se ao gráu de um postulado do coração, um suspiro, um *quem me dera* ! Quem nos dera, com effeito, que todos fossemos irmãos, que como taes nos amassemos ! Nada mais bello sem duvida. Mas tambem nada mais irrealisavel. E' um modo diverso de exprimir a formula vulgar da grande illusão humana : *quem me dera ser feliz* ! "A esperança de uma futura felicidade positiva da humanidade e, por força dessa esperança, a co-operação para o desenvolvimento do *todo*, forma o *terceiro estadio da illusão*..." diz E. von Hartmann. E' sabido que este philosopho, o qual com Byron, Schopenhauer e Leopardi constitue, por assim dizer, o grupo dos quatro evangelistas do pessimismo, que entôam como thêma a desolante *vanitas vanitatum*, repercutido nas fortes palavras do sublime lyrico italiano,

..... *Arcano è tutto,
Fuorché il nostro dolor...*

é sabido, repito, que Hartmann dividio em *tres estadios* as illusorias pretensões do homem ; sendo pois o terceiro e ultimo delles a aspiração phantastica de um *reino de Deus* na terra, na qual a dita suprema de cada um consistirá precisamente na suprema dita de todos ! Grandioso sonho, porém sempre sonho !...

E os factos bradam bem alto. Que é feito do *unum ovile et unus pastor*, que é feito do amor christão, da caridade evangelica, da cohesão fraternal entre filhos do

mesmo sangue, do mesmo pae, *que está nos céos*? Que é feito do grande templo, *no Oriente do valle de Josaphat, em um lugar, onde dominam a paz, a verdade e a união*? Magnifico ramalhete de *fables convenues*! O amor christão tornou-se uma phrase hypocrita, e o humanismo maçónico uma bravata ridicula. A egreja que se diz o orgão do primeiro, prega o jejum e banquetea-se, aconselha a agua e bebe vinho, ao passo que a *loja*, por sua vez, continúa a occultar aos olhos dos profanos o seu tremendo segredo, o qual cousiste exactamente no seu... *nada fazer*. Não basta expôr e figurar a humanidade “como um *todo*. unido pelos laços de fraterno amor para um esforço commum, trás tudo que é verdadeiro, bello e bom”; é mister, principalmente, organisal-a para esse fim. Mas... quaes são, e onde estão os orgãos dessa alliança enorme?

A mais imponente organização social, de que a historia dá conta, depois do imperio romano, o catholicismo, especie de arvore immensa que tinha a pretensão de espanejar o céo com as ramas e fazer na sua sombra acampar o exercito, ou amalhar-se o rebanho de todos os povos da terra, o catholicismo é, aos olhos de quem quer ver, o mais claro exemplo da improficuidade dos esforços empregados para *uniformisar* o genero humano. Sem considerar-o *le chef d'œuvre politique de la sagesse humaine*, e julgal-o dotado de um *genie éminement social*, como ensina o desvairado Augusto Comte, para cuja predilecção e quasi enthusiasmo pela religião catholica, entre parenthesis, eu chamo a attenção não só dos devotos, que o condemnam sem conhecel-o, mas tambem dos anachronicos senhores positivistas, que o endeosam sem reservas e declamam, em seu nome, contra a egreja e os padres; sem ir tão longe, como o velho propheta do *Comité positif occidental*, eu penso, todavia, que, se ao catholicismo não coube a dita de reduzir a humanidade a um só systema de crenças e costumes, aptitudes, ideias, sentimentos e accções, como explicita ou implicitamente estava contido no seu programma, nenhuma outra associação, religiosa ou politica, podel-o-ha jamais conseguir.

O que resta, pois, de todos os sonhos de eterna paz e harmonia entre os homens, de todos esses mundos

phantasticos, formados nas nuvens, para habitação de felizes crentes, que se pretendem filhos dos deuses, e nessa presumpção reclamam para sua especie o cumprimento de altos destinos ; o que resta de tudo isso, é bem triste e pouco edificante: sempre o *homo homini lupus*, a refutar triunfante o *homo homini deus*, persistindo verdadeiro, a respeito da humanidade, o que disse Scheffel da natureza em geral :

*Denn der Grosse frisst den Kleinen,
Und der Grösste frisst den Grossen,
Also löst in der Natur sich
Einfach die sociale Frage.*

Pelo grande o pequeno é devorado,
E o grande do maior torna-se presa :
Simplesmente, dest'arte, se resolve
A questão social da natureza.

V

« A religião é entre nós, quasi sempre, uma questão de *bigotismo*, se não antes de alardo pecuniario, ou de simples consideração ao burel de um capuchinho. »

Peço perdão a quem quer que, por ventura, taes palavras possam offender, na hypothese, aliás erronea, de importarem ellas um menoscabo do digno missionario, que deu um templo a esta localidade. Nem eu mudei de opinião: permaneço firme na ideia, uma vez manifestada, de que elle prestou á religião, como a temos e a praticamos, um serviço relevantissimo ; e de tal arte, que a pequena parte opposicionista do publico *rezante*, aquella mesma que criticou tão cruelmente a architectonica do frade, *nolens volens* não deixa de ir á igreja capuchinha alliviar a angustia dos peccado:, esquecendo assim, de dia em dia, o grande perigo de morrer esmagada pelo tecto e paredes da obra *mal construida*, e facil de desabar. (1)

(1) O auctor se refere á igreja da cidade da Escada, em Pernambuco, que foi edificada por um frade capuchinho. (N. de S. R.)

Não tenho a felicidade de ser um crente em regra, um daquelles que se deliciam, maximé depois do jantar, quando mais presanteiro é o humor religioso, na doce contemplação das cousas divinas. A natureza esqueceu-se de dar-me o estro, que faz os santos. Entendo tão pouco a linguagem das almas devotas, que me fallam das puras effusões da vida hypersensível, como pudera entender as palavras de uma mulher, que me fizesse a narrativa das dores do puerperio. E se é certo o que disse Göthe, que o olho é um producto da luz, para ser então parallela e symetricamente exacto, que a fé é um producto de Deus, eu devo confessar que até hoje este órgão não se desenvolveu, ainda não nasceu-me este *segundo olho*. Mas tambem confesso que não me julgo, por isso, auctorisado a duvidar da luz, que os outros dizem ver. A verdade não nomeou-me seu interprete privilegiado.

Bem quer, ás vezes, parecer-me que descortino um mais largo horisonte, do que o meu pio visinho, a quem, de dentro da gruta, em que deixou-se ficar, a gruta das suas crenças, só é dado lobrigar um cantinho do céu. Bem quer, ás vezes, parecer-me que a egreja é um anachronismo e a sotaína uma cousa lugubre : como se os padres *trajassem luto por Deus* !... Porém cur-me logo de tal impiedade e recobro a consciencia de minha ignorancia ; mesmo por que, no dizer do nosso povo, catholicamente educado, os *meninos sabidos não se criam* e sendo a vida assim, por si só, uma prova de idiotismo, ponto este em que aliás o bom do povo se encontra com mais de um philosopho, eu tive a sorte de fazer parte dos idiotas-viventes.

Se não amo, pois, a santa egreja com o amor e dedicação de um filho estremecido, tambem não lhe quero mal, posto que a mim, bem como ao Dr. Faust, podesse a ingenua Margarida com razão dizer :

Zur Messe, zur Beichte bist du längst nicht gegangen.

Ha tempos, que não ouves uma missa,

E aos pés do confessor não vaes prostrar-te.

Deste modo comprehende-se, qual seja a minha attitude, attinente ás cousas da sacristia. Quando fallo de

templo e capuchinho, é como se fallasse de theatro e actor, ou de quartel e soldado, *sine ira et studio*, objectiva. historicamente. Nem ha logar de suppôr-se que, referindo-me á construcção da matriz desta parochia, pretendesse oppôr ao sentimento religioso argumentos economicos, e alludir ao desperdicio de um capital consideravel, empregado em cousa *improductiva*. Isto já é um ponto de vista atrazado ; e nada menos importa do que dar a palavra á economia politica, para discorrer sobre assumptos, que lhe são de todos estranhos. Tanto valera ouvil-a sobre a orbita dos planetas e o tamanho das estrellas. E' facil perguntar : que *lucra* o povo com um templo ? Mas facil tambem responder: que *lucra* o povo com tudo mais, que não é o templo ? O theatro, por exemplo, dir-se-ha, é uma necessidade publica, uma escola de correcção e moralisação. Vá que seja. Mas a egreja é uma outra. Entretanto, aqui separo-me do catholico leitor, que já vae talvez arregalando os olhos e querendo tomar-me por *um dos seus*. A necessidade esthetica, de que dá conta o theatro, não é mais profunda nem mais energica do que a necessidade religiosa, de cuja satisfação se occupa o templo ; e os crentes tem razão de reclamar para si o mesmo direito, que reclamam os dilettantes de todos os generos. Ha sómente um ponto a esclarecer : é que no fundo de uma, como de outra cousa, existe apenas verdade subjectiva. A efficacia da religião, como meio de moralisar, prova tão pouco a realidade objectiva do seu conteúdo, como a influencia theatral sobre o desenvolvimento do chamado espirito publico prova a verdade dos factos, que no palco se representam. Mas nem por isso são valiosas contra aquella razões de conveniencia, que aliás não vigoram contra esta. Ao economista e ao estatistico não é dado conhecer as modificações intimas, que podem resultar de uma hora de espectáculo, ou de uma hora de devoção. Bem póde-se objectar: o povo sae do templo, e vae metter-se na lama do vicio. Porém sae tambem do theatro, onde acaba de applaudir edificantes scenas de heroismo, e vae ainda commetter baixezas. Com o argumento economico da utilidade, chega-se até a supprimir a cadeia, pela inefficacia, mil vezes provada, de sua acção moralisante sobre o animo do criminoso.

Por mais que se queira e ousadamente se tente, nunca poder-se-ha extirpar o ideal da consciencia e do coração do homem ; e a fôrma, sob a qual mais visivelmente o ideal se revela ao povo, é justamente a fôrma religiosa. Que a religião seja um desvario, um resultado de máo desenvolvimento cerebral, ou seja antes, como queria, e com bons fundamentos, o celebre nihilista russo Miguel Bakunin, um protesto da natureza humana contra as misérias e estreitezas da realidade ambiente, de modo que, cessando essas misérias, a religião não tenha mais razão de ser, pouco importa ao caso, e a verdade é a mesma : em quanto o povo encontrar no padre, o que julga não encontrar no philosopho, e fizer da *hostia* o seu unico alimento espiritual, é bem inutil querer arrancar-lhe a doce e consoladora illusão das suas crenças.

” A superstição religiosa, diz ainda Bakunin, não pôde ser debellada por meio da instrucção, por meio de associações, jornaes e outros quaesquer instrumentos de propaganda... Para acabar com a religião, não basta a propaganda intellectual, é mister, junto com ella, a revolução social... » Tão estranha, quanto profunda e exactamente pensado! Com effeito: derramae pelo povo a luz que quizerdes, decuplicae as escolas e centuplicae os mestres, mas deixae a sociedade no *statu quo* de uma organização viciosa ; e não tereis feito mais do que augmentar no povo o sentimento da sua penúria. A sciencia é um alargamento da consciencia. « Com a crescente cultura do povo, diz Hartmann, cresce tambem o seu desgosto da vida. »

Não ha, por tanto, razão sufficiente, maximé entre nós, para ter-se a religião como dispensada do seu mister de illudir e consolar. Ainda por muito tempo, e quem pôde assegurar que não sempre ? o organismo social terá funcções religiosas, e carecerá para ellas de órgãos especiaes. Em quanto o homem, encontrando neste mundo sómente durezas, injustiças e misérias, crear por meio da phantasia um mundo melhor, uma como ilha encantada, onde elle irá repousar das fadigas e enjões da existencia, a religião será, como até hoje, um factor poderoso na historia das nações. E’ possível que mais tarde, e á proporção que o velho principio da sabedoria, o *timor Domini*

fôr cedendo o passo ao horror *Domini*, a essa especie de *theophobia*, que accommette a mais de um espirito desabusado, sobre tudo quando os dous cavallos do coche da vida, a *receita* e a *despeza*, não fazem boa parelha, è possível, sim, que mais tarde a tragedia torne-se comedia, e o serio actual das nossas cousas sagradas não encontre justificação no animo dos posterios; nem por isso é menos exacto que, n'esse tempo mesmo, perdurarão innegaveis os beneficios da religião. «D'aqui a cem annos, qualquer escolar americano provavelmente considerará Brigham Young um archi-tratante e o sacro livro dos Mormons a producção de um insensato; porèm isto não destroe o facto de terem elles fundado uma cidade e deixado vestigios indeleveis na civilisação do *far west*» Assim exprime-se Karl Frenzel, e a justeza do seu pensamento permanece identico, fazendo-se applicação a qualquer outra seita religiosa.

Convençamo-nos em fim; a religião é o que é: uma aspiração do desconhecido, um alto presentimento, uma necessidade, um arroubo da alma, e talvez tambem uma tóllice, como diria H. Heine; mas isto ou aquillo, e o que quer que mais possa ser, em todo o caso, onde ella se manifesta sincera, a religião é inexplicavel, irreductivel a uma formula intellectual.

Ha oito annos, o auctor destas linhas, sobre igual assumpto, escrevia o seguinte, que pede permissão para repetir: «... Não comprehendemos o que seja uma alma despegada de todos os fios invisiveis, que por momentos suspendem-na e balançam-na entre o céu e a terra. Não comprehendemos a vida, sem o cheiro de alguma flor poetica, de alguma illusão mystica, de que não são isentos os mais valentes herões da pura metaphysica. *A verdade não é o unico pão, de que o espirito se alimenta; a verdade não é a unica medida das cousas.* Quando este *paradoxo* penetrar em nossas crenças, acabar-se-hão muitas luctas, porque a logica saberá conter-se, e não quererá dar leis nos dominios alheios.» (*Americano*, n. 6, 1870.) Estas palavras, que tracei convicto, ganharam aos meus olhos tanto mais valor e significação, quanto è certo que, annos depois, eu tive o prazer de ler opinião quasi identica,

em uma obra do sabio professor Krönig. Diz elle: «Verdade e belleza, segundo a sua essencia, nada tem que ver uma com a outra. Muita cousa verdadeira, não é bella; muita cousa bella, não é verdadeira. Da mesma fôrma que nos deliciasmos com innumeradas poesias e outras imagens da arte, podemos tambem deliciar-nos com muitas doutrinas religiosas, sem comtudo julgal-as verdadeiras.» (*Das Dasein Gottes*. 1874.)

Confessando-me pois sem vista sufficiente para descobrir ao longe, mesmo através dos mais perfectos instrumentos da sciencia, o que outros crêm ver com facilidade, e a olhos nus; inteiramente ignorante dos meios de proceder a essa especie de *analyse espectral* da Divindade, que muitos executam no fundo das suas meditações, e della tiram o conhecimento exacto da constituição psychologica do Ser Supremo; nem por isso tenho a coragem de presuppor nos meus semelhantes um aleijão moral, de consderal-os deturpados por um *orgão de mais*, quando sou eu talvez, quem é defeituoso... por um *orgão de menos*...

VI

«Os cometas não percorrem a mesma orbita, e as nações não seguem o mesmo caminho.»

Ha aqui uma referencia implicita á erronea opinião, geralmente acreditada entre nós, de que a historia de um povo, sobre tudo em materia politica, possa servir de norma para as acções de outro. Assim vemos, ainda a esta hora, mais de um espirito culto, ou pretendido tal, reportar-se, ora á França, ora á Inglaterra, ora aos Estados Unidos mesmos, para ensinar a marcha regular do governo monarchico brasileiro! E não raros chegam ao ponto de, confundindo o facto com a lei, decretarem a queda do imperador, pela mesma razão e fôrma, porque cahiram *ex. gr.* Carlos X e Luiz Felipe! Ora, não preciso dizer quanto esta intuição é acanhada e pueril.

Cada povo tem a sua historia, e cada historia tem os seus factores. Tampouco se encontram duas nações com o mesmo desenvolvimento, como dois individuos com a mesma feição. E mais que tudo, a identidade da forma de governo assemelha tanto entre si o destino dos Estados, como podera, porventura, identificar-se a sorte de dois homens, pelo unico facto de nascerem n'um mesmo dia, ou... de vestirem panno da mesma peça. «A observação do que se passa entre as nações estrangeiras, diz Leonhard Fround, é realmente sempre instructiva na medida, segundo a qual tudo que dá lugar a comparar-se, provoca a reflexão; não obstante, um povo qualquer pôde tampouco apropriar-se, com vantagem, de alheias experiencias, como pôde um individuo. Porquanto, em ultima analyse, só se sabe e só sacrê naquillo que se procura por si mesmo, que se tem inquirido e experimentado... » Esta verdade tem as proporções de uma lei, a que nós outros brasileiros não poderíamos subtrahir-nos. A esphera do mundo politico não é recortada de meridianos e parallelos, nem admite *anticios* e *pericios*, que vivam debaixo do mesmo gráo de latitude ou longitude, sujeitos á influencia de um mesmo clima social. O que disse Góthe da historia da sciencia, que é semelhante a uma grande *fuga*, na qual, uma após outra, se faz ouvir a voz dos povos, não se adapta com igual justeza á historia da politica. Alli se comprehende a repetição e continuação do thema commum ; aqui porém a cousa é diversa ; a um povo não é licito repetir ou imitar, nem a si mesmo, sob pena de cahir no baixo comico, inherente a todas as caricaturas. « Ai dos imitadores, se diz na poesia ; porém três vezes mais dignos de lastima os imitadores politicos ; elles são o presente mais perigoso, com que a colera dos deuses pôde mimosear uma nação infeliz. » Não hesito em fazer minhas estas palavras de K. Frenzel.

Assim, e em summa, eu creioque não é lançando mão do programma revolucionario deste ou daquelle paiz, nem trajando alheia *roupa constitucional*, que poderemos jámais elevar-nos e engrandecer-nos. Alexandre de Humbolt chamou a constituição ingleza *um producto oceanico* ; nós seriamos ditosos, se tambem aquella que nos rege,

podesse porventura qualificar-se de *um producto selvatico*. A politica autochthone, ingênita ao caracter do povo, é a unica efficaz e vantajosa por ser a unica, tambem, capaz de desenvolvimento.

VII

« *A liberdade é o preço da victoria, que adquirimos sobre nós mesmos...* »

Neste bello dito de Mathy ha como que o reverbero de um raio de Göthe :

*Nur der erringet Freiheit sich und Leben,
Der täglich sie erobern muss.*

Sómente alcança liberdade e vida,
Quem tem de as conquistar dia por dia.

E ainda aqui se reconhece a fonte de um pensamento similar do celebre israelita Luis Börne : « ser livre, é nada ; tornar-se livre, é tudo. » Com effeito, na lucta prova-se a força, e a lucta, por sua vez, desperta e produz a força. Como se vê, é isto ainda uma das fórmulas da doutrina de Darwin, pela qual a liberdade mesma deixa de partilhar com Deus e o diabo a sorte de ser um sujeito, para quem não se acha predicado condigno, *um nome que só tem vocativo*, um grito, uma *interjeição*, para entrar nos dominios da experiencia e ser no chamado mundo moral o que é, por exemplo, (o leitor não se espante) a musculatura masculina, a propria barba viril no mundo physico : um resultado de desenvolvimento particular, um *producto* tambem do *struggle for life* e *natural selection*, estes sedícios estribilhos do dia, aos quaes, entretanto, a mesma sedicidade não é capaz de tirar o alto valor e profunda significação scientifica. Isto, porém, não só em relação á natureza e á sociedade, com quem o homem vive em perpetuo combate, mas ainda em relação ao seu mundo intimo, frente á frente com suas paixões, *vis-à-vis* de si mesmo. A liberdade é sempre uma conquista.

O que disse Schopenhauer da razão humana, a deusa da *philosophalha*, por elle desencantada e reduzida ás proporções singellas de uma qualidade *feita* ou *adquerida*, assenta em cheio na liberdade, esta outra *deusa*, cujo culto idolátrico não tem sido menos perigoso, e não é hoje menos ridiculo que o da sua orgulhosa irman. Como a sciencia da razão, a sciencia da liberdade, e pôde-se realmente fallar de uma tal, não é ainda o que devem ser todos os ramos do saber humano, uma sciencia de relações, de verdades proporcionaes aos factos. Não é ainda, disse eu, e sel'o-ha algm dia ? Sem duvida. O conceito da liberdade será um pouco mais tarde tão diverso da intuição hodierna, quanto já hoje em grande parte, é elle differente das fórmulas sacramentaes do velho catechismo liberal. Assim, afóra os obstinados maniacos francezes, e mais alguns, ou embusteiros, ou parvos, de outras nações, que se associam ao *grupo francez*, para suppôr aqui, por instantes, realisado o sonho de Saint Simon e servir-me da sua expressão, com excepção desses taes, cujo numero aliás pouco releva que seja duzia ou legião, ninguem mais falla nem crê nos prodigiosos effeitos de uma liberdade ideal. A natureza divina deste *verbo*, bem como a de Jesus, vae sendo posta á conta dos phrenesis poeticos e das creações phantasticas.

Bem pôde-se-me objectar : E Stuart Mill ?... Que dizes de Stuart Mill, cujo famoso livro *On Liberty*, que elle mesmo considerava a sua mais importante obra, é chamado o evangelho politico do seculo XIX ? E onde é que melhor já se entoo um hymno á liberdade, como nós sonhamol-a, como nós quizeramos tel-a, do que nesse opusculo de ouro ?

A objecção é de pezo, mas nem por isso irrespondivel. Ao fallar de Stuart Mill e do seu livrinho exemplar, actualmente mais elogiado do que lido, eu sinto, por effeito não sei de que lei psychologica, virem-me á lembrança aquellas malignas palavras de Henrique Heine: « o francez ama a liberdade, como sua noiva ; o inglez, como sua esposa ; o allemão, como sua avó. » A' parte o que diz respeito a velha *avó* e a joven *noiva*, consideremos somente a liberdade, como *esposa*, visto que Mill era inglez, era um filho leal, segundo Treitschke, « daquella classe

media, legitimamente germanica, da Inglaterra, que desde os dias de Ricardo II, tanto no bem, como no mal, por meio de um serio impulso para a verdade, como por meio um *tenebroso e fanatico zelotismo*, tem de preferencia representado a vida intima, o trabalho espirital dessa paiz. » E' pois assim : Mill amava de certo a liberdade, como sua mulher. Da mesma fórma que a viuva Taylor, que morreu como senhora Mill, e cujo cerebro era de volume e pezo ordinario, elle cingio de uma auréola ideial, a ponto de attribuir-lhe um genio superior ao seu, de pintal-a como sua mestra e sua inspiradora, de dar-lhe no céo, em summa, *um espirito, que ella não teve na terra*, assim fez com a liberdade : tomou entre mãos o velho assumpto, *notum lippis et tonsoribus*, do qual ha mais de cincoenta annos já dizia Jouffroy que seria poetico, se fosse menos comprehendido, retocou-o e idealizou-o, conferindo-lhe lá em cima, na esphera das abstracções e dos pios desejos, um caracter de supremo respeito, que elle não tem, que não pôde ter cá em baixo, na habitação da miseria, no mundo pratico e positivo. A circumstancia de haver Mill seguido os vestigios de G. de Humboldt no manejo do mesmo thema, que o grande allemão, muito antes delle, tratára de elucidar, não sei se aggrava ou atenua ; mas certo não deixa de causar estranheza, por um lado, que Stuart Mill, a quem aliás acompanhou na descoberta o esteril Laboulaye (*L'état et ses limites*) tenha proposto aos povos cultos modernos, como sublime *desideratum*, como unico scopo a attingir, sem distincções nem reservas, aquillo que Humboldt, em sua mocidade, só pudera conceber occasionalmente, sob a influencia da *athmosphera bureaucratia* de Frederico Guilherme II, e isto apenas como uma especie de reactivo consolador ; por outro lado, que o pensador inglez, com o claro intuito de dar *alguma cousa de si*, errasse o tiro e fosse além do alvo, apontando contra a sociedade as armas, que o seu modelo assestára contra o Estado.

Eu não sou, *cela va sans dire*, eu não sou dos que porventura julguem natural e rasoavel, em toda a sua extensão, a despotia social, não menos oppressiva, ainda que menos visivel, que a despotia politica. Mas tambem

não sou *individualista*, no rigor da doutrina, no sentido da *seita*, isto é, no sentido de negar á communhão todo e qualquer direito de se ingerir na conducta do individuo, «uma vez que esta (é a restricção banal dos sectarios) não tenha por effeito a offensa de outrem.» A lucta que deste modo se pretende que o individuo trave com a sociedade, affirmando a sua independencia, accentuando a sua soberania pessoal, é um dos maiores rasgos da extravagancia humana. Della não sae illeso, nem mesmo o mais forte genio, o mais elevado espirito. E é digno de nota: o individualismo, que levado com logica tem por uma de suas mais *bellas* consequencias praticas a *revolverismo* americano, o individualismo de Stuart Mill e consortes, cujo conteúdo importa uma especie de *radicalismo social*, não é tão estranho, quanto pôde parecer, á melancolica poetica dos *filhos do seculo*, ao orgulho, á *rabies manfrediana* dos descendentes de Byron. Sou eu talvez o primeiro que ousa fazer uma tal approximação, descobrir uma tal identidade de origem entre correntes espirituaes, em apparencia tão diversas. Pouco importa. Insisto na minha convicção: o publicista do *Essay on Liberty* e todos os seus discipulos pagaram tambem o fatal tributo ás *paradoxias* da época, beberam tambem na taça *byronica*, não menos do que, por exemplo, qualquer dos coripheus da *Joven Allemanha*, da *Joven Inglaterra* ou da *Joven Russia*, o licôr agri doce da autonomia selvagem, da guerra aberta contra a sociedade, suas barreiras de convenção, seus prejuizos tradicionaes. O leitor reflita e responda então: quem foi que, neste seculo, affirmou primeiro, com mais franqueza e denodo, quem foi que mais victoriosamente fez valer o *direito da subjectividade*, «até diante das forças infernaes» como diz Karl Elze? Sem duvida o poeta inglez, não aquelle. . . *dont le monde encore ignore le vrai nom*, *Esprit mystérieux, mortel ange ou demon*, na phrase frivola de Lamartine, mas simplesmente o genio revolucionario, o aristocrata vaidoso, o *sublime coxcomb*, segundo Hazlitt, que sentia-se, como elle mesmo disse de Dante,

*in the solitude of kings
Without the power that makes them bear a crown.*

E o que foi, que é pois toda a poesia *psychocentrica* de Byron, se não puro individualismo, radicalismo puro? Não é ir muito além lançar á sua conta o primeiro impulso dado, nos tempos modernos, e d'encontro á reacção romantica, para essa philosophia social, que caracteriza a nossa época, e se propõe arredar do terreno da historia um grande numero de preconceitos, que julga serem os maiores obstaculos á marcha regular do espirito humano. Razão por onde é bem comprehensivel o que disse Gervinus, que no unico genio de Byron pareceram surgir conjunctamente *republicanismo* americano, *livre espirito* allemão, *mania revolucionaria* franceza, *radicalismo* anglo-saxonio. E tudo isto, ouso eu accrescentar, desenvolveu-se, ramificou-se, em todas as direcções da rosa dos ventos. e espalhou-se pelo mundo culto, como uma inundação. Bastante caracteristico da tendencia destruidora, que devia mais tarde na mão dos epigonos, degenerar em programmas messianicos e ameaças *quichotescas*, já era o facto singular de ter Byron achado na *carbonaria*, segundo a sua propria expressão, a *verdadeira poesia da politica*. Mais um passo adiante, não é o puro dominio dos videntes de hoje, dos revolucionarios *rimados e não rimados*, dos campeões em prosa e verso, que pretendem emendar a historia, escrevendo-lhe uma *errata* a ferro e fogo?!...

Longe de mim a ideia, que seria sem duvida extravagante, de medir pela mesma bitola o *individualismo* de um Mill, e por exemplo, o *radicalismo* russo, allemão ou italiano, de addicionar o publicista inglez ao grupo dos Herzen, Mazzini, George Herwegh, Arnold Ruge *et le reste*. Longe de mim a pretensão, não menos singular, e ainda mais estulta, de arrancar uma folha, se quer, da corôa de benemerencia scientifica e litteraria, que adorna o busto do illustre pensador, de reduzir a simples proporções de satellite uma estrella de primeira grandeza... Mas esta justa verecundia não me impede de passa o meu *crayon* em mais de uma ideia falsa do auctor celebrado, que munido, como delle diz Gneist, de uma logica economica e de uma economia logica, tornou-se o philosopho predilecto da industriosa sociedade moderna, aborrecida, impaciente de qualquer apparencia de tyrannia ;

como tambem não me impede de reconhecer nos seus reclamos em prol do individuo os laços de filiação e dependencia, que bom ou máo grado seu, consciente ou inconscientemente, o prendem ao patriarcha do individualismo soffrego e descontente dos nossos dias. Bem sei que estabelecer assim uma relação genética entre Stuart Mill e lord Byron não deixa de provocar alguma contradicção : é com effeito difficil crêr que a maçon tenha cahido tão longe do tronco, posto que seja aliás admissivel que ainda muito mais longe póde o vulcão sacudir as suas cinzas. Porém o facto é este : a doutrina de Mill e seus apóstolos, em materia de liberdade individual, competentemente integrada e diferenciada, só dá em resultado, por assim dizer, a *theoretisação do byronismo*. Eis tudo. E aqui sinto-me impellido a repetir umas bellas palavras do italiano Francesco de Sanctis, notavel escriptor contemporaneo : " L'individualismo, diz elle, é presso al suo terruino : tutte le vie per le quali ei si é messo ci conducono inevitabilmente negli affanni del dubio. Noi assistiamo ansiosi á suoi ultimi e funesti effetti nella scienza, nell'arte, nella politica, nella economia, ne'costumi : scetticismo nella scienza, subbiettivismo nell'arte, anarchia in politica, pauperismo in economia, egoismo ne'costumi ; ecco i suoi amari frutti... , (*Saggi critici*).

Que direi agora dos sectarios francezes da celebre escola ? Nem uma palavra. Em um paiz, onde cada individuo é um Narciso, e o publico a fonte chrySTALLINA, em que elle se contempla e namora-se de si mesmo ; em um paiz, *le plus vilain pays du monde*, a expressão não é minha, é de Stendhal, *que les nigauds appellent la belle France*,... onde temos os movimentos e attitudes do individuo parecem calculados para o applauso, e como que sempre acompanhados de um... *qu'en dira-t-on ?!*; n'um paiz, emfim, onde a polidez, que em ultima analyse vem a ser tambem, a seu modo, uma tyrannia, uma coacção da pessoa, é mais que um appendice, é um subrogado da moral, e dest'arte até se viola com menos remorsos um artigo do *Code pénal*, do que uma regra sacrosanta de genuina *politesse française* ; em semelhante meio, querer emancipar o individuo do poder e influencia da sociedade, é um bello pedaço de

phantasia, um dos melhores capitulos de *philosophie pour rire*.

Destas considerações, um pouco largas talvez, porém não superfluas, se pôde deprender, quanto é mister modificar o conceito da liberdade, que é semelhante ao sangue symbolico do chamado sacrificio incruento: embora santo e venerando, não deixa, todavia de poder embriagar. E com effeito só vejo que seja tão tristemente ridiculo, como um *ebrio* de liberdade, um sacerdote de Christo, que por ventura sempre descesse do altar tropeçando na propria cabeça, em virtude do *brinde quotidiano* ao redemptor do mundo. Importa pois, sobretudo, empregar esforços para arredar inteiramente do circulo das nossas intuições politicas e sociaes a perniciosa influencia dessa paixão vulgar, que faz da liberdade uma cousa ideal, hyperhumana; e d'ahi a torna-a uma cousa mythologica, um sylpho, ou um gnomo, ha sómente um passo. Todo ideal é de natureza etherea e facil de evaporar-se. Só isto explica, porque os metaphrastas liberaes, com os seus brincos de imaginação, com os seus navios sempre de vélas desfraldadas, á espera de vento, que os conduza ao *paiz da felicidade*, muitas vezes prestam mais serviço aos governos despoticos, do que os proprios theoreticos do absolutismo.

Já deixei escripto que a liberdade é sempre uma conquista; mas isto não se oppõe a que ella seja tambem uma herança, não no sentido rhetorico e trivial, mas no sentido scientifico de um facto *philogenetico*, para exprimir-me na linguagem de Haeckel. Em harmonia com os principios de sua philosophia monistica, diz Ludwig Noiré: "A liberdade humana é um fructo, tarde amadurecido, do longo, infatigavel esforço de innumeradas gerações; da *determinação* deste grande passado. e sómente della, é que resulta para nós a liberdade actual. . . » E Göthe já tinha dito: "O que tu herdaste de teus paes, adquiere-o, para possuil-o., A liberdade é dos bens componentes deste patrimonio herdado, que mais que todos importa *adquirir pela propria força*.

Ao concluir esta nota, algumas palavras *prodomo*. Diante das ideias, que ahí ficam expressas com franqueza

e lealdade, não faltará quem se julgue autorizado a pôr em duvida o meu liberalismo. Ha uma ortodoxia liberal, que não tolera o menor afastamento da terra santa de sua dogmatica. Eu serei, portanto, aos olhos de muitos, aos olhos de todos, uma ovelha desgarrada, um liberal heterodoxo. Mas este peccado não é, em si mesmo, o que mais espanta; maior que o proprio crime é a circumstancia, que o aggrava, a circumstancia exotica de me ter deixado envenenar das doutrinas allemans. A Allemanha é a minha loucura, o meu *fraco* irremediavel. Se não tenho motivos para orgulhar-me, tambem não os tenho para emvergonhar-me disso. Ha sómente de sensível que mais robusta não seja a minha armadura... A sociedade, em que vivo, não tem de certo força bastante para levar-me comsigo, como um madeiro arrastado pelas aguas selvagens dos nossos rios; mas eu tambem, por minha vez, não sou bastante forte para desvial-a do seu caminho, para fazel-a á minha imagem e semelhança: d'ahi uma perpetua inconciliabilidade entre nós, d'ahi alguma cousa de tragico em minha vida, que far-me-hia misantropo e infeliz, se a natureza me não tivesse investido de uma indole expansiva e mil vezes mais disposta ao prazer, do que á tristeza. Nem isto está em contradicção com as ideias anteriormente externadas: eu não ataco a sociedade em suas raizes, mas, se assim posso dizer, apenas em seus ramos; não faço guerra aos seus costumes, aos seus habitos moraes, porém sómente aos seus séstros politicos, que são, não sei se causa ou effeito de seus séstros litterarios, ainda não assás por mim combatidos.

VIII

« O governo imperial tem sido um puro absolutismo apenas temperado. . . pela batalha de *Avahy*, pela *Fosca*, pela bancarrota do Estado... »

Não pareça ao leitor leviano que vae de envolta com taes palavras uma certa ironia, um certo desdem aos dous

artistas brasileiros. Não foi este o meu intuito. Eu não sou, é verdade, e apresso-me em dizê-lo, dos que cingem de uma falsa aureola a fronte de qualquer representante da arte; e até, no que toca especialmente ao nosso paiz, não me arreceo de pensar com Massimo d'Azeglio, aliás artista de merito, que um mediocre funcionario publico, se cumpre o seu dever, é um membro mais util da communhão politica, do que o maior pintor. Porém isto de nenhum modo importa desconhecer o que ha de admiravel nos verdadeiros genios artisticos. Não considero o renome do pintor e do componista, a que fiz allusão, totalmente como obra da *réclame*; mas tambem não o considero um effeito natural do merecimento. Nos quadros de um, como nas operas do outro, collabóra o imperador; e esta é para mim a grande macula de ambos. E tanto assim se deixa crer, que o fulgor dos dous planetas está na razão directa da maior ou menor approximação do centro imperial: Pedro Americo é o mais aulico; não será justamente por isso que elle é tambem o mais fallado? E' sabido que Carlos V, tendo uma vez apanhado o pincel cahido das mãos de Ticiano, aos cortezaões, espantados daquella especie de humilhação do monarcha diante de um simples pintor, respondeu altivo: « Não ha de que vos admireis; marquezes e duques, como vós outros, posso eu crear á vontade; mas Deos sómente pôde fazer um Ticiano. » Tenho meus receios de que o Sr. D. Pedro II queira ser mais alto que Carlos V, e como tal não se limite a fazer duques e marquezes, mas tambem pretenda crear, ou, pelo menos, ajudar a Deos na creação dos Ticianos.

Como quer que seja, uma cousa é incontestavel: as telas de Pedro Americo e as partituras de Carlos Gomes não nos pagam dos desmandos, dos caprichos, da ridicula pantosophia do seu illustre protector. Póde ser exacto o que diz Treitschke, e eu não sinto eriçarem-se-me os cabellos em repetil-o, que na antiga Grecia, onde os cuidados communs da vida repousavam sobre os hombros do escravo, e havia por isso tempo e descanso para a alta cultura do espirito, as tragedias de Sophocles e o Zeus de Phidias não foram comprados mui caro, a preço da

escravidão. Mas certamente a batalha de *Araby*, a *Fosca*, ou o *Salvator Rosa*, e quantos outros productos possam sahir das mãos daquelle *Par nobile fratrum*, não valem, não compensam a miseria politica, o abatimento moral, em que nos achamos, em virtude e a mercê da vontade absoluta do Sr. D. Pedro II. (1)

(1) Estas glosas [constituíam as notas que acompanharam o celebre *discurso em mangas de camisa*, quando publicado em avulso em 1879, e foram escriptas em dezembro de 1878. Julguei devêr incluí-las n'este livro. (N. de S. R.)

XLV

O partido da reacção em nossa litteratura

I

Nos dous primeiros numeros da *Revista Brasileira* lê-se um trabalho de critica tendo por titulo *Uma renovação litteraria entre nós*, e do qual é o auctor o Dr. A. H. de Souza Bandeira Filho, philosopho pernambucano, que actualmente floresce na côrte imperial do Sr. D. Pedro II. O seu conteúdo é uma analyse, que não me antecipo em qualificar, do interessante livro do Dr. Sylvio Roméro— *A Philosophia no Brasil*. Nesse escripto, que em rigor não é um escripto, porém um acto, não de certo á maneira dos escriptos actos equivalentes a batalhas, d'aquelles que faziam o orgulho de Guerrazzi, mas um de mesquinha origem psychologica, um acto de rancor e de vingança mal disfarçada; nesse escripto, digo, assim concebido e executado, coube-me tambem em partilha uma boa porção do castigo infligido. Como uma especie de *socius delicti*, de cumplice obrigado do crime litterario de Roméro, eu fui igualmente conduzido ao supplicio e martyrisado a capricho, posto que com as honras devidas a um *talento vasto*, a um *estudo profundo e illustração variada*, segundo consta e está para ler-se no respectivo auto.

Sob uma falsa apparencia de objectividade historica e imperturbavel serenidade de espirito, sem deixar mesmo entrever, na defesa da sua causa, a minima emoção de sincero *pathos*, que é, na bella expressão de Rudolf Gottschall, a consonancia das grandes almas, em que o pensamento torna-se paixão, e a paixão pensamento, o illustre critico philosopho realisou, com todos os recursos do seu despeito o plano, que se traçara de uma desforra completa, e tanto mais completa, quanto melhor e mais hypocritamente dissimulada. Com effeito é muito e muito visivel a chamada segunda intenção, a penumbra, por

assim dizer, da ideia do moço critico : mostrar ao publico legente que elle, o Dr. Souza Bandeira Filho, o *philosophus laureatus*, conhecido do imperador, diante de quem já uma vez provara achar-se *au courant* das novidades philosophicas da Allemanha, como expositor dos expositores da velha doutrina de Krause, *Gan traduttore dei traduttore d'Omero*, tinha direito a um logar distincto no livro do escriptor sergipano, cujo procedimento a seu respeito ainda mais avoluma-se de injustiça, ao ponderar-se que elle julgou dignos de uma analyse séria e detalhada a espiritos de ordem muito inferior. E para melhor accentuar a iniquidade, de que foi victima, tratou então o illustre queixoso de esclarecer ainda uma vez o que lhe parece ir se tornando, mau grado seu, enigmatico e obscuro, *scilicet*, que a philosophia é o seu forte, que elle se acha em dia com as grandes questões de tempo, que pagou todos os *atrasados*, e nada resta aos pretendidos iniciadores de uma nova intuição litteraria, que, em summa, feitas as contas, se ha ahi quem deva um ao outro, somos nós que lhe devemos ; somos nós, os parvos consumidores de allemão, a quem releva, por consequente, aconselhar e advertir que . . . « não basta ler Hœckel para ter o direito de ser arrogante » . . . *Hinc omnis pendet Lucilius* : eis toda a critica do Sr. Dr. Bandeira.

Não ha exaggeração. Se não é isso exactamente o que está escripto, é isso, ao certo, o que se comprehende, o que se lê entre as linhas do artigo de que me occupo. O nobre critico, é verdade, esforçou-se, quanto poudo, por não deixar ver o fio vermelho do seu tecido, por occultar o verdadeiro motivo, que o determinara a pegar da penna. Mas este diabolico instrumento tem suas leviandades compromettedoras ; não poucas vezes, com um traço põe a descoberto o segredo do escriptor. Foi justamente o que se deu com o nosso philosopho.

Posto que diante da floresta não se vejam bem as arvores, todavia é facil ao leitor imparcial e conhecedor dos *precedentes*, destacar do escripto do Sr. Dr. Bandeira um periodo de poucas palavras, que offerece a justa medida da disposição do seu espirito, quando quiz fazer a critica de Sylvio Roméro. Depois de reproduzir, como elle diz,

com a maior sinceridade o resultado que obteve o auctor da *Philosophia no Brasil* pelo estudo das ideias manifestadas na imprensa, depois de citar os nomes e produções de todos aquelles que Sylvio submetteu á sua analyse, o Dr. Bandeira tira do intimo esta observação, que sóa como um grito:

« Deixou de considerar alguns trabalhos publicados, por serem tão insignificantes, que viriam manchar de todas as paginas do seu livro. »

Bem se vê: isto é um *mixtum compositum* de sentimentos diversos, que se põem a serviço da vaidade mortificada; é a expressão de uma queixa, de uma censura, de um espanto por grave injustiça, a que falta sómente o complemento de um ou dous pontos de admiração; e quer dizer, pouco mais ou menos o seguinte:

« Deixou de tratar dos meus escriptos, deixou de apreciar devidamente a minha personalidade!!... »

Se não é isto, não sei o que seja. Aqui não cabem dous sentidos; é um só: a preocupação que o Dr. Bandeira tinha de si mesmo; e esta foi a musa que o inspirou. Tanto basta para caracterisar o seu artigo da *Revista*.

Mas eu quero pôr de parte este processo psychologico de sondar a intenção alheia. O honrado moço poderia objectar-me que ninguem me nomeou seu grande inquisidor. Quero crer, por tanto, que elle não seja, no caso em questão, um escriptor animado, como se suppõe, de sentimentos pouco louvaveis, mas um espirito superior, que não cede a palavra a suas paixões, que falla sómente em nome dos seus principios, que tudo esquece e perdôa pelo amor da sua sciencia querida. Admittida esta hypothese, que pôde ser gratuita, porém não é absurda, cumpre-me encarar mais de perto o seu escripto, e ver então que signaes ahi se depaeram, attestadores do trabalho consciante de uma intelligencia culta e habilitada para o mister que se propoz.

II

O moço critico inicia o seu artigo por uma série de considerações, que não são de todo sem interesse,

principalmente para quem, como o auctor destas linhas, ainda conserva o máu costume de clamar a miudo contra o estado de penúria da nossa vida intellectual. Elle começa por annunciar-nos uma novidade consoladora, uma cousa extraordinaria, de que eu ao menos não tivera até hoje o menor conhecimento; e tal convicção vai se gerando em todos; nenhum brasileiro faz mysterio de que o desenvolvimento nacional tem sido demasiado vagaroso, e bem cego será aquelle que depois de fazer o inventario de nossas conquistas, achar que temos razão para orgulharmo-nos muito... Não é isto sómente. Como o critico não se limita a externar um modo de vêr subjectivo, como não falla por si só, mas por todos que não são *cegos*, e dest'arte o seu *Nós*, á semelhança do celebre *Wir* da nova fé, que tanto deu que fazer aos adversarios de Strauss, exprime a ideia de uma *ecclesia militans*, de uma communhão de brasileiros convictos e bem inteirados da doença da patria, elle ainda nos assegura que... « a confissão é geral e sincera; nos proprios documentos officiaes encontra-se de tal sorte carregado o quadro da pobreza do nosso paiz e da improficuidade dos esforços empregados, que um animo menos forte impressiona-se facilmente. »

Resistindo á tentação, que em regra ainda é inseparavel de todo espirito pensante, no actual estado de desenvolvimento da razão humana, de que a razão brasileira não é um dos melhores exemplares, á maligna tentação de sondar a origem, de inquirir a causa das cousas, o Dr. Souza Bandeira declara não penetrar nesse dominio. Para elle não vale a pena... « entrar no exame das recriações com que os partidos politicos attribuem-se mutuamente a culpa do enpobrecimento do Brasil, da sua penuria litteraria, e da decadencia na industria, no commercio, na lavoura, e em todos os ramos da actividade nacional. » O que lhe parece urgente é estudar os meios de vencer as difficuldades *que se nos antolham*; e a nossa maior infelicidade, segundo sua opinião, que neste ponto não pecca por singular, está em perdemos o tempo com discussões bysantinas... « Esperamos tudo do governo », diz elle; e eu deixo-lhe toda a responsabilidade da estranheza.

de sua asserção. O egregio critico móra na côrte, deve bem saber dos negocios, que dão testemunho da nossa má indole politica; e justamente por isso é que vêmo-lo, com um desses repentes não communs, que excedem não só a capacidade de producção, mas também a capacidade de apprehensão do grande numero, attingir um alvo, que outros não attingem, mais ainda, que outros não percebem, o que constitue, segundo Schopenhauer, a differença caracteristica entre o genio e o talento vulgar; vemo-lo, sim, elevar-se a uma altura descortinadora de largos horisontes, para dizer-nos em tom decisivo que... « de nada valem esforços governativos, principalmente em certas materias, quando elles não são secundados pela iniciativa particular »

Eu não sei se o Sr. Dr. Bandeira reclama para si a prioridade da descoberta; em todo caso é certo que ninguém lhe contesta a verdade desse estribilho, do qual já se pôde dizer o que se diz de qualquer *mote* popular; não tem auctor conhecido. E' o que cantam os passarinhos em cima dos coqueiros. Já se vê que o nosso philosopho não é dos que se dedignam de repetir as idéas do vulgo. A trivialidade não lhe mette medo.

Ao concluir as suas ponderações preliminares, e como resumo de seu pensamento, o illustre critico nos diz,—e ahi o dito é grave, que... « ha um ponto pois em que todos estão de accordo: é o nosso atrazo; fazer disso uma questão é perder tempo com banalidades. » Não ha duvida, o dito é grave: um accôrdo geral sobre o nosso atrazo !... Não desejo nada de melhor. O conhecimento da molestia é o primeiro passo para sua cura; a consciencia do erro o primeiro para a correcção d'elle. Porém existe realmente essa unidade de vistas na diagnose do nosso mal? Já é de certo uma falta de senso consagrar papel e tinta á apreciação dos defeitos intellectuaes que nos deturpam? Já posso pois chamar a attenção do honrado Sr. Punch para o seu grande nariz, ou a do Sr. Pierrot para a sua grande giba, sem correr o risco de cahir no desagrado publico? Posso dizer, por exemplo, que o Sr. Rio Branco e seus companheiros, como o Sr. Sinimbú e os seus, não passam de grosseiros mechanicos

políticos, de automatos imperiaes, sem incorrer no crime de demolidor das patrias glorias? Se o accôrdo é geral, se a respeito do nosso apoucamento scientifico e litterario não ha mais de uma opinião, já está portanto o Dr. Bandeira, entre outros pontos, tambem convencido que não tem, nem se quer um vago presentimento do que é, e em que pé se acha actualmente a philosophia? Não creio nisso.

Quando porém assim fosse, que tivessesmos com effeito entrado nesta nova phase do desenvolvimento psychologico nacional, caracterisada pelo exame, pela critica de *nós mesmos*, não me era motivo de admiração, ver hoje por-se á conta de cousa banal e sedição esse lamento quotidiano, que é o meu *cæterum censeo*, do atrazo do Brasil. Nem eu havia mister de semelhante phenomeno, para saber que do *absurdo* ao *trivial* medeia curta distancia. Mas ha ahi uma illusão, e o nosso critico é o primeiro a mostrar-se conduzido por ella. Eu disse uma illusão; enganei-me. Ha ahi uma lei, a que o Sr. Dr. Bandeira não podia deixar de obedecer. Mau grado seu, o moço escriptor se sente pendido para o lado mesmo, que tanto lhe repugna, donde ha de vir o renascimento desejado. Como as creanças concebem sempre um certo asco do medico a quem foi dado fazer-lhes uma operação dolorosa, inocular-lhes primeiro o pus vaccinico, elle alimenta, não sei se consciente ou inconscientemente, uma aversão entranhavel contra os que lhe abrimos os olhos e indicamos outro caminho a seguir, outras ideias a cultivar. Dahi todo esse desde, essa maneira vilipendiosa de exprimir-se sobre o acto dos bemfeitores, que é, como sempre foi, a primeira fórma da ingratidão.

A ingratidão é uma lei de pathologia social.

Por mais vulgar e corriqueiro que pareça ao Dr. Bandeira continuar-se a fazer questão do nosso máu estado de cultura intellectual, não é tanto como lhe parece. Sobre tal assumpto, não ha extremos em que possamos cair, pois que a pobreza lastimada já é por si só um extremo.

Não assenta em quem se pretende, como o escriptor da *Revista Brasileira*, conhecedor da direcção que tomam



as ideias actuaes, ainda affigurar-se a critica sob o velho schema de um poder arruinante e infecundo. O genio da critica assemelha-se, em muitos pontos, ao genio da guerra : uma, como a outra, ás mais das vezes, é feita por amor de si mesma, sem fim distincto, e alheio á propria satisfação de vencer o inimigo, de abatel-o e desvastal-o; e, todavia, que de proventos não ha tirado a humanidade desses dous processos de aniquilamento, ou antes, pois que nada se aniquilá, tudo se transforma, desses dous processos de transformação?.. O Dr. Bandeira está illudido. Combater, destruir o mau, em qualquer de suas manifestações, é tambem um modo de produzir e com maior vantagem, ao certo, do que dar á luz productos mortos... « Quem se reputa, conclue o môço escriptor, quem se reputa incapaz de crear alguma cousa, não tem o direito de destruir cousa nenhuma. » Completo equivoco. Tudo tem seu merito e sua época. *Tempus destruendi, et tempus ædificandi*, já o dissera o philosopho judeu. De mais, não é sómente edificando, porém tambem destruindo, que se fornece trabalho aos carreteiros.

Voltando ao ponto especial do accôrdo, em que diz o nobre critico estarem todos os brasileiros, no que tóca ao nosso pouco adiantamento, devo observar-lhe que são mnitas as provas em contrario. Houve da sua parte até leviandade pueril em affirmar tão gratuitamente um facto que não existe. Sem levar á balança a circumstancia, aliás não despresivel, de ser ainda o pequeno numero dos que contestamos as pretendidas grandezas nacionaes, e rimo-nos com amargura do *chauvinismo brasileiro*, um objecto de escandalo, basta ponderar que o proprio governo tem trabalhado e gasto de seu melhor para engrandecer, perante o estrangeiro, as proporções deste povo inculto e misero. O Sr. Dr. Bandeira, que é cortezão, não devia ignorar que, por occasião das *exposições universaes* em Vienna e Philadelphia, entendeu-se que o Brasil estava no caso de fazer figura saliente ; e para isso despendeu-se bom dinheiro. Não ficou ainda saciada a pretensão *chauvinistica* do governo de Sua Magestade. Poz-se a preço, como é facil de induzir, a solução deste problema: contar ao mundo civilisado que o Brasil, não só em grande

e em grosso, mas até nos menores detalhes, é uma nação de primeira ordem ; e o problema foi resolvido. Publicaram-se obras, de encomenda official, com o unico intuito de espalhar a graciosa noticia ; e como tratava-se de uma mercadoria, que havia mister de mais de um *débouché*, o governo mentiu logo em quatro linguas ; a *reclame* teve simultaneamente uma edição quadrupla, em portuguez, francez, inglez e allemão.

Nunca fui bastante curioso para procurar ler o que se publicou sobre o Brasil depois da *exposição* de Philadelphia ; a leitura do livro escripto após a de Vienna deixara-me enfastiado. Ora, na primeira destas obras é palpavel o proposito reflectido de glorificar a nação brasileira, ainda que á custa da verdade para embahir a quem de direito. E isto mesmo foi reconhecido por um dos órgãos mais competentes da imprensa europeá (1). No meio das mais sordidas *fables convenues*, que enchem as paginas desse livro vergonhoso, deparam-se-nos assertos, como este, que dá a medida de todos : « A agricultura no Brasil vae progredindo cada vez mais rapidamente, tanto pela introdução de novos e melhores methodos e instrumentos, como tambem em virtude da creação de escolas, por meio de diversos estabelecimentos destinados ao seu acoçoamento, pelo augmento das estradas, da navegação costeira, e fluvial, pelo accrescimo da população e maior numero de immigrants habéis e industriosos. » Eis ahi um bello testemunho do consenso unanime sobre a nossa pobreza. Nem é somente, quanto á agricultura ; no que diz respeito a *todos os ramos da actividade nacional*, o governo mandou gorgear duas oitavas acima da realidade, e converter as nossas elegias em um cantico de festa, em uma especie de epithalamio edenico.

O Sr. Dr. Souza Bandeira, que pertence ao grande circulo da mentira convencional, se estivesse mais em dia com os negocios de sua alçada, deveria ainda saber que, quando o imperador andou de viagem pelo mundo, fizeram-se publicar, á saúde do illustre viajante, artigos pomposos,

(1) *Magasin für die Litteratur des Auslandes*, 1874.—n. 31.

todos escriptos com a nossa tinta, nos quaes é tão deslumbrante a pintura do nosso completo bem estar, que poucos leitores estranhos, eu creio, poderam resistir á invasão do enthusiasmo por um paiz tão ditoso. Ha tres annos apenas. Com que direito pois se nos diz hoje que o atrazo do Brasil é questão vencida, e de tal arte, que tratar ainda de discuti-la importa repetir uma banalidade ?

O corajoso escriptor não me parece ter sido bem inspirado. Peço-lhe permissão para referir uma anecdota da vida artistica e litteraria, que vem aqui a proposito. No seculo passado, quando em Pariz os salões constituíam uma força directora do mundo intellectual, quando imperavam pelo espirito mulheres notaveis, que tinham a seu lado, segundo o dito de Voltaire, um ou dous escriptores como ministros, achando-se um dia a cantora Sophie Arnould a conversar com o celebre pedante Antoine Thomas, queixou-se-lhe de que o fogão e as chaminés da sua casa estavam incommodando com muita fumaça. Alguns dias depois appareceu o litterato, e disse-lhe em tom solemne: « Mademoiselle, acabo de entender-me com o lugar-tenente de policia de Pariz a respeito do mau estado das chaminés da cidade ; fallei-lhe como homem, como cidadão, como philosopho. » « Ah ! meu caro senhor, acudiu Sophie Arnould, seria melhor que lhe tivesse fallado como limpador de chaminé. »

O nosso caso é semelhante. O Sr. Dr. Bandeira, sahindo a campo contra o que elle chama uma *renovação litteraria*, reprehendendo, por sedições, as censuras dos *renovadores*, fallou-nos tambem como philosopho, como critico, e como patriota ; mas ser-nos-hia preferivel que nos houvesse fallado simplesmente como *official de gabinete*, ou cousa que equivalha. Mostrar-se-hia pelo menos melhor informado da inconsciencia, se não antes da negação caprichosa do abatimento nacional, que é ainda o maior embaraço com que nós outros temos a lutar.

Insisto e estendo-me tanto sobre este assumpto, por que este assumpto interessa-me de perto. Até contra os meus habitos torno-me talvez um pouco prolixo, « por não ter tempo de ser conciso. » Houve uma época, não me

lembro onde estava e o que era então o Sr. dr. Bandeira, houve uma época em que geralmente, unisonamente se dizia : ninguém pôde contestar que o Brasil possui grandes espiritos, talentos brilhantes, capacidades reconhecidas ; que já é pasmoso o seu progresso intellectual, que elle vê diante de si um futuro maravilhoso ; e eu gritei como Lessing : eu sou esse *ninguem*. Caro custou-me a ousadia : Arlequim brandiu a palmatoria, e vingou a patria ultrajada.

De então para cá muita estrella tem brilhado no ceu, muito moço illustre tem largado a toga pretexta, e no pleno goso da primeira casaca se mostrado já familiar com Kant, a quem nunca leu, com Göthe e Schiller, a quem não conhece, com o grande numero de poetas e romancistas allemães, de quem apenas ouviu a fama, emfim com toda a literatura do glorioso paiz, que inteiramente ignora; mas não me consta que tenha havido uma sensível modificação da intuição dominante, ou que o pulso nacional tenha começado a bater com mais celeridade. No relógio, pelo qual se regula a nossa vida espiritual, a nação continúa, se assim posso exprimir-me, a olhar de preferencia para o *ponteiro dos seculos* ; e, salvo uma ou outra voz, que destoa do immenso *tutti* das sereias, a mystica patriótica permanece no mesmo pé de illusão indissipavel.

Assim também o pobre escriptor destas linhas não achou ainda um motivo para modificar-se. Persiste em ser o proprio *culpado da obscuridade*, que o envolve, opiniatico, impenitente; e a madre patria, carinhosa e boa como a madre igreja, a bella e esperançosa patria de cujos *immensos recursos* naturaes não é licito duvidar, posto que elles em ultima analyse sempre se reduzam ao papel moeda e ao emprestimo ; a esta patria, em summa, que o Dr. Bandeira tem razão de estremecer, o autor destas linhas continúa a amar na mesma ordem, em que Alfred de Musset disse uma vez que podia ser esquecida a patria de qualquer homem :

.....Il se peut qu'on oublie
Sa femme, ses amis, son chien et sa patrie,

Não se persigne o nobre critico diante desta heresia. «Eu não sei, dizia o auctor de *Nathan der Weise*, en não sei se é um dever sacrificar á verdade o bem estar, a felicidade e a vida; pelo menos a disposição e firmeza de animo, que a cousa exige, não são qualidades que possamos dar a nós mesmos. Porem sei que é um dever, quando se quer transmittir a verdade, transmitti-la toda, como ella é, ou então guardar silencio; dizel-a claramente, redondamente, sem enigmas, sem reservas, sem a menor desconfiança da sua força e de sua utilidade: os dons para isso precisos estão en nosso poder...» Ora se a natureza negou-me, com a *folie raisonnante*, que faz os santos, aquelle *granum amentie*, que faz os patriotas; se não sinto pela patria aquella dedicação romana e amor desinteressado, que caracterisam lá em cima um Rio-Branco, ou um Sinimbu, e um pouco mais abaixo o Dr. Souza Bandeira, ou algum outro do mesmo tope; se já uma vez comecei a revelar ao publico este meu defeito, para que mais guardar conveniencias, bruxolear a verdade, e não exprimir a logo inteira e decisiva? Póde ser que a disciplina social obrigue o homem a não se mostrar de todo e sempre sincero; mas se esta falta de sinceridade é uma virtude indispensavel para quem vive na sociedade hodierna, porque razão deveriam tambem os nossos escriptos ser sempre falsos e mentirosos, como a nossa convivencia, as nossas maneiras e relações sociaes?

Não engano, nem quero enganar. Apresento-me tal qual sou, ou qual me fez o meu pequeno mundo. Na direcção que sigo, não ha possibilidade de passar pela orbita de espiritos, como o Sr. Dr. Bandeira, que já pertence a outro systema e obedece a outros impulsos. Sem reclamar para mim, o que seria demasiada pretensão, o privilegio da ignorancia, eu tenho plena consciencia do quinhão, que de direito me compete, na partilha desse mal, do qual todos padecemos, e que até já tornou-se para nós alguma cousa de endemico e regular, como a *papada* em Minas, a *erysipela* no Rio, e a *fidalgua* em Pernambuco. Não alardeio, não abro a todos os olhos esta minha ferida; mas tambem não vivo com a mão em cima della, procurando posições para escondel-a

das vistas malignas. Deste modo, ainda ha pouco tempo, respondendo a um espirito, que da Allemanha dignou-se de iniciar commigo relações de amisade, se é que o Dr. Bandeira não acha inverosimil que na minha obscuridade eu tenha amigos lá fóra, e se concede-me venia para dar-lhe conta de cousas, que pouco lhe interessam, tive a coragem de dizer, entre outras, as seguintes verdades, aciduladas pela circumstancia de serem expressas em barbaro allemão: «Obwohl kein Minister oder Abgeordneter, noch darauf zugeschnitten, Abgeordneter oder Minister zu werden, so bin ich doch, so pleonastisch es auch vielleicht klingt, ein ganz und gar unwissender Brasilianer, der dennoch nicht, wie man etwa glauben könnte, mit seinen echten National eigenschfaten; dem Bildungsmangel und der Leberentzündung, stolziren darf; ein armer Teufel von Sonderling, welcher der neueren Brotwissenschaft des Kriechens den überwundenen Standpunkt des abstrakten Tyrannenhasses vorzieht, und der auch in sich die Unfähigkeit fühlt, den rühmlichen Narrentod für König u. Vaterland sterben zu wollen, vorausgesetzt natürlich, dass letzteres nicht über eine leere Redensart, uicht über ein Gemisch von poetischer Täuschung u. politischer Heuchelei hinauszugehen fortfährt.» O que julgo dever-se traduzir assim: «Posto que não seja ministro ou deputado, nem talhado pela natureza para ser deputado ou ministro, eu sou todavia, por mais pleonastica e redundante que a expressão pareça, um brasileiro ignorante, o qual, entretanto, ao envez do que se podera crêr, não faz alarde das suas legitimas qualidades nacionaes, a falta de cultura e a affecção hepatica; um pobre diabo extravagante, que á moderna sciencia da vida, á sciencia pratica do *andar de rastos* prefere o *ponto de vista* atrazado do odio abstracto dos tyrannos, e que tambem se sente incapaz de appetecer a gloriosa morte dos tôlos pelo rei e pela patria, presuppondo naturalmente que a patria continue a não passar de uma phrase ouca, a não ser mais de que uma mistura de illusão poetica e hypocrisia politica.»

O Dr. Bandeira comprehende: a citação que acabo de fazer das proprias palavras allemãs não deixa de ter o s
Txll

seus longes de sabor pedantesco ; mas tambem é certo que, dest'arte, não visei sómente a satisfação de uma das mais urgentes necessidades do espirito humano, o gosto da apparencia, a necessidade de *parecer*, segundo os tempos e os logares, ou mais valente, ou mais rico, ou mais bonito. ou emfim mais instruido, do que realmente se é ; o que constitue o pedantismo commum, aliás tão desculpavel na esphera litteraria, quanto o é, por exemplo, na esphera commercial e economica a emissão de notas bancarias em quantidade muito superior aos fundos existentes de precioso metal. Meu intuito foi mais avante : ou quiz despertar no Dr. Bandeira uma certa inveja da cousa, e por meio deste sentimento, que pôde ser um mal para o individuo, mas é tambem um factor importante do progresso social, provocar-lhe o appetite do germanismo, e buscar attrahil-o para o nosso gremio, posto que a sua falta, convém dizel-o, ainda não nos seja muito sensivel. (2)

De resto, nada mais claro do que a pobreza do meu espirito. Sobre o Brasil, seu monarcha, suas glorias, suas riquezas naturaes, seus grandes homens e outras pequeninas, tenho minhas ideias feitas, e aliás tão simples, que resumo-as todas no dito do meu philosopho. . . . *Et deprehendit nihil esse melius quam letari hominem in opere suo, et hanc esse partem illius*. Já de ha muito convencido da impossibilidade de dar-se aos brasileiros paixões elevadas e costumes. . . . *energiques, sensibles, et inexorables pour la tyrannie et l'injustice*, como diria St. Just, eu não senti a minima disposição para me *poignarder*, segundo o gosto do Catão francez ; porém tratei de cousas mais sérias. E' bello, eu confesso, viver de illusões e de esperanças ; é bello dedicar-se todo ao bem da patria ; é bello morrer por ella—*dulce et decorum est pro patria mori* ; porém mais bello ainda tratar de crear meus filhos. Não quero, entretanto, dizer com isto que eu sou dos que julgam o Brasil condemnado « a uma velhice prematura,

(2) O vaticinio, ou, antes, o desejo de Tobias cumpriu-se. O meu collega—Herculano Bandeira, que tanto havia atacado a minha *Philosophia no Brasil*, reforçou os seus estudos, modificou suas ideias e acabou por seguir a direcção allí indicada. (N. de S. R.)

acompanhada de decrepitude medonha e dolorosa, » mesmo porque, na opinião de Quetelet, a duração média da vida dos Estados é de 1460 annos ; e, sendo assim, temos ainda muito que esperar, e muito mais ainda que vêr ; *verbi gratia* , um Dr. Bandeira occupando altas e proveitosas posições, e um Sylvio Roméro, talvez, atirado ao esquecimento. . .

III

Era natural que o illustre critico se defendesse com mãos e pés contra o livro de Roméro. A leitura deste livro deve ter produzido no seu espirito uma impressão de mal estar doentio, um phenomeno psychopathico, um sentimento acabrunhador : o sentimento da propria fraqueza. Schopenhauer já tinha dito :.... « *der grösste Schmerz ist wahrgenommener Mangel an Kräften, wo man ikrer bedarf* ; a maior das dores é a percepção da nossa falta de forças, no momento em que dellas necessitamos. » Nesse estado, indubitavelmente, achou-se o Dr. Bandeira diante da obra, que faz época, do moço sergipano ; e assim se explica, ainda que não se desculpe, o seu procedimento.

Eu não pretendo acompanhar o joven philosopho em todos os passos da sua expedição critica. E tão pouco imponho-me o dever de articular uma defeza em regra do livro criticado. A *exceptio ineptilibelli*, unica admissivel no caso, já foi deduzida em tempo e muito bem deduzida por quem de direito melhor podia fazel-o. (3) E' provavel que o Dr. Bandeira ainda tenha bem visivel o signal do caustico. Mas isto não quer dizer que eu me exima de uma apreciação da critica, nos seus pontos mais salientes, bem como do livro em questão, sem entrar, é verdade, em longos detalhes, porém reduzindo-os aos seus dados mais significativos, á sua formula mais geral.

Desde a primeira até á ultima linha do sen escripto, o Dr. Bandeira me parece ter sido victima de um ridiculo

(3) *Reporter*, ns. 193, 194 e 195 de 1879.

mal entendeu. Desconhecendo o character, o verdadeiro sentido do trabalho de Sylvio Roméro, o seu primeiro desacerto foi um acto de confusão, como só podera pratical-o um pequeno gymnasiasta ; foi tomar o murmurio do vento pelo ruido de uma cascata, uma obra de contribuição para a historia do espirito brasileiro por um trabalho de exposição theorica, de exploração aventureira e promettedora de descobertas, no dominio da philosophia. Assim, ao terminar a sua *nota inicial*, Sylvio declarou que não escondia o alvo que visava com o seu escripto : *uma renovação litteraria entre nós* ; e no emtanto sobre estas palavras, que nada encerram de pretencioso, que traduzem apenas um anhelos do auctor, e não um compromisso, maxime tendo-se em vista o que elle dissera logo em principio, que « da ideia exacta do pouco que temos feito é que, na hora actual, devemos tomar novas forças em busca de um ar mais puro... » sem que porém se dedignasse de entrar tambem na categoria do *pouco* ; sobre taes palavras, puerilmente interpretadas e recebidas como uma expectoração de criminosa vaidade, o Dr. Bandeira edificou a sua critica. Já se vê que este escripto, do qual tudo se pôde controverter e negar, excepto, que seja uma peça trivialmente mediocre, tem um vicio essencial, um aleijão de nascença, que affecta de um modo comico, e mal permite conter-se o riso. Com effeito, não conheço maior extravagancia no genero, não conheço cousa mais deslocada, nem mais extemporanea, do que o gesto magistral e autoritario do Dr. Bandeira, affirmando que Sylvio Roméro... « não é capaz de dizer qual foi a *originalidade* que disse em seu livro, nem de mostrar onde descreveu alguma experiencia propria. » E Sylvio promettera ser *original*, no sentido commum da palavra, para fazer-se-lhe tal exigencia? E o que vem a ser n'uma obra de historia litteraria, a necessidade de *descrever experiencias proprias*? Não ha duvida : o Dr. Bandeira, como philosopho e critico, é dotado de uma *original* ignorancia. Elle pergunta qual é a originalidade que se encontra no livro de Sylvio, e não presente que se lhe possa responder : o livro mesmo, seu methodo, sua tendencia. Já isto vale alguma cousa, no ponto de vista elevado da critica actual do mundo culto ; no que porém

particularmente nos toca, nos estreitos limites do nosso horisonte, vale muito, vale tudo. Não é trabalho de pouca monta, que demande mais o talento da paciencia, do que a paciencia do talento, escavar e revolver um terreno esteril, tido geralmente na conta de *aurifero*, para dizer-nos enfim : não existe ouro ; é apenas uma camada de greda. Sem imagem, e de accôrdo com a opinião de um grande vulto do seculo XVIII : não ha trabalho penoso, que seja vão, se elle tem de poupar aos outros alguma pena. Segundo todos os signaes, Sylvio Roméro deve ter feito a leitura de uma porção de *inutilidades* da litteratura brasileira, inclusive os meus *Ensaio*s ; mas é o caso de dizer : eu não li *inutilmente o inutil*, se d'ora avante ninguem mais procura lê-lo. Quando pois não lhe fosse devido um preito de admiração pelos productos originaes da sua *mentalidade*, para servir-me ao menos uma vez na vida deste estribilho de *jargon* positivista, dever-se-lhe-hia sem duvida um preito de agradecimento, pelo serviço prestado ao espirito do tempo, que é sobre tudo um espirito de justiça e de verdade.

Originalidade ! . . . E' pedir demasiado. Por certo o Sr. Dr. Bandeira não entrou bem no fundo deste conceito. « *O original* em uma creação do pensamento, diz Hermann Cohen, depois de uma exacta analyse psychologica, limita-se a um curto passo, que muitas vezes somente pela sua preponderancia na marcha das ideias, ou pela inaudita direcção que toma, attingue a força de reformar, ao largo e ao longo, o dominio do saber. » (4) Mas mesmo assim, quantos são capazes de sahir fóra de casa, e avançar esse *curto passo* além do terreno conhecido ? Ainda hoje é verdadeiro o que disse o grande Börne, assim como entre um milhão de homens existem, ao muito mil pensadores, assim tambem entre mil pensadores existe apenas um original. Não é por tanto, no sentir dos homens competentes, tão importante como parece aos olhos mal educados do Dr. Bandeira, para tomar as dimensões de um autor, principalmente de critica philosophica, a medida rhetorica da *euresis* ou da *inventio*, a categoria da

(4) Z. f. Völkerpsychologie, 6, pag. 240.

originalidade. Nem Sylvio pretende ser bitolado por ella. Os que nos encarregámos de abrir caminho em nosso paiz á corrente do germanismo, nós outros que confessamos a pobreza nacional, no dominio das ideias, é natural que sô pensemos e escrevamos *a credito*; procurando de preferencia soccorrer-nos dessa brilhante Allemanha, que como dizia Taine antes da guerra de 70, . . . a produit toutes les idées de notre âge historique, et pendant *un demi-siècle* encore, pendant *un siècle* peu-tête, notre grande affaire sera de les repenser.

Tudo isto porém não significa, não quer significar que eu me limite a formar um *duetto*, que eu acompanhe em todos os motivos, fazendo *segunda voz*, o pensamento de Sylvio Roméro. Em mais de um ponto estamos desaccordados, não sendo o menos saliente aquelle que me diz respeito, como personalidade litteraria, e que é talvez, sinto declará-lo, mas não dissimulo, o ultimo reducto, onde o Dr. Bandeira não pôde ser combatido. Em mais de um ponto, repito, estamos separados; e como em uma tal ou qual communhão de principios, que entre nós existe, avulta o da mais lhana despreocupação pessoal, o da mais pura sinceridade reciproca, indicarei precisamente as razões do meu desaccordo.

O primeiro reparo, que me parece justo fazer sobre o livro em questão, é que o seu illustre auctor não se mostrou sempre fiel ao mister, que se propuzera, de escrever uns *apontamentos para a historia da litteratura brasileira no seculo XIX*. Polemista valente, e como tal muito habil em desvendar as fraquezas dos escriptores, que elle examina, Sylvio Roméro não foi critico nas mesmas proporções. Ao polemista não incumbe apreciar o lado bome aproveitavel de qualquer adversario; sua missão está concluida, quando consegue tornar sensiveis os defeitos da parte adversa e attrahir sobre elles o juizo severo do leitor. Não dá-se o mesmo com o critico. Seu papel é um pouco mais grave; o que não quer dizer que seja mais sério. Mais grave, porque mais difficil; mais difficil, porque menos autonomo, menos adstricto ás inspirações do momento, ao modo de ver pessoal do escriptor. A polemica é naturalmente subjectiva; a critica o

inverso disto, e tanto, que a expressão, geralmente aceita, de *critica objectiva* importa uma redundancia, e a mais de um ouvido fino deve soar, como *juiz imparcial*, ou *senhora honesta*. Uma e outra porém, quando unidas em um só trabalho, pois que ellas não se repugnam, assemelham-se muitas vezes áquellas duas mulheres da fabula, que arrancavam, cada qual da sua maneira, os cabellos do grisalho amante: a critica tira os brancos, e a polemica os pretos. O resultado, já se sabe, é a calvice completa do pobre auctor sujeito a esta dupla operação.

O que eu pois bem quizera não encontrar no livro de Sylvio, era essa notavel preponderancia do polemista sobre o critico. Paul Lindau disse uma vez de Juliano Schmidt, o celebre *Literarhistoriker* de Berlin, que elle parecia considerar todo espirito productivo como seu antagonista pessoal; o que por certo constitue um senão de mau effeito no historiador litterario. Seria injusto applicar á Sylvio Roméro esta medida, demasiado rigorosa, e que de facto lhe não assenta. Faltaria pelo menos um dos termos da proporção: outros tantos espiritos productivos, com quem elle se pozesse em pessoal antagonismo. Mas é forçoso reconhecer e confessar: quem lê a *Philosophia no Brasil*, com aquelle interesse que só sabem despertar as obras do talento, sente-se mais de uma vez, sem que isto porém prejudique a admiração votada á riqueza intellectual do joven auctor, desgotosamente affectado por um certo estranho modo de critica *retroactiva*, que condemna o passado com o mesmo rigor de principios com que castiga o presente e assusta para o futuro. Procedimento este tanto mais digno de nota, quanto é evidente que elle parte de uma intelligencia naturalmente inclinada a levar seus calculos até ás minimas fracções, a pezar com todo o cuidado, o que para outros é imponderavel, as circumstancias do tempo, do lugar, da educação, do ambiente politico e social. E' verdade que Sylvio não se propoz na confecção do seu escripto, executar um trabalho de *physiologia da litteratura*, para valer-me aqui da expressão de F. Kreyssig a respeito de G. Brandes, não se propoz mostrar o jogo e influencia reciproca das funcções de um organismo vivente, qual deveria ser, se tivéssemos para

isso, o necessario talento, a philosophia entre nós. O seu trabalho é antes um processo do que tambem se poderia chamar *anatomia litteraria* onde o escalpello faz a primeira figura, sempre firme e inexoravel; resultando porém d'ahi que os auctores e obras, que elle sujeita á sua analyse, formam, por assim dizer, e com poucas excepções outros tantos preparados anatomicos, mettidos em *espirito*, afim de serem conservados para uma época mais esclarecida, ou enviados assim á *posterité contemporaine* da apreciação estrangeira. Mas é n'este mesmo processo de *dissecção* analytica, exaggerada e extemporanea, que reside o lado fraco do talentoso escriptor. (5)



(5) Faltava neste artigo a ultima parte, publicada no numero 11 do *Contra a Hypocrisia*. Apesar de muitos esforços, não foi possível obter esse numero do alludido jornal. (N. de S. R.)

INDICE

	PAGS.
Considerações indispensaveis.....	V
Como Introdução.....	1
I. — A alma da mulher.....	5
II. — O hâkelismo na zoologia.....	26
III. — A influencia do salão na litteratura.....	42
IV. — Traços sobre a vida religiosa no Brazil.....	53
V. — Ensaio de pre-historia da litteratura classica allemã.....	67
VI. — Traços de litteratura comparada do seculo XIX.....	103
VII. — O ultimo livro de E. Renan e o Sr. Oliveira Martins.....	201
VIII. — Notas de critica religiosa.....	227
IX. — Os livros mosaicos, ou assim considerados.....	250
X. — O dia de Camões.....	254
XI. — Carlos Gomes e a sua opera <i>Salvator Rosa</i>	259
XII. — As ultimas representações do <i>Fausto</i>	267
XIII. — Bellini e a <i>Norma</i>	271
XIV. — Algumas palavras sobre o lyrico.....	275
XV. — Um pedaço de autopsychologia.....	282
XVI. — Um capitulo da historia da Renascença: Leão X.....	288
XVII. — Um quadro da igreja romana: Vittoria Accoramboni.....	294
XVIII. — Uma pequena excursão no dominio da theologia.....	301
XIX. — Theoria do peruísmo ou philosophia do Perú.....	305
XX. — O romance no Brazil.....	311
XXI. — De quem é o erro: da auctora ou da traductora?.....	320
XXII. — Carta ao redactor da <i>Deutsch Zeitung</i> do Rio de Janeiro.....	321
XXIII. — Alguma cousa tambem a proposito de Meyerbeer....	328
XXIV. — Ainda alguma cousa tambem sobre Meyerbeer.....	358
XXV. — Os theologos da <i>Civilisação</i>	392
XXVI. — Os decotes da Biblia.....	403
XXVII. — Ideias sobre os principios da estylistica moderna....	412
XXVIII. — Sobre a philosophia do inconsciente.....	417
XXIX. — Henrique von Freitschke e o movimento anti-judaico na Allemanha.....	422

	PAGS.
XXX.— Rodolpho Gneist como publicista.....	427
XXXI.— The position of Women in Germany.....	430
XXXII.— Carolina Michaelis e a nova geração litteraria em Portugal.....	433
XXXIII.— Um lente da Faculdade de S. Paulo julgando um seu collega do Recife.....	438
XXXIV.— A pequena e a grande poesia.....	443
XXXV.— Litteratura biblica : Nahum.....	449
XXXVI.— A proposito de uma theoria de S. Thomaz.....	453
XXXVII.— Factos do Espirito Humano.....	460
XXXVIII.— Sobre a Religião Natural de Jules Simon.....	471
XXXIX.— Relatividade de todo conhecimento.....	506
XL.— Recordação de Kant.....	510
XLI.— A Irreligião do futuro.....	538
XLII.— A evolução emocional e mental do homem.....	574
XLIII.— Variações anti-sociologicas.....	600
XLIV.— Glosas a alguns preconceitos brasileiros.....	663
XLV.— O partido da reacção em nossa litteratura.....	690



ERRATA

No artigo—*A ultima obra de E. Renan e o Sr. Oliveira Martins* — nos logares em que se lê *rabi*, emende-se — *nabi*.
No ensaio intitulado—*Traços de Litteratura Comparada do Seculo XIX*, onde se lê—*pro captis lectoris*, emende-se *pro captu lectoris*.

Impresso na Companhia Typographica do Brazil
RIO DE JANEIRO
